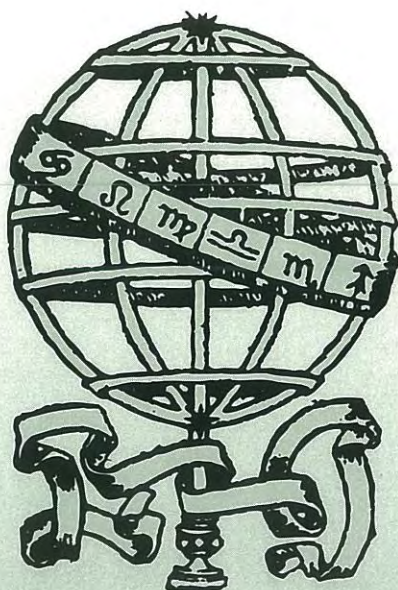


LEONARDO COIMBRA

OBRAS COMPLETAS

III

(1916-1918)



COLECCÃO PENSAMENTO PORTUGUÊS

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

IMPRESA
NACIONAL

EDIÇÃO CRÍTICA
DAS OBRAS COMPLETAS DE LEONARDO COIMBRA

Coordenação científica: ÂNGELO ALVES
Fixação do texto: AFONSO ROCHA

*

CONSELHO CIENTÍFICO

ÂNGELO ALVES
ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA
ARNALDO DE PINHO
MANUEL FERREIRA PATRÍCIO
MANUEL BARBOSA DA COSTA FREITAS
MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

CENTRO REGIONAL DO PORTO

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2006

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

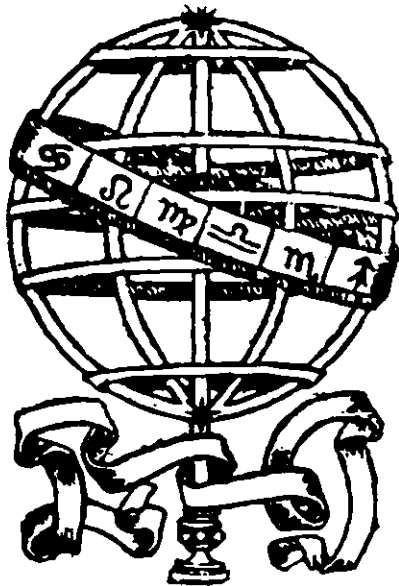
Título: Obras Completas
Vol. III — 1916-1918
Autor: Leonardo Coimbra
Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM
Tiragem: 1000 exemplares
Data de impressão: Fevereiro de 2006
ISBN: 972-27-1436-8
Depósito legal: 216 775/04

LEONARDO COIMBRA

OBRAS COMPLETAS

III

(1916-1918)



COLECÇÃO PENSAMENTO PORTUGUÊS

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

IMPRESA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ÍNDICE GERAL

<i>Prefácio,</i> por MANUEL FERREIRA PATRÍCIO	9
--	---

OBRAS COMPLETAS DE LEONARDO COIMBRA

Aspectos da vida religiosa	17
A favor da Morte	20
O sentido da guerra	27
A Primavera de Deus	37
A Alegria, a Dor e a Graça	41
I — A Alegria	43
II — A Dor	103
III — A Graça	143
Uma nova arma de guerra	202
A educação religiosa	207
A insubsistência dos valores germânicos	212
A poesia e a filosofia moderna em Portugal	217
O Natal	221
O ensino da filosofia	225
Esboço dum programa de filosofia para os liceus	230
João Lúcio	236
Carta a Mayer Garção	242
A Luta pela Imortalidade	243
A experiência e o simbolismo do pensamento	249
A experiência síntese	285
A memória e a morte	343

APÊNDICE

Significado da guerra europeia (Portugal na guerra)	403
<i>Índice onomástico</i>	413
<i>Índice sistemático</i>	417

PREFÁCIO

1. *Qual é a relação que existe entre a vida e a obra de um filósofo? Tratar-se-á de duas linhas paralelas, que nunca se encontram? O filósofo vai vivendo, como toda a gente: nasce, cresce, faz-se adulto, tem vida quotidiana mais ou menos banal como toda a gente, tem a sua circunstância e o seu círculo de amigos e familiares, envelhece, tem saúde, tem doenças, tem muitos ou poucos recursos, faz a sua vida social e política, finalmente morre. Cumpre, sob este ângulo de visão, o destino da generalidade dos seres humanos. Ao lado desta linha de acontecimentos vai sendo desenhada outra: a do pensamento filosófico, a da construção reflexiva sobre o mundo, a vida, o ser e o fundo abismático do ser, o sentido de tudo o que há, de todo o haver. Por sobre a banalidade do homem comum, igual àqueles com que se cruza na superfície do dia-a-dia, ergue-se o homem-águia, de olhos penetrantes a furar o infinito, a dardejar as entranhas do universo, da alma e do espírito, a interrogar os mistérios e os enigmas com que se confronta aquele cerne de si que realiza a suprema maravilha de pensar. Acontece esta coisa espantosa na solidão absoluta da consciência do filósofo, em contacto com a sua vida propriamente humana, como a dos seus irmãos humanos, ou tem o filósofo as raízes mergulhadas nas entranhas da vida e da realidade, pulsando ao ritmo destas e partilhando a história que a ambas envolve e revolve e faz, não sendo dissociável de nada disso?*

2. *Ao mesmo tempo que entre nós se realiza esta edição crítica da obra filosófica de Leonardo Coimbra realiza-se em Espanha mais uma edição das Obras Completas de José Ortega y Gasset, da qual já se encontram publicados quatro tomos e sobre cuja estrutura nos podemos, por conseguinte, pronunciar. O critério fundamental utilizado para ordenar os textos a publicar é, em ambos os casos, o cronológico. Ou seja: apresenta-se o pensamento criado pelo filósofo ao longo da vida do filósofo e*

em íntima articulação com esta vida. Ortega teve perfeita consciência desta relação siamesa entre a vida e o pensamento quando afirmou que «yo soy yo y mi circunstancia», acrescentando: «y si no la salvo a ella, no me salvo yo», tão profunda — essencial, no fim de contas!... — é essa relação. A sua filosofia é prova e demonstração disso. Não menos filósofo circunstanciado foi Leonardo Coimbra, sempre a beber da realidade que foi a sua — social, política, pedagógica, filosófica, cultural —, sempre a urdir os fios e o tecido do seu pensamento com os elementos mais simples e próximos dessa realidade.

3. O presente volume da obra de Leonardo Coimbra cobre o período compreendido entre 1916 e 1918. Quando olhamos para a produção filosófica de Leonardo, vemos que os escritos que elaborou e publicou nestes anos vêm na continuidade dos anteriores e avançam numa linha de continuidade criadora com eles. Vemos também que se mantém a fidelidade à realidade concreta que em Leonardo se manifestou logo no primeiro texto publicado. Este é o período histórico da Primeira Guerra Mundial. Iniciada em Julho-Agosto de 1914, é precisamente em 1916 que o Portugal republicano se envolve nela, do lado da França e da Inglaterra, contra a Alemanha. Na sequência da apreensão, por Portugal, de todos os navios mercantes alemães fundeados em portos portugueses (23 de Fevereiro de 1916), a Alemanha declara guerra a Portugal (9 de Março de 1916). Leonardo, Pascoaes e toda a «Renascença Portuguesa» tomam posição militante pela França, que para eles representa a liberdade e o espírito criador, face a uma Alemanha identificada com a matéria, a necessidade e a opressão desumanizadora. A meditação da guerra está presente ao longo da elaboração filosófica de Leonardo. A presença viva da «Renascença Portuguesa» é real e simbolicamente marcada pela referência a Augusto Casimiro, cujo livro *A Primavera de Deus* Leonardo recenseia justamente no momento em que o autor, integrado no Corpo Expedicionário Português, parte para a guerra (Julho de 1916). Pensando filosoficamente a guerra, Leonardo acompanha historicamente o esforço de construção da axiologia de um Max Scheler e mesmo de uma filosofia da história e de uma filosofia do sentido da história humana, quando reflecte sobre «O significado da guerra europeia» (Julho de 1918), já quando esta se aproxima do fim (o armistício será em Novembro desse ano). Para pensar a Europa, hoje, bem útil nos é ainda a reflexão de Leonardo sobre os valores dela constitutivos, antecipando e desde logo superando o que veio a ser o germanofilismo de um Heidegger.

4. A vida, a morte, a guerra, não são, pois, temas abstractos tratados por uma razão fria e alheada da ansiosa e fremente alma humana. São

temas palpitantes abordados com paixão e fundo sentido metafísico e transcendente. O incandescente eixo cósmico da metafísica leonardina — que atravessa de uma ponta à outra essa obra poético-filosófica extraordinária que é *A Alegria, a Dor e a Graça* e se prolonga, já nos anos 20 e depois nos derradeiros anos do filósofo, em *A Razão Experimental*, *Jesus*, nos escritos sobre *S. Francisco de Assis* e em *A Rússia de Hoje* e o *Homem de Sempre* — marca bem o continuado diálogo mais ou menos visível de Leonardo com Bergson, ao mesmo tempo que evidencia a originalidade do filósofo português, de mais funda e explícita ressonância religiosa e de mais amplo distanciamento do positivismo estreito então reinante em Portugal e do pragmatismo de Bergson-James. É muito forte em Leonardo a presença do divino e de Deus, bem como o sentido do religioso, que em Leonardo aparece muitas vezes como o sentido da vivência do Ser em contraposição à vivência do Nada.

Leonardo pensou sempre sistemicamente e devemos levar a sério o subtítulo da sua primeira obra, *O Criacionismo*, que ele anunciou como um esboço de sistema filosófico. Os temas e problemas da sua filosofia aparecem recorrentemente, precisamente porque são parte de uma reflexão sistémica. É o caso da imortalidade, que ocupa toda a tábua central d'*A Alegria, a Dor e a Graça* e é a tónica temática d'*A Luta pela Imortalidade*.

5. Quis o filósofo da «*Renascença Portuguesa*» trabalhar determinadamente para que Portugal deixasse de ser «a terra mais antifilosófica do planeta». Entre 1916 e 1918 ensinou filosofia aos alunos do liceu. Aí se apercebeu ao vivo da importância do ensino da filosofia aos jovens adolescentes para a edificação cultural e política de Portugal. É no período que se segue que vai ter a oportunidade de provocar a criação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e de nela viver a inolvidável experiência de ensino universitário de filosofia. Encontramos no presente volume o embrião do que veio a ser a sementeira de que hoje colhemos abundantes frutos, mau grado o positivismo redivivo, activo sob novas formas como no tempo de Leonardo jovem.

6. Prova dessa continuidade criadora temo-la nós no livro não suficientemente atendido pelos leitores e estudiosos de Leonardo *A Luta pela Imortalidade*. Tudo está dito, com subtileza e, por isso talvez, com alguma inaudibilidade, na dedicatória a sua esposa, a sua «querida Maria». É a referência à morte do filho e, por detrás dela, à morte do Pai. É a referência à dor da esposa e à sua própria dor. É a referência à alegria do seu primeiro livro, *O Criacionismo*, da qual nasceu acto contínuo a morte do seu filho, ou seja, da qual nasceu a dor. É o reverdecer dessa dor, é o

regresso da alegria, é mesmo a emergência da graça na dádiva do anunciado novo filho. A pulsação espiritual ternária de Leonardo, e da filosofia de Leonardo, está toda nesta dedicatória. A Luta pela Imortalidade segue-se criacionistamente a O Criacionismo, a O Pensamento Criacionista, a A Morte e, no fim de contas, a outros escritos que, soltos como pétalas da mesma e única flor, se encontram nos dois volumes anteriores e se encontram neste. Neles palpitam os grandes temas e problemas da reflexão filosófica de Leonardo Coimbra: a vida; a morte; o fora da vida e o dentro da vida; o sentido cósmico da vida; o sentido da Morte; a comunicabilidade psíquica entre a Vida e a Morte, a Morte e a Vida; a dimensão religiosa da vida; a oposição existencial entre o Ser e o Nada; a luta pela imortalidade. Luta que é esforço para a consciência, labor alimentado pela fome de eternidade, que desde o mais fundo de si mesmo consome e comove o homem. Esta é a sua experiência e dela trata este livro do filósofo. Ciência, arte, moral, metafísica — tudo são formas dessa experiência. Experiência que é unitária e solidária. Nenhum homem está sozinho na vida e no universo. Escreve o filósofo: «[...] no Infinito solitário e mudo, nós vamos, mãos nas mãos, e uma pequena luz nos sulca a estrada; essa luz é o dever, que arde desde o princípio dos séculos e teima em incendiar a própria eternidade!»¹ Todavia, a experiência-síntese, que vai mais além, confronta este esforço heróico do homem com a morte: «[...] sempre a Morte vem brutalmente protestar contra os esforços de consciência plena e harmónica e dizer que a vontade [...] se perde, desaparecendo para o convívio e crescimento.»² O homem tem que ir além da morte, respondendo de novo ao chamamento trágico dirigido à vontade. «E a vontade de consciência penetra para além do abismo...»³ O que é que há para além?... Esta pergunta corresponde àquela que ecoa obsidiantemente na componente A Dor de A Alegria, a Dor e a Graça: «Para onde vão as almas?...» Diremos agora: para onde vai a vontade de consciência do homem?...

O pensamento do homem é o seu combate directo contra a Morte. O pensamento contínuo e crescente do homem cria e aumenta continuamente a consciência, a qual «só ela garante o cosmismo ou harmonia física, só nela se finaliza o sistema de relações, que é o ser»⁴. É neste contexto analítico que Leonardo enlaça a «metapsicologia» com a filosofia, enlace que, portanto, a sua própria teoria da Experiência fundamenta

¹ P. 283.

² P. 341.

³ P. 341.

⁴ P. 349.

e explica e que, na sua longa exposição do assunto, as suas próprias experiências metapsicológicas confirmam. Este recurso à metapsicologia, que a leitores menos avisados e razoavelmente preconceituosos parecerá no mínimo estranho, é o argumento criacionista inicial enriquecido com novas informações e experiências de Leonardo, que lhe permite confirmar a sua posição de 1912 e ampliá-la com os novos dados que agora utiliza e as novas análises que com eles pode fazer. Eis como agora entende e nos dá a definição de Deus, depois de concluir que «a experiência tem de ser viva e concreta, em expressiva comunicação, recíproca troca de movimento, de vida e de verbo, enchendo de animado rumor toda a imensidade»⁵. À luz da experiência assim entendida «Deus deixa de ser uma Razão formalista dominando um Universo, que se deduza necessariamente da fórmula divina»⁶. Que é, então, Deus? «Deus é a mais vasta e íntima consciência, aquela em que se fez a verdadeira unidade dramática dos seres e donde estão suspensos os corpos, que, no Espaço, deslizam sem atritos e as almas que, na Vida, se enlaçam excluídas da fatalidade dum isolamento que as ressequisse à primeira tentativa de comunicação e fala.»⁷ Assim, «Deus é a memória total [...]. Senhor de todo o passado que se não perde, nem a sua atenção deixa degradar em esquecimento ou inconsciência, ele é também a sedução do futuro»⁸.

Nestas palavras solenes, que se alargam com esplendor do verbo e do pensamento por várias páginas, expõe Leonardo Coimbra uma concepção de Deus que vem de trás, que vai para diante, que se liga obviamente à concepção de Sampaio Bruno em *A Ideia de Deus*, mas que a supera, a meu ver, atingindo altitudes a que a reflexão de Bruno nunca chegou. Toda a grandeza filosófica de Leonardo espelha nas páginas finais d'*A Luta pela Imortalidade*, livro que merece ser lido com mais atenção e acribia do que tem acontecido até aqui. Este volume, que inclui a maravilha que é *A Alegria, a Dor e a Graça*, dá-nos a oportunidade de ler, articular e comparar os dois textos.

No movimento final d'*A Graça* ressoa assim o verbo do filósofo: «Em toda a parte, onde um grande Silêncio mora, sentimos o palpitar dum pensamento: a onipotência do Ser no corpo da realidade, a posse, que, do Universo, Deus toma permanentemente.»⁹

⁵ P. 395.

⁶ P. 395.

⁷ P. 395.

⁸ P. 395.

⁹ P. 199.

No movimento final d'A Luta pela Imortalidade é assim que o verbo do filósofo retumba: «No ilimitado silêncio da noite freme de vida interior um grande pensamento, uma augusta presença se faz, que é a fraternização do homem com todos os seres na vasta comunhão da consciência divina.»¹⁰

Ouve-se, nos dois casos, nos diferentes textos, o mesmo «infinito eco de Ansiedade!...»¹¹, que, aliás, percorre como um suave e poderoso vento cósmico e de consciência humana todo o volume.

¹⁰ P. 399.

¹¹ P. 400.

OBRAS COMPLETAS
DE
LEONARDO COIMBRA

Aspectos da vida religiosa

(Notas)

A vida religiosa é a vida obediente ao *maior valor*. Em torno duma *realidade excelsa* gravita toda a actividade do ser religioso.

Ora o maior valor, ou a melhor realidade, é-o em relação a um conjunto de realidades, que constituem o mundo.

A vida religiosa, que é directamente uma afirmação moral, é mais profundamente uma afirmação metafísica.

Para valorizar é preciso comparar, e, para comparar, conhecer tudo o que é termo da comparação.

Toda a vida religiosa é, pois, uma afirmação de absoluto.

E não o é a simples vida individual tomada na experiência actual?

A vida social é essencialmente relativa.

Existe, portanto, uma antinomia entre a vida religiosa e a vida social. É exactamente aqui o ponto onde formigam, no ataque, todos os inimigos das religiões.

— Que eles são intolerantes, causadores de criminosas perseguições, etc.

Eles têm, por agora, uma fácil vantagem. É, com efeito, o religioso um portador de absoluto.

Como tal derribará montanhas, destruirá por *todos os meios* todos os obstáculos.

Aqui a psicologia que *permitted* inquisições, etc. Digo *permitted* não para *atender*, *mas corrigir* a justa parte reclamada pelo materialismo histórico.

Está bem: o religioso tem sido e tenderá sempre para ser intolerante ¹.

¹ O suave Fénelon apoiou as perseguições dos jansenistas. O formidável Bossuet, alma desvairante de Nada e Infinito, na oração fúnebre de Le Tellier

Mas, senhores do livre pensar ¹[2], voltaí o reverso.

Imaginai uma sociedade em que cada ser é apenas o pretexto duma relação, que lhe é exterior. Menos que uma sociedade, uma simples química de átomos insubsistentes seria impossível.

Menos que a química, uma simples matemática em que a relação dos infinitamente pequenos se não absolutizasse num certo limite, deixaria escapar-se-lhe a quantidade em incoercível, impensável continuidade.

Impossível o vosso mundo materialista, o tal da Substância Universal ²[3] do cosmopolita charlatão Haeckel.

O primeiro aspecto duma sociedade de meras relações é o de uma colecção de indivíduos inertes, improgressivos, ao sabor de determinantes tão brutais e alheias como as da gravidade, por exemplo.

Nenhuma vida interior, nenhum conteúdo espiritual, em que o excedente da acção germinasse novas acções.

Toda a vida actualizada em instituições, sem arte, sem nimbo de sonho.

É um dos aspectos — o materialista — das correntes modernas do anarquismo, socialismo, etc.

Contra tal sociedade o clamor de Stirner, Nietzsche, Ibsen e vários ibsenzinhos (não confundir com imbecizinhos) dos meus inesquecidos cafés do Porto e ignorados cafés de Lisboa.

Não. Só é bela a floresta, que erga ao céu troncos robustos, altas ramarias sobranceiras, que se levante sobre raízes, estilhando penhascos.

Só é bela, e só existe, mais que a duração do morrer, a sociedade donde arranquem heróis! ³[4]

Voltamos ao princípio, porque todo o absolutista, que o não é pela violência dum instinto, ou pela fatalidade duma sugestão, é-o pelo exame e valorização da realidade.

fazia suas, e para Luís XIV, as palavras do concílio de Calcedónia, louvando o extermínio dos heréticos. Etc., etc.

¹ É claro que excluo os que primeiro dão significado à palavra liberdade. Os outros até são, em regra, fatalistas.

² Ainda que os boticários portugueses protestem. Hoje, com a guerra, o perigo já não é de morte.

³ Só é herói quem crê e afirma, e quem crê e afirma é portador dum absoluto.

É-o religiosamente, no sentido acima exposto. Como resolver, então, a antinomia?

Indo à origem da valorização do real e procurando ver claro.

Qual o nosso absoluto?

Não será ele para além da contradição — absoluto, relativo —; não será antes um Absoluto com A?

Se o nosso Absoluto fosse a visão do nosso ser, autêntico e substancial (sem epifenómenos e idênticas parolices), inseparavelmente unido a actividades com as quais procura e, por vezes, encontra o acordo?

Se víssemos na mútua compreensão a presença da Unidade (Deus, não se assustem!) e no limite dessa compreensão a realidade dramática da nossa pluralidade?

Se víssemos; era de novo encarar aquele problema, que os gregos chamavam do mesmo e do outro.

Para isso era bom tirarmos os óculos da *segunda cerebração latina* (não é com o Sr. A. Fortes) e as teias de aranha da *primeira*.

Sim, é certo que muito conseguiríamos.

Mas a multidão?

À multidão que falem os artistas capazes de emoção esquiliana, e de novo ela sentirá a sua vida social, integrada no Todo-Uno, com um destino e um significado cósmicos.

Então — e essa a outra face, a formosa — o anarquismo, socialismo, etc., serão apenas um esforço para mais *compreensão*, mais *unidade*, mais em Deus, portanto.

.....

Lisboa, 12/915.

(*Gente Lusa* — Arquivo de Letras e Artes, Praia da Granja, ano I, n.º 1, Janeiro de 1916.)

A favor da Morte

A Morte é a sombra, que a Vida projecta no Infinito.

Se a Vida tivesse uma só face voltada para a nossa compreensão, ela seria talhada em nítido relevo; uma palavra igualmente lúcida diria a parte que, nela, representa a Morte.

Mas, se a Vida nos volta continuamente uma face, permanentemente ela nos esconde a outra, como, e porventura em sentido oposto, nos volta sempre a Lua a sua face cadavérica.

Para onde olha essa outra Vida, que parece estarmos condenados a ignorar, sem remédio?

Quando, em criança, nos víamos limitados pela serrania longínqua, toda a nossa alma interrogadora se alteava para espreitar para além da Montanha. Em toda a nossa *dulcíssima via dolorosa* se exalta a profundidade do nosso ser na visão do misterioso além. O além da Montanha dos nossos sonhos juvenis era para as bandas do Sol, de lá vinha a Aurora de dedos rosados, como nos conta Homero; era um inacessível luminoso aureolado de brandas asas suspensas, quase subido, na garganta da cotovia, a humana palavra fraterna e confiante.

O além da Vida para onde é?

A face voltada para o misterioso, em que se envolve?

Receberá a carícia vibrante do éter, em meigos silêncios, ou mergulhará o seu perfil dramático na sombra muda e só?

Eis o enigma da Morte!

Quando os egípcios, esses legendários heróis da primitiva guerra contra a Morte, colocaram a Esfinge à margem do Deserto, foram os próprios olhos da Morte, frios e vazios, que eles voltaram sobre a Solidão. Entre os olhos da Esfinge e o Deserto há um perfeito acordo de desolada aridez. São vazios, porque aqueles olhos contemplam aquela ilimitada Ausência. Ao lado, as Pirâmides guardam os mortos, no baldado esforço contra o inexorável.

Quantos árabes errantes terão, ao tombar do Sol, na hora recolhida do crepúsculo, tentado a Esfinge! Todos os povos lá passaram, e, até nós, chega a angústia ancestral da sua interrogação.

Olhemos a Esfinge: eu creio que a meia-sombra de brandura, que nos faz descerrar um pouco o egoísmo que nos mingua, é a recordação atávica dos momentos que os nossos avós para Ela olharam; eu creio que a Morte é um verbo revelador, um Oriente sem o qual não nos seria dado arrancarmos da Inconsciência o sexto sentido, o sentido singular, o sentido do Infinito.

Eu disse que a Morte era a Sombra que a Vida faz no Infinito. Mas o que é esse Infinito? Não será ele uma palavra que a nossa fome de viver vestiu ao Nada?

Sim. O Além pode ser a sombra muda e só. Nesse caso a Vida é um fenómeno apenas, nada de precioso e substancial ela encerra. A consciência que interroga e conhece, que deseja e cumpre, é um clarão entre duas trevas. Pode muito bem ser que não haja Universo, mas um perpétuo Caos, a que a vaidade do nosso eu finge uma Unidade.

Nesse caso choremos sobre a desgraça universal, pois é o Universo uma ilusão; e toda a veleidade de Unidade, do cristal à árvore, ao homem e aos sistemas astrais, é baldada, como que obra dum grande humorista, que em tudo tivesse deposto a semente do cómico.

Choremos sobre o grande Todo se possíveis nos são as lágrimas, pois a própria piedade, sendo um sentimento envolvente e insinuante, a afirmação dum foco amoroso, ela mesma nos será impossível.

E, perante a morte individual, pensemos que para o grande Espectáculo da Natureza, para a grande Ilusão da Consciência, são precisos os átomos do nosso corpo, os elementos dos nossos sonhos partidos. Pensemos que o arco-íris é o triunfo glorioso dos elementos libertos, que na luz da mais longínqua estrela ardem agora as substâncias da nossa química, as moléculas dos nossos corações.

Choremos sobre o Todo, e cantemos sobre a libertação individual, e, sobretudo, sobre a libertação de consciência humana, que, sendo a mais íntima e bela unidade, é a primeira e mais sofredora vítima da grande ilusão.

—

Mas, se esse Infinito é o grande Oceano em que se banham todos os seres, dele tirando a sua parcela de realidade, é então

em voo de heróica curiosidade, que, do cume da Montanha, nos precipitamos para a Morte.

Na primeira alternativa, a maior realidade, ou antes, a menor ilusão será um Caos, esboçado em mecânica; na segunda alternativa a melhor realidade é uma unidade espiritual tão alta que mal a pode apreender a nossa mísera consciência actual.

A segunda alternativa é mais bela e mais opulenta; porque espalhar, pois, sobre o Ser, a algidez da nossa miséria, medindo-o pelo pouco que somos?

E seremos nós tão pouco? A velha distinção escolástica entre a substância e os seus acidentes, renovada por Kant pela relação — fenómeno noumeno — tem raízes na desproporção, que o mais ingénuo pensamento é capaz de encontrar, nas suas relações humanas, entre o episódio e o carácter.

Se, com efeito, pesamos o valor pessoal pelos acidentes da vida, a que injustíssimos equívocos nos não prestamos!

Mas, sendo o acidente o quotidiano, ele vai depondo o pó das suas acções sobre o fundo da alma, encobrindo-a e mascarando-a, como em certos rios, o sólido fundo quartzífero é fingido de viscosa lama.

Daí perder-se a consciência da íntima actividade que somos e compor-se a vida pessoal com o material externo dos usos e deveres alheios.

— O que dirão? — é a pergunta que as vidas exíguas se fazem antes de cada atitude.

Conheço uma senhora, de longa vida dolorida, que dizia, há dias, a uma neta namorada por um honrado moço (que era, demais, o que em linguagem burguesa se costuma chamar um bom partido): «anda, procura um pretexto para que *falem* de ti».

E assim somos menos que pouco; nada somos, porque cada um vive uma vida estranha, traz dentro de si o inassimilável, carrega no sangue a rocha absolutamente insolúvel.

Se despimos a mentira e assistimos ao milagre da consciência, é, então, a certeza de olhos claros, que se assenta na mais soberba penedia da maior Montanha, silenciosamente contemplando a Terra e os Céus.

O Milagre da Consciência?!

Milhões de Poetas erguem os seus cantos e esses cantos embalam-se no mesmo ritmo; fazem os seus Dramas e esses Dramas contam as mesmas lutas e os mesmos esforços, as mesmas derrotas e as mesmas vitórias; dizem as suas tragédias e todas as tragédias apresentam a mesma monstruosa face múltipla e una, a

mesma dissolução das unidades individuais num irresistível impulso absorvente, que possui e abraça as pessoas, como a gravidade impele os mundos.

Que órgão de Realidade é este, que disperso pela terra, porventura por incontáveis planetas do nosso e de outros Sóis, em toda a parte dá as mesmas produções, vai levantando a mesma Obra?

Ou estes órgãos estão ligados por uma Consciência superior, que lhes marcou o acordo, ou nenhuma ligação os prende e nenhum acordo os pode unir.

A ligação por uma Consciência superior não pode ser, todavia, tal que as consciências parciais sejam mecanismos, pois o acordo nunca é perfeito, mas sim perfectível pelo desejo de melhor, como se a concórdia só fosse possível após o trabalho comum.

As consciências desligadas como conseguem os mesmos resultados?

Sendo meros espelhos idênticos, onde uma plena Realidade estranha viesse pintar a Imagem?

A concepção duma tal Realidade ignora o mínimo criticismo do conhecimento, as mais vagas linhas da ciência, a mais ténue actividade da imaginação artística.

Essa concepção só conhece os factos brutos, imediatos da percepção.

Ora esses factos são diferentes em dois pontos do Espaço, ou em dois momentos do Tempo; impossível é, pois, o acordo das consciências que os copiem.

As consciências são, deste modo, *actividades criadoras solidárias*. Criadoras, porque produzem a realidade; solidárias, porque se adaptam ao ritmo de outras actividades, porque *experimentam*, em suma.

É, por isso, que a moral é sempre metafísica e absoluta; o ponto inicial da consciência é socialista; nele é, virtualmente, o crescente abraço concêntrico do homem ao Cosmos.

A consciência é agora uma actividade irreduzível, uma afirmação absoluta, um *quantum* do Ser.

Se, portanto, apreendo em mim o milagre da consciência, aniquilo, no Tempo, o seu falso absolutismo; vejo, sob o irreparável fluxo das coisas, a permanência do Ser.

Deixando os raciocínios filosóficos, que nada dizem ao leitor que desejo agora — o senhor todo-o-mundo — vamos somente olhar dum ponto bem solitário e alto o pôr do Sol.

Fluidiza-se o azul dos montes afastados. O Deus de cabelos de ouro incendeia o Ocidente em estratos de fogo, alternando

com nuvens escuras, tómulos errantes, que um último afago da luz vagorosamente oscula.

Para além do fogo, é o Céu um brando lago opalescente.

Alaranjam-se a pouco e pouco os últimos veios de fogo, a morrer docemente num branco leite de porcelana japonesa.

O céu ocidental é a cor-de-rosa; o Marão dum azul líquido, coberto de névoa, como o sonho dum mar petrificado.

O Ocidente polvilha-se agora de roxo, e a terra é azul profundo, acolhedor e fresco.

Os cabelos esparsos, alongados, do Deus, deixam, ao rés da terra, fios loiros enredados da urze tamanina do Outeiro.

Fumam as choupanas, em redondo, torneando a muralha dos montes.

Os gados vão beber; e um pastor de olhos vagos, errantes de instintos, segue-os, aqui e nas páginas da Bíblia, na velha Pérsia, na Índia, por todos os tempos e em todos os lugares.

Amanhã o Deus há-de voltar feminino e brando e o sonho da Noite vai despertar em triunfante alegria de púrpura.

Para ele, a verde fala das árvores, a sonora loquacidade das águas, o deliquescente aroma dos jasmíns.

Por ele, é, agora, a inquietação das aves, o abandono das humildes plantas nos brandos embalos do crepúsculo; por ele, é, ainda, a negra concavidade do Infinito, pontiluzente de *abismáticas pupilas*...

O divino espectáculo é lá, se a consciência lhe assiste.

Ou o espectáculo foi feito sem intenção, e a consciência, que o *criou*, aumentou o Universo em riqueza concreta, de som e cor; ou o espectáculo é intencional, e a consciência é o expectador, que bem mereceu o glorioso milagre.

O olhar, que te segue a jornada de purpurinos trilhos, vê para além de ti, Apolo de loiras tranças; olha, do centro dos mundos, o universal espectáculo da *sua sonora e luminosa harmonia!*



E agora, entrevista esta face de Esperança, não voltará a primeira visão a impor-se, ainda mais, como escárnio à sublimidade com que a nossa fome de viver criou todo este aparelho de ilusionismo lógico.

— Repito (dirá), que a consciência é o simples efeito de certos arranjos fisiológicos, que o corpo é para a consciência o que a lâmpada é para a chama.

Prestemos ouvidos, porque vale sempre a pena verificarmos o miolo das nossas proposições.

Quando falamos de causa e efeito, que dizemos nós?

Ou nos limitamos à simples constatação da sucessão regular de dois fenómenos, chamando, o primeiro, causa e, o segundo, efeito; ou supomos que a relação causal é uma relação lógica.

No último caso há uma certa equivalência entre a causa e o efeito, e só uma causa consciente poderia dar a consciência como efeito.

No primeiro caso, limitados ao puro empirismo dos factos, diríamos que o Dia é causa da Noite, que, em todos os fenómenos contemporaneamente sonoros e luminosos, quando vistos a distância, é a Luz a causa do Som, e muitos outros discursos de tamanho e maior disparate.

Ainda, no absurdo caso de lhes darmos os ouvidos, teríamos a considerar que a sucessão consciência-fenómeno físico, é pelo menos tão vulgar como a sucessão, fenómeno físico-consciência; e, assim, a causa e o efeito trocariam, por vezes, os respectivos papéis.

Em cada organismo é tão visível a sucessão em que a consciência é anterior e actuante, que se morre de medo ¹, que a sugestão *cria* arranjos orgânicos, constituindo e destruindo funções, e, portanto, órgãos.

Uma última teimosia, dirá — vejo desarranjar-se o corpo e a consciência desaparecer.

Vemos, tanto, isso, como desaparecer a consciência e desagregar-se o corpo.

O que nós vemos, por vezes, é a degradação da consciência superior a consciência animal. Isto revela no homem o resumo da vida planetária e nada mais.

Por último, «que desaparecido o corpo jamais se manifesta a consciência individual».

É bem verdade; pelo menos, pelo corpo desaparecido e nos seus moldes ou gestos; mas, e com Lodge, porque retirei o condutor, que me canalizava a electricidade armazenada num dieléctrico, perdeu-se essa electricidade?

Mais ainda. Porque só conheço a condutibilidade do cobre, posso afirmar alguma coisa sobre a do ferro, prata ou qualquer corpo desconhecido?

¹ Não só o homem, como, por exemplo, as aves. Prestes a serem devoradas pela cobra, morreram, não aproveitando o oportuno socorro humano.

Poderia afirmar que só no cobre pode existir a electricidade?

A Realidade é um jogo livre dentro de regras necessárias.

Os indivíduos, pela consciência, são necessariamente solidários do todo, vivem no Universo, sem, por isso, perderem a possibilidade dum narcisismo, que, desfalcando-os em consciência, os diminua em realidade, crescendo-os do que é perecível e vão.

Ora só o que vai no sentido do Universo é substancial, só é perfeita a Memória total da cósmica interacção.

O desejo de imortalidade para um efémero instrumento do meu saber é precisamente no caminho da partícula, contra a amorosa vontade de um concreto universalismo.

A cosmogonia dos povos do Norte, contada na Edda, apresenta-nos um herói, rápido como o relâmpago, matando o grande gigante do Mal.

Um filho desse gigante ficou, e os da sua raça conseguem entendimentos no Céu contra o grande Deus, rápido como o relâmpago.

Matam-lhe o mais velho de todos os filhos, Balder.

Os deuses pretendem tirá-lo a Hela, deusa da Morte, que diz *só o entregar em troca duma lágrima de cada criatura.*

É preciso que os rochedos, os homens, os rios, as árvores, chorem para resgate do gracioso e forte Balder.

Quer dizer que só um perfeito acordo, um socialismo cósmico e completo, um abraço enleante e universal colocará cada consciência no ponto central, na altitude dominadora, donde a outra face da Vida clareia a sua sombra em alvoroçada, infinita Esperança.

(*Atlântida* — Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brasil, Lisboa, ano 1, n.º 5, 13 de Março de 1916.)

O sentido da guerra

É vulgar dizer-se que esta guerra é essencialmente comercial. Há mesmo uma escola, que estende a afirmação a todas as guerras.

Mas, como o comércio é por sua vez uma simples consequência da atitude do homem dentro da vida cósmica, todas as guerras resultam afinal do sentido e do valor, que, para os homens, tem essa vida.

Nenhum corpo no Espaço se pode furtar aos laços mecânicos com que é ligado, e o homem, se caindo não pode alterar a trajectória do seu centro de gravidade, menos pode cortar as ligações que o prendem ao Universo.

Entre essas ligações há aquelas, que implicitamente o homem recebe com o corpo físico, e aquelas, que implicitamente ele possui na compreensão afectiva dos seus sentimentos e na compreensão intelectual dos seus juízos. Nenhum homem deixa de ter uma visão cósmica da sua existência, e, se algum é simplesmente comerciante, é porque para ele o Universo se apresenta como uma passividade oferecida à sua iniciativa empreendedora e a sociedade como um sistema de simples e puros interesses de troca.

Esse homem é metafisicamente comerciante, como o rouxinol é metafisicamente cantor; o seu Universo é um sistema de pesos e medidas, de interesses e combinações, como é, para o segundo, a obscuridade ansiosa a destilar em harmonia infinita.

Chamando a esta atitude total a atitude religiosa, a maior verdade é dizer-se que toda a guerra é um drama religioso.

Então o sentido da actual guerra europeia é claro e ela é, mais profundamente que o julgam os pensadores merceeiros, uma guerra comercial e industrialista.

Ela tem mesmo o aspecto dum esforço transcendente das forças espirituais contra a vertigem materialista do mundo moderno,

prestes a abismar-se num abaixamento de vida tamanho como nenhum dos que a história aponta.

Só a vaga tradição duma grande humanidade desaparecida na voragem do Atlântico se pode comparar ao que seria a vitória de inércia material contra o esforço espiritualista, mal acordado, ao princípio desta guerra, na terra francesa, ingenuamente confiada até aí numa fácil e ludibriada Razão social.

As ligações do homem com o todo, que o colocam no planeta com um alto significado de vida, estão no pensamento greco-latino e no verbo cristão.

O primeiro deu a natureza ao homem, numa posse de comunicação estética; tentou unir os homens na sociedade pelos laços do direito e da justiça.

O verbo cristão revelou aos homens a existência duma universal comunicação em amor e bondade íntima. O Universo, revelado em beleza, abriu-se em ternura e piedade e o sentimento da comunicação estética fez-se o sentimento da dependência transcendente, da humildade, dobrando cada alma numa atenção imediata a procurar e bem querer a intimidade das outras almas.

Pelo verbo cristão, pela humildade com que as almas se abriram e penetraram, revelou-se uma *equivalência* de todas as almas perante a cósmica realidade central dum Deus de bondade e perdão. Só, com efeito, o cristianismo pode fundar uma verdadeira fraternidade, porque só ele dá a todas as almas um valor excelso e sem par, quando trabalhem pela perfeição celestial.

Só no cristianismo pode haver *equivalência* entre a alma da mulher banal, simples humildade dadivosa para o homem que a maltrata ou mal repara no caminho pronto e oculto que o cerca e lhe deve, e a alma dum pomposo Augusto, dum saudoso Juliano, ou dum viril e singelo Marco Aurélio.

O cristianismo encontrou uma organização social na tradição latina, uma exposição doutrinária na tradição filosófica dos gregos e alta representação estética nas artes desses mesmos gregos, que, com a Renascença, trouxeram até nós o poder das suas sugestões.

Em breve se começa a dar com o cristianismo organizado um fenómeno, que veremos dar-se depois em toda a actividade humana. Como um rio, que desviado em mil canais desaparecesse porque entre as areias se sumiram todos os braços, a intimidade alada do cristianismo começa a materializar entre as suas instituições sociais.

O desejo de regresso à origem aflora em muitas almas e com Lutero aparece a Reforma.

Mas este movimento é em parte o ódio bárbaro à arte e à organização, quando o a desejar seria uma volta à origem a receber emoção, a penetrar de Espírito o instituído, vida a embeber as estátuas, alma para os seus corpos e não o martelo a quebrá-los como ídolos.

Uma imagem é um Deus ou um ídolo, conforme o Espírito lhe é presente ou a simples matéria a constitui.

Certo é que, à parte intermitências devidas a grandes figuras religiosas, o cristianismo foi sucumbindo entre a penedia de organizações sem alma.

E, o que em seu nome se fez, chegou a ser abominável.

O único verbo capaz duma tolerância, que não seja niilista (a tolerância dum sábio relativismo leva logicamente à inacção) foi pretexto para as maiores e mais bárbaras intolerâncias.

De outro lado uma nova era começava, encetada pelos portugueses. Descobríamos o planeta, e o mistério das almas encontrava na sua frente a amplidão dos mares e dos continentes.

A sedução era grande e, num sentido bem mais profundo que o de todos os compêndios de história, ia começar a época do comércio e da indústria.

A alma ia lançar-se a ajeitar o planeta e tão longe vai nesse movimento de exteriorização que, em crescentes velocidades, irá chegar ao puro actualismo para que tende em delírio. As descobertas científicas crescem, as ciências diversificam-se, o aumento do saber humano dá lugar a uma enorme multiplicidade de disciplinas e técnicas.

Assim se perde a unidade da cultura, a presença e alegria de espírito da harmoniosa tradição clássica.

É o mal que A. Comte esplendidamente viu e desastrosamente tentou remediar por propositados cortes e artificiosas sínteses. Não que, no meio desta acelerada marcha e confusa produção, o pensamento deixasse de afirmar o seu poder; mas a *sagesse* antiga, a prudência, a unidade espiritual, a atitude de vida iam em tibiaza e agonia.

Um povo menos embebido de cristianismo e cultura greco-latina, sem misticismo humilde e amoroso, encontra-se, de repente por um episódio histórico, vitorioso duma grande nação tradicionalista e culta. É o povo alemão.

Ele vai prestar-se a pôr em monstruoso relevo o mal das sociedades modernas; a idolatria da força e do movimento sobe ao delírio nesse povo, que começa a carreira no momento em que ela já é vertigem e desenfreada loucura.

Desde a velha Roma que esses bárbaros aparecem em delirantes e gigantescas moles de quantidade e movimento.

É, desde sempre, a massa compacta e bruta adorando a força e a violência.

Já os velhos deuses helénicos tinham perfumada a terra da harmonia dos seus corpos, só sob os seus pés se tinha desentranhado o planeta em flores e aromas.

Já Cristo tinha descoberto a incomparável flor oculta, a alma humana; já com a sua vida tinha descido ao planeta a universal presença, a pura fraternidade, a bondade omnipotente.

Nos Nibelungen ainda os deuses são gigantes e anões, disformidades de força ou de tenebrosa magia.

Repastos monstruosos, monstruosamente regados de hidromel, rixas e matanças.

Nos seus mais profundos filósofos revela-se sempre uma forma especial de compreender a actividade.

Contra o pensamento mais espalhado, foi o cristianismo, que deu um sério valor intrínseco à actividade humana.

Nos gregos era a contemplação mais valiosa que a acção.

Esta foi meramente política e social; a sua beleza é essencialmente quieta e serena. Nos romanos a acção foi organizadora e fecunda, mas meramente jurídica e colonizadora.

O cristianismo deu à acção um valor absoluto de experiência moral, de procura do divino. É a acção com alma, onde o trabalho adquire significação religiosa. Um cristianismo mal penetrado há-de retirar à actividade humana o valor cósmico, a sua atenção perante o universal.

É o que nos mais altos filósofos alemães se pode estudar.

Leibniz pela amplidão do seu sistematismo, de compreensivas sínteses, é bem qualificado para nos deter na análise do seu activismo.

É muito curiosa essa análise.

Toda a filosofia de Leibniz está no ponto de encontro da noção de força e da lógica das proposições, base da pretendida característica universal.

Leibniz regressa na dialéctica da força a uma imediata apreensão analógica.

Já se tinha chegado, porém, a uma noção de força perfeitamente lúcida e eminentemente idealista.

Partindo da inércia, a noção de força ia aparecendo como a aplicação do grande postulado científico das ligações.

A força é em cada massa a presença das outras; presença, que, com Newton, perde a vulgar exigência dum directo contacto para ser a simples presença ideal duma realidade comunicativa e una.

Em Leibniz desce à confusão da nossa cinestesia com um misterioso *quid* que anima os corpos.

Essa força serviria a confundir a nossa actividade com o obscuro activismo da Natureza, se não fora o seu concurso e assimilação com o sujeito lógico das proposições. Esse concurso dá a mónada, que, contida numa fórmula, mais não pode ser que o seu lógico desenvolvimento. E, assim, cada mónada desenvolve-se num conjunto de preestabelecida harmonia, sem actividade própria e meritória.

Kant dá-nos um mundo sem reais ligações, sem efectiva comunicação, pois a unidade é o produto do nosso ser pensante.

Depois, lembrado o cristianismo por intermédio de Rousseau, para encontrar lugar para a nossa actividade, isto é, para a nossa alma, tenta um impossível desdobramento da realidade.

O dever, sendo um imperativo incondicional, suprime a heteronomia da vontade. A vontade será, pois, autodeterminada ou livre.

Mas como, se tudo é encarcerado nos elos da causalidade física?

Apelando para um mundo ultrafísico (é o sentido ideal do cristianismo posto em possível cousa e sensação), onde a vontade escolhe por um acto singular a sua essência. Contradição da doutrina e, sobretudo, aniquilamento do valor da experiência, pois ela é fatal a partir da origem, que coincide com a refração no tempo do carácter escolhido duma vez para sempre.

Eis os mais nobres e a quem a alma latina, clarificando e extractando a íntima luz, mais deve.

Todos os outros são uma mais clara manifestação do intrínseco significado do activismo germânico.

Com Hegel o Espírito desenvolve-se no fenómeno histórico e o *sucesso* é o critério da verdade; é o pragmatismo em sociologia.

Schopenhauer reduz tudo a uma Vontade tão cega que nós vemos mais, e a nossa santidade será a negação dessa originária vontade.

Mas onde a íntima essência da actividade germânica se revela eminentemente é no filósofo-profeta Nietzsche, que é justamente o próprio estremecimento fisiológico das forças elementares desencadeadas.

O seu pensamento é uma fatalidade, ele mesmo o sente.

E, com o maior vigor atingido na linguagem das tempestades, ele proclama a supremacia do ciclone sobre os movimentos interiores da alma.

O seu contemporâneo, o francês Guyau, partindo do mesmo desejo duma vida alta e exaltada, conclui pela generosidade, pela máxima compreensão do abraço social.

Em Guyau é um fundamental e profundo cristianismo, que alarga a sua visão naturalista.

Nietzsche sente um ódio desvairado a esse cristianismo, que classifica de revolta dos escravos contra os valores impostos pelos fortes, de tensa e triunfante vontade de domínio.

A piedade é a velhaca habilidade da fraqueza conquistando espaço ao Sol, o seu direito de existência.

A humildade, que, como sentimento de integral dependência, é a base de toda a harmonia social e de toda a pesquisa científica, será para Nietzsche o enroscamento do verme pisado, furtando-se à agressão.

A crueldade é a espontânea afirmação da força. O forte é cruel para com os outros e até para consigo mesmo.

Uma caricatura de Zaratustra poderia prolongar-lhe tanto as maxilas, dar-lhes uma tal febre de movimento e ferocidade que o próprio corpo fosse devorado.

É certo que Zaratustra fez uma terapêutica de crueldade e, purificado, tem verdadeiras expansões de ternura e generosidade.

— Que seria de ti, oh Sol, sem aqueles que os teus raios aquecem?

Mas é um regresso cristão hesitante e insubsistente perante a sociedade ideal duma elite, ainda que justa, e duma plebe escravizada. É desconhecer a *equivalência* das almas perante o cristianismo.

Ninguém duvide que um filósofo, e sobretudo quando é também um grande poeta, mergulha na realidade que o cerca. Ele é, por assim dizer, um poderoso ressoador.

Em Nietzsche há a *ressonância* daquela parte da alma humana, que, perante o Mar ou a Montanha, se enche da quantidade e do movimento, da grandeza do Ser e é entusiasmo, delírio de força, de expansão e absorvente conquista.

Essa parte da alma humana é aquela que a vida moderna exercita e valoriza. É o industrialismo absorvente, o comércio voraz e conquistador.

Imaginaí agora um povo perto dos instintos primitivos, bárbaro e brutal sob uma cortesia de superfície, colocado dentro deste ritmo de acção delirante e vertiginosa.

Esse povo, para maior sedução, vence a França em 1870 e encontra-se com um enorme tributo de guerra e uma vitória, decisiva demonstração do valor da força e da exteriorização veemente.

Tem a dialéctica do seu instinto dinamista revelada no pensamento turbilhonar do seu profeta. O entusiasmo da vitória dá vulto a esse pensamento, que, para o próprio revelador, tinha a cegueira da Fatalidade.

Ei-lo Deus, presente em todas as almas, elevando-as a novos delírios pelo frémido da sua precipitada e volumosa presença.

Um conceito muito vago virá servir esse Deus para o acrescentar do romantismo desvairado de todos os sedimentos animais das almas.

É o conceito do pangermanismo.

Ele irá servir de condensador de todas as forças orgíacas, prestes a um desencadeamento pavoroso, esmagando e destruindo.

Tem-se comparado esta Alemanha com a França napoleónica; nada menos exacto.

Napoleão, sem o querer, representava, como o nota Carlyle, o justo espaço social para todas as capacidades, conquistado pela Revolução francesa.

Esta era, na sua alma profunda e submersa na loucura acidental do momento, uma inspiração do cristianismo, o seu corolário tentando o concreto.

A Alemanha moderna é o mais exacto representante do desvairamento dinâmico, da plena exteriorização da alma, espalhando-se em cousas e instituições que a esgotam e oprimem.

A Alemanha acelera a indústria, vai batendo a França e a própria Inglaterra. Conquista os mercados e faz uma guerra que lhos pode e deve tirar. No *deve* e *haver* simples, comerciante, parece estúpido; no materialismo comercial como atitude perante a vida é lógico e fatal, são os instrumentos da acção explodindo da sua força intrínseca acumulada.

E os seus filhos continuam o movimento actualizante e vão absorvendo a vontade pessoal na grande Vontade colectiva, que é o seu Deus em marcha.

Fora Fichte dando a essa força uma falsa limitação, que ela mesma se cria para se ensaiar, como o leão que afiasse as garras no próprio corpo. É Wundt afogando o indivíduo no ser colectivo. É o próprio Eucken dinamizando o pensamento a resolver os problemas pelo seu próprio movimento histórico, sem ter demonstrado a realidade intrínseca desse pensamento, permitindo assim um fenomenismo que o aniquile.

Que admira, pois, que estes filósofos vejam no espiritualismo belga a prova da *sua incapacidade de existir como estado?*

Ouvi os seus homens de letras dizer que a árvore frondosa não precisa de achar razões para tirar o espaço às mais tenras e fracas.

É a Força, avassalando no grito furioso da velocidade e da absorção.

A França vê diminuir o seu poder industrial, e, na amável e gloriosa França, o pensamento interioriza-se e exalta-se.

O que é a meditação francesa?

Enquanto a sua política se afasta dum catolicismo reaccionário e esquecido da sua própria alma de cristianismo, a sua filosofia procura a liberdade, a concreta liberdade metafísica, que mais não é que procurar a realidade da alma.

De Renouvier a Bergson é todo um amoroso esforço, um apurar das profundidades interiores em busca da liberdade submersa.

Renouvier renova a trágica disjunção de Pascal, dessa alma só por si enchendo a França e o Universo, e opta ousadamente pela liberdade com todas as suas consequências.

A filosofia de Renouvier é um acto de fé cristã.

Boutroux acorda aquela Razão dinâmica e espiritualista, que é o esforço de ordem, harmonia e beleza do homem dentro do Cosmos. Bergson (a que distância de Nietzsche!) mergulha o episódio na corrente duma Vida penetrada de espírito, e o disperso exterior reencontra sentido na unidade interior, que o cria e sustenta.

Poincaré, esse irmão de Newton e Platão, mostra que toda a ciência é uma obra do espírito, que todo o princípio científico implicitamente contém a liberdade, isto é, a alma humana.

E a França, no tremendo conflito, é o Espírito contra a Matéria, o obreiro em frente da obra rebelde e ameaçadora.

É bem o helenismo e o cristianismo em frente da idolatria e do barbarismo. Ser bárbaro não é somente andar de tanga, é sobretudo, inverter os valores e, contra o amor e a fraternidade, soltar a violência, o instinto, todas as forças elementares.

Ser idólatra é adorar o símbolo em vez do Espírito, a obra em lugar do obreiro, as instituições em vez da fraternidade e da justiça.

Ser idólatra é penetrar-se o homem da força, que é a simples presença do Ser, e adorar a quantidade onde a mais alta quali-

ficação idealista mal consegue ainda aflorar a verdadeira divindade. É adorar o granito do templo e esquecer Deus, é preferir a emoção da tempestade à perfeita e suavíssima bondade de Jesus.

Do Oriente sobe das estepes ^(a) a Canção resignada e mística do povo mais enternecidamente amoroso e cristão, que possui a Europa!

É lento, é vagaroso o seu canto, mas o frémito interior vem do remoto da alma...

É a atitude perante a Vida que hoje se discute nos campos de batalha.

Não era um impossível a vitória da atitude prussiana; mas tal vitória representaria a supremacia da matéria, dos valores da quantidade elementar, da força.

Seria a degradação da Vida em organicismo inferior, Nietzsche realizado no seu sonho social, o mundo feito órgão do cérebro alemão para logo paralisado no automatismo vitorioso.

Não é o alemão que se combate, é a atitude religiosa que ele representa.

Os idólatras são pela Alemanha; quem amar Deus, em espírito e verdade; quem só compreende a quantidade como a indeterminação oferecida à amorosa vontade de comunicação e convivência, é pela França.

Portugal tem graves pecados contra o Espírito ¹. Debate-se entre um tradicionalismo de pura repetição, sem alma, sem drama e sem mérito portanto, e um actualismo materialista, um impulso para diante, uma permanente intranquilidade, uma extensiva sucessão de momentos.

Ignora a vida do cristianismo para hesitar entre a idolatria da adoração das vestes, do mármore dos templos, e o desprezo do núcleo substancial da civilização, do significado cósmico da existência.

O sacrifício, a dor só podem ser fecundos à pátria trazendo-a à Vida substancial, ao drama da existência.

As gerações de amanhã terão o respeito do nosso sacrifício e a alegria duma viva pátria espiritual que nós mal conhecemos.

De resto, para os ouvidos de interesse puro, basta dizer que não podíamos ter outra situação.

^(a) Leonardo Coimbra usa «estepas».

¹ É um intencional aviso aos dirigentes políticos.

O mérito está em a aceitarmos livremente com a alegria heróica dum dever em vez de a sofrermos com a miserável passividade duma Fatalidade.

Sem neutralidade possível nós seríamos vítimas da cobiça prussiana no caso da sua vitória.

Poderíamos sê-lo ainda no caso duma meia derrota, com uma paz cheia de compensações, se a nossa atitude fosse indigna da boa amizade dos povos aliados.

Seremos grandes e respeitados no caso certo da vitória dos aliados, se a nossa vontade amiga for bem claramente posta à prova pelo cumprimento do dever dentro das nossas modestas forças.

É o sacrifício da nossa menor vida de hoje à maior vida do futuro, à grande vida da Pátria; é o cumprimento do grande dever religioso de contribuir para que a vida terrestre se não apouque e degrade num servilismo sem nobreza, num orgiaco movimento sem entranhas, nem idealidade.

E nós, que, na nossa modéstia, tão maravilhosamente casamos a lúcida alegria helénica com o profundo enternecimento cristão, estamos bem neste pavoroso conflito entre a rebeldia da matéria e as clarificadoras intenções da Consciência.

Já o Espírito venceu em Marne e em Verdun e em toda a parte onde o heróico esforço das almas tem mostrado o seu poder criador, tirando de si, num momento, a força ordenada e sábia bastante a conter uma organização materialista de dezenas de anos.

Só a vitória prussiana fulminante e completa teria sido uma catástrofe planetária.

Só, então, o anjo guia do planeta, no poético pensamento de Kepler, cerraria os olhos e, no Espaço, a Terra, apagada a consciência, arrastaria apenas a muda escuridão animal.

(*A Águia* — Órgão da Renascença Portuguesa, Porto, vol. ix, 2.^a série, Janeiro a Julho de 1916; também publicado in *O Comércio da Póvoa de Varzim*, Póvoa de Varzim, ano xiii, n.º 29, 6 de Agosto de 1916.)

A Primavera de Deus

Por Augusto Casimiro. Edição da «Renascença Portuguesa»

É o último livro de A. Casimiro o pretexto destas linhas; são todos os seus livros, e o que os excede, e neles é bruma, marulhante silêncio circundante, a razão do que escrevo.

Augusto Casimiro é o Poeta, que chega a Deus com mais humano e enternecido semblante.

Ele recolhe-se intimamente no seu lar e nos seus afectos, nas fraternas ligações da proximidade; é bem no mais profundo dos sentimentos humanos, que coloca o coração.

Entre o Poeta e o mais humilde homem do campo nenhuma diferença; é antes o Poeta que busca o lugar ingénuo, onde, cheio de mansidão, vive o coração do povo.

Não é o literato do episódio, dos motivos, dos idílios gratuitos, que rouba as estrelas e as flores de Deus (dum Deus em que não acredita) para esmaltar a cinza das palavras mortas.

Não é o excursionista da vida, que, caminhando à superfície, vai tirando instantâneos para sobrepor em cinematográfica ilusão da realidade.

Ninguém o ouve, aí, pela vida fora a tanger uma lira de cordas excepcionais e raras.

É bem dentro da Vida que ele aconchega o coração a pulsar de mansinho.

Que banalidade, é a aparência da sua arte!

Um poeta que canta o seu amor filial, que faz versos para os filhos, que nos diz a comovida alegria dum lar, todo palavra e compreensão, no meio do silêncio universal!

É que o seu canto, como o dos camponeses na solidão da Noite, é um monólogo.

O seu coração é um berço, e ele caminha em religioso êxtase, monologando o seu amor.

Aí está, desde já, o que poucos compreendem; é mesmo, para os muitos outros, um evidente sinal de desatino.

É, no entanto, certo (embora os pobres *tolerados* o não entendam) que só é grande a palavra dita a sós, a conversa do homem com a própria alma.

Os que começam por falar para os outros esquecem o único pórtico do Mistério e entram num simples comércio retórico, muito para fazer amar o abençoado analfabetismo, que se lhes furta.

O canto do Poeta começa no mais íntimo da própria alma, onde os amores, as aspirações, a fome de comunicar se concentram num ponto incandescente e indestrutível.

A alma do Poeta é, então, um firmamento de eternos astros, um oceano de indissolúvel fundo.

Alguma cousa de certo e substancial se encontrou, e o Poeta vai subindo o canto, do Abismo à Altura.

A Mãe, a mulher bem amada, um filho, a compreensão amorosa do que há em nós de transitório e trágico se um grande abraço não une as nossas fragilidades.

A banalidade desfez-se; e o amor da família, a amizade, o leal esforço de compreensão rasgam pupilas sobre o Universo, que, sem ouvidos, nem divina boca de verbo, nos cerca e enleia.

Como um oceano, que, removido pela maré, fosse subindo e extravasando até ao astro que o chama, o canto é luz de amor em deserta choupana, fogo incendiando a Pátria, abrasando o planeta, iluminando, de nova e consciente luz, todo o Espaço sem fim.

É ainda um monólogo; mas já o Poeta, em permanente excedência, se foi alando, crescendo de verbo arrancado à mudez das cousas, e os astros e as flores, que lhe vão na palavra, são seus companheiros de destino. Para onde?

A onda inicial partiu do lar, foi o bom desejo de abrir alma em todo o Universo, de colocar o melhor do nosso coração em segurança e realidade.

Como alguém, que, na noite bem anoitecida, colocara às janelas todas as suas luzes para guia dos viandantes perdidos.

O Poeta ergueu o seu canto, o ar abriu-se à sua voz, o Espaço *recebeu* a forma do seu verbo; eis um acordo que o anima e sustenta.

O canto subiu em desejo e ansiedade, a alma cresce em confiança e divino ardor de combate.

O monólogo, a loucura d'amor, que nos leva pelos caminhos, a dizer à alma a suavidade de berço, que dela nos vem, faz-se exigência heróica.

Somos a base da Montanha já envolta em sombras e com a frente nadando em sol; somos a praia remota sentindo no beijo da vaga os que, de longe, se vêm aproximando.

É assim que o Poeta sente erguer-se na alma uma luz de além, novas praias, novas vilas, as maravilhosas possibilidades do Mistério.

E o Poeta-cotovia nada em plena luz dum Sol inatingível, enquanto os fabricantes de versos negam esse sol para que são cegos.

Augusto Casimiro é, assim, dum incedível enternecimento a par dum alto e humano heroísmo.

Mais que duas modalidades do seu temperamento, dois momentos do seu fervor religioso, coexistindo.

«Que de mais belo encontre na terra?»

Imaginar um Deus que não abrisse o Olimpo sem esta prova.

Quantos não teriam de pagar, então, com sinceros e entusiásticos elogios da burocracia e da sensualidade, o mal, que, delas, fingiram pensar nesta vida?

Bem poucos abençoariam a atmosfera de Mistério que, se nos permite o amor, nos exige em troca uma heróica afirmação, uma permanente lealdade de esforço para que o nosso amor se não desfaça na efémera contingência dum episódio planetário.

Esses são os que Deus quer, os bons filhos humildes, que sabem *compreender, amar e cumprir*.

A *Experiência* aí está:

Pelo muito amor, preciso é o grande sacrifício. Quem o faz, cõscio de que Deus o protege, afirmativo e desde já vitorioso?...

Fui agora despedir-me do tenente Augusto Casimiro, que ia juntar-se ao seu regimento.

... Ainda sinto o heróico frémito que o levava.

4-5-916.

(*A Águia* — Órgão da Renascença Portuguesa, Porto, vol. IX, 2.^a série, Janeiro a Julho de 1916.)

A ALEGRIA, A DOR E A GRAÇA

- 1.^a edição: Renascença Portuguesa, Porto, 1916.
- 2.^a edição: Renascença Portuguesa, Porto, e Anuário do Brasil, Rio de Janeiro, 1920.
- 3.^a edição: Livraria Tavares Martins, Porto, 1956.
- 4.^a edição: Lello & Irmão, Porto, 1983.
- 5.^a edição: a actual.

A ALEGRIA ^(a)

As almas verídicas (porque há aparências, esboços d'alma) nutrem-se dum único alimento — o absoluto.

Procurar a substância, as relações totais das cousas ^(b), o que é, para além do que aparece, eis a ansiosa tarefa das almas.

O homem comum vive numa concha, formada dos seus hábitos, depósito dum longínquo ^(c) arranjo social.

Não se interroga, não pressente que, em torno dessa concha, marulha um infinito Oceano, removido de infinitas actividades e formas.

^(a) O estabelecimento do texto de *A Alegria, a Dor e a Graça* é feito com base na 2.^a edição, anotando-se em rodapé as discrepâncias com a 1.^a edição. Segue-se a 2.^a edição e não a 1.^a na suposição de que as discrepâncias de texto que se verificam não podem ter-se dado sem a intervenção do próprio autor. Por outro lado, anota-se que esta obra de Leonardo Coimbra foi, até ao momento, objecto de tradução em duas línguas estrangeiras: do português para o castelhano, em Espanha, por V. del Pedro, com o título *La Alegría, el Dolor y la Gracia*, Colección Contemporánea, Espasa Calpe, 1921; do português para o francês, na Bélgica, em 2005, pela editora Orfeu, de Bruxelas, com o título *La Joie, la Douleur et la Grâce* (tradução de Marie Claire Uromans; prefácio e revisão da tradução pelo Prof. Doutor Arnaldo de Pinho), sob o patrocínio da Câmara Municipal de Felgueiras. Seja porque a tradução para castelhano labora numa certa liberdade em relação ao texto da 2.^a e 1.^a edições e não faz supor a intervenção do próprio autor, seja porque a tradução para francês saiu a público em momento em que já não era possível considerá-la na presente edição de *A Alegria, a Dor e a Graça*, dispensar-nos-emos de ter em conta quer uma, quer outra, no aparato crítico da presente edição.

^(b) A 1.^a edição usa «o íntimo das cousas» em vez de «as relações totais das cousas» (p. 7).

^(c) A 1.^a edição usa «secular» em vez de «longínquo» (p. 7).

No entanto, ele mesmo acredita na absoluta solidez da sua concha, ele mesmo tem um direito e um dever. E quem deve, crê na singular excelência do seu dever.

Por maior que seja o círculo do cepticismo, alguns pontos sólidos, alguns *núcleos de realidade* se encontram, donde em onde, //
8 inexprugnáveis e serenos, sob o embate vertiginoso da dúvida.

Entre eles, elevado e rútilo, como no meio dum oceano brumoso, soberba Montanha de verdes pâmpanos e poeiras de Sol, abre em asa o *Píncaro da Alegria*.

Nenhuma expressão mais clara, mais viva, mais fresca, mais originária e directa que a Alegria!

Tão directa que quase não é expressão!

A alegria dum manhã é a expressão das vidas que despertam, do grande abraço de luz que as enlaça e acorda?

Não será antes, muito simples e imediatamente, o espectáculo, sem cessar renovado, da Criação?

O que é uma manhã?

A obra dum *Fiat* arrancando ao *Caos* um *Mundo*. Que imenso Escultor é esse, que aí surge a talhar o Mundo?

Olhai: não há formas, tudo se diluiu em treva; cada ser, cansado do esforço de se isolar, abandona-se e adormece, *dese-goíza-se*.

Podeis ^(a) dizer que os indivíduos permanecem, porque se acendeis a luz, eles surgirão.

E não vedes, inteligências da superfície, que a luz vos é emprestada pelo Mistério, que quereis negar?!

Podeis dizer que acordais de noite e vos sentis unos e conscientes.

Como me rio das vossas mentiras!

Sois, então, unos; sois, então, indivíduos?

9 Pobre individualidade! Nunca andastes em // procura da própria cabeça, supondo-a para os pés?!

Vamos para o Silêncio do Mar ou da Montanha, porque o ruído ^(b) altera todas as relações do homem com a Verdade.

Se acordais de noite, sois bem a unidade que se conhece, corporiza e possui?

^(a) A 1.ª edição usa «Podeis» e a 2.ª «Pode» (p. 8), mas o contexto requer «Podeis».

^(b) A 1.ª edição usa a forma maiúscula «Ruído» (p. 9).

Porque é, então, que ao vosso lado sentis a presença d'alguém ^(a) que não fala e não respira, mas se debruça sobre vós, assiste à vossa vigília e vem regelado do frio, que a sombra entornou sobre a terra?

E a opressão do Silêncio?!

Como vos sentis transparentes e atravessados pelos seus olhos ausentes e concretos, vizinhos, próximos, íntimos, furtando-se numa fugidia, inatingível concavidade!

Se as manhãs se comprassem, todo o oiro dos homens seria teu, ó Sublime Escultor!

Para apressar uma hora o teu *Fiat*, quantas fortunas acumuladas em largos séculos te seriam oferecidas!

Todas as Noites o Mundo regressa ao Caos, os indivíduos morrem (o que é o sono?), as formas apagam-se, os seres descansam do dramático esforço diurno no amoroso amplexo da *Unidade Maternal*.

Pela Manhã, o Escultor levanta as formas, o Pintor estende as cores, e o Milagre da Ressurreição, num permanente e eterno drama, bóia à flor do Mundo no indistinto e universal sorriso da Luz.

Eis a primeira Alegria: a Alegria da // Aurora. As vidas não despertam, renascem; e eis porque cada alvorada é inédita, sem par.

10

O Mundo sai do Caos todas as manhãs. Louvores à primeira Alegria, que é a perpétua vitória sobre a Morte, a *renovada* e eterna Criação.

É a Alegria da cotovia e das crianças!

No primeiro sorriso luminoso caminha embalado o canto da cotovia e a babélica garrulice da humanidade infante.

A criança nada e canta na luz matutina. Olhai o pequeno bebé: todo ele é movimento para o Oriente, inconsciente, rápida e decisiva oração de carne; todo ele, como imponderável, se agita, soergue e balança na réstia de Luz, que lhe beija os cabelos; todo ele grita, se atira à Luz, lança a treva da palavra, crepúsculo da alma que se avizinha.

Vindas da *Unidade Maternal*, as formas apenumbreadas conservam-se fora de limites nítidos e isoladores. A vibração inicial não se estendeu ainda à superfície definitiva, brinca no Espaço como se fora seu, exibindo na agilidade graciosa do seu descuido o poder infinito donde dimana.

^(a) A 1.ª e a 2.ª edições usam «dalguém» em vez de «d'alguém» (p. 9 e p. 9, respectivamente).

Nas proximidades da Origem, é, para uma criança, mais no seu espaço ^(α), mais em contacto, o Sol, que lhe osculou a fronte, que as próprias mãos do seu corpo.

O sorriso dum criança adormecida é a espuma da Alegria flutuando sobre a sua mesma oceânica fundura.

11 Não vos parece, quando debruçados sobre // ela, que a sua inocência *sorri* à parte de inocência originária, que em vós, oculta e tímida, ainda subsiste?

Eu sei dum família que foi assassinada pelos criados infiéis, escapando apenas uma débil haste, que era então uma criança de dois anos. Os outros eram fortes e corajosos montanhesez armados e, por aquele vago originário, que nos cerca e é a presença da unidade, vagamente prevenidos. Sucumbiram.

Talvez que o seu sono os exhibisse em cadáveres de ambição e terrenos cuidados!

Uma criança adormecida era a risonha e serena inocência, a imaculada Alegria. Foi como se o Sol ^(β) entrasse no peito dos algozes; fugiram, com ela ao colo, a gritar ao mundo o clamor dos seus remorsos.

Na prisão confessaram que estrangular a criança lhes pareceu um *acto materialmente impossível*.

E, agora (e antecipadamente, porque pertence ao Reino da Graça), eu sei de outro caso em que a palavra dum menino pôs em sobressalto uma das almas mais desvairadas de infinito, de abismo, de certeza heróica e transcendente.

Conheceis o *Cego do Maio*?

Foi um poveiro. Era um Neptuno baptizado. Não era o tridente a arma com que comandava as ondas, mas a sua alma, plena dum superior destino.

12 Sabei que aos gritos de socorro que o naufrago erguia num clamor anónimo, respondia // no seu coração um eco de lembranças piedosas, de orfandades, de viuvezes, e na sua alma nascia o direito de emendar a existência, a certeza da sua superioridade de comoção sobre a bruteza do oceano convulso.

E num barquinho ele se partia, assaltado pelas ondas, guardado pela certeza da sua missão...

Voltava coberto de espuma, a sua alma era a Alegria do dever onnipotente.

^(α) A 1.^a edição omite o itálico na expressão «seu espaço» (p. 10).

^(β) A 1.^a edição usa a forma minúscula «sol» (p. 11).

Esse herói era sereno, duma mansidão patriarcal.

Certo dia, um pescador importunou-o a ponto do Cego lhe prometer castigo.

Um filho do importuno, puxando-lhe pelo casaco, disse — Cego, não batas no meu paizinho...

O herói tomou a criança, beijou-a e largou a fugir precipitadamente...

Não conheço gesto humano que tanto valha, quer dizer, que tão claramente exiba a divindade dramática do homem.

Há frases, isto é um acto.

Nunca a carne foi tão nitidamente pensamento, ansiedade metafísica.

Homens houve que souberam pôr, *em concreto*, a alma acima do corpo.

Sob os olhos da Alegria originária, da unidade amorosa, aqui, é na própria carne que se passa o drama, é ela que *actua* este pensamento: *foge à tentação, foge de ti mesma...*

Maravilhoso exemplo da complexidade das relações entre o ser e a aparência: *o herói // quer em si a alma infantil a que obedece e vê que só na ausência do corpo ele possuirá a sua presença.*

13

Quem ensinou a este rude pescador a dialéctica da aparência e da realidade?

E, no entretanto, onde a aparência inverte, ele sabe, *em carne e osso*, refazer a realidade!

As recônditas harmonias das cousas descobertas pelo pensamento, as harmonias do pensamento e das cousas, o mundo resolvendo-se em teorias científicas, a ciência adivinhando o mundo, tudo é ultrapassado pela simples atitude dum humilde homem do mar, que quer *estar de acordo* com uma criança!

Grande é o homem, que conserva sempre em si a luz das primeiras horas; é água à boca da fonte, fogo interior aflorando em jeito de afeiçoar a Terra.

O Universo vai para o Uno da Graça, vindo do Uno do Caos.

É Caos, multiplicidade dispersa, multiplicidade amorosa. E é-o contemporaneamente. Não há uma evolução rectilínea que do Caos leve à luz; há, agora e sempre, identidade de origem, pluralidade de seres e identificação final pela penetração amorosa.

As primeiras horas são de Alegria inocente, anterior ao pecado original.

Impropriamente se chama original ao *pecado das criaturas*. Este é a absolutização de cada criatura, esquecida a origem, tentando

14 uma ilusória unidade pelo aniquilamento do // Universo, pela absorção dos outros, pela onnipotência da parcela volvida em todo.
A criança é anterior ao pecado das criaturas.

Ela é a promessa infinita, o homem a exígua realização.

Aplicar à criança as medidas do homem é uma amputação criminosa.

Saudemos, nela, a Alegria originária, a *mensagem do Desconhecido*, a emoção de todos os seres e de todas as cousas diante do milagre da primeira palavra!

Como em torno de si o Universo é misterioso, opulento, cheio de maravilha e perpétuo encanto!

Imaginaí um rio, de repente solidificado em toda a extensão; eis o Universo do homem descrepusculizado da Origem.

Imaginaí as árvores, as montanhas, os caminhos fluidizados, todas as cousas de contornos errantes; eis o Universo da criança e do homem que a conserva...

Conservar a infância é qualquer coisa como guardar um sinal da origem.

Parece que, quando morrer, o homem, que a conserva, será reconhecido jubilosamente pela mãe comum, como essas crianças perdidas, que, por um sinal, a desolada mãe reconheceu e reouve.

Conservar a infância é levar dentro de si, desperta e pronta, uma misteriosa lâmpada capaz de conduzir a luz até à alma das cousas.

15 É ter olhos sempre abertos sobre as // maravilhas patentes, nunca satisfeitos de admiração e louvor; boca fremente dos beijos não dados, mãos ogivadas de tentação, joelhos jamais ^(a) cansados da grata humildade da prece.

A infância está no limiar de dois mundos.

Sorri ao que deixou (antes ao que vai deixando), e inclina-se, cheia de precoce cisma, sobre aquele em que vai entrando.

Pisa a medo o chão em que se encontra.

O Medo?! ...

Primeiro alvor do Mistério, forma primitiva do heroísmo e da santidade.

Forma primitiva?

Primitiva, e, como tal, acompanhando sempre o homem de génio. Sabei-o, sólidas esferas de certeza, que sois a humanidade estagnada. Na vossa infância (sim, porque tivestes medos) fostes

(a) A 1.ª edição usa «nunca» (p. 15).

a pequenina luz, que, em S. Paulo e Pascal, foi incêndio abrasado, clarão iluminando todo o Espaço, para além do sol e das estrelas.

Pascal é uma consciência desorbitada, o seu foco é o Abismo.

O seu pensamento tem a atracção das alturas, dobra-nos sobre o vórtice, e eis que começa o turbilhão inquieto, a tempestade de alma ^(a), o assombro divino, o medo que clama e chora até encontrar o seio carinhoso de Jesus, onde *adormece sorrindo*.

A criança não *fixou* o mundo, não tem sensações desbotadas, não apagou as penumbras, os laços ténues que partem de ser para ser.

É a hora da Manhã, de contornos fluídicos, // de sombras e penumbras alargando as coisas ^(b), alongando a rocha, em fantasma de sonho, até à relva, à flor campesina, à raiz da árvore.

Olha um caminho e não sabe onde irá terminar, quem o percorre, quem o habita em cada recanto das margens.

Ali, duma moita de frescura, do interior duma humilde moradia sai um cristalino rumor de águas cantantes.

É alguém bondoso e suave, o Senhor das Águas, que prepara a líqüida alegria dos seus refrigérios.

Mais além é uma furna, que murmura à sua passagem, que lhe repete as falas, que multiplica, em eco, as alegrias do seu verbo diáfano.

É a habitação duma fada, menina e rosada, filha das árvores, que em corpo musical o vem receber, e em subtil e saudoso corpo de lembrança ficará a recebê-lo, quando, já homem, ali passar.

Agora é um fojo bravio, com um ruído seco de urze e mato revolvido.

É o terror, o medo arrepiado. É uma cobra que corre a esconder-se com a última vítima fresca e palpitante de pânico — a delicada avezinha, que, ainda há pouco, no cimo da árvore sobranceira, era um dilúvio de sonora alegria.

E os ciganos, que roubam crianças?

E os pobres, que tantas vezes são encarnações de grandes almas?

Onde o homem precisa do testemunho histórico, a criança vê imediatamente. Para nós, // S. Francisco de Assis é uma realidade tão difícil que muitos preferem negá-la, como *aparência* dum monoidéismo doentio.

^(a) A 1.ª edição usa «d'alma» (p. 15).

^(b) A 1.ª e a 2.ª edições usam «coisas» em vez de «cousas», como habitualmente (p. 18 e p. 16, respectivamente).

A criança não dá ainda aos valores sociais do vestuário, bens de fortuna, etc., o valor de isolamento em casta, que nós lhe atribuímos.

O pobre é o misterioso aventureiro, que vem dos longes dos caminhos, só ele sabe onde estes vão dar.

Aquela terra doirada, donde vem o Sol, talvez seja a terra dos pobres; eles vêm de lá tantas vezes!

E que lindas coisas eles sabem dizer e contar...

Quem os acompanha, em nome de quem se apresentam eles, os pobres?

Não é em nome de Jesus, o amigo dos pequeninos, o pequenino amigo, que, pelo Natal, nos visita e *alegra*?

Depois que homens!

Não ficam eles, de noite, nos caminhos? Não atravessam montes de lobos e serpentes, terras de homens maus, que ameaçam e praguejam?

A noite tão negra, em que tudo o que é bom e amigo adormece, e, à solta e livres, só ficam as corujas, as cobras, os ladrões e os lobos!

E eles adormecem sossegados, cá fora, no meio de tantos inimigos soltos!

Sim, são bem heróicos, os pobres caminhantes! //

18 Admiração profunda, para meditar, é esta das crianças pelos andrajosos mendigos.

O que os protege, quem os guarda do frio, dos terrores da Noite, das ferocidades escondidas?

Os homens não pensam nestes nada. E, no entanto, não há melhor apologia do cristianismo.

É que Jesus anda com os pobres, talvez seja algum deles a experimentar os homens, pensam as crianças.

E não será assim?!

Não é, tal mendigo, um Jesus crucificado na sua indigência, na fatalidade da matéria humana, que encarcerou o fraterno espírito amoroso na imobilidade das instituições sociais; não é um Jesus liberto e divino na humildade com que aceita e abençoa o Céu, na magnanimidade com que perdoa aos homens e os chama seus irmãos?

Para a criança é certo que o pobre representa uma realidade pujante e poderosa.

Nós sabemos que em cada freguesia há um regedor e em cada concelho um administrador, cujas autoridades têm sob a sua mão a liberdade do desconhecido, que passa.

A criança ignora-o, e, para ela, esse desconhecido é o senhor dos horizontes, das grandes estradas sem fim, o aventureiro dos longes, que, de repente, surge, marcando com a sua sombra a nevoenta volta dos caminhos.

Nós, os que cercamos a criança, é que // somos limitados, sempre iguais, quase sem enigma, sem ignoto, erradio rumo. 19

E eu não posso furtar-me a confessar aqui o meu acordo com este infantil sentimento.

Sim; quando, ao longe, na extrema linha do horizonte, vejo levantar-se, na branca, poeirenta estrada, o vulto andrajoso do solitário da Montanha, que desce a pedir o pão; eu vejo-o mais vizinho do Sol, mais perto dos mistérios do Vento, como que ensaiando, no extremo do planeta, o voo que o lance a uma imaginosa maior vida de Além-Terra.

O Medo!?

Um desconhecido aproxima-se de nós, e logo lhe pedimos a naturalidade, a profissão, tudo o que sirva para o não *vermos*, para o não *sentirmos*, para, em suma, não *simpatizarmos*, e, para reduzido ao estrito formalismo dos nossos catálogos, ser apenas um geométrico esquema de homem, etiquetado com um António, um Manuel ou Francisco.

Vede como a criança cerca o desconhecido.

Ele é para ela um condensador de invisíveis e terríveis forças ignoradas.

Fazei saltar a faísca duma máquina eléctrica e pedi ao camponês espectador que vos transporte a máquina.

Recusar-se-á a pegar nela, como objecto mágico e perigoso.

Sob a terra revolta e humedecida produzi acetileno e acendei-o, logo o camponês gritará que a terra arde.

É assim que a criança olha o desconhecido. //

E não é o medo dum malefício pessoal; conquistai-a pelo carinho, ela confia-se, mas, de olhos abertos de curiosidade, há-de espiar todos os vossos gestos e palavras. 20

Como ela segue atenta as nossas conversas, feitas de palavras, cujo valor de utilidade e troca ela não conhece!

É o espectáculo do novo, é a alegria do som, da luz, do movimento, que a encanta e prende?

Anacreonte tinha o cuidado de viver a hora actual, a criança vive sempre o descuido de cada hora.

Desinteressado Poeta, único impressionista real!

Inspiração nativa, vital, directa, interior aflorando à superfície.

A imaginação do homem vulgar é uma faculdade de arremedo: como o vento faz as dunas juntando areia, ele imagina ligando os dispersos elementos das cousas.

Todo o homem é atomista; o atomismo é, com efeito, o mais plebeu dos sistemas. Ele é a pedra-de-toque do falso aristocratismo de Nietzsche, ele é, em relação a Nietzsche, a amiga do general Bonaparte, na corte do imperador Napoleão I.

A imaginação infantil é criadora, e a parte que nos Poetas criou os serafins e as ninfas era o que neles restava da faísca original.

21 Por isso, nas medidas dos homens, são as crianças mentirosas. Sabei-o, minhas velhas tias: as crianças nem sempre mentem ^(a). Criam, // como o grande Camilo, o seu romance, o seu drama; e é, por isso, que os vossos sobrinhos, como o grande Camilo com os seus livros, vos faziam às vezes chorar sem bem saberdes porquê.

Porquê?

Eu também não sei porque o meu filho me comove e inquieta. Às vezes, no meio dos contos que ele me sabe contar, vejo a amanhente alegria do seu rosto velar-se duma rápida sombra, como de Alguém que se debruçasse a olhá-lo nas meninas.

O Destino, a sombra que a sua luz faz brotar da maldade exterior?

Um dia (permiti a recordação), devia eu ter quatro anos, inventei um casamento, assisti ao jantar, ouvi discursos, etc., etc.

No dia seguinte fui descoberto (porque tinha sido acreditado, a verdade impõe-se) e repreenderam-me. A minha generosidade paga-vos o castigo, evocando-vos neste lugar, saudosos guardas da minha infância!

Deixai mentir as crianças, as desinteressadas mentiras da sua imaginação, oh pedagogos de tantíssimos óculos, pós e sabedorias!

A mentira infantil é um jogo de cores, é a luz originária tamisando-se na névoa do mundo, é o Caos anterior mal sopitado que bate de novo à porta, é a Vida criando-se representações para desinteressadas estesias de Beleza, é a multiplicação dos sentidos, novos olhos para novas cores, mais ouvidos para a música interior dos movimentos. //

^(a) A 1.^a edição usa «não mentem» em vez de «nem sempre mentem» (p. 24).

Aqui Nietzsche é a sublime criança, que vê o mundo como pura representação estética, eterno espectáculo de renovada Alegria. Tudo é Mistério — eis uma afirmação comum à criança e ao homem de génio.

O homem de génio partiu da infância, percorreu o mundo e voltou com os mesmos olhos infantis, cheios das mesmas interrogações.

A primeira, a imediata convivência com o exterior é para a criança uma obra de sociabilidade.

Não o é para o homem de génio?

Não é o mundo de Platão, não é o mundo de Leibniz um regresso saudoso à primeira e irreduzível analogia?

Se queremos penetrar para além das mais exteriores e insignificantes relações, não temos de atender à basilar atmosfera de pensamento, que tudo envolve?

Não é regressar, após longas ausências e trabalhos, à primitiva certeza da intimidade psíquica de toda a realidade?

Mistério opulento, vitalíssimo é o Universo para as crianças.

— Quem é o pai da Lua?...

Qual não é o poder mitogénico desta pergunta duma perdida e sempre presente criança de três anos!

Em torno das crianças, mil seres desconhecidos vivem e actuam.

E a frescura das sensações!

Porque é que, por todas as terras, se estendem certos modos de brincar? //

Em toda a parte^(a) foi, e é, para as crianças, um encantador divertimento, o das bolas de sabão.

Não teria a sua reminiscência prestado bons serviços a Newton nos seus estudos da Luz?

Como as cores e as imagens mudam, brincam, se perseguem e expulsam!

E depois subir, subir, até às nuvens; sabe-se lá até onde!

A ansiedade de subir!

Qual a criança que não estremece de profundo júbilo à mais ligeira vitória sobre a gravidade?

Qual a criança, que não viu mil rebanhos, que não teve a visão védica de campinas e gados, passeando o azul nos flocos das nuvens?

(a) A 1.ª edição usa «Em toda parte» (p. 27).

Ah, a doçura, a macia carícia duma nuvem branca, banhada de Sol!

Quem, senão as crianças, tem sentidos para, sem utilitárias interpretações, sentir simplesmente *o que é?*

Em que consiste a Beleza?

Na unidade duma diversidade, revelada, patente e fácil.

Uma rosa é bela, porque todas as suas partes estão unidas por um comum destino, e porque esse destino é tão *facilmente* atingido que sobeja um sorriso, um luxuoso excesso.

O corpo da Beleza é o disperso, que é a sensação; a sua alma é a ideia, que é a unidade.

24 A frescura da sensação é indispensável // ao conhecimento da Beleza. Mais. Só, por si, a sensação já é o ser estranho, que nos penetrou, pondo entre ele e nós o abraço duma Unidade, que nos liga.

A sensação corresponde a intuitos do Ser, possui um valor de realidade, que nada pode substituir.

Ela é para a criança uma revelação, que a vai destacando da névoa que a envolve. É a imensidade do firmamento, que encanta e atrai a sua alma para o longínquo azul; é o silêncio dos afastados ermos, que solicita palavras capazes de o encherem.

Esta atracção misteriosa, audaciosa e tímida, que sobre nós exerce o Espaço, é ainda um sonho infantil, um estremecimento do nosso ser íntimo, que, como a Natureza dos antigos, tem horror ao vácuo, e em tudo quer pôr o acordo da sua compreensão.

As sensações de hoje são recebidas como simples sinais, as da infância eram qualquer coisa de absoluto, soberano, vital. E, se hoje queremos evocar uma sensação, que não seja escorregadia, incoercível e fugaz, que tenha um timbre de segurança e permanência, é à nossa infância que temos de recorrer.

25 Certo aroma de musgo e terra humedecida, pela chuva duma trovoada; certo desvanecimento de luz ao crepúsculo, no jardim; tal sensação de estagnação do tempo, uma tarde à hora virgiliana em que os gados vão lentamente a beber; tal sensação de imponderabilidade, de asas; certa complexa sensação de que // alguém chega junto a nós e tudo pára em redor, e, num relâmpago, saltamos, crescemos, por um impulso vindo de dentro e tudo recai no primitivo andamento...

A frescura, a novidade, o absoluto que há na sensação é um Mistério sem labirintos, luminoso, sonoro, cheio de eflúvios.

Pérolas de Cor, de Som, de Perfume é o que no regaço trazem certas manhãs de Primavera e, ^(α) em certas horas do estio, a Cor, o Som, o Perfume crescem oitavas, e as flores, as mulheres e as crianças, prostradas de embriaguez, têm delíquios de emoção... ^(β)

Uma papoula rubra entre os trigais; o assustadiço e teimoso concerto dos grilos; o canto da cigarra, flecha pontiaguda com rápidas oscilações pendulares, ébrio, impertinente, obstinado, fios de limalha caindo e inundando de metálicos, deslizados atritos, a onda sonora ^(γ); o áspero e rascante alerta dos gaios, correndo de árvore em árvore; o remoto e implorativo canto da rola, cheio de longe e abandono; o aroma resinoso dos pinhais; o vagaroso, ondulante perfume dos eucaliptos; o voo marinho das borboletas; vermelhas pétalas de perfume tombando sem cessar; todo o Ruído pleno de cor e aroma, que, a certas horas, abraça a Terra, é ósculo lúbrico, cantante e sôfrego do Sol, filtrando, pelas telúricas carnes, até às nascentes, onde se acalma.

A Alegria rubra de correr ao Sol, sob a abóbada dos ramos dobrados de frutos, de morder a polpa sangrenta das cerejas e ouvir a // água aos gorgolejos, fugir das poças para as tantas bocas de terra que a esperam!

26

A frescura, a multiloquacidade das bordas dos campos, descendo, em miosótis e botões de oiro, até ao beijo das águas, crescendo sobre as pedras, inflando dos lábios verdes, que, sob elas, se entreabriram, levando, de boca em boca, a taça benéfica, correndo em cristalina cascata de sorrisos, esfuziante de gotas, de salpicos, policromizados ao raio que se insinua e os penetra!

E, à tarde, todas as águas soltas, correndo, em travessuras loucas, fora dos sulcos, deslizando inil farturas pelos campos dentro!

E o homem, que as governa, dobrado sobre a enchada, batido ele também, das pequeninas ondas, alteando sobre os seus pés, contando as longínquas carícias do Mar!

E a imensa sombra desse homem, que a luz crepuscular projecta sobre os frutos do seu trabalho!... ^(δ)

^(α) A 1.ª edição usa neste ponto «; e,» em vez de «e,» (p. 30).

^(β) A 1.ª edição usa «.» em vez de «...» (p. 30).

^(γ) A 1.ª edição usa «Sonora» (p. 30).

^(δ) A 1.ª edição usa «!» em vez de «!...» (p. 31).

Renovar as sensações, quer dizer, procurar a pura impressão actual, colocar a alma em face do mundo, com o possível mínimo de memória e utilitário interesse, é um dever de todo o que quer conhecer os inícios da Beleza, e até do que pretende ser leal para com a Realidade.

Esse, o sentido profundo da visão bergsonista e a parte de efectivo valor do impressionismo.

27 Sim. Não é mau desmontar, de vez em // quando, os nossos mecanismos de conhecer e sentir.

Quem sabe à custa de quantos inconscientes despezos da sensibilidade eles foram construídos!

O porquê dos fenómenos não será, em parte, obra do para quê dos homens?

Puros órgãos de conhecimento, livres dum activismo imprescindível sob pena de morte, veriam os fenómenos agrilhoados das tantas cadeias com que os prendemos?

Depois dum forte trabalho de sistematização filosófica ou científica permiti-vos um passeio no campo e tentai deixar em casa as pesadas *correntes de causalidade* com que tudo costumais aprisionar.

Deixai, no fenómeno, a causa e o efeito; deixai mesmo o fenómeno e procurai, até ao possível a passividade da chapa fotográfica, que a luz vem impressionar.

Que reconfortante alegria!

Parece que dedos subtis vos limpam poeira dos olhos, dos ouvidos, e... do coração...

As sensações flutuam, cheias de agilidade, sobre os vossos sentidos venturosos.

O Universo sensível adquire, só por si, um valor inestimável, uma suficiente e preciosa existência.

28 E, se prestais ouvidos ao ritmo da vossa vida interior, ela é humilde e manso regato, levando à superfície, a fugir, como // opalescentes Ofélias, os desbotados corpos das vossas sensações.

Ah, quem pudera fazer regressar os emigrantes!...

A procura de sensações novas, os paroxismos de movimento da vida moderna, o delírio da velocidade; a visão industrial, em suma, dirige a orientação de algumas modernas tendências artísticas. Seria a vida das cidades criando um novo modo de sentir, bem diferente da vida dos campos.

A concentração industrial nas cidades tem, com efeito, amplas influências, modificando até o próprio clima.

A visão cidadina é fugaz, instável, em tremulina permanente.

Imaginal um edifício tombando sobre um lado, vagarosamente, com os materiais em companhia, de modo a desenhar a curva da queda. É o que poderia oferecer a novidade da sensação industrial.

Como sensação é desagradável e contraditória, não o é propriamente; antes uma confusão de sensações, que se toma por sensação precisamente pela impossibilidade de a clarificar.

Por isso a criança, que vive no campo, tem sensações mais nítidas, reais e afirmativas.

A longa preparação biológica do homem não se fez para o destino que a indústria lhe pode dar; o corpo do homem é, portanto, inadaptado a tal destino e tais sensações. //

As grandes velocidades podem mesmo perturbar o natural, o biológico significado das sensações.

O nosso saber instintivo, aquela parte de saber que gratuitamente nos é dado no funcionamento natural dos nossos órgãos, seria falsificado por tais perturbações.

E, sem mais, basta o princípio de Doppler-Fizeau a sugerir ^(α) desconcertantes alterações possíveis.

As sensações industriais não são primitivas, não constituem elementos; dão impressões de conjunto, atitudes do homem para com o seu trabalho, visões da Natureza através dos instrumentos desse trabalho.

E, sendo assim, as escolas artísticas, que aqui queiram buscar inspiração, terão de procurar, não novos elementos de sensibilidade, mas novas formas de afecções sensíveis.

Deste modo o futurismo, com os anexos ^(β), não é mais que um impressionismo da velocidade e movimento industrialistas.

Sob este ponto de vista particular, tem o seu direito à vida nas artes, ou antes, nos momentos artísticos inferiores, antes da intenção psicológica e de significação moral.

Nas sensações dá-se-nos um Universo agradável, rico de vestuários, repassado na sua mínima parcela, de imaculada inocência e irreduzível realidade. É o ser pleno, de cores e harmonias sem termo.

E, no entanto, quantas sensações perdidas // pela nossa descuidada atenção e quantas pela nossa limitada capacidade!

29

30

^(α) A 1.^a edição usa «mostrar as» (p. 34).

^(β) A 1.^a edição usa «e anexos» (p. 35).

Pensai nos sons e nas luzes que se furtam à nossa apreensão e vede as maravilhas do possível.

O homem, que perdeu a vista, é considerado como um grande infeliz, e, no entanto, perdemos quotidianamente o prazer de tantas sensações, somos todos cegos de mil modos.

Alegria de manhã, infantil Alegria da sensação, bendito o eterno fruto do teu ventre!

O Universo luminoso e sonoro, o dia em rumor e comunicação, a noite silenciosa e atenta, vigília de incontáveis sóis!.....

E a Alegria do conhecimento, o júbilo das interpretações?

O que é conhecer, senão alargar a alma a ilimitados horizontes?

Primeiro é tudo bruma, indecisão de formas, espectáculo representado sem intenções exhibicionistas; o perfume sem flor, o líquido sem taça, o mar sem limites nem vidas distintas.

O conhecimento separa os espectadores do Espectáculo, e, de novo, lho revela por uma ulterior inquirição.

Pelo conhecimento se destacam as almas, subidas ondas do oceano a olharem a sua intérmina superfície, para logo saudosas do vale da origem, curiosas de mil visionadas irmãs.

O enigma do conhecimento!

31 Penetrar o alheio, quando a sua compreensão o ameaça dum aniquilamento, duma // assimilação identificadora, que lhe apague a fisionomia!

Há qualquer coisa de terrível no conhecimento, e muita profundidade na ideia ^(α) que o alia com a morte. A parcela, que *representasse* o todo, valia-o só por si; a criatura, que *compreendesse* o mundo, tinha-o em si, *interiorizava-o*.

A compreensão é um monstruoso prolongamento da digestão. Há mais avidez na fome de conhecer que na fome de digerir.

Um cérebro digere mais profundamente que um estômago; um ^(β) microscópio e o telescópio focados para o coração da vida, são mais hipnóticos, tensos e voluntariosos que os olhos da cobra sobre a ave, que, viva e anelante, lhe virá ter à boca.

E, se a digestão faz uma química indagadora, a compreensão para além do átomo, devora novos elementos.

Conhecer, penetrar o *outro*, quase fazê-lo o *mesmo*; ser na onda sonora, o estremecimento que a gera; ser, na voz do ^(γ) sino al-

^(α) A 1.ª edição usa neste ponto «,» (p. 37).

^(β) A 1.ª edição usa «o» (p. 37).

^(γ) A 1.ª edição usa «de» (p. 37).

deão, o frémito do bronze; na silenciosa curva do planeta, o próprio abraço, que o sustenta!

Não ser os outros e conhecê-los!

Surgir no Espaço indiferente e gritar *eu*, para logo voltar a voz, de mil modos diversos a repetir *eu, eu, eu!*...

Oh, a sagrada maravilha do Mistério!

Conhecer, compreender e não aniquilar!

Atravessais, de noite, uma povoação desconhecida. Passais, em rápida carreira, ao longo // da estrada, entre filas de casas. Tudo é treva, apenas a massa da casaria destaca, e, dentro numa ou outra casa, uma luz pálida ou brilhante anuncia o recolhimento pacífico, ou o convívio comunicativo.

32

Quem habitará aquela casa?

Um noivo terno e venturoso estará além? Um pai cercado de família estará a ler, e o que será? Um pai, que lê à família, há-de ler certamente algum dos grandes livros, que tragam, ao seu lar, a santidade dos grandes exemplos, a tranquilidade dos pensamentos eternos.

Por vós passam as janelas, enquadrando afastados pirilampos e sentis a comoção do Mistério.

O que estará dentro desta casa?

Eis uma pergunta, que tem esta formidável paráfrase — o que estará dentro do mundo... ^(α)?

Eis o aspecto exterior deste ser, deste cão, desta árvore, deste homem.

É a sua casa, a morada que habita.

Como será o que está dentro?

Do interior duma casa, ao longo da povoação que atravessais, pode sair uma voz, que vos chame pelo vosso nome; só do centro do Universo ninguém vos chamará... ^(β)

Ah, se, no imenso e frio Espaço, alguma voz nos falasse; se, aos gritos de socorro e aflição, alguém respondesse no Infinito; se, às perguntas da nossa ansiedade, alguém dissesse — *por aí, por aí*, é esse o *Caminho!*...

... Mas ainda é manhã ^(γ)!

O mistério amanhecendo é alegre e suave. // É a alma cheia de esperança, cândida, confiada em si e no que a cerca.

33

^(α) A 1.ª edição não usa «...» neste ponto (p. 39).

^(β) A 1.ª edição não usa «...» neste ponto (p. 39).

^(γ) A 1.ª edição usa maiúscula em «manhã» (p. 39).

É o mistério da força que se ensaia, da liberdade ingênua que se não limitou.

É o mistério da chegada da criança ao limiar duma vida própria, sua; é o mistério da chegada do Povo à vida social.

O que há de mais interessante na Revolução Francesa? Não é propriamente o depauperamento, a consumpção dos velhos organismos e o caos fecundo, donde fermenta a nova vida?

A chegada do Povo é o final dum acto criador; é eruptiva, precipitada, convulsa, como o rompimento da lava.

Alastra, e subverte, é confusão e ruído; mas é originaria, e, por isso, fecunda e cria.

Novos valores, novos heroísmos, novas formas irrompendo, rasgando as carapaças, abandonados restos, impotentes fantasmas do passado.

Todos os movimentos de profundidade afloram, abrindo brechas, rasgando a superfície; na aparência dolorosos, eles são a triunfal alegria da criação.

As instituições humanas perdem o mistério quando já perderam a vida, quando mirradas as abandonou a seiva íntima, o que está dentro.

São matéria, não renascem; são portanto a morte, porque viver é renascer.

Para novo corpo é precisa nova actividade que o forme e sustente. //

34 Essa nova actividade é a força, que se ensaia, ilimitada ainda, forte do mistério de tudo o que *está dentro*.

É o Povo, e eis porque o Povo está sempre mais fora que dentro da vida social. O Povo que chega, é o habitante da nova instituição que criou.

Ele virá à janela, ele terá de compor o edifício, que irá perdendo o mistério.

O Povo, que não chegou, é a força informe, sem limite, ainda, de forma e realização.

É este o motivo profundo do anarquismo de Nietzsche e da parte de anarquismo, que há em todos os artistas.

Nietzsche procurava a Alegria.

O ágil bailarino que era Zaratustra bem sabia que a instituição, o organismo, limita e encarcera.

A Alegria é líquida, amolda-se aos vasos e, neles, sofre aprisionada. Quebrem-se, pois, todos os vasos.

Todo o artista sofre a tortura da forma, e o próprio burguês faz a sua careta ao preconceito.

E que é o preconceito, senão a forma solidificada à espera do fluido que nela há-de vaziar o pensamento?

Penetrar o Mistério, que sublime Alegria!

Mas sede prudentes.

O Mistério é feminino, tratai-o como Mulher.

Um fino tacto, uma comovida e enleada // delicadeza e muito enternecimento vos são precisos.

35

O Mistério não permite violências. Se tentais violentá-lo, morre da violência.

Quando, colegial numa verde cidade provinciana, saía aos domingos a passeio e acontecia atravessar as ruas da cidade, era um rumor de asas, que, dentro em mim, se abriam ao olhar os afastados vultos femininos, recortando a luz das janelas.

Eram primaveras de ignorados mundos a lançarem sobre mim misteriosos perfumes, tépidos segredos, orgias inocentes, bacanais castíssimas; e o corpo, em jeitos de alma, evocava castelos à beira-rio, jardins sobre terraços ao crepúsculo, ânforas de águas carregando pajens, brancos jasmims esparsos, todo um mundo de brandura, enlevo, afago, devoções, renovados encantos de novas harmonias.

A Mulher era o Mistério.

Mistério próximo e todavia inabordável se nos falta a firmeza, se, dos nossos sentidos e jeitos, é ausente a humildade atenciosa.

Brutalizai uma Mulher e sereis um Moisés-Satã, invertendo o milagre de Horeb.

A água volve-se rocha; a lira, que a todos os ventos ressoava^(α), dizendo ocultas e nunca ouvidas falas, vai imediatamente calar-se. Nada mais será que um efeito do vosso mal, uma caricatura da vossa violência.

O Universo é na vossa frente; virginal e sedutor, tenta-vos. //

Conquistai-o: ^(β) mas que fique sempre virgem, só assim vos continuará a seduzir.

36

O Mistério é uma Mulher... ^(γ)

^(α) A 1.ª edição usa «era uma harmonia» em vez de «ressoava» (p. 43).

^(β) A 1.ª edição usa «,» em vez de «;» (p. 43).

^(γ) A 1.ª edição usa «.» em vez de «...» (p. 43).

A primeira fisionomia do Mistério é, já vimos, uma convivência imediata com o todo, desprevenida e todavia tímida, uma confusa distinção dos outros com uma vaga comunicação com todos, uma integral referência do mundo ao prazer, partindo-o em bom e mau, isto é, em Luz e Trevas, em Cor e Escuridão, em Som e Silêncio, Sol e Noite, em palavras da família e vozes dos estranhos.

É um rápido momento de instantânea vida sensual e começa logo a Alegria da dupla criação, que em nós se passa.

A criação do nosso corpo, isto é, o simples trabalho da Natureza física e a actividade da nossa imaginação penetrando e interpretando a existência.

Um primeiro estado de homem, quietação de adulto, segue-se ao primitivo deslumbramento. Entre a primeira infância e a puberdade houve um momento de estagnação, de uma passividade imitativa da vida em moldes exteriores e alheios.

37 É assim que as almas de permanente visão própria e brumosa, aqui como no definitivo // estado adulto, conservam a primeira infância, unindo-a com a puberdade.

A precoce puberdade tem sido notada como uma propriedade das grandes almas.

Não é um estado que se adianta e nasce fora do seu tempo, mas antes um estado que se continua sem interrupção.

Não é a puberdade que chega mais cedo; mas a fluidez das almas, a existência individual vaga e com as ligações cósmicas ininterrompidas.

A puberdade é, com efeito, a vitória da primitiva Alegria, de Unidade Originária, sobre o primeiro sono das forças criadoras, no automatismo ^(α) das organizações já criadas: degradação materialista do íntimo esto vital.

É a reconquista duma plenitude exultante, é o Oceano petrificado fundindo o seu uniforme corpo de gelo e abraçando, em febris ondas vivazes, o verde corpo da terra.

A lua meridiana agita o torvelinho das águas, lança-as em correrias pressurosas, levanta o Oceano para além de si, para o longínquo e desfalecido satélite.

^(α) A 1.^a edição interpõe neste ponto a palavra «actuante» (p. 45).

A puberdade de novo atira o indivíduo para fora de si, numa ansiosa insatisfação, num vago sentimento de perdas comunicações a reaver.

Quase todos os instintos são, no indivíduo, ligações com qualquer coisa que o excede; ordinariamente servem o indivíduo à colónia, à sociedade ou à espécie.

No homem o instinto amoroso coloca, // desde logo e na sua imediata realidade física, o foco da vida individual para além de cada indivíduo. A imaginação permite ir nesse impulso, no sentido da torrente, para os lados da origem, e pressentir, no estretecimento amoroso, a longínqua analogia que explique a atracção dos corpos, a unidade da Vida, a centralização dos mundos.

Bem parco o amor humano que não subiu em compreensão de si, até encher de significado as belas palavras pitagóricas da *harmonia das esferas!*

Sim; o amor, cujo lirismo não trouxe a si os astros e os lírios, foi um bem insignificante impulso, mal abalando o homem do seu pesado equilíbrio de coisa bruta.

A carne tem a sua dialéctica, é uma diversidade esparsa; requer a síntese que a reconduza à unidade a enriquecer-se de novos poderes.

De resto, a carne é um modo do espírito, como o planeta é um modo da estrela que o gerou.

A carne é o início dum tema musical que o espírito continua e acaba.

O beijo começa nos lábios do amante e acaba, a arder em vida espiritual, na estrofe do Poeta.

Pedras soltas, vértebras do dorso planetário, remotos pedaços da Nebulosa Mãe, se vos tocais, irrompe a faísca; ao vosso contacto, como recordações mortas, surge o fogo originário, que é a vossa Unidade! //

Tudo é ruído, dissipação, movimento, reclamação egoísta.

Chega o Amor, e eis a solidão, a comoção, e a timidez.

Sabia-se tudo e eis que a vida animal se desponderaliza; incerto e hesitante, o animal esqueceu a adaptação. Mal sabe andar, a vista perturba-se, o ouvido já não é vigilante.

Todo um novo mundo, em que mergulha, o absorve.

Os corpos dissolveram as formas, são esbatidos; auras de perfume nimbam todos os seres, rios de aveludados óleos embalsamam todas as cousas.

A inquietação amorosa arranca o indivíduo de si, e, numa primeira, palpável certeza, mostra-lhe seres complementares, aléns,

38

39

que acabam a plenitude da sua existência. O problema da existência está diante de todos os seres, interroga-os e não os deixa sem sólidas respostas.

Quem não recorda a tenuidade do seu sentimento de ser, no início da puberdade?

À vida simplesmente vivida, coincidência quase perfeita do crescer com o sentir, à objectividade imediata de tudo o que é, sucede uma hesitação na posse da nossa realidade, uma distanciação entre o imaginado e o imposto, uma fuga de contornos nas barreiras dos dois mundos.

40 E não sabemos, não temos a certeza da nossa existência; somos alguma cousa como companheiros perdidos uns dos outros na // cerração da noite, um despegar de camaradagens íntimas, a separação da sociedade, que é a nossa existência, em múltiplos seres estranhos, um desacompanhamento feito de mortas harmonias.

O egoísmo intensifica-se, queremos ser alguém, que mande, que *afirme*.

Uns afirmam a simples vontade de afirmar e são os que já secaram a Alegria Originária, os prematuros esboços do homem tirano.

Outros querem afirmar, egoízam-se, obstinam-se no caminho encetado e acham-no monótono; olham em roda, e, terríveis máquinas de vazio, começam de fazer a Solidão, a Solidão sem entranhas; os seus olhos perfuram as cousas, caminham em linha recta sem um obstáculo, uma habitação misteriosa, que possa ter interior; os seus ouvidos atravessam as ondas sonoras, os corpos vibrantes, e nem o molde duns lábios, de uma janela que se abre: ^(a) são tudo janelas rasgadas, interiores prolongadas para o exterior, todas as taças esvaziadas, o *dentro* estendido em *fora*, o oceano exaurido, penetrado, posto a nu, a concavidade sideral planificada, exposta em dispersão, multiplicados nada.

E neste vácuo imenso a sua existência não tem apoio, dissolve-se, dilui-se e é, em breve, sombra ténue, palavra sem vestígio.

Como é pouco consistente o seu sentimento de existência!

41 Noutros, extinta a claridade primitiva, é // uma precipitada fuga para o interior, um enclausuramento em sonho, um sono de quimeras.

^(a) A 1.ª edição usa «,» em vez de «:» (p. 49).

O mundo exterior é incompreensível, inabordável, tenebroso
Ahriman inamovível, e esfíngico inimigo. A existência, longe do
Sol claro e rumoroso, estiola-se, aflige-se; é como um misterioso
capricho, um favor, um indiferente acaso das rodas do mundo
passando ao longe da sua esmagável insignificância.

A inquietação amorosa traz a nova certeza; é uma tranqui-
lidade alada.

A Alegria originária readquiriu-se, reencontraram-se as fon-
tes primitivas ^(α) e o sonho irisou-se sob a luz dum Sol renovado.

A carne conhece o seu poder criador e afirma ilimitados ho-
rizontes.

É um frémito pânico, zumbidos de insectos, plumagens de
aves, maresias de pólen, evolações subtis, falas de cores, pro-
fundas vozes da floresta, rentes aos terrosos ouvidos do planeta.

Como longínquo astro correndo pelas alturas a pôr o firma-
mento em rubras chamas, como incessante chuva de púrpura, como
imensa abelha de ouro, pousando de estrela em estrela, e, tonta
de Sol e fecundidade, de asas abertas tombando!

É a teofania da Carne; através dela passam os estremecimen-
tos de Pã, como através dos corpos no Espaço perpassam os mú-
tuos abraços, que os enleiam.

Se o coração do Sol palpitou mais forte, // todo o sistema dos 42
mundos, em todos os corpos, respondeu ao seu apelo!

Maravilhosa unidade em que vogamos embebidos!

Como a existência é certa, maciça e poderosa!

Moço namorado, que nos olhos levas acesos tantos triunfos,
quem te assegura a vitória, senão essa originária Alegria que nos
olhos das virgens cismadoras é névoa de lágrimas soltas, sem
destino que as amesquinhe, luxuosas e pródigas como as pérolas
do abismo?

E a promessa, que, ^(β) em redor, vos anda embalando?

Compreendeis, de pronto, o drama original.

Tudo adquiriu um inestimável valor. E, como se havia de
calcular esse valor, se é a própria face da Alegria que nos sorri?

Que fome de Unidade não é o vosso amor?!

E, que infinita Alegria, o encontro de duas fomes, que se
devoram!

(α) A 1.ª edição usa neste ponto «,» (p. 50).

(β) A 1.ª edição não usa neste ponto «,» (p. 51).

Como é belo este mundo de distâncias e separações! Que perda não seria reduzir tudo a uma simples unidade possuindo-se!

Eis o drama: o mundo é uma unidade que se realiza, o corpo é uma síntese de vida, a conjugação dos corpos uma nova síntese, que opulenta e cria uma maior vida.

Amais?

43 Compreendeis o espaço. Ele aí está, diante de vós, para receber todos os vossos sonhos; para seduzir, pela sua imensidade vaga, o vosso // esforço criador; para se oferecer prontamente às vossas harmonias ocultas; para modelar, em palavra comunicativa, a vossa ansiedade fremente; para erguer, explícito e vivo, o vosso íntimo desejo de nova beleza.

O Espaço é o deus, que recorta os vultos; é também o deus que leva de vulto para vulto, a palavra de União, o amoroso verbo comunicativo, que será a nova carne de triunfal Alegria.

E como ele é dócil!

Se, dentro de vós, existe uma religiosa atitude de adoração, logo ele se modela em tão insinuante concórdia que outra alma, com a vossa, entra a rezar à grande Alegria originária!

O mundo é para vós um símbolo, o verbo da vossa intimidade ansiosa.

Que novo valor não tem esta Natureza, que fornece ao vosso mistério interior a forma reveladora, que é, explícita e patente, a vossa comunicabilidade!

Amar é ter, na imediata unidade, a consciência do fracionamento, o desejo da verdadeira unidade transcendente; é desejar e pressentir a palavra, que prolongue cada criatura até à intimidade doutra criatura; é ser a praia remota, que, no beijo da vaga que chega, recebe o estremecimento das terras d'além do mar.

Pelo amor recebe o Universo uma ideal interpretação de Beleza.

44 Há uma curiosa zoologia antropomórfica // que apresenta o mundo animal como comentário ao homem.

É uma interpretação possível, e, ^(α) dum certo modo, plena de alegria e verdade.

Todos sabem como Carlyle tirou a limpo certas inteligências humanas pela consideração da raposa.

Entre os primeiros livros, que li, conta-se um que apresenta várias fisionomias humanas de tipo zoológico. Todos conhece-

^(α) A 1.ª edição não usa «,» (p. 53).

mos tipos evidentes de mocho, bode, urso, peixe; femininos tipos de antílope, de garça, de ofídio, etc.

E, como comentários à psicologia humana, não se pode ignorar o cão, a raposa, ^(a) o abutre, o cavalo, etc.

No homem há como que a recordação fisionômica e psicológica de todo o mundo animal. Neste sentido, é a zoologia um comentário à antropologia.

Pelo amor é todo o Universo um comentário humano; para o amor é todo o Universo um símbolo, antes, uma sugestão necessária, uma exposição manifesta, o vocabulário disperso que será preciso recolher para exprimir e realizar a própria alma.

Tirai do firmamento as estrelas, o Sol, a Lua, e a cegueira e a mudez do Céu serão a treva da vossa própria alma emudecida.

Uma criatura tende das profundezas da sua vontade para outra criatura; é uma infinita ansiedade de comunicação, uma alma tentando abrir no Espaço uma janela através da qual brilhem as constelações do seu abismo. //

E, como entre ela e o seu foco de atracção, tudo o que se interponha constrange e separa, o Espaço será cheio do seu amor, o Universo será a sua alma dadivosa opulenta de infinitos dons.

O espírito amoroso não se dá simplesmente, esquecendo o Universo no egoísmo da sua afeição; dá, no seu afecto, o próprio Universo.

Seria mesquinho se não absorvesse na sua fome de comunicabilidade os poentes, as auroras, os bosques e os rios, os astros tentadores e as montanhas esforçadas.

Os namorados têm uma insaciável fome de exprimibilidade; as flores, os perfumes, as cores, os aspectos do céu servem essa fome sempre insatisfeita.

É que o amor é a vontade originária, a Unidade envolvente, insinuando-se entre as criaturas como os abraços da onda entre a bruteza das rochas.

Por essa troca de serviços — o Universo dando à alma a forma do seu verbo, a alma dando ao Universo a intenção do seu querer — é realizada uma vida de superior riqueza e unidade, isto é, de maior Beleza.

Por isto, todo o pecado contra o amor é um pecado contra a Alegria, uma perda real e irreparável.

(a) A 1.ª edição usa neste ponto «e» (p. 53).

A educação deveria subordinar-se aos direitos da Alegria, e, pela mesma razão que deixará à infância as ingênuas mentiras da sua imaginação, a exuberância da sua // agilidade, deveria trazer às relações sexuais maior pureza, lealdade e nudez.

Este problema da educação sexual é viciado desde o princípio por múltiplas e particulares razões. É, em primeiro lugar, a visão do púbere através dos interesses e modos de ser do adulto. Erro este, que falsifica não só a moral como a própria fisiologia.

Depois, com a herança de afastados preconceitos religiosos,^(a) etc., é a real, mas oculta, poligamia de muitos, oposta a uma ficícia e aparente monogamia, impedindo a clara e sincera consciência da situação.

Ainda a complicar, aparece um novo aspecto, que só o homem podia dar às relações sexuais.

O homem, ser infinitamente complexo, deu ao primitivo instinto sexual, a riqueza de toda a sua alma.

Sabe-se como, em Darwin, é notável o poder explicativo das modificações animais por fenómenos de sexualidade. Num mesmo sentido se pode dizer que as ciências, as artes e a filosofia são órgãos sexuais secundários.

São, com efeito, um simples prolongamento sem fim da fome da unidade, que o estremecimento amoroso despertou.

Por isso o homem ergue o amor até às mais nobres ideias e sentimentos, até às culminâncias do seu Espírito.

Como consequência desaparece o simples instinto de unidade carnal sob os seus acompanhamentos espirituais. //

47 A unificação carnal pura desaparece com o seu moralíssimo fim imanente de unidade.

Fica o amor dádiva da alma^(b), e, como caricatura do amor pura carnalidade animal, a prostituição, que é o prazer acessório tomado como essência, o meio de unificação tomado como fim, e deste modo, tornado egoísta e separador.

Assim acontece que a maioria, não sabendo nem podendo fundir o aspecto animal com o espiritual, fazendo este o simples crescimento daquele, finge o respeito pelo amor espiritual e pratica, elevando-a a categoria de necessidade fisiológica (como se o

^(a) A 1.^a edição não usa a «,» (p. 56).

^(b) A 1.^a edição usa «d'alma» em vez de «da alma» (p. 57).

prazer fosse anterior ao exercício da actividade!) a prostituição, a busca sistemática do simples^(a) prazer como fim.

Impossível lhe é, pois, uma atitude de franqueza e desempenhada coragem.

O homem chega à puberdade e irrompe o instinto unificador; não é o desejo de um prazer, mas a própria Alegria impelindo-o numa totalidade arquejante para um além que o complete.

Nenhum cálculo estranho à pura fome de Unidade em que todo o seu ser, corpo e alma, se empenha.

Atingiu de pronto um amor de corpo e alma, que, quando perfeito, seria apenas a consciência humana, de acordo com os fins do Universo, repondo a identidade fundamental do corpo e do espírito.

Que fazem os educadores? //

Como a organização social só permite uniões após longa preparação para a luta económica, teriam estes de conseguir o aperfeiçoamento do sentimento total sem quebra, nem desvio.

Seria preciso que o educando, como ave preparando o amor, se aplicasse a embelezar a plumagem.

Em vez disto a hipocrisia dos maiores espalhou, em volta dele, essa forma mórbida, que é a instituição dos mecanismos do^(b) prazer.

Ele experimenta, sem um conselho, sem uma sugestão sábia, no campo mais complexo, confuso, desvairante e desvairado.

As únicas sugestões são, por ele, apanhadas às opiniões dos maiores, opiniões velhacas, falsíssimas e doentes quase sempre.

Pelo que entreouve e vê, toma para si que a mulher é um objecto de prazer, e aquilo que começou por ser um generoso impulso *além de si* toma o aspecto dum simples gozo *seu*, como o dum bom prato, por exemplo.

A castidade, isto é, a afirmação verbal (artes, filosofia e ciência) desse impulso para além de si, torna-se impossível, insuficiente a conter esse impulso desviado, que é já mórbido desejo de prazer.

Se o amor é a primeira manifestação de consciente assimilação do cosmos, de que as artes e ciências são um simples prolongamento, poderia muito bem a actividade artística substituir a posse física num enriquecimento imaginífico dessa posse, tornada assim // em gloriosa refulgência de inéditas virtudes, de nunca sentidas alegrias.

(a) A 1.ª edição omite a palavra «simples» (p. 57).

(b) A 1.ª edição usa «de» (p. 58).

A castidade seria a silenciosa elevação do corpo à altura da alma, o crescimento dum sentimento até à sua esplêndida maturidade, o oculto esforço dum pensamento que procura o verbo em que há-de aparecer.

Mas as hipocrisias pediram à ciência a sua legitimação e, eis as *necessidades fisiológicas* instantes, inibitivas do selecto crescimento da castidade.

Então, como a *carnalidade*, impulso natural para a unidade, se perdeu, é o falso substituto — a prostituição — que aparece legítimo e necessário.

Com efeito, as leis, ao *regulamentarem* a prostituição, reconhecem-lhe a legitimidade.

Assim falsificam o amor, e as almas não poéticas, em que não é permanente a presença *dos outros* ^(a), o sentimento de unidade universal, perdem o único motivo capaz de lhes abrir ouvidos ao murmúrio da Vida cósmica, do Todo que os abraça.

E, desviados para o prazer, eles irão procurar no amor conjugal uma nova fonte de prazeres, que para cada um, se resume no dinheiro que o outro possa trazer.

Porque se cindiu o impulso integral que é amor, síntese da espiritualidade e da carnalidade, perdeu-se a primeira, afogada num cálculo de interesses, substituindo à sólida Alegria criadora, um catálogo de insubsistentes prazeres; perdeu-se a segunda, retirando ao // enlace carnal o que ele tinha de verídico e significativo — a presença, no Espaço, que espalha e diversifica, dum força interior de Unidade que o absorve e penetra, tirando do múltiplo o uno, de dois egoísmos soltos fundindo maravilhosa síntese.

E perdeu-se também o único, vitalíssimo significado que o amor infra-espiritual pode ter: a vibração física dum reencontro de parcelas, a pronta Alegria da unidade que se reconhece.

À freirinha que um amor celestial esterilizava para o homem, poderia suceder a nova freira que o amor carnal esterilizasse para o espírito.

É uma figura que não desagradaria aos pincéis futuristas!

A mocidade tende com toda a sua vontade animal para a apoteose da carne?

Poderíeis deixá-la.

A carne não é impura, é ao pé do espírito, e se o impulso, directo e violento, não foi desviado, não se há-de extinguir na

(a) A 1.ª edição não usa o itálico em «dos outros» (p. 60).

clausura ^(α) da forma; de onda em onda, alargará da sensação à ideia, e sem fim, os círculos concêntricos dos seus braços...



E o Sol sobe. Luz meridiana. Morrem as sombras. Formas lícidas vincam no ar claro. Triunfam os corpos na plenitude das linhas. //

Hora geométrica, hora helénica, hora em que o drama original suspendeu extático. 51

Cada ser é integralmente o seu corpo, nenhuma sondagem no interior, nenhum prumo no abismo.

O Universo liquescente é rútilo corpo cristalino. No ar espesso os corpos marcam formas, ao afastar-se como que deixam um lugar de ausência.

É a hora em que o Universo é legível, em que destacam os caracteres da sua escrita, em que conhecer é contar.

No ar tranquilo não corre um Ruído, tão possuídas de si estão as criaturas.

Hora sem sombras, sem ilusões, sem sonhos; hora tátil em que os seres se reconhecem existentes pela cor, isto é, pelo volume de luz que incorporam.

Hora de silêncio contido; hora em que não falamos aos outros, nem à nossa multiplicidade interna, mas em que ressoamos menos de som que dum vivo sentimento de presença, duma nítida posse de Espaço; hora em que a sensação de ser é tão pujante, que nos aflige e oua.

Nova interpretação do Universo, nova glória da Alegria...^(β)

As formas geométricas, o rigor das linhas, a liberdade que invade o Espaço e o corta, o corporiza; corpos exactos, contornos precisos, a solidez e flexibilidade da linha...^(γ)

Todo o Universo é reduzido a uma // geometria sonora e luminosa; poliedros de cor, esferas de som. 52

Imaginaí um dia de cerrado nevoeiro, em que vos fatigais inutilmente na procura dum rosto conhecido, dum sinal que vos

^(α) A 1.^a edição, com certeza por erro tipográfico, usa «causura» em vez de «clausura» (p. 61).

^(β) A 1.^a edição não usa «...», mas «.» (p. 63).

^(γ) A 1.^a edição não usa «...», mas «.» (p. 63).

oriente, dia em que tudo foge diante de vós, como uma fantasmagoria de mau sonho.

É o informe que se vos furta, que nenhuma relação tem convosco, esfíngico corpo desfeito à aproximação das exigências do tacto.

O Sol espanca a névoa, e, de repente, mostra-vos, em airoso corpo, vigorosas linhas, o sólido mundo da nossa realidade, que a vista contorna, o ouvido escuta e o tacto palpa e empurra. Como ao sair dum pesadelo, é todo um novo mundo de tranquilidade, bem-estar e segurança, que vos sorri. Compreendeis, então, como a geometria é a ossatura do vosso mundo; como ele, sem forma, seria o animal sem esqueleto, irradiado fantasma fugitivo, sem núcleo, ^(a) sem apoio, inválido e insubsistente.

É a hora da acção eficaz, do movimento assimilador. Na infância, o movimento é um permanente excesso das forças construtivas ensaiando-se, revendo a obra realizada. O movimento era um monólogo. Agora prepara-se a conversa de criatura para criatura, o ritmo de cada ser em vésperas de afeiçoar o espaço aos moldes da sua interioridade.

53 O drama original suspende em cada criatura a inconsciente tendência para as outras, a espontânea confusão de vidas, e levanta, em // cada ser, uma nítida existência individual faminta e invasora.

Os seres, abroquelados no seu egoísmo, cortaram as primitivas comunicações animistas e as secundárias comunicações amorosas.

O seu generoso movimento para os outros aprofunda em silencioso movimento interior, até atingir o núcleo, o nódulo do seu carácter.

Uma vez tocado o cristal de rocha deste fundo, sobe em movimento próprio, avança em profundidade, derrama-se em superfície, extravasa sobre o todo, distinguindo, em universal dilúvio, na face das cousas, as cores da sua íntima voracidade.

É a era das conquistas e descobertas, maré alta do querer individual.

Aquí surge o conhecimento como astro num ponto do horizonte, avançando sobre nós, invadindo em redor, até que, abraçado no incêndio das suas labaredas, seja seu todo o Espaço.

^(a) A 1.ª edição corrobora que a falta de «,» que a 2.ª edição manifesta neste ponto corresponde a um erro tipográfico (p. 64).

Desentranhamento universal, obscuridades aniquiladas, tudo é penetrado pelo ritmo dum querer.

Hora desvairada de orgulho em que o homem, sobre o planeta, toma, para uso seu, todo o Universo. Hora de intolerância e voluntarismo, até à completa exaustão de todos os *outros*. *Hora germânica* ^(a) de absorção, triunfal marcha de Satã sob as vestes da própria divindade, condensação das unidades dispersas num só *eu*, em cujo vórtice rodopiam tiranizadas à singularidade *deste* ritmo. //

A Alegria da conquista, da mais alta afirmação de si, a supressão de todas as sombras para que nada nelas oculte o seu mistério, a supressão da própria sombra para que nada aponte a complexidade inassimilável, para que, em absoluta coincidência do *querer* com o *possuir*, apenas exista a maciça realidade da nossa presença!

54

O céu constelado é a própria fronte do homem, como árvore gigantesca opulenta de frutos, carregada de pensamentos vitoriosos. O Universo é o homem. São altas Montanhas, é o imenso mar separando as terras, é Adamastor guardando as distâncias?

Que importa?

Hércules afasta as colunas, Neptuno entregará os seus reinos à caravela ruflante, Adamastor verá, impotente de novo ciúme, o homem violando as Águas.

O homem percorrerá a sua habitação — o planeta — em todos os sentidos; nem as águas, nem as montanhas, nem os ventos podem limitá-lo, ele adquire os novos órgãos e os novos sentidos para, sem partilha, desfrutar a Terra.

Voar?!

O homem voa. E, como num corcel de guerra, corria a apertar o inimigo, será, de asas abertas, que sobre cidades inteiras, irá espalhar os gestos da sua violência conquistadora.

A Alegria de violência é o instantâneo gozo da plenitude individual absoluta, é a força singular inqualificada ^(b) rompendo dum ponto a aniquilar o que a limita. //

Quem não tem sentido a alegria de quebrar, destruir, aniquilar?

55

O niilismo activo é uma libertação de qualificativos, o regresso da força anterior que eles aprisionam a pura força inqualificada, mas real, plena, vitoriosa, exuberante.

^(a) A 1.^a edição usa «*Hora germânica*» em vez de «*Hora germânica*» (p. 65).

^(b) A 1.^a edição omite a palavra «singular» na expressão «força singular inqualificada» (p. 67).

O crime é a erupção da força anterior às normas sociais, específico arranjo das psicologias individuais intercorrentes. Erupção violenta quebrando em fragmentos ameaçadores os receptáculos dessa invisível força anónima.

Quem não sentiu (e para logo o remorso de a ter sentido) a alegria do Souvarine do *Germinal*, quando se debruça no abismo, soltando as águas da catástrofe? Ser grande, ser forte, ser terrível, tem a sua volúpia.

É penetrar, devorar os outros.

Que requintado sadismo mal contido não espreita, da jaula, as sofreguidões do sexo?

Quando liberto, a exaltar o poder assimilador da carnalidade, é o delírio, o paroxismo da carne.

Que mais formidável, uivada vibração da carne, esgotada de molécula em molécula, que a dessa burguesa ^(a) de Zola entregue à carniçaria, ao cio lobeiro do ébrio, fedorento, sanguinário operário que a violenta!

A vontade é uma chama, que arde em todas as atmosferas, tirando de si inesgotáveis provisões de oxigénio.

56 É uma força, com sentinelas que ela própria armou, pois as ideias superiores são // sentimentos activos por acordo e virtude da vontade.

Soltai-a, deixai adormecer as sentinelas; ela será a indomável, a impetuosa inundação dum rio entre pluviosas gargantas. E será alegre e inocente, pois o seu reino não é do mundo do valor e da selecção.

Esta força inqualificada é a deusa de certas escolas artísticas, que só têm de falso a inconsciência e inconsequência com que querem representar estados orgânicos, sistemas de qualidades.

As velocidades industriais, as conquistas do aeroplano são expressões da violência humana qualificada de intentos de subordinação da Natureza à cultura. Pressupondo a sociedade, devem elas viver na realidade social; e, se não quiserem dar apenas impressões, mas intenções, as escolas artísticas, que as *recriam*, entrarão a valorizar, e para cima do industrialismo — órgão — terão de procurar o seu criado — o pensamento.

É que também a violência solta, o ^(b) ímpeto avassalador são apenas momentos, por vezes meras virtualidades, da criadora alegria do homem.

^(a) A 1.ª edição interpõe neste ponto a expressão «do trabalho» (p. 68).

^(b) A 1.ª edição interpõe neste ponto a palavra «estrito» (p. 69).

E, se marcámos o seu lugar, foi somente para não esquecer que, em todos os momentos, a fixidez das formas encobre a mobilidade do fundo.

A opressiva aniquilação da variedade exterior é prontamente substituída pela alegria reconstrutiva. //

Ao trabalho da conquista sucede o da organização, e o homem que tinha devorado o Mundo, ergue-o agora diante de si pelo poder da sua imaginação criadora.

57

À fome segue-se o jogo; à mesa de jantar o tabuleiro de xadrez.

É o momento das cosmogonias mecânicas; dos átomos *figurando* os corpos; da recomposição dos mundos pela ideal junção dos elementos; da reposição na realidade, por uma imaginosa combinação, das primitivas qualidades, da complexidade ingénua e viva das visões originárias.

A hostil obscuridade das cousas, ameaçando a nossa liberdade, é substituída por uma acção dessa liberdade sobre a sua resistência.

Em vez dum *eu*, em face *de outros*, que o isolam, ou que ele aniquila, um *eu* reconstruindo os *outros* por um movimento próprio sobre o contorno estranho.

A imaginação *cria* o novo mundo com elementos tirados da sua acção criadora, ordenados em atenção aos direitos de posse que ela tem, sobre o conquistado e respeitando-lhe, portanto, o seu modo de ser.

É o homem construindo o jogo, servindo-se espontaneamente das propriedades dos materiais componentes.

Esplêndido exercício da Alegria criadora dando-se, no homem, o Espectáculo da criação universal.

O atomismo metafísico é o prolongamento da actividade architectónica da criança, como // esta é a antecipada imaginação criadora do homem.

58

Para apreciar toda a beleza, e, sobretudo, toda a Alegria do atomismo, é preciso lembrar que a *Ilíada* sairia da disposição das letras do alfabeto, realizando todas as formas até esta; que a mais graciosa mulher resultaria dos múltiplos abraços dos átomos até ao desenho do seu corpo; que o sorriso infantil é uma atitude de conjunto desses elementos; que o arco-íris é o milagre sem par do acordo entre as tantas architecturas dos órgãos visuais humanos e as longínquas architecturas, entre si acordadas, dos elementos da matéria e do éter.

Se temeis pela vossa realidade perdida entre tantas combinações a fazer e a procurais, é, então, que vos aparece, mais claramente que nunca, a absoluta estabilidade da vossa existência.

Tudo são átomos em permanentes corporizações?

O Universo é uma reedição constante das mesmas obras.

É o velho «eterno retorno» que Nietzsche fez reviver.

Indefinidas vezes existiu o vosso corpo, indefinidas vezes ele será presente ao *mesmo* espectáculo do *mesmo* mundo.

59 E, se procurardes bem o que é o mundo nos intervalos da vossa presença, ireis encontrá-lo nas possibilidades que pensais, nas múltiplas corporizações precursoras, nas formas geométricas, cristalográficas e biológicas, que, // a partir dos elementos, a vossa imaginação produziu.

É, no fundo, a vossa presença por toda a parte e sempre.

É curioso observar aqui o desmentido solene da Alegria criadora às mais aflitivas ilusões da vossa preguiça.

A actividade humana é rítmica, o que é ainda mais uma face do múltiplo-uno, que é o ser. Após um período de precipitado avanço e assimilação do exterior, vem um período de reacção deste sobre o nosso interior estagnado.

O *eu* assimilou os *outros*, estes reagem sobre ele tentando também assimilá-lo.

Para conquistar o mundo foi mister fazê-lo puro mecanismo de elementos, a unir pela actividade conquistadora.

A isto, aos elementos, chamou-se a objectividade. Esta objectividade foi invadindo o interior a ponto de se tentar uma reconstrução da actividade criadora a partir dos elementos.

E, eis, que aparece a própria criação como um resultado, uma simples combinação atómica. Pois bem, sede consequentes: se a objectividade é um sistema de elementos, estes são em número finito (sem o que não haveria objectividade pura), hão-de esgotar-se as combinações possíveis, e, portanto, a repetição eterna dos mesmos espectáculos trará periodicamente à existência a vossa consciência e o vosso corpo.

60 Se após cada combinação, não é retomado o estado de indiferença perante o possível, é // que um laço intencional selectamente prende à existência determinadas formas; não teríamos a pura objectivação, mas um mundo teleológico, onde os nossos valores estéticos e morais melhor alimento encontrariam.

Quanto à objectividade pura, ela reintroduz a profunda Alegria criadora, em ressurreições nunca acabadas.

Também esta exaustão da qualidade, este aniquilamento de sombra, nunca são completos.

Na luz meridiana a sombra é mínima, mas não de todo desaparecida.

As formas são claras, distintas; mas o próprio Espaço, que as corporiza, é o laço oferecido à sua ânsia de unidade, à solicitação de convívio.

Cada forma resiste na sua individualidade à agressão das estranhas.

Cada ser terá de respeitar as leis íntimas das formas para nelas penetrar de qualquer modo.

Se um corpo entrega a sua *forma* à onda sonora, que, no Espaço, a oferece, ela só será recebida por aquele outro corpo capaz de casar a sua *forma* ao ósculo do som, que o aflora.

O mundo é um conjunto de vultos destacando na luz plena, que os banha, como que mergulhando-os num mesmo mar de loquacidade.

Nunca vos aconteceu olhardes, ao crescer das horas, duas habitações fronteiriças, de encosta a encosta, reverberando ao Sol?

Não parece que, no silencio luminoso, trocam sinais de existência e companhia? //

Todas as formas são habitações, e, se a firmeza do seu desenho é a clara afirmação da sua individualidade, é também um acordo de simpatia que as realiza na Luz, as corporiza no Espaço. De forma a forma ciranda a luz revelando a Cor, quebrando-se em repetidas irisações, enchendo o espaço duma conversação policrómica, fazendo da unidade silenciosa a multidão em rumor.

As unidades são no Espaço, é o movimento a sua linguagem.

O movimento é o esboço da alma, é a síntese dum espaço disperso, a *forma* conservativa, a lembrança presente.

O ritmo duma coisa apropria o espaço próximo, e, nas ondas do éter ou nas vagas do ar, espalha, no todo, o carácter da sua individualidade.

Todo o movimento é o início da inquietação do um ^(α) a procurar no Espaço o acordo com os outros.

Um ponto de ser invade o espaço vizinho, lançando, em todas as direcções, o estremecimento inicial, a *forma* do seu ser, a sua alma actual.

O movimento prolonga as coisas ^(β), repercutindo pelo todo as formas dos seus frémits interiores.

61

(α) A 1.ª edição usa «uno» em vez de «um» (p. 75).

(β) Tanto a 1.ª como a 2.ª edições usam «coisas» (p. 75 e p. 61, respectivamente).

A alma é a mais alta assimilação do exterior por um interior, que se não perde; é uma síntese progressiva, um ponto de realidade inundando toda a realidade. //

62 Assimilação tão profunda e vasta que todo o Espaço abrange, que todo o Tempo é seu.

O Espaço e o Tempo são formas da Aparência, porque a alma *atinge* os princípios que, neles, aparecem.

A alma é o ser da criatura no Ser do Criador. É a flor da *Árvore da Vida* ^(a), por cujos ramos corre a seiva das outras flores.

O movimento é também uma síntese, uma pluralidade unida, uma forma afirmativa.

Nenhum corpo dá no movimento a integridade do seu ser; mas, em todos os movimentos, põe cada corpo a nota da sua individualidade.

O corpo é um espírito instantâneo, disse Leibniz. Ele é, em efeito, uma unidade ténue, uma existência limitada às mais pobres determinações; é quase a simples existência ocupando o seu espaço, respondendo aos outros corpos pela variação desse espaço, isto é, pelo movimento.

O corpo abstracto, o sólido mecânico ideal seria a massa, mero ponto do espaço afirmando a sua individualidade na *forma* de *responder* pelo movimento às *formas* coexistentes.

É este o significado metafísico da lei da inércia — na mais descolorida e pobre existência, aí, ^(b) onde a nossa abstracção mais esvaziou, fica ainda uma colecção de unidades tão ligadas que o *movimento de cada um é a resposta à presença dos outros* ^(c).

63 Este corpo seria o espírito instantâneo: espírito, porque é a unidade dum todo; instantâneo, porque, simples afirmação de // existência, não tem história, mas desligados presentes.

As raízes metafísicas dos princípios científicos, que buscam invariantes, mergulham neste equilíbrio social do universo.

Nem outro é o motivo intrínseco da conservação da ^(d) quantidade do movimento em Descartes e até da correcção de Leibniz pelo que ele chamava a força.

^(a) A 1.ª edição não usa o itálico na expressão «Árvore da Vida» (p. 76).

^(b) A vírgula utilizada consta na 1.ª edição (p. 76).

^(c) A 1.ª edição não usa o itálico em «o movimento de cada um é a resposta à presença dos outros» (p. 77).

^(d) A 1.ª edição usa «de» (p. 77).

Se, com efeito, a mecânica cartesiana pressupõe o que chamamos o equilíbrio social do Universo, o mesmo acontece com a correção de Leibniz.

Este mostra apenas a insuficiência do princípio cartesiano pelo exemplo de dois graves em certas condições.

Mostra-o servindo-se da proporcionalidade de Galileu entre as alturas de queda e os quadrados das velocidades.

Ora a relação de Galileu pressupõe a inércia, que é, como vimos, o *alicerce* do equilíbrio social do Universo.

Sim, é evidente que, para medir, precisamos acreditar na lealdade dos instrumentos de medida.

Toda a ciência é uma obra de fé metafísica no *equilíbrio social do Universo*.

É este um absoluto em que vivemos, e não era indiferente à Alegria a certeza deste absoluto que dá ao movimento, como revelação da presença de todos em cada um, um eterno e imutável significado.

Um dos argumentos, que, em favor da imortalidade da alma, Platão, faz dizer a // Sócrates, é o da sua simplicidade ^(α).

64

O movimento é eterno porque é simples, quer dizer, o movimento não é o fortuito encontro de fenômenos independentes; é, na sua essência, somente a ligação completa, a vibração em cada ser da existência de todos os outros.

E, se o movimento é, como vimos, um esboço da alma, talvez o velho argumento platônico tire uma nova luz destas considerações.

Este leal movimento terá de traduzir os corpos, que, para além da simples massa mecânica, têm as suas qualidades próprias, irreduzíveis a uma simples afirmação de existência, têm os seus moradores.

A cor e o som habitam o interior dos corpos e esperam o abraço do éter ou da matéria para lançar o voo das suas confidências.

As linhas de contorno habitaram em possibilidade o interior dos corpos e são agora somente o espaço conquistado à concupiscência comum.

Cor, som e linha são criações do movimento.

^(α) A 1.^a edição usa a seguinte forma de texto: «Um dos argumentos, que, em favor da imortalidade da alma, Platão, faz, no *Fédon*, dizer a Sócrates, é o da sua simplicidade» (p. 78).

Ele as fez nascer na intimidade dos corpos pelo sentimento da presença alheia, que, neles, representa; ele as conserva e transmite pela capacidade de síntese com que apropria o Espaço.

A escultura, a pintura e a música falam ao homem a linguagem do movimento; é a sua parte de eternidade. //

65 A arquitectura é uma arte de próxima finalidade, cuja beleza é a adaptação finalista; ou, quando de superiores interesses, é uma arte simbólica. O seu simbolismo consiste na representação dos pensamentos humanos pelo elementar movimento dos corpos.

A gravidade é, no mundo físico, o mais amplo abraço dos mundos e dos corpos; o homem todavia sente a prisão do planeta, e, esquecendo o seu íntimo sentido social, revolta-se, por vezes, contra a tirania gravítica.

Na arquitectura gótica ele procura dispor os graves de forma que, aligeirados e subtis, pareçam libertos do planeta cárcere.

Sob este motivo principal, em estilos derivados, mil levezas locais, assomados de rocha que se espraiam de quando em quando, labores delicados que filigranam a pedra.

O templo grego é ágil e sereno, pagão e contente. A gravidade, que, dando o homem ao contacto amoroso da Terra, ainda o não furta a um céu distante, pois o céu é o próprio manto da Terra.

A escultura há-de dar a linha geométrica, o limite da forma; mas tem de dar a linha como o instantâneo da vaga, que, deixando a praia, nela desenhou, palpitante e vivo, o aromático corpo.

As fronteiras dum país não são os estagnados marcos convencionais, mas sim a linha onde morre a palavra maternal, lá o extremo férvido e quente dum coração a pulsar. //

66 As linhas dum corpo são o beijo duma forma a realizar-se.....^(a)

E que as linhas podem, em preformação, avassalar todo o Espaço, di-lo Rodin naquela metafísica cabeça, d'entre penhascosas cadeias, medindo o Universo, que contempla.

A pintura é a eloquência dos corpos sob a inspiração da Luz.

Os corpos bebem luz, a sua sede contente é a Cor.

Olhando o Oriente, à porta da ermida, um homem saúda o Sol menino, nos seus braços^(b) as crianças e as aves cantam, e, do interior dos corpos, a Cor adormecida acorda sob o beijo da Luz.

Pela cor e pela linha é o movimento um novo revelador de formas e intimidades.

^(a) A 1.ª edição usa a pontuação «.» (p. 80).

^(b) A 1.ª edição usa a palavra «berços» (p. 81).

A pintura, da natureza ao homem, não deverá perder o significado da cor e do traço; e, se no homem uma sombra quer indicar o aprofundamento duma alma, não esquecerá que a sombra é, nos corpos, uma retirada da cor para dentro, um movimento em profundidade.

A psicologia fora da física é artificial e contra a grande razão de Arte — a Alegria da Unidade.

Aqui se vê a superioridade do ar livre sobre certa pintura clássica. Esta obedecendo a intenções humanas corria o risco de as falsificar por ignorância das silenciosas intenções das cousas, reveladas na cor e na linha.

Mas bem parco seria o valor da pintura do ar livre, se limitasse as suas criações à // reprodução das impressões subjectivas do espectador visual.

67

Perderia o que ela tem de eterno e seria um fútil humanismo.

Devia a pintura, tomando o valor real (no sentido que lhe deu o movimento) da cor e da linha ^(a), caminhar da natureza ao homem num enriquecimento contínuo.

Assim evitará o postigo dum simbolismo sem linguagem real, o mesquinho, o efémero dum impressionismo subjectivista, e o falso dum novo impressionismo do movimento, desarticulado e de aspectos relativos a um relativo espectador.

Esta última tendência, que entra no vago termo de futurismo, é uma incompreensão completa da essência do movimento.

Um cavalo a galope será uma orelha, uma ferradura; qualquer cousa como realizar a célebre *cor do burro quando foge*.

Como se o galope, se este movimento, sendo o fogoso orgulho ou o louco pânico do cavalo, não estivesse preformado na atitude muscular, e mais presente e real que na orelha que um espectador viu, ou, e não sei porque não, na orelha que outro espectador não viu.

As artes em que o movimento atinge o maior poder revelador são a música e a poesia.

Elas têm desde logo um grande motivo de superioridade de expressão.

^(a) A 1.^a edição usa a seguinte forma de texto: «Devia a pintura, tomando o valor real (no sentido que lhe deu o movimento) e absoluto da cor e da linha» (p. 82).

As outras artes só implicitamente jogam com o tempo; a música e a poesia, tendo o // tempo implícito nos seus elementos organizam estes elementos tanto no espaço como no tempo.

Assim o movimento é, nelas, explícito; o seu discurso é vivo, o drama é representado e não apenas apresentado.

Todas as artes lutam contra o transitório, buscam o eterno.

A arte eterniza o instante. Sob o fluxo dos fenómenos procura a ideia de ser, que eles traduzem.

Se olhamos o curso dum rio, vemos, sob a contínua fuga das águas, o fragaroso fundo estável.

A arte vê, sob o fenómeno que *aparece*, o princípio que é. Numa árvore verde e florida não põe o pintor estas folhas e estas flores, mas a Primavera, mãe de todas as folhas e de todas as flores.

E, como as artes falam à sensibilidade humana, elas darão a esta face de eternidade o aspecto duma luta contra a morte, contra a irreversibilidade, a fuga do tempo.

A revelação da ideia, do princípio de ser, terá em cada arte um valor particular.

Em relação à nossa compreensão, a pintura e a escultura dão a eternidade pelo isolamento dum fenómeno em que se fez a plena realização dum princípio.

Em relação à nossa sensibilidade, tem este isolamento o carácter duma estagnação do tempo. A arquitectura quase mais não é, para a sensibilidade, que a mineralização da vida, // a fingir a eternidade pela desproporção das durações.

A música e a poesia dão uma face sensível da eternidade, que é animada, viva, dramática.

Não é uma antítese da vida, uma estagnação do tempo que detém^(α) a sua irreversibilidade; mas a própria vida, renascendo com continuidade, *refazendo-se*^(β) por entre o disperso, como a alma por entre as contínuas transformações do corpo. A poesia é a expressão do Universo pela palavra. Vale mais e menos que a música.^(γ) A sombra que pesa sobre a Natureza é a mudez a que a palavra humana a veio condenar.

(α) A 1.^a edição usa a palavra «contém» em vez de «detém» (p. 84).

(β) A 1.^a edição omite o itálico na palavra «refazendo-se» (p. 84).

(γ) A 1.^a edição interpõe neste ponto o seguinte texto: «A palavra humana é a maior maravilha dos mundos. // Tão bela que a refulgência do seu esplendor apagou todo o brilho das cousas.» (Pp. 84-85.)

Quantas vezes, ao pensarmos no grande Silêncio sideral, não nos sentimos aflitivamente perdidos para sempre, pálidos clarões efémeros entre duas trevas sem voz? E, no entanto, se prestarmos ouvidos ao cósmico rumor que a palavra humana nos fez desaprender, bem sentimos que todas as criaturas entregam o seu sonho, que todas as cousas se trocam intimidades.

Pela palavra humana claramente se levantam as criaturas a inquirir do valor universal das suas existências; pela palavra humana se dissipa todo um abismo de sombra, virtualidades sepultas se erguem à realidade.

Mas, se ela modula as vozes de todas as cousas, é como uma reminiscência apagada, como longínquo eco de realidades mortas.

O verbo humano, só por uma fugaz // analogia, poderia dar a existência mineral, a vagarosa brutalidade das cousas.

70

Indirectamente, elas atingem o seu maior significado pela voz do homem; mas a sua primitiva, descuidada existência mal se pode distinguir no excessivo brilho de palavra.

Também a palavra é musical, e na sugestão da eloquência humana entra, em primeiro lugar e mais que o significado próprio, o poder do ritmo.

Desde o maior ou menor espaço que as cousas apropriam, sem mais determinações que a simples existência, até ao modo como organizam esse espaço quase em corpo individualizado, tudo o som irá prontamente traduzir e revelar.

Abandonados à facilidade dum excessivo geometrismo, costumamos supor que o maior ou menor espaço ocupado por um corpo nada altera a sua realidade, esquecendo que foram modificadas as suas relações e que cada corpo é um concurso da universal interacção.

Pois bem: o som imediatamente indicará que a apropriação de espaço não é indiferente e, em imediato corpo de sensação, uma mais nobre realidade virá castigar o nosso insignificante geometrismo.

A altura do som é o sinal patente de que a dimensão é uma realidade cósmica. Essa altura caracteriza a dimensão, no mundo físico; é, para a física, o que na biologia é a proporção e graça. Os seres vivos, tendo de escolher entre a estreita resistência da massa // e a graciosa defesa ^(α) do movimento, escolheram a segunda. No desaparecimento do *megatherium* há um acto da razão estética.

71

(α) A 1.ª edição usa «resistência» em vez de «defesa» (p. 87).

Perante a Alegria criadora tem a altura do som este intrínseco carácter, revelador da positiva, insofismável e absoluta realidade do Espaço como relação das existências.

No timbre revelam os corpos uma mais íntima e ampla unidade. É um progresso na individualização.

Como é admirável que em cada corpo resida para cada som fundamental essa especial companhia dos sons ^(α) harmónicos!

Ao desentranhar do seu sonho é um bando de borboletas de harmónicas e enlaçadas cores, que levanta o voo!

Percutir um corpo é abrir o cárcere dum bando amigo em festa.

E, como poderiam residir aí, unos e indivisíveis, todos esses harmónicos, se não fossem a tradução dum esboço de individualidade?

Na música são os corpos que se *reúnem* no concerto das suas vozes elementares.

A analogia vai da Natureza ao homem, e, quando a forma dos pensamentos e dos sentimentos procura a sua fala de harmonia, é a grande solidariedade dos homens com as cousas, que dá a essa harmonia a voz dos elementos.

É no metal que fala o heroísmo, o forte abraço absorvente e conquistador; é no vegetal que mora a voz insinuante e macia. //

72 Do realismo animal, do repousado abraço planetário, ao sonho da liberdade, de além, de voo, de escalada dos céus, vai o arco-íris sonoro, desde o som grave e vagaroso ao som agudo e alado.

Para ogivar a catedral gótica teria Orfeu, neste ^(β) belo pensamento de J. Jaurès, ^(γ) de arrancar as notas mais agudas da lira...

Pela harmonia explana a música a coexistência dos corpos, pela melodia ela atinge uma mais significativa realidade, que é a síntese móvel, a unidade activa refazendo-se permanentemente.

Na música, que, dentro dum templo, levanta a sua voz de prece, as harmonias enchem de som todo o espaço interior, enquanto a melodia ergue o seu corpo de drama, insistindo para Deus.

Como a ave, que, de ramo em ramo, se arremessa para o azul, a melodia é o voo da alma religiosa, subindo da fraterna harmonia circundante.

Os acordos harmónicos permitem dar, na existência, o afastamento, as distâncias dos seres, a gradação do seu parentesco.

(α) A 1.ª edição usa «seus» em vez de «sons» (p. 87).

(β) A 1.ª edição usa «no» em vez de «neste» (p. 88).

(γ) A 1.ª edição omite a «,» (p. 88).

O acordo melódico dará o drama da coexistência, a unidade da Alegria refazendo-se entre o estorvo das pluralidades opressivas.

Junte-se, a isto, que não há aqui um simples símbolo da alma humana, plena de analogias cósmicas; mas as próprias cousas, com as suas próprias vozes, levantando as individualidades numa atmosfera de revelado // acordo. E, se aparece a alma humana, é porque ela é uma unidade atenta, qualquer coisa como o círculo ideal estendendo-se à circunferência, atravessando o espaço, mas possuindo desde o mínimo donde partiu, a *forma*, que o unifica e realiza.

73

Essa unidade atenta é a melodia que a presença de Deus faz erguer da harmonia do mundo.

Na música, ela é a melodia que a intenção humana persegue através das ^(a) harmonias naturais, como a esteira que a hélice do navio rasga no corpo das águas.

Na poesia é a palavra humana que dá folgo à inércia das cousas, é o sentimento, o psiquismo, ^(b) que empresta ao silêncio da matéria uma janela por onde o seu interior espreite; na música, é o mundo físico, que serve à alma as vozes dos seus elementos, é o movimento, seu esboço, que espalha a alma sobre a face das cousas, dando, a todos as *formas* da vida interior, pela *tonalidade* e pelo *ritmo*, a revelação do seu ser.

A música dá, como nenhuma arte, a chegada de cada força da alma, chamada das profundezas do subconsciente, para a cooperação, para o avanço progressivo no caminho do acto.

A lenta e subterrânea elaboração da cólera, o apelo às tempestades retidas, o desencadeamento de mil energias em tensão, até à vibração delirante, avassaladora, pondo ao seu serviço o clamor de todas as brutalidades convulsivas. //

É que a própria palavra é, neste obscuro trabalho, apenas desenhada, ela é o acto parcelar balbuciado, ensaiando o movimento, contido pela nova palavra que tenta a nova acção; choque de incipientes movimentos, que, por último, atingem a perfeita palavra, o verbo síntese, a vida conquistada, o corpo de realidade.

74

E as tempestades interiores são alguma coisa de real e positivo.

Há, dum certo modo, verdadeiros ciclones da alma. As paixões são movimentos de profundidade e de superfície. Pela profundidade ligam-se ao tempo, às gerações passadas, presentes e actuan-tes; pela superfície prendem-se às fatalidades físicas e sociais.

^(a) A 1.^a e a 2.^a edições usam «as» (p. 90 e p. 73, respectivamente).

^(b) A 1.^a edição omite a «,» (p. 73).

Por isso o movimento das paixões é turbilhonar, suga, amplia-se e arrasta.

O movimento das forças, que chegam, se afastam e voltam, é dado, pela elevação, nivelamento, descida e nova subida das vozes musicais.

Uma locomotiva avança sobre nós, o seu grito de alarme cresce; cada vez mais agudo, mais alto, como o próprio terror que já nos toma o peito, nos aperta a garganta, é grito lancinante, olhar desorbitado, desvairamento e morte.

Há vozes do Infinito; são aquelas que, partindo dum Silêncio mal quebrado, avançam sempre em *altura* sobranceira.

75 Na oração, reza o crente as notas mais agudas, que exprimem a ascensão da sua alma // para Deus; as mais graves notas de prece são a presença de Deus num além, tão recuado que a voz se afasta descendo, extinguindo-se em musical silêncio...

A música é a reprodução dos movimentos passionais, e cada movimento clama a linguagem natural das cousas, que é quase a própria linguagem das forças psíquicas.

Quando o Vento do outono uiva nas franças das árvores e as folhas mortas torvelinham e galopam, é bem o desequilíbrio duma tranquilidade, o desfazer dum acordo, o apagar dum lume, de cinzas e brasas espalhadas de fora a fora pelos caminhos abandonados.

E, quando se avizinha a Primavera, é, com as mãos de Isabel, que a aragem acorda os adormecidos troncos para o generoso milagre das flores.

Imaginai que todas as cousas falam e a nossa incompreensão resulta apenas da falta de ouvido próprio para as suas falas. O terrível mistério do mundo estaria apenas na falta dos nossos sentidos.

Imaginai agora que, por um acidente qualquer (um traumatismo, por exemplo, eles já têm aberto as portas ao génio...), começais a ouvir a conversa de todas as cousas.

Qual não seria o vosso espanto, ouvindo apenas uma nova música mais vasta, mais dissonante e menos intencional?!

76 Cada corpo entregando ao Espaço a *forma* da sua individualidade, sem uma cautela, uma // sombra, uma intenção; dando-se só porque existe e o Espaço dos outros o solicita.

A teoria de Schopenhauer fazendo da música uma afirmação directa da Vontade, além de ser impossibilitado pelo carácter, para ele, deformador ^(α) do Espaço e do Tempo em que se expri-

(α) A 1.^a edição omite a pontuação «,» (p. 93).

me, retira-lhe todo este íntimo valor de sociabilidade, que lhe dá a sua melhor certeza de absoluto.

E não será indiferente ao grande músico saber que fala do coração da realidade, ali onde seres e cousas prendem as suas raízes; que, uma vez o planeta regelado, sarcófago ambulante passeando no Espaço as ruínas da nossa soberba, os crepúsculos serão íntimas surdinas fechando as asas e o primeiro beijo d'alva casará o rumor da seiva, o frémito das folhas e o estremecimento da terra sob o orvalho que cai.

Não lhe será indiferente, ao evocar o seu espectro, de pé na praia onde o último mar morre lentamente, saber que, ao quebrar-se na areia, a vaga murmura baixinho as errantes harmonias que lhe moraram na alma...

E a toda a alma religiosa não será também indiferente saber que a música das suas palavras, o molde dos seus lábios amorosos, a onda que os seus abraços, no seio do Espaço, abriram, não são convenções do seu ser social, mas caracteres em que a Alegria exprime a sua universal presença. //



Vai declinando a Luz. O homem, como que sentindo a saudade do primeiro convívio infantil, entra de novo a dar-se, a procurar nas realidades alheias garantia para a realidade própria. É uma sofreguidão de certeza, um veemente desejo de encontrar no cosmos ouvidos para as suas palavras. Quer a intimidade sincera e perfeita e começa a reconhecer a insuficiência de quase todas as relações.

Houve um momento em que o demasiado realismo do mundo o afligiu, como que apertando-o sem lhe deixar espaço de existência.

À invasão exterior opôs o movimento do seu *eu*. Assimilou, reduziu, esgotou.

E depois sentiu o nada do seu isolamento. O Universo em movimento, cor, som e forma, deu-lhe a nova Alegria do convívio e da simpatia.

Mas já não pára a sua sede de compreensão, e, agora, o excessivo realismo do seu ser individual aflige-o do nada dos outros.

O seu realismo individual sente-se assustado sob a envolvente ameaça do niilismo alheio.

Começam a pesar-lhe as suas particularidades e a procurar nos outros uma irmandade bem humana.

É o momento da Família. //

78

Momento em que o seu coração é um jardim de branda relva e suaves perfumes, um lar de resinoso fogo, onde se acalentam os filhos.

Ides ser julgados, depende a ^(a) vossa felicidade da vontade dum só homem. Sabeis que ele é pai?

Como vos sentis protegidos por uma oculta e soberana bondade!

É que esse homem será fraterno e humilde, na sua alma as invisíveis mãos dos seus filhos estão abrindo os amorosos olhos da compreensão.

Se o próprio Deus precisou dum filho para se humanizar!

E, dizendo melhor, Deus reencontrou o filho, porque ele tinha começado por ser o Pai, o tronco da árvore familiar.

O homem carece de palavras, que, do Universo, respondam às fraquezas da sua vida, de amistosas mãos que o levantem e amparem, de alguém, que, do invisível centro da Vida, seja presente ao esforço do trabalho quotidiano.

É-lhe preciso um amor claramente significado, uma transfusão de vida, que dê à sua existência o apoio das outras existências.

Atingiu a palavra, e a sua solidão será maior que nunca, se essa palavra morre sem eco, de encontro à cerração dos outros seres.

E como é difícil que a palavra substância, a palavra elemento cósmico, penetre e viva na intimidade hostil das outras criaturas!

79

Quão poucas são as cósmicas palavras // saídas de entreabertos lábios humanos, batidas de encontro ao Espaço vivo, que têm encontrado ouvidos abertos e atentos!

Tão poucas que se chamam geniais e todo o homem as tem tentado dizer.

Bater à porta do Mistério e ouvir a voz humana que carinhosamente responde!

Como a onda, dum ponto inicial partindo a abalar todo o Espaço, é do seio da família que o homem ensaia a sincera palavra de união com o todo.

Aí, onde a transparência de duas vontades se oferece, é que a palavra experimenta o seu poder de comunicabilidade.

^(a) A 1.^a edição corrobora que o determinativo «da» corresponde a erro tipográfico (p. 95).

Como pode o homem, que não conseguiu dizer à família os íntimos carinhos do seu coração, acreditar no poder revelador da palavra?

Se fala aos seus, àqueles que na imensa solidão lhe são a mais próxima e presente companhia, palavras, que os seus ouvidos não escutam, como poderá ter a esperança de despertar nos outros, afastados no mesmo silêncio, um ligeiro acordo de simpatia, de encontrar na sua estranha realidade uma parte da sua íntima realidade?

E como a palavra humana é bem difícil!

Qual o homem, que, mesmo no seu lar, não tem complicado, por más palavras, um estado d'alma simples e bondoso?

Lembrai-vos sempre dos passados usos de utilidade de todos os instrumentos humanos.

Também a palavra foi arma; e, se nos // descuidamos, é um golpe que ao pronunciá-la se arremessa. 80

Ela é bem cheia de treva, tem uma longa história de rugidos, mudas impotências revoltadas, submersas ansiedades.

No jacto vulcânico há irisações de orvalho, com pedregulho e cinza; no verbo humano há zénites de luz e abismos de sombra.

A palavra é a única lanterna de Diógenes, que seja capaz.

Se Diógenes procurasse os homens pela palavra, decerto os teria mais facilmente encontrado.

Mas como ela é difícil!

Quem não tem reparado no esforço da mocidade para a expressão?

Uma grande parte do seu sentimento de insubsistência e fraqueza não é mais que o fenecer de certas forças psíquicas à falta da palavra que as alimente e revele.

A alegria da palavra justa e precisa!

Quantas catástrofes ela não tem evitado, quantas desgraças não tem vencido e quantas vidas não tem criado?

Os povos fortes e vitoriosos são aqueles que encontraram as palavras verdadeiras.

A criação é um acto da palavra.

Deus disse «faça-se o mundo». E o mundo fez-se.

Pois que é o mundo senão o próprio verbo divino?

Se ele é uma perpétua harmonia, uma universal compreensão! //

Newton olha o firmamento e, das suas claridades interiores, sai a palavra gravidade; é o infinito amplexo do pensamento divino, desvendado e contente. 81

Dante olha a alma humana, percorre o zodíaco dos seus transportes; é o reino das sombras que encontra a transparência do verbo, é a insuficiência de Orfeu vencida, a sombra de Eurídice feita a presença viva de Beatriz.

Mas a palavra tem dois gumes.

Por um penetra os elementos, por outro as convenções sociais.

O diamante oferece as suas facetas ao ósculo da Luz e eis o arco-íris, o arco da aliança de todas as cousas; ele oferece também, à cobiça dos homens, o valor da sua raridade e eis uma moeda que o penhorista saberá olhar com perfurantes olhos de interesse.

Assim é a palavra humana. É fruto, nascendo da alma como as cerejas da árvore; é moeda caindo dos lábios, com o desbotado timbre de repetidas trocas.

Há tanta gente, que, para conhecer a vida e entender os homens, compra um dicionário!

A palavra cósmica, a palavra elemento, a palavra substância, essa trá-la a alma do poeta em repetidas marés subindo aos lábios, descendo às águas profundas, ali, onde reencontra o mundo em reflectida e exacta imagem.

Essa palavra é a que todo o homem procura para falar na sua casa, para ensinar aos seus filhos. //

82

Como a planta rompe, através dos obstáculos, o caminho para a Luz, a alma do poeta é assim dirigida para Deus.

A alma do homem comum perde-se na imensidade do mundo, e, para sentir Deus, precisa do recolhimento do Templo.

O Templo é o lar da família; e, para que um Templo reúna muitas famílias, necessário era fundi-las numa só, em presença dum chefe, que é ao mesmo tempo o Pai e o Filho.

Sim. Para olhar o Espaço; para, com simpatia e enlevo, ver o fraterno mistério da Noite; para palpar, na imensidade silenciosa, recônditas comoções de vida; ^(a) é bem preciso que a contemplação se faça da janela do nosso lar doméstico, na vizinhança do berço, onde um fio de luar beija a branca fronte dum filho adormecido.

Para sentir, para ver a atmosfera de enternecimento e amor que sobre uma terra adormecida paira, os abraços, que na travessia sideral prendem o segredo e a intimidade de cada casa ex-

(a) A 1.ª edição omite a pontuação «>» (p. 101).

tática sob o luar álgido, as mãos invisíveis, que na Noite de coalhada treva se apertam e ajudam para que se não perca o caminho, carece o homem de ter chamado sobre a cabeceira dum filho doente o auxílio de todas as bondades ocultas, de todas as forças de Bem, que, por todo o Espaço, porventura estremeçam de amorosa vontade de socorro.

Quando um cometa se aproxima de nós, crescendo sobre as nossas cabeças, com as // mensagens do Espaço, que vem sulcando, é de ver a estranha aparição do seu corpo a tomar presença, cada vez mais perto e maior.

83

É, assim, que, para a nossa alma, caminham os filhos, misteriosas aparições, cada vez maiores, mais perto e mais nossos.

Com que ansiedade buscaria a Terra a palavra capaz de reter, junto a si, esse caminheiro, se o pudesse amar e saber que um certo abraço o prenderia!

E, sobre nós, pende a ameaça de vermos alongar-se a trajetória e furtarem-se-nos os filhos, se não compreendemos o Universo e não encontramos a palavra que seja a boa promessa da sua seriedade.

Todo o homem reclama dos outros o respeito da sua pessoa. Todo o homem passeia a sua individualidade com uma tal arrogância que uma caricatura trágica perpetuamente ergue, ao seu lado, um esqueleto bufão comentando gargalhadas.

É que quase todo o homem vive como se o seu estado accidental fosse eterno. Quantos não abroquelam o seu egoísmo com tal aprumo que os estamos a ver entrar pela eternidade com a impecável sobrecasaca^(a), que lhes dá o ser!

Transportar a certeza da vida da sobrecasaca para o coração da realidade; sair do accidental para a essência, das direcções insignificantes para a única directriz, que significa e existe:^(b) é a obra sublime da palavra profundeza, da palavra abismo, da palavra, que cria // e exprime o desinteresse do nosso esforço d'amor.

84

Onde está essa obra d'amor, acessível a todos?

Não é a família?

Eis porque a família é uma fonte de Alegria bem insubstituível.

^(a) Usa-se a palavra «sobrecasaca» e não a palavra «casaca», porque a 1.^a edição a usa neste ponto e porque a 2.^a edição a usa no parágrafo seguinte (p. 102 e p. 83, respectivamente).

^(b) A 1.^a edição omite a pontuação «;» (p. 102).

Por ela somos verdadeiros.

Quantos há que só despem os artifícios dentro de sua casa!
Não viu um embaixador um grande rei com os filhos às costas, a brincar?

Por ela e para ela somos humildades interrogativas ^(α), espíritos activos, bondades positivas, afirmando na realidade da obra a efectiva realidade do espírito, que a cria.

A quantos homens não bastaria a vida sensível sem núcleo, se o amor da família não implorasse à Vida maior consequência de afectos, maior positividade da alma?

À janela dum comboio atravessando as vastas planícies contentes duma terra cultivada vai um lavrador.

Com que interesse e conhecimento ele contempla a verde paisagem!

Às janelas do planeta errante vai contemplando a noite um homem que ama a sua família.

Com que fervoroso amor ele não visiona a Vida repetindo-se sem desfalecimentos em todo o Espaço sem fim!

85 Perder uma família, isto é, não a constituir (porque a família possuída jamais se perde) // é um desfalque irremediável na parte que tomamos na grande taça da Alegria Mãe.

É uma medida policial a proibição da vadiagem, porque o vadio ameaça o trabalho dos outros.

Porque não cuidará a polícia desses vadios do sexo, que são ^(β) celibatários, sem justificados motivos de desinteresse, de outras obras do amor, ou de incapacidades da alma?

Não são eles uma ameaça ao trabalho espiritual, que é a santa alegria do lar?

Não terão eles de viver, como os vadios do trabalho, de mentiras e expedientes?

Neste ponto de vista, é bem interessante a propaganda de muitos celibatários a favor do casamento dos padres católicos!

E, no entanto, para estes, quando verídicos cristãos, haveria um motivo de dispensa, que, para muitos dos referidos propagandistas, não existe: a universal participação na ansiedade das almas.

Depois a alegria simples, a quotidiana alegria da família!

^(α) A 1.ª edição usa «humildades interrogativas» (p. 103).

^(β) A 1.ª edição interpõe neste ponto o artigo «os» (p. 104).

Andar na rua, ao vendaval, a ganhar o lume e o pão, que, com os nossos, nos hão-de alimentar e aquecer!

Levar ao trabalho de todos os dias, no mais penoso da sua dificuldade, o risonho pensamento duns pequeninos dentes que hão-de morder com virginal alegria o pão das nossas penas!

Sob a chuva que nos açoita, sentir o // aconchego dos nossos filhos, que a ouvem tamborilar nos vidros das janelas!

86

Chegar a casa, pegá-los ao colo, e sentir a Alegria que sonhamos na Árvore, em cujos ramos as aves cantam e fazem ninhos!

E as lágrimas dum ligeiro despeito, que, mal tombadas, logo um sorriso vem beijar, como, em arco-íris, após a chuva, vem o Sol a secar a terra!

E as palavras mal pronunciadas, as mais bárbaras confusões de linguagem sobre a profunda lucidez dum pensamento, que elas não desconcertam!

E a imprevista erupção duma sabedoria, que na nossa prosápia estávamos tão longe de imaginar!

Com a Família começa um novo valor do tempo. Todo o passado é presente em viva recordação, todo o futuro é presente na lembrança das felicidades a conquistar.

A tradição adquire sentido e não se compreende uma vida de puro esforço actual.

O trabalho é um ser vivo; sem um salto de descontinuidade, ele tem uma íntima história atinente a um bem claro destino.

O primeiro valor é a alma, e cortar-lhe a história seria degradá-la em matéria, admitir a morte, onde um infinito desejo de imortalidade é tudo.

É o momento em que a consciência tudo procura acender na sua luz.

Que nos importaria a profusão de astros // pela Altura, se não fora a presença da unidade consciente, que a sua ordem exhibe?

87

É o céu interior que vai dar a medida a aplicar ao Universo.

Um Universo, onde a consciência seja um insignificante fenómeno, é absurdo e nulo para a humana compreensão.

Tamanha é a realidade dos nossos afectos, tão alta é a sua estima que nada terá valor fora do seu círculo de terno encanto.

O céu estará de acordo ^(a) com a alma, ou a imensidade actual será puro nada.

O homem não é mais que uma haste tremendo ao Vento...

^(a) A 1.ª edição usa «d'acordo» (p. 107).

Mas, quando o Universo o esmagasse, saberia o homem que é esmagado, e tal não saberia o inconsciente Universo...

Quem não reconhecerá a verdade deste pensamento, quem não terá repetido estas grandes palavras de Pascal?

E a Alegria torna-se heróica, porque o homem medita.

O que é a Vida, afinal?

É a vida animista, comunicativa, conversa familiar de cada um com todos os outros?

Alegria anterior ao prazer, Alegria da actividade pura que beija a face de todas as cousas, simples Alegria de existir, de estar no espaço.

É a vida para além de si, a busca duma unidade, que nos aumenta?

88 Alegria do sexo, Alegria da Unidade, maré // alta duma força, sacrificando os egoísmos no altar da Espécie.

É a vida individual transbordante, faminta, conquistando e avassalando?

Alegria do poder, pujante Alegria do triunfo, distensão do orgulho, loucura do movimento, indómita propulsão industrialista.

É a vida individual interrogativa, batendo ^(α) todas as portas, procurando rasgar em todas as cousas uma janela, que lhes mostre o interior?

Alegria da arte, da comunicação individualizada. Alegria do timbre, amável Alegria da cor.

É a vida familiar procurando no Universo o seu sentido amoroso, espalhando no Espaço o sorriso das crianças?

Alegria profunda do pensamento; sólida Alegria da Consciência, onde o Universo atinge uma unidade interior, que tudo conserva; suave Alegria da memória onde o homem guarda a plena posse de todas as alegrias.

Unidade presente, interior e enleante; ^(β) em todos os momentos uma infinita força ergue e liga as formas, sem nelas ^(γ) se esgotar ou diminuir.

Se tentais um limite, logo a realidade desfalece e morre na vossa imaginação, para mais viva se vos erguer diante dos olhos.

^(α) A 1.ª edição coloca neste ponto a preposição «a» (p. 108).

^(β) A 1.ª edição usa a pontuação «,» em vez de «;» (p. 108).

^(γ) A 1.ª edição interpõe neste ponto a pontuação «,» (p. 108).

Anterior às formas ela é a ^(α) Unidade, que, criando-as, as prende e socializa.

Anterior aos critérios secundários de // *prazer*, adaptação, ligações mecânicas, ela é o agente e a razão de todos esses aspectos.

89

Porque não há-de ser a profunda razão desta nova forma de unidade social, que é a consciência, que é a amorosa memória?

Esse deus criador, que deu aos corpos a linguagem das cores e dos sons, que deu às massas a fala da inércia e da força, não terá dado às almas a voz das virtudes e dos afectos?...

Alegria da memória, doce alegria crepuscular, que enternecidamente apagas os contornos demasiadamente vivos, e vais mergulhando o mundo numa readquirida unidade toda de íntimo e recolhido silêncio!

Misterioso espelho, onde contemplo paisagens desaparecidas; que, diante dum astro morto, levanta o espectáculo da vida e do movimento!

Se abris um escrínio, há muito fechado, é um rumor de perfumes evocando...

E o que não é a memória, se discorrem as lembranças!...

Um bando de pombas abate sobre a minha eira: são as recordações que chegam...

Cada uma vem dum ponto do céu, dos caminhos em flor, das margens dos regatos.

E trazem no bico as flores dos caminhos e trazem nas plumas o orvalho dos regatos. Que brando sono, no meu coração, dormiam as crianças, que eu fui!

Que alarido, que aurora, que instantâneo abrir de pétalas no meu oculto jardim! //

Branco babeiro enfunado de brisa, faces rosadas latejantes de sol, olhos profundos deliquescidos de assombros!

90

Primavera íntima abrindo as asas; maré alta trazendo em espuma, na crista da vaga, os sorrisos de todas as nossas alegrias.

Se hoje passo num caminho da minha infância, de todos os lados se erguem vultos amigos. Ao dobrar duma volta tocam-me o rosto as brancas asas dum bando levantado de ^(β) meus passos, e um rancho de crianças bate as palmas e ri...

E o colégio?

^(α) A 1.^a edição omite o artigo «a» (p. 109).

^(β) A 1.^a edição usa «dos» em vez de «de» (p. 110).

Um casarão enorme que ainda assim vive na ^(α) minha imaginação e que, no entanto, verifiquei outro dia ser uma bem pequena casa.

Ai, a incerteza dos nossos sentidos, como tudo é sonho! Era em Penafiel. Que melhor sítio para uma cadeia? Um alto, em roda verdes planícies, regatos cristalinos, plátanos, freixos, acácias, austrálias, e, ao longe, em frente de mim, na sala do estudo, uma linha de horizonte de pinheiros em filas.

Nunca me pude convencer que não ouvisse a voz das camponesas da minha aldeia, que sempre julgava ser ali.

E eram cinco léguas de separação!

O meu colégio era dos velhos moldes; a disciplina era brutal e assustadora, muitas palmatoadas reais, muitas em ameaça, e longas horas de silencioso estudo na sala da minha janela.

Oh, secretos mistérios da pedagogia! //

91 Se consultam a minha proficiência pedagógica dir-lhes-ei que a do meu colégio era péssima; ^(β) reconheço todavia que ela me fez sonhador.

Sim, foi no colégio que aprendi a cismar.

Horas seguidas na sala do estudo a ouvir a imaginária voz da minha aldeia, subindo do horizonte por entre os pinheiros; a compor um mundo sem colégios, sem estudos, só de brincar, de gozar a alegria dos campos, os dias de sol, as noites de luar, as romarias e as epopeias da minha força.

Eu era um conquistador. Impetuosa figura de Mouzinho de Albuquerque, ^(γ) foste o despertar do meu quixotismo heróico!

E já então, dos nove aos catorze, uma feminina graça me sorria o prémio das imortais façanhas.

Mas, que frio, se a lembrança de família me povoava as noites, as intermináveis noites da sala de estudo!

Como desejava a hora do dormitório para quebrar as cadeias, que me limitavam o sonho, e viver toda a noite em minha casa e com os meus!

Mas que horror o despertar!

Eu pertencia à classe dos pequenos, que tinha um rei.

Um dia conspirámos e o rei foi destronado.

(α) A 1.^a edição omite «na» (p. 111).

(β) A 1.^a edição usa a pontuação «,» em vez de «;» (p. 111).

(γ) A 1.^a edição omite a pontuação «,» (p. 112).

Ele agora é monárquico, eu sou republicano; aqui o abraço em boa amizade e recordação. //

E a vinda das férias?

Ouvi ^(a) dizer que a Primavera está a chegar. Sim. A Primavera vem por um duplo movimento de aproximação.

Ela vem de nós, da profundidade do nosso ser, como em lembrança vegetal, na aceleração, no esto da vida.

Ela vem para nós na morna aragem cariciosa, na verde pujança dos troncos, na luz perfumada e tépida.

As férias vinham para nós como uma Aurora da própria Primavera, qualquer coisa como um nascimento de árvores e aves, de flores e luz, de todo o movimento, de toda a agilidade; ^(b) todas as prisões abertas, todas as vozes soltas, asas batendo: ^(c) como a aproximação dum louco bondoso que, pelo mundo, andasse a abrir as cadeias, a soltar as águas, cascatas de alegria, cantando...

A véspera das férias!

Encontrei, há dias, um meu companheiro de colégio. É um banal capitalista.

Trocámos palavras inúteis, destas palavras sem alma que um pensador e um capitalista podem trocar.

Mas, quando falámos no colégio, a alma subiu aos lábios e fomos sinceros e iguais.

Aos trinta anos, com fortuna e encarando a vida sob o aspecto do prazer, ele me disse, contudo, que nunca sentiu nem sentirá uma alegria como a da véspera de férias.

No dia imigrávamos aos grupos, e era tanta // a Alegria que resistia ao envenenamento do tabaco.

Ao entrar na Aldeia, que orgulhoso galope, o da parelha que nos trouxera, que animal e humana alegria correndo no mesmo exaltado ritmo!

Ah, mas a volta!

Chegávamos à noite, e, ao atravessar a cidade, uma mesma impressão nos possuía.

Todas as luzes das lojas e das casas brilhavam com uma fria impotência, como que fendiam uma treva empedernida, que logo as estrangulava com mãos de regelada sombra.

^(a) A 1.ª edição interpõe neste ponto o advérbio «hoje» (p. 113).

^(b) A 1.ª edição usa a pontuação «,» em vez de «;» (p. 113).

^(c) A 1.ª edição usa a pontuação «;» em vez de «:» (p. 113).

Se as casas não eram lares!

Meu Pai!

Como sinto viva e presente aquela noite, que juntos dormimos num quarto de hotel da pequena cidade provinciana!

Era uma dessas noites de abandono em que me sentia perdido no frio e na escuridão. Meu pai apareceu inesperadamente e saímos juntos.

Que intimidade, que conforto, que protecção amiga!

Alguém caminha, perdido, horas sem conta, na Noite tempestuosa e negra, sem um astro.

De repente aparece ao longe o fogo dum lar hospitaleiro, onde se acolhe.

Ao lume generoso vai aquecendo o corpo entorpecido e a sua alma entra a pacificar-se, protegida e grata.

94 Deitado no braço paterno eu senti a // amizade perfeita, a tranquilidade plena, o enternecimento da felicidade.

Como a *Solidão Infinita* enchendo-se lenta e suavemente do coração de Jesus!...

A memória é a mais alta realidade, que nos é dado atingir.

Bem se diz que Deus sabe tudo.

Deus é a perfeita e universal memória.

Se o Universo se não possuísse numa unidade interior, de integral presença, era impossível a harmonia, a ordem e a proporção.

Introduzi uma descontinuidade real e tereis o Universo pulverizado em caóticas multiplicidades.

Não é a necessidade duma causa primeira, que suspende o mundo de Deus; mas a própria existência do *Universo*, que reclama a *Unidade* para que tende no esforço das criaturas, e já possui na eficácia desses esforços, na *lealdade das relações* ^(a) em que eles se apoiam.

O Espaço é ocupado pelos corpos; é abrangido, compreendido pela memória.

O Tempo é em cada corpo pelo movimento, que existe pela força, que é somente a presença de todos em cada um.

O Tempo é em cada corpo *exclusivo* do seu Espaço, do seu *quantum* de Ser, é a sua formal obediência às ligações, que o prendem.

O Tempo é para a memória *inclusivo*, é ela que o possui, ele conta em cada ser a sua *permanência* diante dos outros.

^(a) A 1.ª edição omite o itálico na expressão «lealdade das relações» (p. 116).

Já demonstrámos que o movimento é a afirmação do equilíbrio social do Universo, é // o estremecimento inicial repetido de corpo em corpo, a mesma nota em mil vozes pronunciada.

95

A memória é a união das notas num todo, com vida própria, com uma ubíqua interioridade.

É o equilíbrio social de infinitas possibilidades, sempre atingido e sempre procurando numa nova direcção mais universal, quer dizer, de mais opulenta e perfeita unidade.

Como é lúcido o Universo!

A memória não poderia existir numa Realidade (se esta fosse possível, que não é) totalmente variável, isto é, num Universo, que não fora um sistema conservativo.

E qualquer invariante seria impossível num sistema que não assentasse num completo e absoluto determinismo.

Por isso o Universo tem uma base de inércia, que é a integral comunicabilidade; por isso a memória tem uma preformação no movimento.

Agora melhor se compreende o alto significado que pode ter a visão do limite do corpo como um espírito instantâneo.

É que o movimento é um mínimo de memória, e a positividade do movimento não é mais que uma consequência da plena realidade da memória.

A sua simplicidade, a sua *forma aristotélica*, é mesmo um esboço de alma, o que ele tem de implícita memória.

Se o movimento fosse simplesmente uma // quantidade, como seria possível estudá-lo em diferentes estados quantitativos, valendo o estudo duns para os outros.

96

Quando o plano inclinado modificasse o movimento dos graves, como poderíamos nesse *quantum* próprio, ver o movimento anterior, o natural?

É que uma *forma* íntima o revela; como, no acidente, alguma coisa permanece, que nos revela o carácter.

O movimento é eterno apenas no seu significado de mínimo de equilíbrio social.

Não é este ou aquele movimento que é eterno, mas o movimento em geral.

Em todo o caso já a sua *forma* atingiu uma tal aproximação da memória que cada movimento alguma coisa conserva de si.

Se o estado gravítico dum sistema vem a mudar por uma acção exterior, a *forma* permanecerá, e apenas a constante do *quantum* virá a ser modificada.

Também nas memórias só é eterna a parte de significado universal, que contenham.

A imortalidade de Espinosa tem esta profunda interpretação.

Só não morre o que é *forma* universal, o que em cada ser é no sentido do Todo, do significado divino da existência.

Sem que as *formas* exclusivamente individuais se percam, como se não perde o movimento; mas desaparecendo como unidades plenas e reais.

97 A realidade é penetrada de memória, e, // nos biliões de movimentos, que um raio luminoso traduz, há uma *forma* interior, que os regula e exhibe com uma permanente e absoluta lealdade.

Assim é esclarecido o movimento pelo laço interior da sua *forma* e um novo e alto significado ele possui.

Quando os corpos se exprimem no movimento, já não é somente uma diferenciada coexistência que afirmam; mas, dum certo modo, ^(a) é a sua alma, que, no Espaço, procura as almas iguais.

Nem todos os corpos irão receber essa *forma* casando o seu ritmo próprio àquele que os despertou.

Mas, se, em alguns, este movimento apenas acordou uma resposta de inércia, simples afirmação social de cada corpo assaltado, em muitos outros a forma invadida tão bem se uniu ao invasor que o movimento alastra em círculos de *ressonância*.

A *ressonância* é uma selecção de *movimentos*, que coloca no mundo físico a continuação do laço social começado na mecânica pela inércia e a iniciação dum laço social de escolha, dum maior particularização do universal, dum superior opulência da Unidade, que a biologia prolonga e a consciência ilimita e infinitiza.

98 Como é profundo o pensamento de Platão, propondo que às crianças sejam dadas as seduções das artes para que a sua alma se // vá afeiçoando pelas ideias que elas representam!

Como ele compreendia o interior da imitação!

O movimento virtual da alma infantil irá casar-se com os movimentos que o despertem. E, como a alma é uma harmonia opulenta e heróica, variados ritmos a podem abalar.

A *ressonância* com os movimentos de Beleza e Unidade lança-a no caminho da ^(b) elevação, a *ressonância* com movimentos artificiais arremessa-a para o caos, para a barbaria primitiva.

^(a) A 1.ª edição omite a pontuação «,» (p. 119).

^(b) A 1.ª edição usa «de» em vez de «da» (p. 120).

A primeira educação deve ser artística, e as próprias virtudes morais só podem ser dadas à criança pelas implícitas intimações de harmonia estética.

O movimento, esboço d'alma ^(a), e a alma, princípio e norma dos movimentos, darão também à forma das nossas recordações um valor intrínseco inestimável. Quando, ao evocar um morto querido, sentimos o abrir do espaço em misteriosas direcções, alguma cousa se passa na realidade. *Talvez ao movimento do nosso coração uma bem remediável incapacidade esconda o caminho do movimento amigo que o procura...* ^(b)

Toda a Alegria do Universo é a posse plena da sua harmonia, a integral memória do seu Ser.

A Alegria é infinita, e, da triunfal ascensão do sol levante ao meditativo sorriso do // pensamento, espraia-se em contentes e onduladas vitórias.

99

Sem princípio, nem fim, porque o Tempo e o Espaço são obras suas, em cada ponto e em cada instante encontra uma nova direcção em que aprofunda, e, no ponto e no instante, fremente o infinito do seu poder.

Também as nossas recordações não param, e *aqui nos ficamos lembrando*, insinuando o pensamento entre as obras do nosso passado que renascem, mergulhando a imaginação até àquele ponto central, donde, focando a realidade, ^(c) a teríamos eternamente presente.

Em nossa alma, as recordações bailam, como as flores que a brisa da Primavera desprende.

E, como estas entregues ao seio da Terra, hão-de reaparecer em novas flores, também elas são a alegre presença do que fomos, a readquirida companhia dos ausentes que acorrem.

As recordações batem em nossas almas como as ocultas mãos, que no Inverno andam à Noite a pedir o calor do nosso lume.

E, como elas, trazem às longas noites de inverno a companhia das frialdades, que, ao calor do lume e do coração, retomam vida e alegria.

Acolhem-se ao nosso lar e dentro em pouco, em volta da chama, a família cresce de todos os que partiram, dos que andam

(a) A 1.ª edição usa «dalma» (p. 120).

(b) A 1.ª edição omite o itálico em todo o período (p. 121).

(c) A 1.ª edição usa neste ponto a pontuação «,» que preferimos (p. 121).

perdidos pelos caminhos, dos que sobre as águas do mar só os olhos de Deus vigiam. //

100 A floresta vem até nós; e enquanto, de olhos vagos, seguimos o corpo do Fogo, do fundo da nossa alma a multidão agradecida dos avós errantes reza ao santo protector das suas noites de angústia.

Pela pupila do gato, nosso companheiro, espreita a ferocidade contida; nos olhos do cão, cheios de perdões e, à força de humanizados, já sem bárbaro mistério, o bom Ormazd espia a treva.

O Vento chega, afasta-se, volta em novo galope; e as ondas do ar assaltam-nos, enleiam-nos como abraços.

Insistente, a súplica bate às janelas; e tão alto é o clamor de fora, tão presente e viva a evocação interior que a invisível multidão assoma, senta-se ao nosso lado, e, a uma nova rajada de vento, o coração convulso pergunta «quem é, quem é?!».

A DOR

Há umas pequenas plantas rentes à terra, que, no ermo dos montes, abrem, como em mudo assombro, as pétalas maculadas.

São a modéstia, a humildade e a beleza, em exílio por entre o mato e as rochas.

Assim abre a alma humana no grande silêncio do mundo.

Vós e a vossa sombra percorrendo o espaço solitário...

Ser único no mundo, a isolada voz dum Universo mudo, a consciência dum formidável nada!

Ser o último sobrevivente de Pompeia, correndo aos escombros, debruçado sobre todas as trevas e, num clamor sem resposta, chamando os companheiros da alma!

A pequena luz dum casal, brilhando ao longe no coração da Noite, e uma névoa // teimosa cada vez mais densa a apertá-la, esmagando-a num círculo de intransponível treva!

102

O Universo às escuras, e, em nós e fora, mas sempre muito longe, um ponto de luz hesitante, o abrir duma chama numa atmosfera sem oxigénio. Assim é a consciência no Espaço. De astro em astro leva o éter o estremecimento luminoso, só as consciências não encontram a Unidade, que as prende.

O que há para além de nós?

O limite da nossa alma é ali onde morre a última onda sonora; a flor espiritual fenece, onde o ar, que lhe tomara a forma, regressa indiferente ao grande mar do silêncio?

As águas afastadas pelo corpo de Vénus, recebendo-lhe a forma numa envolvente carícia, são lábios cerrados sem a crispação interior da volúpia?

O ar, onde as palavras de Jesus se inscreveram em lírios, fechou-se sobre elas e é igualmente dócil às blasfémias dos homens?

É a consciência uma lâmpada sem azeite, não pode a luz comover o Universo?

Nada importará aos astros do Infinito a meditação do homem?

É a consciência um *nada* que existe?

Compreender o Universo, medir os mundos, assistir, repetindo-o, ao movimento que os anima e abraça, e ser o espelho de imagens jamais contempladas!

103 Pensei numa grande casa abandonada onde, há séculos, o mesmo espelho reflecte a // solidão das paredes, a muda poeira do passado.

É isto, no instante, a miniatura do Universo no Tempo!

O nada eterno, o zero infinito ^(a).

Tudo passa, morre e repete-se.

Tantas vezes as águas alagaram o mesmo leito, e do sôfrego desejo de água que abrasava esta terra só restam as cicatrizes dos antigos beijos, por onde de novo elas deslizam, para o mesmo destino correndo incessantemente.

A vida é, assim, a consciência que vamos tomando da Morte; viver é conhecer que imos morrendo.

Ir pelos caminhos fora sem encontrar um rosto amigo, entrar em aldeias abandonadas, bater às portas e ouvir ressonâncias cavas, penetrar e ver cinzas sem calor, fazer gestos na solidão, chamar debalde, clamar, gritar até ao delírio e as palavras tombando inúteis, como a dádiva colada à mão do antigo avarento, recusando-se à nova fome de dar!

Há, num genial poeta vizinho, uma pastorinha, que atravessa serranias de lobos. Um dia não volta e toda a aldeia parte em sua busca.

Sabeis o que é procurar alguém?

104 Correr os caminhos, espreitar as moitas, chamar angustiadamente nas bocas dos poços e ficar tudo suspenso sobre a soturna e demorada ressonância dos ecos, ouvir lentamente desfalecer o último som e nos vestígios, que, // no ar, ele quase desenha, ir a morrer-se-nos a esperança!

Eles vão procurando a pastorinha; agora encontram bocados do seu vestido, um tamanquinho vazio, guardando ainda a forma jubilosa que o animava.

E a solidão faz-se maior.

^(a) A 1.ª edição usa o itálico apenas na palavra «nada» (p. 127).

Antes procurava-se o lugar dum corpo e não se sabe agora para onde foi a Alegria da aldeia, aquela flor risonha, que por entre os campônios passava, embalsamando-lhes a vida, destilando, em suavidade e encanto, a angústia das suas canseiras.

A ausência dum corpo é a sua mudança de espaço, mas o que é a ausência duma alma?

Procurar alguém?!

Nunca fostes por entre os caminhos floridos da aldeia procurando uma namorada?

Correis num sentido e, se vos surgem dois caminhos, não sabeis por onde tomar. Interrogais as flores, tão de acordo com os sorrisos dela, as hastes dos juncos irmãs do seu corpo, as águas frescas e claras como as suas palavras; nada elas vos dizem.

O meteoro que passa deixa na atmosfera um sinal de luz, a agulha conhece o caminho do pólo; só na plena claridade do dia, por entre as árvores indiferentes, se perdeu a vossa alma.

Compreendeis então que toda a Natureza é um vocabulário morto, uma loquacidade emudecida, se falta uma alma a servir-se da sua magnificência. //

É o exílio, a solidão dentro duma Natureza, cujo falar se estancou.

105

Como a Noite apaga todas as formas, a sua ausência faz calar o verde paganismo da terra.

O seu corpo afasta-se e, na sombra de sua ausência, vai a Natureza perdendo todas as vozes.

Há, no sentimento ^(a) que experimentamos, uma boa parte de tragédia.

Procurar alguém, que sabemos perto, e nada responder ao nosso desejo! Nenhuma obediência à nossa alma, o mutismo estúpido das cousas e a proximidade, a quase presença, a lembrar-nos a obstinação dum Mistério, que um ligeiro mas incoercível véu encobre. A sua presença deu às cousas, às humildades floridas, distância e profundidade; junto dela tudo falava e vivia.

Agora tudo emudeceu como estátuas do deserto, que o longe anima e, quando já a palavra nos alteava os lábios, mostram apenas as mordeduras do tempo.

A solidariedade com a Natureza extingue-se, pois ela é impenetrável, completamente alheia ao sonho, que nos devora.

^(a) A 1.ª edição interpõe neste ponto a pontuação «,» (p. 130).

Há, no entanto, como a presença esparsa, o contacto invisível, que é a vossa certeza dumas outras flores, que abrem com os seus lábios ^(a) duma outra Natureza cheia da gloriosa posse do seu corpo.

106 Ia-se a caminho do nada, mas o Mistério // embebe a Solidão, enchendo-a da sua invisível presença.

Mas a pastorinha, cujo corpo os lobos devoraram, a animação daquela roupa agora em sangrentos farrapos, a forma d'asa palpitando ainda no tamanco solitário?

Onde está a pastorinha, doce violeta entre o mato, Alegria flutuando no vago olhar dos pastores, longínqua e consoladora, como, na linha do mar, a vela dos que voltam?

Conversávamos e ríamos, ao nosso lado existia uma alma com a qual íamos enchendo a solidão, que nos cerca. Vamos por um caminho fora isolados, assegurando-nos mutuamente, dando à nossa ansiedade interior a expressão do que nos rodeia. Tudo é claro e significativo; companheiros contentes seguimos ao longo da estrada, amando as árvores, olhando o céu, destruindo a distância.

De repente voltamo-nos e não mais vemos o companheiro; morre no ar a sua última palavra, enquanto, para sempre, ele desapareceu.

Perdidos na Noite de invernia, rugidos e sombras epilépticas vos acozzam; correis precipitados de venturosa esperança para a luz, que além vos anuncia o homem.

Subitamente a uma lufada desabrida, dobrando as árvores e a alma, apaga-se a luz, extingue-se a promessa.

Chamais em vão, outra vez afogados na Noite cega e ululante.

107 Ir pela vida fora amorosamente enlaçados, a cantar pelos caminhos, tomando as flores // para palavras, o céu e a terra para formas do nosso sentimento, da nossa fome de comunicação, e, de repente, ficarmos sós na estrada sob um céu vazio, no meio duma natureza, que, emudecida, cala e nos ignora!

Outros hão-de vir?

Mas de que servem eles, se na estrada fatal ninguém permanecerá!

O planeta é a estrada do abismo; e, se pela gravidade ele sabe conservar os corpos, as almas vão desaparecendo na treva exterior, perdidas para o convívio e presença comunicativa.

^(a) A 1.ª edição coloca neste ponto a pontuação «,» (p. 130).

O que é a consciência?
Um clarão entre duas sombras?
Só, então, o Universo toma consciência de si na alma do homem?

Tem a terra o estranho privilégio do único foco que, por dentro, ilumina e aquece o todo?

Que solidão!

O homem passa na Terra exilado e só, ao lado dos animais e das árvores, das rochas, do mar, de todas as cegas e mudas indiferenças que o acompanham; o planeta passeia no Infinito, no meio de milhões e milhões de astros desertos, corpos de luz interior apagada, a miraculosa flor da consciência.

A consciência vem do nada para a esse nada regressar?

Se assim fosse!

Mas do nada não compreendemos o seu nascimento, e ao nada não admitimos a sua volta. //

Para onde vão, pois, as almas?

108

Serão as consciências o trágico brinquedo dum Deus, que as acende e apaga como uma criança tonta de alegria simples?

Mas pode Deus apoucar-se?

Sendo a consciência, poderia ele aniquilar as consciências?

É a consciência um *nada* embriagado de ser?

O rasto do meteoro que, brotando do atrito com a atmosfera, julgasse ter rasgado o caminho com a sua luz, ter sido a própria essência do fenómeno?

Um nada que existe, um epifenómeno sem realidade própria, um acréscimo inútil do que acontece, um luar fugaz e sem corpo, pairando sobre a realidade positiva e volumosa, sobre o concreto indubitável e subsistente.

A alma é a tradução dum texto, de sólidas letras materiais em fantásticos caracteres invisíveis, sem corpo e sem tinta? ^(a)

Não é natural esta visão do Universo como uma realidade arimada e inteira duplicada por um inútil e ineficaz luar de consciência.

É uma visão deformada e unilateral própria a certos modos de pensamento.

É a paixão do determinismo levada ao absoluto, a uma quase demência. O Universo, reduzido a uma mecânica do fio, seria um sistema de massas materialmente ligadas. Nada haveria de ideal neste sistema, nenhum laço de unidade o faria propriamente um Universo.

^(a) A 1.^a edição usa a pontuação «.» em vez da interrogação (p. 134).

Esta realidade é a intuição subjacente a // todas as metafísicas abstrações mecanicistas. ^(a) É um processo curioso de suprimir o problema da consciência, que, afinal, volta a aparecer no fim como um milagre sem realidade mecânica, mas, em todo o caso, existente.

O epifenomenismo da consciência é um bastardo da mancebia do realismo ingênuo e primitivo com a monotonia ^(b) dum pensamento apaixonado pelo rigoroso determinismo da mecânica.

Seria a *demonstração por absurdo* ^(c) da existência da memória ou consciência.

Supomos o Universo um sistema mecânico e somos obrigados a desdobrá-lo em fenómeno mecânico eficiente e real e epifenómeno consciência, que, por ineficaz e fora da causalidade mecânica, tem uma misteriosa realidade própria.

Este epifenomenismo, além de ser um recurso ao milagre feito por um pensamento seu intencional inimigo, é impossibilitado pela irreabilidade dum mecanismo feito de cousas, onde o espaço e o tempo seriam tais que os argumentos de Zenão de Eleia colheriam.

É, no entanto, uma visão bem própria a temperar as almas, a fazer sentir bem o quanto de exílio e estranheza representa a consciência humana.

Se o Universo tem um foco onde se apreende e possui, ele é tão afastado da nossa realidade quotidiana que, em deslumbramento ou cegueira da sua luz, atravessamos a vida em incerta e dolorosa penumbra. //

110 Na imediata realidade concreta é o que, com efeito, acontece. Todo o homem fora de sistemas filosóficos, antes ou depois das abstrações que empobrecem, acredita na consciência como fenómeno real e indiscutível.

Ele admite a consciência como uma existência entre as outras realidades, que o cercam; mas essa existência é bem precária e fútil em frente da sólida afirmação material.

As formas materiais desaparecem mas ficam os elementos capazes de novas formas; uma casa pode desmoronar-se, mas as pedras servem para novas construções.

As consciências desaparecem e pouco nos interessam os seus elementos, porque a consciência era mais a sua unidade que a sua

^(a) A 1.^a edição faz parágrafo neste ponto (p. 134).

^(b) A 1.^a edição usa a palavra «inércia» em vez da palavra «monotonia» (p. 135).

^(c) A 1.^a edição omite o itálico na expressão «demonstração por absurdo» (p. 135).

existência. Os próprios elementos nada mais serão sem a luz que, iluminando-os, lhes dava o ser.

Que é das vidas que povoaram o planeta, daquelas, que porventura foram noutros planetas mortos?

Quando a terra for no espaço o imenso cemitério de todas as ambições humanas, que será feito de todos os sonhos e heroísmos, de todas as nossas emoções de mistério?

Deste ponto de vista parece que o Universo sofre duma radical impotência, dum fundamental niilismo que o dispersa e inferioriza.

Só a parte menos interessante perdura, e tudo o que mais claramente fala à nossa sociabilidade é instável e nulo.

O planeta subiu do mineral ao homem, // para regressar, mais tarde ou mais cedo, à simples vida mineral.

O Universo conserva ainda um plano, pois que o dizemos uno; mas é uma ordem material e externa, uma harmonia mecânica, uma conservação elementar ao lado da perda sucessiva do vital e do consciente.

Esta insuficiência, esta incapacidade do mundo, é o tormento dos espíritos naturalistas, que a tudo preferem as sólidas certezas do concreto.

Para eles o mal é uma realidade insofismável que é preciso não esquecer.

Nenhum sistema de realidade, que o ignore, os poderá contentar.

O seu naturalismo leva-os à visão duma unidade envolvendo os mundos, mas não deixa que o mal seja estranho a essa unidade.

Não ficam num ateísmo, que obrigaria a um acosmismo radical e absoluto; mas o seu Deus, bem longe da onnipotência, será afastado do Universo, ou simples arquitecto duma rebelde matéria preexistente.

Deus será o motor imóvel, o princípio dum movimento, que, por inércia, se continua longe dele e fora da sua acção.

Como o homem, pela consciência, é um exilado no Universo, assim é Deus, para além dum mundo posto em movimento, o Grande Solitário Inacessível^(a).

Qualquer coisa como um Pai, que duma só vez tudo ensinasse aos filhos, para logo separados do seu inútil auxílio, longe

^(a) A 1.^a edição usa a forma minúscula na expressão «o Grande Solitário Inacessível» (p. 138).

112 da sua // desnecessária protecção. E tão bem os filhos aprenderam as regras da conduta que, esquecida a origem, elas lhes parecem as suas próprias qualidades naturais.

Dum primitivo contacto amoroso restam duas desolações: a infinita solidão do Criador e da criatura.

Mas, se o mundo é mau e imperfeito, como ele não tirou de si a origem e apenas prolonga o movimento recebido, é claro que a imperfeição é ainda mais profunda e vem do próprio Deus.

De resto a inércia significa apenas a impossibilidade duma separação absoluta, pela uniformidade, isto é, pela inexistência, que daí resultaria.

A inércia prolonga o não-ser, é apenas a afirmação de que nada existe fora da sociedade cósmica, ela ^(a) não pode continuar as existências.

Era o Universo inteiro que despedia Deus por o conjunto bastar às parcelas.

Um novo ateísmo dizendo que o Universo existe e é indiferente à consciência. — Atitude insustentável para um naturalista, sabendo que existe e pensa.

Será, portanto, um Deus impotente, que acende a consciência sem conseguir o seu permanente brilho, a sua lúcida e bem segura presença.

Neste sentido trabalhou, com efeito, o pensamento sóbrio e honesto de Stuart Mill. //

113 O Universo revela intenção e destino, tem, por isso, algum equivalente da consciência.

Ao mesmo tempo parece haver uma realidade absoluta, conservativa e eterna, que Stuart Mill chamava a Força e é a Energia dos físicos. A intenção divina não é criadora, simplesmente lhe pertence introduzir a ordem ¹ numa realidade já existente.

A sua acção é limitada e são, portanto, compreensíveis as imperfeições do mundo.

^(a) A 1.^a edição omite o pronome «ela» (p. 139).

¹ Mais que a ordem, era a própria vida que Deus teria de reintroduzir. O Universo físico é, com efeito, uma queda para a morte, pelo contínuo acréscimo da entropia. Um mundo físico *organizado* pelos mais gerais e fecundos princípios de física moderna seria um miraculoso instante entre dois nada, se o animasse um Deus. Ver (v. g.) *A Treatise on Electrical Theory and the Problem of the Universe* de Tunzelmann, Apêndice k, p. 560.

Assim é resolvido o problema do mal e respeitado o suposto valor absoluto dos princípios científicos. A atitude de Stuart Mill é por ele mesmo classificada de cepticismo racionalista.

Não nega, nem afirma. Admite, como provável, um Deus, cuja imperfeição é em parte remediável e nós podemos socorrer.

Era tudo o que podia dar um empirismo honesto e ávido de observação e análise.

Quando olhamos livres de sistematismos, vemos o Universo marcado de intenção, ordenado e harmónico; mas também o vemos cheio de indiferenças, injustiças e desordens.

O primeiro aspecto do Ser é incompatível // com um Deus criador todo-poderoso e onisciente, tendo ao mesmo tempo, intuits de bondade ou de Beleza.

114

Esta concepção de Stuart Mill, dá ao homem a missão de cooperar com Deus na obra do seu universal aperfeiçoamento.

Quem sabe se ao cabo de tantos esforços não alcançaria a consciência uma realidade mais estável e substancial?

Em vez do sentimento de dependência, da feminina necessidade de protecção, um auxílio prestado ao próprio Deus, qualquer cousa como trabalhar no sentido do resgate universal.

Que belo destino, que imensa e fecunda liberdade a do homem, que, em fraterno e comovido esforço, pudesse aumentar os domínios de Deus!

A consciência teria tal eficiência e valor que, por ela, podia o homem prestar o seu concurso ao próprio Deus.

O Deus de Stuart Mill é, no entanto, limitado, menos pela contradição entre a sua poderosa sabedoria e o mal do mundo, que pela preexistência da Energia.

Daí a possibilidade de lhe quebrarmos os limites, e, como ele é posto só em termos de poder e saber, fica um todo-poderoso Deus de bondade, de ódio, de indiferença ou humor.

O que é, com efeito, o princípio da conservação da energia para poder colocar a Energia como absoluta e original realidade?

Ele é, como todos os princípios científicos, sem significado realista, quando queremos // pensar uma imediata realidade dos sentidos, dum primitivo e ingénuo realismo.

115

Ele só significa e vale dentro dum sistema de ciência, isto é, dum amplo desenvolvimento idealista.

E, aí, nada mais é que uma forma do grande princípio da total comunicabilidade, do equilíbrio social do cosmos, que, por sua vez, é somente a afirmação de que *o Ser é Universo*.

O que nós encontramos não é uma oposição à divina vontade de ordem, mas a mais substancial afirmação duma *Unidade que é*.

Se não elevamos esta unidade até à dramática ligação das almas, só atingimos a ideia de Ser, insuficiente de qualificativos para assegurar a mínima intenção de bondade, suficiente de quantidade para não caber em nenhuns limites.

O Deus, que Stuart Mill procura, poderia ser então uma infinita força de maldade ou ironia, de indiferença ou intenção despreziva.

A força e o saber não necessitam a bondade. Uma Unidade poderosa e sábia pode muito bem ser um propósito, uma eficiência de mal.

A relativa finalidade, que a Natureza revela, não basta a provar a bondade da intenção implícita; um fácil naturalismo concluiria até de preferência uma ordem geral, esmagando indiferentemente todo o particular.

Este Deus poderia ser indiferente e estranho às nossas consciências. //

116 O verdadeiro Deus, que da nossa cooperação aproveitasse, que ao nosso amor desse a eficiência plena do seu progressivo resgate, seria aquele, que o nosso saudoso escritor J. Sampaio (Bruno) atinge na interferência dum renovado platonismo com a brutalidade da existência do mal.

Deus amante e amado, unidade de amor e aspiração, que, através das consciências, se vai elevando, subindo e resgatando.

Não que J. Sampaio intencionalmente eleve esse Deus sobre o mundo moral; mas o seu pensamento, essencialmente platónico, afirma Deus, porque o Universo se resolve em ideias.

Resolvendo-se em ideias, delas participa; e a realidade subirá em essência, à medida que as ideias sobem em compreensão e beleza.

A ideia mais perfeita, isto é, a mais compreensiva e harmónica terá o maior valor de actualização realista.

É neste sentido que devemos pensar a terceira meditação cartesiana tão rica de sugestões e vida interior.

A ideia última é a do Supremo Bem; e Deus será, mais que o infinito da força, a bondade infinita, o perfeito e universal amor.

Como o mal é uma realidade, e J. Sampaio o não quer mesmo sujeitar a duvidosas interpretações, este Deus terá sofrido uma misteriosa queda, para cujo resgate em todo o Universo trabalham as consciências, em amorosa e sábia cooperação. //

Mas esta misteriosa queda, feita simplesmente para síntese do mal do mundo e da bondade de Deus, não é compreensível.

O mal existe como facto, mas terá ele realidade bastante a determinar um sistema dos mundos?

Não estará o mal exactamente na escravidão com que o olhamos, *na falta de interpretação capaz de o explicar?* ^(a)

O mal é a desarmonia, um desconcerto, onde se esperava encontrar o acordo e a ordem.

A ideia positiva é a de ordem, a ideia contrária não é mais que, como o nota Bergson para a ideia do nada, a esperança frustrada duma certa ordem.

O mal existe, porque, no Universo, uma harmonia descoberta nos fez conceber um ideal de ordem tão exigente que a mínima falta às suas normas nos parece insuportável.

É o que acontece com todos os males ou imperfeições sociais, que não passam da sensação de distância entre o que desejamos e o que é.

Esse mal social é afinal um motivo de progresso e fecundidade.

Os sofrimentos físicos, que mais facilmente se apresentam como factos brutos insusceptíveis de interpretação, são relativos ao funcionamento fisiológico dos organismos.

Este funcionamento tem na dor física uma sentinela e um guia, que não é fácil substituir. //

Onde o conhecimento do determinismo dos fenómenos dispensa esse guia, o homem o vai despedindo. ^(b)

^(c) A própria dor física depende da nossa vontade, isto é, da nossa atitude de pensamento.

Os estóicos e os mártires do cristianismo são provas irrefutáveis do idealismo das dores físicas.

A morte pode ser um mal se concluirmos o nada da consciência, mas não pode *aparecer* ao homem como um mal, porque, desde a sua longínqua vida das cavernas, ele a teve como irreal.

^(a) A 1.ª edição omite o itálico de «na falta de interpretação capaz de o explicar?» (p. 145).

^(b) A 1.ª edição interpõe neste ponto o seguinte texto: «Em todo o caso a mulher profundamente naturalista e séria talvez prefira a todos os 'sonos da aurora' a dolorosa excitação dum parto fisiológico.» (P. 146.)

^(c) A 1.ª edição usa neste ponto a conjunção «Mas» (p. 146).

Só àquele, que com ela receia acabar uma vida de prazeres, pode a morte aparecer como um grande mal.

Para esse é um mal, porque a vida é uma delícia.

A morte dos animais nem sequer tem o aspecto, que para o homem lhe dá o conhecimento.

A Natureza é indiferente ao espectáculo do seu desaparecimento, porque nada há neles de precioso em consciência ou ser individual.

A existência animal é simplesmente *exemplar* ^(α) e a sua repetição espontânea e sem esforço.

As torturas dos inocentes, os filhos desamparados, os pobres órfãos ao abandono são efectivas dores, que uma amorosa vigilância não deveria permitir.

119 É este o mais inabordável aspecto do mal // e só as mais audazes hipóteses o podem explicar.

Em todo o caso também a queda divina o não explica, porque ela só se compreende por um acto do seu querer, ou regressaríamos, pelo menos, a um dualismo divino.

Afastadas estas hipóteses, resta a de um Universo precário em que a vaga unidade de ^(β) aparência não tem uma plena justificação e realidade, e a dum Universo de integral e perfeita unidade, possuindo-se inteiramente na amorosa memória de Deus.

Deixemos, por agora, a primeira hipótese.

Teremos, então, uma realidade em que o mal é aparente e encontra justificativa explicação numa mais profunda apreensão da realidade.

As consciências, ou almas, são plenas realidades eficientes, inatingíveis na sua pura essência espiritual pelas dores e maldade da aparência temporal.

A alma existe, o Universo tem um sentido espiritual; sob a névoa do Tempo está a substancialidade do eterno.

Então mais pungente irrompe a interrogação dolorosa: «para onde vão as almas?».

Imaginaí, num dos ermos das nossas serras, o pequeno templo, que abriga os pastores nos temporais e permanentemente os acolhe na sombra da sua protecção amiga.

O pastor solitário e crente olha de longe o templo, e a solidão faz-se companhia, amorosa presença, maternal convívio. //

(α) A 1.ª edição omite o itálico de «exemplar» (p. 147).

(β) A 1.ª edição usa «da» em vez de «de» (p. 147).

Um dia, entre os uivos dos lobos e do vendaval, é o templo destruído e levado o Deus.

A solidão volta mais árida, mais desolada e vazia.

Na vastidão ilimitada do deserto, o árabe caminha acompanhado do seu Deus; e, quando à tarde dobrado sobre a terra medita e ora, esse Deus cresce diante dele, enchendo o deserto e o céu.

Sonhai, por momentos, esse homem perdendo a crença e abandonado, entre as areias, à desolação dos horizontes sem fim.

É a Solidão terrível, o nada do seu corpo protegendo ainda a areia em que se deita a sua sombra, ocupando mais sol e mais claridade que a sua consciência perdida como um só ponto de luz no mais anoitecido firmamento.

Pior é a solidão em que vivemos ao lado da recordação de tantos seres amados e que, desaparecidos, porventura existem, sem sabermos onde nem como.

Entre nós passou a fresca e borbotante alegria, a exuberância de afectos, a meditação fremente; aquela alma caminhava para nós cheia de pensamento e ansiedade, trazia consigo o mistério do Universo, nas suas palavras perpassava a emoção do todo, e, agora, que é desse foco onde se vinham encontrar e tomar consciência as realidades dispersas? //



Para o homem primitivo nunca a ausência era tão dolorosa como o tem de ser para nós.

As almas desaparecidas viviam em torno dele, na própria atmosfera que respirava.

A família continuava unida, porque os mortos não fugiam.

Eles tinham mil ocasiões de intervenção nos negócios dos vivos, eram-lhes presentes a todas as horas.

Companheiros de caça e de guerra, muitas vezes o seu auxílio era precioso e eficaz.

Era qualquer cousa como procurar alguém num terreno desconhecido, e receber a cada momento manifestações da sua presença, na intenção de certos sinais de origem desconhecida.

Hoje não há terrenos desconhecidos no planeta, e, no Universo, é tal a penetração, que o homem fez nos seus caminhos, que mal pode acreditar em ignorados recessos.

A resposta, no entanto, tem de ser igual.

Se as almas existem por si, elas irão para o nosso Espaço, animando outros corpos, para fora do nosso Espaço e para sempre desligadas dele, ou para fora, mas com possibilidades de manifestação dentro desse Espaço.

122 É precisamente na tenuidade e // insubsistência dessas manifestações, na subtilidade inapreensível desses aléns, que a nossa fome de concreto sofre a tortura da ausência.

A alma existe e, se o corpo morre, mal sentimos, mal compreendemos até a sua existência.

Para onde vão as almas?

Na velha Índia julgava-se que as almas percorriam um ciclo de vidas, animando sucessivamente corpos diferentes.

Esta doutrina da transmigração foi recebida pelos pitagóricos e ainda hoje tem numerosos adeptos.

Entre os filósofos ocidentais, Schopenhauer foi profundamente influenciado pelas ideias do *samsara* e do nirvana.

Experiências muito recentes do coronel De Rochas ofereceram o pretexto de rejuvenescimento da doutrina.

Em transe hipnótico uma rapariga conta-lhe a vida, do presente para o passado, com uma notável continuidade, e, sem parar nos limites da sua vida individual, continua com outros personagens.

Em cada indivíduo a consciência seria um ponto central duma vasta realidade, normalmente oculta, e que, por vezes, irrompe à luz da superfície.

Não só haveria em cada consciência um prolongamento misterioso, mas a riqueza da memória não se teria perdido, permanecendo virtual e pronta, em certas condições, para uma segura actualização. //

123 Que assim é nos limites da vida individual, é cousa averiguada e certa.

As recordações sepultadas sob um esquecimento de muitos anos erguem-se subitamente numa crise da vida, num grande perigo, numa aflicção ou dor que quebre o equilíbrio da nossa adaptação.

Recordações de cuja posse nunca se tivera conhecimento brotam sem solicitação consciente.

Todos os dias ouvimos e lemos sem clara consciência mil episódios, que, às vezes, na penumbra do sono ou do despertar, nos aparecem com insistência opressiva.

É clássico o caso duma mulher^(a) falando uma língua, que nunca conscientemente aprendera.

Somos, por assim dizer, os canais duma memória ou consciência infinitamente mais rica que a parte ao longo desses canais fluindo e tendo, para nós, um brilhante corpo de realidade.

Quem não tem sentido que a vida social o vai limitando, obrigando-o a cada passo a uma escolha entre as tantas virtualidades que possui, para abandonar algumas e prosseguir desfalcado e cada vez mais pobre?

A vida tem, sob este ponto de vista o aspecto duma caminhada em agradável sociedade, perdendo em todas as bifurcações da estrada alguns dos companheiros, até seguirmos sós o festo da última encosta.

Nós bem sentimos a cada momento um // fechar de pétalas dentro da alma, à minguá da frescura, que alimenta e fecunda^(b).

124

Por vezes ergue-se a recordação, e um ideal morto como resuscita e quer viver.

É quando o homem de negócio se queda assombrado diante da vida, cheio de gratidão, enlevo, e tem vontade de ser poeta e cantar.

Quando o homem, que, por exemplo, sempre se sentiu incompetente para o desenho, começa a ver diante de si os corpos trazendo o volume a deixar no espaço a inscrição das suas linhas.

As conversões religiosas são precisamente o acordar de virtualidades poéticas, do sentimento das ligações cósmicas, sob a palavra do profeta, ou sob o esmagamento duma grande desilusão, cortando o equilíbrio da vida corrente.

Em criança alguém me disse que o facto de estremecer de entusiasmo com uma leitura significava ser o meu destino semelhante ao do herói do conto.

Não significa porque a vida é dura, requer adaptações técnicas, é uma terrível disjunção diante de todos os nossos desejos; mas a repetição, em movimento da alma, do movimento, que levou os personagens admirados, é o sinal certo da opulência, vastidão e largueza do todo em que mergulha a consciência.

^(a) A 1.^a edição usa «Já Taine cita o caso duma rapariga» em vez de «É clássico o caso duma mulher» (p. 152).

^(b) A 1.^a e a 2.^a edições usam «alimenta e fecunde» (p. 153 e p. 124, respectivamente).

Só a admiração bárbara é feita do paralelo entre o que os outros fazem e o que se não é capaz de fazer. //

125

A admiração consciente pelos grandes homens é a estima pela nossa parte de intimidade, chamada à vida pelo seu esforço e valor.

Se as forças múltiplas da minha alma não tendessem do seu abismo para a luz da expressão, como poderiam encontrar nas palavras de Antero o que quiseram dizer, a voz do seu murmúrio?

A paixão de cada homem por um certo exemplar humano não é mais do que o reconhecimento, nesse tipo, da melhor parte da sua alma, subida da profundidade do desejo ao sol da realidade.

Os grandes homens são grandes realizações, são sementes, que rasgaram o corpo da terra e vieram abrir as pétalas sob o mistério do céu.

Tudo isto não demonstra a transmigração das almas, serve apenas para lhe conquistar o direito da ^(α) hipótese.

Saberíamos dum certo modo que as almas se não perdem e continuam, de evolução em evolução, a vida no Espaço.

Esta hipótese encontra o obstáculo da nossa moral, reclamando o mérito e a responsabilidade como qualidades exclusivas da multiplicidade psíquica.

Teríamos, então, de admitir que a alma anterior é oculta e esquecida em cada indivíduo, ou que cada vida espiritual determina a posição inicial da seguinte.

126

No primeiro caso, posto em absoluto, // seriam perdidas as almas; no segundo o ciclo das almas era o caminho da justiça, explicando o aperfeiçoamento dos bons e a existência do mal e da miséria como conseqüências do pecado e do erro.

A moral desta doutrina é bela e altamente obrigatória.

Bela, porque o Universo é uma obra de progresso e de justiça.

Além disso é tão imediata e concreta a sanção dos seus princípios que é quase impossível um desfalecimento ou quebra da moral.

Uma sociedade de crentes desta doutrina teria a necessidade de praticar a máxima fraternidade e o mais cuidadoso amor, porque a miséria e a desgraça existindo seriam possibilidades abertas perante os novos nascimentos.

(α) A 1.^a edição usa «de» em vez de «da» (p. 155).

Nenhum rico estimaria em excesso o conforto da sua fortuna ao lado da fome e da indignação, que podiam muito bem ser a promessa do seu futuro estado.

Quem poderia ver uma criança tiritando de frio e fome, num mundo, que era igual para todos?

A solidariedade na desgraça era enorme, pois esta interessaria pessoalmente a cada um.

Até este ponto nenhuma doutrina de pernanência das almas dá maior valor ao mundo concreto da acção, que é, para todos, a habitação futura, a morada em que se passa todo o drama da existência.

Essa imanência torna, no entanto, a vida // monótona, e, se não alargamos a hipótese a uma aventureosa exploração dos outros mundos, mais dolorosa se torna a existência terrestre, agora como sempre, cheia de injustiças e brutalidades. 127

Foi o que na velha Índia pensou *ÇaKia-Mouni* e deu, por termo ao ciclo de vidas mortificadas de insatisfeitos desejos, tantalizadas de inacessível perfeição, o pacificado repouso do *Nirvana!*

O Nirvana é o repouso, a dissolução na alma¹ do mundo, silenciosa e informe.

E todo este esforço naturalista vem a acabar no aniquilamento das formas e das consciências.

Para onde vão as almas?

Para o Nirvana, isto é, para o seu nada.

É sempre assim que tem de acabar toda a doutrina das almas, que as coloque numa natureza realista e suficiente.

O problema das almas é o problema da *individualização*.

Como existem indivíduos?

É claro que, numa Natureza realista e // cheia, o indivíduo só pode existir como forma parcelar do todo. 128

O Universo é contínuo e pleno, material como o corpo do oceano. Os indivíduos têm de ser, como as ondas, gestos do todo, formas talhadas no seu corpo, subidas de sua idêntica imensidade. Morrer é regressar ao informe, ao contínuo e absoluto homogéneo.

¹ Sobre a alma do mundo veja-se o curioso capítulo, do op. c. de Tunzelmann, «The place of mind in the Universe». Combinando a existência do nosso mundo, exigindo uma direcção para sempre existir ou (o que é o mesmo) uma criação, com a atitude da vida sobre o ponto de vista da entropia (o peso que se levanta de Bergson...) atinge, numa primeira e imponente analogia, a alma do Universo, contra a opinião de Tunzelmann, bem longe do Nirvana.

Os indivíduos são as vagas subindo em corpo de espuma, tombando e voltando erguidas à realidade dum novo corpo; o Nirvana é o imenso oceano calmo e silencioso.

Quem não encontrou na consciência uma realidade viva bem diferente de tudo o que o não é, ou antes, de tudo o que o não parece, há-de mais tarde ou mais cedo diluí-la no mundo, perdê-la na Unidade abstracta do Ser.

Se a mais alta e funda realidade do Universo não é social, evidente se torna que os indivíduos são aparências transitórias e insignificantes.

Para o cândido realismo da aparência, os indivíduos são efêmeros vultos sempre caídos no plano donde emergem.

Para um idealismo, que longe de interpretar o Universo aparente o negue, dando-lhe uma mera realidade humana, também os indivíduos se hão-de perder na grande Ilusão dos mundos.

É o que acontece em Kant, onde as almas se salvam, por um mero recurso teológico para um mundo incoercível e impensável. //

129 É o que deveria acontecer com o discípulo Schopenhauer, e, com efeito, acaba por acontecer a despeito dum idealismo platónico, que o devia curar do humano subjectivismo de Kant.

Schopenhauer dissolve os indivíduos numa Unidade, que, se não é a Unidade material abstracta dos naturalistas, é uma Vontade única e contínua.

Discípulo de Kant, forte temperamento de metafísico, não podia contentar-se com a ilusão dum mundo obra do pensamento humano.

Procura, portanto, o que existe sob o Espaço, o Tempo, a causalidade, etc.; e uma tendência surda, que Leibniz chamara apetite, é o que encontra.

Essa realidade primeira, a vontade, é a essência do Ser; o resto são órgãos, criações dessa mesma Vontade.

Daí a tremenda ilusão da vida em que todos somos vítimas dessa Vontade, correndo enganados a saciá-la, quando julgávamos, mais livre e nossa, a acção.

Reconhecer a nossa miséria, praticar o ascetismo da vontade e por uma negação consciente (que não se compreende como seja eficaz!) atingir a maravilhosa e doce quietação do Nirvana é o dever do filósofo.

Schopenhauer tinha, no entanto, na parte do idealismo platónico, que anima os seus belos pensamentos sobre as artes, a verdadeira essência do *principium individuationis*.

A vontade ^(α) essencial tinha diferentes // fases de objectivação correspondentes às ideias ^(β) platónicas de homem, animal, planta, etc.

130

As artes, excepção da música, eram a revelação, a exposição clara das Ideias.

Porque não recorre Schopenhauer a esta teoria das ideias para explicar o Universo?

Se a Vontade essencial se dá, por assim dizer, nessas ideias, porque se não há-de conhecer essa Vontade?

Ela é una e só o Espaço e o Tempo a diversificam, dizem Schopenhauer e os kantistas.

Mas, se o espaço e o tempo são formas do nosso conhecimento por sua vez órgão da Vontade essencial, porque não havemos de procurar nas ideias platónicas, que lhes medem o ritmo, a verdadeira razão da diversidade em indivíduos?

É que, para Schopenhauer, o platonismo tinha subido ao céu, isto é, ao mundo noumenal; sem participação com o fenómeno, ele era antes a sua outra fase.

Colocadas as ideias no mundo fenomenal, os indivíduos aparecem não como ilusões do Espaço e do Tempo, mas como realidades específicas ou genéricas.

Cada cão é um exemplar da espécie, onde ela se afirma e cria.

O seu individualismo é marcado pelo ritmo da sua acção, por pouco que o afaste do tipo específico.

O desaparecimento de cada cão é indiferente num dado período da vida, quando a // espécie existe e se sabe repetir em todos os exemplares.

131

Não seria indiferente o indivíduo no momento em que se *ensaia e tenta* a espécie, a partir duma diversificação do género.

Nas teorias evolucionistas a vida parte do simples para o complexo, e, se em cada momento atingido é inútil o indivíduo, ele foi *novo e interessante* no caminho da especificação.

Em todos os momentos não foi, todavia, o indivíduo uma abstracção, mas um exemplar da vida, dela participando e, através dela, da intenção social do Cosmos.

O realismo platónico, realismo das ideias, que deu na Idade Média o problema dos universais, devia ter permitido a Scho-

(α) A 1.ª edição usa a forma maiúscula na palavra «vontade» (p. 160).

(β) A 1.ª edição usa a forma maiúscula na palavra «ideias» (p. 160).

penhauer uma situação capaz de não soçobrar perante a morte, apagando as consciências no vasto silêncio do Nirvana.

Demais, ele soube aproveitar-se do platonismo para explicar a indiferença da Natureza para com os exemplares animais.

Porque não havia de ver, precisamente no concreto universalismo, que representa a consciência humana, a singularidade da alma perante a Morte?

Então não seriam, as consciências, órgãos da Vontade; mas realidades comunicando da universal sociedade, que é o Ser.

132 A velha discussão dos realistas e dos nominalistas, dos universais e dos nomes, é // insubsistente e falsa no mundo dos sentidos, onde tudo é relativo e particular.

No mundo da realidade, da harmonia, do caos ordenado, do Universo, o particular absoluto não existe. «Tudo é em tudo» é o primeiro universal realizado.

O Ser é uma sociedade, e cada unidade que a nossa abstracção ou adaptativo interesse cortou, liga-se ao Todo, por laços universais, que a ciência e o pensamento vão desvendando. A unidade abstracta não existe, nem no pobre indivíduo abandonado, nem no grande Todo homogéneo, dissolvendo e anulando os indivíduos.

A teoria perfeita da evolução biológica, por exemplo, seria aquela, que fosse capaz de descer do universal ao particular, da nascente à foz, *acompanhando* as águas da origem. É o almejado tipo de classificação natural, que os naturalistas sempre têm tentado.

Em que consiste o famoso trabalho de Cuvier reconstruindo um animal a partir dum osso?

Não é precisamente na reconstrução dum exemplar com o plano *específico* que o *realiza*? É um *universal* que vem encher o vazio da forma.

Nem o Espaço, nem o Tempo realizam o indivíduo.

Não é uma Unidade primitiva e essencial a refractar-se em formas, através do Espaço e do Tempo. //

133 Estes é que existem como relações das actividades sociais.

Cada ser conhece imediatamente o Espaço como um ponto de impenetrabilidade que é a sua afirmação de coexistência, conhece o Tempo como o caminho da tendência, a distância entre o desejo e a acção.

Este conhecimento vago precisa-se pelo movimento, que dá ao Espaço e ao Tempo a sua mais alta organização.

Suprimi-vos e, convosco, o movimento. Que resta?

A teimosia sensualista vai dizer-nos que resta a matéria em extensão. Se, no entanto, sob as palavras buscais realidades, ides ver um vazio ilimitado onde a extensão, condensando-se, se anula.

É que cada ser tem a sua melhor realidade no movimento, que o liga no Universo; e o Espaço e o Tempo mais não são que as formas elementares dessa unidade.

Esta irreduzível realidade social tem a sua revelação científica no atomismo¹ sem cessar modificado, mas sempre presente e insubstituível.

As unidades são, portanto, essenciais na // arquitectura ideal do Cosmos e tanto mais reais quanto mais e melhor representam, no ponto, o Universo, resumem, no particular, o total, que o anima. A consciência é, assim, a flor cujas raízes penetram todo o Cosmos, erguendo-o e reintegrando-o no perfume da meditação.

134

Eis porque um Nirvana não responde à ansiedade com que procuramos o lugar das almas.

Há uma outra doutrina, bem próxima das primeiras crenças populares, que coloca as almas em invisível convivência e possível comunicação com a nossa vida.

É o espiritismo. Apoiado em certas experiências, só excepcionalmente com valor científico, ele pretende dar a resposta à nossa angustiada interrogação.

Há casos em que parece que almas de mortos se manifestam por comunicações medianímicas. A sua identificação é sempre feita por processos insuficientes^{2 [1] (α)}, atendendo a um possível conhecimento telepático ou criptomnésico do médium.

As suas comunicações são, porém, sempre banais e nunca superiores à pobre vida terrestre.

¹ Veja-se a mais larga síntese do mundo físico pelo neo-atomismo dos electrónios e repare-se que, até na energética, a descontinuidade se afirma na hipótese dos *quanta* de Planck: (*Leçons de Thermodynamique par le Dr. Max Planck*). O próprio professor Planck admitiu átomos de energia, embora posteriormente se deslocasse para a descontinuidade nas leis elementares das forças atómicas.

² São muito notáveis as experiências do ilustre físico Lodge, sendo algumas altamente sugestivas da hipótese espirita: *The Survival of Man, a Study in Unrecognised Human Faculty*. Ver o nosso livro *A Luta pela Imortalidade*.

(α) A 1.ª edição omite na nota de pé de página mencionada o seguinte: «Ver o nosso livro *A Luta pela Imortalidade*.»

As notícias do além colhidas deste modo estão muito abaixo dos pensamentos, que, na // vida planetária, os espíritos sérios têm produzido.

A dificuldade desta doutrina está, pois, na pequena elevação espiritual que apresenta. Entre alguns pensamentos de Epicteto ou Marco Aurélio, para não ir a Job, Isaías ou Cristo, e as melhores revelações do pretendido espiritismo, há, da parte destas últimas, uma tal inferioridade de substancialismo e viva intimidade que elas mais parecem estranhos episódios psicológicos.

Não é a dificuldade de compreender as comunicações, que teriam, a despeito da fácil galhofa de Ernesto Mach, uma feliz analogia na hipótese de uma quarta dimensão do espaço, pertencendo à atenção das almas.

^(a) Comunicar com o Mistério e ouvir banalidades é que é bem pior que escutar o seu formidável Silêncio.

Esse Silêncio tentou a humana voz de Dante.

As almas atravessariam a terra em exílio para regressarem ao seio de Deus, contemplando a harmonia e a beleza dos mundos.

«... E o céu não tem outro lugar que o entendimento divino no qual se acende o amor que o move e a virtude que ele derrama...».

Aí moram as almas justas e bondosas que a vida terrestre seleccionou para a virtude.

«... Lá se pode compreender como o ser feliz tem o fundamento no acto de ser, não no acto de amar, que vem depois...».

Ver o Universo por dentro, ter uma // exultante plenitude da cósmica consciência social, eis o destino das almas, que sempre viveram para Deus e em Deus.

As consciências não se perdem, antes se alarga e aprofunda o abraço da sua compreensão. E compreender é imediatamente amar, porque é achar no todo a universal participação, a ligação completa e perfeita.

Nenhuma dissolução aniquiladora, nenhuma perda da memória comunicativa, da universal existência. O tempo não é uma ilusão das formas, que tenha por oposta realidade uma eternidade adormecida. Ele é já a vitória da consciência sobre o corpo, da ligação que se conhece e estima sobre a unidade inconsciente.

^(a) A 1.^a edição interpõe neste ponto o seguinte parágrafo: «Isto era um pouco diferente da descoberta dum célebre espiritista português, que explicava a ausência dum espírito por não poder atravessar o Atlântico.» (P. 167.)

Será, em eternidade, a memória perfeita e absoluta, foco da realidade donde dimanam os abraços que a unem, a conservação de tudo o que existe com universal e substancial existência.

Como Deus é a fonte e a harmonia do Mundo, é a eternidade, a origem e a sentinela do Tempo.

Abstraindo do dogmatismo teológico, que organizou esse além na intenção duma certa justiça, de obediência e sem reciprocidade, tem valor metafísico esta doutrina das almas.

Tem, desde logo, um maior mistério e transcendência.

As almas furtam-se às impertinências duma curiosidade inferior e à sua conseqüente inferiorização pela impotência ou banalidade.

Mas, apesar de compreensível e bela, a // nova realidade das almas é-nos dolorosamente estranha. 137

Se demoramos a visão, aparece-nos como uma esbatida paisagem selenita, a germinação das sementes sob os amortecidos olhos do luar.

Por mais que o nosso pensamento se acomode a esse mundo, é tal a fome de concreta e vigorosa presença que este é, para nós, uma incoercível ronda de fantasmas.

Há uma hora do dia em que todos somos tímidos fantasmas vagabundos.

É no adeus do crepúsculo, quando a luz morre e os contornos erram.

Nas máscaras fenece a certeza fisionômica; trevas fantásticas encovam-se nas órbitas, correndo pelos rostos como fogos-fátuos de sombra.

Se fixamos um corpo, ele furta-se numa obstinação aflitiva à apreensão do olhar.

É um mundo fantástico de incerteza em que mal distinguimos a face do amigo, que nos acompanha, da recordação dos outros, que nos deixaram.

É a hora da dúvida, dos encantamentos e das bruxas.

O povo tem as suas visões e ele sabe que a essa hora o Invisível abriu as portas.

Ar de intranquilidade e insubsistência, que, nas cidades, mal vive curtos momentos.

E, na aldeia, os vizinhos que cresceram a par connosco, aparecem com caras desconhecidas.

Um rancho, que vem do trabalho // cantando, é de repente estranha multidão emudecida. Contam-se em silêncio e mal acertam. Quem sabe se irá alguém a mais? 138

É a hora da Iniciação no Mistério ou na Morte. Como é hesitante e fugidia!

Só o povo que tem olhos virgens, a pôde ver; o letrado riu-se das bruxas...

Depois, esta pobre natureza é apenas um exílio, uma arena, onde as almas prestam provas?

E todos esses mundos do Espaço não requerem um conhecimento e uma solidariedade naturalista, de alma e corpo?

Só nos será, então, dado, o afastado conhecimento que hoje temos e o conhecimento em visão intelectual, em pura luz da alma?

Não perde, por isso, o Universo interesse e beleza?

Os companheiros do Espaço, em que hoje pensamos, agimos e amamos, nunca hão-de ser mais próximos de nós, desta proximidade de corpo e alma, de amor dramático, heróico e esforçado?

Paira, então, sobre a Natureza um niilismo, que, se lhe deixa uma realidade de aparência, lhe tira a realidade substancial e verdadeira?

139 Não serve de nada este amoroso estremecimento, que me levanta a alma em sonho e desejo infinito de Vida, e me leva o espírito por este Infinito, que conheço, a pedir luz de consciência, almas, dores, comoções, // entusiasmos, a todos os astros que o meu olhar abarca e o meu pensamento *compreende*?

E que é dessas almas, que eu penso num além inapreensível e são condenadas a um exílio do meu Universo, do mundo em que me alegro, medito e sofro?

Ainda se elas nos acompanhassem e, de quando em quando, sentíssemos no meio das penas um inesperado socorro vindo do Invisível!

Mas não; e não é o milagre impossibilitado, é o além que nos desampara ou nos é estranho.

E, quando o auxílio viesse, seria menos triste um Universo de negações parciais, sem uma fraternidade perfeita e absoluta?

Porque o Milagre, e não a natureza em si mesma elevada a consciência, amor e claridade?

—

Vem agora, a pesar-nos, a insuficiência do Universo, a hipótese, ainda há pouco afastada, da insubstancialidade da alma.

E cada vez é mais faminto o nosso desejo naturalista de consciência.

Aqui, onde sofremos a angústia das horas terrenas, onde vivemos o entusiasmo dos nossos afectos, onde, por vezes, clamamos as exigências de cósmica e integral justiça, é que queremos as almas, seguras de si e do seu imortal destino. //

É belo o espectáculo dum jardim abrindo as asas da cor e do perfume, sob o primeiro beijo do Sol; mas é sublime o espectáculo dum olhar, que mede o firmamento, nele *internando* ^(a) o heroísmo de meditação. 140

E, se agora nos é possível compreender uma outra coexistência comunicando em novas formas do Espaço e novos ritmos do Tempo, nele queremos entrar com todo este Espaço do nosso sonho e todo este Tempo das nossas dores.

Sem isso seria o além-mundo uma abdicação da nossa dignidade humana, uma traição do único ser, que fala e exige, para todas as mudas impotências que ao seu lado porventura esperam o resgate.

É um Universo luminoso, integralmente aceso em consciência, que desejamos; mas sem perder a penumbra da meia-voz, dos suaves recessos da folhagem. Um universo onde ao lado da flor da encosta, rutila de sol, viva, oculta e melindrosa, a criptogâmica das sombras.

É uma necessidade de pronta convivência, de imediação espontânea.

Requer-se um sentido do Universo, imanente e concreto.

Os deuses são da terra, e, como no velho Homero, andam por entre os homens cooperando nas suas obras.

A ordenação divina é sensual e concreta. A história pretende uma explicação toda no plano das realidades imediatas. //

Como no velho paganismo há um equilíbrio sensível, uma harmonia naturalista. 141

A filosofia da história era nos clássicos uma equitativa distribuição dos males.

A fala de Amásis a Policrates e o sacrifício da preciosa esmeralda resumem essa filosofia.

A tentação dos modernos, fatigados de transcendentalismos, é maior ainda. Eles desejam uma total conservação dos valores humanos, um progresso rectilíneo e sem fim.

^(a) A 1.ª edição omite o itálico de «internando» (p. 173).

A intensidade destes desejos de imanência cria uma tal atitude de absorção que sonhamos o paraíso duma natureza conservativa, toda penetrada de amizade e humanismo.

Os teóricos do progresso indefinido valem muito pouco como exploradores da realidade; eles têm, no entanto, uma fremente potência de aspiração e sonho.

A nossa verdade ^(α) ávida de poder e convívio levanta a epiderme das cousas e tenta mergulhar em toda a extensão da natureza.

Tumultuante de heroísmo, quer o homem um Universo humano.

Cresce sobre o próprio desejo e, sobranceiro e impetuoso, estende o olhar sobre a face do mundo.

Então é mais terrível o contraste: a natureza despe-se de intuítos para aparecer muda, indiferente e nula.

Nem sequer é hostil, oferece o seu corpo de abandono para os desígnios do homem, que respeitem a sua cega fatalidade. //

142

A hostilidade, revelando uma vontade oposta, ainda daria ao homem a convivência dum iniunigo, porventura flexível e pacificável.

Mas não; por toda a parte uma indiferença empedernida, tanta secura de consciência, como, de água, as areias do deserto, sob os raios do sol meridiano. Corre a fins ignorados, sem lassidão e sem entusiasmos.

A fins ignorados; para talvez repetir novos cursos, as mesmas insignificâncias, os mesmos mortos destinos.

E, através dessas vidas inúteis, as agonias, os sofrimentos, todas as dores, tomam no ar ambiente uma aura de desgraça e fatalidade.

Na lívida atmosfera de morte, que envolve tudo o que transita, fenecem de tédio as alegrias e a dor aumenta o seu corpo de toda a negrura esparsa.

O homem ama no meio duma natureza insensível e os frutos do seu amor e o próprio coração, onde floriram, vão arrastados na torrente dos mundos, rolando para o obscuro abismo do Nada.

Os afectos, os princípios, a lealdade do amor e da honra, a promessa erguendo uma afirmação de ser e conservação, como as águas dum rio na loucura dum amor, que as prendesse ao desejado corpo dos salgueiros!

^(α) A 1.^a edição usa «vontade» em vez de «verdade» (p. 175).

Como alguém, que pela Noite, bem anoitecida, fosse só, pelos caminhos, a querer animar com o seu canto a treva parálitica e muda! //

Que é dos primeiros beijos maternos, que foram meus e não conheci? 143

Que é do sonho, que, da minha fronte infantil, nasceu para o amor paterno?

E meu Pai, que morreu quando eu procurava a minha alma, jamais saberá que a encontrei e existo?

E toda a febre de amar, e toda a ânsia de imortalidade e beleza, que, das cavernas à catedral e à alma, a humanidade afirmou, não deixarão sequer no rasto do planeta no éter do Infinito uma pálida esteira de melancolia, que valha a compassiva piedade de outras consciências do Espaço?

As lágrimas da ^(a) Mãe, ao abrir do Mistério para esconder um filho, são mera química inútil?

Vamos afirmando pelo mundo o amor dos filhos e o mundo ignora-nos; rasgamos, no céu que a terra ocupa, um lar, um esclarecimento na treva, um amoroso calor no frio do espaço, e tudo isso é loucura, é divino desejo impotente de encher o nada, de marcar, a alma, a solidão sideral!

Que trágico e humano é o pensamento de Cervantes, dando os moinhos de vento ao *cavaleiro da triste figura!*

Que é o homem, senão o Quixote do Infinito?

Ei-lo que vai no planeta em oração e esforço; e, no espaço, o planeta nem deixa o vestígio duma lágrima num rosto.

Ideal Dulcineia, que os nigromantes // transformavam, não és a Natureza proteica e igual, sempre presente e eternamente ausente e nula? 144

Loucura de D. Quixote, sublime loucura do ideal, abrasada fome de justiça, lealdade e Deus, contagiosa epidemia a que nem Sancho escapou, como és a única doença ^(b) que fechas os olhos da carne num desvairamento de vida substancial e eterna!

Mas D. Quixote, por morrer, reconheceu a loucura, e nós precisamos de a não conhecer para vivermos!

Que elegíaca sombra a do seu rosto; como o seu nome — o da triste figura — sabe a isolamento!

^(a) A 1.ª edição usa «duma» em vez de «da» (p. 177).

^(b) A 1.ª edição neste ponto refere: «[...] como és a única doença mortal da humanidade, abençoada doença, que fechas os olhos da carne [...]» (p. 178).

Quando os fados o contrariam, a sua resignação é esperança, porque ele é uma afirmação de alma, que é a vontade de ser da humanidade.

Por lealdade abandona momentaneamente a cavalaria andante, mas é já o pastor idílico em novo desejo.

Flor das estradas ou flor dos montes, que importa?

Viver em sonho, em loucura de ideal e quimera, é só o que importa.

Castelã ou meretriz, é a Mulher, para aquém da mácula, que o seu olhar compreende.

O seu realismo é cristão e espiritual; que importa a vã poeira das convenções humanas?

O que procura é Espírito, o amor e a verdade; que interessam as vestes, se o corpo é belo? //

145 D. Quixote é o Ideal crucificado no mundo; e o que é o homem?

Tu, que me lês, não tens os teus moinhos de vento, não fuge diante de ti, desde que sentes e pensas, uma quimérica Dulcineia?

E, enquanto corres o mundo, combatendo e amando, procurando a ideal Quimera, para onde caminhas?

Para a morte; essa a Dulcineia, que, do outro lado do abismo, te busca constantemente.

Tu e eu, e todos os que foram, os que são e os que hão-de vir... (α)

Moinho de nada, triturando o nosso sonho, do qual nenhuma farinha empoeira o ar, branqueia a lividez do planeta.

Todo o homem é um D. Quixote, que se ignora; mas, se o sabe, poderá ele viver?

(β) Eu o creio, eu queria mesmo que todos o soubéssemos; cresceria, assim, a tragédia, e o homem tomaria proporções de Prometeu.

Como são belos os acentos dolorosos da música ou da oração, que da imensidade do Mar sobe à imensidade do céu! Se o mar é sereno e a vida quieta, eles podem ser, todavia, um simples correr das horas, um insubstancial desejo de união; mas, se a tempestade estala, rodopia, subverte e, clamoroso, o mar traga os naufragos, os acordes da oração, que o homem continua, atin-

(α) A 1.ª edição usa a pontuação «.» em vez de «...» (p. 179).

(β) A 1.ª edição interpõe neste ponto um espaço em branco (p. 180).

gem um poder trágico, quase divino, internam na solidão do mar e do céu um sentido de eterno e de absoluto.

Ser um D. Quixote consciente é gritar ao Silêncio a nossa íntima palavra de amor e // receber, de pronto, a certeza duma força, que a fez inscrever no Espaço; é, mais que o último soldado dum reduto sustentando ainda a bandeira flamejante, ir, no Cosmos, de pé no planeta, sulcando de consciência o frio Espaço mudo.

146

E, como nenhum acto existe fora do todo, o Universo há-de responder à nossa afirmação.

Entre todas as ideias há uma que S. Tomás de Aquino iluminou de todo o seu génio. É a ideia de *ser*.

Nenhuma ideia é, com efeito, mais implícita em tudo o que pensamos e fazemos, e, por isso mesmo, nenhuma tão oculta e difícil.

É ela, no entanto, o nódulo estável, o fundo substancial, onde todo o cepticismo crítico encontra seguro pé para erguer a realidade.

Ela constitui o *cogito* de Descartes, mergulhador da dúvida até alcançar a substância e firmeza do seu corpo de *ser* e existência.

E Kant, desarticulando o *cogito*, de novo se perde em dúvidas, e, através da fluidez do subsolo, conquista a certeza duma realidade, no *ser*, que anima a actualidade do conhecimento.

Podemos sentir a relatividade duma vida em que as perdas e os ganhos se misturam e o momento que vive parece fazê-lo da vida do instante que morreu; mas, se pensamos a vida do próprio instante, nós vemos que ele é, e a sua existência, a sua força de *ser* é alguma // cousa de tão positivo que o sentimos penetrado de infinito e universal poder.

147

O ser é, para nós, o infinito enchendo o nada; a flor melindrosa e frágil podendo abrir as suas pétalas de encontro à imensidade, soerguer o seu corpo exíguo na vastidão do Espaço.

Imaginemos, em respeito aos nossos grosseiros sentidos, o esforço dos naufragos tentando, pelas bombas, deter a invasão do Oceano; pensemos, mais ainda, que querem furtar o navio aos impulsos do Vento, esvaziando, de todo o ar, o espaço que ocupam.

Mas isto é pouco. Não é, agora, a água e o ar que se expulsam, é o próprio éter, o próprio abraço da gravitação.

Ainda não é tudo, o vazio é imperfeito; o céptico quereria agora retirar o *ser*, deixar o *nada*.

Se é inútil o titânico esforço dos naufragos, opondo-se à invasão oceânica, vede a distância em fluidez, obstinada e invencí-

vel presença, que vai daí, pelo ar, pelo éter, pela gravitação, até ao esvaziamento do *ser*.

O Mar preme do hercúleo poder das suas ondas, o *ser* invade e *interna-se* com a infinita presença da realidade.

Quando digo que existo, é o Universo inteiro que, pela minha boca, vem falar, dizendo: *Consinto*.

148 Se digo *eu*, é o Infinito que fala unindo esse *eu* com um *nós*, que os meus ouvidos // podem não escutar, mas que o corpo obediente às ligações gravíticas respeita e conhece.

Se o ar em carícias de brisa ou castigos de ventania dobra as árvores na direcção do Norte, nós dizemos que o vento equatorial cheio de humidade nos anuncia a chuva benéfica.

Se pudéssemos ver o branco corpo de Ofélia flutuando, em maré de luar, sobre a opala da corrente, poderíamos saber qual é a misteriosa praia, onde, como camélias desfolhadas, vão tombar os sonhos mortos.

Se, com D. Quixote, corremos a aventura do Espírito, andamos pelo mundo a proteger os órfãos, a estremecer os humildes, a endireitar as veredas da justiça, a levantar os corações descrentes, sabemos donde vem o vento do Mistério, que ocultos segredos murmura ou sibila de encontro à nossa frente.

E se, conscientes Quixotes, subimos a montanha desolada da dúvida, o vento, que lá em cima perpassa em heróicas rajadas sobre as nossas frentes pensativas, grita e clama, aos nossos ouvidos, entusiásticos triunfos, latejantes *péans* de glória.

O homem deixa de ser «a humilde cana tremendo ao Vento» para ser a árvore poderosa e atenta, curvando vagarosamente os ramos na direcção da beleza, da afirmativa realidade, do voluntarioso desejo de fecundidade espiritual.

A árvore entrega as sementes ao capricho do vendaval, o homem *escolheu* a inclinação a que obedece. //

149 O seu pensamento germina sob o sol da consciência, e, se hesitou sobre a realidade do espírito, foi como o vaso, que, debaixo da água, quisera esvaziar-se.

A dúvida foi a menor onda de *ser*, que o animava, fugindo diante da nova e alterosa vaga, que o invade, o dobra e o inclina no sentido da afirmação, do excesso, da virilidade plétórica e estuante; foi o ligeiro hesitar da agulha magnética, sob o roçar da aragem, para logo apontando a certeza do pólo.

É que mergulhamos no ilimitado oceano do *ser*, que nos toma e electriza e impele.

Somos debatidos e múltiplos; mas, nas horas de acção, naquelas horas em que tudo dentro de nós se acorda e tem um ritmo, no momento em que a vontade se estende pelos músculos e é atitude, preexistência, preformada obra, uma grande e solene unidade se faz dentro de nós, como que somos o alongamento dum mais vasto esforço, o ponto de apoio dum querer universal que se liberta e expande.

Se o homem se põe a escutar o coração que alimenta os mundos, a propulsão do seu sangue arremessa a própria vida no ritmo da vida universal.

O homem atravessa a vida, numa tensão de heroísmo, de vontade de alma significativa e real.

O mundo é opaco para a luz que vai espalhando; e o homem sofre, teima, vê-se isolado e possivelmente iludido.

Cavaleiro de triste figura vai, na // humildade do planeta, afirmando o absoluto da consciência, da lealdade, da conservação espiritual; e, num dado momento, repara que a sua luz persiste, sem que as trevas do Espaço a possam estrangular.

150

Donde vem o alimento da sua luz?

Quando se dobra no humilde trabalho quotidiano; quando, findo ele, traz, para o lar doméstico, beijos famintos de eternidade e certeza; quando, a todos os momentos, imola a sua menor vida sensual à maior vida do amor e do pensamento; donde vem a força que o anima, o que enche o seu coração ansioso?

É o *ser*, que o embebe e penetra; e, como as linhas de força que obrigam a agulha têm a directriz polar, o ser que o enche, a opulência de ser, que o inebria e engrandece, marca a presença duma consciência tão alta que nem uma suspensão carece para nos exaltar e subir permanentemente.

Não estamos nós a ver, para além do D. Quixote, a alma humana, louca de ideal, faminta de substância eterna, impelindo-o constantemente?

Que empurra o homem para o dever e o deixa sempre insatisfeito na visão dum dever maior, isto é, de mais universal e amorosa comunicação?

Essa fonte inesgotável de heroísmo moral, essa continuidade de sempre excedidas acções meritórias é a *resposta do Ser à nossa atitude quixotesca dentro da vida*.

Sempre me causou a mais desconcertante // admiração não ver a teologia servir-se deste argumento da existência de Deus.

151

Pois sabe-se que o *ser* é o sustento da realidade dos mundos, chega-se à visão concreta desse ser brotando dum grande amor

enchendo o nada, e não se vê que esse *ser* é, no homem, uma febre de imortalidade, um desespero de naufrago procurando o eterno, como único ponto sólido no abismo da vida que transita e foge!

Talvez para fugir ao perigo da descrença, da dúvida ou até do ateísmo. Pois nenhuma fé mais viva e fecunda, mais capaz de sucessivos e exaltados renascimentos que a do céptico abalado da sua inércia e arrastado pela força do ser moral, que, se ele experimenta o amor, logo o penetra.

Duvido muito dum Deus, que se nos deu em meninos e nunca por nós foi rudemente interrogado, numa honesta ansiedade de positivismo.

Prefiro o Deus, cuja força sentimos fremer ao ^(a) nosso próprio braço ao erguer o heroísmo, cuja consciência foi amor e convívio no grande e compreensivo abraço de desejo e alma com que abraçamos o Universo.

A dúvida e a obstinação apesar de tudo, são o mais seguro caminho da esperança.

O Universo é cerrado ao meu amor, as estrelas do espaço só brilham de luz inconsciente?

152 É o mesmo, quero amor para o Universo, comunicação íntima e completa, absoluto para // o melhor da minha consciência, para o que é o próprio desejo de universal compreensão.

Quero-o e, porque o quero, eu me inclino, fremendo de heroísmo e vontade; inicio o gesto e, na expectativa que se fez em mim, entra o *ser*, pleno de consciência, arrastando-me em vertigem e delírio.

Comecei um acto de parcela, e acabo, sendo o ponto por onde o cósmico amor se *internou* e soergueu os mundos em invencível, radiosa afirmação.

O mais ligeiro incidente da vida planetária pode produzir, sem um pesar, a destruição do trabalho humano; a natural evolução do planeta vai-o transformando em cadáver, túmulo errante de todas as nossas ambições.

Que importa?

O homem sabe-o e teima em querer o *dever*, em afirmar um valor absoluto àquela parte da sua consciência, que é a origem e o farol desse dever.

(a) A 1.^a edição usa «no» em vez de «ao» (p. 187).

«Il faut parier...» por Deus ou contra Deus, pelo significado ou pela insensatez do mundo. A ^(a) tremenda disjunção, que Pascal põe diante do homem planetário, é, com efeito, a mais profunda, bela e dolorosa manifestação da tragédia da consciência.

Parece que, ao erguer-se das profundidades da alma o formidável dilema, o Invisível nos dirige, de frente, uma brusca e terrível intimação.

Homem decide-te; é a ti, ao teu obstinado // proselitismo, que, porventura, cumpre dar valor ao Universo.

153

«Il faut parier...», e nós apostamos; sim, nós lançamos a vontade de encontro ao mundo, é um assalto de pequenina luz contra a escuridão imensa, da ternura humana contra a indiferença total.

Apostamos; e de toda a força do desejo, de todo o impulso da vontade, trabalhamos por *ganhar* a aposta.

Afirmamos; e, dobrados num heróico esforço criador, dentro de nós ressoa e palpita a plenitude do *ser* moral, que nos invade e exalta.

E temos, então, a volúpia da dor; mergulhadores do sofrimento sabemos quanto valem as pérolas do Abismo.

A todo o prumo da angústia, da miséria, da desolação e desgraça, queremos precipitar a vontade do nosso amor.

Ébrios de heroísmo queremos ser o astro precipitado, que, atravessando todas as opacidades, as deixe, em chamas, iluminando o Espaço.

O clarão imenso, que, no meio da Noite, toma e incendeia todo o céu, seja o nosso coração ardente!

Quixotes, abrasados de sonho, o mal, a dor e a morte são o nosso alimento, os ingredientes com que a nossa alquimia fabrica o amor, a esperança e a vida.

A trajetória da terra conta-se pelas constelações do zodíaco, a grandeza da nossa alma, // pelas dores, que, purificadas na sua chama, a deixam abraçada num cinto de luz.

154

Quanto mais o sol se exalta, menor é o reino da sombra; quanto maior é a altitude de dor a que subimos, mais esbatida e envergonhada se retira a dúvida!

A dor é a relação do homem consciência, vontade amorosa, com a Vida inconsciente e súplice.

^(a) A 1.^a edição refere o determinativo «Esta» em vez do artigo «A» (p. 189).

A dor é filha da simpatia, e, se tanto prezamos a memória e a consciência, é porque só elas universalizam a simpatia.

A dor é a reacção da parcela contra a separação a que a condena a indiferença do todo; é o esforço do aprofundamento do Cosmos em comunicação e exprimibilidade.

É, por isso, que a dor é uma experiência viva e séria, mergulhada no seio do Universo.

O pessimismo é uma avaliação da vida, feita longe da experiência e do positivismo da dor.

É muitas vezes uma fácil atitude literária e muitas outras uma simples anemia de carácter; é sempre a resolução dum problema na ignorância das relações, que o definem.

O pessimismo sistemático dum Schopenhauer ou dum Hartmann é ainda uma abstracção longe da dolorosa experiência da vida.

É o que, de resto, a biografia dos pessimistas sistemáticos quase sempre demonstra.

155 Os erros de pensamento são mais que claros, porque quase todos os pessimistas // filósofos dão o remédio a um pessimismo, que, se se remedeia, aniquila-se.

Quanto a Schopenhauer, o maior deles todos, basta considerar a libertação do fenómeno pela vontade humana consciente do seu ludíbrio e capaz de negar a cegueira que a arrasta. É a consciência, no homem, vencendo a Vontade essencial. Se, no fenómeno, podemos tanto, porque não havemos então de amar um mundo de tão alta e bela eficácia espiritual?

Os pessimistas literários, ou de carácter, raras vezes são almas dentro da experiência dum profundo e vasto sofrimento.

Conheço um professor português, que, há dias, me dizia estar nas melhores condições materiais para prezar a vida, que era mesmo feliz e cercado de carinhos domésticos, e, no entanto, achava que não *devíamos* transmitir a vida.

Suficiente para ele a viver, pois, numa doença recente, tivera muita pena de morrer, não a reputa digna de repetição pelas gerações fora.

Não será este pessimismo feito do medo à Morte, do inconsciente optimismo duma consciência, que tem fome de absoluto e imortalidade?

Um simples critério sensualista não é, visto que a sua vida individual lhe parece boa e desejável; é, portanto, a desilusão que o imediato transitório dá a um oculto ideal de altura, certeza e substância. //

Desilusão sofrida, porque nunca a vida lhe pôs a trágica disjunção a resolver.

156

Se um filho lhe tivesse morrido, quando as suas maiores alegrias e esperanças iam nascendo, ele teria de escolher, perante a brutalidade do facto, entre um mundo lívido de morte, em que os cadáveres riem ao lado dos vivos, e um possível mundo de autêntica vida substancial.

De encontro ao facto, a sua alma teria de afirmar a morte ou a vida.

Na fácil abstracção duma vida sem arestas não há que *apostar*, é mesmo o tédio, ^(a) insignificância da própria vida, que se encarrega de escolher, sem que a melhor parte da alma seja chamada à luta, à essência viva do drama.

Também tal opinião, quando tem o mérito da sinceridade de expor o seu condicionalismo e não o esconde por e para a literatice, nada vale; é, como as dissertações dos eruditos sobre a religião dos egípcios, feitas de abstractas interpretações, de palavras sem o miolo duma experiência que as vitalize.

Uma experiência de sofrimento conheço, que deu, ao seu agente, um transitório, mas vigoroso, pessimismo. Uma senhora, que, com a morte dum filho estremecido, concluiu ser um crime transmitir a vida.

Aqui não há uma superficial justificação de inconscientes atitudes, porventura até de particulares fisiologismos, mas uma autêntica // experiência de dor, levantando uma voz com todo o direito de falar.

157

Qualquer cousa como a diferença entre as fórmulas do estado eléctrico dum sistema e o estralejar duma descarga, rasgando no céu uma fita de fogo.

Mas, nessa mesma senhora, a intensidade da dor excedeu o pessimismo, e, em breve, o seu conceito mais ou menos materialista do mundo foi pulverizado pela tensão dum espiritualismo, irrompendo com tal fome de presença que hoje é certa a sua esperança numa misteriosa compensação das nossas perdas.

Por mim, nunca tive tanta vontade de afirmação espiritual, nunca de tão fremente impulso tendi para um consciente e obstinado quixotismo, como depois que um filho me adocece e morre, quando ergo, no primeiro livro, a melancólica afirmação do meu optimismo.

^(a) A 1.^a edição interpõe neste ponto o artigo «a» (p. 193).

Optimismo, não porque o mundo seja óptimo, mas porque o desejamos fazer bom, amoroso, penetrado de consciência e entendimento.

E, agora, ao meu lado, um outro filho brinca e grita a alegria de viver, sem que a sombra da Morte, que vou evocando, me tolde a serena meditação das palavras.

É fácil ser pessimista no correr duma vida sem atritos; mas se a tragédia surge, se o dilema aperta, é então tamanho o nosso conhecimento do mal, tão profunda a sua assimilação que, do outro lado do abismo, clareiam novos astros.

158 Que saberão dizer da vida os que nela // passam em busca de pretextos literários, de opiniões totais focadas do seu quarto de leitura?

O mar é tão fundo, tão fundo que duas cordas de carro não chegam ao fundo, dizia um dia um camponês, que fora a banhos, para um patrício assombrado.

A vida a duas braças, mal beliscada a epiderme, que pode saber da Dor, oceano insondável se nos não valemos dos máximos afectos, das mais amplas e compreensíveis ligações?

A Dor leva ao maior conhecimento, porque obriga a uma indagação em todas as direcções e sem repouso, porque torna sensíveis os mínimos laços, porque é a penetração da alma através do cosmos, como raízes famintas estalando os penedos, que, da boa e desejada terra, as estão separando.

A Alegria é vitoriosa e simples, a Dor é comovida e transcendente: é um amoroso recurso às profundidades do abismo, um inclinar de atenção para todas as forças ocultas, um paroxismo de metafísico amparo, um esforço do coração para o ritmo dos outros corações.

A Dor é uma incessante pergunta, uma humildade contemplativa e amorosa, um andar de companhia com o mais recatado sentido das almas, é o maravilhoso cristal através do qual se recompõe a unidade da luz para se nos mostrar o Universo em nova claridade.

159 Se me dobro sobre a boca duma fonte, é o murmúrio da água que me leva para o // interior da terra; se escuto uma alma, que sofre, é infinito o meu caminho e na obscuridade, que percorro, vou divisando um remoto luar, amanhecendo do abismo das almas e dos mundos.

A primeira promessa de lealdade e o primeiro beijo de amor foram feitos do primeiro sofrimento duma alma, que se viu incompleta e procurou além...

Os homens e os povos só são grandes pela Dor. A Alegria banaliza e adormece, a Dor inquieta e dinamiza.

A derrota da Alemanha é, numa boa parte, feita da dor dos belgas. A Alegria atravessa o mundo em marcha; a Dor bate às portas a esmolar companhia.

O mendigo, que atravessa a aldeia, de casal em casal, é a dor que lembra aos homens o quanto de impenetrabilidade e solidão eles lançaram sobre a vida.

E ele diz que a indiferença do céu para os nossos desejos não é maior que a nossa incompreensão de alma para alma.

Nunca uma grande alma se sentiu desgraçada no meio da Dor; e, aí, a alma de Oscar Wilde atingiu a beleza divina, a altura do pensamento, a simplicidade de infinita fundura.

Há quem, com o pretexto de amar a vida, dê ao paganismo a superioridade da Alegria sobre o cristianismo como religião da Dor.

Nem é outro o motivo das teorias de // Nietzsche. Sim; o cristianismo é a grande religião da Dor. 160

De tal modo ele acolheu os pobres e os miseráveis que não nos acode a lembrança da mais luxuosa catedral ou da mais modesta capela sem um longo círculo de escorraçados da Alegria, implorando amor e piedade.

Amar a vida é compreendê-la, alargar o seu círculo de acesso para lá das vitórias naturalistas da selecção, dar-lhe um sentido que se não perca e valha em absoluto e substância.

Se o paganismo vibra de infantil Alegria naturalista, o cristianismo é a Alegria reconquistada, o sol depois da tempestade, a dignidade e certeza da vida, de olhos abertos e atentos na face da morte.

A Dor é o caminho da redenção.

Para salvar as almas da treva exterior e da morte, preciso era ter delas um conhecimento que as talhasse em relevo inapagável; só a Dor leva os olhos ao fundo do abismo e arranca a profundidade à luz da superfície.

Vénus Anteia deixava, em vestígios dos passos, sulcos de flores; o rasto do cristianismo é de lágrimas, agonias e bênçãos.

Leprosos, paralíticos, endemoninhados, bordam os caminhos de Cristo; e tantas vezes a sua palavra, toda perfume, enlevo e mimo, se interrompe para que as mãos toquem gangrenas.

Eu também acredito que Jesus veio em testemunho de Deus, e, por isso mesmo, sofreu // como ninguém, sondou a Dor até àquele ponto onde ela se transfigura em imortal Alegria. 161

Por isso amou os que sofrem, os inquietos, que buscam, na singeleza da sua alma, um seio de amor, onde acalentam ^(a) a bondade.

A sua palavra dissolvia os corações empedernidos, em viva água de humildade, porque falava à dor, ao naufrágio das consciências no grande deserto da vida mortal.

O que há de mais sublime na vida de Cristo é a nova harmonia, que realiza dentro da Dor.

Antes dele houve uma vida ideal de proporção e harmonia, mas dentro da clara alegria de viver.

Só ele conseguiu a tranquilidade na Dor, a beleza na tragédia; fundir o sublime na harmonia do belo.

Percorreu todo o ciclo da Dor, mas com tanta liberdade que os seus gemidos caminham a sorrir para as nossas almas. ^(b)

A Dor é, para nós, o sentimento de separação, de insubsistência e fragilidade.

Se nos obstinamos pela consciência, por um significado espiritual da vida, se, trepado o nosso Gólgota, olhamos o horizonte, o vendaval do Mistério impele-nos duma força sempre pronta e excessiva, o *ser* penetra-nos da sua essência espiritual.

A cada momento nos é preciso o esforço de bem para que o bem nos envolva da sua presença.

162 Cristo sabe que Deus fica para além dos // areais da Dor, que é preciso atravessar o Deserto para alcançar o nemoroso oásis de água viva e perene; o seu passo é seguro desde o princípio, ele leva, em si, a frescura da fonte original.

Atravessa a Noite, como o cometa flamejante, ardendo em luz própria e originária.

Não se curva de incerteza na expectativa da mão que o há-de guiar e impelir; é do Interior ^(c), onde já Deus é vivo, que a certeza o conduz.

Não é um drama em que uma alma defronta o Universo e clama exigências, que a excedem; é o Drama duma alma já certa do seu caminho, senhora da sua essência de vida eterna.

O nosso quixotismo é heróico, sobressaltado. Jesus é sereno, porque o seu heroísmo leva desde o início a certeza da vitória.

^(a) A 1.ª edição usa «acalentem» em vez de «acalentam» (p. 199).

^(b) A 1.ª edição omite o itálico no parágrafo indicado (p. 199).

^(c) A 1.ª edição usa a forma minúscula na palavra «Interior» (p. 200).

No entanto tudo ele atravessou: a traição, a insegurança da amizade ameaçada, o escárnio, a ingratidão e a cegueira, a brutalidade, a cobardia, a sede e o abandono.

Para dar testemunho de Deus aos homens não era necessário atravessar uma fogueira ficando indemne, mas percorrer a Dor, livremente e por amor deles.

Todo o cristianismo é um ensinamento da Dor.

«... Quando deres algum banquete convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos».

Maior e mais pura é a sua gratidão, // porque o convite foi desinteressado. Nenhuma recompensa material vos será dada, apenas um sincero agradecimento, vindo da pureza da alma.

163

Ao homem que cumpriu os mandamentos e quer a vida eterna, ele diz: «... Ainda te falta uma cousa; vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e depois vem e segue-me».

A indigência facilita a salvação, porque tira o homem debaixo dos bens, que, não sendo da alma, a sobrecarregam e desviam.

Ela é precisa para fazer sentir ao homem quanto é fútil a riqueza exterior, alheia ao destino, ao sentido da alma.

Ela é boa, porque não esconde o peso da existência, o sofrimento e o mal; não furta o homem à grande experiência da Dor.

Mas, de nada servirá ^(α) a lição do cristianismo, se nos furta-mos ao conhecimento da sua experiência.

O cristianismo vulgar, simples pretexto para um certo número de festas mundanas, ou o cristianismo chamado, apenas, a proteger os interesses quotidianos, nada possuem da grande experiência de dor, que o alimentou e subiu à maior das atitudes do homem perante a indiferença da Natureza para a sua insaciável sede de alma. Toda a vida de Cristo é o mesmo drama do homem e da natureza, da consciência e da indiferença, da memória que perdura e do mundo que dispersa e morre.

É uma relação do homem com o Todo; // quem a não vive jamais poderá compreender o cristianismo, que de cósmica atitude religiosa se torna uma fórmula da hipocrisia social.

164

A preferência pelos simples, por aqueles para quem a facilidade de vida não tem regalos, que adormentem, afirma a Dor como uma cósmica experiência insubstituível.

(α) A 1.^a edição usa «servira» em vez de «servirá» (p. 202).

A agonia de Jesus na herdade de Getsémani «a minha alma se acha numa tristeza mortal...» mostra a sua figura alada e forte carregada de todo o peso da dor, conservando ainda a liberdade de *aceitar e cumprir* a vontade do Pai celestial.

Essa confiança no perfeito amor e cuidadosa presença do Pai celeste, só o homem a pode conseguir vivendo profundamente as suas dores, a tal ponto que ele as sofra como dores universais.

Então, quando cada homem sentir a morte dum filho, não como uma perda pessoal, mas como uma radical impotência da Natureza, tal será a distância entre os desejos da sua alma e a imediata realidade do mundo que o heroísmo das suas virtudes, a persistência das suas afirmações espirituais serão, para ele, a presença duma força moral, que o impele e levanta.

A Dor há-de aparecer-lhe como o melhor caminho para Deus, e as chagas de Cristo os buracos dolorosos por onde, e para sempre, os olhos do homem viram o Infinito.

165 E aquele estupendo hiato do evangelho // (lugar aberto a toda a especulação) em que Pilatos pretende saber o que é a *Verdade*, será cheio de toda a Dor humana; Jesus, falando, apenas acrescentaria, de palavras, o corpo sangrento da Verdade...

A GRAÇA

A graça é a sensação da liberdade. Aparece em toda a parte, onde uma força se liberte e pouse, sobre a tranquilidade da forma, o sorriso do seu excesso.

A graça é o abraço acrescentado ao corpo, a unidade plena, possuindo o mundo e sobrenadando à superfície, como essas figuras dos anjos directores de Kepler, guiando os planetas pelo Espaço.

A graça repousa e perpassa, de larga túnica flutuante, no cósmico abraço dos mundos.

Aquele formidável gigante, que sustentava o Céu nos confins do mar, era heróico, retesado de esforço, nenhum sorriso brincava nos seus lábios.

O anjo de Kepler era gracioso, não combatia atritos; era o próprio planeta, elevando sobre si a unidade do seu destino cósmico.

Entre as concepções da fábula, nenhuma // revela, melhor que a sereia, a divina essência da graça. 168

A sereia contraria a beleza pelo artificial casamento da mulher com o peixe, no entanto, uma vaga simpatia nos surpreende.

É que a mulher entra, apenas, pelo elemento canto, voz subida das ondas; é a presença do excesso livre e desinteressado.

A sereia equilibra o mundo físico pelo corpo e ergue sobre esse mundo a flor da voz humana, solta e ilimitada.

A verdadeira graça não é a da sereia, mas a da própria mulher respondendo pelo corpo às comoções siderais; pela palavra e pelo canto, pondo, em cada resposta, um novo sentido de profundidade, *reformando* cada gesto com uma secreta intenção de amor.

Mas a nossa inércia esquece-se na harmonia plena, e, para prender a atenção, necessário é desarticular os elementos dessa harmonia.

A Graça é a vitória da unidade sobre a pluralidade, da qualidade ^(a) sobre o número, da liberdade sobre a necessidade.

Esta vitória não resulta, porém, da superioridade do *eu* sobre os *outros*, da irracionalidade matemática do Ser; é pelo contrário, a justificação duma unidade de reais pluralidades, duma infinita possibilidade de formas reais, duma liberdade de ligações, de universal comunicabilidade.

O Universo é uma ordenada coexistência. //

169 Nenhum ser se pode esconder ou furtrar às actividades que o cercam.

No ponto e no instante está o Espaço e está o Tempo.

No indivíduo está a Espécie e, mais além, a própria Vida ^(b), ligando-o ao planeta e aos mundos.

O episódio não existe, porque, ao acidente, que passa, assiste a essência que perdura.

A Graça, sendo o sorriso do Universo, que se possui e ama, pode revelar-se no acidente e no indivíduo, no ponto e no instante.

Na agilidade contente do movimento infantil, ou na microscópica magnificência duma diatomacia, trabalha uma força, que, sob o Oceano e o Céu, sem esforço nem diminuição, desdobra o infinito do seu poder, sobrelevando a obra.

A Graça é a sensação da liberdade, porque é, em cada forma, a presença do Infinito, que a criou e sustenta.

Há criaturas cheias de Graça, que, pela libertação duma força de excesso, no meio das mais apertadas crises, tornam a sua presença um bálsamo, um conforto e uma certeza para as nossas almas.

Os homens dão às crianças a impressão duma inabordável majestade, duma força em perene actualização; aqueles em que flutua uma força livre e desempregada são para a criança os portadores da ventura, os bons amigos, cheios de graça. //

170 O sentido fruste e trivial, que tem a graça, é ainda o de libertação e facilidade.

É claro que essa facilidade pode resultar precisamente do superficialismo da vida, e, entre o sombrio e o gracioso, pode

^(a) A 1.ª edição usa «quantidade» em vez de «qualidade» (p. 207).

^(b) A 1.ª edição usa a forma minúscula da palavra «Vida» (p. 207).

haver apenas a diferença do animal da profundidade para o animal da superfície.

Mas também essa graça é vista por animais do mesmo nível, e, nesse mesmo nível, actualizados e explícitos.

O mundo físico é a graça do mundo mecânico, como o pensamento é a graça do mundo físico.

O arco-íris atravessando o céu é a imagem do pensamento divino envolvendo os mundos.

A Alegria é a unidade concreta dum Universo: sociedade pronta e patente; é, pode dizer-se, a realidade do Ser planificada.

A Dor é a nova direcção da Unidade, quebrada em mil destroços, fragmentada e dispersa, buscando para além.

A Graça é, antes da Dor, o sorriso da Alegria; é, depois da Dor, a Unidade reconquistada boiando sobre os destroços, que, por ela, toman um novo sentido de Alegria, um lúcido corpo de drama, um valor de relevo e exaltação.

A Alegria atinge-se, é a nossa realidade imediata e é também a nossa conquista.

A Graça é, no indivíduo, a presença dum Infinito de qualidade, que tudo abrange e excede. //

A Alegria é a vitória, em cada ser, do sentido de concreto universalismo sobre o abstracto individualismo.

171

A Graça é o próprio Universo que é presente, por dentro e em espírito, em cada parcela — átomo, mundo ou criatura.

A Alegria canta, a Dor procura e atende, a Graça é.

A Realidade, desde a mecânica à moral, é uma unidade concreta, quer dizer, a comunicação de muitos.

A sensação é na psicologia o análogo da inércia na mecânica.

A inércia diz, como já vimos, que há virtualmente *cada um* e que *cada um* se actualiza em resposta a *todos os outros*.

A sensação diz que *uma* actividade foi afectada por *outras* actividades.

Em mecânica, para construir uma realidade é preciso conhecer as disposições relativas das massas e o seu actual estado de dinamismo, quer dizer, de relatividade de acção.

Em psicologia, é também preciso coordenar, seleccionar e harmonizar as sensações, para atingir a mínima realidade.

Mas, como em mecânica, também na psicologia devem as sensações, só por si, significar e valer.

O mundo sensual é ainda um Caos, mas um Caos real e significativo, afirmando um conjunto, um todo.

A Graça é a apreensão do universal no particular, e, quando o primeiro sorriso // infantil luariza uma face, é a providência amparando a fraqueza, o anjo-da-guarda que está vigilante.

Quem uma vez sentiu a graça, viu o próprio Deus.

Vejam como ela é variável e sempre fácil em cada instante de realização.

Qual de nós, de amorosas comunicações tão estreitas, poderia, com graça, libertar um cordeiro que vai destinado à morte?

E não o fez S. Francisco de Assis ^(a)?

É que, nele, a amorosa comunicação vai até ao irmão lobo, ao Sol e à Lua, e, em nós, mal chega aos mais próximos seres humanos.

O que, no humílimo santo, é a presença da amorosa unidade, seria nos outros uma inversão das ligações, uma estúpida separatividade.

Conheço uma senhora que oferecia dinheiro a quem, ao Mar encapelado, fora a buscar-lhe uma cadelita.

Era a vida humana explorada em proveito da vida animal.

No entanto, era graciosa essa mulher; mas implicitamente, nas linhas do seu corpo, na flexibilidade ondulante da vida, espraçada nas suas formas.

O Deus, que a sua graça mostrava, era um bom deus pagão, pelas margens dos regatos procurando, nos salgueiros, as ninfas que os habitam.

173 Graça panteísta e simples era a sua, // graça búdica e cristianíssima, o maior valor do Universo, era a do santo mendigo.

É gracioso o jogo de luz que é o brincar dos peixes ao lume da água, mas também (e a que distância!) é gracioso o falar de Cristo.

Todavia é sempre um excesso; o excesso sobre a utilidade do instante, sobre o limite da forma, e o excesso sobre todo o Tempo, todo o Espaço, todas as formas e todas as vidas.

Em nenhum caso existiria, pois, a graça, se o Universo fosse um mecanismo, uma mera necessidade, uma absoluta actualização.

A Graça é o sorriso da liberdade.

Mas existe a liberdade; não será uma ilusão e, com ela, a Graça uma sensação falaz?

^(a) A 1.ª edição usa «S. Francisco d'Assis» em vez de «S. Francisco de Assis» (p. 211).

Se quereis um Universo sólido e consistente, onde a acção encontre ponto de partida, fim e meios, tereis de admitir o mais absoluto e completo determinismo.

Se quereis um Universo alegre e gracioso, que vos não apague e suprima, que não substitua a cada um todos os outros, de modo que nenhum exista, tendes de nele colocar a mais positiva e real liberdade.

Eis os dois extremos, que tendes a respeitar.

Um heróico optimista, achando o mundo excelso não pelo que é em intuição, mas pelo que pode ser em interpretação, Emerson, aconselha-nos a segurarmos firmemente os dois extremos da cadeia.

Assim fiz até que se me abriram claridades // novas e pude compreender não só o ^(a) acordo, como a recíproca verdade dos dois extremos. Um é pelo outro.

174

Por o Universo ser uma sociedade activa, ele é integralmente ligado ao mesmo tempo que é integralmente livre.

Os dois escolhos da liberdade humana são a escravidão e a tirania.

A escravidão é a perda do valor pessoal, a abdicação da palavra própria, da realidade da parcela. É, no mundo humano, a direcção da pessoa por uma lei exterior; seria, no mundo físico, a exaustão completa da qualidade, a sua representação em pura quantidade, a supressão em cada massa de sua *qualidade* de inércia, a integral redução a puro geometrismo.

A tirania é a invasão dos outros por cada um, a direcção do interior alheio pelo interior individual, a homogeneização do todo pelo *facies* duma parcela.

A tirania e a escravidão têm um mesmo processo e um fim comum — o homogéneo.

Sonhai um destino para um povo, tirando esse sonho da vossa exclusiva individualidade.

Realizado o sonho, que vai acontecer? Como nada há fora da vossa individualidade e a sociedade é a vossa repetição, tudo vai estagnar em actualização plena, em perpétua identidade.

Recebei passivamente uma forma, que se vos impõe; a mesma identidade estancará a vida, em perfeito automatismo. //

A escravidão e a tirania são a mesma cousa, são tentativas
niilistas.

175

^(a) A 1.^a edição omite o artigo anotado (p. 213).

O Universo existe pelo seu dramático significado social, é como um fluido enchendo e *informando* um vaso elástico, cuja elasticidade cansa e se demora.

As pausas dessa elasticidade são a inexistência, o alvor do Nada.

Pode dizer-se que a realidade é o infinito animando o nada.

É, neste sentido, que se deve entender a criação; e, neste sentido, ela é contínua e permanente.

Se os deuses dormissem, haveria o nada.

Ora, se a grande árvore da vida recebe a seiva só numa direcção, mineraliza o resto, e, pelas raízes mortas ou pelas folhas secas, ela há-de estiolar e morrer.

Esta é a explicação de todas as antinomias e contradições do pensamento humano.

A contraprova é a identidade niilista dos extremos da contradição.

Concluimos, assim, um complemento determinista da liberdade efectiva.

Por não ter sido compreendido este *sentido cósmico*, a cuja luz deve ser olhada toda a realidade, é que o problema punge, e, quando muito, apenas encontra quem, como Emerson, heróica e confiadamente aceita o conflito.

À analogia da árvore da vida se reduz, com efeito, toda a essência do problema.

176 Ou a realidade é uma produção espontânea do pensamento humano, ou é uma cópia // servil, que o pensamento faz dum absoluto exterior.

Com os primeiros, isto é, com os que alongam num *só* mundo o pensamento de Kant, é a tirania humana pesando sobre a realidade, pulverizando-a em pérolas dum colar, onde cada uma só é por virtude das outras. A própria actividade tirânica se dissolve nos instantes do Tempo, que produziu.

É a Árvore isolada da terra, morrendo de fome.

Com os outros, é a tirania exterior pesando sobre o homem; e, como cada ser há-de receber a sua realidade do exterior, é, na mesma, um Tempo de instantes contados e um Espaço de pontos exclusivos, que dissolve o homem e o todo na sua identidade geométrica.

É a Árvore esmagada sob a Terra, morrendo sem a luz do Espaço.

Os primeiros afogam o Universo no homem, que, em frente do Nada, se há-de sumir.

Os segundos afogam o homem num Universo inanimado, que, desqualificado e exausto, irá desaparecer.

Em qualquer direcção que atravesseis o planeta é o Abismo, a Solidão vazia, que se vos oferece.

Se é Dia, o ruído próximo apaga a voz longínqua e nada vereis para além da Terra; se é Noite, o silêncio do planeta alonga-se sobre o abismo e um imenso, um infinito silêncio, pesa sobre a vossa alma aterrada.

Só o *sentido cósmico* da realidade vos // poderá dar a compreensão do planeta e do abismo, rumoroso de astros ^(α). Sim; só o significado universal da existência pode fazer ouvir certas vozes, dar verbo a certas ansiedades suspensas.

177

O que significa a nossa emoção, a súbita fonte de eloquência, que, em nós, desperta a presença dos espectáculos da fatalidade?

Quem não tem sentido que há uma palavra a pronunciar para desfazer a fatalidade, que esta resulta dum equívoco, que vamos evitar?

Quando, no cadafalso, a voz, interiormente clamorosa, de Luís XVI se perde nos murmúrios da encapelada floresta humana, todos sentimos ^(β) tremendo equívoco da alma, esmagada sobre as fatalidades, que uma palavra de eterno e universal significado poria imediatamente em farrapos de fumo, como a mais frágil e terrível das ilusões.

Trazei ao quotidiano, o eterno; à parcela, o todo; ao acidente, a essência.

A fatalidade não é mais que a queda das forças criadoras, o sono da vida, a lâmpada que quer dispensar o sol e se morre à míngua de alimento.

Se deixamos cristalizar as formas da actividade, ficará esta enclausurada entre os cristais.

Desde a prática metafísica até à prática social de todos os dias, são os produtos da actividade os seus maiores inimigos.

Porque deixou estagnar o Tempo e o Espaço longe da ideia que lhes dá o ser, foi o // pensamento humano aprisionado no ponto e no instante.

178

O materialismo do Tempo e do Espaço, de qualquer absolutismo que ele resulte, aniquila a liberdade, retirando o interior a todas as existências.

(α) A 1.ª edição usa «d'astros» (p. 217).

(β) A 1.ª edição interpõe neste ponto o artigo «o» (p. 217).

O materialismo das obras duma civilização pesa sobre o seu espírito criador.

É a tirania das cousas, que a guerra europeia veio revelar aos mais míopes e que, desde o nosso primeiro ¹ livro, predissemos e afirmámos.

Na grande guerra, é exactamente a civilização industrialista pura, a superioridade das cousas humanas sobre o homem, que sofre o juízo de Deus.

A Prússia será condenada e o povo alemão, hipnotizado pelo brilho da indústria, delirante de Força, tendo invertido os meios e o fim, voltará à sua alma florestal e obscura, a explorar-lhe a sua grande parte de Sol.

A França será absolvida dos seus ligeiros erros da graça fácil e continuará a ser o grande povo clarificador, onde o romantismo das almas é aquecido ao gracioso sol da razão. //

179 A Inglaterra abrirá olhos de dúvida sobre o esplêndido isolamento do seu utilitarismo e a ingenuidade dos seus poetas penetrará a alma dos seus políticos.

E, nos olhos ingleses, haverá lágrimas de gratidão e louvor diante do D. Quixote dos povos, que é a sublime Bélgica.

(^a) Nunca vistes uma criança conduzindo um carrito de mão, a descer uma encosta?

Ela o guia; mas, se o abandona à inércia, será imediatamente arrastada.

Assim é a civilização. Ela compõe-se dum conjunto de instrumentos da acção humana, ela é mesmo o depósito da cooperação social; mas, se o espírito criador adormece, será o conflito social, a escravidão do fim humano aos meios materiais.

Tudo isto é, no plano prático imediato, a repetição do que aconteceu no longínquo plano metafísico.

¹ O *Criacionismo*, Junho de 1912, Pág. 310 [p. 377 desta edição, vol. 1, tomo II]: «... Já vimos que, neste momento religioso, o homem parte, com alma de certeza e olhos de eternidade, a encher a terra das obras do espírito. // Mas as obras realizadas perdem o valor e podem servir até para esmagar e oprimir, se lhes falta a presença do espírito criador! // Eis porque o progresso exterior é tantas vezes opressão e maldade!...»

(^a) A 1.^a edição interpõe neste ponto o seguinte texto: «Será lido com devoção esse eterno livro, cuja leitura, em muitos ingleses do passado, quase só teria despertado grosseiras gargalhadas maxilares.» (P. 220.)

O homem abandonou os instrumentos da sua acção cósmica, do poder criador que os gerou; eles o irão governar e toda a sua vida, perdendo o significado metafísico, o valor total, será dispersa em fragmentos de fingida realidade, pálido arremedo do seu maciço ser de liberdade.

A existência assenta num princípio de equilíbrio social.

A estrutura do mundo físico é a inércia.

É, com efeito, a inércia a base da mecânica, e, se quisermos furtar-nos à mecânica, cairemos na energética, onde o conceito // principal de energia é ainda definido em termos de inércia.

180

Ora já vimos que o significado metafísico da inércia, o seu valor realista é somente o da integral comunicabilidade, do equilíbrio social do Ser.

Cada *massa* responde com uma *qualidade própria* à acção, que, sobre ela, exercem as outras massas.

Mais além, os corpos respondem aos movimentos, que as despertam, *escolhendo* desses movimentos aqueles com os quais podem casar a forma do seu movimento.

Esta escolha, a *ressonância*, não suprime, todavia, a primordial resposta de inércia; antes nela se apoia, e a sua realidade mergulha nessa elementar realidade.

No mundo químico essas mesmas bases são respeitadas e cada corpo acrescenta um modo peculiar de acção para com os outros corpos.

Sem que cada particularidade seja um absoluto impenetrável, pois o seu modo de ser varia com o condicionalismo exterior.

Todo o mundo físico revela, excelentemente, o *esboço* duma individualização totalizante (para distinguir do falso individualismo de comunicações cortadas) nas formas cristalográficas. Os corpos tendem para uma forma própria, que as condições exteriores podem estorvar, mas sempre aparece um núcleo matematicamente exacto da forma a atingir. //

É uma adaptação ao exterior actual duma forma ideal a realizar.

181

As leis de cristalografia são uma anunciação das leis biológicas.

É, assim, que o esforço dos que pretendem descer a vida e subir o que chamam matéria escolhe o cristal para chave do mistério.

O magnetismo alarga os contornos dos corpos de uma vasta interacção.

Na vida, o indivíduo alonga-se, pela espécie e através dos géneros, até à simples vida homogenea e única.

O significativo ^(α) metafísico das teorias evolucionistas é também o do equilíbrio social.

Em cada ser vivo é presente uma unidade do seu corpo e uma unidade de vida, que o liga em todos os outros seres.

E todas as leis científicas são a procura da ideia platónica ^(β) de que *participa* cada realidade singular.

Esta Unidade, presente em todos os seres e fenómenos, não é a unidade aritmética, não é contável, nem quantificável.

Ela é presente na quantidade e no número, sem ser o número ou a quantidade.

A quantidade dum círculo é a relação entre o seu espaço e o espaço do quadrado comparativo.

Nessa relação, o número soçobra perante a quantidade, até a um novo crescimento idealista.

182 E o que realiza o espaço circular, senão // a sua participação na ideia da equidistância ao centro?

O centro é já o ponto qualificado, virtualmente contendo o próprio círculo. Aritmetizar essa Unidade interior é aniquilar a própria quantidade, que tombaria em poeira de *pontos sem ordem*, isto é, de nada.

Esta Unidade é sempre presente desde a simples existência mecânica aos laços da gravitação, do abraço eléctrico, esboço d'alma envolvendo o planeta, dando aos corpos uma polarização, até à unidade da vida criando as formas e à grande unidade moral ligando as pessoas, dando aos seres um destino comum.

Por não ser quantificável, não a esgota também nenhuma qualidade, ela é sempre um excesso sobre todos os seres e fenómenos.

Daí o duplo aspecto da Realidade: ela é contável e descritível, ela é infinita e inominada.

A Realidade é portanto um Irrracional ¹ criando a razão e a ordem; Irrracional porque nenhuma quantidade a pode medir, nenhuma qualidade a pode esgotar. Não quer dizer que a Realidade seja estranha à Razão, mas sim que a Razão cósmica é infinita e activa, e o Universo uma criadora Razão plural, isto é, uma sociedade, um conjunto unificado, um sistema de eficazes actividades.

^(α) A 1.ª edição usa «significado» em vez de «significativo» (p. 223).

^(β) A 1.ª edição usa o seguinte texto: «E todas as leis científicas são mais que a procura da ideia platónica» (p. 223).

¹ Ver *O Criacionismo*.

Desde a força mais abstracta, a simples força sem qualificativos, até à vida moral, é // sempre em cada *um* a presença dos outros a solicitar a *acção*.

183

A primeira, a última, a constante realidade é a *acção*.

É, por isso, que o movimento é a expressão do Universo, a sua única linguagem.

É o movimento que cria os novos meios da *acção*, e, sobre este ponto de vista, o espaço e o tempo são criações do movimento.

Se o Espaço é a coexistência, só o movimento dá a completa existência, e para coexistir é preciso, antes de mais nada, existir.

É pelo movimento que se revelam as existências. O primeiro sobressalto da maternidade coincide com o início da nova existência.

Pelo movimento recebe cada corpo notícias do Universo em que está, e, só na sua resposta, lhe é revelada a sua própria existência.

Os primeiros conhecimentos infantis são de ordem dinâmica, e, apesar da profunda abstracção que parece haver na relatividade do movimento, a criança conhece-a, quando ainda se não elevou às mais simples abstracções da aritmética.

Uma criança de vinte meses conhecemos, que apenas sabe distinguir pelo volume uma colecção de quatro duma colecção de três objectos. Essa mesma criança querendo, há dias, que segurássemos um objecto com que brincava, tentou levar-nos a mão direita até ao objecto, e, como não cedéssemos, depois de // hesitar levemente, trouxe-nos o objecto até à mão.

184

Como abstracção lógica, é bem mais difícil, todavia, esta, de transformações compensáveis, que a do número, simples denominação de transformações.

Mas a lógica é uma repetição indirecta, e a imediata e profunda realidade é social e comunicativa, de movimento.

E é curioso observar que Aristóteles, apesar da alta consideração em que tinha o movimento, houvesse de recorrer à distinção da potência e do acto para fugir aos argumentos eleáticos, quando lhe bastava simplesmente dizer que, sendo o Espaço e o Tempo pelo movimento, não poderiam aqueles inutilizar este.

É que já tinha pecado contra a grande Unidade, deixando o Espaço degradar-se em cousa em si e só por si. Daí um recurso à primitiva unidade, na *potência* capaz do *acto*.

No erro oposto, incorreu o génio apolíneo de J. Jaurès, resolvendo tudo no movimento, que ficaria, assim, mecanicamente destruído pela aniquilação do móvel, e, metafisicamente, sem sentido nem valor.

E. Boutroux, por ter implicitamente admitido a realidade dos conceitos, fora da actividade que os cria, tem de admitir a contingência de todas as leis para que a liberdade se não perca entre as suas obras.

185 Assim é que, só concebendo a direcção do movimento pela própria acção do movimento, para salvar o direccionismo, que a // liberdade implica, tem de introduzir a contingência nas leis do movimento.

Para servir o superior, a liberdade, prepara convenientemente o movimento; como se o inferior não tivera de receber a organização do superior.

O movimento é profundamente realista, porque o Universo é uma sociedade.

O movimento dá ao primitivo esboço do Espaço, que é a passiva coexistência dos corpos, o seu verdadeiro corpo e valor.

O movimento conta e realiza o tempo, que sem o movimento no espaço, teria apenas a fugaz realidade que lhe dá o movimento interior das sensações, a miniatura microcós mica do Universo.

O Espaço e o Tempo são criações do movimento e toda a argumentação de Zenão de Eleia se reduz a uma inversão das verdadeiras relações.

Sendo o movimento a simples afirmação metafísica da realidade social do Universo, ele será subjacente a todas as posteriores manifestações dos seres ou arranjos dos fenómenos.

Daí a sua universalidade, que Descartes apontou e toda a ciência mais não fez que confirmar. O erro materialista consiste em, esquecendo o seu sentido metafísico, dizer que tudo é movimento em vez de dizer que em tudo há movimento.

Nós só conhecemos seres e fenómenos.

186 Os seres são, é claro, definidos por sua vez em função dos fenómenos que produzem; // cada ser não é uma substância aquém do Espaço e do Tempo, mas um agregado fenomenal, recebendo a unidade da presença dum ser ou dum sistema de acções de outros seres.

É este o significado metafísico do atomismo, que está na base da ciência e da especulação.

O último ser, que nos é dado atingir não é uma substância fora do Espaço e do Tempo; mas a afirmação da unidade dum grupo de fenómenos, a realidade da inércia, do *mesmo* e do *outro*, dando-se, na reciprocidade da acção, a segurança da existência.

O movimento revela conjuntamente a unidade que prende os seres e a unidade dos fenómenos numa bem definida orientação.

Pelo movimento, a realidade é duplamente o Universo: no acordo da acção (inércia) e no destino unilateral de todos os movimentos, no sentido dum contínuo acréscimo da entropia.

De tal modo é assim que a entropia pode ser medida pela improbabilidade dum certo movimento.

A sua universalidade e a superioridade do movimento sobre o espaço e o tempo são as grandes fontes da heróica filosofia francesa contemporânea.

É, com efeito, no movimento anterior à *representação*, no movimento preformador do acto, que Bergson vai procurar a realidade imediata antes da representação deformadora.

E, como nos sentimos vagamente durar, // como o Tempo é em nós, no pluralismo das sensações e dos desejos, é um Tempo, sem a mácula do Espaço, a primeira realidade do mundo bergsonista.

187

No entanto, nós só nos realizamos pela acção, e essa acção só é eficaz e lúcida pelo movimento verdadeiro, isto é, pelo espaço dentro do tempo.

O ilusionismo do Ser apareceria de novo na contradição do nosso crescimento em realidade por meios deformadores dessa realidade.

E, apesar de tudo isto, nós sentimos que o bergsonismo é um pensamento seriamente realista e vital.

É que ele nos faz compreender a unidade interior do movimento; e o seu Espaço e o seu Tempo não são colecções artificiais de pontos e instantes, mas unidades vivas e reais.

Ora o movimento é determinista e é livre.

Determinista, nas ligações dos seres.

Livre, na parte qualitativa com que cada ser o recebe e propaga.

Nos fenómenos ele é determinista (e que profunda e ampla unidade!) na fixidez do sentido da *desigualdade* que governa todos os sistemas.

Livre no *quantum* de cada sistema; na *fisionomia entrópica* dos diferentes sistemas.

É o que, no fenómeno, revela o Ser.

Tirai, ao movimento, uma destas características e a outra há-de ficar sem significação, nem realidade. //

O determinismo e a liberdade são dois pólos abstractos da actividade cósmica, que sabe muito bem viver entre eles sem falsos compromissos, mas em superior e criadora síntese.

188

Mas, se, no fenómeno, a liberdade é a presença do ser, tudo recomeça para a alma humana.

É a alma um ser?

Não será apenas o fenómeno de outros seres?

Toda a grande filosofia francesa de hoje é uma luta pela liberdade; é, no mundo metafísico, o prolongamento da grande acção social do povo francês.

Ora todo o trabalho filosófico de Poincaré pode ser interpretado como uma busca da alma humana.

É, com efeito, o mesmo, dizer que a alma é livre ou que a alma existe, é um ser.

Poincaré procura em todos os princípios científicos da matemática e da física o que é experiência pura e o que é pensamento.

E demonstra irredutivelmente, como mínimo necessário, que os princípios são *convenções* a propósito da *experiência*.

Ora ainda isto é pouco, porque o critério de experiência pura é uma concessão gratuita à vulgar idolatria.

Não há experiência pura; mas, na própria sensação, actividades concorrentes.

Há, pois, em tudo o que se nos afigura real e positivo, uma implícita actividade. //

189 Essa actividade exige um ser, este ser é a alma.

O trabalho de Poincaré bem serviu a metafísica, combatendo com as verdadeiras armas da ciência a idolatria dominante dos que não *sabem*, mas divinizam a ciência.

Nem tanto era preciso, porém.

Na mais singela acção de julgar é presente uma actividade insofismável.

O atomismo psicológico sofreu da parte de Bergson e James uma decisiva crítica, mostrando que a vida psicológica é contínua e unida.

Ele nunca poderia fingir a explicação dum juízo.

A é *B* nunca poderia sair das impressões sensuais parecidas *A* e *B*.

Se entre *A* e *B* apenas há relações exteriores e contingentes de contiguidade, etc., nunca das sensações *A* e *B* poderá sair *A* é *B*. Se a semelhança foi apreendida ^(α) por nós, é nessa apreensão que reside a actividade, que se pretende dispensar.

(α) A 1.^a edição corrobora que a palavra «apreendida», usada na 2.^a edição, deve ser tomada no sentido de «apreendida» (p. 233).

Mais claro ainda é o excesso do juízo sobre o sensualismo, quando este, coerentemente, dê as representações, como o resultado de ligações nervosas ¹(^ω).

Como compreender a ligação que contém os indefinidos casos particulares?

O que é uma ligação nervosa fora do concreto particular, do caso preciso e contável? //

A alma é, pois, um ser.

190

Era desta unidade activa, que passa de A a B, que Platão falava ao demonstrar a imortalidade da alma pela sua simplicidade.

O composto não tem ser, é o fenómeno dos simples que o compunham.

Separados os simples, desaparece o fenómeno; só o simples era imutável e perene.

Assim é, com efeito, se ressalvamos o caso do composto de simples, que, por sua vez, é um simples pela unidade que realiza. Esse composto será um ser patente ou oculto, conforme os simples de que é a unidade são, ou não, sensíveis.

A alma humana é um ser, tem actividade própria, é livre.

É o esquecimento do seu ser de actividade, que permite arredar a acção humana como um simples *resultado* de motivos.

Depois do acto, decompõe-se o estado psicológico que o precedeu, alongando-o numa série de motivos ou num concurso de séries.

E desaparece o ser, a liberdade, em resultante pura e simples.

Aqui se vê também como a distinção entre determinismo e fatalismo é apenas nominal.

O determinismo considera cada acto um processo causal, o fatalismo vai mais longe e prolonga esse processo causal a todo o Universo, liga as comunicações totais, e, então, cada acto é um necessário acontecimento do Universo. O determinista observa os motivos // que, para ele, constituem o acto; o fatalista procura toda a filiação desses motivos.

191

Um considera um sistema isolado de ligações completas e exaustivas; o outro liga cada sistema ao todo.

Nenhum atende a que as ligações unem seres, são a unidade de pluralidades reais, a afirmação da sua dependência social.

¹ Ver Kostyleff e Betcherew.

(^ω) A 1.^a edição omite esta nota de pé de página (p. 233).

E, assim, esquecem que o motivo, só por ser motivo, já não é uma componente exterior e indiferente à alma.

O motivo é *motivo*, por ser a conclusão dum juízo moral, um princípio de conduta.

Em vez da actividade existir pelos motivos, são estes que existem pela actividade da alma ou *criacionismo* do pensamento.

A deliberação é uma nova afirmação de autonomia, é um juízo pronunciado sobre os motivos e o princípio de equilíbrio social, a intenção de concreto universalismo que atingiu a alma.

Nem sequer há um desenvolvimento ao longo do tempo das diferentes possibilidades da acção.

O tempo físico e fisiológico nada tem que ver com cada aplicação do princípio moral, que, na sua intenção ou direcção universalizante, é e não *evolui*.

Posso morrer enquanto preparo um acto, por isso mesmo que o tempo fisiológico é, por si, estranho à deliberação.

192 É deste modo verdadeiro o sentimento de que a deliberação é intemporal e absoluta, // e o erro de Kant vem somente de pôr o carácter como um acto único da ^(a) escolha fora do Tempo e tornar, portanto, inútil a experiência no mundo moral.

Erro bem mais próximo do pensamento vulgar do que é uso imaginar-se.

É bem semelhante ao erro dos que, teimando em distinguir o determinismo do fatalismo, dissessem que, conhecendo o carácter do actor e os *motivos* da acção, são capazes de prever o acontecimento.

Só, em Kant, o carácter é o incognoscível absoluto do misterioso noumeno.

Estes julgam que um carácter pode ser integralmente conhecido por outro, como se a Experiência pudesse ser igual, e a Unidade atingida por uma identificação de unidades avulsas.

Colocam dentro do sistema, *alma-motivos*, uma alma que é um puro sistema material de completas ligações e assim conservam um *determinismo-concurso*, que mais não é que um fatalismo para- do nos limites do sistema resultante.

É claro que a previsão é aproximadamente possível quando o grau de concreto universalismo das almas é mais ou menos vislumbado.

(a) A 1.^a edição usa «de» em vez de «da» (p. 236).

Mas, colocados diante duma alma excelsa, veremos o imprevisito; todavia, tal é a Unidade envolvente que logo a aceitamos e compreendemos.

Quem, no caso da mulher adúltera, teria a previsão do acto de Cristo? //

No entanto logo lhe aceitamos a sublimidade e somos, de pronto, obedientes a esse grande ensinamento, à direcção de concreto universalismo, que aparece e seduz.

193

Em nenhum caso é *necessitado* o acto moral, e, se compreendemos inteiramente um carácter, isto é, se é do nosso carácter que se trata, ainda só a Experiência nos pode ensinar o acontecimento.

Só a matéria (e há homens materiais) é previsível, porque o nosso ritmo ou poder de acção a excede.

É claro que aqui aparecem os mesmos erros, os mesmos pecados de idolatria.

Já vimos como o Espaço e o Tempo, filhos do movimento, são chamados a aniquilar este. Igualmente o Universo físico, filho do nosso conhecimento experimental, isto é, da nossa liberdade activa, virá a declarar precária e nula essa liberdade.

Umaz vezes esquecemos o outro termo do conflito, o determinismo, e ficamos a sonhar uma absoluta liberdade de indiferença, que é bem claro não poder existir.

Outras vezes esquecemos a acção implícita da nossa liberdade (um irracional relativo) nos instrumentos do nosso conhecimento e da nossa acção e vamos, com estes, aquilatar da liberdade.

É como medir um rio pelos braços de água que deixou nos campos marginaes.

O processo psicológico mais bárbaro é esmagar logo a liberdade num Espaço e, // sobretudo, num Tempo cheios, onde ela, não cabendo, não poderá insinuar-se.

194

Depois virá o instrumento causalidade, de elos contados e contínuos a prender tudo.

Esquecendo-lhe a origem, tornando-o de tal forma abstracto que mais não é que a justaposição dos pontos do espaço com os instantes do tempo, ignorando assim a realidade do espaço e do tempo e os modos diferentes do princípio, desde a resposta mecânica à *excitação* biológica e ao *motivo* moral.

Sim. A missão de destruir a *liberdade* pela *ordem* do mundo é bem estúpida e ignara.

Em todo o caso uma bem intencionada boa vontade desejaria maior eficácia da nossa liberdade sobre o que nos cerca. Já a fatalidade social é bem trágica e ainda aumenta da fatalidade cósmica.

É certo que o homem assiste ao envelhecimento próprio e alheio, quase impotente, e é levado na corrente da degradação física para a morte do planeta e dos mundos.

Porque não poderá o homem mudar a ferocidade do tigre na mansidão da pomba, erguer o mundo do ínfimo nível para que vai caminhando e trazê-lo ao Éden primitivo, ao sonho de mansidão e amor, de juventude, de acção sem perda?

Porque não há-de o homem poder criar energias?

195 Porque havemos de assistir impotentes, como o velho Heraclito, ao descer das águas na // corrente, ao fugir da juventude, ao morrer da nossa vida, que é apenas a morte alheia?

Compreendemos muito bem a necessidade da *Experiência*, que só é uma longa e *meditativa conversa com o Ser*; mas mal admitimos que o nosso desejo não modifique essa Experiência, que a nossa voz não saiba dizer ao Universo, que tomba e morre, a palavra que o soerga e lance para a origem, como o rio a meio da viagem regressando à Nascente.

Mas o Rio tem o seu declive e ao longo dele esperam os salgueiros a boa vinda da água, que refresca; ao longe, o Mar quer receber notícias da Montanha, que arrancou do seio, e à qual de novo mandará a carícia das nuvens prenhes.

Não podemos criar energia?

E o que dá direito a essa exigência?

Se tal fosse possível fazer, não seria inútil a criação?

O homem seria Deus, porque criava ser, visto que aumentava ou diminuía a realidade.

A saída de Deus da Solidão, teria sido insignificante e louca.

De resto, é a evolução integral e perfeita? é desacompanhada duma involução superior, que a justifique?

É tão trágica a descida das energias, a corrida para um equilíbrio físico?

Não é antes um sinal bem evidente da divindade, dum poder de criação que renova os mundos, ou, por uma superior ordenação, acode à queda física? //

196 Neste desejo humano há o orgulho de anjo rebelde, há um movimento para a Unidade de que o homem seria o foco e a razão única.

Se o mundo é de aparência dolorosa, ele (o novo mundo) é obra do homem.

Subamos, transcendamos, e é possível que, connosco, ele suba em beleza e harmonia.

A fatalidade é, aqui como sempre, a perda do sentido total, do valor cósmico.

É o mundo, que construímos, a esmagar a implícita liberdade, que construiu.

A Experiência é a socialização do nosso ser ou liberdade com os outros seres.

O que há de próprio no estranho é a sua parte de essência, que nós podemos penetrar pelo movimento, ou amor, mas que não poderemos aniquilar ainda que bem diabólico seja o desejo.

O que nos é dado é encarar a fatalidade aparente, interpretar o Universo e conseguir-lhe uma fisionomia, onde se apaguem as fatalidades numa lúcida significação de conjunto.

É sempre regressar à fonte criadora a espalhar as águas, que, diluindo o petrificado, nos dão de novo um Universo, pleno de Unidade.

Querer corrigir o Universo é supor que a nossa visão é perfeita, e que, saídos desse Universo, estamos fora e o excedemos.

Mas se dele saímos, dele recebemos os valores, que desejamos impor.

Porque não havemos, pois, de pensar que a nossa visão primitiva é má e que o // Universo, contendo os nossos valores, é mais que nós, e um grande sentido oculto deve possuir? Seja ele a nossa fadiga, o nosso constante tormento até filtrar uma luz, que tudo ilumine e aclare?

197

Temos a liberdade da interpretação, do meditativo esforço.

É essa que deve erguer, sobre o Universo visto em fatalidade, o Universo resplendente de acção *criadora* e presença divina.



A liberdade existe, a graça é o seu corpo.

É, por isso, visível em clara presença sensual.

As sensações são a primeira linguagem que o Universo fala ao homem.

Só a confusão a que podem dar motivo as sensações particulares e a pouca sensibilidade do homem, muito cedo cerrada à ingênua frescura das sensações, podiam ter-lhes retirado o valor de certeza e imponência, que lhes é próprio.

A sensação é um juízo que o trabalho ancestral ajustou e que gratuitamente nos é dado com a própria vida.

Na sensação somos quase passivos, embora uma profunda dialéctica seja presente.

198 É pela sensação que mais prontamente // sentimos o acordo maravilhoso entre o que somos e o que o mundo é.

Elas nos servem como o próprio corpo, dom gratuito da vida; e, como os instintos, nos guiam, como se o Universo tivesse sido traçado pelos nossos sentidos.

Estes são estradas rasgadas no dorso dos mundos pelo longo trabalho da vida.

Imaginais-vos ao longo de estreito carreiro entre gargantas, sobre ravinas obumbradas.

Nada vedes para além do carreiro; mas, nos movimentos das flores selvagens que, num frémito de além-espaco vão abrindo as corolas, bem sentis a presença do quer que é, sem corpo de sensação e tangibilidade. São assim os sentidos.

Eles riscam no Universo longos sulcos luminosos, onde correm a banhar-se as insensibilidades marginais.

Eles são os balsâmicos caminhos do espírito; é, através deles, que o bom sol esplendoroso pouisa em nossas almas.

Como todos os caminhos, são misteriosos. Quem sabe dizer, ao certo, os limites dos sentidos?

É tão pequeno o seu alcance, e, no entanto, que havemos de pensar das incontestáveis revelações da telepatia?

Não terão esses sentidos perdido o alcance, precisamente pelo maravilhoso poder de utilização que o homem sabe fazer do seu pouco?

199 Não terá cada sentido uma vaga virtualidade de maior vastidão e até uma confusa // presença do que há de próprio em todos os outros sentidos e dum indiferenciado poder de revelação in-característica, de simples afirmação de ser?

Não parece haver em certos animais um sentido magnético, qualquer cousa que neles responde ao apelo total do planeta, como corpo individualizado e a si mesmo presente no eléctrico abraço equatorial?

Qual é a sensação que põe o cão em desassossego, quando a Lua fantasmiza a paisagem?

Confusão de sensações, sensação de formas que não vemos, ou uma sensação própria do invisível e presente?

É certo que o homem da floresta e da montanha tem uma acuidade de sensações extraordinária, é possível que o homem

primitivo tivesse como um sentido magnético ¹ (α) a informá-lo do que só hoje conseguimos à custa dos instrumentos científicos.

Quem sabe onde poderia penetrar, antes da palavra clara, a informação telepática?

Seja como for, certo é que a sensação verdadeira de tal forma é na realidade que, a partir de dadas sensações, pode o homem adivinhar a existência de outras para ele só indirectamente cognoscíveis.

Maxwell identifica a luz com a // electricidade e as sensações luminosas encontram os seus equivalentes eléctricos. 200

Newton *sente* o peso e vai encontrar em todo o Universo o equivalente dessa sensação.

É aparentemente fácil a vitória dos sensualistas, pois que é íntima a comunhão do pensamento e das sensações e eles tomam implicitamente o que explicitamente querem negar.

As sensações têm um significado idealista, e, no Universo, elas representam a comunicabilidade, a intenção, o dinamismo socialista, que é a essência do Ser.

O belo pensamento filosófico de J. Jaurès conseguiu dar ao mundo sensível uma tão alta realidade que a natureza (sistema de sensações) e o espírito (sistema de desejos e intenções) se casam docemente como nas ^(β) faces da mesma Realidade, ou antes, como a mesma face do Ser, diferentemente exposta.

A Graça revela-se-nos por uma sensação de agilidade, de movimento preformado, que, solto e livre, acompanha, dentro de nós, a facilidade exterior.

Se é preciosa a espuma, que, no cimo da vaga, baila e se irisa, é porque o seu movimento encontra em nós aquela parte fresca e alígera, que sobrenada nos grandes e vagarosos movimentos da alma.

Quando, em filas cerradas, os soldados da Revolução se despenhavam sobre o inimigo, por sobre a massa compacta dos corpos voava o estandarte desfraldado, nas metálicas pontas // das baionetas punha o sol rápidos estremecimentos. 201

Nas almas dos soldados, sobre o rolamento da montanhosa massa do seu corpo colectivo, flutuava a Pátria fremente, risonha da nova primavera.

¹ Tem, na alternativa, uma assombrosa memória topográfica.

(α) A 1.ª edição omite esta nota de pé de página (p. 245).

(β) A 1.ª edição usa «duas» em vez de «nas» (p. 246).

Todo o movimento se nos insinua na alma, mostrando assim a sua essência de comunicabilidade.

Em nós se esboçam os movimentos exteriores num desdobramento, que é ao mesmo tempo uma terminante manifestação do parentesco do exterior com o interior e uma prova da nossa liberdade, podendo, pela simples repetição interna, guardar o movimento, sem pronta obediência à sua actualidade.

A capacidade artística depende de dois factores: a receptividade e a exprimibilidade. Há artistas que compreendem todos os movimentos alheios e são, no entanto, incapazes de os exprimir.

Há artistas que exprimem admiravelmente os movimentos que receberam.

Em Portugal, dois grandes poetas — Pascoaes e Junqueiro — por isso mesmo que o são, possuem as duas qualidades.

É, no entanto, possível ver que em Pascoaes é mais espontânea a receptividade e mais difícil a expressão; em Guerra Junqueiro é mais lúcida a expressão e mais intelectual e atenta a receptividade.

Na música é bem nítida a distinção entre a identificação interior do movimento que nos // invade e a repetição voluntária desse movimento.

A representação musical é bem distinta da sensibilidade musical.

É que a memória representativa não pertence à faculdade de receber, mas à faculdade de exprimir.

Posso ouvir dentro de mim uma música e ser incapaz de dar a sua aproximada expressão. Há poetas mudos, que, por vezes exprimem, em lágrimas, os misteriosos estremecimentos que os arrebatam.

A diferença entre a memória infantil e adulta marca também esta distinção.

Todos suspiram pela memória infantil, e, no entanto, ela não é tão compreensiva como a do adulto.

É mais fresca e, como a ligeira folha do choupo, mais pronta aos movimentos exteriores; mas a grande diferença está sobretudo na maior facilidade de reprodução desses movimentos.

O adulto lembra-se, mas não actualiza facilmente a lembrança. Como a montanha nascente, a memória infantil recebe e repete, dando o que recebeu através do uniforme declive de seu corpo. Na memória adulta a recordação terá de encontrar os caminhos abertos, os sulcos formados.

É, por isso, que o adulto sabe, lembra-se, tem a presença do que procura; mas, se não encontra o mecanismo da expressão, não actualizará a lembrança pela dificuldade de criar // órgãos novos num corpo já organizado. O poeta conserva uma inesgotável provisão de *força informe*, capaz de inundar os velhos leitos ou rasgar caminhos novos.

A beleza da Gioconda de Leonardo da ^(a) Vinci está na identidade perfeita do interior com o exterior, que, em relação ao artista, não é mais que a equivalência entre a alma que compreendeu e a fisionomia que exprimiu.

A universalidade do movimento mostra-se ainda no trabalho científico, que começa e progride por analogias, isto é, pela repetição das *formas* do movimento.

O artista encontra na reprodução da natureza pela sua alma o seu único processo criador.

O sábio tem, no movimento, na continuidade interna desse movimento, o poder criador de toda a geometria; e aquele sentimento de ordem, que conduz o geómetra ao longo duma demonstração, é o próprio movimento ideal repetindo o acto da sua função criadora.

Toda a obra do pensamento tem um início de analogia, e os métodos posteriores da indução só servem para limitar e regularizar essa fundamental analogia.

A maior analogia é a que existe entre a matemática e a natureza.

Um geómetra ergue, pelo dinamismo próprio do seu pensamento, todo um sistema, na escuridão do seu gabinete; à luz da realidade é esse sistema que vai encontrar, na natureza, corpo adequado aos seus moldes. //

Em concreto, em volumoso e sensível aparato, é o Universo a desvendar a sua arquitectura de pensamento, bem próximo dos produtos de meditação humana.

O matemático que dispensa a hipótese de Deus, é como o homem, que, junto ao lume do carvão, dispensa o calor do sol.

A analogia é a repetição interior do movimento alheio.

A alma humana é um *ressoador* universal; quando não sente directamente, generaliza as *formas*, e da luz passa à electricidade, do ar que lhe pesa ao éter que a abraça. O beijo maternal, antes dos lábios, abriu nas profundezas do coração.

^(a) Tanto a 1.^a como a 2.^a edições referem «de Vinci» e não «da Vinci» (p. 249 e p. 203, respectivamente).

Porque é que o pensamento moderno prefere falar de *atitudes* em vez de sistemas?

Precisamente porque pensar, sentir e ver, é responder por movimentos interiores à imensidade do Espaço, vibrando em todos os sentidos, trazendo de encontro a cada corpo o estremecimento dos outros corpos, batendo em cada peito as alterosas ou ténues ondas de todos os corações.

O voo da águia sobre a presa está preformado no movimento passional com que lhe marca a direcção.

Quando de manhã assistimos às primeiras horas do sol, há uma perfeita harmonia entre o abrir dos cálices pelos campos e o desabrochar das nossas forças de alegria e pensamento. //

205 A tristeza é um cerrar de pétalas pela Noite.

Na Graça sentimos o excessivo, o *Irracional*, que palpita nas formas e paira sobre as criações.

E agora as nossas sensações de excesso e liberdade nenhuma timidez apresentam, porque com elas o pensamento se veio pôr duplamente de acordo.

Pela liberdade, que, da quantidade ao homem, o pensamento descobriu, e pelo significado idealista, que as sensações adquiriram.

O *Irracional* é presente na quantidade pela sua inesgotabilidade numérica; e, em todo o ponto onde uma forma ideal anseie espaço para se realizar, ele será oferecido à sua fome de ser.

É que a quantidade não é um absoluto, mas uma afirmação de existência, e tanto vale essa afirmação quanto a quantidade que ela envolve e realiza.

É a numeração da quantidade que realiza a forma ou o movimento, mas essa numeração é concreta e real pela relação das figuras ou pela relação mecânica das massas.

Enquanto se pensou resolver os problemas de Zenão¹ de Eleia pela exaustão do espaço pelo número, foi baldado o trabalho.

206 É a aceleração que *numera* o movimento, // e nunca a aritmética, só por si, algum ensinamento poderia dar.

A quantidade é plena de Ser, como J. Jaurès muito bem soube afirmar.

¹ Ver *O Criacionismo*, pág. 268 e seguintes [pp. 330 e segs. desta edição, vol. I, tomo II], onde em 1912 apresentámos a *nossa* (o seu a seu dono...) discussão destes problemas.

Na ingenuidade com que a criança diz que é amiga como uma casa, como uma terra, como o mundo todo, há uma espontânea manifestação da realidade quantitativa do Ser.

O Ser é interiormente presente na mínima forma, e, eis, porque a sensação de graça, a plenitude excessiva, aparece diante da mais singela flor montesina, nos lábios da primeira criança que nos sorri, na nuvem ténue que, em certas manhãs, precedendo o sol, é o primeiro ósculo trazido nos alongados dedos da Aurora.

A quantidade é plena de Ser e o *Irracional* é, nela, a presença do infinito, do número transposto, das formas excedidas, da fecundidade ilimitada do interior, que o ocupa e realiza.

É, por isso, que os mundos vogam sem atritos no seio do Ser, numa ordem espontânea e fácil, e que, sobre a harmonia das esferas, uma poderosa Unidade conduz novas e superiores harmonias.

Se contaís com as vossas unidades as distâncias dos sóis, aparece-vos o espaço sideral como uma inconcebível repetição, por séculos e séculos, dos maiores números.

No entanto, sentis que é tão difícil à Unidade interior a sua ordem, o abraço que os // sustém, como o altear do peito humano à emoção que o tocou.

207

É que somos, então, como as crianças, como elas sábios e singelos, e bem sabemos que as distâncias, essas imensas quantidades, são a expansão da vida, do movimento, da luz, do Ser em suma.

É por isso que a grandeza nos comove, e a imensidade do Mar e o infinito do Céu nos suspendem extáticos numa profunda admiração religiosa.

É esta uma das manifestações do sublime, que até hoje não tem encontrado uma clara consciência.

O que o Mar desperta em nossas almas não encontra fácil explicação, quer num exclusivo realismo dos fenómenos e modos, quer no vulgar idealismo de abstracções e fantasmas.

Se a quantidade se basta, é só por si real e existente, que valor tem o Imenso^(a), simples repetição idêntica do exíguo e minúsculo?

Se a quantidade não tem no Universo uma autêntica e significativa realidade e é uma artificial abstracção do nosso espírito, que valor de emoção, de exaltante entusiasmo pode ela conter?

^(a) A 1.^a edição usa a forma minúscula de «Imenso» (p. 255).

No entanto é o Mar um espectáculo sublime, a despeito da sua aridez, da sua população tão longe de nós, que mal, com ela, sentimos a comunhão da vida.

208 A comoção, que um vago atavismo nos pudesse porventura ^(α) trazer, seria, como todas // as recordações implícitas, no sentido oposto, de concentração e entrega.

Ora a comoção do Mar é expansiva e sobranceira. Aqui a explicação de Kant vai contra o verdadeiro sentido da realidade, dizendo que o sublime resulta dum desacordo das nossas faculdades, dando lugar à acção totalizadora da Razão por intermédio das ideias.

Sobre o imenso, o ilimitado, iria a pairar a nossa ideia de todo.

Mas que vantagem é a nossa, se, em frente duma oposição resistente e teimosa, nos limitamos a produzir uma ideia, que a não penetra, a que ela é absolutamente estranha?

E, depois, o dinamismo da nossa emoção corre em sentido inverso.

Se, frente ao Atlântico, entro a pensar nos países da América, que ^(β) aí em frente, ele borda de espumas, não vou precisamente apoucando a emoção, até fazer do Oceano um rio de afastadas margens?

Não é exactamente pela fusão da nossa alma na sua majestosa grandeza, pela sensação crescente de além, sucessiva e sem termo, que soltamos, em nós, uma inqualificada existência, que é a quantidade pura?

Quando totalizamos, apreciando o Universo pela emoção do momento, humildes e *pequenos*, apenas sentimos que *Deus é imenso*.

É a quantidade plena de Ser, dando a majestade do rei pela magnificência do trono.

O sublime é o sentimento do Infinito.

209 A primeira e, por isso mesmo, a mais // profunda e sólida manifestação do Infinito é a quantidade ilimitada, o Espaço sem fim.

O espanto do pensamento helénico diante das grandezas incomensuráveis é tão natural como a sua incompreensão do cristianismo nascente.

A perfeita harmonia entre o pensamento e a vida, o puro ideal da beleza clássica, a forma exterior medindo o pensamento

^(α) A 1.ª edição faz preceder e seguir de «» a palavra «porventura» (p. 255).

^(β) A 1.ª edição coloca neste ponto a pontuação «» (p. 256).

interior, não podiam compreender a incapacidade do número, determinação intelectual, para conter a realidade sensível da forma geométrica.

E não a podiam compreender, porque a sua alma era equilibrada e pura; o Ser encontrara, nela, o acordo perfeito da função e do órgão, da acção criadora e da forma criada.

O *Irracional*, o excesso do Ser sobre todas as razões e conceitos, mal podia fazer-se sentir, pelo menos naquela parte do povo de que Sócrates é representante.

E, se o entusiasmo dionisíaco alimentava a fecundidade da ordenação apolínea, ele era mais o sentimento social da Natureza que a presença dum Irracional, transcendendo as suas criações.

Em todo o caso, a corrente subterrânea irrompe nos trágicos e o sublime aparece por uma manifestação dolorosa da insignificância da forma particular perante a brutalidade exterior.

O *Irracional* é aqui uma inversão dos valores, subordinando a vontade moral à violência da Fatalidade. //

Neste sublime não aparece o Irracional transcendente, para além da razão; mas o irracional imanente, anterior à razão. 210

O sentimento da sublimidade contém aqui um processo, como o de Kant.

É a libertação das forças brutas da Natureza, do obscuro abismo das complexidades biológicas e sociais, erguendo a sua formidável grandeza diante da humana pequenez, derrotada mas atenta.

É também, no entanto, o contraste heróico do homem dobrado pelo vendaval, mas olhando os precipícios por onde se despenha esfarrapado e mísero. Quando Orestes se refugia nos braços de Minerva, esta ^(a) defende-o; e as *Euménidas* ^(b) entram em Atenas pelo consentimento num acto de Justiça.

O sublime vem do espectáculo da Fatalidade solta, poderosa, e da pequena luz que começa a iluminá-la, até chegar, com o cristianismo, à sua integral purificação.

As sensações da quantidade e do movimento são reais e afirmativas. São a imediata presença do Ser. Também só este significado idealista as pode libertar das dificuldades tradicionais.

^(a) A 1.^a edição corrobora que a forma «este» da 2.^a edição corresponde a erro tipográfico (p. 258 e p. 210, respectivamente).

^(b) Tanto a 1.^a como a 2.^a edições referem «Euménides» (p. 258 e p. 210, respectivamente).

O mundo finito ou infinito deixa de ser um problema, para sabermos que a quantidade é infinita como revelação do Ser e determinável pelo número, porque o Ser é sociedade realizada, sistema de relações. Nenhum sistema de formas esgota o Ser, mas cada sistema o revela e traduz. //

211 O problema de Renouvier não existe.

O número de estrelas não é finito, nem infinito. As estrelas podem ser ^(a) incontáveis, e, para o Ser, são elas presentes não em corpo individualizado, coleção tentando o número, mas por dentro e imediatamente, como todo o sistema solar é presente a si mesmo nos recíprocos laços da gravitação.

A existência cósmica, a despeito das dificuldades, que o nosso precipitado absolutismo científico pode criar, é garantida pela idealidade do Ser. Se, com efeito, procurais um Universo material que se baste, como é que os vossos instrumentos medem nesse uniforme infinito?

Se é um Universo material finito, como existe em vida e acção, se, no tempo finito, ele deve morrer pletórico de entropia?

O Universo é real pela presença dum Ser de pensamento, que é a sua ordem e razão. As sensações, colocadas no coração ideal do Ser, são duma sólida realidade; é, por isso, que, desde a quantidade ao espírito, elas, de acordo com o pensamento, revelam uma universal presença, uma comunicativa unidade de compreensão.

Passando do mundo físico à vida, mais nítida aparece a transcendência das formas e a presença da Unidade interior.

212 As teorias evolucionistas da biologia moderna, mais ainda que as hipóteses fixistas, patenteiam essa Unidade excedente.

As hipóteses fixistas colocaram de pronto // a unidade interna da vida no pensamento divino, que criou os tipos específicos.

O evolucionismo dá essa mesma unidade em efectivo trabalho de construção.

Há como uma descida ao imediato, que iludiu tantos médios pensadores, fazendo-os supor que isto era uma substituição do transcendente pelo imanente.

A única diferença entre a transcendência e a imanência reside em que o transcendente está nas formas e para além das formas, e o imanente é simplesmente nas formas.

^(a) A 1.ª edição usa «são» em vez de «podem ser» (p. 259).

Mas, se o imanente está nas formas em nenhuma ele se esgota; em cada forma há a razão que ela representa no total e o Irracional que cria e conserva essa razão.

O imanente, que nos seres vivos é a vida, não é o *resultado* das formas ou dos órgãos, mas a força criadora desses mesmos órgãos, neles presente e capaz de reconstruções.

Ora, como esse imanente é um direccionismo físico-químico, não podemos limitar-nos ao seu isolamento biológico; mesmo no condicionalismo científico, ele transcende, por este lado, sobre a forma biológica, para o mundo físico.

Por outro lado, sobre a forma biológica assenta a psicologia; nesta direcção, ele transcende para o mundo espiritual.

De resto, o pensamento não pode encerrar-se nos sistemas científicos, e, tendo de ligar, irá pôr na Unidade de cada grupo a transcendência que lhe dão as qualidades que // ela tem num grupo superior abrangendo o primeiro.

213

É um caminho mais longo para chegar à suprema qualificação do Ser, onde, por isso mesmo que o pensamento não trabalha no vazio, se há-de chegar com mais opulenta e sólida realidade.

A Vida, como os rios, corre em formas que ela própria vai fazendo, sem que nelas fique aprisionada.

Se, em pontos diferentes do espaço e em momentos diferentes do tempo, começou a aparecer a vida, como é maravilhosa a Unidade interior que chegou ao parentesco das formas actuais!

Se, num só ponto e num só momento, ela apareceu e daí invadiu e se espalhou, não é menos profunda a Unidade, que, através de mil acidentes mesológicos, veio a dar na estreita semelhança das formas existentes.

O plano animal, que, para além da apropriação às condições de vida, se revela em todas as formas zoológicas, é bem mais admirável no evolucionismo de formas primitivas que na sua imediata criação por um mesmo agente.

Esta Unidade revelada na evolução, presente em cada forma e em todas as formas, é o ponto por onde o Irracional, o excedente se revela ao profundo e originalíssimo filósofo francês Bergson.

É na vida que se lhe manifesta a Graça; e é na profundidade vital da consciência que irá procurar a liberdade. //

Sempre que é necessário salvar a liberdade afogada nos seus instrumentos de acção, é à Graça, ao Irracional, para além de cada e de todas as razões, que se recorre.

214

É por isso que o racionalismo abstracto, o estéril racionalismo clássico, jamais pôde demonstrar a liberdade e, contra ele, valem os argumentos dos que a pretendem aniquilar sob os *motivos*.

O próprio racionalista dinâmico, que é Fouillée, não conseguiu salvar a liberdade com o seu expediente das ideias-forças.

A ideia da liberdade, como todas as outras, precisaria, para a eficácia da sua acção, que as realidades anteriores a não inutilizassem.

Ora essas realidades colocadas fora do pensamento adquirem um falso absolutismo, que pode prejudicar as ideias posteriores.

É assim que um determinismo mecânico exaustivo tira à ideia de liberdade o poder de se realizar, ficando como uma simples ilusão da consciência.

Não foi, como quer Bergson, por deixar espacializar o tempo que Fouillée esterilizou a ideia de liberdade; mas, sim, por colocar esse espaço fora do pensamento, isto é, antes do Ser.

Bergson para escapar a este falso e inferior realismo recorreu à distinção entre a apresentação e a representação, apreendendo no intuitivo imediato a íntima realidade da alma.

215 Conquistou assim, como e por outros motivos o nota Höf-
ding, a supremacia do seu // valor de psicólogo, pois é o próprio Irracional, presente na alma, criando os instrumentos de acção, que ele apreende.

Como alguém que quisera conhecer o leito dum rio e desviasse as águas, Bergson afasta as obras da liberdade, da representação, para ver o que resta, isto é, a própria liberdade que, pela necessidade de denominar, chama o tempo concreto, a duração real.

Se não fora a necessidade de classificar, nem diria o tempo concreto, que já é acção, e acção sobrecarregada; mas depois de afastadas as representações, em ideal acordo dos sentidos com o pensamento, uma simples exclamação quase nos faria *ouvir* o início do nosso esforço.

Há um discípulo secundário de Bergson, que fala, a propósito da sua filosofia, na necessidade duma *catástrofe interior* para que a possamos receber.

Refere-se, bem elucidativamente, à necessidade de escapar à *idolatria* do representado, à escravidão ao absoluto espaço dos inferiores realismos vulgares.

É essa *catástrofe interior* que exige todo o realismo idealista, e, portanto, o sentimento da Graça, como verdade e não ilusão, ou ténue subjectivismo.

Eis toda a filosofia bergsonista como uma manifestação de Graça.

É isso que explica (e deixemos todas as banais explicações) a romaria das mulheres // francesas ao Colégio de França, suspensas dos lábios do Revelador.

216

A sua compreensão do movimento é também cheia de realidade, porque ele irá dar ao movimento a unidade interna dum Ser, que, se ainda não é o Ser cósmico, é o Irracional biológico, o Impulso interno da Vida.

O movimento é cheio de Graça, porque é vivo, ondulado, pleno de continuidade activa.

Tem-se dito que a sua filosofia abre as portas a um novo misticismo.

É verdade.

O misticismo está sempre onde o homem mergulhe numa realidade mais vasta, que o exalte e amplie.

Mas é esse misticismo, que, no momento actual, lhe permite *ver*^(a) a vitória da França com profundos olhos de profeta.

A Alemanha representa a organização, a vida *actualizada* em instituições e órgãos; é a matéria.

A França é a Vida, excedendo os órgãos; *renasce, recria-se*.

A Alemanha tem o que se gasta, a França o que se renova.

Dispondo do tempo, é certa a vitória francesa.

Sim. Se a Vida, ou antes, o Espírito criador fosse temporariamente esmagado pela matéria, ele renasceria e tinha de vencer.

A não ser que a Matéria destruísse, automatizando-a, a própria Vida. //

Então não era a França vencida, mas um cataclismo astral degradando o planeta.

217

Eis uma possível desgraça que não acontecerá, mas que é bem feita para nos levar à meditação do que chamamos perdas de valores.

Perdem-se valores sempre que se desce na escala do Ser. A morte é a mais flagrante perda dos valores humanos. Não será ela uma descida, remediável, portanto, pelo heroísmo com que sustentemos a escala?

É precisamente o que Cristo veio afirmar...

Na psicologia há, como já vimos, ao lado dos pensamentos, a actividade que pensa; ao lado das obras, o agente; sob o finito e o limitado, uma nova força criadora, que se não esgota.

(a) A 1.ª edição não usa o itálico na palavra «ver» (p. 266).

A Razão é uma actividade de motivos e organizações, sem que cada série a contenha integralmente.

Tal é o poder dinâmico da vontade, que os racionalistas clássicos a colocam à margem da inteligência e da memória como faculdade da alma.

E aqueles, que, como Schopenhauer, recebem o ilusionismo de Kant, irão ver na vontade não um irracional, que cria e excede as razões, mas um irracional destituído de razões.

218 Todos precisam dinamizar a vida da alma, e para lhe conservar a unidade só têm o falso recurso das faculdades ou o recurso de um // falso irracionalismo que, não sendo o excesso, mas a deficiência de razões, não se compreende como exista e unifique.

No entanto nada mais evidente que a unidade do Irracional, que se afirma nos espíritos.

Tão real é essa unidade que Kant consegue um arremedo de realidade, suspendendo-a da objectividade do conhecimento humano.

Ora esse conhecimento humano ajusta-se à Experiência, à acção no mundo físico, cresce em harmonia com o Ser; a sua objectividade sai, pois, do humano para o cósmico. O Irracional, que o cria, será portanto, o mesmo Ser, que se exprime no movimento, na quantidade, na ascensão graciosa da vida.

Neste máximo de realidade, como no mínimo mecânico, a imediata afirmação é a da sociabilidade, da relação viva e concreta.

O *eu* não existe isolado; a actividade espiritual é sempre um esforço por entre estorvos, uma unidade através de pluralidades.

Desde a quantidade em que vive e de que se apropria, do movimento em que se exprime e se realiza, até à nítida compreensão do dever moral, da união total, é sempre uma actividade que se faz una, concreta e real, num esforço de progressivo universalismo.

O *eu* é uma sociedade, onde se apresentam não só os outros *eus*, mas todas as realidades, desde o mundo físico até às mais altas afirmações do mundo moral.

219 O sentimento moral tem raízes metafísicas; onde há representações existe uma unidade, // que as liga e uma pluralidade, que é o seu motivo original.

O homem é um animal social, porque é um ser metafísico.

Daí a atmosfera de esforço, de constante sedução para uma invisível finalidade. Os homens em sociedade renovam-se e ganham outros poderes e modos de actividade.

É possível, é quase certo, que o homem isolado não conseguiria destacar o seu *eu* da confusa representação em que ele mal se distingue dos outros.

É talvez verdade que esse homem não alcançaria a noção do dever moral, não elevaria a noção de valor para além do prazer e do sofrimento.

Deste modo se pode afirmar que a ideia de Deus é uma criação da sociedade, qualquer coisa como a hipóstase da consciência social.

E que essa consciência social existe é o que superiormente nos mostra o ilustre sociólogo Durkheim.

A consciência social tem os seus imperativos; obriga e sanciona.

Ela cria, pois, o dever, que é o alegre sentimento da adaptação aos seus imperativos, bem sensível no desgosto da inadaptação, que é a base do remorso.

Pode mesmo dizer-se (e Durkheim daí tirou fecundos proventos) que ela gera as categorias do pensamento, isto é, a sua objectividade. //

Essas categorias só, porém, adquirem valor na vida da Experiência.

220

É, por isso, que Kant as procurava pela consideração da possibilidade da Experiência.

É certo que essa Experiência era apenas formal e daí o círculo vicioso, que o encerrava dentro dum absoluto humanismo.

Ora a Experiência é, como já dissemos, a meditativa conversa do *eu* com o Universo.

Se, portanto, a consciência social inicia a realidade, ela só é atingida pela consciência cósmica.

A relativa harmonia dessas consciências revela que a maior é presente na menor e que a sociedade humana é um círculo da sociedade universal.

É assim que Deus, começando por ser uma hipóstase da consciência social, tende sem cessar para ser a própria consciência universal, a suprema Unidade cósmica.

De duas direcções parte esse movimento expansivo: do reconhecimento da sociedade universal, da realidade quantitativa, geométrica e biológica do Ser, e do próprio excesso, que eleva sempre a consciência social a novas e inais belas exigências e, num maravilhoso acordo da alma em os sentidos, prolonga o movimento interior com que abraçamos o mundo até à religiosa emoção da plenitude infinita da sensação dinâmica subindo à *sensação de Deus*.

É o Irracional criador fremendo nas obras // do seu poder, nas formas da sua própria criação.

Aqui, como sempre, pode a liberdade afogar-se nas suas próprias águas, se perde o contacto com o Irracional, isto é, com a grande corrente da unidade total.

É assim, que uma sociedade pode regressar às ínfimas hipóteses da consciência social e tomar para Deus uma forma inferior da força, uma exclusiva obra da sua actividade.

É o caso da Alemanha moderna hipostasiando a sua força material, militarista e industrial, e tendo um *Deus* da força, da manha e da violência.

Essa hipótese é tanto mais fácil quanto é certo que a força e a quantidade têm uma verdadeira realidade metafísica, que irão muito naturalmente dar o sublime da sua emoção ao Deus, que as representa.

Uma vez esse Deus exteriorizado, ele será um permanente excitador de novas forças e crescentes violências.

Quando a actividade social deste modo se hipnotiza, aparece a fatalidade; a sociedade é um corpo, onde cada indivíduo é órgão, pode adquirir uma superior organização dentro de seu apertado destino, mas perdeu a Graça, a presença do divino excesso, degrada-se, embrutece, tende para a idolatria, que é a morte do Espírito.

Aqui se vê a inconcebível estupidez com que em Portugal se quiseram copiar os moldes germânicos da educação. Como se o nosso // íntimo misticismo, a sagrada flor do nosso humilde espiritualismo pudesse adorar bezerras d'ouro, e como se o Deus da força e da velocidade pudesse ser o ideal colectivo dum povo modesto e vagaroso!

É no Infinito, que é a ilimitada quantidade, a força, o movimento, o impulso biológico e a fraternidade social, que as sociedades humanas vivem e actuam.

Aí são livres expressões do Espírito, permanente involução em valores morais e pensamentos metafísicos de todo o desenvolvimento exterior em acção e progresso.

Então é a acção o prolongamento da ideia, e, por isso, o trabalho é uma obra de amor, de liberdade e alegria.

A acção é o corpo da realidade, que é o drama dos seres, merecendo pela virtude, crescendo em Espírito, involuindo em amor.

A acção realizada é como o fruto amadurecido, cai para fecundar a terra; mas, a vida periga, se a Primavera se esquece e não vem embalsamar os campos e renovar os frutos.

Em cada acção, em todas as instituições, deve estar o Espírito criador, ultrapassando-as a todas e dando, a cada uma, alma própria, que a mantenha viva.

A instituição sem alma é como a árvore sem seiva; estiola e morre.

Apagai o pensamento de justiça, que fez uma lei; porque já tendes a instituição, dispensai o espírito que a criou. Essa lei será, apenas, mais uma fórmula a complicar a vida // social, uma ocasião de inúteis palavras e degradações intelectuais.

223

Toda a sociedade tem o seu Deus, que é a própria consciência social.

Deixar essa consciência nos estreitos limites dum imediato naturalismo humano ou alargá-la até ao Universo, eis o que não é indiferente.

Se meditais esse naturalismo, a consciência é logo a integral comunicação, a relação universal.

Se vos basta a mais simples consciência social, adormeceis num mísero utilitarismo, numa fácil e estagnada adaptação, ou escravizais-vos ao deslumbramento dum só modo da vossa actividade.

Há, portanto, nas sociedades um Irracional, que, transcendendo as instituições, é o seu poder criador, a seiva que as alimenta, o movimento interno de que o progresso é a face externa, a involução espiritualista dominando a evolução material.

Esta Unidade excelente, que, desde a quantidade, é a afirmação do Ser, adquire agora os mais altos qualificativos.

O Ser pleno de realidade revela-se agora o Espírito animando o todo, sendo nas sociedades a fonte onde as aspirações vão buscar a sua força de actividade.

Só assim se compreende e justifica a civilização.

A civilização é a espiritualização da vida.

Aos primitivos valores substituem-se os // novos valores espirituais, e uma sociedade vale pela maneira como conseguiu manifestar e exprimir o Espírito.

224

O povo grego fez uma civilização, porque atingiu claras formas reveladoras do Espírito.

A civilização é um sistema de valores espirituais, é, portanto, um processo aumentativo das almas.

As almas medem-se pela sua compreensão. A compreensão é a mais íntima penetração, a presença em cada ser de todos os outros seres.

A forma mais alta da compreensão é a consciência colocada na direcção da grande Unidade, no sentido que faz chamar, ao

Todo, o Universo; orientada para a perfeita sociabilidade, para o concreto universalismo.

A civilização só vale pela riqueza de Unidade Espiritual, que traga à realidade activa.

É necessário que as formas da civilização sejam condensadoras de Espírito.

A actividade comercial só é legítima dentro da reciprocidade de interesses, facilitando a vida; a actividade industrialista só deve ser a conquista e a direcção das forças físicas para a maior liberdade do homem.

Descondensai o Espírito, essas actividades serão os senhores da própria liberdade, que as trouxe à luz.

Eles vão pesar sobre a alma, impedindo a involução espiritual, e espalhando-a em movimento, frenesi e loucura.

É o que tem acontecido.

225 Todas as realidades exercem sobre o // homem, o mais sensível dos ressoadores, uma absorvente assimilação.

As máquinas modernas arrastaram no giro das suas rodas a própria alma, que lhes apropriou o ritmo.

Começou um progresso exterior, em superfície, sem aprofundamento e involução. Não há assimilação espiritual, mas assimilação física.

Não é o homem que afeiçoa o mundo pela alma, mas a alma que se deixa invadir pelo mundo, degradando-o numa febril precipitação de movimentos.

A palavra sente a sua inferioridade como sinal, e o último verso dos seus poetas seria o ruído da própria alma, correndo a esvaziar-se.

Bem mais rápida que todos os movimentos é a gravidade, e, no entanto, ela é no mundo físico, a Unidade envolvente, a involução das forças tangenciais dispersivas.

É que só o homem pode, pela sua liberdade, atingir a mais alta ligação moral, e, também, só ele pode retirar aos movimentos o seu significado íntimo e desfazê-lo em disformidade e loucura:

No mundo físico há uma ordem, as suas forças realizam uma obra; as forças espirituais, podendo dirigir as físicas, realizam por vezes catástrofes e aviltamentos.

É que o Ser ofereceu a sua quantidade e as suas qualidades à implícita vontade de ordem, que é a alma humana. //

226 Se esta, depois de lhes dar formas, as abandona, são elas que a arrastam no seu próprio ritmo.

Eis o que é uma civilização: um sistema de valores, onde é presente a seiva do Espírito criador.

Igual sentido tem o pretendido problema da existência ou inexistência dum progresso real e intrínseco.

Parece, por vezes, que a vida humana não progride interiormente, antes, a despeito de todos os progressos exteriores, a sua altitude cósmica é a mesma, quando não desce.

O problema é um inconsciente despertar do sentido total da vida, para logo perdido, e procurando-se entre as efémeras manifestações da exterioridade quotidiana.

Se a vida tem uma realidade cósmica, total, se é um absoluto, é claro que não pode haver progresso temporal do que nela é o seu significado eterno.

A finalidade moral é a direcção das almas para Deus, a sua colocação no sentido do Universo, no ponto de concurso de todos os seres: ali, onde é o divino foco de todas as actividades religiosas.

As almas, que, batidas das ondas do Mistério, em silêncio e meditação, humildemente se inclinaram ao sopro da Unidade, atingiram aquela altitude suprema, aquele ponto de convergência de todos os fios do Universo, aquele foco, onde os raios do amor se concentram e são a própria divindade. //

São a Altura, a visão clara e perfeita.

227

Sob o ponto de vista do eterno que contenham, todas as civilizações se igualam, não participam do progresso.

Se o esforço dramático da existência toca um nódulo de ^(α) essência espiritual, é o perfeito, o pleno, o absoluto, o contacto da parcela com o todo, a fusão do corpo com a alma, a ilimitação da alma vogando no Infinito.

Um progresso espiritual rectilíneo demonstraria a completa evolução do Ser, um exaustivo fenomenismo, uma integral exteriorização.

E, como, para lá do Ser, nada há que o fecunde, este progresso seria o caminhar para um fim de perfeito desentranhamento, ou para relativos fins, alcançados os quais, tudo teria de repetir-se.

É, por isso, que os teóricos do progresso têm sempre dado ou num optimismo de crescente progresso, e batem as palmas ao vapor, à electricidade, tendo um desdém piedoso pelo pobre Pla-

(α) A 1.^a edição usa o determinativo «da» em vez de «de» (p. 279).

tão, que nunca andou de automóvel; ou dão no retorno, nas repetições cíclicas; ou num desesperado negativismo, apelando para o Nirvana.

O que é certo é que o Universo é diverso e igual; e, se a espiritualização do planeta pode crescer e cresce, a parte de eterno, a involução nodal, é sempre presente no próprio sentido social da vida, que é um dramático esforço de compreensão e mérito.

228 Não quer isto dizer que nos seja dispensado o trabalho de trazer, ao quotidiano, a // maior fraternidade e as melhores virtudes; que possamos aceitar as instituições sociais, a organização, que se nos depara.

É exactamente no esforço de mudar a face da terra, no desejo activo e eficaz de circundar de bondade e penetrar de amor todas as instituições e formas, que afirmamos o divino e realizamos a involução para o absoluto, para aquele Irracional, que, enchendo ^(a) todas as razões e afectos, todas as palavras e fórmulas, é agora o Inominado ^(b) e o Inefável.

Sobre a vida social existe a vida cósmica, que é a vida social religiosa, a sociedade total e absoluta.

E aquela unidade, que, na Alegria vitoriosa e na Graça risonda, sempre encontramos criando e sustentando os seres, que é comunicação da inércia, a quantidade, a forma, a vida e a consciência, é agora o Infinito de todas as qualidades, nas formas e para além das formas, na palavra e para além das almas, erguendo sobre todas as cousas a sedução do seu esplendor, nelas espalhando às ocultas a frescura insondável das suas águas.

Regressando ao mundo físico, é, com olhos cheios de deslumbramento, que vemos, em toda a face do Ser, a plenitude duma Unidade, que, sem nada se diminuir, insinuando-se através das formas, da curva astral, do arco-íris, à evolução da vida e à meditação, é a divina Graça sorrindo. //

229

9

Todas as sensações e todos os pensamentos são a relação dum ser com outros solidário.

^(a) A 1.ª edição usa «excedendo» em vez de «enchendo» (p. 280).

^(b) Com certeza por erro tipográfico, a 1.ª edição usa a palavra «Inanimado» em vez de «Inominado» (p. 280).

O que quase escapa, porque, sendo presente em todas as formas, em nenhuma se contém e esgota, é o Ser, a grande Unidade, que é o seio da vida cósmica e a consciência da universal comunicação.

Uma sensação, porém, marca a relação de cada ser com esse absoluto, é como o acender duma lâmpada num circundante oceano de luz.

É a sensação da quantidade dinâmica ou movimento.

É a Graça.

A quantidade afirma o Infinito do Ser; o movimento é a plenitude da posse, a Omnipresença desse Infinito, a intersecção no ponto e no instante, de todas as dimensões do Espaço e todos os intervalos do Tempo.

Um pensamento e um sentimento colocam o *eu* na directriz universal.

É a comunicação amorosa, o respeito da Experiência ou exercício da liberdade.

É a Graça, sorriso do pensamento como já fora névoa da sensação.

A alma fez, na Experiência, o exercício da própria liberdade, circundando delicadamente as liberdades alheias. //

Não produz um Universo vazio, simples fruto dum espontâneo agir.

230

Não recebe um Universo impenetrável, miraculoso fenómeno duma passividade estéril.

Explora e patenteia a sua liberdade no esforço solidário, no respeito e compreensão crescente das ligações cósmicas.

Não é, pois, verdade que o Ser, a plena Unidade, que é a consciência cósmica, Deus, seja inacessível e indemonstrável.

Nenhuma demonstração particular pode existir, porque, tratando-se duma demonstração de existência, só a partir duma lei podia ser feita.

Ora a Unidade não pode concluir-se de nenhuma lei particular, porque não segue, mas antecede todas as leis. É um postulado implícito na própria existência das leis, e, como vimos, no significado e legitimação de todas elas.

Não se deduz deste ou daquele pensamento; é o próprio pensamento criando e conservando os mundos, erguendo-se no homem e caminhando na direcção da unidade, quando o homem procura o seu destino no todo.

É o próprio crescimento da alma, indo buscar ao Ser, que é o Infinito da quantidade, a realidade do seu incessante traba-

lho de espiritualização, revelando, assim, na própria continuidade do seu esforço, que o Infinito da quantidade é também o Infinito do amor.

231 O sentimento, que pela sua obscuridade misteriosa, tantas vezes tem sido chamado a // demonstrar Deus, tem valor de realidade bastante para o fazer.

O sentimento de liberdade, que já mostrámos não ser ilusório e vir até desde as mais longínquas fontes da realidade, é, como o pressentiu Kant, suficiente a demonstrar a existência de Deus.

É a presença da Graça, isto é, dum universal excesso sobre toda a Criação.

É a possibilidade do homem, equilibrando o Universo, repassando em si o infinito de todo o Espaço, vibrando da emoção que contém essa imensidade, da Unidade que reside nessa plenitude, erguer uma vontade sua, uma selecta unificação, um *quero*, que seria a mais ridícula comédia e o mais diabólico orgulho, se não fora o mais sublime dos heroísmos e a mais santa das humildades.

Mais que o pensamento em acção, ou o sentimento, é a própria sensação que nos revela Deus.

Deus não se vê, é o invisível e presente; mas a sensação de liberdade, ou graça, a repetição interior do movimento, que no seio do Universo abre o íntimo dos seres, é a sensação de Deus.

A graça é sentimento, sensação e pensamento.

232 Se o pensamento e o sentimento nos mostram Deus no exercício do nosso livre activismo, a sensação da grande Unidade passa em nós, quando, diante do mar alteroso, apropriando o seu ritmo, repetimos o movimento, // que, reunindo o espaço, é a posse da extensão infinita pela unidade, que a realiza.

O velho inatismo deu sempre à ideia de Deus direito de entrada na cidadela dos apriorismos.

O formalismo de Kant substituiu às ideias, as faculdades; e, se o homem não tem por direito de nascimento certas ideias, ele tem uma faculdade de ideias, a Razão, que espontaneamente totalizará em Deus, a unidade da Experiência.

É uma faculdade que apenas regula a experiência, sem a organizar; é, em todo o caso, uma orientação da alma para o universal.

É a sensação da Graça, o sentido de Deus, que não se deixa iludir e que o limite clássico dos sentidos impedia de reconhecer.

Quem há que não tenha a nítida sensação de Deus, quando, dentro de si, a alma *acompanha* o torvelinho duma tempestade, o volumoso ímpeto da Montanha, a viva e plena imensidade da sua Solidão?

Noite alta. Do arrepiado dorso do planeta, vão-se os olhos sobre a vastidão da treva até à pequenina luz hesitando nos longes de sombra, e, de lá, levantam-se à maior sombra dos céus, correndo, de astro em astro, unindo num abraço de compreensão todas as distâncias, chegando a Sírio com a presença da Terra. Sentimos a grande realidade do movimento, percorremos o caminho da Unidade, que tudo criou, e o estremecimento íntimo, que nos // assoberba, é o beijo do infinito, que nos tocou da sua própria omnipresença.

233

Não é preciso encher de pensamento as distâncias siderais, basta seguir as auroras magnéticas, acompanhar a gravitação, repetir os deslizados e silenciosos movimentos do Céu, assistir à posse de todo Espaço pelo movimento, que o anima.

Nos olhos do mais singelo pastor das montanhas há assombros de majestade, diluídos contornos de horizontes, penhascosos recessos onde as águias fazem ninhos, voos embriagados, tonuras de abismo, contidos frémitos de ilimitadas forças.

Há uma comunhão pagã que o próprio Cristo praticou.

Sob o pensamento e o sentimento do poder, há a própria sensação da força, que, em Nietzsche desvaria de diabólico orgulho, e, em Cristo, foi o Infinito do próprio Deus, comandando as legiões de anjos com que poderia rojar no pó a multidão dos pobres inimigos.

J. Jaurès disse algures ¹ que a emoção dum regimento em marcha vem um pouco da sua massa, da ^(a) quantidade que representa.

É certo.

É o que chamamos a sensação da determinação quantitativa pelo movimento, que, em relação ao cosmos, é a sensação de Deus.

E, como todas as sensações só por si nos // podem enganar, a sensação da quantidade particularizada, em vez de Deus, atinge o ídolo.

234

A sensação do movimento organizando a quantidade infinita não é idolatria, porque não suprime, antes solicita as realidades superiores.

O infinito poder é, pelo seu próprio infinito, a universal comunicação, o motivo da Beleza e a Unidade da moral.

¹ Citamos de memória.

^(a) A 1.ª edição usa a preposição «de» em vez do determinativo «da» (p. 287).

O poder particular elevado a plena realidade tem de degradar o que, por o exceder, o negaria.

É essa errada sensação de movimento que deu aos exércitos alemães a convicção da sua acção divina.

É, neles, um deus, que como em Nietzsche, o mais representativo do seu ser de violência, é o próprio anjo rebelde.

No entanto, eles sentem o frémito da força que os atravessa, e os idólatras de todo o mundo admiram exactamente essa idolatria, repetindo, em si, o delírio do movimento, que os precipita.

É uma bem curiosa revelação da vivacidade da idolatria no coração humano.

Tantos há que, ao mesmo tempo, se dizem cristãos e admiradores dos exércitos germânicos!

O movimento universalmente compreensivo é a própria sensação de Deus.

Todo o homem simples e leal, colocado no Universo, ergue os olhos, a sua alma *abrange*, e adora Deus.

235 «Aqui se siente a Dios» começa um // genial poeta espanhol numa das mais belas orações que lábios humanos disseram.

E eu, que não conheço a terra donde escreve, sinto-me olhando cordilheiras, dominando vales, subindo encostas; erguendo, na linha do horizonte, assomados ímpetos; percorrendo constelações; repetindo interiormente um movimento de assimilação, um abraço preensor; levando, de ponto em ponto, por todo o Espaço, a unidade vital duma cósmica presença.

No vilancete de Abel pastor diz o nosso Gil Vicente: Adorai, montanhas, o Deus das alturas!

Nestes dois versos revive um movimento de Unidade que dá na continuidade da gravitação para o sol, o prolongamento da terra até ao céu. Pela volumosa e serena brutalidade da base conserva a Montanha a estreita prisão com a terra, é, nela, o centro ideal do planeta, guarda um sólido núcleo de individualismo; pela aligeirada forma dos cumes, quase delgadas mãos unidas, é já mais o ósculo da gravitação sideral que o aprisionante abraço da gravidade terrestre.

É por isso que a Montanha, mais ainda que o Mar, nos apresenta Deus.

A imensidade do Mar requer a imensidade duma força que o apropriada, há uma larga expansão de movimento absorvente; mas, se a reflexão surge, essa imensidade tem um limite e desaparece a emoção do Infinito. A Montanha tem a vastidão e a altura. //

Pela vastidão dá o movimento em largueza, pela altura dá o movimento em ascensão e entusiasmo; e, se reflectirmos, esses movimentos circundam a terra, aprofundam o planeta para subirem depois ao espaço sideral, à família cósmica.

Da base à altura levanta-se o próprio planeta em maré de amor, em ânsia de unidade para o Sol, que tem para as alturas os primeiros afagos da luz e os mais robustos abraços da gravitação.

O sorriso e o beijo começam num alteamento dos lábios.

As montanhas são os lábios do planeta entumescidos de desejo, prestes a abrirem em humildes flores selvagens, hesitantes entre a aragem da terra e os estremecimentos do Céu.

E o próprio mar é nas montanhas, em dolorosos gestos de despedida e ausência.

Quando os gregos colocaram os deuses no ar sereno do Olimpo não foi por um ensinamento de cosmologia infantil, mas pelo divino movimento que realiza o abraço da terra, rumorosa de águas com o loiro Apolo, empoadado de luz.

Não há nada mais grosseiro que dar às experiências dos outros o valor da nossa própria experiência. É a origem da intolerância, que se não existe na ciência, que é uma obra de efectiva liberdade, existe, todavia, no modo de atenção, que a ciência moderna gerou.

Os sábios medíocres trabalham com sensações prontas e fáceis, esquecendo o mistério // da sensação e desprezando, por isso mesmo, o que neles há de mais oculto e interior.

237

Daí as ridículas e estúpidas pretensões de explicação do divino por alguns honestos trabalhadores, acumulando uma espantosa erudição, cujo miolo são absolutamente incapazes de atingir.

Se eles, que têm, por implícito ou explícito postulado, um integral sensualismo, começam pela ignorância das próprias sensações!

Deus aparece ao homem na sensação da Graça, Deus é em amorosa comunicação com o homem no sentimento da Graça e Deus é a própria realidade integral e plena no pensamento da concreta liberdade, ou universal ligação, que é o pensamento da Graça.

E, quando o homem se olha como parcela dum todo, como membro da sociedade Universo, essa plena liberdade, que é a intimidade social do Ser, é a face do próprio Deus.

É, então, que compreende o mundo, como a própria graça divina.

O universal princípio da acção, que é a Unidade plena, procurando-se e realizando-se na comunicação dramática dos seres,

é a própria Graça de Deus penetrando as criaturas, levantando-lhes o vulto de drama do amoroso seio, dando à vida uma plenitude exultante, um infinito aprofundamento.

O mundo é, então, pela graça de Deus.

Este sentimento da graça é tão presente, vivo e intenso, que aparece aos iluminados como a única coisa, que, na vida, importa. //

238 É ele que deslumbra e assombra S. Paulo e lhe dá a força, cheia de fervor e vida íntima, que é a alma do seu verbo.

Uma das mais pujantes manifestações do Espírito é a energia com que a Graça se apresenta na alma de Paulo num veemente todo, fusão da sensação, sentimento e ideia, lançando a alma como em ponta, onde freme o infinito dum poder capaz de deslocar o Universo.

O edifício da Lei judaica, com todo o seu peso de inércia, com todo o depósito de divino que lhe deixaram os séculos, é, para a Graça, como a frágil pétala do lírio para o vento dum ciclone.

O que importa, o que salva é o Espírito; a salvação está somente na Graça de Deus.

O escandaloso fogo das suas expressões vem da força, que há-de aparecer pelos séculos sem fim, sempre que o efémero mergulhe até tocar o eterno e o permanente; vem do poder de criação que há-de desenvolver pelos séculos sem fim toda a história religiosa, toda a história ocidental num dos seus mais valerosos aspectos.

Tão intenso é o frémio interior da Graça que, adquirindo a violência duma paixão, dum impulso exterior, irá aniquilar a própria vontade humana e cria a teoria da predestinação.

É o que explica o contraste entre essa teoria da inutilidade das obras e a desvairante actividade dos seus apóstolos.

239 Não se vê a contradição entre uma explicação moral do Universo e a existência dum // Deus, que distribuísse o mérito, independentemente das acções e intenções, matéria e forma das vontades pessoais.

É o delírio da *sensação* da Graça, da presença divina, obnubilando, excluindo tudo o mais do campo da consciência.

É, nos mais inferiores, a inconsciente lisonja dum favor pessoal. Cada um vive pela graça, não por uma especial consideração da sua pessoa, mas porque o Universo activo é um sublime e carinhoso excesso do próprio Deus, que, em vez da unidade abstracta da solidão, se quer a concreta unidade das almas.

Há uma liberdade, excedendo as suas criações; uma intenção de amor, maior que todas as suas obras; um Infinito unindo, por dentro, todas as formas; um Irracional criando todas as razões, sem nelas se esgotar nem sequer diminuir.

É o que mostrou a Natureza inteira e a alma humana.

Uma vida houve, porém, que resumiu, em si, toda a beleza do Universo, todo o significado transcendente da quantidade, do movimento e do Ser, todo o heroísmo e astral pensamento da alma, toda a comunicabilidade espontânea e todo o amor atento.

Foi Cristo.

A Graça andou pelo mundo, e, por caminhos de açucenas, lírios e boninas, levou os homens para a vida substancial e eterna.

Os eruditos, que carregam a erudição, // quer dizer os que ignoram a Graça, criaram o problema de Cristo. 240

Como pouco interessa a sua identificação civil é, no entanto, fácil o problema.

Como pelas manhãs se erguem, sobre o leito dos rios, fantasmas de névoa cobrindo o fugidio corpo das águas, das inquietas páginas do Evangelho levanta-se uma figura serena, mais real e positiva que as incertas letras da história.

A harmonia, a proporção, o ajustamento natural, vivo e flexível das intenções e dos actos, ^(a) a Graça, que ondula, de incessantes nascentes, a vegetal frescura da palavra; a continuidade duma vida abraçando todas as pequenas vidas; a perfeita humildade, compreendendo o nada das ambições e vaidades terrenas, essa ordem transcendente e livre só pode provir duma Unidade plena, duma alma colocada no foco da Realidade, ali, onde os raios do Amor, unam todos os seres.

Essa unidade é a consciência de Cristo.

Que importa o seu registo civil, se só uma suprema personalidade moral pode produzir a vida, que os evangelhos contam?

Quanto ao seu pensamento, o escritor que o tivesse criado seria o próprio Cristo. Quanto à acção, como explicar a unidade dos testemunhos sem a visão dum exemplar?

E, admitido o absurdo dum propositado arranjo, como há almas supremas e iguais para a invenção dum modelo, que, afinal refractam tão diversamente? //

Donde vem esta sublime orquestração?

241

^(a) A 1.^a edição usa a pontuação «» em vez de «,» (p. 295).

É a sua biografia criada para ilustrar o seu pensamento? ^(α)

É então possível ao homem, que só por si, não pode rasgar uma dimensão no Espaço nem aumentar a Realidade com o mais insignificante movimento, *criar* vida e beleza moral, abrir num Universo solidário uma absoluta novidade, como a terra, que do seu próprio seio, arrancara a haste duma nova planta?

Esta espontânea produção de consciências mais altas e solidárias é então menor maravilha que a *criação* duma polegada de espaço?

Pensa-se, porventura, que os seres imaginados pelos poetas excedem os seres realizados por Deus?

A humildade dum João Valjean será superior ao sentimento de amorosa dependência no Infinito, que foi a humildade de S. Francisco d'Assis?

É, então, no Nada que se move a alma dos poetas; é, então, sem resistência, nem esforço, sem assimilação, nem unidade, que o pensador realiza as suas ideias e vê desabrochar o seu verbo?

No mais insignificante gomo d'árvore vê-se a propulsão da seiva, as ondas do ar, fugindo diante do ser que toma lugar na vida.

Só as obras do pensamento são o gomo fora do Espaço e da sociedade cósmica; só a palavra humana pode surgir, sem comover o Ser; sem ligações, nem realidade, só ela pode // inscrever, no vazio, a forma fantástica do seu nada?!

Sim; é esta a triste fórmula dos pobres impotentes e insensíveis, que vão supondo, na Arte, uma vida própria, nula e artificiosa.

São como a rocha, que pudesse pensar o ritmo das águas circundantes como um movimento íntimo e tão seu que não abalasse nem comovesse o Espaço onde repousa.

Mas os que sabem que a Arte é vital e cósmica, mais real que o sol e o chão que pisamos, bem conhecem em todas as obras do pensamento a penetração da realidade, a comunhão de ser, a apropriação de vida universal.

Se o Poeta não pode, fora da Natureza, matizar os campos de flores, muito menos ele pode acender, no Espaço e fora de Deus, uma nova consciência moral.

^(α) A 1.^a edição usa neste ponto a pontuação «?» em vez da pontuação «.» (p. 296).

Ele pode trazer ao inverno as flores da primavera, como pode dar ao efêmero utilitarismo e quotidiano esquecimento da nossa alma o eterno sublime das almas infinitas.

A maior realidade cósmica, que aos homens foi dado ver com os imediatos olhos do corpo e com os eternos olhos do Espírito, foi Cristo.

Quem criou o seu pensamento e a sua vida, toda ela um imediato pensamento de universal e concreto amor?

Pensamento e vida tão unidos que são o próprio Verbo fluindo do centro do Universo.

Compreendeis a flor sem raiz? //

Aqui o pensamento é raiz, pelos veios da rocha, através do planeta, abraçando o Cosmos; a vida é a flor, embalsamando o Mundo.

243

Não é o caso dum ideal suposto realidade, mas o caso duma realidade ideal em tangível e corpórea presença.

Quem teria pensado tão alta doutrina sem plenamente a viver? Não é ela um movimento partido do centro do Universo e tudo assimilando ao seu íntimo segredo de amor?

A distância entre o real e o ideal pode existir para os nossos desejos particularistas, para a insaciável sede de presença que nos queima; não existe para um ideal que é a própria consciência da mais absoluta realidade, da completa penetração, da inteira compreensão do Universo. Isto é já muito para indicar que a essência do cristianismo é a própria alma da existência cósmica; é terminante para mostrar a impossibilidade literária da figura de Cristo como ideal concebido a que se ajustasse a realidade vivida.

Depois, a vida de Cristo é absolutamente cheia de imprevistos nos mais ocultos detalhes, repassada de acontecimentos de aparente fraqueza, que o papel heróico de personagem concebido como Deus não comportava. Como das mais altas montanhas, surge o sol, ainda mais alto, a reverberar-se na neve, que as cobre, dos evangelhos levanta-se um vulto, que os excede, e, de cuja luz, as suas páginas refulgem.

É a figura de Cristo. //

Através dos evangelistas nós a podemos reconstituir na sua pureza, como a luz branca para além dos corpos, que dela colheram isolados aspectos. A personalidade de Cristo revela a sua essência naquele ponto central da sua vida e do seu pensamento, em que através do finito e do temporal transparece o infinito e o eterno.

244

O resto é a refração no atônito pensamento dos discípulos, no próprio papel do Evangelho.

Entre o que pensamos e o que escrevemos vai aquele trágico e fecundo afastamento, que não nos deixa escrever um só livro, mas muitos e sempre, até que a morte suprima a distância entre o corpo e a alma.

Qual não será a distância entre o que adoramos e o que dele nos é dado dizer?

Cristo é o novo vidente que olhou o infinito através da alma do homem.

Até aí, aqueles, que, para além dum feliz equilíbrio entre a alma e o mundo exterior, tinham tentado o abismo, foram mergulhadores perdidos no insondável.

Voltavam de olhos desorbitados, em paroxismos esquilianos.

Jesus não é o mergulhador lançado ao abismo; olha e a madrugada do seu olhar clareia a alma em suave, enternecido e ilimitado azul.

245 Antes que Giordano Bruno quebrasse o cristal do céu e visse o Espaço Infinito, já Cristo o tinha feito do outro lado, da alma // humana. Nele e através dela, o infinito azul do firmamento.

É a única alma dada ao nosso conhecimento, que não esmaga o homem com o mundo, nem suprime o mundo pela aparição do homem.

O infinito da alma e o infinito do mundo não são inimigos, não se combatem.

São a liberdade na comunicação, isto é, o esforço activo, o mérito, o drama existencial.

Dois infinitos, que são apenas o Infinito amor de Deus.

Cristo é, pois, a verdadeira fonte da civilização.

Já dissemos que esta é a espiritualização do planeta pelas obras do nosso amor.

Tem uma face exterior, é o nosso crescimento para fora; mas esse crescimento só vale como expressão dum interior que o crie e, nele, ache ocasião de se aprofundar.

A civilização é um alheamento, quer dizer, é um transbordar da alma sobre a matéria; para que se não perca ou desvie é preciso que seja também um ensimesmamento, quer dizer, uma involução espiritual, um movimento íntimo para além da aparência e do fenómeno.

Sem isto a civilização aniquila e escraviza. Bem basta o cadáver do corpo; e a máquina, como ser e fim, é o cadáver da alma.

O Irracional, o infinito excedente, a Graça são as fontes da vida.

Deixai-a correr longe destes e tê-la-eis petrificada e morta.

246 Cristo é esse infinito, // presente na obra que passa; é o Espírito

animando o próprio bocado de pão, que o nosso humilde trabalho e a nossa amorosa vontade bem mereceram.

É divino?

Pois não o somos todos no momento em que palpitamos o ritmo universal, em que temos a clara consciência da unidade dramática, em que estamos em religioso acordo com o sentido do Universo?

Fixai esse momento, sob o fluxo da hora e tereis o tempo a tocar o eterno, a forma a ^(a) sentir o além da vida que a sustenta.

Assim é Cristo; ele é a plenitude de graça, ele é, para além de si, numa perfeita unidade total, num infinito estremecimento de amor.

Cristo é a mais completa expressão de comunicabilidade, por ela é o mais perfeito conhecimento. Cristo é a divina graça, encontrando no seu excesso o poder de em cada forma repetir o Infinito; Deus é a graça, e existir e conhecer é comunicar da graça.

Não é a humildade, o sentimento essencialmente cristão?

A humildade natural é a que Nietzsche via no verme que se enrosca, furtando-se à agressão.

É a retenção de todas as forças, uma pausa no impulso vital, uma mineralização da vida para fingir a morte. Alguns autores têm tentado até uma explicação da imobilidade // defensiva de certos insectos por úteis suspensões nervosas aproveitadas pela selecção.

247

É uma degradação, uma queda das forças vitais.

É, por isso, que o desdém nos *afasta* quando se nos rojam essas humildades.

Mas a *humildade, atitude religiosa, é um alto esforço de universal receptividade, de total compreensão.*

Foi por confundir a primeira com a segunda, ou antes, por não atingir esta que Nietzsche pregou a inversão dos valores.

Assim tinha de ser, dado o nível fisiológico do seu pensamento, e a política prussiana adoptou a tabela dos valores bárbaros. Os exércitos alemães nada mais fizeram que desenvolver a dialéctica dessa doutrina.

Todas as falências da sua diplomacia são exactamente a lógica consequência desse barbarismo.

^(a) Com certeza por erro tipográfico, a 1.ª edição usa «o» em vez de «a» (p. 303).

É assim que a Alemanha, com laboratórios de psicologia, comete este grosseiro erro de supor que a crueldade apoucaria o valor moral dos inimigos.

Grosseiro erro, onde a lógica do bárbaro esquece a banalidade corrente do embotamento das sensações pela sua repetição.

O seu naturalismo primitivo repete a confiança dos primeiros povos na violência, na crueldade e na manha.

248 É tal o aprofundamento da alma humana pelo cristianismo que os mais dispersos de retórica e formalismo verbal, se os toca o // génio cristão, conhecem a íntima essência da humildade.

Foi com estranha emoção que encontrámos no altissonante Vieira um largo entendimento da humildade como o sentimento da própria dependência, imperfeição e miséria.

É o horror da solidão, que ao próprio Deus não bastou; e, com esse horror, o reconhecimento duma infinita dependência, que só um infinito amor pode estabelecer e conservar.

Essa humildade é a base metafísica do respeito pela Experiência, interrogativa conversa dos seres; da tolerância, reconhecimento dum interior em cada ser; do sentimento social, que é uma longa experiência de tolerância, conquistando, pouco a pouco, espaço social para as almas afastadas.

Essa religiosa atitude, que abre na alma humana uma cósmica vontade de união, é a fonte da ciência e da arte.

Quando Newton se contenta em achar a forma da gravitação, deixando como problema pendente o estudo do agente, não é a comovida humildade da sua alma, pressentindo e amando o Ser, vivo e omnipresente, que lhe permite livrar-se da idólatra exigência duma acção local para explicar o movimento? ¹

249 Hoje é fácil, à nossa compreensão, // admitir uma lei de presença sem real, próximo e tangível contacto corporal; mas qual não seria o esforço preciso para subir uma alma à hipótese da presença invisível abraçando os mundos?

¹ A acção a distância é insubstituível. A teoria electromagnética da matéria não a substituiu. Faraday admite uma estrutura *fibrosa* no éter, e as simples vibrações de Fresnel bastam a garantir um atomismo do éter. Por isso Gauss apelou para o Invisível na explicação da gravitação e físicos modernos têm apelado para a quarta dimensão do Espaço. Veja-se também as velocidades muito superiores à da luz, que seria preciso admitir suprimindo a acção a distância, etc.

Não se vê, aqui, claramente, a alma de Newton *comungando* o Ser, que enche o Espaço e, por toda a parte, é presente na íntima e oculta unidade do disperso?

E o que é a ^(a) arte, senão o Universo visto através duma alma?

Todos os raios do infinito vão através da lente reunir num ponto; num ponto do Universo, é uma alma humilde, o encontro de todos os seres, abrindo a palavra da universal compreensão, do claro e amoroso entendimento.

É este sentimento de amável dependência e inteira comunicação que dá à figura de Cristo uma certeza sem obstinações e uma majestosa simplicidade.

Como o rio, que, encontrando um obstáculo, vai em silêncio acumulando as águas, que o hão-de transpor, silenciosamente a alma humilde acolhe as forças cósmicas até que a altura e a profundidade, o Céu e o Abismo a penetrem e a encham. A humildade é a pronta obediência das pequenas plantas das alturas à brisa anunciadora do Sol, que se aproxima. //

A humildade é o recolhimento do Sol nas carnes do arvoredo e a sua restituição ao frio dos nossos invernos e à melancolia das nossas recordações.

250

Ser humilde é ter a luz dos olhos para as cegueiras que nos cercam, lume para os que a ventania esfarrapou, pão para as bocas da fome; é ter a porta aberta aos vagabundos do mistério.

Ser humilde é também comer o pão que a mão amiga nos estende, pôr o nosso carinho no calor dos outros lares; é levar pelo infinito, a nossa consciência, a tornar humana luz, a fria luz do Espaço.

Ser humilde é escutar atento as palavras que as outras almas dizem; de ouvido em terra, saber ouvir o correr das águas; em suspenso, sentir em nós o tumultuar da vida, alongar-se a alma, crescer, subir, palpar, sob a palavra que os lábios ergue, o infinito frémito do que não foi dito.

Ser humilde é viver a vida diante de Deus, em plena e total comunicação com o que existe; é pôr a comoção dos grandes acontecimentos no episódio mais insignificante; é apagar a banalidade da face do Ser e dar a cada instante, que passa, a presença do infinito que o anima.

(a) A 1.^a edição omite o artigo «a» (p. 307).

É nesta humildade, neste cósmico cristianismo activo, que o fenómeno toca a essência e o tempo se tinge de eternidade.

251 Aqui mergulha a civilização as suas raízes espirituais, e daqui ela parte de novo com a // seriedade e a substância duma alma, que, criando máquinas e instituições, o faz para órgãos e não para fins ou destinos da acção.

As instituições diluem as suas epidermes mineralizadas e pode ver-se, sob a flexibilidade e a ondulação das linhas, o rosado dum sangue jovem estuante de entusiasmo criador.

O homem faz uma arma para preservar as obras do espírito e nunca essa arma poderá voltar-se para exigir outra que a guarde a ela, e assim sucessivamente, numa delirante transformação dos meios materiais em fins do espírito.

Em face do cristianismo, um novo sentido adquirem as instituições: elas são um melhoramento das manifestações ou obras do espírito.

As instituições valem pela maior ou menor realidade de convivência, de comunicação, que dêem às almas.

Foi a humildade que permitiu a descoberta das almas. Não se sabia que, em todo o homem, existe uma realidade fora de todo o preço, porque o preço é o particular e a alma é o concreto universal. Só a humildade podia fazer com que cada alma se dirigisse a outra, aberta em solicitude interrogativa; sem ela só pode cada alma aviltar as outras, porque a elas se dirige com o que é só *seu* a afirmar e impor.

Só o cristianismo acabou com os escravos; os estóicos tinham, apenas, uma terapêutica contra a doença ou medo da escravatura. //

252 O cristianismo torna-nos livres, porque o Espírito existe, é substancial e concreto; o estoicismo dava a liberdade por uma sábia abdicação oportunista.

Lugar social, isto é, *direito* para todas as almas, é o que o cristianismo, e só ele, justifica e exige.

O cristianismo é o que na tradição melhor representa a realidade como uma manifestação do Ser, como a existência dum Irracional superior a todas as razões, a presença em cada forma de um Infinito que a envolve e vitaliza.

É, por isso, que a integração cósmica da vida humana está num cristianismo renovado.

A tradição é o laço do presente com o passado, é a refacção no tempo duma unidade interior, dum princípio de ser.

Os povos vivem na tradição, quando têm uma unidade colectiva a manifestar.

Mas também a tradição não pode ser repetida simplesmente, porque isso seria a inutilidade de toda a acção, uma nova degradação da realidade até à identidade pura.

Uma alma, quando se coloca no Universo e cria a religiosa atitude do dever, faz o que muitas outras já fizeram; mas não é uma repetição, porque a conquista da máxima comunicação cósmica é a própria essência de todas as almas.

Viver é renascer, e renascer é retomar o seu lugar no Universo, o seu esforço de expansiva unidade e dramática comunicação. //

A tradição é uma das revelações naturais do lealismo, persistência e sólida realidade do Ser.

253

Se não houvesse, para além do Tempo, princípios de existência, tudo se dispersaria em instantâneas particularidades.

Porque se reencontra a aparência é que claramente vemos, para além dela, uma sólida e constante realidade. Mas essa aparência seria diante de nós inabordável e escravizadora, coisa cega e bruta, se a nossa actividade a não penetra de ser, a não reintegra no seu valor de comunicativa realidade. É a estupidez dos que pretendem estagnar as sociedades em nome da tradição.

Estupidez igual à dos supostos inimigos que a dispersem em puro actualismo sem entranhas, ou dinamismo sem raízes.

Os primeiros, porque encontram o sangue no coração, decretam que é preciso não o deixar circular no corpo; os segundos, porque o acharam nos vasos, resolvem dispensar o coração.

Uns e outros se abandonam ao demónio do niilismo, trabalham pela morte.

O cristianismo rejuvenescido, levado ao coração do Ser, é o que pode dar à vida humana o alto significado, que lhe compete como agente da evolução planetária e da involução espiritual.

Nele devem mergulhar as instituições; a partir dele, elas devem lançar o voo do seu entusiasmo. //

É, assim, que as aspirações de justiça, que os socialistas e os anarquistas podem representar, encontram possibilidade de realização, porque recebem um alto valor de verdade.

254

Essas tendências, quando simplesmente naturalistas, são equívocos insubsistentes.

A Justiça tem por postulado implícito uma *equivalência* das almas.

Ora essa equivalência só pode existir na sua realidade metafísica, no seu valor de absoluto, de amorosa comunicação no Infinito.

Em relação aos expedientes da sua actividade, nenhuma alma pode equivaler outra, antes cada uma é um separado *eu*, e todo o resto é fora da sua *propriedade* e inexistente.

De que serve aos socialistas dizerem que o trabalho é desfalcado em proveito dum capital só por si estéril, se o capital pode responder que ele generosamente se diminui em favor dum trabalho, só por si, sem ponto de apoio, nem fecunda acção?

Se o trabalho é a fonte da riqueza humana, também o é o capital que o aproveita, fecunda e dirige.

E, se vamos às origens, não é o capital simplesmente trabalho acumulado; mas trabalho gratificado pelas qualidades de iniciativa, inteligência e descoberta.

Mas, ainda que o capital fora uma extorsão feita ao trabalho, o que é que na simples natureza condena esta apropriação?

255 Tendes de reclamar em nome do direito, e o direito só existe perante uma equivalência // das almas, que só um significado cósmico pode garantir.

Eis o erro de todas as correntes das reivindicações modernas, eivadas do actualismo, do exclusivo cinematismo duma civilização, embriagada de movimento, tomando os meios materiais da acção pelos fins morais do espírito.

O socialismo, sendo dum certo modo uma reacção contra a dispersão industrialista, não deixa de pecar do mesmo vício.

É uma idolatria da organização, uma crença na justiça intrínseca das instituições.

Traria uma tremenda sobrecarga de regulamentação e burocratismo, exactamente daquela parte da vida social que, por mais materialista, mais esmaga e esconde a vida interior, a realidade espiritual.

O anarquismo tem um grande horror à regulamentação e tudo espera da eclosão das grandes virtudes individuais e do natural acordo dos indivíduos.

Unicamente, como já vimos, não é possível um acordo natural das vontades, porque a simples natureza não pode levar o homem além do conceito de interesse colectivo, difícil de definir e sempre sem poder próprio bastante a subordinar todas as modalidades dos interesses pessoais.

São dois modos de pensamento, ambos maculados da ignorância e ausência do infinito, reflectindo temperamentos distintos.

O socialista é o homem metódico, de formas claras de activismo técnico. //

O anarquista tem mais violência e sonho, é inimigo das formas, cujo aprisionamento pressente e receia; mas, como não atingiu a Unidade em que desapareça a antítese, para além das formas, vê apenas uma força inqualificada e estuante. Um é, em sociologia, o católico apaixonado do exteriorismo das instituições, nelas supondo virtude própria e fecundidade.

O outro tem a fluidez do cristianismo, mas, sem ter apreendido ^(a) a fonte original, está ainda no informe, antes da concreta unidade de comunicação, que é a razão das formas, o infinito que as levanta e embebe.

O Trabalho será remodelado conforme a Justiça, quando ele for apenas a manifestação do Espírito.

O Trabalho não é um castigo a que a nossa imperfeição nos condena, é, muito diferentemente, a mais clara e pronta afirmação da nossa compreensiva dependência.

Se o homem não tivesse os olhos abertos sobre o espaço constelado, errando de astro em astro, em contemplativa admiração dos cósmicos laços, que o abraçam no Infinito, bastaria o trabalho a trazer a vida planetária e com ela a vida sideral, ao amor da sua atenção.

Se trabalhamos, é porque uma relação sem apoio nem esforço, nenhum valor representa para o nosso desejo de comunicação.

Uma só cousa é gratuita: a própria existência social, o Universo comunicativo e dramático. Isso é o generoso excesso divino, a Graça persuasiva para onde se inclinam, doce, // mas firmemente, todas as intenções da alma, desde o mais oculto frémite de espaço e movimento até ao claro desejo de absoluto, à lúcida consciência da substancialidade do dever.

257

O drama da existência, isto é, o rumor e encanto da vida, a comunicação e o desejo, é a gratuita dádiva de um Deus, disperso em sociedade para se reencontrar em real e concreto amor.

Mas o trabalho que é a representação desse drama, é a acção da nossa liberdade afeiçoando o mundo aos seus intentos; é a própria vida da nossa atenção, interrogando e refazendo a realidade.

O trabalho é uma consequência da graça divina, criando um mundo comunicativo e com significação moral.

^(a) A 1.^a edição corrobora que a palavra «aprendido», usada na 2.^a edição, deve ser tomada no sentido de «apreendido» (p. 315).

É, por isso, que o trabalho sendo uma aplicação da nossa liberdade, é a sua imediata revelação.

Só quem trabalha se sente livre e realmente existente.

Em todo o trabalho há a comunicação do homem com o Ser, e, entre o artífice e o poeta, há maior parentesco que é vulgar supor-se.

258 O momento, em que o trabalhador sente que conquistou a técnica, é um solene momento em que compreende a linguagem e a essência do movimento. A costureira, que trabalha um vestido, repete interiormente os movimentos, // que, na Natureza, talharam as linhas, as ondulações dos corpos femininos.

Estendendo o movimento até à sua intenção social, o mínimo trabalho adquire verdadeiro valor.

Dependem tantas ou mais vidas, da atenção e seriedade dum guarda de linha ou dum faroleiro, que da honestidade profissional de um médico.

Quando cada um trazer ao seu trabalho uma alma religiosa, um comovido espírito de universal e mútua dependência, será o trabalho, mais que a Alegria, a directa oração, o espontâneo, pronto e eficaz agradecimento à divina graça, que nos deu o convívio, a virtude de fraterno auxílio, que, no mesmo abraço unificador, acolheu as nossas particularidades e imperfeições.

O Trabalho começando pela penetração da realidade, pelo relacionamento do homem com a existência, deve alargar o seu movimento de apropriação até atingir a própria fonte da realidade, donde o seu esforço de compreensão partirá, renovado, a abraçar todo o Universo.

Este processo de evolução, involução e *nova* evolução é o caminho das almas no seu cósmico aperfeiçoamento; deve ser também o processo educativo, a sugestão dada ao nativo desejo, à intrínseca tendência de comunicar e agir. //

259



Na hora serena do crepúsculo escolhei um lugar bem solitário para a vossa meditação.

Cessa o falar diurno, fundindo as suas vozes num grande mar de Silêncio.

Dentro de vós, viviam formas e vultos, as palavras nítidas, as intenções claras.

Agora todas as formas morrem lentamente como os relevos continentais que um oceano viera cobrir.

Ao grande Silêncio do mundo segue-se o imenso Silêncio da alma; como dois mares separados pelo beijo do Sol, um visível da sua luz moribunda, outro de amanhecendo e invisível corpo.

Pondo o vosso silêncio de acordo com o grande Silêncio das cousas, ponde o coração de acordo com uma grande realidade cósmica, acompanhai, por exemplo, com uma forte tensão de vontade, o sol no declinar da despedida.

Olhai bem o disco a afundar-se e imaginai que a vossa vontade o move. Em breve tomareis a sério a vossa ilusão, e, a um profundo abalo de todo o ser, conheceis que sobre o Mistério se vos abriu um novo sentido.

É que o Universo é cheio de misteriosa vida oculta, que embebe todas as formas; à mínima inclinação no bom caminho responde // o frêmito de infinitos contactos do invisível, enchendo de ser e realidade a quotidiana insuficiência.

260

Como o ar em torno dos corpos se oferece aos estremecimentos do seu espaço, como o éter é dócil às mais longínquas comunicações, o Ser é presente em todo o Universo, pronto a penetrar de afirmação todas as formas, que se inquietem.

Erguei as mãos ao Céu e o vosso pensamento seguirá o gesto, pleno de emoção e entusiasmo.

Pascal o disse, e a parte de verdade contida na teoria das emoções de William James não é mais que a sua confirmação.

É que entre o movimento e o Ser há uma tal correspondência que se vos inclinai para o mistério, logo ele vos penetra.

É a divina Graça, a omnipresença invisível, correndo a encher as almas, como do silencioso flanco das montanhas corre a loquacidade dos vales verdejantes.

E, como à sombra da Montanha, na sua protecção amiga, se encostam as aldeias brancas entre os choupos, na sombra divina se abrigam as almas, interrogativas e humildes.

O Silêncio da Montanha fez-se o murmúrio dos vales, como a Solidão de Deus se fez amor entre os homens.

Esse amor colocado em Deus é o contacto pleno e imediato, a convivência perfeita, sem estorvos, nem limites. Eis porque o imponderável nos aparece lá, onde a nossa alma // mergulhou na Solidão, onde a nossa atenção escutou o Silêncio.

261

Em toda a parte, onde um grande Silêncio mora, sentimos o palpitar dum pensamento: a omnipotência do Ser no corpo da realidade, a posse, que, do Universo, Deus toma permanentemente.

Fora do Rumor todos sentimos uma misteriosa e exultante imponderabilidade.

É que o peso é uma forma da presença, e, na vida comunicativa e particular, é o mais absorvente abraço do homem e do planeta, do planeta e do Céu.

Se o homem vivesse mal pousado sobre a Terra, que comunhão podia existir entre o seu ser indeciso, sem espaço de acção, e a plenitude dum Universo que *é* e se *conserva*?

Mas, quando fora do rumor ele se encontra como parcela do todo e sabe colocar a sua alma na directriz da universal compreensão, sente, quase vive, o infinito excesso, a divina graça, que, sendo a concreta unidade do amor, em toda a parte é presente, imediatamente, por intencional virtude, sem esforço nem particularização.

A Solidão e o Silêncio dão-nos um sentimento de imediata presença e integral plenitude; não é Deus sentido na repetição interior dum movimento que tudo abrange, é a Graça divina espalhada em todo o Ser, como certos beijos maternos, boiando na face infantil em líquidos sorrisos de ventura.

262 Como o viajante, que, chegado ao alto, // repousa a vista na frescura das gargantas, por mais que os olhos se percam no céu, jamais esquecerá a terra, ^(α) o pensamento, chegado à Graça, é oração imediata, hino de louvor e alegria, onde todas as imperfeições fundem o corpo de esforço e drama num eterno significado de comunicação e amor.

É o Invisível, o Inefável, o Inominado que povoa toda a Solidão, que enche de cósmicas e substanciais palavras todo o Silêncio.

Porque sentimos a universal presença, quando os terrenos e quotidianos olhos nada podem ver, quando os ouvidos, como as conchas repetindo sem o saberem as vozes do Mar, são abertos perante o imenso oceano do Silêncio, é que se nos anunciam esplêndidas realidades, no além dos nossos cuidados, maravilhosos mundos de quimeras, onde, porventura, os mais deslumbrantes dos nossos sonhos iriam encontrar a medida da sua significância.

O estado de graça é o sentimento da presença universal.

Estar em graça é olhar o Universo daquele invisível centro de amor, que é o seio de Deus.

Estar em graça é parar suspenso no meio do ruído a ouvir vozes das bandas do Silêncio.

(α) A 1.ª edição usa a pontuação «» (p. 322).

Estar em graça é ir devagar na Solidão a conversar com o invisível, a encher de humanas palavras amorosas todo o Espaço sem voz.

Na Solidão e no Silêncio, ali onde a nossa // atenção se volta no sentido do oculto, a Graça tece, de tenuíssimos e misteriosos fios, as ligações que prendem a multidão rumorosa, medita o verbo, que é o pão e o amor de todas as bocas.

E a Graça, em excessivo além dos sentidos, é simplesmente a absoluta e infinita presença. Enche a Solidão e o Silêncio, mas de presença inefável, universal contacto amoroso, onde as formas se diluem e a comoção interior é a fremente quietação dum beijo sem lábios.

Tão para além dos sentidos, tão pura presença é a Graça que todo o movimento se encerra, e a plena posse é, agora, o perfeito e absoluto contacto.

É a Serenidade em subtil e invisível corpo de amor, vagueando no Silêncio e na Solidão.

De tudo o que para nós é a vida resta a Presença, sem formas, nem limites... Tocada a Presença, logo a solidão se faz companhia!

Essa presença é o Amor, e, por isso, o seu corpo subtil é de femininas formas, delicado e etéreo. A Graça nós a vemos, para além dos olhos, imponderável corpo de Mulher, vagueando na imensa Solidão do Espaço.

E, de lá, os seus pensamentos discretos são a florescência, e a harmonia dos mundos. É ^(a) a Virgem, porque da sua *solidão* nasceu o mundo e o amor das almas. À ^(b) medida que essa Imagem se nos ergue no pensamento, este adquire, de novo, uma tal fome de certeza e concreto que a Virgem amorosa é já a // maternidade; e, no seu seio, como as flores nos braços primaveris das árvores, sorri um infante, eterno fruto do seu Amor.

Dos seus lábios, o sorriso sobe para o sorriso materno, e, no sulco de luz e bondade, que é o seu encontro, o Universo voga sem esforço, numa perpétua comunicação do Mundo com Deus pela alma do homem, de Deus com o homem pela solidária harmonia do Mundo.

263

264

^(a) A 1.ª edição, com certeza por erro tipográfico, usa «E» em vez de «É» (p. 324).

^(b) A 1.ª edição, com certeza por erro tipográfico, usa «A» em vez de «À» (p. 325).

Uma nova arma de guerra

Aos soldados da minha Pátria

Meus irmãos: — Eu tenho, desde há muito, as palavras da vossa faminta ansiedade. O meu pensamento vive à sombra da Morte; nela abrindo clareiras de consentimento vitorioso. Todos os dias lhe contemplo a face enigmática, e, dentro em mim, subterrânea, silenciosamente têm crescido a compreensão e a esperança. Essa Realidade brutal, da qual quase todo o homem vive a esconder-se, ergue-se hoje diante de vós, como desde sempre diante de mim.

É a hora trágica, inexorável em que é preciso saber-se que a Morte existe.

Hesitei antes de vos falar: o que podia dizer-vos está nos meus livros; talvez algum de vós preferisse ir para Ela num esforço de vontade sem conteúdo, na simples correcção artística de um Petrônio; quantos outros no cumprimento de um dever não analisado, bastando, por si, ao holocausto no altar santíssimo da Pátria.

Mas eu pressinto que em todos vós há qualquer coisa de longínquo, clamando o socorro duma assistência à melhor parte da alma, ao lugar onde residem os afectos de filho, de esposo e pai; às lembranças dos misteriosos e subtis movimentos de adoração em que, por vezes, a alma entreviu o divino.

Eu sei que diante da Morte se levanta o problema da verdade ou ilusão da virtude, do significado ou da insensatez moral da existência. Sim; o sacrifício pelos outros. Mas de que serve se eles voltarão a sacrificar-se, se o planeta será um dia o imenso cemitério duma humanidade, tendo vivido em constante esforço de bondade, a todos os momentos aniquilada? Círculo vicioso de

sacrifícios inúteis, imensa tragédia em que os personagens falam uma linguagem de eternidade, que o Destino vai traduzindo em cinza, ilusão e nada.

E as vossas famílias? Eu adivinho, sob o granito forte da vossa vontade guerreira, o marulhar profundo e piedoso e enlevado das lágrimas dos vossos. O bloco do granito por vezes se imponderaliza; é que, sob ele, em lembrança, um vosso filho entumescu os lábios dum sorriso.

A Morte é uma brutalidade, e o Universo seria uma obra satânica em que a meia harmonia do mundo físico apenas fosse um engodo para o homem consentir na vida, se essa brutalidade não fosse clarificável pela ansiosa interrogação da nossa inteligência e do nosso amor.

A face arrepanhada da Morte aparece-nos sempre na meia luz dos nossos sustos e dos nossos hábitos de pensamento só dirigido para a acção material planetária; pode bem ser que, olhada a toda a luz da consciência, seja suave como o lírio, ingénua e prometedora como a criança.

É a hora das palavras vulcânicas, não das escolhidas — mas de todas as palavras, as mais banais, estuando do vulcanismo interior, estilhaçadas de fogo d'alma, afirmação e verdade; porque é hora dos naufrágios; é preciso coalhar o oceano de sólidos troncos, tábuas de salvação, oferecidos a todo o braço que pretenda agarrar.

Realidades, muitas realidades, a esmo, substanciais e poderosas.

É Deus, é a alma, é a união da alma com Deus feita por Jesus, atravessando toda a história a dar significado interior à nossa febre de justiça.

É a Natureza, quando penetrada a todo o prumo da consciência; é essa mesma consciência erguendo, sobre uma natureza darwinista e amoral, uma mais alta natureza, onde a harmonia das leis físicas atinge a clara, a fraterna, a livre harmonia das leis morais. Eu quero o valor absoluto das minhas virtudes: o vento do Destino é cego e arrebatam, extingue-se por momentos a luz da consciência; mas, ei-la, que se reacende e subindo em altura, ilumina mais e ri do vento, que, sob ela, sopra impotente os seus desvaios.

Vencemos a natureza, que primeiro os nossos olhos viram, porque os olhos da consciência, mais atentos, uma maior natureza compreenderam. Eis a razão por que o dever vos basta; é

que ele é, só por si e na sua capacidade de acção, o testemunho duma ordem de realidades conservativas e absolutas.

Não sabemos o que é uma natureza sem consciência; o que conhecemos é sempre uma harmonia de leis, uma relação de fenómenos, com a unidade interior que os liga. Para o físico é o Universo um sistema atómico (de átomos eléctricos) que exige para sua conservação uma inteligência ordenadora, que impeça a inevitável morte por equipartição de velocidades e demais características.

Para o biólogo é um físico-quimismo *finalista*, que sabe adaptar-se. Para qualquer é, antes que se escravize à generalização totalizadora duma parte do seu conhecimento, uma sociedade em que se trocam adaptações, desde o puro equilíbrio mecânico da inércia até ao móvel equilíbrio social das consciências em que se trocam afectos, e cada consciência se multiplica pelas outras.

A experiência completa abrange o homem moral e a alma é, por ele, uma realidade sem contestação.

Mas eu dou-vos factos; diante da brutalidade da Morte só a crueza dos factos.

Só da consciência-realidade, síntese de toda a experiência, podemos deduzir os aspectos particulares desta, também da experiência particular podemos subir à consciência-realidade.

Há muito tempo que o eminente físico inglês, Sir Oliver Lodge, procura demonstrar experimentalmente a sobrevivência da memória pessoal humana. Publicou, há anos, um livro com o título de sobrevivência humana, onde apresenta, pelos processos do automatismo verbal e gráfico, várias comunicações de pessoas mortas, sobre assuntos inteiramente ignorados do *médium*. Eliminada a fraude, restava, para explicação desses fenómenos, o caso da criptomenésia do médium ou de informação telepática.

Oliver Lodge eliminou a primeira explicação pela escolha de factos que fossem absolutamente estranhos a toda a experiência do médium. Restava a hipótese da telepatia, explicando que o médium podia receber os conhecimentos por informação inconsciente de algum vivo capaz. Lodge tentou o sistema de comunicações cruzadas, em que dois e, por vezes, três agentes medianínicos recebem desencontradamente comunicações sem significado próprio e adquirindo bom sentido em conjunto.

Sir Oliver Lodge publicou, em Novembro de 1916, um livro com o nome dum seu filho, morto em Setembro de 1915 nos campos de batalha da França. Chama-se *Raymond or Life and Death* e vai na sexta edição.

Este livro é cheio de boas comunicações de Raymond, cuja morte foi anunciada a Lodge pelo seu amigo do além, Myers.

É assim que assistindo anonimamente a uma sessão Lodge recebe o descritivo dum grupo fotográfico que Raymond fez e volta com mais detalhes a fazer numa sessão com outro médium. O grupo não era conhecido de nenhum membro da família, e a prova participa da categoria da comunicação cruzada. Lodge leva a outra sessão pergunta dos dois irmãos de Raymond. Exemplo: «Lembras-te de alguma coisa a respeito de Argonauts?»

Raymond responde: «Telegram».

Lodge nada percebeu desta resposta, e chegado a casa, verifica que não era essa a resposta esperada pelos irmãos, que, no entanto, acabam (as irmãs) por lembrar-se que, durante um passeio de automóvel por Devonshire, Raymond enviara a casa (estando pai e mãe ausentes) um telegrama assinado «Argonauts».

Quando de duas sessões diferentes e afastadas, Raymond é convidado numa, em Birmingham, a dizer a palavra «Honolulu» na outra sessão de Londres. Raymond, confundindo por vezes os presentes, imaginando em Londres um dos membros da sessão de Birmingham, dá ao médium de Londres a palavra solicitada.

O livro de Lodge é cheio de provas deste género e, a conselho do genial filósofo francês Bergson, publica também as descrições do «Outro lado» que Raymond faz com humor e entusiasmo.

Cientificamente não traz este livro grandes acréscimos ao valor provativo já exposto no livro anterior; mas tem este livro um interesse dramático, vivo e ansioso que excede infinitamente o outro.

O que no outro era sombra de vida é aqui vida dramática, entusiasmo superior, alegria vitoriosa.

Há nestas sessões qualquer coisa como as ondas de febril ansiedade de uma inensa multidão cercando o único telefone que a ligasse ao longínquo país, onde uma outra multidão dos amigos e parentes vibrasse do mesmo entusiasmo e afecto.

Entrecortam-se conversas, e, por vezes, a França e a Inglaterra aparecem abraçadas do lado do Mistério.

Raymond é lá o propagandista da nova comunicabilidade, deste imenso alargamento do verbo humano; e é de ver, com lágrimas, o interesse com que anima e solicita o Pai a ser o apóstolo da nova Ideia.

Eis a nova arma contra a Morte.

É que a morte não é mais que uma catástrofe aparente, verificando-se, aqui como sempre, o princípio da continuidade que já

a Leibniz fez ver, no repouso, o movimento diferencial, no corpo, o espírito instantâneo e, na morte, uma simples, involução material.

É claro que os factos prestam-se à negação de quem os não conhece; eu creio neles, porque Lodge os conta, e porque já tenho feito experiências próprias e algumas de real valor positivo.

Recebidos os factos, pode recorrer-se a uma explicação mais difícil se da sobrevivência incomodar os hábitos de espírito. Não faltará quem suponha uma telecronologia permitindo a um médium ler nas ondas do éter (!) tudo o que já aconteceu e até o que venha a acontecer.

Mas, seja como for, incontestável é que o pensamento existe como uma realidade, e só o ignora quem nunca pensou *originalmente*.

A transmissão do pensamento independentemente dos meios normais dos sentidos é um facto de ordem *experimental*, sobre o qual tenho as mais concludentes provas.

Desse facto: consciência-realidade, não é lícito duvidar, mesmo sem a mais ligeira reflexão filosófica; porque, reflectindo, ele é mesmo a única realidade bem conhecida, em função da qual todas as outras tomam ser.

E a vós não será isso duvidoso um instante, quando, mar fora, o Vento, que varre o oceano, for também o Amor saudoso que encha as vossas almas do orgulho, santo ardor de sacrifício, divina ânsia de Beleza. É que ao sopro da Dor, o homem se inclina, penetra e embebe de divino, e a Força, que o leva de pé, clamando eternidade para as suas virtudes e affectos, é já a certeza que, no seio de Deus, eles tomaram o alento da vida eterna e infinita.

(*A Capital* — Diário Republicano da Noite, Lisboa, ano VII, n.º 2342, 22 de Fevereiro de 1917.)

A educação religiosa

Introdução

Entendemos por experiência a interrogação feita pelo homem ao mundo que o cerca. Quer dizer que o homem não se deve limitar a escutar o que o exterior diz, antes é ele que procura obrigar o Universo a responder às suas curiosidades, isto é, aos modos do seu desejo de saber. Há, pois, em nós, certas formas de saber que sempre moldam a interrogação. Essas formas de saber resultaram, como o demonstram os nossos livros, da interacção entre uma inicial actividade psicológica e as resistências estranhas; são, portanto, aquela atitude fundamental a que a realidade obriga.

De forma que ir a subordinar os fenómenos à causalidade, à finalidade, etc., não é obra dum antropomorfismo sem alcance, mas apenas uma natural antecipação que o Ser quase garante, pois que, se não o é, tende para *Universo*. Só a nova experiência pode limitar o domínio que essas formas tenham no novo fenómeno, ou antes, até onde vai no novo fenómeno a analogia que justifica tal atitude; só a experiência pode ir modificando e enriquecendo as formas do saber, pela combinação ou modificação das anteriores pela necessidade de nova e original aplicação.

E assim aparecem atitudes novas, experiências de saber, variando desde a vaga analogia dum universal e imediato psiquismo, até à profunda assimilação científica actual.

A Experiência é, pois, para nós, uma cooperação do homem com o que lhe é, pelo menos antes do conhecimento, bem exterior. Cooperação em que o homem é activo, e que, sendo uma assimilação, requer modelo de semelhança. Esse modelo varia desde a afectividade olfactiva dum cão até à grande unificação do mundo numa alta consciência filosófica ou religiosa. Mas o

próprio modelo é variável, porque, nele, vão deixando as experiências os sulcos do trabalho assimilador: o exterior resiste e o molde adapta-se.

Dum lado um mundo, que vagamente conhecemos por os sentidos; do outro lado uma actividade de compreensão nos próprios sentidos implícita. Acção recíproca em que se fulcra todo o dinamismo do conhecimento, ou crescimento da Experiência.

Deste modo se compreende que a Experiência seja diferente para todos os homens e que um ignorante nada perceba quando lhe digo que vou determinar o valor de *g* pelas oscilações dum pêndulo.

Deve acontecer o mesmo para os ignorantes que queiram falar, em nome da experiência, em assuntos filosóficos a que não saibam fazer *corresponder* a necessária experiência. Era bom exigir aos que falam em nome da ciência, qual a ciência a que se referem, e, com que experiência o fazem, aos que da experiência se justificam.

Deus

Qual o significado e riqueza deste conceito? Resulta de juízos de existência ou de juízos de valor?

É claro que o conceito de Deus contém apenas o valor da experiência que o criou. É assim que muitos ignorantes se dizem ateus só porque um dado Deus contradiz a sua experiência e ainda não elaboraram conscientemente a experiência de um novo Deus.

É o caso de quem pelo *absoluto* da honra combate o deus duma dada religião; pois, se a honra tem valor absoluto, bom é o caminho para de novo encontrar Deus.

Outro dia, um antigo seminarista afirmava que não deseja, sequer, que haja Deus.

A afirmação é feita diante do molde católico tomado como absoluto, pois, sendo o ex-seminarista uma pessoa honesta, não lhe pode deixar de ser querido um Deus, que, justificando a ciência, fosse a segura garantia do maior valor e da permanência da honra. Nega Deus, porque, por integral ignorância das ciências no seu íntimo, supõe sempre Deus incompatível com elas.

Por não *saber*, não atingiu a *experiência* global em que as ciências e a moral fundem a sua aparente indiferença numa unidade superior.

E assim reaparece a segunda pergunta com esta nova forma: sendo a ciência e a moral disciplinas estranhas, é Deus um conceito científico ou um conceito moral?

Ainda aqui variam as respostas conforme o valor de cada experiência. Para os homens práticos e afectivos é essencialmente o conceito de Deus o resultado da sua experiência moral.

Para os filósofos primitivos, quer dizer, para os que filosofam com os conceitos elementares do seu saber, é Deus um arquitecto, uma hipóstase da causalidade, até do espaço, por vezes.

No limite, é Deus, para o santo, a vontade amorosa que o anima e em cujo amor quer abrasar-se; é Deus, para o sábio, a plenitude, ou a integral memória das relações e harmonias cósmicas.

Não será possível arranjar a ponte que ligue este princípio de idealidade cósmica com aquela vontade de cósmico e universal amor?

Quer dizer: não será possível unir os juízos de *existência*, que são os juízos da ciência, com os juízos de *valor* que são os da moral? O maravilhoso génio de H. Poincaré diz que de duas premissas no indicativo não poderá sair uma conclusão imperativa.

Ora a ciência *afirma* e a moral *ordena*, logo a moral que ordena não pode sair da ciência — o que, de passagem, não quer dizer que uma dada moral não possa sofrer uma análise científica. A moral não pode, pois, sair da ciência. Mas não haverá uma realidade ao mesmo tempo científica e moral? Há; é o homem.

Nele se une o *dever* da moral com o *ser* da ciência. Explicar este ser e aquele dever foi o esforço de Kant com as duas críticas da razão, a teórica e a prática.

O conceito de Deus é, portanto, variável com a experiência filosófica ¹, com a experiência moral e com a experiência de correlação das duas primeiras.

É assim que, quando da experiência ética se conclui absolutamente o mal e da experiência filosófica se conclui a idealidade do Mundo, se tem de admitir um Deus impotente com Mill ou diminuído com Sampaio Bruno, ou explicar aquela idealidade como um ilusório pluralismo duma essencial Unidade, com Schopenhauer. Vejamos, pois, que conceito de Deus poderemos atingir com a mais ampla experiência. Começemos pela experiência filosófica que teremos de unir com a experiência moral, sob pena de concluirmos um mero Deus arquitecto, ou, quando criador, uma simples Força amoral. Dos velhos argumentos da existência de

¹ Quer dizer: a Experiência da correlação e síntese das várias experiências científicas.

Deus, tomemos o da causalidade e o da finalidade. O argumento da causalidade diz-nos que as séries causais se aniquilariam se uma primeira e substancial causa nos não desse a garantia da sua sólida existência. A resposta peremptória, depois de Kant, é que da série efeito-causa *F, E, D*, se pode concluir a existência duma série *D, E, B, A...*, onde nos dois sentidos figurem letras dum alfabeto sem fim; mas que não é lícito pôr um absoluto *A* no início do alfabeto. Também só Kant tinha a idolatria da causalidade. A ciência não conhece causas (a não ser para um neo-escolasticismo à Wundt), mas relações funcionais ou leis. E então o argumento modifica-se e é este: não será penetrado de pensamento um Universo (até a palavra o diz) que entra na arquitectura matemática dum Newton, Laplace ou Maxwell? Macrocosmo real repetindo o microcosmo ideal? Não parece que, no Universo pontiluzente, desabrocha o platonismo em astros e harmonias? Quanto à causalidade, nós só a conhecemos no *quantum*¹ de indeterminismo que, para a acção, a nossa escolha esgote e na vaga espontaneidade que, por analogia, supusermos na vida.

Sob este ponto de vista toma o argumento da causalidade uma nova e bem interessante forma: se temos liberdade, não perpassa, no Universo e por nossa via, uma capacidade de direcção? Este argumento de liberdade, isto é, do indeterminismo no meio de leis, não exige uma ordenação superior que salve a harmonia?

Ora, todos os argumentos contra essa liberdade, que defini, são apenas tirados da idolatria da causalidade e dos determinismos científicos arbitrariamente reduzidos a um só determinismo originário, que, unindo todas as ligações, seja a própria Fatalidade.

Basta lembrar os trabalhos de H. Poincaré para se ver como todos esses determinismos são criações daquela liberdade.

De resto é até fácil mostrar como o determinismo da física e a eterna existência do Universo sem direcção inteligente são conjuntamente impossíveis.

Sabe-se que um neo-atomismo é hoje a doutrina mais geral da física. O mundo físico é formado de electrónios; a Electromagnética abraça todos os capítulos da física e uma nova mecânica, abrangendo e alargando a antiga. Ora é fácil de ver que um sistema material atómico tende para um certo estado de equilíbrio, atingido o qual seria o eterno nada.

¹ De qualidade.

Só uma direcção inteligente poderia fazer a selecção dos elementos e suas posições para que tal estado não seja atingido. A forma energética desta doutrina constitui o célebre princípio do acréscimo constante da entropia na vida dum sistema material isolado.

Esta doutrina prova, pois, a necessidade de criações sucessivas, ou duma inteligência ordenadora. É claro que este Deus, sendo apenas uma inteligência (por ainda não tratarmos da experiência moral), pode encontrar substituto num diabo, amoral e inteligente. Foi mesmo a este respeito que apareceram os célebres demónios de Maxwell.

Se atendermos ao modo como a vida luta contra a entropia e como sabe adaptar-se, teremos de novo, e por dois caminhos independentes, achado a presença de dois direccionismos, que é interessante aproximar: a adaptabilidade dos seres vivos e a acção vitalizadora do conjunto físico.

(*Continua*) ^(α)

(*A Águia* — Órgão da Renascença Portuguesa, Porto, vol. XI, 2.^a série, Janeiro a Junho de 1917.)

^(α) O artigo não teve continuação.

A insubsistência dos valores germânicos

Quando Descartes iniciou a dúvida metódica para fazer a revisão dos conhecimentos humanos, a moral foi posta à parte, aceitando provisoriamente a moral comum.

É que o espírito moral, a consciência, eram a substância do homem, o seu modo peculiar de ser dentro da Natureza.

Duvidar dos preceitos duma certa moral era legítimo, mas discutir a polarização ética nenhum povo ou pensador, para quem a vida espiritual exista, o pode fazer.

A polarização — bem, mal — é modificada apenas por certos criminosos; sendo uma das funções sociais do crime a irreverência iconoclasta contra um dado bem e um dado mal.

Esta função criminal foi desempenhada na Alemanha pelo menos artificial, mais recto e fundo dos seus pensadores.

Nos outros filósofos alemães perde-se o jeito próprio sob a *erudição* (e não educação) clássica; em Nietzsche, filósofo da aristocracia, é o temperamento mais gregário e directamente germânico. Homem de reacções, ele é aristocrata e refaz aquela insípida e revelha teoria do retorno, ele é germânico, e, porque delira, insulta a lenta e vagarosa força da raça não vendo a tremenda condensação, que se forma.

O seu pensamento faz o salto mortal continuamente, e o jeito da cabriola é bem marcante no bailarino Zaratustra.

O germanismo abafa sob o disfarce da cultura clássica, e, em Nietzsche, dá-se a maior revolta naturalista de que fala a história do pensamento humano. É, por isso, que, em Nietzsche, se faz o estudo do germanismo em estado de natureza, sem artifícios. Nos outros filósofos são teorias mais ou menos complicadas a mascarar a mesma vontade depredadora dos valores espirituais.

Depois veremos que, em todos, a pessoa moral se dilui num panteísmo moral, que é a sua negação e aniquilamento.

Nietzsche é o fenómeno singular dum pensamento especulativo, desempenhando a mesma função social que o crime.

Fenómeno duplamente curioso, pois mostra como a sociedade é uma arquitectura de pensamento ainda errado, onde a própria imperfeição se revela no ilogismo do crime, e mostra como, dentro da humanidade, o germanismo, que Nietzsche representa, tem uma função social de crime.

Ora, se o crime é um ilogismo social, o germanismo não é mais que um erro da organização social humana.

É, com efeito, este erro que, de armas na mão, a Europa corrige, e é também, por isso, que, acabada a guerra, terá a Europa de emendar a sua organização social, sob pena de tudo permanecer na mesma.

Que quer então Nietzsche? Como o crime, quebrar a polarização ética e tomar à sua conta a definição do bem e do mal. É, com efeito, para essa obra que corre todo o ímpeto da sua vontade.

É como o espectáculo da lava destruindo todas as maravilhas acumuladas sob a boca dum vulcão.

Fenómeno mais complicado que um ilogismo social, pois é, no bom e velho sentido da palavra, um autêntico pecado contra Deus, guarda dos mais altos valores morais.

O bem e o mal são meros fenómenos de adaptação social, sem qualificação ética.

São as categorias sociais, não criadas por uma recíproca e íntegra adaptação social, porque seriam de novo lógicas; mas categorias, tábuas da lei, dadas aos fracos pelos fortes vitoriosos.

Eis, pois, o bem e o mal como simples funções da Força. Mas qual força? É claro que o germanismo, sendo o crime, seria uma descida, uma queda da diferenciação; mas da moral à psicologia, à simples biologia ou até à física?

A redução de Nietzsche é essencialmente fisiológica, como era de prever. É a antiga alegria, a embriaguez do hidromel a reclamar lugar filosófico. Os fortes são essencialmente os ágeis, os gigantes de punho rijo e vontade feroz. Como a redução atravessa todos os graus, há também os valores psicológicos mais simples: a manha, a crueldade, a vontade elementar, ou tendência, obstinada e progressiva.

Aqui é ainda Nietzsche, no seu aspecto histórico, um homem de reacção.

Discípulo de Schopenhauer, dele recebera Nietzsche o conceito de vontade elementar, cega, anterior à inteligência; mas, como Schopenhauer concluía a dor e a negação de viver, o nir-

vana, Nietzsche irá concluir a grande Alegria, tamanha que, sem cessar, se repita.

De aí ainda, a transmutação dos valores. Schopenhauer concluía a piedosa simpatia, pela mesma analogia que lhe dera a vontade essencial. Nietzsche inverte, e, como Schopenhauer é pouco, incha, hiperboliza até Cristo. E agora Nietzsche é já o Anticristo.

O notável filósofo Höffding coloca Nietzsche, com Guyau, na filosofia dos valores. Eles, com efeito, ambos buscaram à vida um significado de valor; mas Guyau com o seu critério de vida generosa e fecunda nunca saiu da vida estética e moral.

Por isso mesmo o sociólogo Roberty encontra, em Nietzsche, um maior interesse sociológico, pois o crime, como a doença na biologia, desagrega os elementos analíticos da lógica social.

Se Nietzsche foi o alto e sincero representante do naturalismo germânico, não seria preciso ir buscar a outros filósofos a demonstração da queda dos valores intrínsecos do espírito em forças de ordem inferior.

Curioso é, no entanto, observar como o próprio Leibniz acabava por esgotar a liberdade pessoal no necessitarismo panlogista duma característica universal.

A eficácia da acção social escapava-lhe desde o mundo físico, vendo na força um apetite, uma mónada inferior, ao mesmo tempo que Newton, pela alta concepção das forças centrais, claramente estabelecia o carácter de interdependência social das forças.

É assim que Leibniz, aplicando a sua genial concepção de continuidade à vida e à morte, dava aos corpos a simples preformação e redução de simetria geométrica, fugindo à função criadora da epigénese.

E a acção moral não mais era que o desenvolvimento lógico duma preformação social: a harmonia preestabelecida.

Kant toma, para fundamento de moral, o facto empírico do dever na sua forma de lei universal; bela atitude para uma fecunda autonomia do dever, se a vontade não tivera de morrer de inanição num mundo anteriormente fechado à sua acção pelos elos duma causalidade absoluta.

Fichte atinge a altíssima noção dum universo, simples teatro da acção moral; mas dilui logo essa moral de cada eu no corpo informe dum Eu transcendente, que, a existir, será o único.

Hegel desenvolve por antinomias o pensamento experimental, fazendo-o esquecer a experiência, portanto a acção social. É claro que tudo será nos necessários momentos dessa evolução e o espírito evoluindo em história dará a esta a plena justificação de todos

os seus sucessos. «Que a história tem sempre razão» é o pensamento que ao próprio Wundt não é estranho; veremos se concordam com a actual derrota alemã. Wundt, estudando a acção da sociedade na psicologia individual, sobrepõe à vontade individual a do grupo.

Mais profundamente o francês Durkheim se deu ao estudo das criações sociais, chegando a estudar as próprias categorias do pensamento dentro deste critério.

Mas, precisamente aqui, o indivíduo toma conhecimento da consciência social para a penetrar, possuir e clarificar.

É que o valor intrínseco do espírito é, nos alemães, apenas um conhecimento de superfície, não uma assimilação profunda até ao núcleo do próprio ser. Não sendo filósofos de profissão, sem o dever profissional da cultura, gritam claramente os imperativos inferiores da Força.

Força, que, neste caso, não tem o significado mecânico; mas é antes a energia, ou capacidade de acção.

Ora a energia, neste sentido de utilização, é, mesmo no mundo físico, essencialmente regressiva, em permanente decréscimo.

Em técnica social essa capacidade de acção soçobra e aniquila-se, quando a não dirige um superior destino. É a tirania das cousas criadas sobre a acção que as gerou, que vem desde as *impasses* do pensamento, quando os conceitos objectivados perdem o seu potencial psíquico, até ao absoluto encadeamento da atenção social ao colosso da indústria e consequentes *impasses* económicas duma produção sem freio, nem lei.

É este o erro de todos os obscurantismos sociais. O que o homem tem de lúcido e director é a sua consciência; pôr, de fora e acima dela, qualquer realidade é regressar a formas inferiores de vida, caminhar direito para dúvidas e contradições, que amesquinham e degradam.

O que dá uma aparência de razão aos diferentes obscurantismos é que o vago dos seus conceitos nos permite a visão global dum conteúdo opulento em oposição com o pobre actualismo lógico de cada época.

Também a este contraste vem dar força um finitismo (não no significado que tem na nobilíssima filosofia de Renouvier) de míngua e miséria.

É assim que, por exemplo, os homens progressivos duma época, quando julgam que o espírito criador de certas formas do passado nelas se esgotou, negam não só o valor dessas formas da tradição, mas até do espírito que as criou, como se nelas se inte-

gralmente esgotasse. É então que a reacção tradicionalística aproveita o vago do termo, vago cheio das ressonâncias das harmonias passadas.

Se compreendermos o infinito da acção criadora que a cada momento cria e excede as criações, saberemos então que, ao dispor da mais alta direcção criada, uma indefinida capacidade de acção se nos oferece.

Então é com um *socratismo*, isto é, com os mais altos e claros conceitos da consciência, que partimos para a acção social.

O que de mais alto e claro existe no homem é o supremo persuasivo (Fouillée) da moral.

O homem quer a mais alta harmonia da vida ideal que concebe, e, como a quer, desdobra-se em amoroso e fecundo esforço de acção.

A consciência é logo, como conhecimento ou querer, um laço, uma realidade social.

Elucidar os imperativos da consciência social, a ponto de poderem ser os supremos persuasivos de cada consciência, é a verdadeira tarefa duma moral autónoma e ao mesmo tempo rica da maior realidade ou mais concreto universalismo.

Clarificar os imperativos sociais, ao ponto de os tornar em claros e amorosos desejos de cada consciência, é uma boa parcela de verdade e justiça, que pertence à parte nobre da tendência social denominada anarquista.

Introduzir as seduções da finalidade moral é dar às sociedades uma clara directriz, de verdadeira liberdade, eficaz e criadora.

Assim o direito irá sendo aquela parte da lógica social que uma longa e permanente experiência reputou o mínimo de necessário condicionalismo. Mínimo aberto a todo o aprofundamento da acção moral, da nova harmonia descoberta e desejada, sempre num lógico e bem definido esforço de mais espaço social, mais perfeita organização e melhor espiritualização interior do organizado. Os valores germânicos de redução analítica vão no caminho da simplificação biológica, de míngua, desprezo e obscurecimento da experiência social. São, por isso, insubsistentes. O homem tende a substituir, em toda a parte, as forças inorgânicas e desordenadas pela direcção finalista da sua consciência moral.

O socratismo, ou clarificação dos imperativos sociais, é a própria direcção psíquica e histórica do conhecimento humano.

(*Atlântida* — Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brasil, Lisboa, ano II, n.º 18, 15 de Abril de 1917.)

A poesia e a filosofia moderna em Portugal

O pensamento de largas curiosidades, ávido de ser e universalismo, aquele pensamento que busca o coração da Realidade e só aí encontra a perspectiva que interesse, aparece, desde sempre, implícito na poesia portuguesa.

A maior criação intelectual dos portugueses é a poesia, e não só porque tenha a *sua* epopeia, mas, também e igualmente, porque tem o *seu* lirismo. Mesmo dentro da grande epopeia lusíada há máximas alturas de lirismo e drama.

E, se é certo que o mais sincero e ingénuo documento da alma humana é a arte, a poesia portuguesa deve revelar-nos, em acção viva, o nosso pensamento metafísico.

Um vago panteísmo amoroso, tocado de saudosa ternura, faz o encanto dos nossos poetas.

Esse panteísmo, porque é poético, não é a unidade abstracta, a totalização dialéctica, mas apenas a direcção emotiva a que se inclinam as almas. Não é a Unidade paralizante e absorvente, mas a unidade do amor na comunicação das almas. O povo, que é o maior Poeta, soube abrir a voz do monoteísmo do Deserto em mil bocas de verdura e água, para que as sedes agradecidas se unissem na alegria do seu amor contente.

Na imaginação poética há um maravilhoso equilíbrio entre a sensibilidade e a representação; equilíbrio quebrado, apenas, em Antero, pelo predomínio da representação, e, em António Nobre, pelo predomínio da sensibilidade.

Este morre tuberculoso; aquele perde-se num Nirvana intelectualista, que, apagando a distância entre o sensível e o representado, adormece a consciência.

São os pontos da crise poético-filosófica, onde o inicial sincretismo se fragmenta em filosofia e poesia.

A poesia *conhece* e sai do Éden com a mácula do pecado original.

A filosofia, sem imaginação, procura-se, perde-se em abstrac-
tos sistemas de lógica, sossega-se no burguesismo positivista, e,
volvidos novos olhos sobre a poesia, retoma imaginação; sorri,
medita e canta.

Guerra Junqueiro, cômico do pecado original, começa, re-
presentativa e intencionalmente a análise do materialismo social.
É a calíça da Igreja, erguida, arremessada pelo vento da ironia; é
a mentira do amor supurando as íntimas gangrenas. Mas muito
pequena seria esta obra se não ouvíssemos, sob o esforço da su-
perfície, o murmúrio dum lirismo, fio de água a subir em maré
viva. É a Pátria sonâmbula despertando; são os *Simples* da terra,
cantando, amando, caminhando em romarias de alma para a
grande Unidade amorosa. Ainda aqui o Poeta destaca as suas
desilusões, e o pessimismo implícito mostra esta fase dos *Simples*,
a mais *Anteriana* da sua vida: a distância da representação e da
sensibilidade existe ainda.

A representação condensa-se comovida, e, *gratia plena*, em
puro platonismo imanente, o Poeta ergue as orações, flechas de
Luz falada, levando o planeta para além de si e pela imensidade
do Infinito.

Neste Poeta a representação tende de novo a predominar, e
ele promete um livro de filosofia — a Unidade do Ser — que será,
por certo, um neo-espinosismo platonizado, isto é, sem a idolatria
cartesiana da matéria-cousa.

J. Jaurès, Platão, Espinosa, serão os companheiros do Poeta.

Em António Nobre, o espectro da Morte inibe a representa-
ção especulativa, e, em reacção, prende-o, por um novo e mais
íntimo abraço, à terra, em *despedida*. Uma nova ingenuidade cam-
pesina atinge expressão, mas em surdina crepuscular, com um grito
de alarme ou de auto-excitação de alegria, donde em onde. Nou-
tros Poetas da Realidade (à parte, pois, os de salões e varetas de
leque) o ponto de reencontro da representação e da sensibilidade
dá-se na acção.

É o próprio esforço de criar que funde os termos e repre-
senta a unidade originária. À parte os casos patológicos da acção
transformada em vertigem, ou dispersa em sensações perspecti-
vadas, este movimento tem interesse filosófico.

É o método pragmático de reunificação. João de Barros, cul-
tor sadio desta poesia, é o homem pronto, simples, ansioso de
realizações; é, pois, naturalmente um crente na educação e no
esforço. A sua representatividade é portanto determinista; daí a
simpatia que, ingenuamente, o levou à admiração paradoxal pelo

contrito inimigo das artes, o dialéctico Le Dantec. Um outro Poeta, quanto a mim o mais complexo de todos, é Teixeira de Pascoaes. Em Pascoaes há acção e contemplação e uma especial sensibilidade representativa.

Desde o início, a acção aparece a Pascoaes como um lucro e uma perda.

A vida é criação, mas é também perda. Ao longo do caminho, que vamos florindo de pensamentos, pétalas vão caindo, e dentro das nossas almas. A vida é um crescimento, mas o ser vivo recebe em depósito, dentro de si, os mortos que tombam.

É o velho Heraclito, em termos de alma.

Pascoaes é o drama da Memória. O panteísmo de Pascoaes é pluralista, no final; a Natureza é dele, da sua alma, e a impotência radical do Ser, o fluxo dos fenómenos é imediatamente o drama do esquecimento.

O seu panteísmo é o monismo radical do seu ser.

Quando converso com Pascoaes, sinto-me por vezes um espectro da sua Imaginação.

Pinta a branco e preto, com luz ou sem ela; as cores dariam demasiada realidade às suas criações, demasiada independência da sua imaginação.

Quando fala em cores é para consentir amigavelmente na existência dos outros e falar por eles, por esses outros.

A analogia, que é o último processo do conhecimento do filósofo e o primeiro do poeta, dá-lhe os outros seres, que, para a sua imaginação absorvente, são os espectros dum pluralismo de si mesmo.

Sinto que, de mim, partem fios para todos os seres e que sou um pouco o que me cerca; sinto que, para Pascoaes, o que o cerca é bastante Ele. O pinheiro entra na minha alma com verdura e resina, o pinheiro só existe para Pascoaes com o mocho piando solidão e tristeza. O resíduo desta assimilação imaginífica é um vago sentimento de inabordável alteralidade que dá a Pascoaes o desenho dantesco da Solidão.

É tudo psicologia na alma deste Poeta, e creio que, se ele tentasse uma enciclopédia, ela seria um pansiquismo espectral. O drama da alteralidade em psicologia é o drama do esquecimento. Por isso, para Pascoaes, a essência do drama é a saudade, que é o sentimento da mortalidade da memória.

Nestes termos poderia dizer-se: se o esquecimento fosse completo teria razão o materialismo; se a lembrança fosse completa tudo se absorveria em Deus, apagavam-se as liberdades, *seria* o único determinismo integral, em forma e matéria.

Porque há esquecimentos parciais é que há saudade, evolução e dor.

Pergunto eu: e se não houver mais que consciente actual e consciente virtual, isto é, se o esquecimento fosse memória virtual e actualizável?

O Poeta quer a dor, porque quer a vida, e eu sei que à sua fraqueza não desagradaria um integral esquecimento ou morte.

O Poeta realiza, por vezes, os universais para se tranquilizar: «o Amor é o que não ama», mas sente perdido o dinamismo da vida e regressa à dor para o conservar.

A sua fisionomia profundamente dramática, que lembra Nietzsche, de acordo com a sua alma, tem sorrisos de ventura em ingénuos regressos ao estado originário de simples natureza, enterrecendo-se com o que é imediato; mas ergue-se de novo o drama, e ei-lo que nos fala de um pecado original, que parece agora ser a alma, a própria memória.

Será a memória pecaminosa?

A memória é o ser destacando no concerto dos seres, é, por isso, a razão do pluralismo, que faz a tragédia da alteralidade.

Mas porque não há-de a memória social abranger sem as suprimir, antes adaptando-se às suas liberdades, as memórias parcelares?

Vê-se, pois, a que alturas o pensamento poético tem subido em Portugal.

A filosofia propriamente dita procura-se, é menos interessante, por mais detalhada, como em Amorim Viana, nas críticas de Antero e na teologia de Sampaio Bruno.

Filosofia sistemática temo-la tentado nós; não nos compete, pois, referi-la. Apenas diremos que nos nossos livros — *O Criacionismo, O Pensamento Criacionista, A Morte, A Alegria, a Dor e a Graça* — ela está exposta e que seria interessante compará-la com o que dissemos sobre o pensamento poético.

O seu anticousismo, o seu pluralismo social, o carácter do equilíbrio social, permanentemente reinventado pelos seres sociais, o poder *criador* do pensamento, a realidade metafísica das memórias, o princípio da conservação e evolução da memória, tudo isto é de molde a fazer pressentir o seu parentesco espiritual com o pensamento poético português.

(*Atlântida* — Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brasil, Lisboa, ano II, n.º 25, 15 de Novembro de 1917; reproduzido imediatamente a seguir, na mesma publicação, da p. 227 à p. 229, em tradução francesa, com o título *Sur la poésie et la philosophie moderne au Portugal.*)

O Natal

Vozes do meu silêncio

Há, no vocabulário humano, dois substantivos formidáveis: o *ser* e o *nada*.

O movimento progressivo da criação, imagem humana do *fiat* divino; o movimento regressivo do aniquilamento, acrescento humano da suficiência de Satã. A imaginação abrangendo, sempre e sem fim, os mundos; a imaginação condensando, sempre e sem fim, num ponto estuante de ser, os espaços e os tempos.

O primeiro movimento tem o ritmo do homem que adora, das mãos que se alongam, das pedras que se ogivam; o segundo tem o ritmo da boca que blasfema, da mão que furta, do gatilho que é premido.

Dir-se-iam duas substâncias da velha escolástica.

O *ser* tem como modo essencial a humildade, o *nada* apresenta-se em orgulho.

A humildade é um sentimento de universalismo, é a passagem luminosa de Deus através das almas: *inclinam-se* e, por elas, se estabelece e fecha o circuito da divindade.

É, em almas, o cósmico giro das nebulosas.

O orgulho é a desproporção, o centripetismo absoluto, o satânico retorno da criação sobre si mesma.

É o iniciado beijo de amor arrepanhado em gargalhada sinistra.

A Solidão é povoada de Deus, as montanhas erguem os mais nevados cumes como mãos planetárias excedendo o planeta.

A cidade é povoada de homens, os homens enclavinham as mãos fraticidas, gritando a blasfêmia do seu *nada* à imensidade do Abismo.

A loucura do homem que em si coloca o centro da sua vida! Ele quer erguer a sua treva diante do esplendor do Sol, ele le-

vanta-se do seio de Deus proclamando o *nada*, ele parte com um zero a enumerar os mundos.

Mas o zero, fora das convenções, é como o infinito, um limite inacessível.

Dilatai o Universo, e para além da nossa imaginação ele pode estender-se sem que a si mesmo se perca, porque a Presença o cinge e unifica.

Condensai-o, e para cá das mínimas grandezas concebíveis ele pode ainda apertar-se, porque o seu centro ideal de amor é presente, sem diminuição, nesse ponto metafísico de *ser*, fremente de amplidão e infinito.

Podeis fechar a vossa janela para que o incontável fulgor das estrelas não vos oprima de mistério, os seus abraços siderais continuam a envolver-vos e no fundo do vosso pensamento assombrado uma inquietante claridade hesita e bruxuleia.

O Deus, que desdobrou, como as tendas do Deserto, o grande dossel dos céus, não se perde em nenhum sorvedouro de treva e no fundo da alma dum criminoso ele brilha sereno e eterno. Se a luz do nosso abismo treme e desfalece é que o vento da desgraça, o rodopio do pecado, passou ao de cima. São nuvens que empanam, e o grande pavilhão celeste, desdobrado pelo seu poder, esconde, por vezes, a sua face.

Deus é o Mundo.

E a preguiça, e o medo e a vaidade ficam na claridade do Mundo e não se atrevem a levantar as cortinas do Mistério.

E o Mundo fica só, de solidão petrificada, erguido numa arquitectura de zeros.

O Mundo move-se por inércia, dum sopro de *ser* originário!

Deus é o motor imóvel, indiferente ao espectáculo do Mundo, tombado dum sopro da sua respiração.

O filho pródigo, fugido da casa paterna, que fora apagando todos os vestígios do caminho para impossibilitar o regresso, a que sinal encontraria o rumo?

Irmãos gémeos partidos, antes da memória reflectida, para pólos opostos da terra, voltam a encontrar-se, fixam-se e, da antememória, ergue-se uma névoa que os aproxima.

O homem vai a caminho do zero, mas, do ponto metafísico a que se reduz, um nódulo de *ser* o anima.

E o homem é a saudade do Mundo, subindo para Deus.

A mais alta da flor de mistério, de carne macerada, trágico e grotesco, assimétrico e disforme, ressequido em Satanás, extasiado na claridade dum invisível sol para lá do firmamento!

O mundo percorre-se pelo pensamento do homem, e, nos confins do espaço, a imaginação interroga.

Curiosidade obstinada de encontro ao limite, a voz humana pergunta, clama e geme.

Todos os sonhos de amor, os desejos de bem, as deliquescências da piedade correm os espaços e acumulam-se nos limites, como as ovelhas perdidas, acossadas de lobos, se juntam à porta do abrigo.

Lá dentro é a segurança, a protecção, a visão de pastagens edénicas e sem feras.

Quem recolherá o homem?

Se o mundo é tão frio e sem companhia!

O sopro *originário* alteia o coração do homem, entumecendo-lhe os lábios numa oração de amor e de saudade.

Deus, que é Pai, vê que o mundo a ele se dirige, saudoso e humilde, num íntimo alvoroço de unidade.

São duas saudades que se tocam, e, do choque, nasce o *verbo* luminoso, a palavra perfeita de comunicação.

Cristo é o ponto de encontro da alma que sobe em oração com o amor divino, que desce em relâmpago enchendo de luz o Abismo.

A mão que se ergue em súplica encontra a mão que ampara e protege, os olhos que sondam a treva saturam-se duma luz inefável, à flor da qual, e sem atritos, bóiam todas as almas.

Cristo é o desenlace eterno do drama das criaturas, porque é o eterno enlace das criaturas em Deus.

Imaginaí um corpo elástico, que, caindo das alturas, foi deixando, a seu pesar, a azul transparência dos céus.

À medida que esgota a distância, aumenta o pesar das clari- dades perdidas; mas ele vai tocar o solo e de novo, irá reaver a vitoriosa alegria da ascensão.

O homem lançado de Deus toma a graça do impulso por vir- tude e propriedade sua, vai a caminho do *nada*.

Como mola, que se apertasse de encontro a um apoio inatin- gível e, ao reduzir-se, fora aumentando o esforço que a há-de distender, o homem, a caminho do *nada*, atingirá um nódulo aní- mico que o arremesse em ânsia de infinito e eternidade.

É uma maré solar levando o coração humano para o sol invisí- vel e sem corpo, que, da Altura e da Profundidade, orienta as almas.

A criação em regresso sobre si mesma ia-se *morrendo*, uma névoa de saudade a envolve, e, do meio dessa névoa e na Noite imensa, um grito de súplica corta o negrume.

É a voz do homem, a saudade de Deus; e o espírito do amor, vogando sobre as trevas, amanhece a pálida figura de Cristo.

A criação *ressuscitada* em Cristo volta ao seio divino, pacificada e amante.

Assim é a vida da alma, a caminho do *zero*, quase a conceber a Morte, a substancializar o *nada*, ela *renasce* em Cristo, abre em luz quieta, que nenhum vendaval fará estremecer, o seu pacificado olhar de eternidade.

Natal! Natal!

Em Cristo é o *renascimento*, o *reencontro* com Deus, origem do *ser*, fonte de Vida, donde, perpétua e indefinidamente, brota o amor e a certeza!

Dezembro de 1917.

(*Atlântida* — Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brasil, Lisboa, ano III, n.º 26, 15 de Dezembro de 1917.)

O ensino da filosofia ^(a)

Meu caro Ângelo Ribeiro — Gostei de vê-lo a batalhar pela filosofia nos nossos liceus. E, depois, o meu amigo foi tão injustamente amável para comigo que eu não poderia esquivar-me ao seu pedido, ainda que só por si o assunto, contra o que acontece, me não obrigasse. A filosofia interessa sempre, e todos a fazem melhor ou pior. Um destes últimos dias, estando eu na Livraria Ferreira, entrou um meu antigo condiscípulo em cálculo integral, hoje capitão de engenheiros, vindo das trincheiras.

Procurava o meu amigo, como engenheiro que é, um livro de utilidades, um guia técnico.

Poucas palavras trocadas e eis que os acontecimentos da guerra nos levaram pela neurologia dentro e era a *Matéria e Memória* de Bergson que nos dava as melhores interpretações dos curiosíssimos casos da observação e experiência desse meu amigo. Depois, a filosofia da guerra, a formidável experiência social que é a guerra europeia, o seu poder analítico das velhas categorias sociais, a dissolução de certas crenças, a formação de novas sínteses, já em

^(a) Trata-se de carta dirigida por Leonardo Coimbra a Ângelo Ribeiro e que este terá fornecido ao *Jornal da Tarde* para publicação. O periódico introduz nestes termos a publicação da referida carta: «O nosso distinto colaborador Ângelo Ribeiro, professor do ensino secundário, ocupou-se neste jornal do ensino da Filosofia nos liceus, defendendo-o como profícuo e necessário. Às considerações desse nosso amigo responde hoje, corroborando-as, o ilustre escritor e professor Leonardo Coimbra a quem sobram autoridade e competência para tratar tão interessante assunto, visto ainda há dias ter sido escolhido para reger a metodologia da filosofia na Escola Normal Superior. Leonardo Coimbra escreveu o seguinte: [...]» (*Jornal da Tarde*, Lisboa, ano 1, n.º 26, 8 de Março de 1918.)

evidência, como a ciência e o homem, a máquina e a alma, etc., etc. Quero crer que a biblioteca do meu amigo se vai enriquecer com mais alguns livros técnicos e também com alguns filosóficos...

Até hoje, só vi duas maneiras de afastar a filosofia, e, bem interessantes essas. A filosofia seria uma ciência de resíduos, isto é, teria por matéria aquela parte da realidade ainda desprovida de disciplina científica apropriada. Mas, como a realidade não nos fez promessa de vir a adaptar-se integralmente às ciências próprias, ficaria a filosofia sempre à espera dessa indefinida multiplicação das ciências. E essa prometida e assustadora multiplicidade não volveria saudosos olhos originários para a edénica unidade de onde fora expulsa? E a lembrança do paraíso perdido não exigiria ao fim uma nova unidade reconquistada? A alma inquieta não vive sempre na expectativa duma segurança final? O outro processo de eliminar a filosofia seria supor que ela corresponde a necessidades extracientíficas e que mais não são que ancestralidades rudimentares, condenadas ao desaparecimento.

É uma orientação marcada em Félix le Dantec, que em Portugal muito influenciou especialmente nos médicos até à minha geração, onde começou e perdeu o prestígio. É curioso observar como os inimigos do verbalismo, que se diziam positivos e práticos, eram os principais admiradores desse biólogo essencialmente verbalista e escolástico. Seria a selecção natural a eliminar por inúteis a filosofia, a arte, as religiões e a moral. É claro que você vê o equívoco da palavra selecção, consequência do equívoco geral desses pensadores, e que é a confusão dos domínios e métodos científicos.

A selecção de que nos falamos como factor eliminatório é a selecção biológica e do que se trata é de realidades psicológicas e sociais. Há para essas também uma selecção, que em psicologia beneficia a conservação da unidade que possui e adquire através das suas aquisições, e que, em sociologia, faz viver as criações sociais de melhor segurança para as classes predominantes. A selecção psicológica requer, exige uma disciplina de unificação a que é costume chamar-se filosofia, mas a que pode chamar-se outra coisa, se isso for necessário para não ofender a multiforme estupidéz do indígena.

A selecção social tende a eliminar as fórmulas que não representem o melhor equilíbrio das crenças e desejos. Mas aqui, mais ainda que em biologia, há a dificuldade da disjunção dos caracteres. (Sabe você que, na vida, só as leis de Mendel resolvem a

dificuldade e para os poucos caracteres a que elas se aplicam). De modo que a eliminação nunca é completa e, de um modo ou de outro, por incorporação nas novas fórmulas, ou porque nessas fórmulas influem por antagonismo e activo contraste, elas continuam eficazes. Daí a evolução social a que é costume chamar-se progresso, numa confusão do ideal com o real, postulando que a harmonia social cresce por cada equilíbrio atingido. Ora, sob este ponto de vista da selecção social, devo dizer-lhe, meu amigo, que a filosofia me parece notavelmente desejável e necessitada.

De todas as grandes sínteses sociais, a mais vivaz e persistente é a filosofia, pelo seu próprio carácter de permanente e procurado balanço, equilíbrio e unificação das crenças (hipóteses e realidades científicas) e desejos (actividade estética e moral) que são a vida das sociedades.

De resto, a filosofia vive, e agita-se sorrindo levemente dos que em torno lhe vão discutindo a existência. É como o «cogito»; ao negar-se, afirma-se. Mas o problema é outro: quer você saber se deve ensinar-se, nos liceus, a filosofia. Se pode ensinar-se, deve ensinar-se. Poderá, pois, ensinar-se?

Já o disse e repito-o: tudo depende dos professores. E quais seriam os motivos de impossibilidade? Falta de capacidade de assimilação nos alunos? É admirável, a razão! A assimilação funcional caracteriza a simples vida, é a condição suprema da vida psicológica, que é uma superior individuação da primeira. Mas que transcendentas matérias oferece a filosofia à assimilação do estudante dos liceus? De novo, somente as principais realidades psicológicas e sociais. E como o dito estudante terá 16 ou 18 anos, em regra, ele terá isso e, para alguém, mais alguns meses (você sabe da psicologia do feto...) de experiência psicológica e até social. Nenhuma matéria tão enleante como essa. Desde o início da vida, essa matéria se oferece, solícita a apreensão assimiladora.

Chamar a atenção, duplicar a espontaneidade desta de reflexão crítica, não será obra acessível? Depois, a «utilidade» (vá o termo que lisonjeia) duma análise psicológica, mostrando a complicada arquitectura da actividade psicológica, desde a simples tendência até ao superior organismo de uma lúcida vontade, é tão evidente, ainda que só servisse o «nosce te ipsum»! Em sociologia era tão bom mostrar o valor da «Lei», como esforço de racionalização e acordo das liberdades; de pesquisa de um mais alto valor de realidade, substituindo ao choque dos subjectivismos insubsistentes a objectividade de uma vida social mais ver-

dadeira, isto é, menos contraditória, mais bela, isto é, mais justa, generosa e fecunda!

Veja mesmo como o respeito pela Lei, realidade social, que o esforço da consciência jurídica conseguiu descobrir, seria de molde a trazer à Pátria o amor dos filhos.

De um lado os legisladores tendo «conhecimento» de que não fazem obra de incidente interesse particular, nem de mera adaptação temporal, mas que, como os outros técnicos, aplicam, na complexidade do concreto, uma ciência que procura leis fundamentais da grande harmonia universal. Do outro lado os cidadãos conscientes do maior valor que adquirem, porque a Lei os eleva acima da confusão dos interesses soltos, da fugaz percepção à razão, do efêmero capricho à consciente vontade.

E a consciência que era possível adquirir-se da complexidade dos fenômenos sociais não traria uma certa benevolência pelos pobres políticos, que, na aparência ambiciosos, são quase sempre os pobres «mutilados» da máquina que governam? Não vê você, meu amigo, o círculo vicioso deste generalizado ódio ao político, para sempre ao político impedir matéria para novos ódios? Mas não divaguemos; que as preocupações do momento me não arrebatem a caneta para serviço seu. Bem; é na psicologia e sociologia que o ensino liceal da filosofia encontra matéria nova, o resto é conhecido.

Então o aluno que aprende em matemática a demonstrar dezenas de teoremas é incapaz em filosofia de reparar no processo dessas demonstrações; o aluno que generalizou a ideia de número não pode ver, se lho mostrarem, como essa generalização se fez? E não pode ver, se lho souberem mostrar, como da matemática à sociologia o esforço de compreensão é o mesmo e diversificado pela matéria a que se aplica? Como há-de mesmo o aluno saber o que é a Experiência, se cada ciência não lhe mostra a sua especial experiência? E não é triste que todos os dias, e quase toda a gente confunda, aí, a mera observação prelógica com a verdadeira experiência científica?

É mesmo possível que o aluno guarde as múltiplas personalidades que nele se esboçam — a da aula de Física, a da aula de Português, a do liceu, a da casa, etc., etc. — em compartimentos estanques?

Não; ele há-de unificar essas diversidades com a largueza e a consciência que o professor de Filosofia pode «sugerir-lhe», ou com a natural filosofia de qualquer das suas predileções. Neste último caso, ele ficará a ver o Universo com os óculos enqua-

drados em ferro da matemática, com as verdes lunetas de literatura, ou, quantas vezes, com o microscópio das ciências a catalogar e coleccionar anedotas.

E a arte e a moral?

É então indiferente que a actividade estética do estudante fique ao sabor da pornografia dos teatros? Não é a beleza um supremo persuasivo, que só pelo seu convívio eleva e engrandece a alma e faz procurar as altitudes? Uma das mais parvas banalidades correntes é a de que a moral se não ensina. Não é então o homem um animal adaptativo?

A convivência com a beleza, que é a unidade na diversidade, dado em pleno e fácil acordo da razão com a sensibilidade, habitua, cria exigências de ordem, de unidade opulenta que, na vida social, se chamam deveres.

Cercai o estudante dum Platão, Marco Aurélio, dum Guyau e vereis que ele, de acordo com eles, será, ainda contra o seu carácter, numa inicial vontade de ordem e beleza. Mas tenho de acabar, já de sobra abusei. (Dispenso o não-apoiado).

Talvez nada disto seja assim e, em última instância, as pessoas oficialmente competentes sabiamente hão-de resolver. O que é certo é que a filosofia é a única mãe fecunda de «ilusões viáveis», daquelas que, no fim, nós ignoramos se não serão a melhor e a mais autêntica realidade. Sem ela a própria poesia não teria motivos eternos de esperança, pois o homem precisa de acreditar nas próprias ilusões.

É, sobretudo por isso, que eu acho encantadora a filosofia. A chama da ilusão é a própria substância da alma humana; eis uma razão, por que amo e quero a filosofia, eis também uma razão por que os outros, os que «não se iludem» a não querem. E eu não queria terminar sem dar razão a todos, para pacificação da família portuguesa e maior glória da filosofia.

O seu

Leonardo Coimbra.

(Jornal da Tarde, Lisboa, ano I, n.º 26, 8 de Março de 1918.)

Esboço dum programa de filosofia para os liceus

*Apresentado por Leonardo Coimbra
à penúltima comissão de programas*

Observações. — O professor terá em vista levar o aluno à unificação *activa* dos seus conhecimentos, sugerir a curiosidade pelos problemas e fazer sentir a beleza e a dignidade do pensamento.

Os programas são detalhados e especialmente dirigidos à atenção dos professores.

VI CLASSE

Significado e valor da filosofia:

A filosofia como ciência dos princípios ou das mais altas abstracções, fundo comum de todas as ciências.

A filosofia como doutrina sincrética donde evoluem as ciências particulares, ficando depois como ciência provisória dos resíduos, tendo a seu cargo as realidades ainda não tomadas por ciências apropriadas.

A filosofia como doutrina das realidades inabordáveis pelos métodos científicos.

A filosofia disciplina de reassimilação unificadora dos dados científicos, artísticos, morais e práticos.

A actividade científica:

A matemática: Os seus métodos, a sua matéria de conhecimento e o seu valor de conhecimento. Os raciocínios específicos da matemática e sua justificação. A indução, a dedução e a generalização matemática. O determinismo matemático da aritmética e geometria e o papel dos postulados na construção desse determinismo. A definição matemática, os axiomas e os postulados. O carácter do postulado e a sua relação com as definições.

A existência das geometrias não-euclidianas e o determinismo matemático. O carácter da hipótese matemática. A continuidade, descontinuidade e o infinito matemático.

A experiência matemática: Livre posição de relações funcionais.

A *física*: A experiência em física — a hipótese e a teoria na construção da experiência, a *informação* matemática de toda a experiência física. A indução e a dedução. A riqueza teórica que envolve a indução física. As definições e os princípios; seu carácter lógico em face da indução e dedução físicas. A experiência crucial em física, sua possibilidade ou impossibilidade. O significado e valor do *facto* físico para a experiência. As hipóteses físicas. As teorias físicas e sua evolução. A mecânica física, a energética física, a electromagnética. O sentido das transformações físicas. A matéria e o éter físicos. O carácter do determinismo físico. A matéria de conhecimento e o valor de conhecimento da física. O valor de analogia na organização da experiência física.

A *Química*: O fenómeno e a experiência química. Leis ponderais e volumétricas. A matéria da química definida por estas leis: os números proporcionais. O enriquecimento da experiência química fazendo a selecção dos números proporcionais: os equivalentes e os pesos atómicos. A fórmula química: a fórmula empírica, molecular e de constituição. A classificação em química: as famílias químicas. A analogia em química e a sua relação com a indução. As hipóteses químicas: a distribuição dos elementos dos corpos no plano e no espaço, explicando certas propriedades químicas. A energética química. O fenómeno químico estudado no seu dinamismo energético. O sentido das transformações químicas. O determinismo químico.

A *Biologia*: O fenómeno biológico. A herança ou memória biológica, a adaptação. A experiência do biólogo, a impossibilidade de repor o experimentado nas condições anteriores à experiência, carácter específico dessa experimentação. A indução e a dedução em biologia. O físi-quimismo da vida, o seu direccionismo. A biomecânica. Energética biológica. *Biologia sistemática*: Os seres vivos. A analogia em biologia sistemática. A classificação biológica. O método comparativo. O parentesco lógico dos seres vivos. *Biologia genética*: O transformismo experimental. O seu valor para uma hipótese de parentesco real entre os seres vivos. A reprodução. A hereditariedade, a transmissibilidade ou intransmissibilidade dos caracteres adquiridos. As leis de Mendel. O sentido do fe-

nómeno biológico. A diferenciação nos organismos biológicos. A morte. O processo da morte e sua relação com a diferenciação biológica. O carácter do determinismo biológico. Algumas aplicações práticas na criação de raças e na agricultura.

A *psicologia*: A sensibilidade elementar, seu carácter de utilidade biológica — o prazer e a dor simples.

A atenção espontânea, seu interesse em relação à dor e ao prazer.

A memória elementar; método dos labirintos, por exemplo.

A inteligência elementar; método dos obstáculos, por exemplo.

As tendências e os instintos, sua imutabilidade ou variabilidade. As pulsações psíquicas e as sensações. A sensação como elemento dum conjunto. Experiências demonstrativas do seu valor de relação com o conjunto psíquico: o contraste, a semelhança, a integração de sensações no espaço e no tempo.

A psicofísica e seu valor.

Os reflexos. Luta e combinação de reflexos: a inibição. A consciência. A imaginação infantil e a actividade psíquica original que envolve. A atenção seleccionante e a percepção. O juízo. O raciocínio. O conceito como potencial psíquico.

O ideodinamismo. A associação dos estudos psíquicos.

As emoções: teoria psicofisiológica e teoria fisiopsicológica de James.

Os sentimentos: o seu dinamismo psíquico, a parte da representação no sentimento. A mútua relação da representação e da sensibilidade na elaboração dos sentimentos: os sentimentos intelectuais, os sentimentos de representação alógica — as paixões.

A amizade e o amor.

A sensibilidade intelectual, estética e científica. A imaginação artística e científica. A memória intelectual. A vontade, a integração das sínteses psíquicas, a personalidade, o *eu*.

A desintegração das sínteses, a análise psicológica feita por algumas doenças da personalidade. A reintegração terapêutica. A psicoterapia. A sugestão.

A continuidade e descontinuidade psicológicas: o subconsciente, sua influência nas criações intelectuais e seu notável papel na elaboração das paixões.

A indução, a dedução e a analogia nos estudos psicológicos, suas relações, crescente predomínio de analogia com a complexidade dos fenómenos.

A experiência em psicologia.

A matéria de conhecimento e o valor do conhecimento da psicologia. O determinismo em psicologia.

A liberdade psicológica.

A *sociologia*: As sociedades animais. A luta pela vida. A concorrência e o auxílio mútuo.

As sociedades humanas. A economia. A invenção, o trabalho e a riqueza. O liberalismo económico e a organização social da economia. O capital e a riqueza social. Conservantismo, reformismo e radicalismo económicos.

A *ideologia social*: A sugestão e a imitação. A consciência social. Os imperativos sociais, o carácter da sua evolução. A tolerância e a intolerância. O ridículo. A justiça. Direitos e deveres.

A memória social: artes, letras, ciências, costumes. O direito, seu carácter evolutivo. Conservantismo, radicalismo e reformismos políticos nas suas relações com a memória social. As unidades sociais. As nações. A sociedade das nações.

Os métodos da sociologia. A indução, dedução e analogia. A comparação histórica.

O determinismo económico e a sua relação com a ideologia social. O determinismo em sociologia. A liberdade sociológica.

A *actividade estética*: A criação artística — a influência do meio, a imitação, a originalidade criadora. A evolução das artes: a descoberta progressiva do homem. A literatura: a lenda, a epopeia, o drama e o lirismo. O romance. Realismo e idealismo e a sua síntese. A arte como documentação da alma humana, sua contribuição para a história. A arte como experiência moral, viva, concreta e criadora: a piedade humana. A arte como expansão da sociabilidade: a sociedade universal e a emoção artística e sentimental da grande unidade social do todo. A arte e o poder de expressão. O anor da paisagem. O belo e o sublime.

A *actividade moral*: A autonomia e a heteronomia da vontade. Moral heterónoma: a autoridade. A autoridade transcendente e imanente. A moral decreto de Deus, a moral da utilidade social, a moral naturalista. Moral autónoma: o formalismo do dever, o criacionismo do dever ou descobrimento em cada consciência do seu carácter social e permanente invenção moral para o crescimento da sociabilidade originária.

VII CLASSE

Os *problemas filosóficos*:

O *problema do conhecimento*: Contribuição dos estudos anteriores para a resolução deste problema. A experiência científica,

artística e moral; teoria geral da Experiência. Teoria da indução e da dedução. A objectividade do conhecimento. O conhecimento, reprodução passiva de um dado materialismo. O conhecimento *informação* do dado por formas apriorísticas: formalismo. O conhecimento: actividade do espírito criando matéria e forma na adaptação à realidade.

O Simbolismo na ciência e na arte como consequência da sua expressão conceptual.

Os determinismos científicos, sua irreductibilidade ou sua resolução num único determinismo.

As matérias das diferentes ciências: sua irreductibilidade ou sua resolução em arranjos duma delas. Relações da arte e da moral com as ciências, sob o ponto de vista das suas realidades.

O *problema metafísico*: Os irreductíveis científicos, seu valor relativo e com a arte e a moral para a compreensão da realidade. A analogia, seu valor de conhecimento e seu alcance para a apreensão da realidade. Monismo e Pluralismo: seus caracteres diferentes com o irreductível escolhido e generalizado. A liberdade metafísica. Pluralismo social, a comunicação, a tendência para a Unidade: o Universo.

O *problema moral*: O real e o ideal. Os juízos de existência e os juízos de valor. O dever. A relação entre o valor moral e a realidade metafísica. O amoralismo, o imoralismo, o moralismo do Universo. Realidade metafísica da liberdade moral. O postulado do acordo entre o valor e a existência. A sociedade dos espíritos. A religião como acordo da moral e da metafísica.

História da Filosofia: Resumo da filosofia grega. Demócrito. Platão, leitura na aula dalgum ou alguns diálogos. A moral dos estóicos. O cristianismo. Idade média. Realismo, nominalismo e conceptualismo. A ciência moderna. Leonardo da Vinci. Descartes, leitura na aula do *Discurso do Método*. Locke, Leibniz, leitura na aula da *Monadologia*. Hume. Kant, leitura na aula dos capítulos dos postulados da *Razão Pura e Prática*, em geral e particular, e a Conclusão da *Crítica da Razão Prática*. Comte. A moral das ideias-forças de Fouillée, leitura, na aula, de um resumo do próprio autor. O pragmatismo: W. James. Bergson.

A Ideia de Deus, de Sampaio (Bruno): leitura, na aula, do último capítulo. Outras leituras.

LIVROS PARA O ENSINO

Um livro de iniciação filosófica. Uma história da filosofia.

Nota: O liceu deverá ter os livros originais para as leituras na aula.

(*A Águia* — Órgão da Renascença Portuguesa, Porto, vol. XIII, 2.^a série, Janeiro a Junho de 1918; reproduzido por Ângelo Ribeiro no seu livro *Curso de Iniciação Filosófica*, Lisboa, Livraria Féris, 1919, pp. 121-130, por Fernando Castelo Branco, «Leonardo Coimbra e o problema da didáctica da filosofia», in *Studium Generale*, vol. VIII, tomo 1.^o, Porto, 1961, pp. 119-124, por Álvaro Ribeiro in *Memórias de um Letrado II*, Lisboa, Guimarães Editores, 1979, pp. 199-205.)

Nota do coordenador. — Leonardo Coimbra publicou in *A Águia* — Órgão da Renascença Portuguesa, Porto, vol. XIV, 2.^a série, Julho a Setembro de 1918, o artigo «A experiência e o simbolismo do pensamento». Tal texto não se insere neste ponto porque ele corresponde a um excerto da obra de Leonardo Coimbra *A Luta pela Imortalidade*, constante do presente volume (pp. 261-272).

João Lúcio

O sentimento, que o nome do Poeta em mim acorda de pronto é o da saudade platônica, isto é, da saudade de lugares e cousas, que jamais viram os olhos do meu rosto.

Saudades do *seu* Algarve, que nunca visitei; mas de que guardo a imagem ideal, vista no fundo dos seus versos.

Este alargamento da saudade, que, para muitos, é o simples desejo de ver o que foi nosso e se afastou, dá-lhe o verdadeiro e luminoso sentido.

Ela é a nostalgia do mundo invisível que o pensamento criou¹, é a aura de mistério que marca a interferência da luz ideal do sonho com a crua realidade.

Toda a excedência dum ser pode dizer-se a sua saudade: a névoa a saudade da água, a água a saudade do gelo, o perfume a saudade da flor, a flor saudade da raiz. E assim os seres ascendem e alargam o âmbito da existência.

A água beija as raízes, ondula e abraça, e, de alongados dedos, vai em névoa afagar os ramos; o gelo estabiliza os contactos, limita-os a uma presença geométrica, faz-se água e corre a todas as sedes, multiplica os ósculos da sua corredia presença; a flor solitária faz-se perfume convidativo e é troca genésica, acrescentamento da vida.

A saudade é o crescimento, cada ser é uma *forma*, mas também uma matéria de formas superiores, matéria pejada, convulsa de tendências.

¹ Na doutrina esotérica dos iniciados o pensamento relembra uma anterioridade celeste. Ver a gnosologia platônica.

Nas possibilidades de ser, que em mim residem, existe a força de expressão que o Algarve poderá fornecer a certas mudezas convulsas tentando a forma.

É que ele é hoje, por virtude do Poeta, um pouco de minha excedência, do meu sonho, ou seja, da minha saudade.

Tanto assim que ainda não encontrei a paisagem ideal, por onde meus sentidos passearam uma noite em sonho, e, no entanto, a essa paisagem eu refiro aquelas que me vão ensinando uma nova forma de ver, de sentir a cor e a luz, o entrelaçamento da alma e das cousas.

Onde será essa paisagem, que uma noite vi em sonhos e jamais tenho encontrado?

Eram pequenas colinas povoadas de verdura, laranjeiras, amendoeiras, pequenas malvas rosadas, rosmaninho e alecrim, com casas muito brancas e juntas, fronteiras, reenviando de colina a colina as orações de cada lar, e regatos de prata no fundo, dando-se em ósculos de frescura à verdura das ervas, à sede bulhosa das crianças e novinhos, à grande sede pacífica e repousada dos bois e das árvores.

Era sobretudo o que eu não sei dizer: um rumor, um entendimento de pensamentos e águas, de orações e perfumes, um infinito abraço de bondade metendo-nos dentro d'alma toda a alegria original das cousas, dos seres, do Sol e do lume, um acalentamento de universal e perfeita companhia.

Eu sonhei essa terra venturosa.

Edénica, de promessa?

Esse sonho é uma infinita saudade que me perturba e exalta e traz como de pé pelos cabelos e os braços em ensaios d'asa.

E o olhar da criança de encontro ao mundo!

Assombro? Recordação?

E o *Desterrado* de Soares dos Reis?

Saudade da Pátria? Nostalgia do Infinito?

Mistério, mistério, que é ainda sonho, excedência, perfume de alma em flor e cujas raízes são os sentidos penetrando, aprofundando o planeta, rebentando em feixes luminosos a percorrer o espaço.

A via láctea é um entrelaçamento dessas raízes: são muitas almas bebendo o mistério.

Poeira de sonho: de sonho de mundos, cujas vozes se cruzam em pontos de acordo e são sóis.

A flor humana é infinita. Olhai as suas raízes, filamentos presos das Alturas, indo de Sol a Sol. Mas o seu perfume é a sua

excedência, a saudade, e mora nas almas, no sentido íntimo de todo o ser que quer penetrar, é para um pleno entendimento de amor que se evolva.

Os sentidos enraízam-se no Universo, mas a alma quer a compreensão interior, uma universal simpatia, *comovida* e atenta.

E como o planeta pede às raízes o crescimento, também é pelos sentidos que a alma se aumenta dando alimento à sua fome de companhia.

A vida da alma é a comunicação; para comunicar é preciso exprimir e os sentidos andam em busca da expressão.

O que há de incoercível em mim só pode ser dado a outro ser por uma vibração telepática da sua alma, ou por uma relação indirecta comigo por um intermediário que *afecte* o nosso sentimento e *receba* o nosso desejo.

Esse intermediário é a natureza, por isso ela é a palavra que não sabemos e nos põe em entendimento e acordo.

A vida universal enche a voz do homem que queira evitar o contínuo morticínio de certas virtualidades psíquicas, que iam a abrir e feneceriam à falta de expressão.

O Poeta, cujos versos não brilham de luz sideral, não murmuram de água humilde, não estremecem na aragem nem rodam no vendaval, é um gago e um sarcófago de mil mortes, que em si mesmo se permitiu numa desatenção mineral.

Em João Lúcio há um movimento, que ele ingenuamente chama *descida* para o íntimo das cousas e para a indefinida extensão das suas relações.

O seu primeiro livro — *Descendo* — é um movimento da alma em todas as direcções: na profundidade e altura dos seres e na superfície ilimitada da realidade.

Movimentos ainda desarmónicos, pois que o Poeta se queixa da opacidade dos seres, que desejaria transparentes:

Oh Luz, encarcerada, ao longe, nas estrelas:

.....
.....

Porque é esse teu voo superf'cial e estreito?
Porque não rasgas tu o ventre da montanha?

No entanto, ele adora e compreende a cor que não existiria na absoluta transparência.

É a necessidade de compreensão levando à pura identidade, à simples presença inapreensível, a par da necessidade de amar desejando a pluralidade porque o amor não assimila, nem identifica, mas é vivo e livre, dá-se, mutua-se.

Esta essência dramática do conhecimento é a primeira forma da dor criadora do Poeta.

Outra forma dessa dor é a consciência do limite da nossa compreensão:

Quantas notas p'ra que são surdos os ouvidos,
É a quantas emoções não podemos subir...
.....

Esse limite da nossa sensibilidade tornado consciente dá-nos a ideia do Mistério em que vivemos e, se é um sofrimento para a avidez da nossa sensibilidade, é também um grande horizonte rasgado à nossa esperança.

Quando as forças que nos cercam se fazem rebeldes à nossa intenção de amor e uma grande hostilidade, ou, pior ainda, uma grande indiferença maltrata os nossos melhores desejos, um grande mar de mistério nos vem abraçar, abrindo promessas de superior e melhor harmonia.

É o Céu ao fim do sofrimento, a proporção reestabelecida, a certeza de que o desfecho do grande drama da existência é no sentido do nosso mais atento, diligente e escolhido amor.

É esse grande Mistério, repassado de amoroso pensamento, que acode ao Poeta:

Esta voz que nos fala, escuta e nos responde
Às interrogações, e versos nos ensina,
Não sei d'onde ela vem, não sei onde se esconde,
Mas pressinto que tem uma origem divina...

Outro grande motivo de dor criadora é, em João Lúcio, a fuga heraclitiana da vida, começando para ele no fluxo dos sentidos a que ele, opondo, para angustiar o contraste, a duração de memória, aponta o verdadeiro remédio — a realidade da memória ou consciência.

Essa memória ou ser íntimo é que o Poeta já permeia em «Sombras» com as formas concretas da vida natural.

Os seus fantasmas são, todavia, como noivas mortas, simples insistências de vida sem acréscimo, nem libertação.

No entanto já ele regressou à consciência para olhar de novo o Mistério, e é já a máscara humana uma eterna reveladora.

É ler essa magnífica composição «Cá dentro».

Volta a fraternidade exterior, mas repassada de simbolismo, de íntima humildade, nessa irmanação *do pó* de todas as cousas e seres.

A grande Unidade, que no princípio e no meio do livro é a tentação nirvânica dum Monismo de pura identificação, faz-se na poesia — «O silêncio» — a grande Presença Divina, a Unidade amorosa das almas que comunicam, aquele grande amplexo que sentimos sustentar-nos e fixar as estrelas no cristal do firmamento.

Assim o Poeta, desenhando o abraço exterior que cingisse os mundos, chega ao invisível centro de amor, donde eles receberam a graça da existência.

É assim que o seu Algarve é depois um livro, que, colocando a sua província na beleza natural do planeta, a coloca igualmente na beleza espiritual do Universo.

O Algarve cobre-se de brancas flores de amendoeira tapeitando o corpo da terra, enquanto perfumes das árvores e das almas se evolvem juntos no Espaço.

Nesse livro tem o Poeta as suas mais perfeitas composições, onde paisagens de memória e paisagens do Algarve se fundem em imaculado corpo de beleza. São as lendas como essa preciosíssima de Marim, que se acabasse no verso «Andam ambos a cantar» seria mais perfeita e com mais razão o que já é — uma das mais autênticas belezas da poesia lusitana.

O trovador é um Orfeu que arrasta a água atrás de si a abrir bocas que uma sede milenária cerrara.

O alto poder de Alá
Auxiliara o amor
A água viera atrás
Dos olhos do trovador.

Orfeu da Frescura, como fresca é a recordação infantil das moiras encantadas no solo de Portugal!

E João Lúcio continua *Na Asa do Sonho* a embeber a vida de mistério, a servir, à sua fome de expressão, as cores, os perfumes, o movimento.

Neste livro há por vezes o requinte de quem prefere a magnólia à esteva: como uma hierarquização estética das cousas, que adivinho o reflexo inconsciente dum certo *pathos* de distância, um certo aristocratismo do Poeta.

No entanto a piedade universal volta por vezes e ele é todo louvores para a Noite que apaga as formas gritantes da Fealdade.

Sim; para a Noite, mas para a Noite fecunda, pejada de novas auroras, onde as proporções se refaçam e as harmonias se reencontrem.

É, também neste livro como em todos, o Poeta seduzido pela unidade psíquica aquém e além dos sentidos e que ele tenta dar por uma penetração dos dados sensíveis — o som das cores, etc.

Na Asa do Sonho, o Poeta vê elevar-se toda a vida e um quixotismo estético o anima.

É que a Vida, sendo sonho e ascensão, é quixotesca e em todas as direcções. O seu quixotismo é, por vezes, descrente e o Sonho parece-lhe Ilusão.

Que importa? Havemos de sonhar e subir, e nossos corações só vivem, consumindo-se em universal, fraterno, humilde e religioso amor.

(*A Águia* — Órgão da Renascença Portuguesa, Porto, vol. xiv, 2.^a série, Julho a Dezembro de 1918.)

Carta a Mayer Garção

Sr. Redactor — Trazendo o *Século* de hoje uma notícia errada, que é gravemente ofensiva da boa amizade de portugueses e aliados, peço-lhe que publique esta rectificação. Não é verdade que alguém aparecesse a discordar das minhas palavras de amizade para a França, Inglaterra e América, ou, pelo menos, não se manifestou tal discordância durante a conferência. O contrário teria sido um agravo intencional e manifesto aos nossos aliados.

— Seu, etc., Leonardo Coimbra.

(*A Manhã*, Lisboa, ano II, n.º 481, 7 de Julho de 1918.)

A LUTA PELA IMORTALIDADE

- 1.^a edição: Renascença Portuguesa, Porto, 1918.
2.^a edição: Lello & Irmão, Porto, 1983.
3.^a edição: a actual.

A minha esposa

Lembras-te daquela madrugada trágica em que na casa de meu Pai, sob o uivo dos cães e duma aragem rápida, fina, incoercível, de Junho, nos fomos do quarto onde morrera o nosso filho?

Muito enleados, árvores destroçadas pelo ciclone, fomos para o quarto onde dez anos antes quase nos meus braços morrera meu Pai.

A tua dor era toda do nosso filho, a minha dor era a dele e a tua; nunca senti tão claramente que o homem é o protector da mulher, que lhe cumpre trazê-la ao colo e no coração.

Como eras dolorosa — os cabelos caídos, a tua desolação, o frio do teu mortificado corpo!

Eu tinha escrito o meu primeiro livro. Era uma síntese filosófica, chegando a conclusões optimistas sobre o mundo como sociedade de seres espirituais imperecíveis. //

Acabara esse livro num sábado, no domingo lera as conclusões ao poeta Teixeira de Pascoaes, na segunda-feira adoecia o nosso filho brusca-

10

mente e para morrer.

Era a grande experiência, o meu pensamento à prova crua e insofismável.

O livro aí anda — O Criacionismo — a mostrar o heroísmo e a honestidade do meu pensamento.

Tu, minha querida Amiga, pedias-me que abrisse os teus olhos à minha severa e melancólica esperança.

Por ti trabalhei, para ti muito especialmente procurei provas experimentais e acessíveis do meu pensamento metafísico.

O meu livro — A Morte — é um compromisso entre o meu método e os teus desejos.

Foi escrito naquela terra, tanto da minha saudade, para onde fomos escoraçados pela má vontade caluniosa dos reitores dos liceus do Porto — a Póvoa de Varzim. //

11 *Aqui absolvo os meus inconscientes inimigos (tanto que hoje um é amigo) e aqui deixo a nossa infinita gratidão aos bons amigos, ao delicado carinho que na Póvoa encontrámos.*

Um domingo saímos os dois, e, diante dos arcos partidos do aqueduto de Vila do Conde, arcos escondidos debaixo do abraço vegetal da hera, disse-te eu que o meu coração era uma ruína verde.

Lembro o teu abraço, promessa de ressurreição — é o nosso filho que mesmo agora te está beijando!

A minha promessa aí está também — é este livro, que viste nascer sob o doce e claro olhar da tua Alegria.

Toma-o.

O Teu
L. C.

Importa compreender o conceito de experiência científica e as suas relações com a experiência estética e moral. Do assunto, já sobejamente estudado em as nossas anteriores obras, apenas diremos o que baste ao bom entendimento do presente trabalho.

A experiência vulgar, anterior a toda a diferenciação, pouco mais é que a própria vida.

Qualquer ser vivo se adapta, e, adaptando-se, experimenta. Dupla experiência, aliás, pois, recolocado em condições semelhantes, reage convenientemente, dado o primeiro termo da série condicional.

Quer dizer que *aprendeu*, característica da experiência biopsicológica, e que forma conexões naturais em que um termo obriga a sucessão de outros, o que é a experiência física, tomando agora a palavra no sentido genérico e não específico da ciência correlativa.

Nessa experiência animal vem entroncar a experiência humana mais rica e previdente e que, mesmo antes da ciência, se distingue da primeira pela sua elaboração conceptual. //

O conhecimento por conceitos resulta de dois factores principais — a correcção do próprio indivíduo e a correcção da sociedade, duas formas do *esforço para a consciência*, que é a essência do nosso ser íntimo. 14

O indivíduo pensando por imagens intuitivas contradiz-se e engana-se; no fluxo, que é a vida intuitiva, mal lhe oferecem as sensações pontos de referência, fixos e seguros.

Daí a desarticulação dessa continuidade psíquica em elementos analíticos, cuja constância seja fiel e que sirvam para reconstruir a realidade.

É claro que o fluxo psíquico já cortado fora por interesses de ordem afectiva e utilitária, de forma que os próprios animais tomam do real perspectivas marcantes, sinais que o destaquem e definam.

Se vivem em sociedade e a vida social confirma a utilidade desses sinais, eles não-de adquirir um certo valor de objectividade obrigatória que os imponha.

Sob este ponto de vista é o pensamento animal um pensamento simbólico, e a força da objectividade das representações simbólicas o grau de coesão da sua vida social.

15 No homem, com a correcção pessoal, com a necessidade de harmonia do pensamento individual, há a maior necessidade do acordo social dos // pensamentos, ou *consciência*, bem mais difícil, por mais ampla, às vezes duma amplidão sem limites.

A linguagem é um efeito e uma causa dessa harmonia social dos pensamentos.

O conhecimento por conceitos não é, de forma alguma, um conhecimento vazio de intuição; mas nele a parte intuitiva é maior ou menor, primária ou secundária, no primeiro plano ou em longínquos planos de pensamento.

E o que significa a velha divisão das ciências em abstractas e concretas, seguida da necessidade duma ponte de passagem pelas ciências abstracto-concretas.

Toda a ciência é abstracta e concreta. Abstracta porque trabalha com conceitos, concreta porque pretende reconstruir, ou melhor, construir mais autenticamente a realidade intuitiva.

Há ciências cujos conceitos são do primeiro plano e há-as cujos conceitos são de planos mais afastados.

Se classifico um cão como sendo um mamífero, escolhi da variabilidade zoológica um elemento fixo, cortei num certo fluxo uma constante, que passou a ser um símbolo, um potencial do pensamento abrangido, *dominado* pelo carácter representativo. Fiz um conceito muito próximo da intuição.

16 Se represento o sol, a terra e a lua por pontos mecânicos e ponho o problema dos três corpos, // fiz uma conceptualização tão profunda que mal se percebem as suas relações intuitivas.

Só isto explica como as ciências mais certas, de menos dificuldades intrínsecas, são, de facto, as de mais difícil compreensão para os desprevenidos.

A conceptualização é, pois, a vida normal do pensamento, iniciada, por certo, no mundo animal e destacando a *essência* do pensamento humano.

A experiência vulgar é, já, portanto, teorética; da sua incoerência e insuficiência nasce a experiência científica.

O conceito não é um ser mitológico com um terrível poder oculto.

É um *potencial psíquico*, cuja existência revela a originalidade duma actividade organizadora do real e uma matéria¹ mais ou menos resistente sobre a qual procede essa actividade.

É o explosivo, onde o pensamento condensou grandes energias, como é o cofre onde guardou os seus melhores tesouros.

O conceito não aparece para nos furtar a um qualquer fluxo, mas para pôr ordem num fluxo contraditório e caótico.

Quando olho uma árvore, a percepção que dela tenho é bem menos fluente que a concepção, que, a seguir, dela posso fazer. //

Uma ligeira ordenação das suas partes no espaço, individualizando-a pelo destaque espacial, uma leve comparação com outros indivíduos análogos (operações que implicam, aliás, inícios de conceptualismo), é tudo o que basta à minha percepção.

17

Mas, atendendo e insistindo, sei que houve uma certa divisão celular, que a seiva sobe, que há complicadas trocas gasosas com o exterior, fenómenos de osmose e capilaridade, etc., etc.

O conhecimento conceptual é não só mais rico e seguro, como mais movimentado e fluente.

O conceito não simplifica, pois.

Se, por vezes, inicia um trabalho de simplificação é para ulteriores recomposições organizadoras.

Ele é uma progressiva síntese englobando experiências e percepções, prevendo novas e distantes percepções que o sancionem; mas com a condição duma boa objectividade dessas percepções, que é, por sua vez, obra do pensamento lógico, racionalizante.

O vício de quase todas as teorias do conhecimento consiste na desconfiança que manifestam em relação ao pensamento, querendo que ele se justifique por garantias alheias.

E assim do pensamento à sensação; mas, como esta é pensamento, em regresso para o pensamento — a menos que não haja a audácia de destruir a ciência e todas as obras do pensamento, passando da sensação-cópia para a coisa-modelo. //

O pensamento garante-se vivendo, ele é a sua própria fiança.

18

O pensamento fora da experiência ruma, ruma até à fome; o pensamento, em convívio experimental, medita, cresce, harmoniza-se e, assim andando, sustenta a solidária existência da sua vida.

¹ Matéria que, toda a nossa obra o demonstra, só pode ser outro pensamento.

É por isso que o critério pragmatista pode coincidir com o melhor critério racionalista — quanto mais harmónico, mais eficaz: e sempre verdadeiro.

Os elementos mais constantes da experiência primitiva irão dar naturalmente o campo para a *procura* dos primeiros conceitos. Assim a colecção de objectos dá o elemento numérico, e a quantidade deixa-se fazer do número até que a organização da sua continuidade a mostra inabordável à enumeração por uma unidade que lhe não respeite a estrutura — é a qualidade penetrando o corpo da quantidade. O número irracional, quando não é um simples resultado aritmético, é uma resposta negativa ao ensaio de organização duma *certa* quantidade por um *certo* elemento.

A situação recíproca dos objectos e a relação dos seus movimentos vão dar o elemento espacial, que sirva para uma coordenação sem defeito.

19 Mas esse elemento está inteiramente determinado? Foi apreendido o ponto fixo, o nódulo estável e permanente? Esse elemento é a linha recta e, porque não é, até aí, inteiramente // determinado, eis que o postulado de Euclides vem completar-lhe a determinação. Se a nossa experiência se conforma com este elemento espacial, segue-se que uma experiência mais vasta e aprofundada não venha a reclamar atenção para uma quarta dimensão do espaço, onde a linha recta, antes do postulado de Euclides, receba um outro determinismo?

Este é o célebre problema das geometrias não-euclidianas, que Poincaré resolve pelo critério, de aparência¹ pragmatista, da comodidade.

No entanto as geometrias não-euclidianas são mais empíricas que a geometria euclidiana, elas, substituindo as linhas rectas pelas linhas de mais curta distância, deixam por analisar a essência dessas linhas.

Para estudar, com efeito, as *geodésicas* de qualquer superfície, necessário seria estudar a superfície e regressaríamos ao elemento primitivo — a recta euclidiana. É que a pesquisa do elemento foi aqui ao máximo limite de racionalização e o conceito é duma abstracção de ordem muito elevada.

¹ Digo aparência, porque a comodidade de Poincaré é a elegância matemática, critério estético e racionalista dos matemáticos para quem o mais belo é o mais harmónico e racional.

No nível geométrico a escolha só pode fazer-se por motivos de elegância, mas a experiência biológica, por exemplo, bem solicita e aconselha uma // geometria com possibilidade de majoração e minoração das figuras.

20

E, para atender, é este direito dos diferentes graus de experiência, interferindo, se respeitarem.

Da intuição do movimento não sai somente o espaço, mas outro elemento bem mais incoercível que chamamos o tempo. Um objecto luminoso cai-me sobre a pele, sinto uma dor aguda e retiro o objecto, eis uma ordem de sensações — vista, dor, sensação muscular.

Vejo diante de mim uma pessoa imóvel ir empalidecendo gradualmente, eis ainda uma ordem e diferente da ordem espacial das sensações concomitantes.

A nossa economia animal mostra um certo acordo entre a ordem das nossas sensações de apetite e digestão, um certo paralelismo entre a transição de nossa vigília ao adormecimento e o decorrer do dia.

Dois pontos podem trocar as suas situações de muitas maneiras e por diversos caminhos. Como conhecer que são diferentes os caminhos? Pelo seu aspecto material?

É então por características extrínsecas que determinamos o movimento?

E se suprimirmos as sentinelas, que vigiam o percurso?

Pelo maior ou menor *tempo* da trajectória.

Mas para isso é necessário supor todos os // movimentos igualmente simples e idênticos, isto é, de velocidades constantes e iguais.

21

E como contar a velocidade sem a medida do tempo?

Aqui aparece o valor conceptual do tempo, o esforço de pensamento para o apreender como elemento.

A primitiva ordenação das nossas sensações não dá a sua constância. A série — vista dum objecto luminoso, dor, sensação muscular — transforma-se mesmo, com a experiência, na série — vista, sensação muscular; um termo desaparece, podendo até a expectativa fazer adiantar-se a reacção.

A ordem é diferente de indivíduo para indivíduo, como o prova numa casa de muita família a necessidade da delicadeza de todos para que se possa jantar à mesma hora.

É preciso achar uma norma colectiva, igual para todos, objectiva em suma.

Qual essa norma?

A do movimento uniforme.

E um movimento só é considerado uniforme, quando não há razão nenhuma para o supor modificado desde o início ao fim.

O tempo é, pois, um elemento apreendido pelo postulado do intrínseco racionalismo da mecânica.

Aqui, como na geometria, podem aparecer posteriormente novas medidas do tempo; mas, bem analisadas, elas levam implícito este tempo primitivo, elementar. //

22 A mais bela síntese do mundo físico está hoje no que se chama a teoria electromagnética da matéria.

Ora essa teoria obriga a uma nova organização dos conceitos de espaço e de tempo.

O espaço isótropo e homogéneo da geometria é substituído por um espaço em que as qualificações do movimento introduzem inovações.

Para que se compreenda a experiência, que continua afirmando o princípio da relatividade do movimento, é necessário supor que nos móveis há uma certa contracção no sentido do movimento.

Mas como é possível essa contracção, da grandeza requerida pelas fórmulas, senão supondo uma perfeita homogeneidade do espaço, que ofereça a sua passividade às novas determinações?

Mais curioso é ainda o que acontece com o tempo.

Demonstra-se que um intervalo de tempo separando dois fenómenos é variável para observadores diferentes, sendo mínimo para os que são ligados à porção de matéria, teatro dos acontecimentos, e para os quais estes coincidem no espaço.

Mas que tem isso de extraordinário se a medida do tempo está num certo movimento e se cada grupo de observadores não se refere a um mesmo idêntico movimento, havendo composição de movimentos?

23 Demonstra-se igualmente que dois // acontecimentos simultâneos para um grupo só o são para os outros, quando há coincidência no tempo e no espaço.

Daí a possível reversibilidade do tempo.

E essa reversibilidade não implica uma irreversibilidade que a constate?

Tudo isto só prova que não escolhemos uma medida comum, mas características próprias a cada grupo.

É, com efeito, o princípio da causalidade na sua mais pura expressão, no máximo do seu condicionalismo formal e mínimo do conteúdo real, que foi substituído por uma *causalidade especí-*

*fica*¹ de ordem electromagnética, sem acção a distância, mais complicada função do espaço que a primitiva, sua base e nela implicada.

Vê-se apenas que o conceito de tempo se enriquece e complica como o de espaço e que já na física eles excedem a mecânica de Galileu, sendo de esperar uma maior complicação nos fenómenos biológicos, psicológicos, etc.

O tempo da física pode medir-se, por exemplo, pelo acréscimo de entropia dum sistema material isolado.

E, se, mesmo neste caso, nos vem dizer o electromagnetismo que de duas amostras de rádio, uma no nosso gabinete, outra enviada a // passear com uma determinada velocidade e regressada à terra por apropriada reflexão, a segunda chaga mais nova, só prova isso que o sistema não era isolado e que as acelerações em relação ao éter, que esta sofreu, lhe modificaram o condicionalismo energético.

24

Na biologia mais se vai complicar o conceito de tempo, e a noção de exterioridade recíproca das suas partes transforma-se na de implicação e coordenação.

Antes que me fora dada a alegria de ler a obra de Bergson, isso me fora revelado do lado mecanista por um trabalho medíocre dum simpático e belo espírito português.

Refiro-me à tese de medicina do Dr. Manuel de Oliveira, onde aparece o combate ao conceito de atavismo por não ser científico, isto é, *actual*.

É, com efeito, lógico este mecanista que não quer receber a herança como irredutível, mas como complexo a explicar pelo mecanicismo.

Simplemente, seria impossível o milagre: seria fazer *A* com *não-A*.

Vê-se, pois, claramente que o nosso pensamento é simbólico, relação de actividades, que os nossos conceitos são potenciais psíquicos de mais alto ou baixo nível; mas nunca o nosso pensamento transporta imagens fósseis sem a seiva interior da vida, que representam.

Estas claras verdades são, no entanto, esquecidas tantas vezes e por espíritos remontados. //

¹ Ver a nossa obra *O Criacionismo*, páginas 80 e seguintes [pp. 104 e segs. desta edição, vol. 1, tomo II].

Todo o nosso pensamento é uma adaptação à vida social, no sentido amplo, de forma que se vá fazendo acordo com os homens e as cousas.



Ora a Experiência não é mais que a vida do pensamento (no sentido cartesiano, abrangendo amplamente a vida psíquica) procurando o seu harmonioso crescimento.

Partida dumas quantas sensações, ela regressa finalmente a um último sistema de sensações.

Mas entre as primeiras e as últimas vai um imenso dinamismo; se das primeiras partimos, tomando-as para símbolos dos primitivos interesses, as últimas são confirmações simbólicas de todo um sistema pensante de universais interesses.

A experiência é uma interrogação feita numa dada linguagem procurando *activamente* uma resposta *compreensível*.

A mesma tendência, que confunde os conceitos com estáticas imagens de cousas, leva a supor uma experiência, que fosse a passiva recepção das sensações que chegam.

Tal experiência não existe, mas cada nível de pensamento tem a sua *simbólica*, que lhe permite e constitui a experiência.

O pensamento vulgar quando afirma qualquer proposição obedece a este critério de experiência. //

Quando, por exemplo, se diz que um corredor levou tantos minutos a andar um certo percurso, refere-se, sintéticamente e simbolicamente, uma experiência composta dum núcleo de sensações classificado e substituído conceptualmente (o corredor) comparado com outro grupo de sensações (o relógio) que significa uma medida do tempo com vários postulados implícitos, alguns dos quais sabemos só aproximadamente verdadeiros — como a idêntica elasticidade da mola, etc.

É claro que o pensamento vulgar acredita no relógio, ignora o princípio do seu condicionalismo, e substitui tudo isso, que ignora, pela qualificação utilitária e antropomórfica do relógio que anda bem ou mal, com juízo ou maluco.

É um equivalente utilitário da noção lógica de medida.

Conforme nos elevamos na segurança e amplidão do conhecimento, maior é o *potencial psíquico dos conceitos*.

Assim, quando na máquina de Atwood suprimo no fim da primeira unidade de tempo a massa aceleradora e vejo a velocidade subsequente do movimento, concluo o princípio da inércia.

Mais alguém, sem o conhecimento de todo o simbolismo mecânico, compreende a minha conclusão, *vê* o que eu *vejo*?

Toda a minha experiência envolveu um resumo acelerado do dinamismo do pensamento construtor da mecânica. //

É por isso, que mesmo em ciência pode aparecer o vício *cousista* de dar aos conceitos realidade estática, em si e por si, e enredar o pensamento nos fios da sua anterior actividade, estagná-lo entre os calhaus das suas criações petrificadas.

27

O teimoso repúdio do grande Berthelot para os átomos vinha do receio que os sábios os substancializassem e assim impedissem progressos ulteriores.

Quem, com efeito, os tomasse à letra, faria uma implícita oposição ao desenvolvimento do moderno electromagnetismo.

Outro aspecto de *cousificação* dos conceitos é revelado por vezes pela aspiração de absoluto de certos sábios e dos mais altos — é o caso do espaço e do tempo absolutos de Newton, das tendências de universalismo de Lord Kelvin para a entropia, e em toda a crítica de Poincaré uma exigência de absolutismo aparece para, insatisfeita, demonstrar o probabilismo lógico de toda a ciência.

As nossas categorias gramaticais são um compromisso entre a conceptualização dinâmica e o conceito cousa: o substantivo e o verbo.

O verbo-substantivo, o verbo-ser, é o movimento interior dum conceito que, percorrendo-se, se dá a existência.

A ideia-directora de Claude Bernard, a hipótese guia são modos que resultam do simbolismo analítico-sintético do nosso pensamento. //

Assim é para o platonismo, que é uma teoria da possibilidade da ciência, da arte e da moral.

28

A originalidade de Kant é bem diminuída, interpretado assim o platonismo.

Ao fluxo de Heraclito opunha-se a imobilidade de Parménides. O primeiro tornava impossível a ciência à mímica de invariáveis, o segundo não podia sair da tautológica afirmação: $A = A$.

Platão recebe os fenómenos, elevando-os à realidade pelo quanto participam das ideias puras. E que estas ideias existem prova-o Sócrates, no *Fédon*, mostrando como é possível por perguntas e respostas levar o discípulo ¹ à descoberta científica.

¹ Aqui lamento os antipáticos pedagogos socratizantes (!) da nossa terra.

Aristóteles, Kant e Renouvier reformaram o apriorismo platónico, procurando novas categorias.

Um exemplo: quando defino o círculo e lhe determino as várias propriedades refiro-me a uma realidade permanente e conservativa, da qual o círculo representado na lousa é apenas uma imagem aproximada sujeita a modificações e fluente, tendo somente o pouco de realidade que é a sua *participação* do círculo ideal.

29 O erro de Platão está não na bela hipótese da reminiscência, mas na ingenuidade de supor que em vidas anteriores era possível a visão directa das ideias, erro que é consequência da outra // hipótese de supor viável a existência nua do espírito.

Mais tarde discutiremos este segundo ponto.

A visão directa das ideias é que é sempre impossível, é-o no platonismo, no kantismo, como no realismo eclético de Wundt.

Kant supõe igualmente possível a apreensão das formas do sentir e do pensar.

Daí uma absolutização do espaço e do tempo, da causalidade, etc., etc.

Wundt pensa também que, não na apreensão interior, mas na percepção do real se pode encontrar algum invariante formal, como o espaço e o tempo.

Daí uma *cousificação* do espaço e do tempo, que mais tarde o vão inibir de achar as realidades superiores mais que como meras hipóteses de transcendência. A vida mental enclausurada num tempo *cousista* fragmenta-se em psiquismos elementares, que um laço formal de conexões vem atar.

O limite do nosso conhecimento analítico está nas sensações.

O conhecimento sensível afirma-se desde logo como uma obra de solidariedade, pois desde o início tomámos as sensações como símbolos de outras actividades.

Depois, pela necessária obra de correcção e crescimento do nosso pensamento, dividimos o conhecimento em dois aspectos. //

30 Há, com efeito, modos de pensamento em que sentimos mais liberdade de conceber, mais mediata a sujeição.

Imaginamos, julgamos, escolhemos, mas a nossa imaginação, juízo ou escolha são condicionados por normas de percepção que entram nas condições da objectividade.

Abro os olhos, percebo um certo número de realidades, que devo supor permanecendo enquanto os fecho, pois assim mo garante a minha acção, a acção dos outros e o testemunho da percepção alheia.

De modo que neste ínfimo nível de conhecimento eu já distingo a minha acção cognitiva da matéria do meu conhecimento.

O meu conhecimento é uma obra de ligação, é social.

Essa realidade que todos os conhecimentos apreendem, ou são capazes de apreender, é costume chamar-se o mundo exterior.

É o objecto das ciências.

Ele não é, com efeito, exterior a ninguém; mas a propriedade comum.

Mais que os imperativos de existência duma sociedade humana, são os imperativos da realidade universal.

Não existem, portanto, fora dos seres que conhecem; não existem, também, por virtude de cada agente de conhecimento.

São, em cada um, o eco do activismo // universal; são, no universo, o próprio acordo das actividades solidárias. 31

De modo que a actividade de cada pensamento não é independente da sua matéria — o que impossibilita a existência de formas puras.

Igualmente não pode a actividade de pensamento sair como efeito da sua matéria. Em torno de mim pode ecoar uma alta voz, se a não atendo e *aproprio* é como se não fora.

Seria resolver cada actividade em função das outras, em permanente círculo vicioso de inacção e morte.

Aqui mais clara é a impossibilidade, pois, digam o que quizerem, as sensações são *nossas*, o pensamento é dinamismo *atento*.

Daqui a impossibilidade da matéria pura, inteiramente despidida de actividade cognitiva.

O pensamento é, portanto, *criacionista*, não porque crie a sua realidade, mas porque a sua adaptação à vida social é uma obra da sua liberdade efectiva, isto é, da sua acção solidária.

E assim a realidade é uma permanente criação.

O maior *cousismo* consiste em supor aquela objectividade, que é o acordo dos conhecimentos, como cousa em si, pesando da sua bruta realidade sobre todas as ulteriores realidades a atingir.

É em filosofia o equivalente do dogma social, das categorias duma época histórica *absolutizadas*.

É a hipótese de que se atingiu o perfeito acordo, e o pensamento passa a mover-se no // formalismo dos conceitos construídos, longe da experiência, que é a própria vida dos conceitos crescendo e evoluindo. 32

É curioso observar como os materialistas, que tudo querem construir com a parca objectividade da mecânica, são, portanto,

os neo-escolásticos, que tentam estrangular a Experiência às mãos duma restrita e minguada experiência.

A escolástica não é mais que o estudo sistemático, a classificação das já atingidas formas de pensamento. Formas *criacionistas*, pois só se fazem no já estudado dinamismo da conceptualização, elas aparecem como matéria diante da nova actividade que as vai classificar; mas ainda aí o isolamento é uma abstracção e a actividade, que as classifica, é contemporânea da acção que as apreende e realiza.

Os materialistas pretendem ter garrado numa realidade completamente despida de pensamento, despida até da especificidade sensual, e, com ela, adrede recomposta, fazer toda a realidade.

É claro que o pensamento não poderá logicamente sair de tal matéria e será um epifenómeno miraculoso, ou, com Descartes, a outra irreduzível face da realidade.

Aqui nasce uma separação, que gastará inutilmente o engenho humano para a eliminar e que fica a ser a dualidade extensão-pensamento ou alma-corpo.

33 O esforço de Malebranche só é eficaz, porque // colocar em Deus a causa da união é voltar a um pensamento que pensasse a extensão.

Assim, quando se olha do lado da actividade de pensamento, temos os vários aspectos do idealismo, desde Pitágoras, Platão, Kant até Fichte e Renouvier.

Se a atenção é maior do lado do *pensado*, temos os materialistas desde Demócrito até aos mecanicistas ou energetistas actuais.

Nos primeiros vive um maior instinto de liberdade, que, às vezes neles e sempre nos vulgarizadores, se torna ineficaz e vazia por falta de conteúdo.

Nos segundos um maior instinto dos condicionalismos — o que faz que as suas doutrinas, intrinsecamente menos libertárias, bem sirvam, por vezes, a liberdade em oposição ao vazio formalismo da época.

O pensamento científico é, pois, altamente simbólico e real.

Simbólico, porque não repinta cousas existentes sem ele; real, porque o seu simbolismo é síntese das relações, que ele se fez em acção e convívio social.

Em vez da repetição inútil, ecolália insensata, é trabalho e cooperação, entesourando formidáveis energias, condensando o esparso da vida experimental num ponto fremente de compreensão e vontade, explosivo de pensamento, dócil à grande intenção de convivência e comunicabilidade, que o atravessa e lhe é alma. //

Consciência retomando-se, fazendo-se lúcida, serena e viva sobre o fluxo heraclítico das sensações; brilho sereno da consciência, reencontrando-se, concentrada e quieta, por lá da sensação transitória e corredia.

34

A procura do que *é* sob o que *aparece* e foge. Um grande *esforço da consciência para a vida* na sua atmosfera de claridade e compreensão.



(^α) A Experiência por uma lei geral da vida, que é a diferenciação, faz-se por vários órgãos e agrupamentos diferentes.

Cada ciência tem o seu campo experimental, de fronteiras mais ou menos elásticas, como indicam os simples nomes de físi-química, de física e química biológicas, etc.

A Arte é, por sua vez, um outro modo da experiência — é a vida que se ensaia em novas criações e formas.

Um ser integralmente diferenciado, sem plasticidade adaptativa, é o menor motivo de interesses artísticos.

A arte é um reflexo da vida, mas reflexo animado e diferente dando a vida simbolicamente por uma implícita intenção de harmonia.

O objecto da Beleza é a harmonia que se exprime, viva e comunicativa. //

A Beleza é a comunicação, a concórdia, a presença duma grande Unidade, abraçando os seres.

35

E, se o ruído nos afasta da Beleza e a Solidão dela nos aproxima, é porque tanta vez só na Solidão conseguimos ser atentos a essa grande Unidade, que atravessa e enleia os mundos.

Nesse momento de Solidão nós sentimos, no seio da Unidade que nos toma, o frémito de todos os seres que convivem.

Ser artista é confundir o céu e a alma, de tal modo que o céu seja um aspecto de alma e, na alma, brilhem, profundos, longínquos e misteriosos, os astros que nos acompanham.

Ligar fios condutores para todas as cousas, e saber que a nossa intenção de harmonia, começando por se fazer na geome-

(^α) Leonardo Coimbra publicou in *A Águia* — Órgão da Renascença Portuguesa, Porto, vol. XIV, 2.^a série, Julho a Setembro de 1918, o texto que se segue até à p. 272 da presente edição («A arte e a névoa dos mundos: [...] flutua o Canto das criaturas», p. 53 da 1.^a edição).

tria do nosso pensamento e corpo, se vai inscrever ao longe em concêntricas ondulações de acordo.

Atento a tudo o que chega, carinhosamente pronto a todas as solicitações, enchendo os mundos da amorosa ressonância da palavra.

Ir por um caminho fora e a flor, que olhamos, ser um infinito de ternura revelada, mil anseios mudos encontrando voz; o azul da pervinca feito luz interior, olhando longinquamente intérmimas suavidades.

Botões d'oiro, ranúnculos marginais sob a carícia corredia da água; a aragem de certa manhã da memória sob o ósculo da infância, que foge! //

36 O Sol, além-montanhas, subindo sereno e imenso, o seu diluído corpo luminoso enchendo o mundo, pintando cravos, papoilas, gerânios, sangue alvoroçado, e, dentro de nós, a forte alegria de viver espalhando a rubra tonalidade do seu canto.

O artista banha a sua alma na paisagem, na terra e no céu, vasto mergulho aeronáutico; mergulha o pincel nas tintas da alma e pinta a fisionomia dos mundos.

A arte é um estranho fenómeno de osmose entre o artista e o universo, a diferença de tensão dá o sentido da corrente, ora do artista para o mundo, ora do mundo para o artista.

É a comunicação contínua, a grande comunhão, uma transfusão eucarística das vidas.

O universo é uma sinfonia em que cada ser ou criatura fala e responde. Quando, à hora do crepúsculo, as cores se vão morrendo, há um murmúrio singular da aragem, rio de sons carreando os anónimos apelos das cousas, o chamamento íntimo e amigo das criaturas.

E o artista visiona na aragem que passa, as formas das cousas que murmuram; cada flor abre o ar em ondulações e gestos, que bem repetem as primeiras ondulações, com que o seu nascimento e crescimento se desenharam no espaço.

Se uma rosa abre, o ar a contorna e lá vai em ondas, por aí além, a notícia de um nascimento a aumentar a beleza do mundo. //

37 O vento crepuscular, que a toma nos braços, aí vai com essa forma a murmurar o segredo da sua intimidade.

Quando, ao crepúsculo, junto a mim estremece na aragem as floritas do outeiro, a voz dos gados sobe a encosta e, lá na aldeia e aqui no monte, as mães chamam os filhos, eu bem sinto que o Mistério abriu os lábios e o meu coração derrama-se em puro e divino amor.

Hora sublime de eucaristia santa, hora da companhia, em que, meu Deus, bem sinto o bafo da tua presença!

A arte é a vida unindo-se para se expandir, a ascensão a Deus, clara consciência do entendimento das almas.

Desde a unidade aritmética até à unidade dramática do amor vai o infinito das possibilidades estéticas.

Isso explica que muitos espíritos sérios encontrem mais beleza nas ciências que nas obras intencionais da estética.

É que o acordo dos seres falantes pode fazer-se por simples palavras, as suas relações representadas podem ser uma gratuita e fácil cópia da sua vida de superfície.

É possível, por exemplo, tomar de três cardeais, pô-los a contar anedotas da mocidade e levá-los à conclusão que o amor é qualquer figura de retórica.

Tudo isto, gratuitamente, sem a mais ligeira // beliscadura na epiderme da realidade, sem a mínima penetração no miolo das cousas.

38

Pitágoras, estudando as propriedades e relações dos números, obedecia a um sério e concreto desejo de unidade, a mais profunda e sólida manifestação do verbo criador.

E, quando a música aparece submissa à lei dos números, é todo o universo que se lhe revela em harmonioso acordo.

A harmonia das esferas é uma segura apreensão da Unidade, uma visão estética garantida, estuante de pensamento.

Quem, com efeito, poderá achar a silenciosa solenidade do céu menos real e unitária que as falsificadas palavras, que, sob a sua imensidade constelada, dois namorados troquem?

Quantas vezes, a estes, nem o amplexo da espécie está repassando!

Quando o geómetra vai descobrindo as propriedades duma figura é um instinto de ordem estética que o conduz, é um sentimento de beleza que o leva na continuidade do seu pensamento; sob o movimento de apreensão das relações espaciais há uma unidade, que centraliza e domina.

Quando, ao pisar o chão, sentimos que ele se não furta, que à nossa pressão ele responde, que um desvairante abismo nos não tragará sem fim e sem remédio, sabemos bem que temos mais amizade para o planeta que para certas palavras vazias, berradas diariamente nas esquinas, na // imprensa e em todos os sítios onde o homem fala para fingir que medita e sente.

39

Quem deixará de sentir o frémido do sublime ao pensar o significado de universal sociabilidade que possui a lei de Newton?

A maravilhosa reciprocidade em que cada corpo *individualmente* se afirma no concerto de todos os outros!

As ciências naturais são uma bela forma de convívio, uma bela conversa do homem com todos os seres. E para os vegetais vai maior simpatia a cobrir o imenso afastamento sem voz, que nos separa. Quando classifico uma planta, tenho a clara impressão que trouxe, para o seio da *família*, um pobre solitário, isolado na mudez e na distância.

Obras de autêntica e eterna beleza perduram, enquanto as obras literárias de relações artificiais e truncadas fenecem nos aplausos com que a mediocridade se lisonjeia aplaudindo os seus autores.

São belas, porque representam relações verdadeiras; e isto é um primeiro dever, que os artistas nunca deveriam desprezar.

A arte nunca deverá ser a mentira ¹, mas simplesmente uma maior verdade.

40 Quer dizer que, onde a evolução é possível, // à Arte compete criar a nova vida no sentido da verdade.

Se a verdade é uma adaptação social do pensamento e um corolário da liberdade, pode acontecer que uma dada existência seja, em consequência dum mau uso da liberdade, reconhecida como menos verdadeira.

O esforço para uma vida social mais verdadeira, em que melhor coexistam as liberdades, é um esforço artístico.

A arte é o prolongamento do impulso vital que levantou as formas, aparentadas por indeléveis sinais originários.

A arte, sendo uma obra de unificação concreta, e portanto social, será mais patente, aí, onde, com a vida, melhor se expõe a sociabilidade.

Mais patente, por isso mesmo, mais acessível e capaz de banalidade.

É o que acabamos de ver.

As grandes linhas da Unidade que a ciência traduz são duma nobre e severa emoção; é o arcaboço da realidade, a ossatura dos mundos, a circum-navegação do olhar de Rómulo desenhando os muros da cidade eterna.

Esta primeira emoção artística é logo o nosso ser tomado pela base e erguido em entusiasmo religioso.

¹ Nos desconcertos, mais aparentes que reais, de Oscar Wilde, há sobretudo a impertinência da palavra.

É tão dentro de nós e implícita esta beleza, que, posta em evidência, é uma grande revelação religiosa. Raros a atingem, porém. //

Nunca é uma repetição banal e insubsistente. Quando a criança trepa às árvores, salta, etc., ela ensaia, sem uma mentira, as suas relações com o planeta.

41

É a melhor experiência estética e moral que a criança pode fazer.

Aqui, snrs. utilitários da higiene que é consequência apenas, está o alto valor pedagógico da ginástica ¹.

É mesmo o único motivo de convicção para a criança que a sua liberdade é solidária, quer dizer, condicionada.

Sem este, que poderia resultar da nossa volubilidade para com elas, do nosso caprichoso código de proibições?

É este o fundo sério do carácter das pessoas que nasceram no campo.

O mais é... romantismo.

A esta bela experiência, a cidade tenta (sem o conseguir felizmente) substituir a passividade perante o cinematógrafo, as revistas, ou os dramas dos escritores *celebrados*.

Daí a voz *exterior, anónima*, de metal abafado, que caracteriza os meninos da cidade, que o são convictamente e com o gáudio aclamativo das famílias.

É que à experiência estética de comunicação // com a natureza ² [1] se substituiu uma desatenta e insignificante comunicação retórica com os homens.

42

Mas, para as almas sérias, a presença silenciosa da Unidade primitiva não basta.

O Silêncio é cheio de promessas; que fale, comunique e indefinidamente se alargue em vida e harmonia.

A alegria de falar e ouvir, de atender e ser atento, de levar à união etérea com a estrela longínqua um preenchimento de alma, que torne as distâncias, contactos!

Esse instinto de sociabilidade cósmica faz com que de olhos fitos nos astros nos sintamos diluir, crescer, e, de volta com o ósculo da estrela remota, melhor compreendemos o calor do nosso lar.

¹ Aqui o escritor se ri do sócio das Pedagógicas várias. A actual ginástica é escolástica: o músculo é a sua retórica.

² Assim chamamos ao mínimo condicionalismo da universal sociabilidade.

É todo o espaço sideral é cheio da alma de Newton!
O longe e o perto feitos nossos, uma insofrida ânsia de união.
Assim partimos, mas, de regresso, trazemos num doloroso sentimento de insuficiência.

À nossa fome de unidade quantas respostas de separação!
O que une e o que separa, eis uma dualidade sensível, que, em certa metafísica, é Deus e Satanás. //

43 Esta dualidade é originária como o conhecimento, que é actividade própria elaborando matéria estranha.

Ser *um* e conhecer o *outro*!

Já o conhecimento é, pois, por sua natureza, dramático.

Mas o drama é belo; é, assim, porque a realidade é solidária, a palavra liberdade não *tem* singular, só as liberdades coexistem.

Só há verdadeira separação onde um ouvido se fecha à voz duma alma, onde uma liberdade se estiola longe do convívio das outras.

O conhecimento é dramático, porque a realidade é amorosa e só o amor une sem aniquilar.

A separação só existe onde as almas se encerram; mas, aí, uma alma pode aparecer que encontre a palavra de comunicação e as descerre e una.

É uma vida cedendo à beleza, à harmonia, que é também o *movimento da verdade*.

O cristianismo, por exemplo, é, antes de tudo, uma grande criação estética.

É belo porque é verdadeiro, porque nunca dos seres para os seres melhor se tinham ajustado os fios que unem, nunca tão firmes e bem caldeados tinham sido tais fios.

Nos velhos tempos anda a Morte, por entre os seres, de tesouras em punho, cortando as ligações; com o cristianismo elas, cortadas, renascerão, pois saem do próprio centro criador.

O que vem fazer a mentira à Arte? //

44 A mentira é separadora; é o diabo, que, a desoras, quando desatentas as criaturas, troca e enreda as comunicações, e os amigos acordam desavindos, perturbados e trémulos.

Por isso a calúnia é sempre caricatural. O caluniador cortando as relações verdadeiras com os seres, amputa-se, grava-se uma máscara carcomida.

Uma voz de harmonia no meio deste caos é a própria beleza reatando as relações verídicas.

O caminho da Arte é, como o da ciência, da ligação confusa e afectiva para a união especulativa e desinteressada.

Os sentidos mais estéticos são também os mais intelectuais.

A arte e a ciência começam no olfacto e vivem pelos olhos e pelos ouvidos.

O Universo ressoa na pele dos animais inferiores, entra luminoso e alado pelas órbitas do homem contemplativo.

A matéria bruta é o primeiro contacto, o éter é, para a ciência e para a Arte, o grande oceano fraterno onde os corpos trocam as suas comoções.

Ao conhecimento de afecção orgânica, de interesse vital imperativo, substitui a ciência o conhecimento intelectual, desinteressado do momento e espaço orgânico, cuidadoso do universal conjunto.

Não faz o mesmo a Arte?

A emoção orgânica da piedade, da ternura, // do pânico, que ressoa nas vísceras, é, pela Arte, colorida de universalismo, feito o próprio amplexo dos seres que se conhecem e irmanam.

É o grande segredo da melhor literatura russa.

À Arte, mais ainda que à ciência, se deve a libertação (que quer dizer socialização) das criaturas.

O desaparecimento dos monstros jurássicos não será uma obra da estética imanente da natureza, substituindo à massa bruta, a agilidade e a graça?

O que arrancou a vida das pesadas carapaças, das conchas acasteladas, senão um mais largo ritmo comunicativo, de par com a intelectualização estética dos sentidos?

E o mesmo para o homem.

A história lendária e epopeica é a primeira manifestação literária dos povos.

O homem quase só tem *eu social* e as suas relações com o mundo são funções desse *eu*.

A sua Unidade é quase a fusão no *corpo social*, o conformismo, o ritual idêntico, hipnótico, imperativo e intolerante.

Um ponto de liberdade, ténue e fantástico, cria o conto de fadas, seres podendo tudo, actividades sem condições, por onde o pobre eu individual balbucia as primeiras incoerências.

Esse ponto de liberdade é astro nascente, ponto de luz a brilhar, a crescer no espaço, e a epopeia, movimento humano, é lirismo e drama, movimento cósmico, totalizante. //

Do homem tipo para o homem cósmico, do companheiro de tribo para o companheiro do infinito.

É, pois, a Arte uma grande obra da simpatia.

45

46

A flor anónima estremece a todos os ventos, deita a haste débil na brisa que lhe passa os dedos, e o homem, a mais nominativa flor do mistério, estremece e freme sob os olhos da noite, no corpo etéreo da luz, na solitária, imensa, subtil e inefável presença da Unidade.

Leitor que me ouves és *eu*, porque me entendes, sou *tu*, porque te falo.

Ah! mas que a Unidade nos não aniquile, identificando-nos; assim porque nos amamos.

Há a desvairante Unidade do Deserto, onde nem um grão de areia se destaque; dum Oceano sem vento, nem temperaturas, onde as águas se rasem em uniforme corpo; dum Abismo sem luz onde o sorvedouro não atrai, o frio não aumenta e os astros não dealbam — é o panteísmo.

Cuidado, belos poetas da minha terra!

Há a sublime Unidade dos astros que giram sem atritos, obedientes e unidos; das almas, que se enleiam, humildes e amigas; das águas, que se buscam, encontram e separam, acorrendo, de rastos, a todas as sedes do abismo, subindo em névoa, às sedes das alturas — é Deus.

A arte, cónscia dos seus pergaminhos, procura achar as relações universais dos seres, quer dizer que será a visão concreta e viva da realidade, sob a *espécie eterna* de Espinosa. //

47 É, como a ciência, um *esforço* lamarckista *para a consciência*, uma darwinista *luta pela imortalidade*.

É o olhar de Heraclito, corredio, errante, mas mostrando no fundo, pela pupila dilatada, uma estrela de eterno e imutável brilho, que Platão irá colher — a Beleza pura.

É para além da fantasmagoria da pluralidade, diria Schopenhauer, o grau de objectivação da vontade essencial.

Flui e reflui o acidente, mas os seres, colocados nas relações verídicas, são acolhidos dos ciclones, que separam e dispersam, no próprio seio de Deus.

Este é que é o dever e a finalidade da Arte — o resto são vestes. Classicismo, romantismo, realismo são as refrações, que a ânsia de Unidade e de eterno sofreu através dos tempos.

A arte clássica procura a harmonia geométrica das linhas, é pelas leis da mecânica geométrica que explana a solidariedade do homem e da natureza.

Enche essa natureza de presenças invisíveis, de modo que a água matando a sede seja também carícia e afago duma amável vontade oculta.

É um pluralismo sociável que troca sorrisos na luz do Sol, mas se perde, pálido e espasmódico, na sombra da Noite.

Não há Unidade que abrace e cinja os seres, uma vez os fios luminosos de Apolo quebrados, enredados pelo negrume da noite. //

É assim que, ao lado da alegria helénica, do forte e sadio contentamento de viver, a tragédia grega é a mais desesperada e opaca, fatalista e separadora.

48

Os seres entendem-se sem saberem por que o fazem, comunicam sem a consciência da Unidade em que convivem, pesa sobre eles, por isso, o Acaso distribuindo os destinos e cada vida é a obra duma Fatalidade.

Luzem, ao de leve, pequenos inícios de bondade, procurando, para além das caprichosas relações dos deuses, uma unidade de justiça e acordo.

É a vontade prometeica de vida espiritual.

Vontade impotente, porque se não apercebe uma Unidade suficientemente forte e compreensiva para ligar e dirigir os pluralismos díspares.

Com o romantismo dá-se um curioso fenómeno de consciência.

O cristianismo revelara a verdadeira Unidade, o coração divino onde o amor permuta as verdadeiras palavras de comunicação.

Essa Unidade é apreendida naquele metafísico ponto em que as vontades autenticamente se irmanam na adoração do pai celestial.

A luz meridiana da revelação ofuscara os olhos mortais do homem, a ténue claridade das iniciações jorrou sobre o mundo em dilúvio etéreo e o mundo ficou deslumbrado e extático.

Há obras em que a arte não é clássica, nem romântica, nem realista, mas unitária, divina, clarividente. //

O que é a «Divina Comédia»?

49

O trânsito duma alma pelo Mistério iluminado, cantando extática e humilde, filtrando, directa e submissa, a luz espiritual que a banha.

A onda do cristianismo, milagre da arte e da moral, ergueu a Vida a altitudes desmedidas e, *a posteriori*, um dia, do cume das altitudes, os homens começaram a contemplar os caminhos andados.

O romantismo é um olhar *retrospectivo* e *profano* da vida, que o cristianismo gerou. Há, nele, esquecimento e saudade de asas, nostalgia cristã e paganismo relembrado.

As almas do romantismo sofrem do abstracto escolástico, do universalismo da filosofia medieval. São géneros psíquicos mais que vontades pessoais, em drama de unificação.

Há o tipo do amor, da honra, etc., mais que o amor movimento da alma para a Unidade, que a honra lealdade¹ dum alma perante o Infinito.

O realismo tem a sua razão no esforço do genérico para o individual, do abstracto apoucador para o concreto síntese, vida e acção.

A anedota prende-o, por vezes, no baixo, no trivial, na blasfémia; mas, mesmo aí, encontra notas altissonantes de desgraça clamorando justiça. //

50 Unicamente, esse grito se dirige aos homens e eles são cerrados ouvidos às vozes, que só para as almas têm caminhos.

Aqui a diferença dos realismos, que, na Rússia por exemplo, por um mergulho sem sonda nem prumo que bastem, atingem uma tão comovida piedade que as almas, de novo, cristãmente fraternizam em Deus.

A que escola pertence o *D. Quixote*?

Há livros que lembram escolhidos rumos de onde o olhar do homem tivera fixado, em largueza e fundo, o drama da vida; a tremulina de pupilas abrindo-se às ondas etéreas, que se reen-viam; a gloriosa face da Unidade.

Isto os irmana nas Alturas.

Tudo o mais é apenas a meticulosidade com que o cego rebusca as diferenças do fato e pele, para distinguir, fazer catálogo e crítica literária.

É o arranjo do bibliotecário e crítico, que são a mesma pessoa.

O simbolismo é um equívoco que resulta da lei psicológica da metamorfose dos meios em fins, ou antes, da confusão dos mecanismos da consciência com a própria consciência.

É claro que o pensamento estético é simbólico² [1], é-o todo o pensamento de harmonia, conceptual; mas esse simbolismo tem a sua ordem e leis, não justifica um forçado simbolismo que consista em chamar ao Sol mancebo loiro, à lua virgem pálida e tudo dizer em artificial convencionalismo. //

¹ O tipo religioso da lealdade é D. Álvaro Vaz d'Almada.

² O meu filho de três anos dizia-me um dia, desenhando várias sinusóides paralelas: «Oh, papá! Olha o vento!» Simbolismo estético, como é fácil ver.

«Que a arte não deve dizer, mas dar sugestões», dizem certos gogos para desculpa pessoal.

A Arte diz como a ciência diz; mas ambas, dizendo, falam conceitos, que são potenciais psíquicos, sugestão para o dinamismo mental.

É claro que as sugestões artísticas são mais opulentas e animadas, porque a analogia, que na ciência é um momento preparatório ^(a) da indução, é essencial e permanente na arte.

A animação universal, de todas as cousas, é um legítimo postulado da estética, e sempre a analogia alarga em indefinidos recessos as sugestões artísticas. Assim quando na sombra da Noite, à beira da floresta, onde sempre morou o terror sagrado, a pobre Coseta se sente grão de areia na tormenta, derrotada e nula, dobrada num farrapo sobre o balde d'água, cercado de uivos, pupilas de lobos e da Thenardier, é do Invisível, do sagrado terror da floresta, que sai a mão protectora de J. Valjean e a toma e a ampara.

Donde a mão que nos levante, quando, aniquilados e míseros, tombamos nos caminhos da vida?

A analogia amplia-se — a criança é o homem e a treva da noite é a solidão do Infinito, que só a mão de Deus pode encher.

Eis o verdadeiro simbolismo, e em // Vítor Hugo, onde os tais críticos o devem estranhar.

O simbolismo, como o resto, só é belo, quando dá as relações verdadeiras dos seres e da Unidade.

A arte é uma criação superior de vida no plano do sonho, que à moral compete internar no plano da realidade.

A arte é criadora e todo o cristianismo é uma grande manifestação artística, *ajardinando* o mundo e as almas.

A própria moda nos mostra a acção da arte sobre a vida ¹.

A selecção sexual fez, ultimamente, das mulheres da moda, animais digitigrados; ora, a locomoção modificada, os órgãos locomotores serão progressivamente influenciados, o que para os partidários duma fácil transmissão de caracteres adquiridos deve tomar assustadoras proporções. A propagação por imitatividade de certas atitudes é um caso rudimentar de diversificação artística da vida.

(a) A 1.ª edição usa «preparatória» em vez de «preparatório» (p. 51).

¹ Uma das verdades de Oscar Wilde.

Quando a arte se alia à moral para trazer o sonho à intimidade da vida, ela é então, mais ainda que a ciência, uma grande maré de comunicação e exprimibilidade em que o grande mar das criaturas sobe em êxtase à Unidade que as seduz e levanta.

53

É o momento em que o interior e o exterior // se fundem e como somos o pego por onde as águas referventes das alturas, atravessando, se precipitam no abismo; a cratera por onde perpassa o fogo dos céus, o espelho hiante onde as estrelas do alto buscam na profundidade uma imagem em que se conhecem e revivem.

O denso nevoeiro que cobre a terra antes da vinda do Sol é como uma camada dos sonhos das cousas humildes, sonhos ainda presos à origem, sonhos protectores da treva, fluidez em que os seres se prolongam e tocam quando a Noite vem a apagá-los.

O sonho artístico dos homens é uma névoa protectora da mudez e da indiferença que a natureza põe no rosto; é a *fome de eternidade*, que cada ser exprime, e se alimenta, viva, contente e ampliada, no seio da Unidade que a recebe e se *comove*.

A arte é a névoa dos mundos: as cousas brutas, definidas e separadas, fazem-se crescidas, ubíquas, activas presenças, e, sobre os mundos em névoa alada, flutua o Canto das criaturas.



Esta relação dramática das almas, este *querer* a companhia amorosa de todos os seres não vai sem solenes comoções da vontade. //

54

A vontade é mesmo esse desejo efectivo de unidade, ela é a unificação das nossas tendências, o ponto onde as pluralidades se cruzam, o núcleo onde elas tomam o direito de mútua existência.

Já a conceptualização científica não vai sem um esforço de vontade; já os próprios postulados científicos são tomados por uma implícita estética da vontade, que escolhe e prefere a elegância matemática.

Quer isto dizer que moral, estética e ciência são modos duma actividade una e indivisível.

Se ao menos houvesse atenção para os casos correntes duma vida imoral num artista ou sábio, perturbando e destruindo, por vezes, a sua capacidade artística e intelectual!

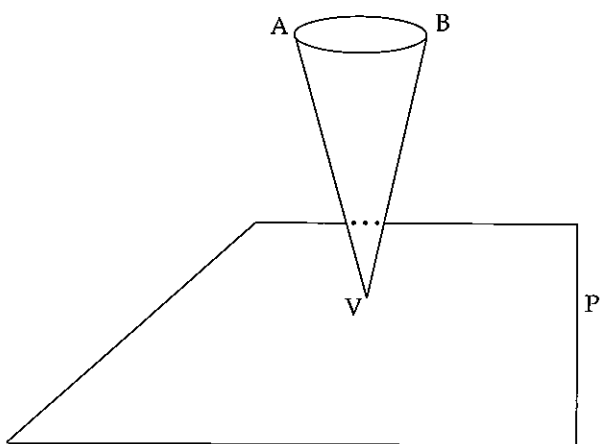
Eu conheço um orador português, que era quase belo, e depois, pouco depois, conheci-o reduzido a realejo estafado e rronante.

Toda a actividade é moral ou imoral, no sentido da harmonia e comunicação ou da indiferença e isolamento.

A ciência e a arte são altas obras da moralidade e para a moralidade. A primeira dá os meios de acção à vontade amante, a segunda interna essa vontade em toda a largura e profundidade dos mundos. Bergson tem no seu magnífico livro *Matière et Mémoire* um esquema para mostrar as ligações da memória com o presente, da // ideação com a acção, ou da concepção com a percepção¹.

55

Ele pode aplicar-se às relações da vida estética com a vida moral.



P é o plano da realidade mais ou menos imediata em que vivemos.

A nossa acção social é a cada instante o ponto *V* em que o cone da nossa acção possível toca a realidade *P*.

A nossa vida artística, sociabilidade desejada, vivida em arte, é representada pelos movimentos possíveis ao longo do cone *A V B*.

Para cada acção real ocorre todo o nosso ideal a tentar actualização, mas só toca o vértice a possibilidade actualizável no momento; é essa a acção estética, ideal, tornada pela vontade acção social, // real. Eis as relações entre a criação artística e a realização moral, entre o que pretende ser e o que vai sendo; é claro que, deste modo, o que vai sendo depende das virtualidades do que deseja *ser*.

56

¹ Já é preciso o mesmo para a relação: sensação-percepção.

Assim se vê que o indeterminismo da liberdade artística é maior, o determinismo da liberdade moral mais perfeito e completo.

Só é bem livre o ser moral, é em ânsia de liberdade o ser estético. As criações artísticas são mais fáceis e largas, as éticas mais severas e seguras.

Constituem uma continuidade viva, mas, se quebramos o vértice *V* e deixamos a «arte pela arte», a vida *A V B* torna-se gratuita, caprichosa, e acaba em estéril ecolália eufónica.

É claro que tudo isto são hipóteses extremistas, que nunca existem assim; mas é uma questão de método separá-las para ver, com a sua natural coordenação, o seu modo próprio e intrínseco. A separação seria patológica e daria os conhecidos monstros morais e estéticos.

A vida moral é aquela em que a experiência se totaliza e resume.

A vida moral é um grau bem mais alto da vida artística. Nesta há o esboço delicado e fácil, na vida moral há o desenho gravado a traço indelével, teimoso de eternidade.

57 A um vago desejo de fraterna unidade segue-se o dever de fazer essa unidade fraterna, de pôr, // em corpo vivo e tangível, todo o nosso pressentimento de harmonia.

O esteta pode contemplar, o dever manda actuar.

Na vida artística os interesses de utilidade, que se fundam no sentido geral da harmonia, podem fazer corpo com a beleza; mais puro é o corpo do dever onde um átomo estranho é mortal toxina.

A beleza inicia-se por actos particulares, a bondade é uma atitude total da alma.

Todos o sabem e a mamã, que perdoa uma loucura dum filho, levanta na alma uma fisionomia integralmente nova; sem um ressentimento a alma bóia e flutua num líquido sorriso de bondade.

A frase errada «eu esqueci tudo» significa que se voltou a face luminosa da alma; de facto nada se esqueceu, é antes da lembrança do nosso primeiro afastamento que sai o calor da nossa compreensão de agora.

Há cousas que se não perdoam. Quais são elas?

Todas aquelas em que uma vontade pretende cortar ou trocar as comunicações sociais.

Quando uma vontade se engana e confunde as verdadeiras relações, todas as vontades amorosas correm em seu socorro, ensinando.

Neste sentido o Bem ensina-se e aprende-se como o queria Sócrates. Mas, quando uma vontade se afirma destruidora, ten-

tando quebrar os laços da universal sociabilidade, a bondade é no // dever de erguermos as nossas vontades amantes em defesa das ligações ameaçadas.

Perante o *crime alemão*, o dever, flutuando como bandeira ideal por sobre todas as boas nações e todos os homens de boa vontade, é uma ordem divina, que só não escutam os homens sem relações com Deus.

É, por isso, que o presidente Wilson tem alguma cousa de augusto e transcendente na voz.

Os homens e os povos valem pela grandeza do Dever, que efectivam.

E, como tudo é reciprocidade na acção, só esses homens e esses povos crescem em beleza e bondade. Os outros, tentando destruir, destroem-se.

Uma pátria é um sistema de valores espirituais, e, como um homem que pela sua má vontade cortasse todas as relações com os homens, essa pátria, vitoriosa pela violência, só conseguiria extinguir os verdadeiros valores espirituais degradando o seu universalismo amoroso em particularismo económico, obsidiante e louco.

Qual é a origem do Dever?

O Dever é absoluto?

Eu condeno o absoluto, porque seria dizer *eu* sem implicitamente ouvir nos abismos de mim mesmo ecoar um amoroso *nós*.

Só conheço e amo a *Relação*.

A minha relação com todos os seres, a minha implorativa estima pela inefável Relação em que convivemos. //

O dever é relativo, porque é um permanente andar de companhia com o mais íntimo sentido das almas e da vida, porque não é uma pedra preciosa que nos ande no peito a preluzir de emprestada luz reflectida, mas uma originária luz, um inefável calor de amizade e entendimento.

Relativo a cada alma, porque é a sua experiência mais alta, a provação do seu quilate, e não vale a experiência alheia para substituir a decisiva prova de cada alma.

Disse J. Jaurès «que o problema do Infinito se põe de novo para cada ser».

E como não seria assim?

Ai dos que perguntam aos outros pelo seu lugar na vida!

Para esse grande abraço magnético que cinge os mundos só uma bússola existe — a vontade ansiosa, atenta e amorosa de cada alma.

Quanto à sua origem é o dever bem claro.

Ele não é um imperativo categórico, isto é, uma categoria que impere, nem no sentido de Kant, nem dos sociólogos da escola de Durkheim. Ele é uma opção da vontade.

Por um cálculo de interesses, por uma adaptação evolutiva à ordem social, por uma necessidade de conservação do indivíduo, seja pelo que for, o homem encontra-se diante de várias possibilidades de vida.

E aí é que começa a vida moral. //

60

O homem vê, atende e opta; eis o momento ético. A vontade fez-se e cresceu através dum permanente esforço de harmonia, duma original organização de valores espirituais.

E agora é a vontade boa só querendo a realidade do seu mundo espiritual.

Digam ao Poeta que os seus versos mais amados são o resultado duns tantos litros de leite que bebeu em menino.

A vontade moral existe e pouco lhe interessa a sua anedótica história de reflexos e inibições.

Ela nasceu no momento em que, tomando conta dos seus tesouros, os achou inestimáveis, sem preço nem equivalência na fenomenalidade inqualificada da vida.

Há vidas sem arte, isto é, há vidas que não trazem consigo uma parcela de sonho, de excesso de acção.

Há também vidas que cumprem uns tantos princípios de conduta, sem reflexão ou escolha.

Nestas vidas não há moralidade.

A moralidade é a atmosfera da vida espiritual; o homem quer essa vida espiritual, em si e por si, e, feita essa escolha, começam as consequências do seu *querer*.

Para todos aqueles para quem a moralidade seja um sistema de mediatas adaptações sociais, ela será uma das mais curiosas transformações dos meios em fins. //

61

Não o é também a ciência?

Todos os pensadores sentiram sempre a grande vizinhança da moral e da metafísica.

O que fazemos não é, com efeito, dependente do que pensamos ser?

E o que somos não será, mais ainda, função do que fazemos, isto é, do que *escolhemos*¹ ser?

¹ Aqui aparece a raiz metafísica ou a origem transcendente do dever. O homem faz-se uno pela vontade moral; ao pluralismo caótico das tendên-

O que a experiência diz é que, com efeito, escolhemos.

Toda a pressão do meio e herança pode dar tendências, não dará nunca o amor da vida espiritual por si mesma, ainda que contradizendo e negando a vida fenomenal em cuja companhia aparece.

O mesmo caso pode surgir para a minha resolução completamente alterado, consoante o olho como cidadão na minha paróquia ou como membro da sociedade universal no Infinito.

Quanta mulherzinha do povo eu tenho visto pôr o universal nas suas acções, enquanto os // grandes magistrados da minha República nelas colocam os seus retóricos interesses de vaidade!

62

A primeira, diante duma desgraça, que a comove, tira do pouco que possui e diz «todos temos o nosso calvário, não o teve Nosso Senhor?»; o segundo, diante do inferno feito pelos homens, da inquisição ressuscitada, dirá «isto indigna-me, *eu* não o consinto».

A primeira universaliza a dor, partilha-a, dá sem ofender, é fraterna, ata totais relações de dor propiciatória; o segundo deixa à dor o privilégio de afligir os perseguidos dos homens, faz destes, em vez de Deus, os distribuidores da Dor, não a toma para si e fraternamente ofende sem dar: quer agarrar para a sua mão tirânica todas as relações e, pobre satânico isolado, ata e desata conforme o seu capricho.

É que a humildade é o sentimento de integral dependência e reciprocidade e a vaidade um sentimento de vazia expansão com que um *eu* cresce a encher o mundo por falta de pressão exterior, isto é, de ligações e sociabilidade.

A vontade escolheu e fez-se vontade moral.

Quer, pois, um sistema espiritual conservativo, e, a despeito de todos os desmentidos do fenómeno, persiste em achar *melhor* essa realidade e desejá-la.

Esta é que é a essência da moralidade.

Para quem olhe a realidade em olhos desprevenidos, antes duma grande assimilação teórica, // ela aparece com um ar de

63

cias substitui uma vontade consequente, que por dentro enlaça e faz seus todos os actos sociais. Antes dessa vontade o homem morria e renascia a cada acção; poeira de ser, era o momento, a oportunidade; agora é a lei, a unidade conservativa começando a luta vitoriosa contra a morte e assim pressentindo a sua essência divina, começando a curva que vai abrindo ramos infinitos.

indiferença ou amoralidade, que o homem vem tingir da forte coloração das suas intenções éticas.

A moralidade é uma flor do jardim humano, cujo crescimento e perfume tenteia as asas de lado a lado do firmamento.

No grande mar de luz com que o Sol banha todo o sistema só os olhos humanos abrem a misteriosa afirmação do dever?

E tanta luz derramada no Espaço não há-de iluminar estáticos jardins espirituais onde, em consciência, abra a sagrada e mística flor do lótus?

Quando à noite os satélites, em diáfano corpo de saudade, pisam de algidez a rudeza dos planetas, nenhum sonho se erguerá, em demanda de companhia, a enevoar de consciência a imensidade do espaço?

Será este tão mudo e despovoado como nos parece?

E as consciências que ao nosso lado passam sem que as tenhamos ouvido?

E o nosso planeta percorrido, policiado em todos os escaninhos, não terá secretas companhias que ignoramos, recessos de sombra, recônditas conversas misteriosas?

Mergulhamos no mistério, a nossa bússola e sonda, e leme e sextante é o dever.

No abismo do mistério uma luz brilha de inalterável clareza, é o dever. //

64 O dever é um momento jeovaico, é um *fiat*, o ponto original por onde o Universo revive e se acrescenta.

É uma certeza que nos fizemos, porque assim escolhemos a vida, e a tudo, que isto não seja, dizemos que não, sem orgulho, nem revolta demoníaca.

Que me importa a química do céu, a banal repetição da química do planeta, se um grito de amor, um sonho de esperança e união jamais podem abrir nessa imensidade inanimada e bruta!

Um só grito no Céu, uma alma a abrir, o brilho duma só consciência mais valem que os incontáveis milhões de astros sem voz.

Mas não é o dever esse grito no Céu?

Se a terra deixa no espaço o vestígio da sua fisionomia, um rasto de sangue e lividez e caricatura e calúnia deve ser a sua esteira ou sulco; mas, ao de leve, e ao cimo, um róseo-azul amanehente vai em sorrisos e beijos — é o melhor das almas em colóquios pelo Infinito.

Essa é a experiência moral das almas.

A certeza da escolha, a indiferença aparente, a solidariedade dos seres, o fluxo e o refluxo, a facilidade e o estorvo, a consciência

ardendo de luz íntima, as estrelas impassíveis mas unidas, e através disto, a vontade moral heróica e afirmativa passando.....

Há em toda a experiência momentos necessários e insubstituíveis: uma experiência científica // não pode dispensar mais tarde ou mais cedo o concurso de instrumentos próprios, a experiência moral não pode suprimir a passagem da dúvida para a afirmação *apesar de tudo*, que é o verdadeiro momento moral. Se vamos na planície e um grande ardor nos requeima, é à sombra duma árvore que nos acolhemos; se na lombada adusta do Marão, só podemos esperar o sombrio tapete duma nuvem — somente o céu é capaz de nos dar abrigo.

65

Só nessa experiência a nossa vontade encontra material suficientemente nutritivo.

Uma vontade tirando duma forma pura os moldes da sua acção seria uma vontade abstracta, dum formalismo mecanista bem parecido com a Morte.

Este o erro da razão prática de Kant, paralelo, aliás, aos erros de razão pura.

É que a razão é um sistema dinâmico, vivo e criador.

É um ser de existência concreta vivendo em adaptação e activa reciprocidade; o que faz é feito em colaboração efectiva com outras actividades solidárias.

A razão prática não tem puras categorias da acção e anteriores à acção, a razão prática é essa mesma acção organizando e seleccionando até se proclamar acção moral.

Se há algum inatismo de ordem moral, pertence a uma teoria metafísica tomar conta dele; a // experiência moral só o tomará como matéria e nunca como vontade criadora, como actividade ética.

66

O dever não é um facto, é uma acção, antes, uma disposição, um propósito da nossa vontade.

E esse propósito é a escolha que a nossa vontade fez duns certos valores espirituais e trabalhar por uma realidade em que esses valores vivam e se conservem.

É, com efeito, a descoberta, antes, a criação dum novo mundo, duma realidade de maior valia, diante da qual a fenomenalidade imediata da vida só pode valer como condição e ponto de apoio.

Um dos perigos do misticismo moral está exactamente no deslumbramento do mundo espiritual ofuscando o fenómeno, apagando-lhe o pluralismo através do qual a vontade deveria fazer-se una.

A mística moral pode dar um quietismo, onde a vontade se vá morrendo de inanição.

Sobrepor ao fenómeno um mundo da vontade amante, onde esta viva em perfeito acordo e quietação é uma absorvente tendência da nossa ânsia de Unidade.

A boa vontade moral não vai sem a consciência da distância do ideal ao real, do sonho à acção, sem uma parcela de dúvida e afirmação vitoriosa, de alto e clamoroso quixotismo.

Nada revela melhor a estupidez moral dos homens que a túnica de riso superficial com que a imaginação vulgar tem vestido o cavaleiro da triste figura. //

67 Confundir Tartarin e Quixote é afivelar no rosto uma sórdida máscara de troglodita.

Se a moral não é uma ciência de categorias, muito menos ela é uma ciência da utilidade ou do prazer ou um formulário casuístico.

Em oposição à rigidez de alguns sistemas formalistas aparece uma casuística aumentando o formalismo de modo a amplificá-lo e arejá-lo.

É o caso das distinções jesuíticas em que o velho catálogo dos pecados se torna mais flexível e psicológico.

Uma casuística pode representar um melhor conhecimento da psicologia humana ou das sugestões sociais, mas não se refere propriamente à vontade moral.

A casuística refere-se a um sistema de proibições e consentimentos procurando bem determinar cada caso.

É uma classificação dos casos mais minuciosa e explicativa, é a sistemática levada do género à espécie e variedade.

Mas a moral não é um sistema de tabus, como o não é essencialmente a religião e contra S. Reinach; tabus, imperativos sociais, etc., estão no movimento que leva à moral, não a constituem.

Não há moral heterónoma; toda a heteronomia é anterior à moral, quando aceite como valor espiritual de bom quilate é que a autonomia da vontade a escolheu e quis. //

68 E não se deve confundir nem a autonomia com o formalismo, nem a heteronomia com o materialismo ou, na terminologia equívoca de Wundt, com o realismo.

A autonomia não indica isolamento, autodeterminação formal duma vontade; mas escolha, opção duma vontade cooperante e solidária.

Toda a moral é, pois, como o queria Kant, embora por outros motivos, autónoma; e nunca a heteronomia, contra Wundt, será compatível com a verdadeira moralidade.

O que condena uma ética formalista é exactamente a impossibilidade da autonomia duma lei apriorística.

Ou essa lei era diferente da vontade e seria heterónoma a sua acção, ou era, como o quer, às vezes, o grande e austero Renouvier, a própria vontade, e, nesse caso, a sua essência formal havia de enclausurá-la fora de toda a verdadeira acção social¹.

Haveria uma casuística, que fosse // verdadeiramente moral — 69 a que se não referisse aos casos mas às pessoas.

A moral sistemática, que formula normas não para as pessoas mas para os actos, regressa a uma classificação de casos, ignorando a única realidade ética idónea: a vontade de cada pessoa moral.

Ninguém confunde um acto de justiça social com um acto de autêntica moralidade.

Para Renouvier, todavia, tanto a realidade é solidária que só um pecado original explica a existência do mal.

A Justiça social consiste na substituição dos vários subjectivismos individuais por uma objectividade social² [1], que seja o igual condicionalismo para o desenvolvimento de cada pessoa.

É a verdade das democracias.

Este objectivismo da justiça social, ainda que penetrado dela, seu efeito e condição, não é, porém, a verdadeira moralidade.

A boa vontade não consiste em distribuir por cada um a mesma parcela de atenção, mas em dar // a cada acto de bondade toda a atenção e beleza da alma. 70

«Qual de vós-outros é o homem, que tem cem ovelhas: e se perde uma delas, não é assim que deixa as noventa e nove no deserto, e vai buscar a que se havia perdido até que a ache?».

¹ A experiência social desapareceria, perdendo o valor. É o que acontece no kantismo onde a liberdade tem um singular, único e solitário acto — o da escolha noumenal do carácter. // Depois, no fenómeno, o carácter e o meio tudo condicionam e determinam. // Aquele acto singular e solitário da vontade dá ao imperativo de Kant a grande emoção do Deserto, é como uma fria paisagem do velho testamento a que faltassem as umbrosas fontes de ternura dos evangelhos.

² A objectividade científica é a lei, ou antes, um sistema de leis. *Uma lei científica é uma relação de actividades qualificadas* — a acção recíproca de duas massas é a força. // A objectividade social é a lei. // *A lei social é uma relação de vontades.* // À vontade isolada dos déspotas que é falsa, degradada em capricho, feita cousa, o absoluto, substitui-se a Lei, relação, harmonia e proporção das vontades solidárias.

Quantas vezes na vida não temos visto como a simples justiça social é cega, ignorante das mais profundas realidades, do melhor que em nós reside.

Como nos é antipática a figura do integérrimo juiz das gazetas, que automaticamente aplica a letra da lei e, despindo o homem de vísceras e alma, faz dele o tipo da objectividade social.

O que de incoercível e sagrado existe no homem é o ponto metafísico da sua boa vontade amorosa e atenta, e esse ponto só outro amor *diligente e afável* o pode compreender.

As normas da moral não são leis, mas movimentos da vontade.

A profunda, altívola, bela e majestosa fórmula de Kant «actua como se a tua conduta tivera de ser lei universal» deve ser interpretada como um propósito que se põe à vontade moral.

Ela escolheu a vida espiritual harmónica e conservativa, deve actuar de forma que a sua acção seja a realização dessa vida.

A atenção dada a todos os seres de modo que nenhum esquecimento venha a limitar a comunicação, a falsificar as relações universais do amor. //

71 Essa atenção envolve o respeito moral pelos outros, que são outras tantas solidárias autonomias ou vontades comunicativas.

É claro que, mais ainda que na ciência e na arte, estas normas não são realidades em si, mas símbolos, potenciais psíquicos, condensadores da vontade, que acordam para o movimento de mutuação e enlace, que é a sua dramática vida criadora.

Por falta de compreensão do valor dinâmico, *criacionista*, das normas da ética se têm enredado tantos e tantos problemas.

É assim que se discute o problema do progresso moral, querendo-o medir, às vezes, pelo crescimento do saber moral em conceitos e normas.

A moral está sempre e em cada momento, no mesmo nível, pois ela é simplesmente a opção pela vida espiritual universalmente fraterna.

A harmonia dessa vida espiritual, o melhor ou menor acordo dos valores, a sua coordenação e subordinação, é que são realidades progressivas, que a moralidade vai organizando; são as criações históricas da moral.

A solidariedade dos valores¹ espirituais faz com que a espiritualização do planeta seja um dos deveres humanos.

¹ Neste sentido é a religião da humanidade de Comte um alto, belo e fecundo pensamento.

E, com efeito, cada consciência encontra mais // fórmulas sociais, condensadoras de moralidade, e menos actividades a negar no momento da sua opção moral dentro da vida.

Neste sentido há progresso moral, o corpo da justiça social é cada vez mais anímico e espiritualizado; mas de nada serve tudo isto sem a boa vontade, que, optando, o tome, vivifique e leve a novas alturas de enternecimento e bondade.

A experiência moral sendo uma selecção, que é possível e se realiza e cresce, leva o homem cheio de confiança na melhor parte de si mesmo.

Como uma pequena luz hesitante, que nenhum vendaval apaga e vai aumentando e alagando o céu, a vontade desperta para o amor tímido e frágil e esse amor vai-se fazendo verbo de união de todos os seres.

Entre todas as mudas interrogações do Infinito, o homem abre os lábios da bondade e é como se, na mais repassada noite, um relâmpago iluminasse o céu e milhões e milhões de olhos ignorados trocassem ondas de amor e confiança.

Quando por caminhos de serranias, invernosos, ululantes, despenhando águas raivosas, se partem as caravanas, é de mãos dadas e a uma luz pálida, estrangulada pelas trevas, que as almas se afoitam. Também, no Infinito solitário e mudo, nós vamos, mãos nas mãos, e uma pequena luz nos sulca a estrada; essa luz é o dever, que arde desde o princípio dos séculos e *teima* em incendiar a própria eternidade!

Acabamos de ver a experiência nos seus principais aspectos.

É claro que esses aspectos resultam da diferenciação duma unidade original, que é o próprio movimento da Vida. A Vida, no sentido amplo da palavra, vai deixando no caminho formas diferenciadas que conservam o parentesco originário e que vão sendo englobadas, de novo, pelo progresso da vida que as criou.

É um contínuo movimento de acção e reacção.

Quase se pode dizer que os problemas aguardam um movimento de vida que os resolva, a desproblematização¹ é como uma expansão das forças vitais, que se fizeram próprio e seguro caminho.

Há um certo optimismo histórico, que é a soma de confiança, que no poder criador da Vida nós depositamos; como uma ilimitada confiança na harmonia cósmica é implícita na segurança com que pisamos o chão ou estendemos os braços ao amigo, que se avizinha. //

Sim; um grande sorriso de excesso brinca à superfície das cousas, promana do coração ideal do Ser: é na amplidão do azul imaculado uma só nuvem de neve a deslizar, o lento crescimento da água bolhosa, trépida e cantante sobre a haste que encontrou, o anjo-da-guarda que vela as crianças adormecidas, a açucena do vale que não fia, nem tece, e traja melhor que Salomão.

74

Mas a nuvem pode enegrecer, multiplicar-se, e, sobre o azul, tapando-o, farrapos lamacentos desenhavam figuras de tédio e vício, como em nossas almas certos pensamentos obsidianes escondem a claridade profunda.

¹ Avenarius.

E sobre a criança que dorme pode a Morte abrir as asas e, tapando a altura, pôr-lhe na face, em vez do sorriso resposta, conversa com o céu, o suor da angústia aflitiva e dolorosa.

Depois, depois... só um movimento quixotesco da vida pode iniciar novas confianças, é da vontade amorosa, da boa vontade moral, que nascerá a onda de exaltação vitoriosa.

Quer dizer que, se a vida guarda sempre um fundo de indiferenciação, nos momentos solenes é das mais nobres altitudes diferenciadas que parte o apelo à Unidade.

É o que em nossa consciência se revela como experiência-síntese, unificação de todas as experiências parcelares.

75 Essa experiência-síntese é sempre desbalizada, aberta a novos horizontes que cada experiência // rasgue, que o próprio movimento de total unificação venha a encontrar.

O indeterminismo residual é a face da liberdade cósmica, sorrindo às nossas liberdades diminutas mas ansiosas.

Essa experiência-síntese, porque a procuramos fazer conscientemente, é a experiência filosófica¹ ou metafísica, porque dá a nossa atitude universalista, a nossa reacção total na vida, é também a experiência religiosa.

Dinâmica, *criacionista*, vital, é essa experiência, porque engloba experiências secundárias progressivas e porque ainda que estas fossem perfeitas, ela é uma vontade de harmonia na acção, de concórdia no trabalho, de mutuação perfeita, de perene conservação dos melhores valores.

Como se faz essa experiência?

Como todas as outras e com todas as outras.

Qualquer experiência se faz, já vimos, com a interrogação intencional, *simbólica*; a conceptualização do pensamento procurando o ser.

O pensamento mínimo é objectivo e não objectivante.

A sua realidade aparece-lhe imediatamente com força de ser, objectivada.

76 Os erros, as contradições, levam-no a uma consciência de si e da sua acção, que retira o // valor absoluto de objectividade às representações² [1] imediatas.

¹ Teorias de conhecimento e demais disciplinas são material para a grande experiência que nos dê a última face do ser; para a experiência metafísica, pois.

² Por um lado seria preferível dizer apresentações; mas elas são já, de facto, representações.

Depois o critério de objectividade está nas leis dos representados e não na sua existência pura e simples; é sempre o caminho da perfectibilidade social.

As representações ligam-se e valem pela forma do abraço unificador; não são objectivas por si, mas por força duma lei objectivante.

A tendência ao imediato objectivismo inicial surge sempre que o pensamento se desatende e simplifica: tal é o poder das sensações absorventes, dos monoideísmos provocados ou espontâneos, hipnóticos ou patológicos.

O dinamismo alucinatório dos estados de consciência isolados mostra bem a essência originária da representação ¹ [2].

A primitiva objectividade perde, pois, o seu valor de conhecimento e é a objectividade-relação, sistemática e legal, que é a medida da realidade.

A certeza científica é desta categoria e ela só consentirá a primeira naquilo em que forem de acordo.

Ora a única realidade que fica do imediato é que há actividades a que temos de adaptar a nossa acção. //

É, com efeito, o que há no fundo da nossa apreensão.

77

No início e no fim, imediato e mediato.

A ciência pode supor-se, com os rigoristas da logística, uma relação de símbolos imperfeitamente definidos.

As *existências* (ontológicas?) seriam esses símbolos, a ciência o sistema daquelas relações ou leis. Mas como se definem esses símbolos ou existências?

Por novas relações ou leis, de modo que por último a realidade é um sistema de relações de símbolos de ser, cuja definição se fez na acção e pelas leis dessa acção, restando para cada símbolo a simples noção de actividade em geral.

Quais essas actividades e o condicionalismo do seu agir é obra da ciência, ou antes, do pensamento conceptual.

Assim se revela desde o início que a realidade é uma interacção de actividades em que a actividade que conhece é imprescindível.

A distinção posterior entre sujeito e objecto deve ser estudada no sentido de procurar saber o que há de próprio em cada um desses conceitos, para evitar separações forçadas ou ver se

¹ Compare-se com o que adiante diremos sobre os casos mais elementares de personalidades múltiplas.

tais conceitos só traduzem a realidade da relação sujeito-objecto, isto é, se existe apenas a reciprocidade unitária e não o dualismo.

78 Se, com efeito, só pudermos achar para núcleo do sujeito um ponto de actividade, ele só será real // através das obras da sua acção, isto é, na relação com a actividade do objecto.

É o que, com efeito, acontece e a experiência revela.

O kantismo é uma procura da possibilidade da experiência, como se a experiência precisasse de explicar e justificar a sua possibilidade.

A experiência é, e a sua existência é que explana os seus modos de ser.

Nada a excede, o seu caminho faz-se, não é obra dum *fiat* transcendente.

Tudo o que se pretenda encontrar isoladamente do lado do sujeito ou do lado do objecto é esquecimento da unidade funcional sujeito-objecto.

Kant tira do lado do sujeito certas formas da sua actividade cognitiva; fica, depois, o objecto a oferecer a única face que nelas caiba e condiga.

É o objecto, já por construção conhecido, fragmentado em luz e sombra, em face voltada para o sujeito e absoluto incognoscível.

A relação sujeito-objecto vinga-se, exigindo uma superior unidade misteriosa que seja a *cousa* em si, o noumeno tornado irreal pelo seu absolutismo.

Outros atendem só ao objecto e eis que, com ele, querem construir o próprio sujeito.

É toda a metafísica do materialismo.

79 Essa tentativa vai passando, porque o sujeito é feito de acções com o objecto, de modo que é // sempre possível encontrar em cada momento da história do sujeito vestígios do objecto.

Mas o que é impossível é encontrar o objecto¹ puro, pois na mais ligeira percepção ou sensação vai implícita a actividade que percebe e sente.

O que ilude é a fácil metáfora de representar a realidade como uma equação $f(x,y) = 0$, em que se supõe poder separar o x irredutível do sujeito e o y do objecto.

¹ O objecto puro seria um só lado da actividade, que é sempre acção e reacção. O meu filho agora mesmo me diz, arrastando um cesto: «Oh, Pai: este carro puxa-me para trás».

Sendo assim, supõe-se que para um valor constante de x se determina o valor de y ; mas o que é artificial é a decomposição (x,y) ¹ da realidade: o x e o y fundem-se, misturam as águas como lagos da mesma densidade.

Há, no entanto, a possibilidade de atender ao xy constante, permanente para todos os conhecimentos razoáveis.

É essa realidade que compete essencialmente às ciências, sem que isso queira dizer que o x não exista implícito no xy construído.

Quando o físico me afirma que a sua melhor e última realidade é uma certa qualificação do éter, não é isto uma grande arquitectura de pensamento? //

O que há de objectivo em tudo isso?

80

A certeza que o x ²^[1] de todos os homens, repetindo a experiência total da mecânica, da energética e da electromagnética, será levado ao yx , que é o éter e sua determinada qualificação.

Mas será levado necessariamente?

Não; poderia achar outro simbolismo conceptual, arcano de outros movimentos de pensamento, simplesmente esse simbolismo seria mais ou menos elegante, racional, isto é, de melhor ou pior harmonia interior.

No cabo é uma opção estética e até moral, pois é interessada a vontade de harmonia.

Quer isto dizer que jamais se regressa ao ingénuo objectivismo da apreensão imediata a vencer as teorias.

De modo que cada campo científico experimental é por último uma teoria, um sistema de conceitos, virtualidades de pensamento, que, actualizadas, são o seu movimento progressivo, harmónico e concordante.

A experiência filosófica não é mais que a ligação destas teorias e das outras experiências pelos seus laços naturais, a sua coordenação mais perfeita, de modo que as realidades se penetrem e concordem.

Unificação imanente ao todo, pois a realidade síntese deve sair daquelas realidades, que as experiências demonstraram. //

A realidade suprema pode prelevar, ser transcendente a alguma ou algumas experiências, nunca originalmente o é a todas.

81

¹ Artificial: a divisão em mental puro e material puro, não a que veremos adiante quando tratarmos o problema da consciência.

² Teórico, porque o concreto é sempre xy .

Este problema da transcendência requer uma demora atenta.

Em Kant vemos aparecer o transcendente e o transcendental, ambos superiores à experiência; um condicionando a própria experiência, outro excedendo-a por totalizações feitas por ideias da razão e que em relação à experiência não têm valor orgânico, mas somente regulador.

Já vimos a invalidade dum apriorístico condicionalismo da experiência. Quanto às ideias da razão não são elas meros produtos funcionais da nossa actividade pensante, Kant é que as deduz artificialmente, fazendo-as nascer como totalizações de artificiais e isoladas experiências e interferir mais tarde com os postulados da razão prática.

De nada servem tais ideias, nem como organizadoras, nem como reguladoras; se, com efeito, serviram, é que o seu valor e origem não são aqueles que Kant lhes atribuiu.

82 Wundt tem também a sua teoria do transcendente filosófico, que mais não é que uma // generalização da teoria da transcendência em matemática.

É o primeiro erro palmar, aliás repetição do vício geral do pensamento kantista, onde findou a originalidade alemã.

É estudar o pensamento na sua actividade nua, no seu funcionamento vazio, e ver o caminho que segue esse pensamento para o fazer lei da transcendência.

Sobre este particular é a matemática a ciência especialmente talhada para nos apresentar o pensamento despido.

Wundt chama-lhe ciência das formas e põe-nos a tirar à intuição o conteúdo: o resíduo é a forma, que a matemática estuda.

O número, o espaço, o tempo até, são para ele formas que na representação têm um número limitado de percepções particulares, mas que a lei geral do pensamento, da associação de princípio e consequência, torna ilimitadas.

Sim; o pensamento as torna ilimitadas, como torna o espaço e o tempo qualitativos das percepções em espaço homogéneo, idêntico e isótropo e tempo uniforme e irreversível.

Esse espaço e este tempo não são a pele das intuições, que o nosso pensamento se limitasse a esfolar, são o resultado da organização incontraditória e harmónica da experiência.

83 O número não é psicologicamente anterior à noção de espaço qualitativo: uma criança, muito // antes de saber contar, numera

vagamente pelo volume dos conjuntos; nem logicamente o número é anterior à noção da irreversibilidade do tempo.

Ora quer o espaço, quer o tempo, são conceitos com conteúdo. A linha recta contém pontos, o plano contém rectas, o espaço contém superfícies, linhas e pontos.

Será o ponto uma forma?

Forma de qual matéria, pele de qual corpo?

E onde está a percepção duma linha recta?

Não são os conceitos mais simples que organizamos sob a imposição da experiência, e que vamos gradualmente adaptando às novas experiências?

Já vimos como a Electromagnética tem de organizar superiormente estes conceitos, e o mesmo faz a vida fisiológica, psíquica e social.

Como poderiam os corpos sofrer contracções numa determinada direcção dum espaço, que, substância ou forma, fosse dado em si?

E como poderíamos universalizar a simples constância das formas da nossa intuição?

Só considerando-as, com Kant, como formas do nosso modo de conhecer. Então, e só então, saberemos que nada virá ao nosso conhecimento fora de tais formas.

Formas tomadas dos objectos da percepção nenhum poder de universalismo podem ter. //

Ora todo o transcendente de Wundt gira sobre este possível universalismo ¹. 84

O transcendente matemático, que, para Wundt, é sempre formal, pode, para ele, ser real ou imaginário.

É *real* quando excede os limites dados na experiência, mas conservando as *formas reais* dos objectos da experiência.

É *imaginário*, quando excede a experiência; modifica os conceitos reais da forma, ou muda as propriedades dos objectos ou junta novas propriedades, dando assim conceitos aos quais já não correspondem as propriedades formais, nem as relações dos objectos reais.

Este transcendente imaginário pode, no entanto, para Wundt, tornar-se real quando encontra uma aplicação real — o que não

¹ Wundt chega a afirmar que os objectos sem tais propriedades seriam incognoscíveis.

se poderá fazer sempre, porque são limitadas as formas reais dos objectos reais e é ilimitado o progresso da nossa conceptualização.

E, para exemplificar, diz Wundt que é indefinido o número de unidades imaginárias que podemos conceber, mas só podemos dar a tal realidade pela aplicação vectorial às unidades imaginárias de primeira ordem.

85 Há aqui um lapso parecido com os célebres decretos de Comte sobre os limites do positivo, // e é o da aplicação vectorial no espaço, que daria realidade de Wundt aos imaginários de segunda ordem.

E porque não aos de terceira ordem?

Porque, na aplicação escolhida, supondo que o espaço real (no sentido de Wundt) tem só três dimensões, mais nenhuma direcção sobra para outra ordem de vectores.

Mas que o espaço da geometria tenha três dimensões é para os géometras, que não são realistas como Wundt, um simples postulado.

E se é indefinido o número de imaginários que podemos conceber, porque é limitado o que concebemos? Simplesmente porque o matemático *não brinca à transcendência*, mas fez um sistema de pensamento, cuja harmonia interior é sempre a razão desse limite ¹.

O primeiro transcendente é para Wundt a *realidade não dada*, o segundo, antes das tais aplicações, uma simples *possibilidade mental*.

Apliquemos a doutrina de Wundt a um exemplo. Suponhamos que se toma para unidade de medida o lado dum quadrado e com essa unidade se vai medir a diagonal; é claro que é sempre possível, dentro das aproximações da medida, achar uma parte alíquota do lado que meça a diagonal. //

86 De modo que a relação entre a diagonal e o lado do quadrado existe porque a ela se pode, na linguagem de Wundt, fazer corresponder uma operação sobre os objectos. Isto nem sequer seria transcendente.

Pois bem: eu procuro a relação não por tentativas de medida, isto é, operações sobre objectos, e então aparece-me um número irracional a dizer que nenhuma operação finita pode conseguir tal medida e tal me afirma não porque prolongue uma experiên-

¹ De outra forma esse limite seria a contingência dum Ashaverus, que, andando sempre, sempre tem andado um número limitado de léguas.

cia sobre objectos, mas porque se substituiu, a esse empirismo grosseiro, a verdadeira experiência do pensamento determinante que encontrou as verdadeiras relações.

E não vale dizer que trabalhámos mal sobre os objectos, pois que sempre fica de pé que o transcendente é a verdade e o empírico é o erro.

Há um possível de *facto*¹ (aqui o cepticismo de Wundt é mais uma vez parente do de Comte) que é *mentalmente impossível* e um *possível mental* que nunca poderá corresponder a objectos (nunca contaremos um número irracional de estrelas) mas a relações.

Mais complicado seria o caso dos números, que os matemáticos chamam transcendentés, como *e* e π .

Será o transcendente real ou imaginário? O // número π mede o comprimento da circunferência com o diâmetro — operação possível sobre os tais objectos; mas ele não será atingido jamais numa contagem. É o transcendente real. 87

Mas agora eu vou demonstrar que ele não pode ser nunca um número algébrico — transcendência imaginária.

Mas eu andava muito preocupado com o problema prático, o mais *facto possível*, de quadrar um círculo e, depois de perder um tempo inútil, resolvo sair do imanente e até do transcendente, simples prolongamento vazio do conhecido, e vou ao transcendente imaginário, com a esperança no seu maior saber, e ele resolve-me o problema, demonstrando-me a impossibilidade de tal quadratura² [1].

A virtude *realizante* veio do imaginário; cabe isto no formalismo-cousa de Wundt?

Wundt é um realista pecaminoso, pois lhe falta a ingenuidade do realismo pagão e idólatra do povo.

Há na obra de Wundt uma grande cópia de factos e saber, mas a assimilação é superficial, o que dá aos seus livros um como que aspecto de roteiros noticiosos do viajante em Filosofia.

É um neo-escolasticismo, que é talvez o aspecto exterior do trabalho próprio de clarificação, // mas que retira a uma comoção, o frémto alado da unidade interior, que enlaça, e, no extremo duma dedução, põe sangue palpitante noticioso dum centro vital. 88

¹ O que bem mostra ser o *facto* uma menor realidade perante um *facto* mais teórico, analisado e científico.

² Para maior desenvolvimento ver o nosso *Pensamento Criacionista* página 175 e seguintes [pp. 269 e segs. desta edição, vol. II].

Esse neo-escolasticismo traz um grande perigo didáctico, pois se oferece facilmente à memória verbal dos estúpidos, que assim mimetizam a vida e o pensamento.

É ainda um parentesco com o positivismo de Comte, cujos discípulos nem estilo próprio¹ conseguiam ter.

É ainda isto explica que o *esoterismo germanista*² do nosso ensino nunca encontrasse no seu caminho a figura simpática e *viva* de Eucken e escravizasse gerações não ao psicólogo Wundt, mas à esférica suficiência do filósofo.

Já que para o incidente viemos, é de notar, entre nós, o desprezo e a ignorância oficial do pensamento filosófico francês, que é hoje essencialmente dramático, sério, profundo e religioso.

É a insuficiência da ideia política de liberdade, exigindo longínquas raízes metafísicas.

89 É o espírito imortal da Revolução, rebuscando // a consciência da sua imortalidade, procurando no Infinito a essência da sua luz histórica.

Mas regressemos ao problema do transcendente.

O transcendente filosófico poderá ser real e imaginário, ou só será legítima e púria a transcendência real?

É o que Wundt discute, concluindo pela possibilidade condicionada das duas formas de transcendência.

Para a transcendência formal real acha Wundt que a mesma necessidade de conexão incontraditória, que fez o prolongamento na matemática, o pode fazer fora da matemática; assim é que a causalidade dos fenómenos exige um progresso, que transcenda todos os limites dados empiricamente.

A transcendência formal imaginária também é possível, pois que das *imaginações* filosóficas algumas cousas vão ficando, como por exemplo, o princípio da continuidade de Leibniz.

«Uma cousa, irreal em si mesma considerada, pode projectar luz meridiana sobre os conceitos a que nos leva a realidade».

Como ninguém sabe o que é uma cousa em si mesma não se entende o que é esta *irrealidade explicativa do real*.

¹ Esta observação diz-nos a memória que é do grande e modesto pensador Sampaio Bruno.

² O germanofilismo, quando não é reaccionarismo político consciente, é, em Portugal, um gesto da atitude idólatra, adoração da *quantidade* inqualificada, dum grande parte dos portugueses. O canhão monstro é uma criação ritualista da religião da Quantidade.

Não será antes (perdido o vício realista) a própria unidade do real, as relações, que o constituem, que são em sistema esse *irreal* de que fala Wundt? //

Mas continuemos.

Resta saber se estes transcendentais podem atingir conteúdo, pois a matemática era vazia e aqui há miolo.

Wundt depois de achar o caso difícil dá-se a alegria duma resolução afirmativa.

Dá mesmo regras para afirmações positivas não só a respeito dos elementos formais, mas também do conteúdo material da conexão metaempírica das cousas.

«Quando o conteúdo está condicionado pela forma, quando uma conexão feita pelo princípio da razão suficiente excede os limites da experiência». Pela primeira regra pode-se atribuir universalidade aos princípios da mecânica embora não sejam meramente formais.

Donde vem, então, essa universalidade?

Porque a forma determina a matéria?

Mas isto não significa nada.

Qual é a forma, qual é a matéria e onde, na experiência, nos *objectos* ou na dependência conceptual, está o laço de subordinação desta matéria àquela forma?

Como é que o espaço e o tempo determinam as propriedades da matéria dos princípios mecânicos?

O que há no espaço e no tempo que *obriga* o determinismo do movimento? Não será o contrário? Como é que o espaço e o tempo em frente um do outro se relacionam e complicam em equações diferenciais? //

Erro, erro completo, a que é preferível a parcial verdade de A. Comte. 91

Que universalismo podem ter tais princípios que fora da experiência, que traduzem, nada dizem?

O seu universalismo é por nós transportado não a possíveis experiências distantes e ignoradas, mas está no seu próprio condicionalismo acompanhando-nos.

O transcendente de Wundt é um eco sem fim das mesmas palavras, é uma concupiscência de inquieto pensamento, repetindo-se, repetindo-se sempre.

É universal dentro do seu significado mecânico e, em relação à experiência possível, nós só sabemos que, não havendo organização superior do seu determinismo, isto é, sendo a sua realidade do nível mecânico, valerão os princípios da mecânica.

Mas há mais: todos estes transcendententes da primeira regra seriam, com efeito, da segunda, pois é o princípio da razão suficiente que os organiza.

Em que consiste esta transcendência?

Na aplicação contínua e indefinida da causalidade à conexão dos fenómenos.

Mas isso não dá transcendência nenhuma em especial, isso leva, *como desde o início do pensamento*, a hipóteses explicativas. *E aqui é realmente o nóculo da questão. //*

92 É a própria *noção de certeza* que se discute.

Para Wundt as hipóteses são simples processos auxiliares; para um pensamento, que tem consciência do seu funcionamento de relações conceptuais, as hipóteses podem ser essenciais.

Wundt pensa poder trazer os conceitos a uma sanção intuitiva, quase justalinear, o que depois de feito torna as hipóteses em realidades.

Mas o que é verdade é que os conceitos se sancionam apenas pela harmonia do sistema de pensamento em que vivem, sistema de que faz parte o acordo entre o que eles dizem e o que vêm a dizer as percepções conceptualizadas da consulta experimental.

Não há uma hipótese de conceitos e uma experiência de puras intuições ou objectos, que se adaptem e acertem; mas a hipótese é, na estrutura, origem e consequências, feita de conceitos e relações lógicas.

Pode dizer-se que toda a realidade científica é hipotética; isso quer apenas dizer que não há argumentos imperativos e necessitantes, mas que a realidade se toma pela harmonia de pensamento, excelência e elegância, que a constitua.

É assim que é possível duvidar das normas euclidianas da geometria, mas então todo o edifício científico teria de modificar-se e a selecção racionalista, que é estética e até moral, faria a escolha. //

93 A transcendência não é mais que o crescimento da obra de organização da ciência.

Essa concupiscência duma causalidade meramente formal, unir sempre e sempre, é impérvia, nada ensina. O que é preciso é saber se a causalidade real, isto é, a união concreta, como ela se faz, é sempre a mesma ou se na diferenciação dessa causalidade vamos achar a razão da unidade que procuramos.

O transcendente filosófico reduzido a hipóteses terá de respeitar a única regra de toda a hipótese: ser a mais harmónica, elegante e unificadora. A hipótese é sempre provisória antes da

experiência; tem sempre alguma cousa de definitivo, visto que todo o corpo da experiência é feito de pensamento escolhido e não necessitado.

A transcendência não tem, deste modo, nada de particular como processo de conhecimento.

Quando certos âmbitos do nosso conhecimento são relacionados entre si, é uma transcendência em relação a cada um, é uma hipótese, um conceito-síntese que os vem unir.

Esta transcendência tem duas faces. Em relação a nós é essa transcendência o resultado do dinamismo do nosso pensamento, que se não pode repousar no já pensado.

Com respeito à realidade é essa transcendência o resultado da adaptabilidade progressiva e descoberta incessante de relações, que o pensamento tem de ir fazendo sempre. //

É o que dá o pensamento como uma actividade socrática, ordenando uma fluente opulência, sempre em excesso sobre os conceitos feitos.

94

Qualquer conceito-síntese não é mais que, sobre o conhecido, uma apreensão que melhor uma, uma hipótese que disponha melhor as relações.

Pela sua origem é imanente, quer dizer, é qualquer dos conceitos mais compreensivos que começa a síntese, mas depois modifica-se pelas novas relações que abrange e nisso está, outra vez, o aspecto *criacionista* do pensamento.

A transcendência está na incessante actividade que remove os mundos e é a maré que eleva as águas, o vento disseminador, a consciência, fazendo, dos reencontros atômicos, uma amiga palavra de conhecimento.

A transcendência está na roxa névoa mádida, que, antes do Sol, é já o seu sorriso, e na última nuvem rósea, que, depois do Sol, é a graça, o excesso sobre a plenitude, caravelas d'oiro num azul mar sem fim, uma quarta dimensão do espaço dando o regaço ao sonho, por onde, em teorias, passam, esperando-nos, os deuses e sátiros e faunos e ninfas, fadas e todos os anjos dos velhos tempos e, em cujos campos elísios, visiono o velho Sócrates, Platão e seus discípulos, dialogando em aromáticas palavras, numa fresca luz de madrugada.

Há uma hora crepuscular em que as formas // se alongam sob o ósculo dum sol tombado, hesitam na luz moribunda e um ar espectral e remoto dá aos seres uma realidade misteriosa.

95

Esse mistério, que envolve a mais frágil florita das colinas e toma o mar e a montanha em seus braços de bruma, é a univer-

sal presença da unidade, que transcende os seres e os abraça, une e fraterniza.

Esse o transcendente; é o Infinito em que mergulhamos, donde destaca a nossa rude presença a unir fios para todas as outras presenças para que se não disperse e apague.

É o infinito da beleza, que nos leva seduzidos; é o infinito do amor que nos comove de dadivoso entendimento.

É um excesso em que singramos, trocando encontros amistosos, acenando, das amuradas, lenços brancos que a brisa enfuna, velas palpitantes, gaivotas altívolas planando numa atmosfera de afectos e palavras, que é alma.

A transcendência é abraço alargado, compreensão renovada e acrescida, alguém diante do qual se fazem novas atitudes de harmonia e cada ser aumenta da comunicativa realidade dos outros seres.

Não é o prolongamento dum comboio em carris que se lhe levantem no vazio; mas o próprio nascimento de mais terra para nova curiosidade e conquista, para novas viagens, portanto. //

96



A síntese experimental não consiste no prolongamento de séries, mas numa relação de todas as séries por termos que as possam unir.

Mais e melhor que Wundt compreendera A. Comte essa relação, que ele fazia pela referência dos dados da síntese objectiva às intenções da síntese subjectiva.

É, com efeito, impossível deixar de rever a experiência moral, isto é, deixar de comparar o que é com o que desejamos que seja.

É mesmo dessa relação entre o que a nossa vontade encontra como realidade científica e o que ela organiza como realidade moral, que resulta a atitude do homem em face da Vida, a sua atitude de responsabilidade total, a sua atitude religiosa, em suma.

A profundidade dessa relação, isto é, a sua elaboração experimental dá ainda a maior ou menor compreensão da síntese. Se, com efeito, nos limitamos a comparar o real científico com o ideal moral, é um simples desacordo que encontramos.

A ciência diz o que é, a moral o que deve ser; parecem pois, estranhas e independentes.

97 É assim para Poincaré, que não leva a // experiência filosófica para além da ligação (pelo vértice ou pela base) científica.

Mais profunda é essa relação no kantismo, onde a ciência toma o fenómeno e a moral atinge o noumeno em pleno coração da realidade — o que indica parte do fenómeno como obra do noumeno, o nosso carácter vindo de nossa escolha noumenal, por exemplo.

Esta atitude de Kant não é mais que o aspecto filosófico e mitigado da experiência religiosa do cristianismo, onde o fenomenal real é apenas a matéria de prova do noumenal ético.

No cristianismo a experiência tinha sido muito mais profunda do lado do ideal.

O real científico era para os companheiros de Cristo, porventura, pouco mais que o do conhecimento vulgar, antes dos métodos e pesquisas teóricas.

Essa mesma primeira realidade dá, no entanto, uma realidade mais contraditória que a da ciência, e, pelo menos, igualmente despida de intenções morais reveladas.

Os valores naturalistas aquilatados pelos valores éticos são negativos.

A moral é uma exigência de valor para a consciência; a realidade, antes e mesmo depois da ciência, *parece* fluxo, gasto, desperdício de consciência. A ciência eleva a consciência sensível pluralista e fruste a consciência intelectual universalista, unitária e lúcida; a arte dá unidade, // clareza e segurança à própria vida sensível. Elevam a consciência ao acume da Vida, e aí a moral *reclama* a eternidade viva.

98

Exigência flagrante que o cristianismo vai resolver negando a natureza e tornando a consciência única e soberana.

Qualquer coisa como o epifenomenismo dos mecanistas modernos. Estes suprimem o termo consciência dando-o como simples epifenómeno da natureza. Para o cristianismo a natureza seria como um inútil epinoumeno da consciência.

Só especulativamente se pode chegar ao Nirvana; numa religião viva, como o cristianismo, fica-se a meio caminho — é assim que a natureza serve como matéria de prova moral.

Em face dessa natureza amoral, só pode a vontade moral mostrar a sua realidade pela beleza das sugestões, desvendando um mundo espiritual diante do qual a vontade não deixará de se apostar em cumprir.

Mas fraca será a eficiência dessa moral se não penetra a natureza. É aqui que aparece a nova experiência-síntese que o cristianismo apresenta.

A consciência vai revelar-se superior à natureza, dominando-a.

O milagre é o método dessa experiência.

Há aqui, no problema do milagre, uma tal soma de confusão que difícil será fazermos entender. O caminho mais simples ainda é o do povo ingénuo, depois de analisado. Para o povo o //
99 milagre é a acção consciente duma vontade dominando as possibilidades naturais. Para os filósofos retóricos, a natureza é tudo — logo não pode haver milagre.

Se, com efeito, não cousificarmos a natureza, ela será um dinamismo a que o nosso pensamento se adapte e nunca poderemos dizer que uma cousa excede a natureza.

Mas tal processo seria inútil para o caso em discussão ¹.

Para o caso, consideramos como natureza, a realidade antes da vontade moral do homem, isto é, a natureza com uma incipiente, ténue e trémula luz de consciência diante da nossa exigência moral de soberania da consciência.

O milagre será, então, a revelação da consciência nos pontos onde ela é naturalmente precária e em desaparecimento.

Uma pedra tomba sobre a cabeça dum inocente, condenado à morte: o aparecimento pedido e anunciado duma força, desconhecida, que desvie a pedra, seria milagre ou quase milagre, conforme o grau de complicação dessa força. Se é um ciclone que passa e desvia a pedra, ainda há que apelar para o acaso, encontro de dois determinismos independentes, dando a resultante feliz. //

100 Se nada de conhecido se revela, incidindo e convergindo, e não há encontro de determinismos, mas uma força, que solicitamos e aparece suspendendo a pedra — o milagre impõe-se como o predomínio da consciência sobre a natureza.

Ora o ponto por onde a consciência melhor se insinua na natureza é a vida; a intensificação ou afrouxamento da consciência é um fenómeno biológico de alcance.

De todas as tentativas de explicação do evolucionismo da vida só aquelas, que contenham maior ou menor lamarckismo, podem alguma cousa para a compreensão do aparecimento das novidades biológicas.

Se as diferenciações se dessem, lenta (Darwin) ou bruscamente (Vries), ao acaso e em todas as direcções, impossível seria a relativa continuidade da Vida.

¹ É claro que não discutimos agora se a nossa vontade poderia aparecer num mundo que lhe fosse absolutamente estranho.

Na própria explicação dos instintos não se pode dispensar um, ainda que pálido, luar de consciência, que ligue os reflexos e fixe as associações, e é até para discutir se integralmente desaparece¹ essa penumbra de consciência depois de sistematizadas as associações em instintos.

A consciência é, pois, uma realidade que só se furta à apreensão clara, fora de nós, porque é *dupla a mediação* com que a ela chegamos.

Porque só a podemos reconhecer por indução // analógica partindo de certos aspectos e porque sendo esse aspecto apenas a ordenação dos fenómenos físico-químicos não pode ser apreendido em si e, incoercível, escapa-se ao nosso desejo de realidades sólidas e firmes.

101

Depois, uma adaptação no sentido das comunicações sensuais embotou a capacidade de comunicação directa das consciências.

A transmissão de pensamento próxima ou telepática é uma verdade de ordem experimental, mostrando que tais virtualidades ainda existem. A psicoterapia revela também o ressoar efectivo da consciência no seu apoio físico.

O hipnotismo experimental não lembrará, como a selecção artificial o fez a Darwin, um hipnotismo natural, que determina os instintos pela fixação do esboço de consciência em certos e parcelares interesses?

Friccionando mais um bocado de resina, é mais um potencial eléctrico que aparece; desarticulando o automatismo dum hábito é mais um potencial de consciência que aparece a recompor.

Não há no organismo humano instrumentos que trabalham à luz da consciência, outros na penumbra da consciência e outros inconscientemente?

A vontade consciente já não pode normalmente insinuar-se em certos músculos, dirigindo-os; mas, mesmo aí, há misturas e os limites não são absolutamente rígidos. //

E órgãos, que aparecem abandonados do poder da vontade, são de novo por ela dinamizados em casos especiais e por uma volta apropositada da atenção.

102

Quando a consciência reaparece, aí onde a natureza mais lhe é estranha e afastada, é o milagre que surge.

Isso explica o facto das doenças terem sempre aparecido aos religiosos como consequências de ordem moral, isto é, de cons-

¹ Ver E. Perrier.

ciência que se fragmenta e desperdiça, e as curas como um apelo ao invisível espiritual para que acorra com os seus poderes.

Na experiência do cristianismo, Cristo, condensador de consciência, formidável concentração da vontade invisível, perpassa curando os doentes pela imposição das suas mãos piedosas.

Mas o maior e solene desmentido que a consciência pudesse dar à aparência natural seria a vitória sobre a Morte.

A Morte é, com efeito, a maior brutalidade da natureza; por ela a consciência aparece impedida a meio da sua organização ascendente.

Por mais insignificante que fossem os valores espirituais dos primitivos ou dos selvagens, nunca eles admitiram de boamente a morte.

A mais insignificante actividade de consciência protesta contra o aniquilamento.

Quanto mais, quando essa actividade se abriu socialmente caminho para a pessoa moral, consciente de si e do Universo onde convive. //

103

Uma vida ia seguindo na criação dos seus valores espirituais, *a curva da consciência ia no ramo ascendente*, vem a morte e esconde essa consciência.

Contradição flagrante e trágica a que a experiência religiosa responde fazendo reaparecer a consciência oculta.

A vitória contra a Morte será a valorização plenamente garantida, *o esforço para a consciência justificado e assegurado*.

Cristo vence a Morte: ressuscita Lázaro, e, morto, reaparece às mulheres que iam a embalsamá-lo, aos discípulos a caminho de Emaús, quando, juntos, ele vem dizer: Paz seja convosco; sou eu, não temais.

Quando, no caminho da vida, de novo levaremos a nosso lado a divina presença, fazendo-nos irmãos, caminheiros em êxtase, entoando cânticos de louvor e alegria?

Quando será connosco essa Paz religiosa e fecunda e pura, quando será cada alma um jardim para a contemplação e colheita das outras almas?

Isto pergunto eu, na minha pobre pátria no momento em que o ódio tapando com as suas mãos de gorila os claros olhos da consciência entrechoca e mata ¹ pela anedota Sidónio Pais — Afonso Costa — Manuel de Bragança. //

¹ Para muitos, incidente; para outros (raros) a maior ou menor beleza da Pátria.

Eis como a experiência religiosa do cristianismo relacionou a consciência e a natureza, a moral e a ciência, e se fez maior realidade.

Aqui se vê a superficialidade dos que acham ótima a moral cristã e por aí se ficam.

O alto valor da moral cristã está em que, no cristianismo, a experiência revelou o predomínio da consciência sobre a natureza, dando uma *metafísica* moral como a essencial e autêntica realidade; é o quixotismo repousado na certeza da vitória, um quixotismo que correu o mundo a endireitar os tortos e as injustiças e regressou com a certeza de que, no Infinito, uma grande mão protectora e amiga retomou a sua obra e pelos séculos dos séculos será desperta e atenta.

A história guardou essa experiência e o combate contra a metafísica cristã só pode vir do lado do historicismo dessa experiência e nunca do dogmatismo da impossibilidade dos milagres, como os definimos, porque isso é precisamente o que se discute e só à experiência compete resolver.

Essas experiências, aliás sem o alto significado que lhes dá a vida sublime de Cristo, não poderão repetir-se?

Não será possível demonstrar o predomínio da consciência sobre a natureza, ou, pelo menos, a sua revelação para além, sob e sobre o vulgar condicionalismo fisiológico?

É o que estudaremos num capítulo próprio.

Nesta relação da moral com a ciência é a // própria realidade que mais profundamente é atingida e penetrada.

É que a relação da moral e da ciência é mais íntima que é costume supor-se e, ainda há pouco, para destrinça, poderia parecer que supúnhamos.

À ciência pertencem os juízos de existência, à moral os juízos de valor — diz-se.

Mas o que dirige a nossa pesquisa das existências?

É a *atenção* que dos primitivos interesses da acção contingente e oportunista sobe aos universais interesses duma acção coordenada e moral.

E a que se refere o valor dos nossos juízos normativos?

Não é à *existência* duma vontade consciente conservativa?

A ciência é desde o seu princípio uma obra moral, pois que nos explana um pluralismo unificado, uma sociabilidade de seres.

Ela é um esforço para erguer sobre o fluxo sensual uma realidade de relações e leis, de substituir ao pirilampo duma reacção actual a tranquila luz da *memória consciente*.

É uma obra e um *esforço da consciência*, em luta pela imortalidade, procurando para além das relações fortuitas as verídicas relações universais.

A moral toma essas relações menos na forma exterior da sua ligação que na intenção das vontades unificantes. //

106 O seu esforço para a consciência é ainda mais firme, pois o que lhe interessa essencialmente é o conteúdo e vida das consciências.

Mas ela fica no caminho do esforço científico para a consciência, é o momento em que esse esforço se aprofunda e penetra a intimidade de todo o real.

A realidade que mais *vale* pode ser a realidade que mais *é*.

O ponto de união da existência com o valor é a consciência, que se valoriza universalizando a existência.

A ciência conhece o hidrógeno e o oxigénio menos na sua intimidade que na reciprocidade de sua acção, ela sabe, no entanto, que essa reciprocidade existe pois que o corpo que resulta do enlace não é a simples adição dos elementos, mas a repercussão de duas actividades que se defrontam e combinam.

Se decompõe esses átomos, ela irá, por último, parar numa certa qualificação do éter que é uma lei persistente e original.

A moral sabe também que cada vontade consciente só se manifesta na recíproca proporcionalidade da acção social, guardando, para si, uma forma, qualidade ou lei criacionista, original e conservativa.

107 Do átomo à consciência é a originalidade duma actividade que ascende, se liberta, exprime e universaliza. A consciência é uma qualidade, um átomo de ser, de afinidades ilimitadas. A ciência // conhece actividades que se limitam a reagir identicamente — as reacções newtonianas revelam as relações mais superficiais dos seres, o seu universalismo é apenas em extensão.

O universalismo da consciência é em extensão e compreensão.

Primeiro é a consciência mais próxima das actividades electivas com afinidades de grupo, tribo ou nação, depois é a consciência a actividade de totais interesses, em superfície e profundidade.

O nacionalismo exclusivo é química social, o socialismo sem qualificações nacionais é simples mecânica social — a compreensão limitada, exclusivista e a extensão superficial, identificadora. A tendência das generalizações científicas é para a universal extensão, a da moral independente para a universal compreensão;

mas nem se pode compreender sem tudo abraçar, nem unir sem penetração em todas as dimensões.

A moral e a ciência completam-se e convivem: a vontade, sem luz, perde-se; a luz, sem atenção que a guie e conserve, apaga-se.

E a Arte?

Não terá ela de trazer à experiência-síntese as suas realidades experimentais?

A sensibilidade estética ¹ é também uma // especial coordenação das sensações, como a vontade moral o é das tendências e desejos.

108

As sensações são sinais da realidade; é, por isso, que, desde o início, a ciência é uma *simbólica*.

As sensações valem também por si, quando a atenção se pode demorar sobre elas mais que para conhecer as actividades que elas assinalam.

É aí que começa a arte.

Na ciência o caminho é da sensibilidade para a conceptualização, para regressar à sensibilidade a confirmar o significado intelectual dos sinais sensíveis; na arte o próprio símbolo intelectual só vale pelo cabedal de riqueza sensível, que contenha.

Uma sinfonia pode ter um alto significado intelectual, ela só é bela quando a nossa sensibilidade a toma e nela se marcam as ondulações musicais como na praia se desenha o contorno da vaga.

A música é o relógio que marca o tempo da nossa sensibilidade: se a vida é deprimida, o ritmo é lento, melancólico, a melodia toma uma só direcção; se a vida se exalta, é o ritmo que se apressa e cada ponto do caminho prolonga-se em superfície e volume, enchendo todo o espaço.

Há uma verdade da sensibilidade que à arte compete revelar.

As sensações avulsas, mais ou menos confusas, ou as sensações de meros interesses // orgânicos não são estéticas, porque a atenção ou vai toda para o seu significado biológico ou mal as toma para si.

109

Só as sensações a distância no tempo e no espaço, com porta de saída para a imaginação e para o sonho, é que podem ser de ordem estética. É isto que aproxima a arte da ciência, mas a arte demora-se no valor intrínseco das sensações.

¹ A descoordenação científica dá o erro, a moral o crime, a estética o feio. A loucura é esta tríplice desconexão.

A ciência substitui aos sentidos demasiadamente interessados, imediatos, os sentidos mais sociais.

A inércia que é certamente sugerida por uma primeira impressão de tacto é dada em termos de movimento que a vista irá receber: ao encontrão, a balança, a queda em frente da régua e do relógio.

O gosto e o olfacto são já sentidos que na química prestam, pelo menos provisoriamente, alguns serviços; são sentidos que possuem algum valor artístico.

O aroma da esteva, das bordas floridas, das moitas, dos outeiros dá uma larga expansão à nossa sensibilidade, alargada sobre o perfumado ambiente, que a solicita.

O desmaio com os perfumes excessivos, bem paralelo ao espasmo sexual, é o prolongamento desse inconsciente movimento de desegoização que inicia a estética do olfacto.

O próprio gosto pode dar sensações estéticas; para isso é preciso, porém, que o paladar seja inocente. //

110 Ninguém chamará estética à sensação do animal, que devora um leitão; mas todos sabemos que uma das maiores alegrias estéticas consiste, em pleno campo, num bom trago de água límpida, filtrada das entranhas da terra para as entranhas do homem sequioso.

Uma das razões ocultas do respeito que, apesar de tudo, merecem os naturistas está na inocência de sua alimentação — pastar é ainda um dos mais ingênuos sonhos do poeta incipiente.

Quanto leitor verdadeiro será capaz de afirmar que nunca teve um sério desejo de trincar cerejas e gostá-las, para além do paladar, na alegria da cor e da simplicidade?

Não há nada de emoção misteriosa no abrir duma romã de pequenos grânulos sanguíneos, acadrimados como rubis?

Tirar um copo de água dos flancos duma serra é um acto de piedade filial.

Quando subindo o Marão, quase ao alto da estrada encontro uma fonte, eu me amamento da grande Montanha amiga, que, nos longes da minha infância, surge, refulgindo de imensas vestiduras brancas.

Essa água traz em dissolução segredos íntimos da terra, e eu, que sempre amei os céus e a liberdade mas também sonhei belos caminhos subterrâneos, recebo notícias do coração maternal da serrania. //

111 Se a inocência é completa até o tacto pode dar grandes alegrias estéticas.

Não é preciso explicar as carícias maternais ou paternais como superproduções da sexualidade; a simples alegria do tacto, pondo os seres em comunicação desinteressada, basta a explicá-las.

Mas quem não sentiu a alegria de (a despeito do frio e sem necessidade fisiológica de asseio) flutuar à flor dos rios, passar sob os salgueiros, enlaçar as águas, abrir nelas, e a prumo, a forma erecta do seu corpo?

Que voluptuosidade estética não é a do nadador, vogando, como adormecido, no fluídico, assíduo, ubíquo e insistente abraço das águas!

Oh, a alegria de nadar!

Os sentidos de maior valor estético são o ouvido e a vista.

A vista ilimita a sensação e as notícias de metros de ambiente chegam de milhões e milhões de léguas, correndo séculos e séculos para nós.

É pela vista que compreendemos a sociabilidade na distância e começa o desejo a encher todo o espaço de comunicação e posse.

Quando a criança fita e reclama, em choro, a posse da Lua, há um instantâneo preenchimento das distâncias, a presença e companhia.

Para quem será menos imaginável a alegria da luz — para o cego, ou para quem sempre a viu?

É precisa uma longa noite de terror e insónia para percebermos dignamente a luz purificadora. //

O homem flutua na luz, quando ela lhe falta, dorme; mal sabe, pois, que a sua maior companhia é obra da luz, que, pela luz divina, caminha em pleno coração do infinito.

Há idolatrias simpáticas pelo que revelam de atenção acima da mediocridade adormecida.

Eu conheci um homem, em Vila Real de Trás-os-Montes, dono do café da terra, que se ofendeu um dia que, numa conversa de professores do liceu, ouviu falar nas manchas do Sol.

Para esse homem o sol era a luz; era imaculado, puro e divino. Observei depois que lhe espiava os passos, conhecia bem os seus movimentos em declinação, procurando-o a horas certas para o adorar silenciosamente.

Era das mais atentas e poéticas almas da terra.

De lá conheci padres católicos cuja idolatria ia para o leitão assado.

A luz é o pincel que pinta o drama na fisionomia das cousas e dos seres. Há faces que condensam sombras e donde às vezes

a comoção divina dum sorriso as afasta e debanda, como da velha ermida em ruínas morcegos assustados sob o primeiro beijo da luz.

A antemanhã vai entornando claridade sobre o mundo acordado em sobressalto de alegria, o crepúsculo vespertino espalha a sombra sobre a face das cousas que recolhem a expressão e se apagam.

113 A alegria é como o sol-nascente, traz os // sorrisos à flor da face; mas eles recolhem ao abismo, quando anoitece e há dor. A luz cai sobre as cousas e elas vestem-se da cor; a cor é o primeiro esboço da voz e da fala.

O dia vai-se erguendo, as cousas vão despertando, e, da linha do horizonte, ao nascente, um coro de virgens róseas caminha para nós; o sol e as oitavas vão subindo e, ao meio-dia, o coro é dentro dos ouvidos o vermelho ritmo do sangue alvoroçado; tomba o sol e, de costas, o coro virginal, tranças caídas, afasta-se levando nas canções a sombra melancólica dum soneto de António Nobre.

O verde é a cor ideal do planeta, é a cor vegetal, onde a vida, se menos consciente é da sociabilidade, menos pecaminosa e opressiva é também.

Uma roseira que tivesse a consciência da livre simetria e do perfume das suas rosas, que as abrisse sob o céu, como nós o mais religioso olhar de adoração e companhia, que cobrisse do seu verde corpo todo o planeta, o tapetasse de rosas-sinais e, com ele, fosse a perpassar os mundos!

114 Quando menino, estive em Penafiel num colégio. Havia uma festa do Corpo de Deus¹ e nessa festa, faziam-se várias danças que um coreógrafo da terra reinventava. Havia o baile dos // turcos, que era o da minha particular afeição. A certa altura partia-se um ovo e saltava um anjo a defender os cristãos assaralhados pela prisão duma rainha, que (dizia-se entre os colegiais e em voz baixa) era uma meretriz da cidade.

Pois bem, essa imagem está-me obsidiando; consintam-ma, por isso. A luz bate nos corpos e de dentro, como o Anjo do ovo, ressalta a cor, intimidade revelada e patente.

A alegria da luz, da cor e do movimento é tamanha e directa que se queremos repensar a nossa alegria infantil, é um jardim

¹ Esta metafísica católica é por vezes desconcertante.

que evocamos com borboletas de magnífica coloração, faiscando ao Sol, de flor em flor.

A luz pura que embebe e banha os corpos, a luz em que eles tomam vulto de presença é o grande oceano em que vogamos extáticos.

A luz reflectida e refractada do meu Norte é dramática, conflituosa, luta de individualidades que me tentam a retina, pluralista e múltipla ela ergue os corpos em esforço social; a essa luz eu evoco aquela outra luz duma tarde de Évora, a velha cidade de Sertório, luz amiga e igual, monista e acalentadora, em cujo seio infinito eu senti a minha alma religiosa banhar-se em cósmica e universal fraternidade.

À luz dantesca das minhas montanhas, dos bocos e furnas, brejos, recessos e debroamentos, eu lembro a luz alentejana, ampla praia-mar, de // imensas campinas sem esconderijos, de ampliados e macios contactos amorosos.

115

No som é mais íntimo o casamento com o planeta.

Tudo vibra e murmura. A molécula abalada do mudo equilíbrio em que se encontra, lança, no ambiente, a *forma* da sua inquietação e todo o espaço a repete comovido.

A vida e o movimento têm a sua linguagem: é o som.

E cada corpo esboça a sua individualidade no timbre da sua voz.

A luz amanhecendo toca a epiderme da terra, tudo sussurra e canta, na voz da cotovia vão notas de luz filtrada, reenviada a prumo da terra ao longínquo azul; na luz meridiana a terra atordoadada zumba, e o canto delira alto; à noitinha a vida e o movimento vão cessando num murmúrio recolhido como a voz que se fora afogando no cavername do abismo, os seres tombando no misterioso poço do isolamento.

Como o éter embebendo todos os corpos os liga e destaca nas suas comoções luminosas, todo o planeta os banha e une e abraça nas comoções do ar.

Se a luz ilimita, o som é mais familiar e doméstico.

Na fisionomia desconhecida os olhos tomam aspectos compreensivos, mas, se nos fala a língua maternal, a compreensão foi da superfície aos // mais recônditos movimentos da alma, o entendimento fez-se amor e adivinhação.

116

A elasticidade¹ do ar, repondo-o no primitivo estado, permite a conversa e o acordo dos sons.

¹ J. Jaurès.

Se o ar levasse a sua diferenciação mais longe seria impedida a comunicação musical dos seres.

Esta parte de indeterminação dos meios ambientes é um outro aspecto do carácter social da realidade.

Não só os seres falam, como *aprendem* a falar: há sons que se hostilizam e eliminam, há sons que concordam e se casam.

Quando às trindades o sino da aldeia finaliza a tarde, uma cúpula de melancolia humana, nostálgica, piedosa, de universal fraternidade, cobre toda a paisagem e é como a bênção da nossa ternura sobre as amizades do planeta.

É a voz do metal impregnado de sonho humano, é o apelo a que já milhares de corações responderam, e o misterioso enternecimento que nos cresce do íntimo modelou as fibras do metal inerte.

117 A terra possui-se exteriormente, como unidade, cinge-se no eléctrico abraço equatorial que a magnetiza; o planeta humaniza-se, possui-se em amizade humana, no sonoro abraço do *angelus* em // que o coração do homem, o metal, os gados, as árvores, as flores e as rochas ressoam a mesma comoção.

O homem, antes de falar, canta; e, se hoje quer dar à fala um valor de comunicação, que, para além dos homens, o ligue com as cousas, é de novo pelo canto que se exprime.

O canto é o melhor acto de amizade da Natureza e do homem.

No canto a palavra, que flutuava sobre os lábios como alígera vela sobre o rio entumescido, é mergulho e sonda, atravessando rio e terra a procurar o céu do outro lado das águas.

A origem da palavra é de ordem estética e ainda hoje isso se pode verificar.

Se o avô álalo, que nos precedeu, não fosse, como os outros corpos, um ser musical, como começaria a palavra?

Os sons e ruídos cercavam-no, obsidiando, insistindo, indo morrer em vagas aéreas de encontro à sua atenção desperta e ele, como a lira presa dos salgueiros, ressoava de tanto movimento convidativo.

118 Os frémitos do ar transportando o estremecimento íntimo de todos os seres tomavam-no, e ele, enlevado e comovido, ia reproduzindo as vibrações que acolhia. Assim o monstro álalo ia repetindo o rolar das torrentes, o sibilar dos vendavais e as *interjeições* eram para ele, em corrida, a alegre repetição do movimento que // precipitava as cascatas, ou do desapoderado e fustigante galope da ventania.

A riqueza onomatopeica da linguagem primitiva e da linguagem rude, mesmo evoluída, bem mostram que a primeira palavra é ressonância musical.

A criança ensaia a palavra cantando e o doente, a caminho da afasia, recorda e retoma a palavra cantando.

É um dos momentos em que a vida aparece claramente como uma acção criadora de ordem estética ¹ sobre a qual virá a selecção a crivar.

O canto antecede a palavra que é melhor instrumento utilitário; a beleza criou, a utilidade escolheu.

Lembro, das tardes de estio, o concerto de vozes em que o canto do grilo põe a insistência dum desejo igual e sem fim, o sussurro dos trigos diz a ondulação filamentosa, o contacto segredado de corpos que se tocaram. No ar e ao alto, as aves fazem solidão como a rola, *acentuam* a paisagem, e, navio alvíssimo, nau liliputiana, torrão de açúcar, as pombas levantam notas visuais de castidade e doçura pairando sobre as trocas acústicas da tarde rescaldada.

Ao fundo a água do ribeiro leva outra canção de ligeireza e frescura, gorgolejando nos declives, // espriando-se em sorriso nas pequenas enseadas, e, a um bater de asas mesurado, levanto os olhos para as pombas que se alinham na ourela do regato.

Ao fundo da minha memória surge uma paisagem idêntica, uma página da bíblia, que mal posso saber se estou revivendo ou relembrando.

Começa a canção do crepúsculo, a uma aragem misteriosa e inquieta as cousas entregam os segredos, e, de corpo em corpo, anda o ar a trazer camaradagens.

Hora em que o canto é estremecimento de medo ou mistério, de inquietação e de dúvida; o planeta receia o esquecimento, teme perder-se de si na escuridão da noite.

A noite cai em sombras sobre a terra, que a Morte espreita.

Sem luz ela procura os membros separados, reencontra-se no magnético abraço equatorial e de novo se faz amor e companhia levantando as suas vozes da noite.

Agora o arroio, represado em açudes, prega um sermão de sombras à paisagem adormecida; é sobre o pecado original que fala, sobre o esquecimento e o sono, irmãos mais novos da morte.

¹ Aí nascem as raízes naturalistas da arte, e, portanto, os direitos da arte sobre a natureza.

Insectos, aves, sapos, todas as vozes nocturnas da terra fazem concerto; e os astros olham do Infinito, na distância e no isolamento, olhares que só o homem entende, mas que, porventura, se filtram um pouco na voz saudosa do planeta anoitecido. //

O canto é a mais séria comoção e dádiva dos seres.

Só no canto, as mães, sob o pavor da Morte desdobrando asas negras sobre um filho doente, encontram esperança e alívio, expressão para o seu infinito amor, para a sua infinita vontade de sacrifício e dádiva, que a Deus suplica a troca da sua vida pela da inocência dolorida.

Cantando se aproximam as almas das noivas da hora misteriosa em que se entregam.

Porque será esse canto nostálgico e assustado, contente de si, mas cômico dum sacrifício?

É que o homem conquista e a mulher dá-se; o homem prolonga a sua unidade, assimilando e apropriando, a mulher, parcelar e fragmentária, procura a unidade, além de si, num abandono místico.

O amor pode ser para o homem um assalto, uma referta, um prolongamento da sua fisionomia, é para o conhecido que caminha; para a mulher o amor é a entrega, a partida para o desconhecido misterioso, que pode ser terrível.

Para o homem é o acto, para a mulher a virtualidade.

Por isso o amor tem o seu ritual, e nenhuma mulher imaculada irá para ele sem ritos propiciatórios que o sacratizem.

O amor é para a mulher um acto religioso.

Cantando entravam os primeiros cristãos no circo romano, esperando as feras, que, rugindo, os iam esfarrapar. //

Esse canto era uma mística e amorosa prece, que aos homens anunciava um novo sol de luz pervivente e imperecível.

Se a comunicação sonora é tão íntima que sempre se dirige à nossa interpretação e convívio, é certo também que a pura alegria da sensação nos toma e enleva.

Que diz todo este concerto de vozes que enche o espaço na hora matutina?

Diz luz, diz alegria, movimentos que se cruzam, interferem, casam, e são a simples alegria de cada ser que os toma, os repete e *assim* vibra, *assim* existe.

Há momentos em que nada mais procuramos saber: o mundo canta, nós ressoamos, e a vida é um imenso cântico.

A calhandra recebe a luz e o movimento, que faz o raio luminoso reflectindo-se, é o mesmo movimento que a levanta filtrando-se-lhe pela garganta.

Horas se passam em que o som enche o espaço e um só cântico nos embala e entenece, fazendo uma repousada unidade dos nossos fragmentados vultos.

Vogamos no som como na luz; e, se esta nos coloca em pleno coração do infinito, o som nos irmana adentro da terra numa íntima unidade familiar¹ — o planeta feito lar doméstico. //

Os sons e ruídos que me chegam, aqui e nesta hora solene, interessam-me menos pelo significado que possam ter e ignoro, que pela simples alegria da sua presença levando-me a sensibilidade a uma repetição que os aproprie, fazendo de mim a ressonância do que existe e me cerca.

122

A harpa eólia, a lira suspensa que a brisa misteriosa da tarde, de seio aberto em mil vibrações, toma e dedilha e de suas cordas arranca o canto de toda a terra rumorosa!

O artista é o grande aventureiro do desconhecido, o descobridor dos novos mundos.

Uma criança adormecida que é levada através dum jardim maravilhoso só dela toma as longínquas e apagadas sensações que são o motivo inicial dos seus sonhos.

Não é assim o homem através da natureza, mal abalado por subtis movimentos da sensibilidade para logo equilibrada e indiferente?

O artista é o audacioso mergulhador que prende pelos alongados cabelos flutuantes a entrevista alga, que uma vaga submergiu.

O artista descobre e inventa.

Onde a natureza é pobre ele inventa, observa G. Tarde.

Descobre e inventa sempre, pois que a invenção não é mais que uma descoberta indirecta: como em ciência a experiência é uma observação atenta e dirigida.

O elemento estético é a sensação e o artista // duma sensibilidade obtusa é uma impossibilidade; pode ele ter os sentidos biologicamente medíocres, eles serão mais atentos e delicados.

123

O homem vulgar no meio duma paisagem quase que a olha com meros olhos de utilidade, diz do seu valor climatológico, térmico, etc., depois calcula as suas capacidades agrícolas, compara com outras regiões conhecidas, etc., e mal sentirá os biliões de estremecimentos, que, à sensibilidade estética, trazem as notícias do imenso acordo das cousas.

¹ Ver a magnífica interpretação de J. Jaurès.

Os sentidos são as janelas que a Vida abriu para a natureza.

Era uma região inóspita, onde, por barrocais e algares, uma natureza sem domínio se fizera um lugar emaranhado e tenebroso. Um dia os homens chegaram, as árvores foram podadas, a terra desbravada, os troncos postos a descoberto; começam a aparecer casas e eis que das suas janelas surgem olhos contemplativos, compreendendo a paisagem e, de casa para casa, em conversa amiga, vai um alvoroçado rumor de companhia.

Assim os sentidos que a Vida trouxe à natureza, janelas abertas sobre o mistério, *canais de compreensão*, em cujo curso correm límpidas águas jubilosas, gôndolas venezianas, onde coros polícromizados fazem o casamento das águas e do céu.

124 Uma ampla terra deserta, ao lado um jardim; o vento espalha as sementes, as raízes // conquistam em volta e o jardim estende-se pelo primitivo deserto, que se povoa e vive, fala e canta.

Assim os sentidos, pequenos oásis no Deserto, inícios de companhia na solidão, penetram, assediam e enchem de vozes em troca o espaço que os defronta.

O primeiro valor da arte é já bem alto e misterioso, pois a sensação é o pequeno orifício por onde penetra e se insinua a ampla realidade convivente.

Neste momento pode definir-se a estética como a ciência do prazer.

Prazer, mas prazer comunicativo e aumentando tanto quanto é partilhado; isto o distingue dos prazeres egoístas que não podem repartir-se.

Os banquetes podem ter uma vaga aparência estética, porque, se não há um objecto comum de prazer, há muitos objectos idênticos que distribuem prazer.

Mas para que tal aconteça, ainda é necessário que os convivas se não invejem os bocados, não estejam acossados por fome e possam, de conversa, fazer do prazer do gosto o simples pretexto para o encontro e reunião.

O simples prazer estético, sugerido por um objecto que o faz sentir à multidão contemplativa, exige, no entanto, uma descoberta da parte do artista revelador.

125 Essa descoberta não vai sem uma bem escolhida inclinação da atenção, e, sensação ou // complexo sensível, o objecto estético não é dado por uma fácil e simples apresentação.

É que a sensibilidade estética tem as suas leis: há ruídos estridentes que afastam a nossa sensibilidade, lembrando os gestos dum louco à procura do centro da personalidade fora de si mesmo.

Parece que as moléculas superficiais dos corpos fazem cárcere à sua intimidade, recebendo e afastando as notícias do meio: a teimosia dum misantropo afastando tudo o que o procure.

À medida que a luz cresce a pupila a vai regulando: *para ver e comunicar é sempre preciso medir.*

Se a luz demasiadamente intensa cai sobre nós é a cegueira, que nos escurenta; a brutalidade exterior desbalizada, absorvendo e aniquilando a proporção em que os seres conversam e convivem.

A voz demasiadamente frouxa é um esforço de comunicação social, que mal abalou o ritmo longínquo e atrasado de certas cousas.

O homem está num certo nível de comunicabilidade, não é igualmente distante de todas as cousas e seres; é dessa altura que fala e ouve, é numa certa luz que mergulha a fisionomia.

As sensações estéticas obedecem a esse ritmo de sociabilidade.

Por isso o prazer estético não é o reflexo subjectivo de cousas, mas de leis. //

De resto a própria sensação no seu significado objectivo é já medida, proporção e lei.

O objecto estético não é, como o não é o objecto científico, uma causa; é, sim, um sistema de harmonia, é a lei das sensações estéticas.

Há, pois, um critério objectivo da arte, que permite o acordo dos juízos estéticos.

«A é belo», eis um juízo estético.

Juízo que não obriga a um acordo imediato, como um acordo imediato não obriga o juízo científico «a massa electromagnética é função da velocidade».

E o resultado duma apropriação experimental que, repetida, o faz compreender, como, tal qual, acontece com qualquer verdade científica.

Não é dum acordo de faculdades, como dizia Kant, que sai a universalidade do juízo estético; nem é também, com Wundt e para o que ele chama artes de *livre inspiração*, do formalismo intuitivo que tal pode sair.

Nem há faculdades formalistas, nem uma intuição, que, *a posteriori*, apresente formas universais, como já o mostrámos para o espaço e tempo.

O juízo do belo só é universal no sentido que todo o homem o pode compreender, desde que se faça a experiência que o constitui.

Ele é sobretudo universal no significado em que o é o dever, no sentido social de compreensivo enleamento da realidade. //

Qual é, pois, o *objecto* estético?

A sociedade de actividades que a ciência procura no determinismo da sua acção e que a arte procura no abscondito âmago da sua intimidade.

A ciência pretende prever as linhas da acção; a arte, na acção, pretende apontar o ser activo.

Na conduta prática, o que me interessa é saber se o cão de guarda no caminho onde passo me saltará assobiando, ou me receberá bem chamando-o por um certo nome.

Sob o ponto de vista estético interessa-me ressentir por simpatia um pouco da comoção amiga, que ele revela nas carícias com que responde ao meu chamamento.

A ciência parte das hipóteses analógicas que fazemos sobre a natureza e procura, sob o original, o que há de homogéneo, um denominador comum e simples em que tudo se exprima: da analogia para a indução.

A arte, respeitando a gradação de seres que lhe indica a ciência, busca numa proporcionada analogia, uma *relação* simpática das actividades cósmicas.

A arte é a vida *repensada*, isto é, representada e ressentida, na direcção da maior riqueza e harmonia das sensibilidades reais e possíveis.

E tal é o condicionalismo do máximo de cada sensibilidade — é o *universalismo concreto* de que já falámos na estética e na moral.

128 A vontade moral é um esforço para a // consciência, uma selecção em que o contraditório se exclui; a estética é também uma organização da comunicação sensível, sob espécie eterna, isto é, no melhor e máximo acordo.

É o complemento da moral, pois a comunicação das consciências finitas é sensível, por certo.

A arte dá valor a essa parte da realidade — a concreta comunicação sensível; e, por isso, se pode dizer autónoma.

Autónoma não porque seja a «arte pela arte» e sem vida; autónoma porque é a vida *repensada*, e numa ética intenção de unidade, mas sobretudo atenta à *comunicação sensível*.

É pela arte que a sensibilidade faz as suas reclamações de eterno, a *sua luta pela imortalidade*.

O primitivo realismo da apreensão dá uma estabilidade, uma ingénua convicção de permanência, que, abalada pelas contradições do imediato, só reaparece consciente de si no conhecimento objectivo.

Atingida a objectividade aparecem as exigências de vida imortal. A consciência — relação das relações objectivas — não se compreende transitória e mortal.

Nem com Espinosa.

A sensibilidade das sensações objectivas tem as mesmas exigências de perenidade. Lembro aqui o sincero, hiperbólico dito do mais ilustre poeta // português, num dia em que lhe falava da imortalidade da alma: «não me interessa, o que eu quero é o meu corpo para ir à Brasileira tomar café».

129

Não para ir à Brasileira tomar café, mas para continuar uma existência heróica, sulcada de acontecimentos sensíveis, de dramática comunicação social.

Com efeito, uma imortalidade de simples memória conceptual, em que apenas pudéssemos ter a ideia geral da nossa pessoa, relembrando os nomes dos conceitos, sem que estes pudessem desdobrar e reproduzir a sua sensível virtualidade experimental, seria um fantasmagórico bailado de sombras.

De há muito os filósofos, que se não perdem em abstracções ocas, que não tentam *voar no vácuo*¹, dão às suas hipóteses de imortalidade o complemento claro de que, sendo a alma actividade, ela, sob pena de se não revelar ou existir, terá sempre um sistema de relações sensíveis ou corpo.

É uma conclusão a que psicólogos experimentalistas, como Binet, chegaram também — o espírito como realidade incompleta, existindo apenas incorporado.

Sim; realidade incompleta se o isolam, porque // a realidade é social e essa mesma existência social se traduz na comunicação sem fusão, na unidade sem identidade que é a ligação sensível.

130

O corpo é onde se marca a diferenciação individual; sou tudo o que conheço e só desse todo me distingo pela tonalidade das afecções orgânicas em face da tonalidade das sensações noticiosas.

Aquelas são mais ao alcance de modificações voluntárias, estas são mais reveladoras de que dependo e sou solidário.

Os limites da afecção não são todavia bem limitados e não é preciso lembrar os casos de deslocamento hipnótico da sensibilidade.

¹ Um delambido poeta moderno fala de beijos suaves como o voo das borboletas no vácuo. É uma calinada, que aproveito para provar a utilidade dos estúpidos.

O simples encarceramento ¹, que a todos parece ser uma mutilação, mostra que o nosso corpo não acaba nos limites da pele.

A diferença entre a prisão e o assassinato é menor do que se pensa.

Morrer é, na aparência, perder a relação com as cousas sensíveis; encarcerar é, de realidade, ir desenliçando e extinguindo essa relação.

Porque será que a quase todos repugna assassinar e a tão poucos repugna prender?

131 Por estupidez da sensibilidade; raros, só os // estetas, são os que compreendem que a morte verdadeira é ausência de comunicações sensíveis.

Entreguem as prisões aos artistas verdadeiros e eu lhes juro que eles irão imediatamente abrir todos os cárceres, sem consideração para as feras que possam soltar.

O carcereiro é para uma sensibilidade estética mais repugnante ainda que o carrasco.

Ligar as verdadeiras, as objectivas relações sensíveis, é o destino da Arte, e, de tal modo, que a nossa posição estética adquira concreto universalismo, isto é, direitos de imortalidade.

A objectividade dessa ligação é o belo.

A beleza não é mais do que a relação harmónica das actividades solidárias, uma unificação que se faz pela reciprocidade proporcionada e medida.

A comunicação politeísta dos seres dá a beleza. A arte helénica é essencialmente uma arte do belo.

O encontro dum ser com a grande Unidade, que tudo une e é o seio onde os seres se irmanam, dá o sublime.

O sublime aparece na tragédia grega por um contraste e negação.

132 Porque se não encontrou uma grande Unidade concreta, uma cósmica consciência directora e atenta, tinham os gregos deixado, subjacente ao seu politeísmo sociável, a unidade panteísta, // abstracta e incognoscível, do Acaso, Destino ou Fatalidade.

É esse Destino que paira sobre a tragédia grega escurentando-a com as trevas da sua máscara.

¹ O autor depois de ter feito uma conferência sobre «o significado espiritual da guerra europeia», apresentando esta como uma grande experiência moral, donde sairá um bem concreto desejo de justiça, etc. foi assaltado a tiro e levado preso através das ruas da capital, sob escolta.

Destino, que, sendo ausência de consciência, é o inexorável, o opaco absoluto, o bruto incomunicável.

O Destino é o encontro do homem com os recôncavos tenebrosos da ausência da Unidade.

Sublime terrível, pois nessa ausência se insinua o Nada.

E o Nada é sublime, porque o movimento da aniquilação que o tenta constituir se vê impossibilitado, tendo de frente o ser ou infinito.

O sublime dos hebreus é directo e positivo, pois é a face de Deus olhando os homens: a comunicação estética e moral com a própria Unidade.

Objectivamente é o belo o ritmo simpático que em nós revive e ressentido o frémido das actividades cósmicas, o sublime é no movimento de apreensão duma imensidade como o mar, a montanha, ou o espaço sideral que a consciência cósmica sustenta num acto permanente de posse.

O último esforço estético, sendo a relação harmónica de todos os seres e sob espécie eterna, envolve um sonho de vida infinita, em compreensão e largura, de tal modo que o mais misterioso frémido anónimo e a mais alta exigência moral se lhe não furtem. //

As comoções mais humildes da nossa sensibilidade, as suas menos prelativas solicitações, hão-de encontrar na grande harmonia sonhada um lugar onde o seu valor social diga a sua nota e opulente o grande concerto dos seres.

133

Os mais comunicativos e uníssonos movimentos de piedade ao ler Dostoievski, de par com o fugaz movimento da minha alma que, numa certa tarde, acompanhou na mesma piedade, em lágrimas deliquescentes, o estremecimento dum pobre lírio silvestre, hão-de encontrar o seu lugar de objectiva relação, onde sejam imperecíveis vozes de amizade, ecoando em infindáveis e enterrecidas simpatias.



A experiência estética tem também de ser atendida na elaboração do que chamamos a experiência síntese.

A metafísica que procuramos não está no prolongamento indefinido de qualquer série causal, mas na conexão dos conteúdos das várias experiências que fizemos.

A síntese resultante é hipotética; mas também o é qualquer teoria científica, pois nada prova que outros princípios e leis não possam aparecer suficientemente capazes da organização da experiência.

134 A conexão das experiências mais material // abrange e, portanto, se é feita mais indirectamente, também o seu conteúdo experimental é maior.

Se pelo primeiro motivo ela é menos condicionada e maior lugar deixa para outras possíveis hipóteses, pelo segundo motivo ela, tendo de explicar a coexistência de experiências tão diferentes, não pode deixar de atingir uma séria realidade.

A eliminação de outras possíveis hipóteses há-de fazer-se, é claro, pelo critério da maior elegância lógica, como se faz em ciência, e, como se faz em ciência, uma nova hipótese que surja há-de aproveitar da antiga o seu valor de conexão das experiências, substituindo-a exactamente porque a excede neste valor de ligação e unidade.

No mistério imenso, que nos cerca, nada de definitivo e em definitivos termos podemos afirmar senão a conexão dos fenómenos.

O que hoje é desconhecido pode amanhã aparecer dando um aspecto novo aos fenómenos, mas precisamente porque melhor explica a conexão já achada e a amplia e intromete em mais vastas conexões.

135 O desconhecido não entra sem analogias com o conhecido e, por isso, não há a reear da sua parte o desmentido das conexões feitas; pode apenas mostrar que tal conexão era accidental e resultante duma ligação mais profunda, como // quando uma simples sucessão uniforme é acorrentada a uma ligação causal.

Além disso essa experiência-síntese, sendo de ordem experimental, é progressiva e modificável — o problema do Infinito pondo-se sempre em termos originais.

Progressiva, pois que cada experiência particular o é e tudo prova que sempre o há-de ser.

Cada experiência modifica a sua conexão interior, como novos pontos de contacto se fazem de ciência para ciência e até da ciência, arte e moral entre si.

A relação entre a física e a biologia e a psicologia vai-se intensificando e isso trará para a experiência-síntese novos aspectos ao problema das consciências e suas relações.

Em geral as conexões vão aumentando sempre e chegariam a uma tal intimidade que para o nosso pensamento teriam em bre-

ve o aspecto de *necessitantes* se não fora a descontinuidade e diferença, que sempre as novas descobertas trazem.

É o que dinamiza a realidade e faz da vida um acto de atenção voluntariosa, de outro modo o automatismo seria completo e universalizante.

Nada contesta a futura revelação de realidades muito diferentes, elas serão, todavia e por qualquer aspecto, comensuráveis com os nossos conhecimentos.

O *Incognoscível* é contraditório: é pôr um absoluto que só existe mesmo nominalmente pela // sua *relação* com o *cognoscível*; é supor uma realidade de actividades solidárias, tendo ao lado não se sabe que brutal inactividade, que, por isso, não é e que, no entanto, se conta.

136

Por mais pluralista que seja a nossa concepção da realidade, esse pluralismo só pode *ser* por um graduado interactivismo e só irá sendo desvendado pelas ligações que lhe vamos encontrando com a nossa experiência.

Não tenhamos, pois, receio duma descoberta catastrófica que faça tábua rasa da nossa experiência — entre a corrida e o voo há a transição do salto.

Se um dia a química desse um ser vivo viável e capaz, não viria isso a mostrar-nos que a vida é a pura química actual, mas que a química conseguiu avançar do lado da biologia; e, se um instinto viesse intelectualmente a adaptar-se a novas condições, revelaria também que a consciência assiste às organizações nervosas, libertando-se logo que elas se bastem ao nível social em que se encontram.

Neste sentido é inesgotável o mistério que nos cerca, pois a nossa adaptação depende do nosso desejo atento, da nossa vontade social, que é restrita e sonolenta.

Basta uma grande experiência, pondo a nossa actividade em tensão, para que virtualidades inesperadas apareçam e actuem.

É por isso que a necessidade, quando não // deprime subitamente, é um grande factor de invenções e busca de valores.

137

Quantos valores esquecidos pela memória social não têm reaparecido com a guerra europeia, desde a luz religiosa das almas até à lâmpada de azeite dos lares!

Virtualidades, por vezes, secularmente ocultas.

Donde veio a fleuma, o extraordinário equilíbrio de capacidades, a exacta medida do possível aos exércitos franceses de Joffre?

Não era o soldado francês desequilibrado e impetuoso, convergente no ataque?

Para os soldados da Revolução não foi o impossível o grande factor de realizações e vitórias?

Como é que Joffre o recua em ordem, como mola apertada na sua mão revigorante até à requerida tensão de vitória?

É que a consciência do momento, a *prontidão moral*, se fez, e o génio heróico desse povo descobriu a forma de heroísmo que era a única capaz de o salvar, salvando o mundo e a beleza.

Este é que é o transcendente que admitimos.

Excesso das actividades criadoras sobre as suas criações, excesso de possíveis relações reais sobre as relações já atadas.

Neste sentido há uma tendência pluralista que é boa e fecunda, é sociabilidade tolerante, ansiosa e aberta a indefinidas ligações; mas o fio subjacente, que vai unindo, afirma um verdadeiro monismo da realidade. //

138

Monismo que não pode consistir na supressão das variedades, reconstruindo-as artificialmente a partir duma privilegiada, que seja tomada para única real e autêntica; mas que simplesmente resulte da relação recíproca dessas realidades, da sua interacção social.

Assim a síntese conexiva de toda a experiência, se é modificável e progressiva, é-o dentro das linhas gerais constituídas.

A experiência científica é, como obra da Vida, *o seu maior esforço para a consciência*.

A ciência procura fixar o homem no fluxo das sensações, é uma obra de previdência e economia.

A vida vai-se no oportunismo sensível, e, se não fora a selecção já implícita nos órgãos dos sentidos, ela seria como o cata-vento obedecendo a cada ruído, ignorante de todos eles.

Mas um início de previsão é já no mundo animal o arrebol da consciência.

A formiga agrícola (Texas) cultiva com os necessários cuidados agronómicos uma gramínea, que depois ceifa e debulha, enceleirando os grãos.

A organização deste instinto pode ter ido sem um luar de consciência e memória?

A insuficiência dum estrito darwinismo é sempre revelada pelos instintos complexos.

Como o acaso científico, convergência no espaço e no tempo de determinismos independentes, pode organizar o mínimo viável para oferecer à selecção? //

139

De resto nós podemos assistir à variação e até à criação de instintos, e, se a rápida mudança de condições deixa os animais

repetindo hipnoticamente os mesmos hábitos, uma variação cuidadosa permite uma adaptação, que nos animais sociais, começa, com Tarde, pela invenção individual.

Da criação experimental de hábitos pouco poderemos concluir para os instintos.

O experimentador pode organizar reflexos, pode, por exemplo, ensinar a um cão uma complicada coreografia determinada por uma certa ordem.

O processo será ligar a ordem com o bailado pela mediação dum bom pedaço de carne, que, suprimido, deixará a ligação imediata da ordem e sua execução.

Mas aqui os reflexos, aliás estabelecidos conscientemente, foram dirigidos por uma inteligência exterior e supor que a natureza possui tal condicionalismo é apelar para uma teleologia injustificada.

Os reflexos organizados podem actuar sem réplica consciente, mas a organização de um sistema de reflexos correspondente ao saber agrícola é que parece exigir discernimento e memória.

Sob o ponto de vista da previsão e economia, nota, muito bem, Letourneau a superioridade de certos animais sobre alguns selvagens.

A ciência é essa mesma previsão levada ao máximo; como é também uma indefinida // exponenciação da crença, justificada pelo ilimitado acordo da acção.

140

Quando o homem reage momentaneamente às actividades ambientes nele se vai fazendo a crença duma certa relação e ordem; essa crença é, porém, desmentida a miúdo e pouca é a tranquilidade que dela advém.

A consciência esclarece aqui e acolá a experiência; mas, sem continuidade nem harmonia, é parcelar e fragmentada, sem acordo entre os seus momentos e com as outras consciências solidárias.

A ciência é a procura desse duplo acordo; é, pois, um esforço para a vida da consciência, isto é, uma formidável *luta pela imortalidade*.

Consciência que seja a memória de relações unificadas e contraditórias, e que se faz unidade ao mesmo tempo e medida que consegue o acordo social.

É assim que as categorias de pensamento são de ordem social: de ordem social humana enquanto as relações da consciência pouco vão além da sua sociedade, de ordem social cósmica, quando as relações se universalizam e os interesses são de ordem científica.

A causalidade é uma categoria, porque a experiência nos ensinou que só conhecemos relações das actividades, connosco e entre si, e que, supondo eliminável a relação connosco, nos é possível achar as suas relações recíprocas, entre // as quais, a da causalidade é particularmente interessante.

A primeira tentativa de conhecimento consiste na definição, que vem a ser uma enumeração de qualidades genéricas e da distinção ou distinções específicas.

É este processo que constitui o método dialéctico de Sócrates, servindo para retomar, em todo conexo e harmónico, o conteúdo da nossa experiência. O processo de organização das novas experiências é sempre uma dialéctica, somente a experiência não é anterior à dialéctica, mas contemporâneas, recíprocas, de corpos e almas fundidas.

A definição parte da forma mais simples da analogia.

Um ser social activo relacionado com os objectos da sua acção classifica-os, graduando-os pelas semelhanças e diferenças em relação aos interesses da sua actividade.

É assim que a distância e o movimento com a atenção fixa num único ponto a atingir e no ponto de partida dão a recta euclidiana.

A simples repetição da mesma operação de troca dá o número inteiro, para o qual a medida das distâncias começa a sugerir novas relações, que dão o número fraccionário.

As matemáticas, em suma, não são mais que o relacionamento destas primitivas relações, que indefinidamente a experiência vai sugerindo. //

A livre posição destas relações constitui a experiência matemática, que depressa iria estagnar se não foram as sugestões vindas das outras experiências.

A noção de quantidades no estado variável e suas relações é bem claramente uma sugestão mecânica e física.

Tais relações, base de toda a análise diferencial, são-nos duplamente interessantes: revelam a dependência funcional das variáveis e mostram, pela sua fecundidade, como só na relação experimental dinâmica a realidade se apreende.

O movimento uniforme é uma relação simples do espaço e do tempo.

Feito o movimento, o seu esquema estático é capaz de nos dar a sua *forma* aristotélica, que é a velocidade.

No movimento variado há o desmentido à nossa expectativa, a pulverização da atenção em parcelas multiformes; só a atenção

voltada para o espaço que se veio *fazendo* e para o tempo que veio *fluindo* poderia comparar os mínimos promogéneos e estudá-los na sua nova relação.

Assim a variação total pode vir a aparecer como consequência da complicação da *velocidade*, no entanto atingível e organizável pela *aceleração*.

É a relação de relação, uma sociabilidade mais complexa, um esforço para a consciência mais sério, por mais social e atento.

Diante de movimentos sem *forma*, a // consciência, inquieta, tende a desaparecer, *é um dos motivos do limite da sensibilidade*.

143

Na geometria a linha recta veio levar a todas as figuras a determinação, isto é, a forma social da acção possível.

As famílias geométricas são sugeridas por uma vasta experiência física, mas a sua definição é de ordem matemática e é a linha recta que a organiza.

As secções cónicas podem considerar-se como o rasto, que, no espaço, deixam os astros em comunicação newtoniana; mas essa comunicação é que é uma relação mecânica a que a linha recta deu a *organização social da inércia*.

O facto do movimento natural aparecer aos gregos como sendo circular prova apenas a superfície em que tinham deixado a sua análise, a inatenção para campos isolados do saber deixando-os desligados e inconexos — o que bem mostra a matemática não ser ciência de formas dadas na intuição, mas de *elementos* da realidade.

Ainda aqui ao estático descritivo se substituiu o dinâmico explicativo: as curvas de movimento não são o desenho que esse movimento deixou, mas a *síntese de acções recíprocas*, por isso as curvas regulares da geometria se complicam de novas direcções que as conformam.

Se deixarmos as ciências em que a sociabilidade é mais homogénea e os seres sociais não passam de pontos de ser como as massas // mecânicas, de que os pontos geométricos são como fantasmas de presença, teremos a sociedade heterogénea em que as actividades se dão claras destrinças, inícios de individualismo.

144

Os átomos aparecem como núcleos de actividade própria; a química é o estudo da sociedade atómica.

A afinidade e a valência são formas onde o individualismo atómico se marca; a família e a periodicidade químicas são formas mais ou menos complicadas, relações de relações, onde é mais claro o carácter social das actividades químicas.

A mais simples reacção química é claramente de carácter social — numa molécula de água há dois átomos de hidrogénio e um de oxigénio em activa presença, a água é o resultado dessa interacção.

Se hidrogénio e oxigénio se encontrassem e respondessem, casando-se silenciosos, como poderia a água ser diferente de cada um e de ambos?

É que a conversa continua, a acção prolonga-se e mal podemos imaginar o turbilhonamento do seu nupcial enleio.

Casamento que os une, sem identificação, pois não é difícil o divórcio diante de corpos que melhor satisfaçam as afinidades.

145 As famílias químicas caracterizam-se exactamente por essa possibilidade, havendo sempre um elemento ou radical que pode ser deslocado por apropriadas reacções. Isto bem prova que os // elementos estão presentes no composto, sem fusão nem confusão; mas, activos e prontos, é a sua recíproca actividade que os revela pelas novas propriedades aparecidas.

Da reacção mecânica, simples resposta da existência, à reacção química vai uma vasta diferenciação e enriquecimento social.

O abraço mecânico é uma simples afirmação de presença, o abraço químico penetra e entranha-se.

Não basta, nem remedeia, ir para além do átomo procurar no electrónio o motivo desse abraço.

O electrónio é também, mais ainda, diversificado e qualitativo.

Nesse sentido o que de mais homogéneo se pode atingir é o éter, onde pontos de ser surgem como no espaço do mecânico; mas já o éter de Fresnel é, por sua vez, feito de partículas comunicativas e além disso a qualificação electromagnética do éter de novo introduz o heterogéneo.

Não devemos ser vítimas da ilusão que consistiria em supor o éter homogéneo (ele já não o é) e depois átomos de actividades electromagnéticas idênticas; isso *vai* hoje porque essas actividades estão diversificadas pelo que julgamos ser a sua história, no início seria preciso um *clinamen*, como para todo o atomismo da Origem, *clinamen* aqui bem mais complicado e qualitativo. //

146 As energias trocam-se só em desnivelamento, o *potencial* é a qualidade de cada energia, e de energia para energia vai uma diferença tal que envolve um mundo diferenciado, e bem, para que coexistam.

Não é difícil aos energetistas partindo de princípio de Carnot-Clausius mostrar como, num sistema material isolado, as energias tendem para a intransformabilidade; a sociedade tenderia menos para a morte que para uma trágica e incurável mudez.

Incurável num sistema isolado que não existe, ela seria curável pela bem-vinda comunicação exterior — o que seria no mundo físico o esboço da morte como consequência do isolamento e a ressurreição pela maior comunicabilidade.

E as novas energias intra-atômicas, os possíveis explosivos de energias interiores ao sistema e que, porventura, o equilíbrio superficial desengrenaria?

A própria energia em curiosas hipóteses tem sido dividida em átomos, como nos *quanta* de Planck.

É a dualidade do pleno e do vazio, da continuidade e descontinuidade, marcando o primeiro o carácter social da realidade e o segundo a existência de actividades próprias que se ligam.

Um outro aspecto social da física está na existência de leis estatísticas.

O cinetismo, considerado o Universo como um // sistema físico, seria a explicação mecânica do princípio de Carnot; mas ele é uma simples imagem da realidade, um símbolo mecânico, e o Universo não é um sistema *material* isolado.

147

No cinetismo há partículas com uma miraculosa velocidade própria em permanente bombardeamento, no choque se vão trocando as velocidades tendendo para um equilíbrio longínquo mas fatal.

Mas quem não vê que a determinação das velocidades vem de fora, isto é, que o sistema é de massas idênticas com as quais um X misterioso se põe em relações diferentes, mas tais que passado um certo convívio elas voltem à mera diferenciação da sua posição espacial?

A realidade passaria toda para a atenção desse terrível Deus, jogando num imenso bilhar de, para nós, incontáveis bolas.

Mas, como os sistemas não são isolados, o equilíbrio estatístico só provaria a inércia do sistema em relação aos sistemas que o actuaram.

Aqui, como sempre, é a inércia a afirmação social da comunicação dos seres.

Duas massas distantes são presentes uma à outra; essa presença é a força, que as une.

A fórmula dessa força é uma relação social, mais ou menos complicada, conforme o grau de recíproca influência das respectivas actividades: uma oscilação pendular que se propaga // repetindo-se, a reacção química gerando corpos de propriedade completamente novas.

148

Da reacção igual e oposta à reacção que acrescenta provocando nova aumentativa reacção da primitiva actividade, isto é, reacção repercutindo-se indefinidamente no tempo e acabando por introduzir as múltiplas actividades, que, no espaço, são próximas.

O isolamento de sistemas que a ciência fez artificialmente nada valeria, no entanto, sem que uma tendência nesse sentido fizesse corpo com a realidade.

Há, com efeito, como que um esboço de sistemas, isto é, de sínteses mais ou menos independentes — é o progresso da diferenciação social.

O mundo mineral apresenta, por exemplo, os sistemas cristalinos. Aí aparece, com a classificação, o velho problema do realismo, que não é mais que uma nova revelação do carácter social dos seres.

Certos corpos comunicam dum certo *universal* geométrico; esse universal é-lhes anterior, posterior ou contemporâneo?

É uma causa ou é um resultado, isto é, o género preexiste e determina a espécie ou é a espécie, que, aparecendo, arrasta o género?

A forma geométrica está ligada à constituição química dos corpos, sem que, no entanto, esgote totalmente o fundo de indeterminismo, que, em relação às propriedades íntimas, contém o espaço. //

149 O que há de importante nas formas cristalinas é a lei dos segmentos racionais, que se resume em ser sempre possível achar múltiplos racionais dos parâmetros que dão os segmentos dos eixos, cortados por qualquer face.

Esta lei, que aliás dá margem a um certo nominalismo, pois é sempre possível achar um múltiplo racional que se aproxime, pode vir como consequência de hipótese de Haüy modificada por Bravais.

Segundo esta hipótese é um cristal um conjunto homogêneo de partículas formadas de redes, que se interpenetram.

A rede substitui a primitiva aposição das figuras de clivagem, que, para Haüy, dava o cristal, para deixar intervalos e lugar às acções físicas, etc.

De modo que parece haver uma tendência dos corpos para uma certa simetria, e, dentro de cada sistema, essa tendência afirma-se mais ou menos nas diferentes classes e *habitus*.

A espécie cristalina seria um resultado da adaptação do género, que é a mesma tendência dentro de cada sistema, e, porventura, a mesma anteriormente aos sistemas e simples tendência para a melhor simetria.

Nos seres vivos reaparece o problema e, se é mais complexo, também mais clara é a unidade da tendência biológica.

A classificação biológica procurou sempre sair // dum vago empirismo de relações exteriores e contingentes para relações verídicas e efectivas.

150

No pensamento dum Deus criador ou numa efectiva dependência causal foram postas essas verídicas relações.

Não quer isso dizer que, posta de parte a criação directa, só valha e interesse uma classificação filogenética.

Tal classificação dinâmica será um limite ideal para que tendem as classificações estáticas, mas só estas são possíveis e só elas fizeram nascer o limite para que tendem.

Se a unidade do género¹ não apresentasse as verdadeiras relações, não apareceria a possibilidade duma hipótese causal sobre tais relações: Darwin não precedeu Lineu.

O universal² genérico precede a diferenciação específica?

Existe na realidade o género antes das espécies?

Sim; ele é a unidade de plano do criador, ele será a relativa indiferenciação biológica que na adaptação mesológica se vai especificando.

O parentesco genérico³ de todas as formas // biológicas mostra-se nas propriedades comuns da vida e na forma como ela em linhas divergentes da evolução organiza, para o mesmo fim, meios análogos.

151

É que a sociabilidade se acresceu e, acima da comunicação física, se fez a sociedade biológica.

Cada ser vivo é, na sua primitiva cegueira, um ponto de vida a querer apropriar e assimilar o ambiente, o choque com outras tendências é que, individualizando-o, lhe ensina a sua existência em sociedade.

Cada ser vivo é mesmo um conjunto de tendências, que se cruzam e interferem até um relativo equilíbrio.

Um duplo processo de agregação e desagregação marca o indiscutível carácter social da vida.

¹ Género lógico e não biológico.

² São relativos aos sistemas, estes universais.

³ Quem já viu um pintor fazer do natural uma fisionomia humana, há-de ter notado, com assombro, que antes do indivíduo modelo aparece um esboço de família — a partir do qual poderá ainda sair o pai, um tio, um irmão, um primo, etc.

Um ser vivo superior é uma colônia saída do comunismo primitivo para uma profunda diferenciação, que é, com os sexos, o mais evidente motivo biológico de morte.

Ele é também uma colônia que se desdobra e dá emigrantes para novas colônias.

A palavra egoísmo não pode aplicar-se a um ser vivo porque ele não distingue claramente entre si e o mundo e porque cada ser que destacamos no espaço é uma pluralidade de tendências.

O mais simples protozoário é ainda uma pluralidade de tendências; se o não fora, faltaria o motivo inicial da diferenciação. //

152 Pluralismo a que não falta uma certa unidade, pois cada experiência se coordena e repercute em todo o animal.

Essa unificação¹ aumenta e da simples colônia comunista ao metazoário superior vai um longo trabalho de síntese.

Mas a indiferenciação primitiva não se exauriu integralmente como mostram os belos casos de regeneração *heteroblástica*, mesmo em animais superiores.

A diferenciação sexual é um caso muito curioso da unidade biológica no sentido da variedade artística. Os casos de partenogênese² artificial mostram a possível dispensa do elemento masculino, que factores químicos e até mecânicos por vezes substituem. Mas as virtualidades de herança diminuindo, muito menores seriam as possíveis variações iniciais que dessem corpo à selecção.

153 Sabe-se o grande papel artístico, luxuoso, que // a chamada selecção sexual³ [1] desempenha na vida, fazendo o esboço duma estética.

É muito interessante, por exemplo, o caso duma ave-do-pa-raíso que faz o seu ninho de amor enfeitado com flores de cor diferente, substituindo-as logo que murchem.

É que a vida é já beleza; por isso a sua unidade é de uma expressiva comunicação.

¹ Ver E. Perrier.

² É certo que esta descendência partenogénica parece ser sempre masculina o que está de acordo com a menor riqueza em cromatina de tais ovos. Mas será essa a causa do desenvolvimento posterior do ovo, não bastará uma certa modificação da vesícula nuclear? // É esta a hipótese de Delage que tornaria possível a existência de seres humanos partenogénicos, como, por exemplo, os filhos dos alcoólicos em que os espermatozóides mortos só teriam acção mecânica.

³ Quantos desvairamentos políticos não serão desta ordem? *Há títulos que os tiranos se outorgam, que não passam de órgãos sexuais secundários.*

A herança, que caracteriza essencialmente a vida, é a unidade abraçando num momento os indivíduos, que os instantes fragmentam.

No gesto de carinho com que beijo o meu filho comungam e colaboram os meus avós.

Na herança aparecem as mesmas tendências pluralistas que logo uma unidade vem atar.

Os caracteres mendelianos são independentes e, por isso, se transmitem segundo uma lei muito simples; também só caracterizam as variedades.

Os caracteres de ordem mais elevada que dão grupos superiores obedecem a uma lei de correlação, que, subindo, é a própria unidade da vida.

Esses caracteres fundem-se e há casos de herança em que aparece a disjunção mendeliana emendada pela correlação orgânica, como no caso das ervilhas-de-cheiro estudado por Bateson.

A herança mendeliana é um atomismo, a cujos átomos a lei da correlação dá originais afinidades. //

A vida é, no espaço e no tempo, uma inicial tendência, fragmentando-se para de novo se unificar e repossuir.

154

A vida psicológica é, mais evidentemente ainda, pluralista e una.

O animal é um pouco tudo o que o impressiona e a criança, antes de se fazer um *eu*, é também a multiplicidade mais ou menos incoerente.

A unidade fez-se, através dessas diversidades e pela selecção, eliminando as incoerências e procurando fixar as instabilidades fluentes.

A unidade de consciência é um esforço da atenção; distendida esta, a consciência fragmenta-se em grupos, que flutuam, como as nuvens, ao sabor duma caprichosa ventaneira.

São momentos, em que a consciência se não faz espectador e apenas a cinestesia nos dá surdamente o sentimento de propriedade; as representações são descoloridas e alheias.

Momentos de sonho ou de vigília em que o sentimento da personalidade é muito ténue, como que deixamos de tecer o nosso tempo, de organizar a memória; é, em suma ^(a), um sentimento de ter deixado de fazer alguma cousa, como o bichio-da-seda, que parasse com os trabalhos do casulo.

^(a) A 1.ª edição usa a expressão «em sumo» em vez de «em suma» (p. 154).

Mas cada um desses grupos pode ser o início, o ponto saliente duma grande renovação de consciência se para aí a atenção se dirige, se hipnotiza e prende.

155 Sempre alguns pontos de referência ficam a // uma consciência do seu esforço de unificação, por isso se possui, conhece e reconhece; mas, para um estranho, as pequenas descontinuidades acumuladas dão-nos um aspecto tão diferente que é bem vulgar a admiração que se traduz nestas banalíssimas palavras «Desconheço-te. Que mudança, não és o mesmo!».

Sobre esse ponto de vista carregamos os cadáveres do que fomos e o aborto do que poderíamos ser, pois que a vida é uma opção de caminhos e a cada encruzilhada perdemos as belas paisagens entrevistas nas direcções, que abandonamos.

É ainda o *esforço para a consciência* que nos limita essas possibilidades; queríamos ser os caminheiros de todos os caminhos, mas, para andar, é preciso que algum seja escolhido e pisado.

A consciência é uma unidade que se faz, e, por isso, não deixa de ter as suas veleidades pluralistas.

São conhecidos os casos das personalidades múltiplas, cuja explicação simplista é a dum corpo habitado por muitos espíritos ou consciências.

Assim tinha de ser desde que se limitava cada consciência a cada corpo e se admitia a existência independente do espírito.

156 É o jeito de fazer unidades absolutas, quando no Universo ¹ tudo é tendência e dinamismo: // nem o corpo é unidade pura, nem a consciência é isolada e abstracta unidade.

As personalidades múltiplas são casos de agregação de memórias parcelares em torno dum núcleo capaz de dar a suficiente unidade; a falta de atenção para a relação, que as possa superiormente unir, deixa estas múltiplas consciências, numa certa independência, que as individualiza.

As pessoas de humor muito variável não são mais que esboços de múltiplas consciências a que serve de nódulo a cinestesia do momento.

Parece que a consciência é uma realidade invasora, e, se a medimos numericamente, ela protesta actualizando virtualidades que ignorávamos.

Ela é sempre, no entanto, uma unificação activa, uma síntese abrangendo surdas e longínquas veleidades de consciência.

¹ Tendência para a unidade.

Os seus limites ideais são dum lado a simples actividade e de outro ^(a) a Consciência das consciências ou Deus.

Não só cada consciência aparece como sendo em si uma síntese rica de virtualidades, mas também ela só existe em sociedade com outras consciências.

Sendo uma síntese ela já é o convívio de actividades múltiplas, em cada acto de consciência passam triliões de movimentos, que a ligam ao Universo; mas ela só ascende a uma clara e alta realidade, quando dá atenção à vida social.

A primeira forma da consciência é comunista, // cada *eu* é a repetição dum *Nós* mais real e efectivo. 157

O pronome pessoal é muito próximo parente do pronome possessivo, com o *eu* anda sempre o *meu*; de modo que a história da economia é um belo capítulo de psicologia.

A forma primitiva da propriedade é comunista.

A região da caça é propriedade da tribo, mais tarde as terras da agricultura são cultivadas em comum, e, mesmo quando distribuídas, são fundo da comunidade que as pode redistribuir convenientemente.

As sociedades animais, que aliás atingem por vezes uma certa complicação, são inteiramente absorventes: o *eu* de cada abelha ou formiga é somente o *nós* da colmeia, onde ela desempenha a função social que lhe compete.

Se os animais tivessem um real egoísmo eles seriam os mais santificados heróis, pois neles aparecem as maiores abnegações.

Não só cada abelha ou formiga é capaz de se retirar a alimentação já tomada para dar a outras, milhares de casos em que os progenitores acumulam alimento para os descendentes, guardando-o sem lhe tocarem ainda em terríveis crises de fome.

Porque não admiramos aqui uma alta moralidade?

Porque não há um *eu*, que conscientemente // se relaciona e escolha o seu sistema de relações no sentido do mais concreto universalismo, mas um *nós* hipnótico, obsessivo. 158

Nas sociedades humanas é desse *nós* que se parte, pela indústria ou invenção, para um *eu* solidário cujas formas de solidariedade vão da unificação despótica à colaboração amiga.

Os objectos de uso pessoal, como armas, vestidos e ornamentos, etc. iniciam a propriedade individual; eles seguem na morte

(a) A 1.ª edição usa «outra» (p. 156).

o seu possuidor, depois de *mortos* também para que *lá* cheguem e possam servir.

A mulher é às vezes um desses objectos, o que a aproxima do homem e vai elevando a associação de *clan* a família e o que explica o resíduo bárbaro de a fazer acompanhar o marido no caminho da morte.

A evolução da propriedade é, pois, das grandes unidades indiferenciadas para os pequenos grupos característicos, que uma nova e superior síntese social terá de unir.

Assim o feudalismo é o excesso da diferenciação económica abstracta, que uma nova onda de concretas realidades sociais virá quebrar.

Da diferenciação formalista e abstracta para uma relativa indiferenciação, potencial das novas diferenciações concretas e experimentais.

159 É que cada *eu* se vai fazendo conscientemente solidário e a propriedade já não é a imagem exacta desse *eu*, que por mil relações evolui e // modifica a sociedade por uma múltipla actividade científica, estética e moral.

Se muitos factores de acaso são ainda, pela herança, motivos da propriedade, a eles se junta mais que nunca a inteligência e assim se pode dizer que a riqueza moderna é essencialmente obra científica.

Aos acasos dum comércio mais ou menos pirata ou salteador, das dádivas do senhor em eminente posse das terras, substituiu-se a convergência dos acasos da herança com o rigoroso determinismo da ciência.

A ciência é uma obra altamente social de modo que a propriedade tem hoje um novo valor social, que não é o sincretismo quase inconsciente da primitiva comunidade.

Mas há maiores factores de socialização da propriedade — a estética e a moral.

O objecto estético é tanto mais belo quanto maior é a soma de simpatias que faz nascer, quanto mais universal for a apropriação que o toma.

160 A propriedade estética é de todos e é tudo — o rio, que ali corre entre salgueiros, choupos, freixos e amieiros e pela mão do homem entra nas azenhas e pulveriza em branca farinha o grão do trigo, é meu e teu, de todos os que num amplo movimento de simpatia revivem a sombra dramática dos seus pegos, o sorriso alígero das suas enseadas, a frescura traspasante dos seus // dedos brumosos a acariciar cabeleiras deitadas sobre o serpentino corpo prateado.

O trabalho humano é cada vez mais estético, porque melhor traduz as verdadeiras relações do homem com a natureza: é o vapor, a electricidade, o magnetismo e o segredo das sementes que o trabalhador desvenda.

Se o trabalhador dobrado num esforço excessivo não atende ao significado e vida do trabalho, ele vai despertando para a consciência social e clamando exigências espirituais.

O grande movimento trabalhista¹ moderno é afirmativo de uma volta da atenção para o valor social do trabalho.

O trabalho é uma experiência, que põe o homem em contacto com as leis da natureza e da vida; pelo trabalho o homem recebe e dirige as grandes forças naturais, é o centro dos fios de comunicação da vasta realidade, que ele desliga e reata numa intenção de bem servir os homens.

«O homem que trabalha tem sempre as mãos limpas», dizia o código de Manu.

O mergulhador, que arranja um cabo submarino, como que prolonga os nervos do planeta, o cobre dum sistema nervoso noticioso dos apelos de amizade que corram dos mais longínquos recantos. //

Servidor da electricidade, ele estende pela terra esse remoto abraço dos mundos, sulcando as remotas estepes siderais.

161

Por virtude sua, o amigo, que a vida levou para o mais afastado ponto da terra, pode quase à hora da morte mandar a última palavra de adeus, atravessando da sua alma saudosa a longitude da terra e do mar.

O trabalho é movimento, e até a meditação mais silenciosa e interior é acompanhada duma prefiguração de movimento² [1]; o movimento, sendo a mais simples forma das relações, é a mais clara linguagem do convívio e acordo.

O movimento une; as pessoas mais torpemente egoístas ainda são as mais ociosas, embora muitas vezes o movimento seja apenas uma relação de superfície e outras tantas da maldade.

¹ Não só das sociedades que particularmente tomaram a denominação, mas em geral.

² É o que o nosso genial lírico, Camões, diz excelentemente neste terceto:

Aquele gesto imoto e repousado
Qu'estando n'alma propriamente escrito,
Não pode ser em verso trasladado;

.....

O movimento é o esquema da omnipresença, e, se quero abranger toda a humanidade num acto do meu amor, é ainda um movimento interior de pensamento que forma e encerra o abraço.

A propriedade oscila entre os valores adquiridos pelo individualismo e o valor da sociabilidade. //

162

É claro que nenhum ser vale isoladamente e o homem cuja apropriação fosse exclusivamente individual é impossível. A luta é entre duas formas de socialização — uma explícita e orgânica e outra indirecta.

A primeira seria a que obviando aos acasos da herança fizesse presente a cada indivíduo a possibilidade de expansão da sua iniciativa.

A segunda é a que prolonga directamente a fome de imortalidade, deixando a máscara de cada homem inscrita nas obras da sua apropriação.

Ela é uma das formas do esforço contra a Morte e é o que dá uma certa grandiosidade trágica aos avarentos — o avarento não é só o inconsciente que troca os meios em fins, é também o herói que se priva diante da crescente montanha de ouro que o cerca, sacrificando o presente à obra da imortalidade.

Ele acumula as dádivas e trocas sociais para, com um grande nome, lançar, de uma vez, uma grande soma de riquezas e virtualidades económicas.

Mas, independentemente desta forma do instinto da imortalidade, é a herança a cúpula protectora, que a família se dá, deixando cada homem a seus filhos a lembrança do seu amor, vivificada pelas alegrias que as obras do seu trabalho lhes dão continuamente.

163

A confiança social cresce à medida que as // crenças sociais se estabilizam, ora, se a ciência e até a arte dão as grandes linhas de crença e acordo, não são essas linhas tão bem definidas que permitam, por agora, escolher entre estas duas formas de sociabilidade.

De um lado a garantia de que todas as iniciativas encontrarão trabalho e serão aproveitadas, de outro a alegria directa de cada iniciativa, que *conseguiu*, se querer afirmar em amor social, conservando de além-túmulo jeitos de carinho para os seus mais próximos amigos.

Achar a fórmula técnica, que aplique o belo princípio de Guyau da correlação entre a riqueza interior duma vida e a sua expansão social, entre a capacidade de sonho e de generosidade, de *iniciativa* e *socialização*, é o problema que o socialismo balbucia sem ainda o ter resolvido.

Essa fórmula é uma invenção social, é uma obra científica, terá de desfazer sínteses e categorias, e, depois de achados os novos elementos analíticos, há-de refazer a nova síntese, por um grande movimento estético e religioso de humana simpatia.

Achada a fórmula, e só então, à moral compete orientar a vontade no sentido *criacionista* de sua efectivação; é, nesta altura, que a questão social é um problema de moral.

Estas actividades, tomadas a princípio como *símbolos de ser* que as leis da reciprocidade vão definindo, vão-se revelando cada vez mais ricas // de ligações e, por isso, mais complexas na intimidade do seu agir.

164

A ciência é, todavia, mais atenta à sua acção social que à repercussão intrínseca dessa vida.

O que haja de próprio em cada consciência diz-se subjectivo, o que à ciência pertence — a realidade objectiva.

É claro que o sujeito depende do objecto, como o que sente cada pessoa numa reunião amigável depende da objectividade comunicativa da conversa.

Mas os movimentos incoercíveis da intimidade são ignorados pela ciência, é à arte que competem.

E a arte não deixará de fazer com que o homem repita por uma *universalizada* simpatia todos os movimentos que comovem os seres.

Os núcleos de ser, que a ciência aponta, a arte os toma fraternalmente, pondo em ritmo capaz a apropriação da nossa sensibilidade.

Onde a ciência distinguiu a apreensão analógica, a arte a veio de novo colocar, viva e concreta, expressiva e fraterna.

A expressão é uma ansiedade interior, foi a arte que abriu os lábios mudos dos avoengos, repetindo comovidamente as sinfonias do mar e da floresta.

Pela arte se afeiçoaram as palavras, pondo, na sua música e cor, o acordo das almas comunicativas. //

A harmonia da sensibilidade e do entendimento, que a Kant aparecia como o motivo do belo, é necessária à ciência e à arte para que se não percam em estilizações abstractas.

165

A sensibilidade estética conserva para a actividade científica a vida das sensações, que de outra forma seriam instantâneas e fugazes.

E actividades afastadas, movimentos delicados, formas de ser, que o homem do mundo mal imagina, vêm de encontro à sensibilidade estética convocá-la à convivência, à muda conversa mis-

teriosa que, longe de nós, a nossa alma faz com as remotas pupilas dum céu profundo de inverno.

Estremecimentos ignorados sulcam o espaço e vêm baixinho ao ouvido do artista falar uma linguagem de encanto e amizade; perpassam presenças subtis, fantasmas radiosos, anunciações magníficas, que um grande luar de sonho embebe, e dizem de outras vidas, perspectivam, para além dos olhos corporais, dantescas realidades esplendorosas.

Quebram os limites que à ciência bastavam e rasgam, no ventre desse espaço, novas dimensões, interpondo e sobrepondo, a cada ser, espectrais ressonâncias¹ da sua história.

Onde acaba um ser?

166 Para a ciência, ali onde a sua actividade // deixa de manifestar-se; para a arte ele é ilimitado, omnipresente; microcosmo animado, repete na intimidade os amplos abraços das suas relações.

O homem fala e vai de conversa com os homens, o artista procura um falar animado em que cada ser colabore: na garganta de Orfeu passavam todos os rios e as sedes mortas, as árvores e os moinhos, as ermas feras ululantes e as cavernas obscuras; e as noites amanheciam, o uivo do lobo era já o falar amigo do cão.

Quando o vento do mistério toma o Poeta, ele repete os movimentos íntimos de todas as cousas e o Universo é na sua voz um esforço para a expressão, um tão abissal desejo de palavra que esta lhe sai, vulcânica e incendida, dos lábios-crateras.

Eu visiono a altíssima figura de Antero, de pé no Penedo da Meditação, sob o marulhar obsidiante das ansiedades que clamam, exigem e lhe pedem voz.

Imaginaí um filho emudecido, na vossa frente, em esforço impotente de vos falar.

Assim era para o Poeta; o Vento, que sobre ele passava a toda a brida, vinha a trazer novos frémits, bater-lhe de encontro ao peito, como se lá fora o abrigo de todas as mudezas errantes.

167 Eu vejo as lágrimas do Poeta, névoa desse mar salgado, e os estremecimentos de todo o seu ser metafísico, batido de remotas ondas originárias, ponto de convergência de todos os apelos // mudos em viva maré de dramático verbo comunicativo!

Como a única porta duma casa incendiada por onde fogem pessoas que são gritos chamejantes, os lábios do Poeta são requeimados do fogo interior das humildades sem voz.

¹ V. *As Sombras* de Teixeira de Pascoaes.

O Poeta é uma grande criança embalada repetindo os cânticos que a embalam, e, se as cousas mudas tomam voz na fala do Poeta, também este encontra a expressão do seu mistério nos belos gestos e formas das cousas que se lhe entregam.

É um recíproco apoio para a expressão, um auxílio que *acrescenta de consciência a fisionomia do planeta*. O homem sente que isolado se aniquilaria e que, sem consciência, o mundo seria insignificante e nulo.

Quando nas grandes horas de emoção nos sentimos diluídos, como o orvalho das manhãs sobre a face das cousas, é uma grande onda de sociabilidade que nos toma e nos derrama.

Como sentimos o delíquio da nossa personalidade, pensamos por vezes que um panteísmo niilista nos absorve; mas não é a diminuição da consciência, é o seu desapego das vulgaridades interessadas e a sua *expansibilidade*, a sua *universalização* que nos enlevam.

Sobre este fundo social de actividades que a ciência pressupõe e a arte pressente, sente e ressentido, vem a moral a dirigir a vontade do homem.

Que seja assim e pelo máximo de harmonia // de cada vontade e de todas as vontades sociais.

168

O postulado de que o acordo social das vontades e o acordo de cada vontade dentro das suas obras são justificados e garantidos pela realidade última começa a receber a confirmação experimental no *quantum* de verdadeira vida moral que se vai realizando no planeta.

Há a profunda discordância do acordo ser para algumas vontades que o não efectivaram, o que, se mostra o carácter social da actividade ética, é a contradição na alma da própria moral.

É assim que o sacrifício dos Soldados da Justiça há-de trazer um acordo entre as vontades e a vida de cada vontade, com a excepção aparente daquelas, que, com a Morte, desapareceram da experiência.

Que a experiência aproveite aos que a não fizeram está bem, é o carácter excessivo e generoso de todas as obras da vida; mas que não aproveite às almas que em santidade a fizeram é que é contraditório e flagrantemente desarmónico.

Aqui o homem apela para o conjunto, e, por um recurso regressivo à quantidade, acha que está bem se o conjunto lucrou; mas é um recurso falso e ilusório, pois seria então a história um fluxo de esforços de ordem moral, em que cada vontade, trabalhando e não colhendo, se pulverizava.

Uma vontade moral sem existência, fantasma nominativo das suas obras!... //

169

E então toda a metafísica perdia os sólidos alicerces sociais para ficar uma realidade de instáveis actividades, meras resultantes de arranjos de ocasião.

É o que, com efeito, aparece a muitos pensadores como o mais provável, embora a actividade estética e moral protestem bem alto contra tal realidade.

A própria actividade científica se não deixaria, após alguma reflexão, levar para uma tão instável e fluente noção das cousas.

A ciência só é possível para uma realidade conservativa e só a interacção de actividades monadológicas pode possuir a estabilidade na variação.

Uma actividade é um mínimo de espaço organizado, cuja organização se revela no modo como se impõe às invasões que o tentem.

Sobre este ponto de vista as actividades hierarquizam o seu modo de ser e é isso que permite por vezes supô-las instáveis e resultantes.

Assim uma massa mecânica actua ou organiza um espaço imenso, pois a sua presença comove as mais longínquas massas.

A quantificação da massa mecânica é que, lembrando a possibilidade da fragmentação, sugere a ideia dum corpo resultante dum somatório de massas; mas a fragmentação é limitada e o ponto material tem uma qualificação de massa, que não se deixa suprimir. //

170

Depois os sistemas aparecem como resultados, é assim que um átomo de hidrogénio é certo conjunto de electrónios, etc.; mas esses electrónios são qualificados e a própria actividade atómica não pode resultar simplesmente do meio.

Ou os átomos são contemporâneos e, sendo o meio o mesmo, a diferenciação vem dum núcleo de actividade própria; ou uns são a evolução dos outros (como querem certos evolucionistas) e nesse caso é uma actividade que se adapta ao longo dos meios que vai atravessando.

Nos grandes corpos e nos sistemas siderais também actividades sociais se revelam.

É no planeta uma como que vontade gravítica, centralizando-o; é, nos sistemas, a actividade (acção-reacção) dos seus movimentos de conjunto.

Para a vida menos ainda é possível eliminar uma característica actividade que se relaciona, adapta e progride.

De resto a própria forma da causalidade, que das ciências podemos extrair, seria incompreensível¹ num mundo sem actividades subsistentes.

Cada linha de causalidade sem interferências teria de parar no primeiro termo, pois a causa actualizaria todos os seus efeitos.

Ou cada efeito teria de ser a convergência de // linhas causais interferindo e um princípio superior era preciso para regular essa interferência, que, não podendo pelo primeiro motivo ser causa pura, teria de ser a verdadeira actividade.

171

A sensibilidade estética nem de longe poderia admitir a fantasmagoria dum Universo de resultantes sem actividades próprias ou seres.

A simpatia universal do artista apreende actividades, adivinha inícios, almas hesitantes que o claro sol da consciência venha a iluminar.

Mas sempre a Morte vem brutalmente protestar contra os esforços de consciência plena e harmónica e dizer que a vontade, que leva um corpo ao sacrifício para alimentar um valor espiritual, se perde, *desaparecendo* para o convívio e crescimento.

Esta brutalidade dá, à moral, uma tonalidade heróica, pois o homem escolhe e cumpre a despeito da aparência de dolo e engano que se lhe ergue diante dos olhos pávidos.

E de novo um chamamento trágico é dirigido à vontade para que permaneça na atmosfera asfixiante em que se envolve; talvez venham a passar as nuvens tóxicas e para além haja mais cerúleo e purpurino firmamento.

É um instante em que a realidade oscila e hesita como imensa catedral que se desmorona.

Todas as forças acorrem e, como alguém que tivesse de atravessar um abismo, num porfiado // esforço levam o homem heróico em demanda de novo e sólido terreno.

172

E a *vontade de consciência* penetra para além do abismo...

O que será esse além?...

¹ Ver Hannequin.

A Morte é o primeiro e o último enigma, ela é a velha Esfinge, guardando com a sua majestosa presença o silêncio do Deserto e das Pirâmides.

E foi a face desse silêncio que Napoleão evocou aos seus soldados, foram os séculos sepultos, que, despertos, rolaram irremediáveis dentro dos seus peitos.

É que a maior força vem do invisível, do passado que já não existe, do futuro que não se sabe onde mora.

E se a Morte é esse passado, não será também aquele futuro?

A Morte é o Mistério: se podemos imaginar os seus campos com a lividez duma luz que se extingue, também os podemos sonhar duma tal claridade que os seres «de aspecto como um relâmpago e de vestidura como a neve» arrastem mantos de luz.

É a distância entre a imagem do terror, a efabulação das últimas agonias dos moribundos, e a imaginação de Dante. //

Entre esses pólos vai a vastidão do nosso querer viver, toda a grandeza da nossa *vontade de consciência*; é de encontro aos seus domínios, que, invadindo, se erguem os mais altos castelos da nossa *luta pela imortalidade*. 174

Todos os engenhos humanos, incluindo os instrumentos de morticínio, são descobertas dessa ânsia de consciência e expressão, dessa *fome de imortalidade*, que é o segredo íntimo de tudo o que existe.

Nas fronteiras da Morte, como do grande inimigo teutónico, acumulam os seres toda a sua devoradora fome de vida, acção, consciência e liberdade.

E é ingénua na sua simplicidade a infantil pertinácia dos homens.

Das cavernas à catedral tudo são brados, tentativas de consciência; ora as manhas de quem joga com um inimigo ludibriável, súplicas explorando possíveis ternuras, dádivas para a cobiça, ameaças de abandono, até ao grande abraço desinteressado que queira apenas a perenidade do que é universalmente solidário, bondoso e amigo.

É em face da Morte que o *eu* comunista dos homens primitivos começa a individualizar-se, são as obras directas do seu engenho científico e artístico que lhe são atribuídas e o acompanham, depois da idêntica transformação da morte, para o misterioso país de além vida.

175 Pontes lançadas sobre o mistério, tentativas // de transposição, tocadas da ingenuidade das primeiras horas, de confiança infantil, lembrada das origens!

É ainda um esforço contra a Morte, uma luta contra o esquecimento que leva o homem a querer insculpir a sua efígie na face das cousas.

Uma fotografia é um protesto contra a erosão da velhice, contra o desgaste do tempo e vejam que todos posam mais para espectadores invisíveis que para a admiração banal dos contemporâneos.

O que há de ingénua segurança e fixidez num retrato que todos os dias encontro ao subir no carro da Graça e por alturas do Limoeiro!

Adivinho que o original já morreu e leio naquelas linhas a teimosia de viver.

Quantas acções humanas não têm por único motivo a multiplicação do agente, um seguro de vida que ele se faz na memória dos homens?

Aquele grego tonto, que incendiou o templo de Diana, não é o mesmo que hoje, na política, no jornalismo ou no teatro, grita e barafusta para que o vejam, o ouçam e o fixem na memória?

O que é um cemitério senão a medida do que conseguiram certas fomes de imortalidade?

Uns atingiram a duração do bronze e do granito, fazendo-se uma morada resistente e duplicando-se no bronze tenaz, outros não o fizeram, porque o individualismo económico nem para a Morte lhes deixou esses meios de combate. //

176 Aí se conhece a qualidade das vontades de consciência: há os que persistem nos seus títulos de conselheiros, comendadores, barões e viscondes e há quem deixe a frase mais pene-

trada de immortalidade, que atingiu, a vibrar de vontade interior de conservação.

Estudante ou caixeiro, burguês ou artista têm todos uma certa alegria em inscrever os seus nomes nos sítios célebres, onde o desejo de viajar (que é um desejo de crescimento e consciência) costuma levar os homens.

Ao lado do nome de António Nobre eu vi na ermida da Boa Nova o nome dum tal Francisco da Silva, que, assim, apoiado ao Artista, vive na minha memória.

É um desejo de convivência, um *rendez-vous* ilimitado, um mútuo penetrar de vidas que empresta a umas a memória das outras.

É a nossa vontade de viver em tensão para além dos barrancos, como a preparação dum salto que do lado de cá dum precipício é o desejo da sólida estabilidade da outra banda.

A distensão desse desejo é, contemporaneamente, a crença no nosso poder de saltar e a efectivação do salto.

Essa vontade de immortalidade vale pelo que tenha de universalismo social. Os mesmos actos exteriores adquirem significados bem diferentes.

O sacrifício, que em certas sociedades primitivas se fazia dos objectos e seres pessoais dum // morto para que o acompanhassem e servissem na morte, era uma imposição da vontade gregária, comunista, do grupo pesando inexoravelmente sobre os pobres indivíduos aterrados.

177

O suicídio recente dos almirantes e generais, heróis da guerra russo-japonesa, quando da morte do seu imperador, é um acto das suas liberdades pessoais, de mística e saudosa lealdade.

Eles eram, mais que os vassallos, os amigos indispensáveis, os relâmpagos da sua glória.

É o caso da transformação dum costume bárbaro numa forma superior, expressão da mesma força criadora.

No primeiro caso é a consciência gregária protegendo a *luta pela immortalidade*, os esforços de consciência que já conseguiram fixar uma máscara — o resto são cousas dessa consciência apropriadora.

É o exclusivismo, o aristocratismo das míseras consciências, que principiam, talhando-se em quase isolamento.

No segundo caso são já altas consciências solidárias, prolongando o seu desejo de amar para além-vida.

E não se diga que é um simples gesto dum certa noção de honra, porque a alma dessa honra é a amizade vencendo a morte.

Quando ficasse simplesmente a noção abstracta de honra, sinal seria do próximo // desaparecimento¹ de tal fórmula duma crença que já não existe.

Porque não nos satisfaz, no Ocidente, esse gesto nipónico, se, no entanto, o achamos belo?

É belo, porque a sua intenção de lealdade é perfeita, é a derrota de todos os instintos terrestres pelo instinto da immortalidade, o sacrifício da vida presente à grande vida invível e misteriosa, audaciosa abalada para a mais remota Índia.

E, no entanto, não me conformo.

Há um duplo motivo de desagrado.

A sociedade japonesa, que no seu regime de família ainda mostra uma coesão que me parece anterior ao individualismo necessário para um verdadeiro enlace de liberdades dadas, é demasiadamente nacionalista, até prender ao seu imperador os grandes laços da sociabilidade universal.

Então só para a amizade imperial ou japonesa vivem as grandes almas?

Esta vida só pode ser deixada², quando, penetrada de universal vontade amorosa, a fisiologia recusa à moral a matéria da sua actividade. //

Ali onde está, é que ao homem compete o heroísmo moral, obstinado até ao fim e, no fim, tenso, recurvo como arco de flecha, chofrando para além.

Do nosso lado continuamos o esforço de immortalidade, apoiamos o desejo de ser que porventura anime os desaparecidos — a nossa recordação, a memória, é o alimento que lançamos a essa fome, o óleo derramado sobre essa pequena chama para que seja clarão, incêndio inextinguível.

Quando em pequeno — vivi algum tempo numa das casas de família, encostada na sua alfombrosa solidão nevoenta à grande solidão umbrosa do Seixoso.

Aí a Noite cobria a terra de névoa como o homem de sonho.

Lembro o terror sagrado do eco dentro em mim, como em boca de caverna, que fazia uma voz vinda da Montanha a certas horas da Noite.

¹ O desaparecimento social é a equivalência metamórfica. Os nossos ex-votos são resíduos dos primitivos sacrifícios.

² À parte os casos em que é fisicamente impossível conservar e aumentar os valores espirituais, pelo mau condicionalismo em que tenha de viver-se.

Essa voz imaterial e fantástica, saída da noite informe e negra, pedia a memória dos vivos para os mortos que se foram na tranquilidade dos seus campos ou no tumulto e vastidão das águas do Mar.

Os mais ligeiros estalidos dos móveis, a mais pequena diferença de pressão ou de temperatura da atmosfera interior da casa, eram, para mim, presenças invisíveis das almas tresnoitadas e errantes que vinham acolher-se ao nosso lume. //

Ao nosso lume?

180

À memória em que renasciam, quase a erguer novo vulto de presença à medida que o pensamento ia sendo mais atento.

E as *alminhas* que, à beira das estradas e no cruzamento dos caminhos, pedem a recordação dos que passam a par de uma esmola para os que fazem comércio com as regiões do além?

Guerra à Morte por toda a parte e por todas as formas, mas guerra sem as armas superiores da ciência, luta ingénua em que, por vezes, temos a impressão de alguém que fizesse desaparecer o cadáver dum pinheiro carcomido sob a florescência duma clematite enleiante.

Será o homem a tapar os olhos para não ver?

Em todos os tempos e povos se atreveu o homem a olhar a face da Morte e, se colheu aspectos diferentes, nunca procurou eximir-se à brutalidade do facto.

Em Homero ela aparece como uma vida diminuída, exígua, a sombra ténue duma vida nietzschiana de força e ardil.

Em Platão esboça o pensamento uma imortalidade social por méritos intrínsecos de cada pessoa.

Já no velho Egipto a vida imortal tinha a sanção duma Justiça tocada de bondade.

Todas as religiões são noticiosas desse além e as suas notícias são interpretações da morte à luz da vida moral que os homens se vão fazendo, por // vezes, à luz duma moral tão alta que aparece como uma revelação perdida nos tempos ou uma saudade da original perfeição edénica.

181

Ao lado dessas sínteses, dessas disciplinas da Morte, nunca deixaram os homens de colher e contar factos avulsos, que formam em toda a parte uma larga zona de mistério banhando todas as banalidades — feiticeiras, encantamentos, mouras que ao luar choram seculares saudades, espectros alucinatórios, etc.

Entre a figuração espectral do povo eu conheço um drama transcendente visionado por um camponês dos meus sítios.

Ele tinha de levar um vinho a uma terra um pouco distante. Levantou-se de noite ainda, para que lhe amanhecesse já a caminho; mas, tendo-se enganado nas horas, fez toda a viagem de noite.

Ao passar numa estrada encostada a um outeiro e na ourela do Tâmega, ele viu um bando açudado roçando o mato do outeiro.

Cumprimentou, dizendo:

«Olá, amigos! Isso é que é canseira».

Nada o bando respondeu e ele seguiu o seu caminho; de volta verificou, com espanto, que o outeiro continuava coberto de codeço e tojo.

Esta alucinação tem um tal poder simbólico que ela me dá uma visão nítida do mundo, através do pecado original.

O homem condenado ao trabalho como castigo e vingança dum orgulhoso Deus desobedecido. //

182 O trabalho é a alegria das relações do homem com as cousas; o trabalho inútil é o movimento sem significado, a palavra repetida sem ouvidos que a recebam, sem um eco que a reenvie, eternamente e de balde suplicando companhia.

Uma pobre lavadeira, em Matosinhos, contava-me um dia que, passando à noitinha por um caminho entre os pinhais duma colina, fora seguida por uma «cousa como um *novelo*» gemendo dolorosamente.

A dor anónima e informe dessas pobres mulheres do povo, espancadas dos maridos ébrios, primitivas bestas de carga, pára-raios duma ordem social injusta e descaróavel, espectralizada, rasteira e humilde, acompanhando-as em soluços duma piedade que se desdobra para acarinhar...

Névoa de sombra e mistério, hora crepuscular em que os traços perdem o vigor e as máscaras se esbatem em luz duvidosa e incerta, hora em que vejo sobre o dorso dos meus montes, na orla do Seixoso, o espectro de mim mesmo e do meu filho errante, perdendo-se ao longe nas brumas da Saudade...

9

Mas que poderemos nós, os filósofos, armados do poder da ciência, de todo o valor do pensamento, neste combate directo contra a Morte? //

183 Não nos atreveremos a um assalto directo e sem rodeios?

O cerco tem sido feito e de volta da Morte tem-se o pensamento filosófico afirmado valorosamente.

Basta ler o *Fédon* de Platão para verificar que todos os seus argumentos a favor da imortalidade valem hoje desde que tenhamos o cuidado de os traduzir em linguagem moderna. A nossa *Teoria da Experiência*, anteriormente exposta, mostra que a única realidade conservativa é a *consciência*, só ela *garante* o cosmismo ou harmonia física, só nela se finaliza o sistema de relações, que é o ser.

Mas, cara a cara, o facto brutal da Morte não havemos de encará-lo e tentar experiências directas que o esclareçam?

É o que se vai fazendo num conjunto de trabalhos que se rubricam com o nome da metapsicologia.

A primeira conquista da metapsicologia é que os nossos conhecimentos não têm por única porta de entrada os sentidos normais.

Vemos e ouvimos dentro de certos limites e normas.

Essas normas são excedidas em certos indivíduos e condições, cujo determinismo está muito longe da nossa apreensão.

É assim que se verificam casos de // transmissão dum pensamento ¹ sem a sua expressão sensível.

Esses casos, bem autenticados, são hoje numerosíssimos.

São, por vezes, de ordem experimental; as mais das vezes são espontâneos.

O caso espontâneo mais belo que conheço é um do meu filho, que tem agora quatro anos de idade.

Uma noite, estando deitado no meu braço e lendo eu um livro, ele pronunciou claramente a palavra «*génie*».

Surpreendido verifiquei que tinha acabado de ler mentalmente a palavra «*génie*».

Casos de ordem experimental tenho alguns e, entre eles, um interessantíssimo.

Há dois anos, estando eu no verão em casa dumas senhoras da minha melhor amizade, tentei a transmissão do meu pensamento a uma ² [1] dessas senhoras que me parecia particularmente sensível.

¹ Excluo, é claro, os casos em que, como na leitura muscular, há apenas substituição de sentidos.

² A Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria da Glória Novais — Tourago, Amarante. Esta mesma senhora, já depois de feito este livro, caiu diante de mim e espontaneamente em transe medianímico, fazendo a *dramatização espirítista* que ela ignorava integralmente. // É um belo caso de eliminação de fraude consciente ou inconsciente.

Sem dizer nada a ninguém, tinha-a já várias // vezes obrigado a mudar de cadeira por uma ordem mental.

Propus-lhe um dia fazermos experiências e consegui com relutância da sua parte que me fosse buscar um certo chapéu, uma caixa de fósforos, etc.

Mas a experiência mais curiosa foi a última dum noite.

Desejava eu, e dei mentalmente a ordem respectiva, que essa senhora tomasse um certo agasalho e com ele agasalhasse minha esposa.

Ela recusou-se a cumprir porque isso a deixava muito mal disposta, etc.

Recolheu-se e no dia seguinte de manhã, quando minha esposa saiu do quarto, veio dizer-lhe que mal tinha dormido, pensando que ela estava com frio e que lhe devia trazer o *tal* agasalho.

Os fenómenos desta natureza são hoje inteiramente confirmados por experiências de muitos físicos, fisiologistas, psicólogos e homens de letras.

De passagem é bom notar como eles são importantes e mostram a insuficiência das explicações da consciência por síntese¹ dinâmica de reflexos, pois há pelo menos a possibilidade de «*déclencher*» a parte motora do reflexo sem a correspondente parte sensível normal.

Mas este processo pode ir mais longe e uma // pessoa na Inglaterra pode ter conhecimento directo da Índia, Austrália, etc.

É a telepatia, que numerosíssimos casos autênticos atestam seguramente.

Pessoalmente nenhum caso conheço desses; mas a sua colecção está feita num livro da casa «Alcan» de Gurney, Myers e Podmore.

Em todo o caso vou referir dois desses fenómenos que me foram revelados por pessoas idóneas.

O jornalista Silva Passos, estando em Coimbra e na escola agrícola, passa uma noite de terríveis insónias pedindo a um amigo que lhe faça companhia.

Num certo momento ele ouve a voz de seu pai dizer «adeus, Chico».

Sabe mais tarde que a essa hora seu pai tinha falecido na ilha da Madeira, tendo antes pronunciado realmente tais palavras.

¹ Kostyleff.

O romancista Sousa Costa contou-me que um dia sua Mãe se levantara gritando aflitivamente «que um seu filho ausente em África (?), e de quem, há pouco, tinham recebido boas notícias, acabava de morrer».

Informações ulteriores confirmaram a desgraça.

Sem procurar o mecanismo de tais conhecimentos, evidente é que eles excedam a capacidade normal das aquisições sensíveis.

Estes fenómenos são espontâneos, mas eles podem ser dirigidos também. //

Este conhecimento a distância e fora do condicionalismo normal, quando é dirigido, chama-se psicométrico.

187

A psicometria, que certas pessoas podem fazer, consiste no conhecimento que, a partir dum objecto que se lhes apresente, elas vão tomar do seu proprietário.

Maeterlinck conta-nos o caso dum pedido de autógrafo, que serviu para um indivíduo psicométrico descrever com exactidão a pessoa distante que o escreveu.

Estes fenómenos por vezes complicam-se, pois a psicometria pode dar o conhecimento de pessoas já mortas.

O mesmo Maeterlinck, e no mesmo livro copioso de factos, medíocre de interpretação, nos conta o caso da descoberta do cadáver dum pobre velho por um objecto apresentado à exploração psicométrica.

Outros fenómenos anormais são os casos da criptomnesia, casos aliás já estudados pela psicologia, mas que na metapsicologia são de atender pois interferem com outros fenómenos, imitando-lhes a fisionomia.

Estes casos de memória oculta, que podem pertencer às classes de Ribot, são favoráveis ao dinamismo bergsonista da memória.

Mas eis que chegam os casos mais intrincados e solenes.

São os casos chamados de espiritismo. //

Escusado será dizer que o espiritismo é uma hipótese e nós só o tomamos, por agora, como uma rubrica.

188

Em que consistem esses casos?

Na maior parte dos experimentadores em insignificâncias muito aquém de tudo o que temos visto de transmissão de pensamento, telepatia, psicometria, etc.

Um médium escreve ou fala, em transe ou consciente, dizendo que tudo faz por conta alheia.

Um médium conheceu um F. e sabe-o morto, chega à sessão e escreve ou diz «sou F. e quero isto e aquilo». Os presentes

acreditam e, se não é dinheiro para dar a alguém, cumprem os desejos de F. e acabou tudo.

Outras vezes um médium honesto tem criptonesicamente conhecimento dum F. que, por exemplo, escreveu a frase tal em grego (língua que o médium não sabe conscientemente), chega à sessão e por qualquer processo a memória oculta consegue actualizar-se, ele diz a frase grega de F. — e então já acreditam os menos parvos.

Há ainda os casos de desdobramento de personalidade, que, a par de sugestão espiritista e auto-sugestão do médium, explicam que estes falem sempre em nome de fulano ou sicrano.

Sobre este ponto de vista é curioso observar como as hipotéticas personalidades comunicantes são quase sempre da atmosfera mental da maioria ou das predilecções do médium. //

189 Nas sessões a que temos assistido todos os espíritos superiores são os santos mais conhecidos.

Já aconteceu uma mulherzinha inculca falar em nome de Santo Agostinho, que, em resposta a perguntas minhas sobre problemas que ele tratou, dizia sempre «isso é muito difícil e não vem para aqui».

Nos meus trabalhos pessoais tem-me acontecido que um dos médiuns¹, professor muito distinto e com especial predilecção filosófica, começou por apresentar só filósofos — Comte, Heraclito, etc. — ficando depois Heraclito de serviço permanente.

Um dia combinei, pois, com o nosso muito hipotético Heraclito, acompanhar-me a uma sessão de outras pessoas e aí consultei os médiuns presentes sobre o espírito que me acompanhava.

Começaram a sair os nomes que os edis municipais imortalizaram nas esquinas das ruas e, como eu dissesse que era muito antigo, saltou logo Moisés seguido de Salomão.

Por fim um médium escrevente diz que é «o próprio espírito de Deus que toma várias modalidades e ordena a todos o aperfeiçoamento, trabalhando pelo bem da Humanidade para assim bem *cumprirem as suas ordens*».

190 É o caso duma palingenésia prelógica e duma // comunicação divina no tom duma ordem de regimento — ora o médium era um general.

¹ Dr. Ângelo Ribeiro — o seu cepticismo, quanto à interpretação, é, pelo menos, igual ao meu.

À parte a fraude, que é duma eliminação¹ difícil, não é aqui visível uma adaptação progressiva a um problema de localização no tempo, feita de balde com as predilecções dos que a tentam até que surge a ideia da minha qualidade de filósofo e o próprio Deus aparece a pregar, e em termos do seu, do médium, psiquismo profissional, o bem da humanidade — o ideal mais alto do médium que, dias antes, me tinha dito ser socialista?

A verdade é que nas relações, que a minha curiosidade científica me levou a criar entre os espiritistas ortodoxos, encontrei algumas pessoas bondosas, muitas boas intenções, mas a mais cega e estúpida credulidade.

Ouvi pontificar de cátedra sobre o *astral* com muito mais segurança que o que me passeia sobre as páginas dum compêndio de Mecânica.

E alguns desonestos encontrei: circula, e até exotericamente, um catecismo espiritista, que, além de disparates incomensuráveis e imbecis paralogismos, cita a confirmá-los a opinião de muita gente boa como V. Hugo, Darwin, Laplace, Ribot, etc.

Ora a maior parte dessa boa gente nunca teve // relações com o autor, que, citado-os, falta lamentavelmente à verdade e à seriedade literária.

191

Pobres senhoras históricas eu por lá vi, fazendo a cultura intensiva do seu histerismo.

E tudo isso com que finalidade, meu Deus?

Para se convencerem *gratuitamente* de que não hão-de morrer.

Não se poderá dizer nesta altura que seja muito grande a nossa simpatia pelo espiritismo.

Sim; o que vimos é, na sua maior parte, *feio e tolo*.

Mas é claro que o nosso interesse não nos teria levado a estas pesquisas, se delas nada de valioso soubéssemos.

Não compreendendo o aniquilamento de qualquer actividade monadológica, sabendo que a morte do hidrogénio significa apenas a ausência de corpos, que, reagindo, o revelam, nunca nos repugnaria readmitir a existência do que se afirma existindo.

Nenhuma repugnância teórica tínhamos em conceber que a actividade psíquica, que nós somos, continuasse a ser de qualquer modo e que esse modo lhe permitisse, sob ignoradas condições, uma acção planetária que a revelasse subsistindo.

¹ A não ser com médium de absoluta e reconhecida honestidade.

Se os nossos hábitos nos mascaram tanta realidade, se existências humanas passam ao nosso lado e só as conhecemos pela inércia com que resistam a um encontro! Se a influência directa // de pensamento a pensamento é possível, porque não há-de ser revelável um pensamento que persista?

Admitam a permanência da memória pessoal e é mais difícil de perceber o seu absoluto silêncio do que a sua manifestação afirmativa.

Ora essa permanência resulta naturalmente da sua essência de actividade monadológica, isto é, de actividade original e não mero resultado da composição de outras actividades.

É o velho argumento da perenidade do simples, elemento ou átomo, por nós renovada para as actividades solidárias, que, como mostraremos para a memória ¹, sejam originais.

Tendo desde o nosso primeiro livro ², chegado a uma monadologia em que o pensamento nos aparece real e criador, não ficávamos mal dispostos a admitir a sua presença para além da região que lhe é distribuída pelos nossos hábitos.

Assim ainda neste terreno seria com esperança que prosseguiríamos a luta contra a Morte — o eterno e indefectível inimigo.

Uma boa documentação existe felizmente e neste campo não faltam as experiências de valor científico, pelos métodos e probidade intelectual dos seus dirigentes.

As condições para que os fenómenos // espíritas peçam teorização é que eles se não vão subordinar às anteriores rubricas de telepatia, psicometria, desdobramentos de personalidade ou criptomnesia.

A primeira cousa a eliminar, depois das fraudes, é claro, é o conhecimento criptomnésico.

É evidente que essa eliminação é muito difícil, mas é, por fim, possível.

O médium deverá dar conhecimentos, com *objectividade*, de cousas que nunca tivesse aprendido pelas vias normais de sensibilidade.

Isto é fácil; mas como eliminar o conhecimento telepático espontâneo ou psicométrico a partir de qualquer sinal orientador que exista, sem o sabermos, no meio em que trabalhamos?

¹ Memória no sentido amplo que lhe daremos.

² O *Criacionismo*.

O conhecimento psicométrico é relativamente eliminável pela presença única de objectos cuja origem nos é bem conhecida e que sabemos nenhuma relação terem com a comunicação recebida, mas será eliminável o conhecimento telepático?

O ilustre físico inglês Oliver Lodge propõe o método das comunicações cruzadas e apresenta-nos algumas dessas experiências.

Assim no seu livro *Raymond or Life and Death* em duas sessões em pontos diferentes de Inglaterra fez passar uma certa e determinada palavra duma sessão para outra.

Tem, também no mesmo livro, comunicações *complementares* com médiuns diferentes e que posteriormente se verificam exactas. //

Estas experiências são muito interessantes e não é fácil evitar nesta altura que apareça a teoria da *sobrevivência manifestada* como a necessária explicação.

Se, com efeito, não prejudicássemos contra a sobrevivência, que concluiríamos nós da anunciação dum ser invisível¹ que nos promete transportar a centenas de quilómetros uma palavra-senha e cumpre conscienciosamente?

Que a anunciação é verdadeira e esse ser existe e nos foi presente, *convivendo*.

Como, no entanto, um pouco de cepticismo nos é muito simpático, pois é a têmpera da vontade, muito bem achamos todas as dúvidas, tanto mais que é de bom método explicar pelo consuetudinário, temendo todavia o risco de diminuirmos a nossa consciência do Universo.

Não caberão estes fenómenos nas rubricas anteriores?

Em todas as experiências do Raymond fica com efeito possível a psicomетria ou a telepatia.

São presentes pessoas que conheceram Raymond e podem, nuns casos, ser o núcleo duma orientação psicométrica para o médium, nos outros, como a transmissão da palavra «Honolulu», há conhecimento prévio dos dirigentes que // através dos médiuns poderão ter exercido a suficiente informação telepática.

É certo, todavia, que a psicomетria e a telepatia conhecidas não se ajustam bem aos casos de que se trata e se lhe tem de supor novas capacidades, virtualidades adrede reveladas.

Mas a dúvida é boa, só ela gera o heroísmo e dá elastério, firmeza, peso e volume à crença.

¹ Para nós, não para os videntes, nem, como veremos, para a máquina fotográfica.

Há uma explicação estética de todos estes fenómenos que nos não desagrade também: é um amplo mar de Mistério que nos banha, nele mergulhamos e, de quando em quando, as mais estranhas pérolas nos vêm presas aos cabelos.

Estética e religiosa; e, com efeito, ao ver como nas sessões vulgares se tuteia, acotovela e pisa o Mistério, sobre ele, como sobre o tabernáculo dos hebreus, desejaríamos um formidável tabu.

Quais os dentes dignos de trincarem os pomos edénicos da árvore da sabedoria?

O respeito pelo Mistério é o oculto motivo estético da timidez de Maeterlinck diante das explicações espiritistas, mas o Artista, tocado de concupiscência científica, escolhe a hipótese do «hóspede desconhecido», que por ser o reservatório do Mistério é capaz de tudo e cientificamente nenhum valor explicativo conserva.

E, também, se o Mistério nos fala, hemos de responder.

196 Ouvir na vastidão do Abismo um chamamento // humano e não responder, ouvir palavras do Silêncio entreaberto e quedar estático!

Não; as profundidades da alma sobem em névoa e à boca acorrem precipitosos ecos de simpatia e amizade.

As presenças invisíveis, de que os poetas nos falam e todos sentimos, não serão, em movimento de alma, comunicações medianímicas, que à cegueira vulgar, só chegam corporizando-se na grosseira tangibilidade dos sentidos?

Há mais espectros nas *Sombras* de Teixeira de Pascoaes que numa célebre fotografia transcendental do dr. Hausmann, onde aparece uma imensa multidão de fisionomias do além.

A fotografia transcendental é também um processo curioso de investigação espiritista ¹.

Tiveram grande voga os trabalhos de *William Crookes*, que apresentou a fotografia de Katie King, materialização conseguida com a mediação de Miss Cook.

Wallace, o grande naturalista inglês que partilha com Darwin a glória da selecção, afirmou ter colleccionado muitas fotografias transcendentais.

Charles Richet também na Argélia fez dessas fotografias, sobre as quais recaiu mais tarde a suspeita duma fraude feita por um criado da casa. //

¹ De novo damos à palavra o simples significado de rubrica.

Richet garante que durante qualquer das experiências a que assistiu (cerca de vinte) nunca o criado Areski poderia ter entrado na sala das sessões. 197

Uma das mais curiosas experiências é a fotografia do fantasma de Piet Botha.

O jornalista inglês W. Stead (durante a guerra anglo-bóer) visita Bournsnel, fotógrafo transcendental e médium vidente e auditivo.

Este diz-lhe que está impressionado com a visita dum velho bóer, que aí está de novo.

Stead pede que tente uma fotografia e prepara-se para ser fotografado, perguntando depois ao médium se ainda pode falar a Piet Botha.

Sobre resposta afirmativa pede que pergunte outra vez o nome, que é repetido como Piet Botha.

Stead conhecia o nome de muitos membros da família Botha, mas ignorava este.

Revela-se a chapa, onde ao lado de Stead, aparece o fantasma do hipotético Piet Botha.

Quando, feita a paz, o general Botha vem a Inglaterra, W. Stead envia-lhe a fotografia.

No dia seguinte um companheiro do general, M. Wessels, assombrado, deseja saber a origem da fotografia que ele declara ser dum seu parente, morto no cerco de Kimberley, que nunca tinha vindo a Inglaterra e que se chamava Pietrus Joannrês Botha, mas era tratado por Piet Botha.

Stead afirma ter averiguado que nenhum jornal tinha publicado a fotografia de Piet Botha. //

Estas experiências são muito curiosas, não tanto pelo valor provativo para a hipótese espiritista, como pelas considerações curiosas que sugerem e até pelo seu grande valor dramático. 198

Uma fotografia da colecção que vou citando, é, sob este ponto de vista, duma enternecida beleza.

É o caso duma família saudosa duma criança recentemente falecida, que vai até ao campo.

Aí fazem a fotografia do grupo, que aparece aumentado da irmãzinha morta.

Sob o ponto de vista da prova da sobrevivência têm estes processos vantagens e inconvenientes.

A fraude é por vezes mais fácil ainda.

À parte a honestidade, que não é prova de valor objectivo pois só actualiza tanta crença como as outras provas científicas

para o pequeno número dos amigos íntimos, qual a certeza, no belo caso Piet Botha, de que Boursnell não tivesse obtido uma fotografia do comandante bóer?

Quem garante que, no caso da rapariguinha, não houve uma inconsciente sobreposição de duas impressões?

E para o caso simples da impressão fotográfica dos fantasmas, sem interferência com outras provas, não seremos diante de simples *clichés* sem vida?

Aqui se vê que a presença é acção e as actividades imóveis ainda se revelam em termos de movimento, isto é, pela inércia. //

199

Um fantasma, que só a chapa fotográfica recolhe e por nada mais comunica ¹, continuará a ser um fantasma inanimado.

O que é curioso, e muito, é a segura demonstração de que a nossa *imagem* se conserva e bem adentro da natureza, que se nos vai desvendando.

Essa *imagem* que os olhos vulgares não podem receber vai-se insculpir na chapa fotográfica.

Aqui o Mistério é muito amável e entrega-se docemente; o comprimento da onda do éter desce a alguns décimos do micron, conservam-se as relações químicas, fenecendo em trevas as nossas relações luminosas.

O aspecto fantástico das multidões astrais ², que assim a chapa pode revelar, é bem efeito para assombro dos nossos comuns limites sensíveis, que, tanta vez, supomos os limites do Universo.

A vantagem da fotografia transcendental está na eliminação da sugestão colectiva.

No entanto não é essa eliminação tão completa como parece à primeira vista.

200

Depois que Darget mostrou a fotografia da imagem do objecto em que se pensa e que chama fotografia do pensamento, pode supor-se que a // chapa recebe a impressão dum pensamento colectivo, de imagens visuais.

Isso explicaria a concentração que o empirismo reputa indispensável.

Em fotografias transcendentais nada temos ainda de nossa experiência pessoal.

¹ Não é esse o caso de muitas das experiências nesse sentido já feitas. No método da interferência, a fotografia é até um belíssimo auxiliar.

² Este astral quer dizer além-vida e não é o da hipótese teosófica.

Apenas conhecemos o caso, idêntico a outros citados como transcendentais, dum grupo de alunos do nosso liceu, que o colega Dr. Sousa Coutinho fotografou na sala de ginástica em frente duns espaldares.

Ora, através das cabeças dos alunos, desenham-se nitidamente os espaldares.

Sem a hipótese de transparência de tais cabeças e afastada da duplicação de poses, pois há certeza de que as chapas eram novas, ficou a hipótese da radioactividade da parede fronteira que costuma ser, e tinha sido, fortemente insolada.

Novas experiências, procurando idênticas posições e com análoga insolação, terão de ser feitas, excluindo cada membro do grupo até descobrir-se se basta a radioactividade da parede ou é precisa a presença de alguma das pessoas que constituíram o primeiro grupo.

São muito notáveis estas fotografias sobretudo quando se mostra que a sua viabilidade depende de acções medianímicas.

Ao seu significado espiritista, além das suspeitas de fraude, tem-se objectado que não é verosímil a indumentária da outra vida. //

Sampaio Bruno arreda mesmo o espiritismo pelos únicos motivos desta inverosimilhança e pela errada ideia metafísica de que o espírito não tem corpo.

201

Quanto à inverosimilhança é bem verdade que é um pouco inesperada a aparição vestida, e a explicação de que assim é apenas para a nossa apreensão parece-me um renovamento muito esquisito do objectivismo humano de Kant.

A ideia do espírito sem corpo é que é duma infantil metafísica — o espírito é uma abstracção, como o corpo o é também.

A mónada é abstractamente um ponto de actividade, é concretamente uma actividade social em acção, organizando o espaço, e, nessa organização, talhando os determinismos da acção, um dos quais é o seu próprio corpo.

Espírito sem corpo é o mesmo que actividade sem acção — o que quer dizer que o ponto metafísico do ser, que é o espírito, nunca integralmente se despe de corpo.

No velho Egipto supunha-se uma duplicação do corpo humano, de modo que este era normalmente acompanhado do seu duplo.

É ainda hoje a hipótese dos teósofos, que, construindo por processos de vidência e actualização da memória para além de cada vida, estão fora dos normais processos de conhecimento.

Para nós essas doutrinas só valem pelo seu valor de explicação sintética e não pelas // demonstrações directas, que os iniciados¹ dizem possíveis.

O duplo² aparece em certas fotografias e um médium vidente, ignorante da teoria, dizia-me um dia, admirado, que via a minha face duplicada, sem que pudesse ser imagem óptica.

Leibniz, um pouco entusiasmado com as recentes descobertas sobre a fecundação, fazia uma hipótese geométrica, deixando ao espírito a possibilidade duma invisível miniatura do corpo.

Qualquer destas hipóteses é na ordem das mais simples leis da reprodução — o desdobramento idêntico, ou a minoração geométrica.

A teoria epigenética da reprodução lembra que a continuidade pode ser mantida por um núcleo corporal, que mais não seja que um sistema dinâmico de relações, isto é, uma simples lei de evolução.

Mas isto é assunto a que voltaremos.

Sampaio Bruno readmite, porém, os espíritos concedendo-lhes a *fala* e conta-nos uma bela alucinação³ auditiva, que o previne dum desagradável e improbabilíssimo encontro com João // Chagas, e que se verifica segundo as palavras da profecia.

Ora o que vale contra as alucinações visuais, que Sampaio Bruno, num medíocre conhecimento dos fenómenos, diz serem as principais bases do espiritismo, vale também contra as alucinações auditivas, que pessoalmente pretende valiosas.

Como *falariam* os espíritos sem órgãos corporais que fizessem vibrar o ar?

De pensamento a pensamento?

Assim deve ser, mas então que admira que apareçam vestidos nas alucinações visuais?

O que haveria de estranho seria a fotografia, mas cá temos de novo a fotografia do pensamento a dizer-nos que a influência pode ir de nós para a chapa.

Imagens auditivas e visuais perpassam em todos os sentidos, sulcando o espaço como flamejantes cometas do infinito.

Tudo estremece de pensamento, vozes humanas e figuras humanas erram pela imensidade e o sentimento trágico de presença

¹ Os processos que esotericamente Steiner indica são duvidosos, pois podem ser recursos a uma metódica auto-sugestão.

² É claro que para ele vale a crítica já feita da fotografia transcendental.

³ É assim que Bruno se exprime.

com que certas solidões nos pesam não é mais que um eflúvio de humanismo que nos enleia e comove.

Há horas em que o silêncio como se recolhe meditando e momentos se passam em que sentimos que ele nos fala sem bem atinarmos o que diz, que ele é um murmúrio íntimo e que a pomba isolada e marcando o azul é, como a vela à flor dum lago, uma palavra de vida, flutuando no grande silêncio amoroso. //

O homem enchendo os mundos da sua presença...

204

Presença animada e viva?

A vontade de consciência que nos anima não projectará no espaço mais que a imagem¹ vazia do seu querer, alguma coisa como ondas do ar fugindo diante dum inútil esforço arquejante?

Imagens de nós próprios, de amigos ausentes no entreaberto e profundo Mistério da Morte, povoam o espaço, e todas as irradiações do espectro desenham no Universo a imagem do Homem; como o ar batido das nervosas, trémulas e aflantes folhas dos choupos, o éter abre-se em precipitosos frémits para, de mundo em mundo, passear a nostálgica máscara humana...



Da convergência de todos os métodos é que podem sair as explicações mais elegantes.

Ainda assim, quanto a nós, o ponto central das pesquisas está na boa procura de comunicações cruzadas.

Nesse sentido trabalhamos e, aqui como em // todo este campo metapsicológico, os fenómenos são rebeldes à direcção.

205

E tanto que a tonalidade mais animada, que agora de lembrança me dão esses fenómenos, é duma obstinação inimiga, por vezes amiga e condescendente, mas nunca abdicando de independência e rebeldia.

«Não tenho obrigação de fazer como quer e não o farei, porque teima sempre no mesmo? Faça o que lhe digo, de outro modo nada conseguirá, etc.» são frases de manifesta oposição a um direccionismo experimental.

Outras aparecem de amizade, pelo menos aparente, e de bons, mas inúteis, desejos.

¹ Que as imagens existem não há dúvidas, porque, depois de todo o cepticismo, ficam de pé as fotografias de experimentadores como Crookes, Wallace, Richet, etc., para os quais não servem enganosa.

Os meus médiuns são todos de escrita automática — dois sem pensamento consciente do que vão escrevendo, um pensando anteriormente quase tudo o que depois escreve.

Todos meus amigos e conhecidos.

Um, Abílio Viegas, meu aluno desde o 5.º ano do liceu até ao fim do curso complementar de letras que acabou este ano.

Outro, Azinhais, foi meu discípulo no 5.º ano e é hoje aluno da Escola de Oficiais Milicianos.

Outro é o meu íntimo amigo e colega no professorado, Dr. Ângelo Ribeiro.

Ângelo Ribeiro é um temperamento dramatizante: anda estudando qualquer assunto e logo que se disponha a escrever aparece um drama de aspecto spiritista, reflexo desse assunto. //

206 Foi assim que, andando a compor versos sobre o pensamento de Heraclito, lhe apareceu este pedindo que se eu lhe fizesse um prefácio para o livro *Verbo Antigo*, que A. Ribeiro anda compondo me não esquecesse de falar no *Fogo*.

Ora, com efeito, A. R. tinha-me pedido tal prefácio.

Há dias, numa tentativa de comunicação cruzada, dentro da mesma sala, pedi que escrevesse um nome para o outro médium, Azinhais, reproduzir; saiu a palavra *Sempre*, nome dum livro de T. de Pascoaes, que eu lhe tinha visto chegar pelo correio na véspera da experiência.

Tentei com Heraclito a escrita de alguns pensamentos em grego, consegui-o; mas A. R. declarou-me imediatamente que o seu grego chegava até aí.

Agora começa a escrever sob nomes vários e cousas que o seu consciente não escreveria por inferiores e é curioso o espectáculo de sofreguidão que em torno dele se forma: é um que fala, logo outro, a seguir o primeiro de novo se intromete até que o nosso Heraclito vem pedir que resista à pressão dos tantos espíritos que o pretendem — como um único telefone servindo uma grande cidade.

207 Azinhais tem uma acentuada tendência para dar criminosos, suicidas inferiores, e é nele que uma obstinação malévola se revela com intenção feroz: escreve em letra muito miúda, e, se // pedimos melhor letra, raro é que se não torne ilegível por minguada.

Desenha, apresentando o retrato dos hipotéticos comunicantes.

Aqui tenho uma originalíssima fisionomia de Euclides Pontenoy de Remis, que diz poder confirmar-se por intermédio de seu primo Raymond de Remis, morador na Rua Teheran 457, Alger.

Abílio Viegas dá pessoas pacatas, iletradas ou de medíocre ilustração, mas muito sensatas e suficientes.

É um esplêndido médium.

Com ele consegui a única experiência notável, que tenho e é o motivo desta parte do capítulo.

Quanto a probidade, ela é a mais pura em todos os meus médiuns.

Os dois estudantes são simpáticos e bondosos rapazes, um pouco admirados do que fazem, mas compreendendo perfeitamente o valor do que andamos fazendo.

A. R. é um pensador sério, um cordialíssimo amigo e um ilustre professor.

Feitas estão as apresentações.

Por vezes tenho tentado, com eles, o cruzamento, ou antes, a passagem duma simples palavra de médium para médium na mesma sala ou em salas próximas, sem nada conseguir.

Somente uma vez numa sessão de outro grupo consegui que um médium escrevesse a palavra *amor* e outro próximo a reproduzisse, mas este // segundo não me merecia confiança e podia, apesar da pouca luz, ter percebido a palavra pelos movimentos do que a escreveu primeiro.

208

Tenho com o médium Viegas a seguinte comunicação cruzada espontânea, que é muito bela e da qual aí ficam os documentos reproduzidos pela fotogravura.

No dia 2 de Maio de 1918, de tarde, pediu-me Sousa Pontes, então aluno do 7.º ano de letras, licença para encimar um soneto, que tinha feito, com um pensamento meu sobre a possibilidade dum Deus humorista criando um mundo repassado de cómico.

Disse-lhe que ia para casa e lhe emprestaria o meu livro *A Alegria, a Dor e a Graça* onde poderia ver o desenvolvimento desse possível aspecto da existência.

Acompanhou-me do liceu a casa, e, como no caminho encontrássemos Abílio Viegas, seguimos todos.

À porta de casa disse ao Viegas que era melhor aproveitar a ocasião para os trabalhos da semana, pois isso o dispensaria de voltar, fazendo-me o sacrifício dumas horas que me pareciam furtadas à namorada.

Concordou e entrámos todos.

Depois apareceram dois estudantes do 7.º ano de ciências, que me vinham pedir o auxílio numas dificuldades de matemática — Palhares Mesquita e Mário Duarte. //

Acompanhava-os o Hortênsio de Sousa do 7.º ano de letras.

209

Pediram para assistir à sessão e comecei os trabalhos.

Augusto Vieira Louche - N.º 1196 - 1910 - Janeiro 22
 sempre - fumaça - barra de latão - no reconhecimento
 de 1 de Janeiro - no front - soldado e depois a cabo
 não que sabe por não saber - fui como se
 era a carpente - fante - um - se que fala mas
 responde a um outro - não comunicando com
 outros pessoas - diga ou seja com quem comu
 não na cozinha - com quem comunica e que
 não se perguntar e a qual - não existe se
 fala - emou a comunicar com
 Leonardo Coimbra - do sala o
 outra pessoa - não escreve
 o que digo para um amigo de outra
 não se ele não fala - não se que andava
 de se sabe que emou comu
 em Lisboa com Leonar
 do Coimbra - não posso
 nem o ver - o que digo - tudo
 o que ele se sabe por que
 pediu remuneração e que não esteja
 no - que escreva e que fale Leonardo
 Coimbra - não fala - não escreve
 porque não comunica eu e que
 fala e ele se ouve - não se ouve de
 e que não fala mas ouve - Gil Vicente?
 Gil Vicente? - o meu Gil Vicente
 ? - não escreva Leonardo
 Coimbra - Gil Vicente
 Lisboa - já disse - nada porque estão
 modo de mim - Gil Vicente
 2-5-1918

O Viegas a breve trecho escrevia o que se segue, que reproduzo pontuando *parcialmente* e intercalando as minhas perguntas.

— Augusto Vieira Sardinha.

— Onde nasceu e quando morreu?

— Viseu, 1895 a 1918, Janeiro na quinzena primeira, terra de todos, no reconhecimento de 1 de Janeiro, na frente.

— O que era?

— Soldado e depois 2.º cabo, não fui 1.º cabo por não saber ler, fui com o 34.

— Qual era o oficial que estava consigo?

— Era o sargento.

— Como se chamava?

— Pandeiro.

— Parece-me brincadeira, sabe que fala com portugueses, pessoas sérias?

— Sim sei que falo, mas respondi a um outro, estou comunicando com mais pessoas.

— Pode dizer-me quem são?

— Não ouço e falo, com quem comunico não conheço.

— Não pode então dizer-me nada?

— Com quem comunico é que me faz perguntas, é o guia.

— Mas não pode fazer escrever o médium de lá? //

— Não escreve, só fala.

210

— Mas pode, então, dizer lá que está comunicando com Leonardo Coimbra e que peça testemunhas?

Imediatamente o médium Viegas escreve em letra muito maior, como se pode ver na fotografia:

— Estou comunicando com Leonardo Coimbra.

Penso que é a dramatização subconsciente do meu médium e insisto em que tente escrever na outra parte.

— Só fala, a outra pessoa não escreve.

— Afinal escreveu *aqui* o que lhe pedi para dizer *lá*.

— O que digo para um digo ao outro.

— Ele percebeu, e sabe que é em Lisboa?

— Não sei, ele não fala, ouve o que eu digo, ele já sabe (e em letra maior) que estou a comunicar em Lisboa com Leonardo Coimbra; não o ouço, nem o vejo, o que disse tudo o que ele já sabe porque pediu testemunhas, que não esteja só e que escreva o que pede Leonardo Coimbra.

— Mas quem está não poderia escrever?

— Não fala, nem escreve, porque não comunica, eu é que falo e ele só ouve.

- Mas pode dizer o que lhe pedi?
 — Posso dizer tudo, ele é que não fala mas ouve.
 — Que escreva para o Gil Vicente. //
 — Gil Vicente? Gil Vicente?¹
 — Liceu Gil Vicente.
 — É liceu Gil Vicente?
 — Sim, e é em Lisboa.
 — Lisboa escreva (em letra grande) Leonardo Coimbra Liceu
 Gil Vicente Lisboa, já disse.
 — Quer alguma coisa para os seus?
 — Nada porque estão perto de mim.
 — Pode voltar a aparecer-nos?
 — Talvez.

Diante desta comunicação confesso que fiquei perturbado, e, medindo tudo pela minha ansiedade, esperei telegrama dum desconhecido dizendo — notícias Vieira Sardinha, escrevo —; mas nada chegou e eu passei uma noite em claro, quase sem pensamento, *abismado* (é *exacto* o termo) em Emoção.

No dia seguinte contei o estranho caso sem dizer mais que o esquema anónimo² aos meus ilustres colegas do liceu Gil Vicente: Drs.: Gastão Correia Mendes que sorriu, Câmara Reys que se perturbou, Sousa Coutinho que nem se riu nem se perturbou e achou curioso sobretudo depois de saber que o físico Oliver Lodge muito a sério toma o assunto, Damião Peres a quem vi uma sombra // de agradecido mistério pousar na fronte, Luís Cardim a quem o conhecimento profundo da alma inglesa deu uma grande simpatia por tudo o que vem do mistério das almas, e o capitão tenente e prof. da Escola Naval, Santos, que, sendo um caçador incorrigível, perdeu uma bela caçada para esperar por uma sessão a que queria assistir.

Passados dias, como nada recebesse, falava aos meus colegas do malogro de tão sedutoras promessas.

Foi então que o meu colega, prof. Adrião Castanheira, me lembrou o Brasil, ideia que conservou em mim um resto ténue e mortício de esperança.

¹ As interrogações são do original.

² É claro que isto não significa que eu quisesse evitar um ludíbrio desses meus amigos; mas somente para evitar possíveis transmissões de pensamento, etc., etc.

Quando já mal pensava no caso, aparece-me essa carta que reproduzo e vai anexa em *fac-simile*:

«Acampamento 8 Maio — 918.

Ex.^{mo} Sr.

V. Ex.^a por certo vai-se rir de mim e do que vou contar. Os meus amigos dizem que sou sonâmbulo e que digo muitas coisas, sem eu saber o que digo.

Há dias eu, estando a descansar comecei a gritar dizendo muitas falas e chamando gente para ouvir. Depois contaram que eu havia pedido para escrever o que se segue: escreve para // Leonardo Coimbra liceu de Gil Vicente — Lisboa por mandado de Augusto Vieira Sardinha 2.^o cabo e que morreu aqui em 15 ou 25 (?) do I.

213

Do que disse não me lembro, mas os meus amigos pediram para escrever.

Não sei se é pessoa de família ou conhecimento, ou que o destinatário não exista.

Se existir pedia para escrever para Urbano Júnior infantaria 4 — 10.^a — 448 — hospital militar — C. E. P. — França».

Perante esta carta, a cuja recepção, na secretaria do liceu, assistiu o secretário, os profs. Passos e Sousa Coutinho, desta vez um pouco estupefacto, e empregados da secretaria, confesso que tive arrepios, senti sobre a cara o bafo calafriante do mistério.

Serenemos — o que, aliás, é difícil, pois chega agora a notícia da entrada das tropas francesas em Soissons.

E eu que amo filialmente a França tenho lágrimas de alegria, e nelas evoco a grande alegria sobre-humana dos franceses das terras libertas, beijando os pés dos soldados redentores.

A França imortal do meu infinito amor estava destinada, mais uma vez, a salvar o mundo e a beleza, e a bondade e a justiça e tudo o que há de espiritual à flor e na profundidade da Vida.

Da França imortal havia de vir também a resposta a esta minha ansiedade. //

A primeira hipótese que acudiu ao secretário do liceu foi que eu era vítima duma brincadeira dos colegas.

214

Com efeito vejamos a hipótese fraude.

A fraude podia ser feita para engano meu ou por mim para engano do público.

A resposta cabal é que todas as pessoas, que no assunto tiveram ingerência, são honestas.

É o que basta.

Para o público que ignore o valor desta contestação podia dispensar-me de outras; mas sempre lhe direi o suficiente para compreender que as condições de fraude foram eliminadas.

As únicas pessoas presentes à sessão foram os estudantes a que acima me referi.

Nenhum deles tomou um apontamento, como o não deixei fazer ao médium.

A comunicação é extensa e não se decora só pelo seu decorrer, que, de resto, foi entre mim e o hipotético espírito um diálogo, cuja *orientação e oculta intenção* eles não perceberam.

Preparação anterior não era fácil, não só porque, como disse, a sessão foi inesperada, mas também porque ninguém podia prever as minhas perguntas e orientações.

Preparação posterior não a podia haver, porque, já o disse, ninguém saiu da sessão com o conhecimento preciso para lhe ajustar a resposta complementar.

215 O acordo das duas comunicações não é justalinear // como seria em tal, aliás improvável, hipótese.

Não se marca o dia preciso e em tal hipótese não só teria o dia como a hora exacta, pois era o que melhor se podia e mais apeteceria ajustar.

E repare-se que a teimosia da minha parte em querer saber qual é o *lá* tem como resposta «não vejo nem ouço» na minha comunicação e na carta aparece como falando em sonambulismo, etc.

Além de tudo, o nome Augusto Vieira Sardinha não aparece em nenhuma lista oficial, nem do C. E. P. sabem dar informações a respeito de tal nome — o que exclui, por mais um motivo bastante, a hipótese fraude. Repito que tudo isto é um favor ao público, porque o meu argumento contra a fraude é a amizade que me prende ao médium Viegas e aos outros alunos presentes. Quanto à fraude da minha parte, isto é, que eu posteriormente à comunicação escrevesse para França a cópia daquela carta para de lá me ser reenviada, é simplesmente divertido que eu o esteja pensando, mesmo em hipótese.

Em todo o caso vá lá até ao fim. Um dia em que eu falava no caso ao meu amigo Correia de Sousa, tenente-médico naval, dizendo-lhe que fraude só era possível da minha parte, ele respondeu prontamente — é claro que não é hipótese para mim, mas só um estúpido seria capaz de te imaginar autor da carta.

Com efeito ninguém era capaz de inventar // aquela carta desde o sabor popular de «dizer muitas falas» até àquele final em que um pensamento ingénuo conta as suas hesitações hipotéticas sem arranjo gramatical e no estado nascente.

Criptomnesia não pode ser também porque se trata de *fenómenos contemporâneos e conjugados*.

Não é psicomетria. Resta a informação telepática ou seja a subconsciente transmissão de pensamento.

A transmissão de pensamento é mais ou menos estereotipada, de imagens, ou de palavras, que são igualmente imagens.

Aqui, como se pode ver, as comunicações por vezes *completam-se*, outras vezes, *sem discordarem, são diferentes*.

Já mostrámos como se completam; divergem, por exemplo, em marcar numa a 1.^a quinzena e na outra o próprio dia, visto que Urbano Júnior, escrevendo sem saber se é 15 ou 25, aponta o dia 15 à melhor localização do documento Viegas, que só dava a 1.^a quinzena.

Numa diz apenas que foi 2.^o cabo em outro que não foi 1.^o por não saber ler.

Além disso os fenómenos de consciente transmissão de pensamento nunca atingiram complicação desta ordem e a telepatia não obedece à direcção experimental como aqui.

O esquema analógico desta experiência é qualquer como o que se segue:

De noite, caminho acompanhado por um amigo, // que, dotado duma especial visão, me garante pairar sobre nós alguém que lhe fala por sinais, dizendo que lá da altura fala também para um sítio afastado.

217

Peço que transmita, então, um certo número de propósitos meus e que me escrevam de lá com um definido endereço postal.

A seguir recebo a comunicação de que assim se cumpriu tudo o que pedira.

Que concluiria eu?

Evidentemente que o meu amigo se não tinha enganado e que tínhamos comunicado com o ignorado sítio longínquo, por meio dum consciente e amável intermediário.

Concluirei assim no caso de que tratámos?

Não quero concluir em absoluto, porque outras hipóteses mais belas possam caber, porque o obstáculo da Morte não perca muito do seu prestígio; é sempre bom que a certeza nos não adormeça e, em pleno mistério, uma grande emoção nos erga dramáticos, assaltantes, pugnazes conquistadores da imortalidade.

A ferocidade obstinada e forte de Afonso Henriques, subindo, de punhal nos dentes, as muralhas inimigas, seja a nossa vontade amorosa, fremendo de universal e conservativa sociabilidade!

Não se condensava nesse gesto, direi, na tensão desses maxilares, a vontade inicial dum povo procurando aflorar à consciência, como o tumulto das raízes é já uma ansiedade de azul? //

E, como a cidade adormecida precisaria de mais vigilantes e voluntariosas sentinelas para que a vontade afonsina as não dominasse, assim a Morte não sairá das nossas mãos, de olhos fechados e *morta*, mas *atenta* e alerta se quiser guardar os seus domínios.

218

Obrigar a Morte a defender-se não será a mais fremente posição da nossa *luta pela imortalidade*?

Os meus olhos receberam o ofuscamento do Mistério, em lembrança é hoje essa luz suave e consoladora, mas luz plena e informe banhando-me de alegria e esperança indefinidas.

Foi uma viagem para além dos mares e dos céus, o meu sonho tem mais asas; mas valerá a pena fazer o roteiro da viagem?

Mistério, mistério, guarda as tuas regiões maravilhosas para que se não entorne sobre a vida um pouco daquela monotonia que a visão espectroscópica dos astros remotos trouxe à sensibilidade de Guyau.

O que quero é saber interrogar, não sou homem de afirmações e certezas. Já reparou o leitor que a minha gramática é muito admirativa e interrogativa?

Interrogando e admirando.

Eu era capaz de aderir a uma escola literária ¹ que só escrevesse pontos de admiração e // interrogação, se não soubesse que isso poderia ser mero formalismo de quem nada admira e nada interroga.

219

Disse-me um dia o belo escritor, que é Raul Proença, que muito admirava a minha obra, mas em toda ela havia pouca consideração pelas possibilidades intelectuais dos leitores.

É talvez por isso que eles são tão poucos; preferi sempre a categoria da qualidade e nunca sonhei a publicidade aos milhares.

Mas em homenagem à observação de Raul Proença vou hoje ser mais explicativo.

Voltemos ao caso, pois.

¹ Faço solene doação da ideia aos famigerados orfeo-futuro-sensacionistas portugueses.

A identidade do autor da carta foi-me confirmada pelo comandante da companhia e um oficial do regimento por intermédio dos meus amigos Dr. Luiz Bernardino e engenheiro Manuel Domingues, alferes miliciano.

A identidade do comunicante não foi feita, pois o nome Augusto Vieira Sardinha não aparece nos documentos do C. E. P., como já disse.

Uma comunicação posterior me foi feita com o nome, declarado pelo comunicante pseudónimo, de Manuel Isaías.

Este tem um aspecto muito lúcido e amigo; sem grande cultura, parece um destes espíritos muito equilibrados e inteligentes que se encontram às vezes nas classes médias, que trabalham // com clarividência e honestidade dentro de bem delimitados horizontes.

Prometeu tentar um encontro com o soldado e ver se conseguia o verdadeiro nome se o primitivo não fosse verdadeiro.

Voltou, com efeito, e com *médiuns diferentes*, dizendo que não sabia o verdadeiro nome, mas que podia afirmar que o primitivo era pseudónimo e a comunicação era exacta.

Procurou mesmo justificar o uso de pseudónimos, que diz ser comum entre eles.

Cousas sem verificação possível, mas interessantes pela justiça e boa vontade, que traduzem.

O fenómeno *não é modificado na sua essência* pela falta de identificação civil e militar do comunicante, mas tal falta é uma boa eliminação da hipótese fraude, aliás uma razão espontaneamente apresentada por Manuel Isaías para justificar o uso do pseudónimo.

Depois de reiteradas insistências recebi mais tarde pelo médium Dr. Ângelo Ribeiro um nome e número do militar, apresentados como verdadeiros; mas, como este médium é duma fácil e pronta actualização do subconsciente, nenhum valor atribuo à revelação, pois, ainda que existente, pode ser uma manifestação criptomnésica de leituras esquecidas.

Eis o caso no seu completo desenvolvimento. //

221 Por mim, depois de verificar a dificuldade de o meter sob as rubricas dos outros fenómenos estudados anteriormente ao espiritismo ¹, guardo a *douta* ignorância, comovida e consciente.

¹ Espiritismo — nome da classe fenomenal. Veja-se, no magnífico livro de W. James *Principles of Psychology*, o capítulo — *The consciousness of self* —, sobretudo as págs. 397 e seguintes do volume 1.

O Mistério não diminuiu, fez-se maior e mais amigo, dealbou de uma luz insinuante e amigável, dum mais vasto e íntimo abraço espiritual.

Uma vasta unidade consciente, isto é, uma consciência divina, que sem apagar as consciências solidárias seja a garantia, a forma e a intimidade, a lei dessa sociabilidade, é a expressiva fisionomia do Mistério.

Por isso não nos agrada o «hóspede desconhecido» de Maeterlinck, que é uma forma do seu vago *panteísmo* literário.

Tal hóspede caprichoso e mutável, habitando os seres em relâmpagos esporádicos, faz lembrar uma unidade informe, um oceano raso de quando em quando encrespado por uma onda que a Fatalidade sopra.

De nada serviria essa abstracta unidade, pois a vida é relação e do vazio ficariam suspensas as relações dos seres se uma Consciência as não tomasse.

Deus é essa plena consciência, tomando // *permanentemente* 222
posse das relações que as *liberdades* dos seres se vão fazendo.

Fora disto uma Fatalidade cega, que a obra literária de Maeterlinck encheu de luz interior; mas a que reverte agora não tendo encontrado a verdadeira *relação* religiosa com o Mistério, que é o *silêncio interrogativo e amante*.

Que poderia esse «hóspede desconhecido» se não soubesse as relações de todos os seres ou actividades cósmicas?

Para a sua onnipotência precisaria da correlativa omnisciência, e, sendo cientificamente uma hipótese arbitrária, seria uma monstruosidade formidável pesando sobre o Universo com a invencível força duma vontade sem lei.

Não é esse o desconhecido do Mistério.

Vemos que os qualificativos de ordem moral se internam no corpo da realidade, que uma directriz de bom querer atravessa a vida e, *nos seus limites, escachoa, referve de encontro à Morte*.

Debalde; de encontro a um obstáculo inamovível e absoluto?

É possível, e, nesse caso, não seria de estranhar que a nossa vontade de consciência, criando a ciência, a arte e a moral, talhasse mais este vestido à Ilusão. Uma fantasmagoria dessa vontade seria todo o drama da vida e a consciência ao tombar do corpo, como a débil flor da haste, deixaria, numa última vibração de querer, a *boca hiante da sua fome... //*

Esse o abismo, que nos atrai, e, sobre cujas margens, percebemos a miragem de incontáveis ecos... 223

A Ilusão abismo e sorvedouro; o Infinito escoando-se pelo Nada.

Não inferiorizemos o Mistério à consciência, mas penetremo-lo de mais consciência, de universal vontade de harmonia, de expressiva e total fraternidade.

Para além, para além; mas mais acima dos Himalaias a que subimos. Para as profundidades; mas até que de novo o céu dealbe, atravessado o planeta.

O Mistério excede-nos; mas que não queira isso dizer que é mais volumoso e vasto e menos consciente e justo, menos belo e unitário. Deus não pode ser diferente do homem por lhe ficar aquém em consciência de si e da fraterna reciprocidade da existência; mas porque a mais efémera onda de devoção e amor, de universalismo e bondade, arremessada do coração humano, é o ósculo da sua alta beleza à nossa mísera profundidade.

Por mais que o Mar arroje as águas à face da Lua que as beija, jamais elas vão escorrer em lágrimas saudosas pela cara chagada, amortecida do astro.

224 E Deus é vivo, ele é mesmo a vida, o espaço metafísico e transcendente que coordena e enlaça todos os movimentos, desde o mais humilde // rasgar duma corola ao crescimento da meditação abrindo em prece os lábios humanos.

Essa a face sublime do Mistério, infinito abraço de amor unindo as criaturas, enchendo o ar e o éter de estremecimentos comunicativos, percorrendo em ondas a vastidão do planeta, espalhando-se em luz na imensidade sideral.

No seu concentrado silêncio é a fronte meditativa e amiga brincando em sorrisos nas cintilas do Sol, na espuma do Mar, nos lábios soerguidos da criança que sonha; falando alto, acordando as consciências isoladas, na voz trovejante do relâmpago que sulca de lés a lés toda a amplidão do Espaço.



O sonho metafísico de meter o Universo dentro duma equação diferencial desfez-se como fumo vão perante a moderna crítica científica, mesmo antes duma análise completa de todo o nosso conhecimento.

Análoga sorte tiveram as grandes tentativas sintéticas de reconstrução da realidade, a partir de modelos privilegiados.

Quem se importa hoje com os monstruosos monismos desérticos?

225 O prudente pensamento de A. Comte tinha já, todavia, previsto a tendência da divisão do // trabalho intelectual lançar em

luta darwinista as suas formas explicativas, de modo que cada vitória daria um especial monismo.

Ora, como a explicação, que mais satisfaz a nossa apropriação de determinismos e até a nossa sensualidade, é o modelo mecânico, segue-se que o monismo mecanista terá por seu lado o nosso maior favor.

Assim aparecem sistemas do Universo em modelos mecânicos que tenham de integralmente reconstruir a realidade. Claro está que o fazem repondo as massas mecânicas em posições e com qualidades que permitam dar simbolicamente as leis não-mecânicas já conhecidas.

Ocorre perguntar, pois, se tal simbolismo tem mais valor que o de uma economia, ou antes, dum hábito de pensamento e se seria mesmo possível sem a prévia determinação das leis que mecanicamente simboliza.

A ciência é uma relação de símbolos de ser, que podem ficar provisoriamente sem definição e que, de facto, ficam sempre sem uma integral exaustão do possível dinamismo interior.

Esse dinamismo só nos é conhecido pelas leis das suas relações sociais: um ponto geométrico é um desses símbolos ¹; a mais simples relação // de pontos, aquela a cuja lei basta a recíproca dualidade, é a recta que empiricamente não sabemos se é euclidiana ou não, mas que o é teoricamente, porque a outra só se resolve em inteiro determinismo pela recíproca pluralidade pontual que a euclidiana lhe organize.

Mas é claro que cada actividade monadológica elementar não se esgota nas relações sociais que, dentro dum limitado condicionalismo, a ciência vai descobrindo.

Só a síntese última ou metafísica nos pode levar a admitir que esse dinamismo, para que o Universo assente em bases estáveis e conservativas, deve ir desde a simples afirmação de ser, que é a resposta da mecânica newtoniana, à acção criadora da consciência em que, repetindo a reciprocidade newtoniana, sobre ela se aumenta a vida social, de expressão, desejo, acordo de liberdades, sonho enevoando a acção local em cósmico e universal amplexo.

¹ Veja-se como mesmo cientificamente o espaço se organiza por meio de relações e quão superficial é, pois, o espaço, forma das cousas, de Wundt.

Quer dizer que sobre um querer explícito e actual se levanta uma vontade excedendo a acção, guardando para si uma repercussão do seu agir, que lhe permita escolher e amar as ligações, que, sendo mais unitárias, façam mais rica a harmonia social.

À ciência interessam menos esses dinamismos que aqueles que se reduzam a um modo permanente e homogêneo.

Os segundos dão *prise* à nossa acção e a // ciência não pode despir-se de saber para prever, alargando a acção humana.

227

A sua tendência é legítima conquanto que seja consciente, pois, mesmo para a acção, é mais eficaz muitas vezes, nas realidades superiores, a intuição simpática que a discussão geometrizar — o «espírito de finura» tem um grande lastro de delicadeza estética.

Deixemos à ciência os seus processos, que, ampliando a nossa capacidade de acção, são sempre aumentativos da sociabilidade; mas não sejamos vítimas dos seus símbolos e sobretudo da simbólica de certos sábios, que chega a ser mitológica, por vezes.

Toda a realidade é, na sua apresentação imediata, de ordem mental — para mim existe um objecto porque tenho a sua percepção.

Para que seja um *ser* é necessário que a existência num momento coincida com a existência dos outros momentos ou dela se infira por existências constantes e é que a sua existência para mim seja a existência para os outros.

Daí uma procura do duplo acordo, comigo e com os outros, e desdobramento do acto perceptual em objectividade ou base de acordo e o restante.

Como a percepção não basta a esse acordo ela será substituída pela concepção que virá trazer um mais seguro critério de objectividade, para as percepções futuras até. //

É sempre de ordem mental o fenómeno que directamente apreendemos, embora quando satisfazendo a uns certos caracteres o chamemos objectivo.

228

Quer isto dizer que, quando os sábios substituem uns modelos por outros, não fazem mais que simbolizar uma certa objectividade difícil, porque é mutável, dinâmica e vital, por a objectividade mecânica à qual a concepção deu a mais fácil e segura estabilidade.

De forma que esse simbolismo não tem mais que o valor dos nossos hábitos mentais e a facilidade que lhe advém de ter substituído a real mobilidade e vida por uma recomposição dessa mobilidade com os elementos mais estáveis e abstractos que bastam às realidades inferiores das outras ciências.

A biologia de Dantec é um esplêndido exemplo desse método, ela é uma pura dialéctica mecânica, onde uma parte de boa verdade aparece por na mecânica ela ser já irrecusável — o carácter social dos seres vivos.

Um exagerado individualismo faz esquecer a muitos biólogos o alto papel do meio (sociedade) na dinâmica dos vivos; porque na mecânica tudo é clara relação social, a dialéctica de Dantec fixou uma boa parte da sua atenção nesse carácter social da vida.

229 Mas quando tem de achar os equivalentes mecânicos dos irreductíveis biológicos, toda a // dialéctica é inútil e é então um salto da mecânica para uma fisio-química secreta onde se podem passar reacções dando o equilíbrio morfológico, etc.

E ainda não vai até à herança sem a *reintroduzir* pela lei de assimilação funcional, precisando para a consciência um duplo trabalho — pô-la no átomo para a recompor no homem e, depois de posta, negá-la como miraculoso epifenómeno, para que não impeça a suficiência da síntese mecanista ¹.

Que sejam hipóteses duma certa fecundidade científica é o que, até certo ponto, é verdade; mas que se generalizem a síntese filosófica é infantil.

A própria objectividade mecânica se não basta, e, de relação em relação, procura-se para cada sistema, a acção de outro até que o indefinido paira sobre uma tentativa de determinismo e união com uma parte, insignificante fragmento de maior realidade.

Só numa Consciência podem as relações totais duma sociedade encontrar poder capaz de as retomar e possuir no permanente dinamismo *criacionista*, que já mostrámos ser o seu. //

230 As formas de objectividade que a vida social cósmica vai organizando e apreendendo, porque a consciência reflectida é uma das suas criações, vão, pois, desde a actividade mecânica, esquema do agir social, pela herança e memória biológica, até à clara consciência que um ser toma de si e do Universo.

Uma actividade é considerada um ser, quando as suas relações nos aparecem para além dum puro equilíbrio mecânico.

¹ Nada de novo daria uma física de *leis individuais*, achando para além das *leis estatísticas*, o comportamento do *indivíduo*. O *indivíduo* só se revela na acção social e as novas leis não seriam mais que um novo e mais atento *atomismo*, uma maior aproximação do activismo monadológico.

A química é um esboço de ontologia, cada elemento químico tem as suas afinidades ¹, e, se é possível mais tarde reduzi-lo a electrónios que o apresentem como síntese, só quer isso dizer que a manifestação atómica carece dum certo condicionalismo e só é possível a partir dum certo equilíbrio.

Donde vem esse condicionalismo, como se estabelece esse equilíbrio?

E bastaria isso para o aparecimento das actividades químicas?

É o problema geral das condições de existência, sendo ou não capazes de criarem as existências.

Problema posto por Espinosa, já na velha Grécia // por Empédocles, e renovado pela moderna biologia transformista.

231

É claro, e já o mostrámos em anteriores trabalhos, que as condições de existência são certos modos fenomenais de actividades, que postulam essas actividades.

Aqui, com efeito, a química pode aparecer por uma organização superior da electromagnética, mas fica uma sociedade de electrónios diferentemente caracterizados em si e nas suas posições criando a química por uma espécie de selecção darwinista: as rudimentares afinidades deslocadas do átomo para o electrónio.

Acontece o mesmo com a vida em relação a certos equilíbrios físi-químicos.

E quer isto dizer que a actividade biológica não caracterize um ser na mínima porção de espaço onde comece organizando e assimilando?

É com esta actividade que claramente começa, para todas as vistas, a sociedade dos seres. O animal vai desde o simples reflexo até à vontade mais ou menos consciente.

Os caracteres de objectividade que nesta altura melhor explicam e organizam a experiência são aqueles que mais analogia têm com a nossa psicologia.

E nenhuma distinção se pode fazer entre um *método objectivo* e um *método introspectivo* em psicologia.

Todos os métodos são objectivos desde que o // pensamento procure o acordo lógico em experiência apropriada.

232

¹ Explicar a afinidade por qualquer processo mecânico, qualquer *sinergia* de movimentos é útil, mas deixa-a na *forma* des-sinergia, ou desloca-a para apropriadas acções exteriores, deixando de pé o carácter social da explicação.

Se todos somos levados a supor, para explicar a conduta dum animal com que experimentamos, um certo luar de consciência, quer isso dizer que essa consciência se nos impôs objectivamente.

Um bom exemplo se verá quando adiante falarmos nos célebres cavalos de Elberfeld.

Todos os métodos são introspectivos se repararmos e atendermos que tudo se passa em fenomenologia mental.

O que se chama psicologia introspectiva e psicologia objectiva significa apenas diferenças de métodos, e o favor da psicologia objectiva vem-lhe de, trazendo os métodos das outras ciências, ser uma incursão de sábios nos domínios duma exígua observação psicológica que escolasticamente ia ruminando as *faculdades da alma*.

Mas nada de equívocos; o objectivismo é uma qualidade do pensamento e não de compassos ou cronoscópios, etc.

O instinto dos animais é uma maravilhosa adaptação do animal a futuras condições de vida, tem o aspecto que a experiência da espécie está servindo o indivíduo — e é nesta influência do passado no comportamento futuro, base da vida, que começa a memória.

É preciso não confundir com casos de aspecto parecido, como a *histeresis*, por exemplo. //

233

A histeresis, que é uma das aplicações da degradação da energia, nada tem com a memória biológica.

Suponhamos que eu todos os dias tiro uma pedra duma parede; a segurança da parede não é a mesma em cada dia, o ponto de partida do trabalho diário é diferente.

Quando submetemos um certo ferro à magnetização, se fazemos crescer o campo, a indução magnética toma um certo valor.

Se agora diminuimos o campo, passando em sentido contrário pelos mesmos valores, a indução não se anula para o valor zero do campo, antes conserva um certo valor positivo — o que quer dizer que para experiências ulteriores o ponto de partida já não é o mesmo.

O fenómeno objectivo, no sentido equívoco daqueles que chamam objectivo tudo o que se alonga no tempo dos relógios, é o mesmo que para os casos biológicos em que um gato escaldado de água a ferver tem medo — o passado modificando o modo de agir perante o mesmo excitante.

Mas no primeiro caso ninguém diz que há memória e no segundo todos o dizem — é que, à parte a mobilidade do gato, a própria sentença é que «gato escaldado de água *fria* tem medo».

Ele discerne, compara e à cautela defende-se das analogias, como um de nós em país de cobras venenosas o fará inicialmente em relação às mais inofensivas. //

Fenómenos parecidos com a histeresis aparecem sempre que fora sejamos das condições teóricas duma perfeita elasticidade.

234

Elasticidade, que, no entanto, ninguém consegue eliminar, passando-a da matéria ao éter, ou como quer que seja, pois para a reacção exceder a acção é preciso que primeiro a aproprie identicamente, isto é, elasticamente.

Não precisamos da hipótese memória nestes casos, embora acreditemos que as actividades elementares constitutivas do sistema sofreram evidentemente uma diferenciação, no meio em que cooperam e a que seguramente responderam.

Na vida é que essa memória nos parece necessária, embora a sua unidade esteja muito longe da memória pessoal, que, em nós, *objectivamente* apreendemos.

O instinto aparece-nos como um caso interessante de acumuladas conquistas da memória biológica transmissíveis pela herança, que mais não é que a continuidade dessa memória.

A tentativa de explicar a génese dos instintos por meio de reflexos nem elimina a memória nem uma inicial vontade inteligente.

Quando, para obrigar um cão a erguer uma pata três vezes seguidas à vista do número três, tomo esse número e um bife e alio pelo bife o movimento desejado com o número três, aproveito a memória e o desejo inteligente do cão.

Se depois suprimo o bife e deixo a associação // do número e do gesto não quer dizer que tal comportamento fique a ser fatal, pois se não dou novas recompensas, a da minha amizade por exemplo, a associação não resistirá a novas solicitações da mesma inteligente vontade.

235

A possível neo-adaptação dos instintos e até a sua descoberta por um sócio de génio mostram a névoa de inteligência que cerca os instintos.

Mas a memória intelectual¹ dos animais chega por vezes ao maravilhoso².

¹ É clássico, embora exagerado, o livro de Romanes.

² Do nosso conhecimento podemos citar uma bela cadela «S. Bernardo», que, sendo castigada pelos repetidos morticínios de gatos, acabou por os enterrar depois de mortos.

É o caso dos cavalos de Elberfeld, que, antes da guerra mundial, ocuparam todas as revistas científicas.

Maeterlinck os visitou e deles conta assombros.

A exposição de Maeterlinck é duma beleza literária comovedora, embora a crítica científica das experiências seja muito ingênua.

Até, procurando saber se eles pensam, tenta eliminar a transmissão do seu pensamento (como se recebendo a transmissão não pensassem!) dando-lhes operações sobre números, que lhes apresenta de olhos fechados.

236 Mas é o caso que os cavalos de Elberfeld ¹ [3] fazem operações aritméticas, descriminando // dezenas e unidades, contando umas com uma pata e as outras com a outra pata.

Fazem conversa por sua conta, queixando-se dos criados, etc.

Haja obediência a sinais imperceptíveis para o público (o que Maeterlinck garante não se poder dar) ou não haja, a inteligência dos cavalos é que é notável e muito em qualquer das hipóteses.

Já não pode ser a simples memória orgânica, mas uma memória intelectual certamente invejável para muitos homens.

Se, com efeito, se conseguisse fazer aceitar e compreender uma boa linguagem a certos animais, eles resgatariam uma boa parte do seu descrédito cartesiano.

Isto quer dizer que mesmo para eles começa o nosso objectivismo a reclamar uma memória intelectual voluntariosa que vai fazendo unidade entre as múltiplas pluralidades da sensação.

No homem atinge essa memória o alto grau da consciência pessoal.

E, como todas as relações de actividades criacionistas, que a ciência nos mostra constituindo o Universo, só encontram garantia numa Consciência, que integral e permanentemente as tome, é ocasião de optar pelo que Renouvier chama a *doutrina da consciência* contra a *doutrina da cousa*.

Ainda aqui a doutrina da cousa tentará substituí-la à consciência, mas é tarde para o conseguir. //

237 De novo aparecem os equívocos já desfeitos e é tentado em psicologia, a pretexto de objectividade, um simbolismo de cousa.

O mais ingênuo é desdobrar as realidades mentais em modelo e cópia, supondo realidade objectiva, alheia ao pensamento a cousa-modelo e mera reflexão num espelho plano em condições de uma só imagem (!!) a cópia.

¹ Ver Edmond Perrier.

A memória virá a cinematografar essas cópias — o que quer dizer que as margens dum rio devem ter uma esplêndida memória das águas passadas.

A esta teoria estática substituiu a psicologia moderna um dinamismo de pensamento.

É muito notável a atitude de Bergson no caso.

Para ele há a memória pura e a memória motora. Qualquer coisa como sobre a memória biológica uma pura e absoluta memória espiritual.

Somos contra todos os absolutismos, mesmo os dos filósofos; a vida é relação, o amor é relação, Deus é a relação de cada alma com todas as almas.

Mas o esquema de Bergson triunfa brilhantemente da psicologia estática vulgar.

Se dum lado colocamos, com efeito, certas imagens-tipos e do outro as percepções, como se virão juntar estas àquelas?

O problema do *reconhecimento* fica insolúvel e até as doenças mentais, fazendo a análise neste // sentido, nos revelam casos em que a memória existe mas não sabe aplicar-se, por falta de um intermediário que Bergson mostra ser uma certa atitude motora, isto é, uma atitude de corpo que permita a insinuação da lembrança.

238

Um doente de Charcot, sofrendo de surdez verbal, ouvia o seu relógio, mas não podia contar as pancadas.

Impossibilidade do «esquema motor».

Adler nota que, embora estes doentes nenhuma reacção façam aos maiores ruídos, têm uma grande finura de ouvido, etc.

As doenças de memória seguem a lei de Ribot, que diz que a dissolução da memória vai dos nomes próprios, para os substantivos comuns e verbos.

Como explicar esta ordem no associacionismo estático das escolas inglesas?

Como é que em certas afasias não há perda certa de determinadas palavras, mas hesitação invasora e variável?

E o que seriam certas amnésias em que a recordação é implícita, por exemplo, no caso do esquecimento duma só letra em que ela, para ser esquecida, é evidentemente reconhecida?

É um caso que o hipnotismo pode facilmente imitar e então se verifica bem claramente a existência da recordação, negando-se.

Bergson faz uma hipótese que traça as linhas // do dinamismo mental com uma finura dignificante da introspecção sábia.

239

Esse mesmo dinamismo é solicitado pelos simbolistas daquele equívoco de só considerar objectivo o visível e tangível, mais ou menos mecânico.

É assim que Kostyleff¹ procura eliminar a instropecção num futuro inatingível (o que é cómodo) pelo método objectivo da síntese de reflexos² psíquicos.

É uma aplicação da lei da assimilação funcional de Dantec, que mais não significa que a existência da memória biológica.

É claro que as sínteses destas memórias nunca dariam a memória consciente pessoal.

240 Se é impossível compreender como os acasos da selecção motivam a evolução biológica, mais // difícil parece ainda a criação da consciência saindo do inconsciente³ [1] e sobretudo fazer sair a ciência, a arte e a moral do facto bruto de certas vias dinâmicas do sistema nervoso serem, pela assimilação funcional, mais percorridas e reforçadas as respectivas ligações.

O equívoco está na sua determinação do que seja a objectividade — a memória é objectiva e mais que a inércia mecânica.

Corra o Sr. Kostyleff o planeta em todos os sentidos e sempre será de acordo sobre uma certa noção de memória e nunca obrigará ninguém a *necessitantemente* tomar a inércia; e isto experimentando com todo o material de laboratório que queira, nunca a primeira noção será desmentida, nunca a segunda noção será *necessitada*.

Que o método dos reflexos é um bom estudo do condicionamento do pensamento, está bem; mas isso não lhe dá direitos metafísicos impertinentes.

¹ *Les Substituts de l'Âme dans la Psychologie Moderne.*

² Esta doutrina é um duplo equívoco sobre o sentido da objectividade. // Admitida só a objectividade materialista que aliás é prelógica e insubsistente, ficaria o seguinte absurdo: um grupo de objectos de que o sistema nervoso faz parte e depois um só desses objectos miraculosamente produzindo (ou pelo menos reproduzindo) todos os outros. // Um *objecto*, que é, por definição, termo dum *conjunto dado*, criando esse conjunto que, portanto, *não* era *dado*: nem ele, nem o *objecto*. // Se os objectos não são cousas, mas relações, é então compreensível que cada actividade sustente um dos lados da Relação.

³ Este inconsciente é o inanimado e não o que está abaixo da consciência reflectida, mas, sempre de natureza psíquica, é elemento na síntese dinâmica da consciência.

A memória ^{1 [2]} é, pois, uma realidade objectiva; já veremos que bem mais necessária à existência social do Universo que todas as outras // realidades objectivas diante das quais se curva reverente a idolatria de muito sábio.

241

Será, porém, uma actividade pura, nua e sem corpo, como parece querer Bergson?

E digo parece, pois sinto que o meu pensamento não enjeita o bergsonismo.

O mundo bergsonista é, com efeito, penetrado de acção, qualquer Causa como grandes movimentos de distensão para a matéria e de condensação em espírito.

Um dualismo metafísico anima a sua obra — espírito e matéria; mas a dualidade não é de cousas, sim de sentidos da mesma actividade.

A vontade criadora é só no tempo, mergulha em ponta no espaço, que é a degradação da vontade automatizada.

A vida — um peso que sobe; a matéria — um peso que tomba.

De modo que essa dualidade são duas criações da mesma actividade, de atenção e cansaço.

O que é difícil é perceber como essa atenção panteísta (e o panteísmo é o maior indeterminismo do pensamento bergsonista) se fragmenta e divide; mas feita a cisão compreende-se tudo em termos duma só forma — o tempo.

A recordação pura é o tempo passado e o sonho; a recordação prática é o presente — de modo que o espaço não é mais que a coexistência dos presentes.

Espaço e tempo em termos de actividade, eis o // que é uma grande verdade; só faltaria ter mostrado que a realidade é um *sistema* de actividades sociais.

242

E, porque o *é*, é que a memória não é pura e sonho etéreo, mas prática e organizadora.

Organizando o corpo, sistema de acções reais mais ou menos próximas e limitadas; organizando o espírito sistema de acções reais e possíveis, universais e eternas.

A memória tem as suas organizações corporais e isso é bem descrito por Bergson com o nome de memória motora.

¹ No sentido amplo que toma nestas considerações.

É até muito interessante, científica e pedagogicamente, achar as leis dessa memória elementar e observar como a sua forma matemática é aproximadamente uma certa função do tempo mecânico de Galileu análoga à que regula *certas* reacções químicas.

Gustavo le Bon não fez mais do que confundir toda a vida psíquica com esta memória elementar, quando escreveu aquela magra e tuberculosa definição de educação como a arte de tornar inconsciente o consciente.

Mas a verdadeira memória é toda a organização espiritual.

O nosso presente empírico tem uma certa duração mecânica, o nosso espaço empírico tem uma certa grandeza e forma geométrica.

Não são, no entanto, esse tempo nem esse espaço as formas da nossa memória, actividade social. //

243 Das relações empíricas imediatas para as relações mediatas, mas verdadeiras, é o progresso da nossa memória consciente, que não é mais que esse mesmo *sistema de relações*.

A ciência, a arte e a moral são obras da nossa memória, em luta pela sua conservação, como o é o direito e todas as categorias sociais.

Elas são, para cada um, matéria bruta e empírica enquanto a memória pessoal as não toma, ou antes, enquanto a memória pessoal se não organiza e cria, refazendo-as.

A causalidade, por exemplo, que mais é que a lei da conservação da memória, tomando para si, para que viva e subsista, as verdadeiras relações universais dos seres e actividades cooperantes?

A consciência hesitante da criança revela-se bem claramente na dificuldade de organizar o tempo concreto da vida pela causalidade experimental.

O meu filho lembra-se de incidentes muito antigos e tem já uma muito interessante noção abstracta¹ de causalidade, no entanto, porque lhe falta a causalidade concreta, das relações mais verdadeiras, perde-se no vago do anteontem e do depois de amanhã.

244 A sua noção abstracta de causalidade, que não // é mais que o indefinido dum tempo *parcialmente* ordenado, é muito clara — o

¹ O caminho do concreto para o abstracto dos pedagogos clássicos é uma perfunctória visão das cousas.

problema do ovo e da galinha, feito ovo e peixe, foi por ele encontrado espontaneamente.

— Oh, papá! Onde vêm os peixes.

— De ovos pequeninos.

— E os ovos são dos outros peixes?

— São.

— E quando não havia nenhum peixe?

.....

A memória elementar da criança é muito boa, mas a sua amplitude e justeza hesita, em esforço de consciência, numa insuficiente ordenação pré-científica.

A memória consciente é a própria vida da consciência que sobe de relação em relação até se fazer o sistema e garantia das relações universais.

Não é nua, mas solidária — o que a individualiza, é, como dizia Leibniz, o seu ponto de vista, que é o corpo.

Corpo que, aliás, pode não ser, e não o é nos fenómenos telepáticos, etc., o corpo anatómico normal.

Mas sempre um corpo, instrumentalismo de acção, ponto de apoio de actividade *própria*, será necessário à sua realidade social.

E se nunca vimos o puro inconsciente fazer-se consciência, com a certeza duma anterior e completa eliminação da consciência, a cada passo // vemos a consciência fazer-se inconsciência, a memória volver-se esquecimento.

245

Não são bem conhecidos os casos de criptomnesia, ou memória latente, de hábitos complexos adquiridos por um firme esforço intelectual volvidos em inconscientes movimentos conjugados que uma ligeira e conveniente excitação dinamiza? Movimentos que, aliás, a atenção pode trazer de novo aos domínios da consciência.

A ressurreição dos mais insignificantes incidentes do nosso passado acompanha quase sempre uma emoção forte em frente dos olhos interrogadores da Morte.

E, embora nada sobre isso a nossa experiência pessoal contenha, não é lícito falar da libertação, em nós, do que se poderia chamar a nossa memória cósmica, de que os teósofos nos falam com a mais afirmativa seriedade?

Não são pelo menos certas tendências psíquicas hereditárias?

E sempre no Universo nada se esquece, pois que essa inconsciência é a memória biológica, ou no extremo o equilíbrio mecânico, que uma Consciência total suporta e toma para que a harmonia dos seres e dos mundos se não desfaça em poeira e caos.

Sobre este ponto a mais interessante explicação da consciência é aquela que Binet nos apresenta pela analogia do dialisador.

A consciência existe, e não se vai criar do // nada; mas ela aparece apenas diante das manifestações suficientemente vivas e novas para que mereçam a sua curiosidade.

O que é constante, permanentemente idêntico, não interessa à consciência.

Assim se explicaria que, sendo o cérebro, o sistema nervoso em geral, o melhor instrumento da consciência, esta mal toma conhecimento directo da sua existência.

É que as actividades estranhas actuam no sistema nervoso, este reage; mas, quando as reacções são as mesmas, esse constante acompanhamento de nada serve.

De modo que a consciência só aparece com a variedade dos excitantes, ou com a modificação do sistema nervoso.

Um moleiro não toma consciência do ruído da mó, mas sim do seu desaparecimento.

O novo inscreve-se e chama, o idêntico nada diz a menos que o sistema nervoso não se altere pela nutrição, etc., pois que então dele tomamos consciência.

Há casos de histerismo em que esse conhecimento assombra.

É uma bela imagem que pode traduzir-se em mais belas palavras e realidades.

O Universo é uma troca de actividades, é uma *conversa*; quando se diz sempre o mesmo, as actividades adormecem, repetindo, hipnótica e mecanicamente, simples reacções newtonianas. //

Binet, admitindo que cada excitação traz consigo todas as propriedades do objecto que a consciência toma independentemente da especificidade constante do sistema nervoso, parte já dum mundo objectivo, sistema de relações, e procura explicar como nesse mundo objectivo opera a consciência.

Em linguagem de Renouvier pode dizer-se que Binet parte da cousa e da consciência, procurando explicar como a cousa pode entrar na consciência.

Se, para ele, isso não é impossível é porque a cousa é também de ordem mental, de modo que, por último, temos o inconsciente e o consciente.

Mas o que é o inconsciente?

O inconsciente é para nós um sistema uniforme de relações.

O princípio da continuidade de Leibniz aplicado à vida psíquica tinha levado à descoberta da existência de graus da consciência, desde a reflexão até à penumbra da inconsciência.

Se, com efeito, todos os movimentos de pensamento fossem igualmente conscientes, a vida seria o discurso duma lógica associacionista, hipnotizante e estéril.

A consciência ilumina com luz desigual os diferentes campos do horizonte psíquico.

Em todo o caso o que em psicologia se chama inconsciente é ou foi uma obra da consciência mais ou menos reflectida. //

Em *certas* experiências de Binet um sujeito com uma das mãos insensível aperta um dinamómetro colocado, sem seu conhecimento consciente, na referida mão — o que demonstra uma pálida notícia dada pela sensibilidade muscular.

248

As formas de automatismo são acompanhadas duma, ainda que muda, luz de consciência, embora fora da síntese da consciência central, donde saíram.

O subconsciente é rico de mil possibilidades de consciência. Se é por vezes uma degradação do consciente, ele é sempre de ordem psíquica e, como o mostrou Norton Prince, alheio e anterior a motivos meramente fisiológicos.

Esse subconsciente pode ter um grande valor de invenção imaginativa como no caso conhecido de Poincaré, em que ele aparece subjacente à consciência directora como o dinamismo psíquico duma *sensibilidade* especial, geométrica no caso.

O que se chama a intuição é uma forma de consciência diferente da discursiva; mas, de sensibilidade estética, de simpatia moral, de tonalidade emotiva, ela é evidentemente consciente.

São sempre modos da consciência, que reaparece clara e lúcida sempre que o inédito tem de ser englobado na síntese mental.

Desde que o dinamismo do sistema é susceptível da mais simples novidade aparece a consciência.

Essa uniformidade tanto pode resultar do ritmo do nosso corpo como de ritmos estranhos. //

Mas o que será o inconsciente em si mesmo considerado?

249

Não pretende Binet responder a essa dificuldade metafísica, e, no entanto, o seu objectivismo podia dar-lhe a resposta.

O inconsciente é o aspecto duma actividade que podemos objectivar sem nenhum recurso a uma caracterização que a aproxime do que chamamos consciência.

São assim os modelos mecânicos, por exemplo.

Ora nós já vimos por outra ordem de razões a impossibilidade de um mundo dinâmico, onde as actividades monadológicas não tirassem do seu ser uma continuidade de acção.

Não é, com efeito, o que a mais superficial aparência científica revela?

Como explicar o trabalho de desagregação das moléculas, se a sua arquitectura fosse mera estática, e, sobretudo, como explicar os fenómenos energéticos que acompanham e condicionam as reacções?

Se é um simples equilíbrio mecânico atingido como se não desfaz ao mais simples atrito?

E a agregação atômica, de milhares de átomos, de certas moléculas proteicas, não requer como lei de ordenação, uma alta síntese de actividades cooperantes?

E as actividades químicas são longínquos símiles da mónada.

250 Quer isto dizer que um Universo mecânico // encontraria facilmente o seu perfeito equilíbrio, um sistema físico (de massas e energias) sem direcção inteligente seria efémero; é mesmo o que é susceptível duma demonstração matemática ¹.

Três ordens de motivos — uma consequência directa da física, a crítica da causalidade e a essência da consciência — nos levam, pois, a pôr no *criacionismo de actividades monadológicas solidárias a única garantia dum Universo harmónico e conservativo*.

O inconsciente, como tudo indica e a experiência psicológica e o lamarckismo implícito em todo o evolucionismo biológico ² confirmam, seria então, a diminuição do consciente com a constância das relações até ao teórico inconsciente absoluto, ou inanimado, com a absoluta uniformidade dessas relações.

Qualquer cousa como uma conversa em que a comunicação viva, quente e apaixonada, se vai monotonizando até que, chegada à pura uniformidade, tudo adormece repetindo a mesma inútil palavra.

Essa degradação geral dá o puro equilíbrio em que cada ser só reage aos outros seres com uma simples afirmação de presença.

251 As degradações parciais deixam uma última // palavra sonolenta que fica caracterizando o grupo: famílias químicas, mineralógicas, etc.

Os reflexos são como que a vontade objectivada; esquecida a sua origem eles são como acções físicas que se possam medir, compor e integrar.

¹ Tunzelmann, *A Treatise of Electrical Theory*, apêndice K.

² Veja-se Edmond Perrier e os estudos de Favre.

A permanência da causa repetindo reflexos que se adicionam como a permanência da gravidade adicionando os seus efeitos no corpo que cai.

Do mineral ao homem sobe uma *síntese* que de pobres unidades que se somam vai até ao infinito dinâmico e vivo da consciência.

Uma evolução — mas do consciente para o inconsciente ¹, pois a evolução contrária é incompreensível, ainda que se dote o inconsciente duma sábia consciência que só não fala porque não quer e não precisa, sendo a inadaptação o único ponto por onde pode insinuar-se.

E assim é em todos os evolucionismos da *Cousa*, onde a *Consciência* aparece como uma imperfeição.

A crítica de Bergson ao evolucionismo de Spencer, dizendo que tal evolução é uma manta de farrapos do evoluído, é verdadeira, e o que lhe permite gerar a *consciência* é o seu desenho esquemático já inscrito na fisionomia da *cousa*. //

A consciência não seria assim um miraculoso acréscimo da realidade inconsciente, apenas uma duplicação em imagem dum modelo já organizado em termos de inteligência e vontade, de memória consciente, portanto.

É curioso observar como Bergson parte também duma realidade de imagens para gerar a consciência.

Quando as imagens trocam todas as faces e atitudes, qualquer coisa como imagens com poros capazes para todos os seus recíprocos eflúvios, temos a matéria ou o inconsciente; quando alguns eflúvios são detidos em centros, que, por isso mesmo, ficam dotados dum certo indeterminismo, quando as imagens voltam à imagem que é o nosso corpo as faces da nossa acção possível, temos a consciência.

Não seria isto dizer duma maneira engenhosa que temos consciência das acções que voluntariamente exercemos no mundo?

Neste caso o calhau seria, com o dizer do Poeta, o ser que viu o fundo às cousas.

As cousas calhaus de acordo, se ser calhau consiste na mera reacção gravítica contra o dorso da terra.

¹ Não quer isto dizer que um fragmento temporal da evolução não tenha o aspecto inverso, como na nossa evolução planetária, por exemplo. Pode ser a oscilação ascendente dum grande fenómeno anterior de degradação. É assim, por exemplo, numa metafísica do Pecado com Redenção.

Segue-se que o calhau é inconsciente por tudo saber, ou antes, por todos os eflúvios o atravessarem?

Não será o contrário?

253

Não seremos nós que temos consciência, // porque acrescentamos a solidariedade física, que cinge os corpos, da sociabilidade estética e moral, que os abraça e exprime em desejo de mais compreensivo abraço e mais exultante e lúcida expressão?

Não há aqui uma idólatra cousificação das relações mínimas, que constituem a realidade?

É um processo de fazer a consciência por quantificação e catálogo: a consciência é uma coleção ¹ de imagens, essas imagens correm o mundo, transparentes umas para as outras, até que um misterioso recesso, opaco e recôndito, aparece, onde elas se entesouram e acumulam, e essa mística treva entra de arder em fogo e consciência.

Não; a consciência é, no sistema de relações que formam a realidade, a última síntese, a integral relação sustentando todas as outras.

É por isso que nenhuma a pode só por si formar; tomando-as, no entanto, a consciência todas para si.

Quando apreendo uma flor, será ela uma criação da minha sensibilidade ou entendimento?

Não existirá em si uma *actividade* genésica que a flor actualiza?

254

Existe e não sou eu que a crio, tomando dela // conhecimento; a minha consciência é que revive as relações que constituem essa realidade e tal é a qualidade do *criacionismo* do nosso pensamento.

Não acrescentamos, fazemo-nos convivas; comunicamos e, sobre o primeiro movimento de comunicação, erguemos toda a nossa vontade de mais íntima e penetrante convivência.

O mundo não é acrescentado naquelas relações que constituem a sua primitiva existência social, essas são na consciência divina e em cada consciência que as *apropria*, revivendo; o indefinido acréscimo do mundo vem do fundo inesgotável de beleza e bondade, que é a sua realidade dramática de consciências, que, sempre e melhor, se buscam e exprimem.

Esta metafísica é também a que mais se aproxima das conclusões duma física em que a consciência e a vida são em luta contra

¹ No entanto tudo isto é contrário ao espírito do bergsonismo; é talvez o seu panteísmo que inqualifica e confunde as relações.

as simples tendências físicas de degradação, equilíbrio e intransformabilidade.

A aparência de um simples ser físico é a duma fatalidade sem drama. Caminha num único sentido e a síntese dos corpos que o constituem vai-se fazendo na tendência para o equilíbrio puro.

Assim a terra aparece centralizada no ponto ideal, que é como o seu querer gravítico.

Todos os corpos obedecem à síntese gravítica que seria satisfeita na imobilidade, se outros factores se não metessem de per-
meio. O // aparecimento desses factores é que revela o planeta
como um inviável esboço de individualidade. 255

De modo que a perfeita síntese da quietação só a pode dar no mundo físico um sistema material isolado e esse pela unidade do seu dinamismo energético.

Aí seria como uma vontade absolutamente objectivada, um desejo conseguido.

Mas tais sistemas não existem, nem por dentro, nem por fora — a solidariedade exterior e a riqueza interior os ligam e os aumentam.

Mas na tendência se revela como limite ideal esse puro equilíbrio.

É que ele é subjacente à física nas relações mecânicas que lhe são o alicerce.

Não pode haver uma sociedade de actividades sem que elas se unam por um mínimo laço, que seja a presença em cada uma de todas as outras.

Esse é o significado metafísico da inércia, e, sobre esse mínimo, se faz e aumenta a vida social do Universo.

De modo que é esse o postulado da ciência e o seu destacado fito.

Mas nem a ciência encontrará jamais esse ideal atomismo, de átomos idênticos trocando velocidades inicialmente misteriosas, nem a metafísica encontra mais que na consciência pessoal a mónica revelada e patente.

A ciência pode encontrar as tendências dos sistemas, a metafísica as tendências dos seres; sem que a primeira discrimine sistemas absolutos; // sem que a segunda para além da consciência,
destaque mais que inícios e combinações de mónadas. 256

Um pálido luar de consciência, que sobretudo a Arte por simpatia e *ressonância emotiva* adivinha, se espalha sobre todas as coisas, mas, para além da vida só vagas analogias encontra a metafísica, fora da *comoção simpática*.

No mundo vegetal ainda a memória, um vago de consciência, se presente à luz da inquirição discursiva.

É fácil, por exemplo, fazer aparecer nas plantas manifestações rítmicas diferentes das já organizadas e verificar que perduram, etc.

A acção dos factores mesológicos não é causa única e inteiramente determinante das reacções vegetais. A reacção é demorada e diferente. O meio excita e a planta reage com actividade original. É assim que apesar das plantas crescerem mais à sombra que à luz, servindo isso até para explicar a fototropismo, esse crescimento obedece a ritmos adquiridos, como o mostra o facto duma planta em obscuridade constante e permanente *continuar a crescer mais* de noite.

Para além do mundo vegetal só indirectamente, e pelo princípio de continuidade, somos levados a admitir um direccionismo, uma penumbra, quase treva, de consciência.

257

É a intuição estética que nos faz apreender, // na emoção com que retomamos os apelos das cousas, uma mesma actividade, que, se nos levanta o coração em amor, arremessa o planeta em montanhas solitárias e extáticas.

O que é certo, duma certeza não só emotiva mas lógica e científica, é que as grandes linhas da Realidade nos revelam nos seres e nas cousas um fundo comum de actividades solidárias, um pluralismo que a acção liga e unifica, a melhor síntese, uma relação que se complica e enriquece sendo em nossa memória consciente a coexistência de vidas, e palavra de união e concórdia, o prolongamento de cada ser na intimidade de todos os seres. Sim; é evidente que a mais rica e harmoniosa síntese é a duma memória consciente, tomando, do seu fundo voluntário e atento, proporcionada posse do Universo em que convive.

De todas as actividades que existem, ela é a mais perfeita e completa; todos os moldes de convidativa harmonia dela participam, como, para Platão, os belos corpos dos efébos helénicos participavam da pura geometria ideal.

A esta luz se compreende por que falissem os velhos processos de explicação teórica do Universo, feitos na vazia ruminação duma consciência, longe do rumor apaixonado e vibrante da vida experimental.

258

Um motor imóvel pairando sobre os seres com o absolutismo da sua forma, os seres // movendo-se por transmissão de impulsos que, de pronto, seriam absorvidos e aniquilados.

Relações da mais abstracta das experiências, querendo cingir e sustentar a infinita complexidade duma natureza vital e criacionista.

A experiência tem de ser viva e concreta, em expressiva comunicação, recíproca troca do movimento, de vida e de verbo, enchendo de animado rumor toda a imensidade.

Deus deixa de ser uma Razão formalista dominando um Universo, que se deduza necessariamente da fórmula divina.

Deus é a mais vasta e íntima consciência, aquela em que se fez a verdadeira unidade dramática dos seres e donde estão suspensos os corpos, que, no Espaço, deslizam sem atritos e as almas que, na Vida, se enlaçam excluídas da fatalidade dum isolamento que as ressequisse à primeira tentativa de comunicação e fala.

Esse Deus é a memória total, ordenadora das relações cósmicas, retomando posse dum tempo, que é o ritmo das trocas entre os seres.

Senhor de todo o passado que se não perde, nem a sua atenção deixa degradar em esquecimento ou inconsciência, ele é também a sedução do futuro, pois, por sua beleza e bondade, as almas se erguem em sonho de equidade e justiça procurando o resplendor que a cada momento envolve a poeira dos astros e das vidas.

Mas a vida profunda, a melhor parte da vida // cósmica que as consciências morais tiram das suas amorosas liberdades efectivas, essa a toma Deus para si como a mais bela glória do seu diadema. Não a impõe ou determina por uma predestinação aniquiladora, mas a dá em seduções de beleza, que fazem do Universo um inextinguível incêndio, em que o Fogo de Heraclito freme duma luz interior de consciência criadora.

259

Deus é a Unidade, que, para não absorver no seu Abismo vazio as consciências que se unem, *se faz* permanentemente como abraço magnético cingindo e penetrando toda a vasta realidade comunicativa.

A experiência é a meditativa conversa dos seres; nenhuma fórmula matemática a pode substituir, nenhum modelo exaurido de dinamismo criacionista a poderá recompor, mais que em pálido esquema do que já foi feito e pensado.

Toda a ciência é uma boa parte dessa vida experimental e toda a ciência é, por isso mesmo, real e formal.

Real porque as actividades exigem atenção para que se revelem, formal porque essa revelação se faz em relações apropriadas a cada ritmo.

A ciência é em cada homem a memória pessoal das relações cósmicas mais aproximadas daquelas que os seres tomariam na perfeita consciência divina.

260 Sobre a dialéctica monista de Espinosa flutua uma solene e majestosa grandeza, que afinal é a // própria face da divindade sustentando o único fio de união, que ao Universo possa bastar.

Não fosse Deus uma substância faminta, esgotando o ser, e a visão do Universo sob espécie eterna, que para o espinosismo é a sabedoria, seria exactamente a colocação de cada alma nas cósmicas relações universais, suspensas da sua consciência infinita e amante.

Deus só existe, porque o Universo comunica e se exprime e ele é a amorosa Unidade dessa comunicação, o seu verbo claro e fulgurante.

Não há primeiro Deus e depois uma sociedade no seu seio vivendo e convivendo; Deus é a própria existência da vida social, que, sem ele, se pulverizava em nada antes que pudera desentranhar o mais ligeiro acto.

Coeternos, anteriores ao tempo; pois o tempo é a organização das actividades cooperantes, das memórias que convivem.

A escola de Durkheim ensina que os mandamentos da lei de Deus são os mais basilares imperativos da consciência social.

Sim; Deus é a consciência social, contanto que a sociedade não tenha os limites contingentes da França, da Europa, ou da Terra, mas seja a grande sociedade universal. Deus é essa consciência, é a memória total e sem perdas.

E não é isso que todos sentem, quando sabem olhar os espectáculos da montanha, do mar ou do Céu? //

261 Não tem o Mundo um ar de velhice e juventude, não traz o Vento velhas canções primitivas e vozes que, de juvenis, mal baluciam?

Se vejo, na minha aldeia, à hora da tardinha, o gado a atravessar o povoado para ir à fonte dessedentar-se, não vão com aquele vitelinho louro os rebanhos bíblicos, que no poço de Jacob tantas vezes olharam a própria imagem?

Aqui, no meu Ladário, donde olho o Sol, saudade para mim e esperança para os olhos que evoco em religiosa expectativa sob o horizonte, vive uma atmosfera antiga, há vestígios de passos romanos, de olhos que admiraram estes mesmos lírios e anémons silvestres, baloiçando na aragem crepuscular.

Aqui estiveram meus avós, e, se olho para o nascente, descendo a encosta por onde urzes, mento, timus e rosmaninho der-

ramam aromas, anda-me no olhar o cemitério, onde os seus corpos terrestres, floridos se evolum.

É este encontro que faço agora com o meu cemitério e o Oriente — os mortos a caminho da Luz!

Sobre toda a Natureza paira uma lembrança antiga, que a sulca de velhice, agora vejo um grande risco profundo que a água dos invernos milenários cavou a metros no fragaroso corpo do Marão; mas eu sinto viva e presente a gula das raízes que ao fundo a foram bebendo e filtrando em cor e perfume.

A Montanha é velha; mas quando ao nascente // o Sol a veste de rosas, ela é juvenil e graciosa como uma donzelinha e, quando ao poente o sol a cobre com seu manto de Fogo, toda ela é ressurreição originária, evocação das primitivas eras em que Vulcano caldeava o planeta.

262

Lá em baixo ladram os cães e anda no ar a lembrança agradecida dos primeiros homens para quem o cão foi o grande defensor e amigo.

É Zoroastro que me segreda «qual é a criatura, entre todas, que vai todas as noites devorar as criaturas do Espírito do Mal?»

E Ahura-Mazda responde: «é o cão de dorso redondo e cabeça afilada».

A velha Pérsia heróica, alistando-se no grande exército de Ahura-Mazda.

Esta luz de opala translúcida, mal materializada de cor, lembra o manto de Platão, presente na beleza quieta e serena desta tarde.

A voz vai morrendo e na Noite que começa há uma grande recordação condensada, de todos os recolhimentos assustados das almas hesitantes, de tanta afabilidade trocada, de interrogações misteriosas, de lágrimas de bondade e ternura lavando a face dolorosa do homem.

Recordação interior e profunda, descida ao abismo das almas, amanhã te hei-de ver subir e brincar à superfície dos seres nos primeiros raios do Sol rejuvenescido.

Debalde se busca o lugar misterioso onde se acumulam as lembranças, onde o Mundo busca as // tintas da sua idade como as frescas cores do seu perene renascimento.

263

É a frente de Deus meditando, é o sorriso da sua face beijando a alegria das almas.

E, do fundo de mim mesmo, sinto a chegada de novas forças, de maior e melhor vontade de viver e criar, exprimir o meu mistério, dá-lo aos outros, servir o meu verbo às mudas ansiedades, que me chamam.

A vida é uma criação contínua, é preciso tecer o casulo que sirva à metamorfose, porque esta infinita vontade que anima a vida do Universo penetra-nos de tão faminto desejo de compreensão e beleza que muitas vidas não bastam para saciar uma fome imortal.

Dizia Séneca que o mundo é a propriedade de quem o viu. Ele é propriedade de quem o amou, de quem, sedento de expansão e generosidade, o quis envolver da sua visão compreensiva, de quem, diante do Mar tenebroso, fez o esforço da travessia para levar além a palavra que exprime um infinito desejo de simpatia e união.

E ergo a minha voz solitária para que o espaço se encha do meu clamor e, ecoando e ressoando, traga aos meus ouvidos resposta à minha ânsia, apoio ao meu combate, ao meu fremente desejo de consciência. Internemos no corpo bruto da Natureza a nossa vontade de expressão e convívio, para que as mais longínquas actividades sintam o frémito do nosso apelo. //

264 Este ar de família que me apresenta a paisagem não é poeira de monotonia que os meus olhos pousassem sobre a face das cousas, mas um parentesco que me fiz no Universo visionando na opacidade dos seres a transparência da memória, na luz fluente dos sóis o brilho quieto e eterno da Consciência.

E perante o fluxo heraclitiano, que nos envolve, não havemos de cerrar os olhos, nem tapar os ouvidos, nem, com Marco Aurélio, assistir impassíveis à dissolução universal, por que tudo regressasse ao Todo. Mais que o rio fluindo sobre a solidez granítica dum leito que mal se desgasta, a vida dos nossos sentidos corre sobre a memória que a toma, conserva e eterniza.

Cada sensação sobre a consciência é já memória, como o arco-íris atravessando o céu é a recordação duma velha aliança, que, na consciência divina, fizeram todas as vozes do Universo.

Tudo se entende e comunica, e este bom abraço da gravidade, que me prende ao planeta, dá ao meu corpo o contacto amigo da terra, enquanto na imensidade sideral os olhos se me perdem em visitas e na grande Consciência cósmica se acendem em compreensão e amor.

265 Viajante do Infinito, a Terra solicitada por os tantos abraços que a seduzem caminha sem estorvos, e, na quietação desta tardinha, eu e todo este canto selvático da solidão lá vamos no Espaço, repassando-o de vida, meditação, consciência e // memória. As humildades que me cercam balbuciam, e, no grande esforço amoroso que se ergue em canto, perpassa aquela ânsia de cons-

ciência, aquele bom combate, a luta pela imortalidade que fez a ciência, a arte, a moral, a beleza, a verdade e a bondade e que, neste pólen levado pelo vento, teima em subsistir, neste chamento melancólico da rola é o prolongamento da sua pobre vida mal consentida em novas vidas sem fim.

Uma onda de memória e posse inunda as existências; a serenidade da natureza, a firmeza das colinas, a verdura tenra e húmida dos vales, são lembranças que revivem, ninfas que esfregam os olhos despertando, boninas que falaram nas parábolas de Cristo, cedros do Líbano que incensaram os amores de Salomão.

No ilimitado silêncio da noite freme de vida interior um grande pensamento, uma augusta presença se faz, que é a fraternização do homem com todos os seres na vasta comunhão da consciência divina. E os seres querem para si a luz perene da consciência, a memória do seu convívio.

Todo o rumor é a expressão desse desejo: a voz que canta ou fala, a luz que transparece ou se refracta, o aroma com que as flores enchem e penetram as distâncias.

O mais alto clamor dessa exigência di-lo a palavra humana, quando quer as relações universais, e, em beleza e bondade, aumentar sempre a grande harmonia cósmica. //

Quando quer uma sociedade moral, conservativa e plena, onde os mais altos valores do seu espiritualismo se não percam; quando, para além da aparência transitória duma realidade de zeros, quer a realidade das consciências que procuram, convivendo, a viva e dramática unidade do Amor.

266

Esse grande clamor humano leva diante de si o ar e o éter em ondas concêntricas, que são os abraços do seu desejo.

O fogo e a água modelaram a fisionomia do planeta.

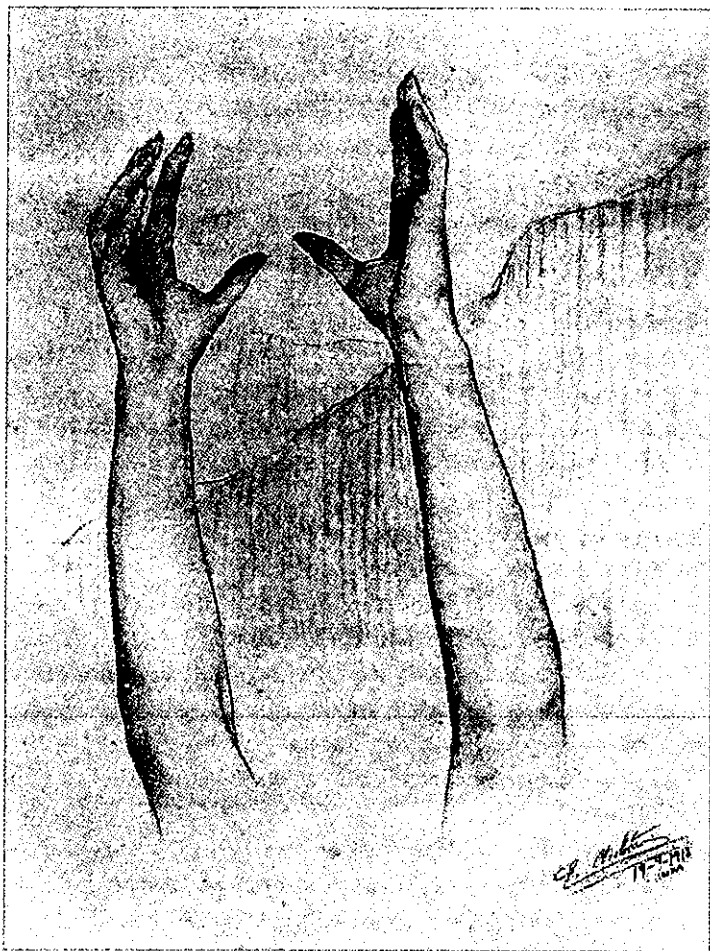
O desejo da imortalidade ergueu o coração e o cérebro humano em tal ardor de combatibilidade, em tão fremente luta que novas vozes surgiram, marcando o Espaço a indeléveis sinais de consciência.

A voz de Dante e Cervantes, o perfurante olhar de Newton, o canto de Beethoven — são outros tantos clamores de consciência que todo planeta ressoa aos ouvidos da divindade.

E o homem, duvidando ainda da beleza intrínseca do Universo, louco de orgulho julga-se só; e o homem, duvidando da bondade intrínseca do Universo, enternecido de humildade, vê-se o irmão mais alto e clama por si e por todas as mudas ansiedades conviventes.

Aqui, como nos limites rochosos duma costa, fiquem as ondas do meu desejo e fome de consciência, da minha *luta pela imortalidade*, cercado das suas águas chofrantes, referventes, // insinuosas, pugnazes e obstinadas — a máscara vigorosa, brutal e esfíngica da Morte...

E este livro seja, para além de si, repercutido nos mundos e nas almas, um infinito eco de Ansiedade!...



APÊNDICE

Significado da guerra europeia (Portugal na guerra) ^(α)

A vida

A Vida é um esforço de sociabilidade. Pontos de ser tendem a apropriar todo o espaço à sua forma ou essência.

Cada ponto estende-se, avassala e tende a encher o espaço com a imagem de si mesmo; é a assimilação dando a toda a matéria a forma do ser que a consome.

Depois os seres procuram repetir os ritmos estranhos, adoptando-os para os dominar.

É o primeiro esboço da amizade; quando as moléculas dum corpo reproduzem os movimentos dum corpo afastado e, em unísono, lhe repetem as vibrações há como um início de simpatia.

Esta não é mais que a reflexão deste movimento olhando-se a si mesmo.

Quando os seres tomam consciência de que existem por acções sociais, começa a grande evolução da simpatia-facto em simpatia-intenção, bem-querer ou vontade.

Cada ser pode existir em reacção contra os outros seres, isto é, pode querer obrigar os outros seres a voltarem-lhe apenas a face, que concorde com os seus interesses ou desejos.

^(α) Trata-se do registo jornalístico da conferência proferida por Leonardo Coimbra no Centro Evolucionista sobre o tema indicado. Insere-se em apêndice porque o texto em presença, não obstante configurar a reprodução do pensamento e mesmo do texto de Leonardo Coimbra, corresponde nas palavras do jornalista a uma «súmula» («Dessa conferência vamos dar a seguir uma súmula»).

Então a vida tende a tomar o aspecto duma pobre unidade que se repete, dum eco inútil que prolonga insensatamente a mesma inútil palavra.

Não há uma sociabilidade comunicativa e perfectível, mas uma sociedade numérica de abstractas identidades.

Mas isto é uma tendência de cada ser tocado da inércia, obediado de automatismo e hábitos.

O princípio espinosista de tendência, que tem cada ser para perseverar em ser, obriga-o a uma adaptativa atitude dentro da sociedade em que vive, a uma certa atenção para as outras formas de ser que resistem à assimilação idêntica.

Se a primeira forma de assimilar é digerir, a forma mais absorvente e unificadora é compreender. A inteligência é um monstruoso estômago que digere e unifica o próximo e o longínquo, o presente e o passado e até na direcção do futuro dirige a sua fome.

Mas para compreender é preciso ser atento, e para atender é preciso um esforço que liberte a tendência da hipnotização do interesse imediato e o faça a vontade de harmonia perfeita e universal interesse.

O animal primitivo termina para além da pele no menor ou maior âmbito da sua acção possível, o homem não tem limite e o astro mais afastado é apenas um momentâneo repouso para a sua assimilação indagadora.

A ciência dá, nessa assimilação, o determinismo das actividades circundantes; a arte procura, por uma proporcionada analogia, dar o que há de íntimo em cada ser no concerto social dos seres; a moral dá a directriz das mais altas consciências para exemplo e tentativa duma sociedade em que cada actividade se exerça nos seus justos limites.

É claro que esse desejo de proporção e justiça é o motivo dinâmico do esforço do homem para a consciência, isto é, para a ciência e para a arte.

Sim; a ciência e a arte nada mais são que um *esforço para a consciência*.

Nada é gratuito no Universo: isto é uma lei de física que se costuma chamar o princípio de Carnot, isto é sobretudo uma lei da moral que cria o mérito e a beleza do nosso agir.

Sem ciência o homem perde-se no fluxo das sensações, porque, como o velho Heraclito dizia, tudo corre, as mesmas águas jamais subirão o mesmo rio.

O conhecimento que o homem assim tomaria do Universo seria instável e caótico, seria a opinião e não a verdade.

Esse caos tem um *fiat*, é a ideia de que ele participa, e, pelo quanto participa da ideia, ele é realidade, harmonia e verdade.

A ideia platônica ou a lei científica são portanto as linhas da móvel segurança que permitem a consciência; no puro caos ela seria fugaz, instantânea, contínua loucura em suma. Mais ainda que a fugacidade da sensação é dispersiva e pluralista a incoerência dum querer sem lei.

Uma consciência, que se não desse a norma do seu querer, seria uma fragmentação vulcânica de consciência, apenas o reflexo da acção praticada.

Os desdobramentos da personalidade têm, bem claramente muitas vezes, esta origem ética.

Quem já assistiu a experiências de hipnotismo vê claramente como uma consciência que se não dê a lei da conduta é uma pluralidade caótica.

A vontade moral não é mais que o mais solene e heróico esforço para a permanência da consciência.

Tão sério e amplo e penetrante que é da vida moral que sai a metafísica exigência da perenidade da consciência ou da imortalidade da alma.

A moral criada como um esforço para a consciência vale só por si e fica sendo a realidade sem nível; a maior valia, o tesouro do evangelho pelo qual o mancebo rico devia abandonar as fazendas e bens.

Há, pois, um momento em que cada homem opta por um sistema de valores espirituais e por ele tudo sacrifica, pois só eles lhe aparecem como garantidos.

Entre o pluralismo oportunista da acção caprichosa presa a cada instante do tempo e a unidade duma vontade que se faz na continuidade da acção própria e consciente, o homem escolheu para engrandecimento a ^(a) conservação da consciência.

Assim se fundam os dois mundos: o dos valores naturalistas e o dos valores espirituais.

Se os primeiros dominam e absorvem, temos a consciência em guerra, dispersão e morte, se os segundos, esquecidos os primeiros, se absolutizam, temos um ascetismo místico aspirando um Nirvana.

A coordenação desses valores faz dos primeiros a condição dos segundos.

^(a) No artigo figura «e».

Para erguer acima da Natureza um vulto que domine é preciso conhecê-la primeiro; a águia, que eleva o voo, finca-se de encontro à fraga que ao seu impulso responde.

Uma pátria é esse esforço da consciência através da natureza, dos valores espirituais aumentando e corrigindo os simples valores naturalistas.

O concerto das pátrias é o Planeta de luz física emprestada, acendendo no Universo uma luz espiritual imperecível.

Nas fronteiras das pátrias lateja o sangue noticioso de todo o corpo nacional; há brancos fantasmas de sonho que se abraçam e passeiam livremente; mas há também famintos tentáculos que avançam, tateiam, sugam e tentam digerir. Os valores espirituais de cada pátria olham-se, e, como o princípio que os constitui é o do acordo universal, da atenção para as almas, *sob espécie eterna*, o universalismo, que é a alma de cada sistema, deve levá-los a uma superior unidade e mais amplo enlace.

Se a ciência é um esforço para a consciência e, portanto, para o universal concreto, isto é, para a amorosa presença em cada ser de todos os outros seres, ela deve ter sido um dos grandes motivos do entendimento das pátrias, da universalização dos valores nacionais.

Foi, com efeito, a ciência moderna, quer na sua pureza teórica, quer nas suas aplicações, que mais uniu os homens por cima das fronteiras nacionais.

A ciência será desnacionalizadora, pois?

Temê-lo é ignorar que a ciência não dá apenas a solidariedade, ela marca bem a realidade própria de cada actividade.

Desde a mecânica, em que a força revela a sociedade e a massa a individualidade, a biologia onde a adaptação impõe o meio e a acção lamarckista marca a iniciativa, até à moral onde cada ser é tanto mais real e consciente quanto mais de acordo e universal até que pelo seu puro universalismo atinge a eterna consciência de si e do todo.

A ciência é dum universalismo concreto, embora a sua atenção mais se prenda ao determinismo das actividades cooperantes que à essência das próprias actividades.

As doutrinas desnacionalizadoras resultam apenas duma boa vontade, fácil e desatenta, de evitar as lutas dos valores nacionais.

Em vez da síntese superior, que os põe de acordo, a descoloração do que há de próprio em cada sistema nacional, de modo que ficando todos pardos nenhuma guerra de cores poderia haver.

É regressar aos mínimos valores, e, como esse mínimo está nas condições indispensáveis para a sua existência, seria esquecer os valores e regressar ao seu mero condicionalismo.

Deixar, em suma, o espiritual e acordar num universalismo económico. O socialismo é numa grande parte criação desta fácil boa vontade de harmonia, deste concerto em que se fazem calar todas as vozes menos uma para eliminar as discordâncias.

Esquece-se simplesmente que essa única, desacompanhada, irá morrer lentamente, estéril e insignificante.

As consequências práticas da ciência são também imediatamente grandes esforços de universalismo.

O comércio e indústria são, pelo livro, o mais alto agente desse universalismo.

Mas não vai tal movimento sem concentrações parcelares da vontade, vendo estas realidades como existentes em si e separadas do seu significado universal.

Motivos de alargamento do bom amplexo social podem volver-se em motivos de encerramento desse abraço em apreensão hostil e raivosa.

O direito humano

Eis o estado das pátrias ao começar a guerra europeia. Na interior desagregação de certas categorias, onde, bem ou mal, se tinham encontrado contradições e valores equívocos; para o exterior um grande movimento de compreensão tentando raízes a que o solo das pátrias abraçadas recusava, desconfiadamente, alimento.

Abaixo da moral, que é o acordo atento, criacionista, das vontades, está o direito que é a objectividade social, feita pela lei, determinada relação de vontades.

O direito é, pois, uma criação da moral.

Ora a moral é experimental, como o é a arte e a ciência.

Experiência científica quer dizer *meditativa conversa dos seres*, a experiência moral é a comunicação concreta das almas em busca da unidade em que comunicam e se amam.

O direito nacional nascera das experiências éticas de cada povo, a comunicação universal dos povos ia gerando o direito internacional.

O esforço para a consciência jurídica nacional teve as suas crises nas grandes revoluções; o direito internacional, não po-

dendo sair de fraseologia um pouco gratuita dos congressos, substituída, à escolástica congressista a trágica, a imensa e grandiosa experiência moral que é a *guerra europeia*.

Desta experiência sairá, pois, o princípio desse direito, e o soldado, que hoje se bate, visiona que o faz para o maior e mais concreto esforço de universalismo, que jamais os homens em conjunto fizeram.

Se a prontidão moral dos franceses salvou a experiência para a vitória dos valores de compreensão amorosa contra os valores de assimilação digestiva, é de notar que, amadurecida a experiência, comece a aparecer a consciência jurídica do direito já criado por essa boa vontade moral.

Wilson é a palavra do Direito, como Joffre fora o divino coração da França, resgatando os pecados humanos, incendiando de esperança e amor a loucura torva da violência.

A grande experiência trágica não traz só no ventre a metralha ululante, o ciclone desvairado, ela anda pejada de novas sínteses de vida, que já falam alto e tomam consciência clara na alma de alguns soldados.

Nós, os espectadores, podemos não compreender a guerra, no seu ventre fecundo; mas amanhã a vida, que ela criou, há-de deslumbrar-nos, e como atrás de um sol, que fosse a própria luz dos nossos olhos, correremos extasiados e humildes, agradecidos a todas as forças de bem que o Planeta erguera em honra e espiritualização do Universo.

O renascimento dos valores

A guerra europeia é a maior tragédia representada de dia e de noite, durante longos e terríveis anos.

A tragédia é, no profundo pensamento de Aristóteles, a purificação da alma humana pelo terror e pela piedade.

O terror é o pasmo do homem diante do imenso abismo de trevas, que é a vida, se a não ilumina a consciência moral.

O homem desatento deixa introduzir na sua vida espiritual formidáveis forças de negação e, quando olha, vê em fumo enegrecido as mais belas criações da sua consciência.

Ele é uma firme vontade de consciência, mas, se se descuida, a consciência perde-se-lhe no fluxo destruidor da vida. O homem, mais ainda que a vida, é, como para a vida diz Bergson, como que um peso que se eleva.

No fluxo constante dos fenómenos, na perda permanente de capacidade de acção, no correr incessante dos mundos para a Morte, ele é um esforço contra, um protesto clamoroso, como as águas de um rio que quisessem fixar moradia entre as sedes da sua melhor estima.

A sua bússola é o dever e, se a esquece, é entre ruinosos ciclones, entre as energias elementares desencadeadas e brutas, que ele, errante e esfarrapado, irá ver o Abismo que o atrai. O terror da tragédia é a consciência que o homem retoma do dever diante do espectáculo dos monstros que deixou à solta.

Mas a sublimidade da tragédia está no movimento de piedade que une as almas e, em concreto e vivo amor, nelas esculpe o originário sinal da sua íntima fraternidade.

«Ouço-os a gemer e a chorar como crianças», diz Augusto Casimiro, essa religiosa consciência da guerra, no mais directo e imediato abraço de fraterna piedade.

Cristo tinha na mais terna, sublime, amorosa e humilde experiência mostrada aos homens essa fraternidade.

A experiência cristã tinha esquecido entre muitos homens, e a experiência do sacrifício, do *não* à vida sem grandeza e universal presença, aí está no coração da Europa despertando todas as almas. Como a estas horas hão-de os alemães, que riam dos franceses como de fogos-fátuos, admirar, e repetir nessa admiração um simpático movimento de unidade, essa gloriosa e humilde França, onde hoje arde a mais religiosa labareda de toda a terra!

Essa França, que, entre a lama e as estrelas, enche da sua grandeza todo o horizonte humano!

O *poilu* com as botas enlameadas da miséria dolorosa das trincheiras e a fronte a rasar o firmamento, constelada e radiosa!

O soldado inglês, a mais bela presença terrestre, o homem que melhor sabe pisar o planeta, que, entre a balança e a Bíblia, vai seguro de si e do seu destino!

E o nosso soldado, Cristo que se ignora, como diz A. Casimiro, resgatando na dor os erros seculares e os pecados contra Deus e contra a Pátria, que neste recanto do mundo tantos têm sido!

Realidades que erguem o seu vulto Adamastor diante da pequenez dos nossos interesses mesquinhos, realidades que são a vida que havemos de comungar, ou aniquilados seremos de pecado mortal e sem perdão.

Os homens vão redescobrir que são irmãos e para isso este movimento trágico de piedade que os envolve e une.

Essa fraternidade cristã, que eles não entendiam, de novo lhes fala uma linguagem clara e imperativa. O universalismo, que dentro das pátrias se fazia fora da experiência e em pura retórica, será concreto e real, das ligações amorosas que a experiência criou.

Daí novas sínteses e categorias sociais.

O humanismo socialista há-de entrar a encher-se de vida interior e a sua ineficácia para impedir a guerra há-de aparecer-lhe claramente como o resultado da sua simplicidade e ignorância e preguiça.

Ele compreenderá que a harmonia dos valores humanos é de ordem espiritual e que o económico é condição apenas, como a terra o é da flor e do fruto.

Os homens ficam sabendo que as nações para serem amigas precisam, como eles e antes de tudo, de serem belas, serem grandes tesouros de vida espiritual, falarem no Universo um verbo original e verdadeiro.

Não há harmonia de zeros, mas de belezas e almas. O fácil humanismo de agora, será um humanismo de homens, concreto, comunicativo, dadivoso, expansivo.

O eterno *esforço do homem para a consciência*, de atitude para a verdade, de unificação universal no seio de Deus, aparecerá como a imperecível chama que sustenta o homem e, porventura, os mundos.

Quer dizer que o triste equívoco, que, por preguiça mental ou por confusão da essência espiritual das religiões com os interesses políticos dos seus indignos sacerdotes, levava muitas vontades para um materialismo esquelético e desolador, acabará pelo reconhecimento dos verdadeiros valores onde quer que se encontrem.

Às fórmulas escolásticas a experiência moral da guerra irá substituir realidades vivas e fecundas.

Uma onda de vida generosa e boa há-de invadir o Planeta desolado, e, das ruínas da tragédia, ficarão claras palavras de heróis e santos sulcando de luz a história dos homens.

Liberdades que se descobriram, entendimentos que se fizeram, harmonias que se esculpíram no caos, serão a grande obra de religiosa sociabilidade da nova vida, que desponta.

Soldados das imensas trincheiras: a névoa que sobre vós flutua na noite trágica e profunda, é alguma coisa, que, sobre o vosso dever de destruição, ergue bons abraços fraternos e promessas de uma honrada, *atenta* e voluntariosa paz!

Novas alegrias ressoam no horizonte, e, com seus dedos róseos, já uma nova alvorada começa a colher flores de reconforto e de bondade.

O inimigo é uma absorvente vontade diabólica, Satanás incorporado na grandeza da Germânia. Os idólatras adoravam a quantidade, a força, o imenso e o colossal; Satanás os inchou de orgulho para que esse orgulho, crescendo, enchesse o mundo.

Mas os homens de boa vontade acorreram e Satanás, já desfeita a vontade orgânica e amorosa, impele os alemães em caprichos e desvarios e manhas e vilanias.

Eles não passarão, o seu corpo de vaidade não esmagará o mundo; o gládio chamejante dos filhos de Deus os há-de ofuscar, e, acordados do seu hipnotismo, eles, alemães, irão com os outros à grande festa da fraternidade humana reencontrada.

Como nos velhos tempos em que Deus mostrava a sua face aos homens, toda a terra será um cântico de alegria, os montes, pobres brutos imponderalizados, irão pular de contentamento, e, de lado a lado, sobre todos os recantos da terra, uma aparição desdobrará as suas enormes, nivasas asas refulgentes...

(República, Lisboa, n.º 2660, ano VIII, 9 de Julho de 1918.)

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Adler, Alfred, 383
Agostinho (Santo), 352
Ahura-Mazda, 397
Anacreonte, 51
Aquino, Tomás (S.), 131
Aristóteles, 153, 258, 408
Assis, Francisco (S.), 49, 146, 188
Atwood, George, 256
Aurélio, Marco, 124, 229
Avenarius, Richard, 285
- Barros, João de, 218
Beethoven, 399
Bergson, Henri, 34, 113, 119, 155-156,
171-172, 205, 225, 234, 255, 273,
383, 385, 391, 409
Bernard, Claude, 257
Berthelot, Pierre, 257
Betcherew, 157
Binet, Alfred, 317, 388-389
Bossuet, Jacques-Bénigne, 17
Boutrox, Émile, 34, 154
Branco, Camilo Castelo, 52
Branco, Fernando Castelo, 235
Bravais, Auguste, 328
Bruno, Giordano, 190
Bruno, Sampaio, 112, 209, 220, 234,
294, 359-360
- Camões, 335
Cardim, Luís, 366
Carlyle, Thomas, 33, 66
Carnot, Lazare, 327, 404
Carnot-Clausius, 326
- Casimiro, Augusto, 37, 39, 409
Cervantes, 129, 399
Chagas, João, 360
Comte, Augusto, 29, 234, 292-295,
298, 352, 374
Costa, Afonso, 302
Cristo/Jesus, 30, 34, 49-50, 98, 103,
124, 139-142, 146, 159, 173, 183,
187, 189-191, 193, 203, 214, 223,
299, 302, 399, 409
Crookes, William, 356, 361
Cuvier, Georges, 122
- Da Vinci, Leonardo, 165, 234
Dante, 90, 124, 343, 399
Darcey, Jean, 358
Darwin, Charles, 68, 300-301, 329,
353, 356
De Rochas, 116
Delage, Yves, 330
Demócrito, 260
Descartes, 78, 131, 154, 212, 234, 260
Diógenes, 89
Doppler-Fizeau, 57
Dostoiévski, 319
Durkheim, Émile, 175, 215, 276, 396
- Eleia, Zenão de, 108, 154, 166
Emerson, Ralph Valdo, 147-148
Empédocles, 379
Epicteto, 124
Espinosa, 100, 218, 268, 317, 379, 396
Eucken, Rudolf, 33, 294

- Fabre, Henri, 390
 Faraday, 192
 Fénelon, 17
 Fichte, 33, 214, 260
 Fouillée, Alfred, 172, 216, 234
 Fresnel, Auguste, 192, 326
- Galileu, 79, 255, 386
 Gauss, Carl, 192
 Gurney, 350
 Guyau, Jean-Marie, 31-32, 214, 229, 336, 371
- Haeckel, Ernst, 23
 Hannequin, Arthur, 341
 Hartmann, Eduard von, 136
 Haüy, René-Just, 328
 Hegel, 31, 214
 Heraclito, 29, 257, 261, 268, 352, 362, 395, 404
 Höffding, Harald, 172, 214
 Homero, 20, 127, 347
 Hugo, Vítor, 271, 353
 Hume, David, 234
- Ibsen, Henrik, 18
- James, William, 156, 199, 232, 234, 372
 Jaurès, Jean, 84, 153, 163, 166, 183, 218, 275, 309, 313
 Junqueiro, Guerra, 164, 218
- Kant, 31, 120, 131, 148, 158, 168-169, 174-175, 182, 209-210, 234, 257-258, 260, 276, 279, 281-282, 288, 290-291, 298, 315, 337, 359
 Kelvin, Lord, 257
 Kepler, 36, 143
 Kostyleff, 157, 350, 384
- Laplace, 210, 353
 Le Dantec, Félix, 218, 226, 378, 384
 Lebon, Philippe, 386
 Leibniz, 30-31, 53, 78-79, 120, 206, 214, 234, 294, 360, 387
 Locke, John, 234
 Lodge, Oliver, 25, 123, 204-206, 355, 366
 Lúcio, João, 236, 238-240
 Lutero, 28
- Mach, Ernst, 124
 Maeterlinck, Maurice, 351, 356, 373, 382
 Malebranche, Nicolas, 260
 Manu, 335
 Maxwell, James, 163, 210-211
 Mendel, Johan Gregor, 226, 231, 331
 Mill, John Stuart, 110-112
 Myers, 350
- Newton, 31, 34, 53, 89, 163, 192-193, 210, 214, 257, 263, 266, 399
 Nietzsche, 18, 31-32, 34-35, 52-53, 60, 76, 139, 183-184, 191, 212-214, 220
 Nobre, António, 217-218, 308, 345
- Pais, Sidónio, 302
 Parménides, 257
 Pascal, 34, 48-49, 94, 135, 199
 Pascoaes, Teixeira de, 164, 218, 247, 338, 356, 362
 Passos, Silva, 350
 Peres, Damião, 366
 Perrier, Edmond, 301, 382, 390
 Pitágoras, 260, 263
 Planck, Max, 123, 327
 Platão, 34, 53, 79, 100, 157, 218, 229, 257, 260, 268, 297, 347, 349, 394, 397
 Podmore, 350
 Poincaré, Henri, 34, 156, 209-210, 389
 Poincaré, Lucien, 252, 257, 298
 Proença, Raul, 371
- Quental, Antero de, 118, 217, 220, 338
- Reinach, Salomão, 280
 Reis, Câmara, 366
 Reis, Soares dos, 237
 Renouvier, Charles, 34, 170, 215, 258, 260, 281, 382, 388
 Ribeiro, Álvaro, 235
 Ribeiro, Ângelo, 225, 235, 352, 362, 372
 Ribot, Théodule, 351, 353, 383
 Richet, Charles, 356-357, 361
 Roberty, 214
 Rousseau, Jean-Jacques, 31

Schopenhauer, 31, 86, 116, 120-122,
136, 174, 209, 212, 214, 268
Séneca, 398
Sócrates, 79, 169, 257, 274, 297, 324
Spencer, Herbert, 391
Steiner, 360
Stirner, Max, 18

Taine, Hippolyte, 117
Tarde, Gabriel, 313, 323
Tunzelmann, 110, 119, 390

Verrier, E., 330

Viana, Amorim, 220
Vicente, Gil, 184
Vieira, António (Padre), 192
Vries, Hugo de, 300

Wallace, Alfred Russel, 356, 361
Wilde, Oscar, 143, 264, 271
Wilson, Henry, 408
Wundt, Wilhelm, 33, 210, 215, 258,
280, 290-295, 298, 328

Zola, Émile, 74
Zoroastro, 397

ÍNDICE SISTEMÁTICO

- Abismo, 38, 49, 67, 73, 91, 93, 106, 128, 130-131, 134-135, 138-139, 149, 169, 190, 341, 356
- Absoluto, 17-19, 23, 43, 54, 87, 107, 134, 136, 158, 166, 179-181, 195, 208, 275, 281, 288, 321
- Absorção, 219
- Abstracção, 153, 167, 250, 359
- Acaso, 269, 300, 318, 322
- Acção, 30-31, 47, 75, 85, 99, 119-120, 122, 133, 145, 147, 150-151, 153-156, 158-161, 168-172, 174, 176, 182, 185-187, 195, 210, 214-219, 259, 273-274, 276, 279-281, 287-288, 304, 311, 316, 343, 358, 376-378
- Acidente, 22, 91, 99, 144, 149
- Actividade, 144-145, 148-149, 154, 156-158, 173, 177, 195, 251, 255, 272-273, 321, 338, 340, 384; actividade artística/estética, 69, 233; actividade científica, 230, 337, 340; actividade cognitiva, 259; actividade criadora, 76, 322; actividade moral, 233, 279; actividade organizadora, 251; actividade social, 122, 176, 340
- Acto, 131, 134, 153, 155, 157-158, 187, 281, 312
- Actualismo/actualização, 147, 196, 215, 273; absoluta actualização, 146; puro actualismo sem entranhas, 195
- Adaptação, 249, 256, 259, 297, 321, 328, 340; adaptação social, 213, 264, 276
- Admiração/deslumbramento, 180, 371
- Afirmacção, 64, 130-132, 134-135, 137, 169, 177, 180, 279-280, 371; afirmacção de ser, 376; afirmacção de si, 73
- Alegria, 43-49, 52-53, 55, 58, 60-62, 65-67, 70-71, 73-76, 79, 81, 84-85, 87, 91-95, 97, 101, 106, 115, 138-139, 145, 176, 180, 198, 214, 248; Alegria da Consciência, 94; Alegria da Unidade, 70, 94; Alegria do Universo, 101; Alegria Mãe, 92; Alegria Originária, 64-66
- Além, 20-21, 51, 86, 124-126, 138, 140, 145, 149, 162, 168, 191, 200-201, 341, 344-345, 347, 356, 358, 374
- Alma, 31-32, 34, 38, 47, 54, 56, 68, 77-80, 84-85, 87, 90-91, 93, 103, 105-107, 114-116, 118-120, 122-124, 126-127, 129, 133, 135, 141, 156-158, 164-165, 172, 174, 178-179, 181, 187, 190, 192-193, 203-204, 219, 226, 260-261, 275, 298, 317, 356; alma, actividade, 317; alma das cousas, 48; alma religiosa, 84, 87, 90, 99-101, 198; faculdades da alma, 173-174, 177, 182, 315, 380

- Amor, 34, 38-39, 63, 65-70, 88, 90, 112, 118, 130-131, 134-135, 139-140, 142-143, 161, 176, 181, 187, 189, 197, 200-201, 203, 209, 223, 239, 241, 263, 269, 282, 312, 374, 399; amor de corpo e alma, 69; amor espiritual, 68; amor, que é relação, 383; amor, síntese da espiritualidade e da carnalidade, 70
- Analogia, 30, 53, 63, 83-84, 119, 124, 148, 165, 207, 210, 214, 219, 251, 271, 301, 316, 320, 324, 337, 379, 381, 388, 393, 404
- Anarquismo, 18-19, 60, 195-197, 216
- Animação universal, 271
- Animais, 114, 122
- Aniquilar/aniquilamento/suprimir, 58-59, 73, 109, 124, 136, 149, 154, 159, 161, 186, 266, 268, 302, 319, 353; aniquilar as consciências, 107
- Ansiedade, 400
- Antinomias, 148
- Antítese, 82, 197
- Antropologia, 67-71, 73-77, 89-91, 93, 106-109, 111, 113-114, 128, 130, 132-136, 139, 141, 148-150, 160, 165, 174, 178, 181, 185-186, 188, 190, 194, 201, 216, 222-223, 267-268, 276, 282, 312, 336-338, 341, 361
- Aparência/aparição/apresentação, 47, 49, 78, 81-82, 91, 113-114, 120, 126, 155, 184, 190, 195, 261, 286
- Apriorismos, 182; apriorismo platônico, 258
- Apropriação, 259
- Argumentos da existência de Deus, 133, 182, 186, 209; argumento da causalidade, 210; argumento da finalidade, 210; argumentos de Zenão de Eleia, 108, 154, 166
- Arte/estética/artista, 18, 29, 37, 76, 79-83, 85, 120-121, 164-165, 188, 192-193, 217-218, 226, 229, 233, 257, 261-264, 266-268, 271-272, 274, 305, 310, 313-314, 316, 318, 334, 337-338, 384, 386, 404, 407; criação artística, 233, 273-274; intelectualização dos sentidos, 267; prazer estético, 314-315; escolas artísticas, 74, 268; arquitectura, 80, 82; escultura, 79-80, 82; música, 79-82, 84-87, 121, 130, 164, 263, 272, 305, 310-312; pintura, 79-82
- Ascetismo, 120, 405; ascetismo místico, 405
- Assimilação, 178, 207-208, 219, 239, 277, 403; assimilação espiritual, 178; assimilação física, 178; assimilação identificadora, 58; assimilação indagadora, 404
- Associação, 301
- Associacionismo, 383
- Ateísmo, 109-110, 134, 208
- Ausência, 71; ilimitada ausência, 20
- Autonomia da vontade: 31, 158, 214, 280
- Beleza/belo, 52, 54, 56, 66-67, 75, 79, 100, 130, 132, 140, 160, 165, 187, 229, 233, 261, 264-266, 274, 318-319, 322, 330, 334; beleza espiritual, 240; beleza moral, 188; Beleza pura, 268; motivo do belo, 337
- Bem, 91, 140, 212-213, 274; Supremo Bem, 112
- Bergsonismo, 56, 155, 172, 351, 385, 392
- Biologia, 100, 151, 159, 171, 204, 213, 226, 231, 255, 320-321, 378, 406; biologia genética, 231; biologia moderna, 170; biologia sistemática, 231; biologia transformista, 379; energética biológica, 231; sentido do fenómeno biológico, 231
- Bondade, 112, 140, 274-275, 374
- Budismo, 146
- Capitalismo, 97, 196, 233
- Carne/carnalidade, 47, 63, 65, 70, 74
- Categorias, 175, 213, 215, 258, 276, 279-280, 323-324, 337
- Catolicismo, 34, 197, 208

- Causa, 25, 56, 210, 315, 341; causa primeira, 98, 210; causa pura, 341; séries causais, 210, 319
- Causalidade, 56, 120, 157, 159, 207, 209-210, 254, 258, 294, 296, 324, 341, 386; causalidade absoluta, 214; causalidade experimental, 386; causalidade física, 31; causalidade formal, 296; causalidade mecânica, 108
- Cepticismo, 44, 293, 352, 355, 361; cepticismo crítico, 131; cepticismo racionalista, 111
- Certeza, 150, 161, 296, 371
- Ciência, 34, 47, 79, 111, 122, 154, 156, 185, 192, 208-210, 226, 249, 257, 259, 261, 266-267, 271-272, 276, 287, 298, 303-306, 316, 322-323, 337-338, 377, 384, 386, 404, 407; ciência moderna, 185, 234; ciência, simbólica ou relação de símbolos de ser, 305, 376; ser da ciência, 170, 209
- Cinestesia, 31, 327, 331-332
- Civilização, 35, 150, 177-179, 190, 194, 196; cultura, 74
- Classicismo, 268
- Composto, 157
- Compreensão, 58-59, 113-114, 124, 149, 177, 185, 191, 239, 274, 304, 314, 404
- Comunicação/comunicabilidade, 66-67, 72, 88, 99, 106, 124, 133-134, 136, 144-146, 151, 157, 163-164, 177, 180-181, 187, 191, 193-195, 198, 201, 204-205, 223, 238, 261-262, 265-266, 269, 272-273, 316, 325, 330, 374, 390; comunicação cósmica, 195; princípio da total comunicabilidade, 111; universal comunicação, 180, 183
- Conceito, 154, 208-209, 249-252, 255-256, 271, 287-288, 291, 296, 317; cousificação dos conceitos, 257; potencial psíquico dos conceitos, 251, 255-256, 271, 282
- Concepção, 251, 253, 257, 273, 377; conceptualização do pensamento, 250, 286, 305; conceptualização científica, 272; elaboração conceptual, 249-250
- Conceptualismo, 234, 251
- Conhecimento, 56, 58-59, 71-72, 121-122, 126, 131, 138, 174, 191, 207, 216, 233, 239, 251, 258-259, 266, 286, 291, 297, 320-321; conhecimento experimental, 159; conhecimento objectivo, 234, 316; conhecimento por conceitos, 249-251; dinamismo do conhecimento, 208
- Conjunto, 31, 57, 110, 145, 152, 339, 384
- Consciência, 21-26, 36, 76, 93, 95, 100, 103-104, 107-114, 120, 122-124, 126-127, 129, 132, 134-136, 140-141, 171, 177, 180-181, 203-204, 212, 215-217, 239-240, 249-250, 261, 268-270, 278, 289, 297, 299-304, 316, 321, 323, 325, 332-333, 337, 339, 343, 349, 373-374, 378, 382, 387, 389, 391; consciência comunista, 333; consciência cósmica, 124, 175, 181, 319; Consciência das consciências, 333; consciência humana, 108; consciência individual, 25; consciência, mónada revelada e patente, 393; consciência moral, 188, 216, 408; consciência pessoal, 382; consciência-realidade, 204, 206; consciência, relação de relações objectivas, 317; consciência social, 124, 175-177, 215-216; do consciente para o inconsciente, 391; esforço para a consciência, 322-323, 325, 332, 341, 345, 387, 404, 406, 410; vontade de consciência, 341, 343
- Contingência/contingente, 154, 156
- Continuidade, 18, 82, 119, 173, 205, 214, 231-232, 260, 327, 389; continuidade psíquica, 249
- Convenção/convenções, 156
- Convencionalismo, 270
- Corpo, 24-25, 47, 57, 62, 66, 71, 76-80, 83, 86, 91, 98-100, 105-106, 120,

- 124, 130, 132, 143, 154, 161, 165, 176, 179, 206, 261, 267, 291, 317, 359, 387; corpo da Beleza, 54; corpo, espírito instantâneo, 78, 206
- Cousa/cousismo, 31, 43, 47-48, 52, 72, 75, 77, 81, 83-87, 90, 94, 99, 128, 131, 141, 150, 238, 256-259, 261-262, 271-272, 281, 295, 300, 315, 338, 340, 348, 354, 382, 384; cousa em si e só por si, 153; cousa-modelo, 251, 382; cousificação dos conceitos, 257; vício cousista, 257
- Criacionismo/criacionista, 158, 247, 259, 282, 286, 297, 304, 337, 354, 360, 378, 382, 390, 392, 407; criacionismo do pensamento, 158, 392
- Criança/infância, 46-54, 57, 60, 62, 67, 72, 75, 144, 150, 166-167, 374
- Criar/criação, 23, 44-45, 75-76, 79, 89, 110, 119-120, 148, 153-154, 161, 169, 171, 174-175, 177, 182, 186-188, 209, 215, 218, 221, 224, 236, 259, 286, 297, 304, 322, 329, 337, 378, 382; criações artísticas, 233, 273-274; criações éticas, 274; criações sociais, 215
- Crime, 73, 213
- Cristianismo, 28-36, 50, 113, 139, 141, 168-169, 192, 194, 197, 234, 266, 269, 271, 299, 302-303; cósmico cristianismo, 194; cristianismo renovado, 194-195; dimensão estética do cristianismo, 266; essência do cristianismo, 189
- Crítica/criticismo, 23; crítica da razão teórica/pura, 209, 234, 279; crítica da razão prática, 209, 234, 279, 290
- Dedução, 231-232, 234
- Definição, 324-325, 376
- Degradação geral/descida das energias, 109, 160, 215, 390-391, 393, 409
- Democracias, 281
- Desconhecido, 48, 51
- Descontinuidade, 93, 97, 123, 231-232, 321, 327
- Desejo, 134-135, 321, 345
- Determinação, 82, 172
- Determinismo, 99, 107, 113, 147-148, 155-158, 210, 218-219, 252, 274, 295, 316, 349, 376, 404; determinismo mecânico, 108, 172
- Deus, 19, 23-24, 26, 28, 33-35, 37, 39, 84-86, 88-90, 98, 109-110, 112-113, 115, 125, 134-135, 139-141, 146, 165, 168, 176-178, 181, 184-185, 188, 200-201, 203, 208-209, 211, 213, 219, 221-223, 260, 263, 268, 270, 327, 329, 333, 363, 373-374, 383, 395-396; Deus, a Consciência, 395; Deus, a memória total, 395; Deus, a Unidade, 395; Deus, o Grande Solitário Inacessível, 109; Deus impotente ou diminuído, 109-111; Deus, a origem do ser, 224; Deus, a Vida, 374
- Dever, 31, 44, 46, 56, 133-134, 175, 195, 203, 214, 229, 274-276, 278, 283, 315; dever moral, 174; substancialidade do dever, 197
- Dialéctica, 63, 162, 324, 378, 396; dialéctica da aparência e da realidade, 47
- Diferenciação/diversificação, 54, 121, 261, 286, 300, 328-331, 340, 381
- Dinamismo, 145, 153, 163, 168, 195, 256, 260, 271, 332, 376-377, 383-384; dinamismo criacionista, 378; dinamismo do pensamento, 257, 383
- Direcção/direccionismo, 147-149, 155, 159, 166, 171, 177, 179, 204, 210-211, 216-217, 323, 361; direcção do movimento, 154; direcção da Unidade, 145; direcção universalizante, 158
- Direito, 44, 194, 196, 216, 386, 407-408
- Divindade, 34, 47, 160, 174, 179, 186, 191, 221
- Dogmatismo, 303; dogmatismo teológico, 125
- Dor, 103, 127, 135-136, 138-142, 145, 206, 213, 277; dor criadora, 239

- Drama, 137, 140, 145, 217, 219, 233, 266-267, 393; drama da alteralidade, 219; drama da existência, 197, 223, 239, 270; drama original, 65, 71-72
- Dualidade, 260, 266, 327, 376, 385; alma-corpo, 260; extensão-pensamento, 260
- Dualismo, 114, 288, 385
- Dúvida, 44, 131-132, 134-135, 279-280; dúvida metódica, 212
- Economia, 233, 333, 376; liberalismo económico, 233
- Educação, 67, 95-97, 101, 176, 198, 212, 218; educação artística, 101; educação religiosa, 207; educação sexual, 68-69
- Efeito, 25, 56, 341; série efeito-causa, 210
- Electromagnética/electromagnetismo, 210, 254, 257, 289, 291
- Elemento, 52, 57-58, 76, 84-85, 108, 253, 354; elemento cósmico, 88
- Emoção, 19, 29, 48, 55, 168, 199, 232, 239, 264, 366, 369, 393; emoção artística, 264; emoção do Infinito, 184
- Empirismo, 25, 111, 293, 358
- Energética/energetismo, 123, 151, 260, 289, 326
- Energia, 110-111, 123, 151, 160, 215, 326
- Enigma, 51, 58, 343
- Entendimento, 337
- Entropia, 110, 119, 155, 170, 211, 255, 257
- Epifenomenismo, 33, 107-108, 299
- Epifenómeno, 19, 107-108, 260, 299, 378
- Equilíbrio físico, 160; equilíbrio social, 78-79, 99, 111, 151-152, 204
- Escolástica, 221, 226, 260, 265, 270, 380; neo-escolasticismo, 210, 260, 293-294
- Esoterismo, 236, 259, 294; iniciação, 126; iniciação no Mistério ou na Morte, 126; iniciados, 236, 359; iluminados, 186
- Espaço, 23, 27, 36, 38, 45, 48, 54, 59, 65-67, 70-72, 77-81, 83, 85-88, 90-91, 98, 100-101, 103, 105, 108, 116, 118, 120-124, 126-127, 129, 131, 143-144, 146, 148-149, 153-155, 159, 165-167, 171-172, 183, 188, 192, 249, 252-253, 255, 258, 278, 290-292, 295, 324, 376; espaço absoluto, 257; espaço, coexistência dos presentes, 385; espaço, forma das cousas, 376; espaço homogêneo, 254, 290; Espaço infinito, 190
- Espiritismo, 123-124, 349, 351, 372; alucinações auditivas, 360; alucinações visuais, 360; explicação científica, 354-355; explicação estética e religiosa, 355-356
- Espírito, 27, 29, 31, 34-36, 63, 67-68, 70, 78, 92, 99, 130, 132, 145, 150, 162-163, 167, 170, 174, 176-178, 186, 190, 194, 197, 215, 359, 385; Espírito criador, 150, 173, 177, 179; espírito incorporado, 317; espírito moral, 212; espírito, realidade incompleta, 317; espírito sem corpo, 359
- Essência, 91, 107, 112, 114, 140, 144, 149, 161, 163-164, 179, 194
- Estoicismo, 113, 194, 234
- Éter, 20, 77, 79, 103, 129, 131-132, 165, 192, 199, 206, 255, 267, 289, 304, 309, 326, 358, 374, 381
- Eternidade/eterno, 79, 82, 91, 99, 124-125, 134, 149-150, 179, 191, 194, 272, 283, 316
- Eterno retorno, 75, 179, 212
- Eu, 21, 59, 75-76, 87, 132, 144, 174-175, 181, 214, 267, 275, 277, 333; eu comunista, 344; eu individual, 267; eu-nós, 275, 333; eu social, 267; Eu transcendente, 214; eu-tu, 268
- Evangelho/evangelhos, 142, 187, 189, 281
- Evolução, 109, 118, 121-122, 134, 160, 170-171, 174, 198, 214, 264, 340,

- 391; evolução rectilínea, 47; lei de evolução, 360
- Evolucionismo, 121-122, 152, 170-171, 300, 340, 391
- Excesso/excedência, 18, 37-38, 54, 63, 72, 132-133, 140, 143-146, 152, 157, 159, 161, 167, 169, 171, 173-176, 183, 186-188, 191, 197, 215, 237-238, 276, 285, 290, 297-298, 320, 322, 373; infinito excesso, 200
- Exílio, 105, 107-109, 124, 126
- Existência, 35, 78-79, 83-84, 108, 113, 125, 131, 149, 151, 153, 155, 166, 168, 174, 179, 198, 204, 210, 257, 260, 264, 287, 304, 379; existência cósmica, 170, 189; existência social, 197; significado universal da existência, 149
- Experiência, 23, 31, 39, 136-137, 156, 158-161, 175, 181-182, 185, 192, 206-209, 214, 228, 233, 247, 249, 251, 253-254, 256, 259, 261, 274-275, 277, 279, 285, 288-290, 295, 297, 320-321, 323-324, 349, 407; experiência biológica, 253; experiência científica, 249-250, 279, 286, 298, 322; experiência da dor, 137, 141; experiência da vida, 136; experiência estética, 249; experiência extática e moral, 209, 211, 249, 265, 278-279, 283, 298, 318; experiência filosófica, 209, 286, 289, 299; experiência física, 249; experiência humana, 249; experiência religiosa, 286; experiência-síntese, 285-286, 299, 305, 319-320, 322; experiência social, 216, 281; Experiência, vida do pensamento, 256; possibilidade da Experiência, 175
- Extensão, 123, 260, 304
- Facto, 113, 137, 204, 206, 293
- Família, 89-93, 96, 101, 115, 203, 264, 329, 333, 336
- Fatalidade, 18, 31, 33, 35, 149, 157-158, 161, 169, 176, 210, 269, 318, 373, 393
- Fenómeno, 21, 25, 31, 56, 79, 82, 107-108, 113, 121, 152, 154, 156-157, 190, 194, 204, 207, 219, 257, 279-281, 296, 299, 320, 355-356, 360-361, 372, 377, 380; relação fenómeno-noumeno, 22
- Filosofia/filósofo, 32, 34, 120, 155-156, 217-218, 220, 225-230, 270, 293, 348, 353; filosofia da história, 127; filosofia moderna, 127, 217; história da filosofia, 27; significado e valor da filosofia, 230
- Finalidade, 79, 112, 174, 207, 216; finalidade moral, 179, 216
- Finito/limitado, 170, 173
- Física, 204, 210, 213, 231, 320; determinismo físico, 231; energética física, 231; matéria e éter físicos, 231; mecanismo físico, 231; significado e valor do facto físico, 231
- Força, 27, 29-32, 35, 60, 78, 98, 110, 112, 131, 133, 144, 153, 165, 176, 178, 186, 206, 213, 215, 281; dialéctica da força, 30; força criada, 170; força de excesso, 144; força interior de Unidade, 70; força moral, 134, 142, 209
- Forma, 44-45, 58, 60, 70-71, 74, 76-78, 80, 84-86, 99-100, 105-106, 108, 121-123, 127, 144, 146-147, 149, 165-167, 169-171, 175, 180, 191, 197, 236-237, 258, 260, 264, 290-291, 295, 379; formas puras, 259, 279; formas universais, 38, 100; transcendência das formas, 170
- Formalismo, 182, 192, 259, 279-280, 315, 371
- Fraternidade, 28, 30, 34, 118, 126, 180, 374; fraternidade social, 176
- Função, 25, 169
- Fundo/fundura/profundidade, 74, 91, 139, 143, 273, 374, 391; fundo substancial, 131
- Futurismo, 57, 70, 81, 371
- Futuro, 93, 343
- Génio/genial, 86, 88, 104, 131, 184
- Geometria, 71-72, 80, 83, 165, 253-254, 261, 292, 325; geometrias eucli-

- dianas, 252, 296; geometrias não-euclidianas, 28, 252; geometrismo, 147; ponto geométrico, 376
- Germinal, 73
- Graça, 83, 143-146, 161, 163, 166-167, 171-173, 176, 180-182, 185-187, 190-191, 197-200; estado de graça, 200-201; Graça de Deus, 186, 201, 223, 297; Reino da Graça, 46; sensação de Graça, 182, 185
- Gravidade/gravitação, 18, 22, 27, 53, 80, 89, 178, 192; agente (intermédio), 192
- Guerra, 27, 403; guerra comercial e industrialista, 27
- Herança, 231, 336, 378, 381
- Heroísmo, 48, 84, 109, 126, 128, 133-135, 322; heroísmo moral, 133, 346
- Heteronomia da vontade, 31, 233, 280
- Hipnotismo, 383
- Homem, 23, 27-28, 44, 47-48, 53, 66, 68, 70, 72-73, 75, 84, 89-91, 93-94, 104, 106, 109, 111, 113, 128, 130, 132-133, 141, 148-151, 160-161, 165, 169, 174, 178, 181, 185, 188, 190, 194, 201, 207, 209, 212, 216, 223, 226, 256, 267, 276, 282, 310, 312, 333, 337, 341; geométrico esquema de homem, 51; homem moral, 204; homem, saudade do mundo, 222; homem, ânsia de infinito e eternidade, 223; homem tipo/homem cósmico, 267
- Homogêneo, 119, 147
- Humanidade, 130, 139, 212, 352
- Humanismo, 128, 175, 410; humano-cósmico, 174
- Humildade, 32, 191-194, 221, 277
- Idealismo, 120, 163, 166-167, 233, 260; idealismo platônico, 110, 120
- Ideia/ideal/ideação/idealidade/mental, 30-31, 34, 36, 54, 58, 70, 75, 82, 107, 111-113, 121, 130-131, 149, 151-152, 165, 168, 170, 176, 182, 189, 210, 227, 236-237, 258, 273, 280, 299, 377; idealidade do Ser, 170, 285; ideia da liberdade, 171-172; ideia de Deus, 175, 182, 234; ideia do nada, 113; ideia do ser, 131; ideia-força, 171; ideia negativa, 113; ideia platônica, 121, 152; ideia positiva, 113; ideias da razão, 290
- Identidade, 147-148, 239; identidade geométrica, 148; identidade pura, 195
- Idolatria, 34, 156, 159, 172, 176, 183-184, 196; idolatria de organização, 196
- Ilimitado, 20, 168
- Ilusão, 21, 121, 124, 146, 172, 199, 229, 241, 373; ilusão dos mundos, 120; ilusão da consciência, 21, 172; ilusão das formas, 124
- Imaginação, 52, 67, 75-76, 101, 218-219, 221, 223, 258, 291, 293, 305; imaginação artística, 23; imaginação criadora, 75; imaginação poética, 217
- Imanência/imanente, 119, 128, 169-171
- Imensidade, 167-168, 184, 278, 360, 374
- Imortalidade, 93, 100, 123, 134, 268, 318, 347, 349, 369; desejo de imortalidade, 26, 399; esforço de imortalidade, 346; fome de imortalidade, 136, 336, 343; imortalidade da alma, 79, 157, 317; instinto e vontade de imortalidade, 336, 345; luta pela imortalidade, 123, 268, 304, 316, 323, 343, 345, 371, 400
- Imperativos, 175, 259; imperativo categórico, 276, 281-282; imperativo incondicional, 31; imperativos sociais, 216
- Impressionismo, 56-57, 81
- Incognoscível, 158, 288, 321
- Inconsciência/inconsciente, 21, 134, 387-390; Inconsciente ou o inanimado, 384, 390
- Indeterminismo, 210, 274, 286, 385

- Indiferença, 76, 112, 135, 141, 239, 273, 278; indiferença da Natureza, 122
- Individualismo, 145, 151, 325, 336, 378
- Indivíduo, 33, 44, 63, 76, 78, 84-87, 91, 119-122, 144, 147, 151, 249, 253, 264, 378; individualização, 83, 119, 151
- Indução, 165, 231-232, 234, 271, 301, 316;
- Inefável, 200
- Inércia, 30, 79, 85, 99-100, 110, 144-145, 147, 150-151, 155, 180, 204, 306, 325, 327, 358, 384, 393; lei da inércia, 78; princípio da inércia, 256; significado metafísico da inércia, 393
- Infinito, 17, 20-21, 24, 59, 86, 104, 107, 112, 126, 131-132, 142, 144, 148, 167, 169-170, 176, 179-180, 182, 187-188, 190-191, 195, 218, 237, 283, 373; infinito da alma, 190; infinito da beleza, 298; infinito da força, 112; Infinito de qualidade, 145; infinito do amor, 298; infinito do mundo, 190; Infinito do Ser, 181; infinito matemático, 231; problema do Infinito, 275; sentido do Infinito, 21; zero infinito, 104
- Informe, 71, 197
- Iniciativa, 196, 336
- Inominado, 180, 200
- Insondável, 190
- Instante, 78, 82, 99, 104, 131, 144, 146, 148-149, 155, 159, 171, 341
- Instinto, 39, 63, 68, 162, 300, 321, 381
- Instituição, 29, 34, 176-177, 184, 195; instituições humanas, 60; instituições sociais, 28, 180
- Inteligência, 173, 196, 203, 232; inteligência ordenadora, 204, 211
- Intenção, 76, 81, 86, 112, 163, 187, 286, 298, 304; intenção social, 198; intenção social do Cosmos, 121
- Interior/exterior/dentro/fora, 64, 76-77, 85, 87, 106, 112, 140, 145, 148-149, 165, 167-169, 172, 185, 207-208, 251, 255, 265, 272
- Interpretação, 104, 147, 161
- Interrogar, 371
- Intimidade, 80, 147, 272, 316, 320, 337-338, 404
- Intuição, 198, 147, 172, 249-250, 253, 290-291, 315, 389; intuição estética, 394; puras intuições, 296
- Invisível, 126, 135, 180, 200-201, 271, 343
- Irracional, 152, 166-167, 169-174, 176-177, 180, 187, 190, 194
- Irredutível, 23, 53, 57, 123, 255, 288; irredutíveis biológicos, 378
- Juízo, 27, 156-157, 162, 258; juízo do belo, 315; juízo moral, 158; juízos de existência, 208-209, 303; juízos de valor, 208-209, 303; juízos normativos, 303
- Justiça, 34, 118, 125, 127, 132, 169, 177, 195-197, 203, 216; desejo de justiça, 318, 404; Justiça social, 281-283; objectivismo da justiça social, 281; prática judicial ou dos juízes, 282; Soldados da Justiça, 339
- Kantismo, 121, 258, 281, 288, 299
- Lamarckismo, 268, 300, 390
- Lei, 210, 227-228, 231, 277, 281, 315; lei apriorística, 281; lei social, 281; leis físicas, 203; leis morais, 203; sistema de leis, 281
- Lembrança, 77, 95, 164-165, 219, 226, 274, 383
- Liberdade, 18, 26, 34, 60, 71, 75, 84, 113, 140, 142-144, 146-149, 154-157, 159, 161, 166, 171-172, 175-176, 178, 181, 185, 187, 194, 198, 210, 216, 259-260, 266, 276-277, 281, 294, 343, 373; ânsia de liberdade, 274; liberdade artística, 280; liberdade cósmica, 286; liberdade da interpretação, 161; liberdade, intimidade social do Ser, 185; liberdade moral, 274; liberdade pessoal, 214

- Libertação, 21, 136, 144, 169, 239, 267, 387; libertação do pessimismo, 136; libertação individual, 21
- Ligação, 27, 30-31, 63, 79, 98, 107, 112, 124, 132, 144, 146-147, 152, 155, 157-158, 171, 174, 201, 204, 259, 266, 274, 277, 320-321, 333, 337, 377; ligação moral, 178; ligação ao Universo, 27, 181; universal ligação, 185
- Linguagem, 95, 153, 161, 198, 250, 309
- Literatura, 233; crítica literária, 270; Lirismo, 217-218, 233, 267; literatura russa, 267
- Lógica, 153; lógica social, 214, 216
- Loucura, 129, 305; loucura do ideal, 129-130
- Luz, 80, 87, 90, 103-104, 106, 133, 140, 163, 167, 192, 218; luz originária, 52, 71, 77
- Mal, 26, 29, 39, 61, 109-114, 118, 135, 138, 141, 209, 212-213, 281; mal físico, 113-114; mal moral/social, 113-114; mal dos animais, 114
- Matemáticas, 230, 324; determinismo matemático, 230-231; generalização matemática, 230; hipótese matemática, 231
- Matéria, 29, 34-36, 60, 79, 85, 93, 123, 151, 159, 173, 190, 192, 236, 251, 254, 291, 295, 381, 385, 403; matéria-cousa, 218; matéria do conhecimento, 259; matéria do pensamento, 259; matéria pura, 259
- Materialismo, 18, 27, 33, 137, 149-150, 154, 219, 259-260, 280; materialismo histórico, 17; materialismo social, 218
- Mecânica, 18, 151, 210, 254-255, 259, 289, 295, 378, 406
- Mecanicismo/mecanismo, 22-23, 27, 75-76, 78-79, 100, 107-108, 145-147, 153, 159, 215, 255, 260, 351, 376; mecanismo moderno, 299; puro mecanismo de elementos, 76
- Memória, 56, 95, 98-100, 108, 114, 135, 141, 164, 173, 204, 209, 219, 232-233, 239-240, 273, 303, 321, 323, 331, 343, 346, 351, 354, 380-386, 398; memória, actividade social, 386; memória comunicativa, 124; memória conceptual, 317; memória do Ser, 101; memória perfeita e absoluta, 26, 125; memória pessoal, 381, 384; memória pura, 383; memória, realidade objectiva, 385; permanência da memória pessoal, 354
- Mesmo, 19, 58, 76, 155
- Metafísica, 23, 27, 47, 78-80, 120, 125, 138, 151-152, 154, 156, 174, 192, 266, 269, 276, 279, 282, 294, 319, 340, 359, 374, 384, 389, 392-393; afirmação metafísica, 17; metafísica católica, 308; metafísica cristã, 303; metafísica do materialismo, 288; metafísica do Pecado com Redenção, 391; metafísica moral, 303
- Metapsicologia, 349-351, 361
- Milagre, 45, 48, 108, 126, 299-301
- Mistério, 38-39, 44, 48, 51, 53-54, 59-62, 66, 86, 88, 90, 105-106, 109, 124-126, 129, 132, 140, 151, 179, 185, 199, 205, 222, 236-237, 239-240, 261-262, 268-269, 278, 297, 314, 320-321, 338-339, 343-344, 356, 358, 361, 367, 369, 371, 373-374; misterioso/oculto, 20, 31, 48, 50, 54, 65, 108, 137-138, 158, 162, 164, 201, 261, 278, 337-338, 346; o Mistério excede-nos, 373
- Misticismo, 173, 176; misticismo moral, 279; contemplação, 218, 267, 274; êxtase, 38, 167, 272, 302
- Monadologia, 234, 353-354; actividade monadológica, 354, 378, 389-390; mónada, actividade social em acção, 31, 223, 359, 393
- Monismo, 219, 240, 288, 322, 374, 376, 396
- Monoteísmo, 217
- Moral, 17, 23, 68, 76, 118, 145, 183, 208-209, 212-214, 216, 226, 229, 233,

- 257, 271-273, 276, 280, 282, 298-299, 303-305, 316, 334, 337, 339, 341, 384, 386, 404, 406-407; moral autônoma, 216, 233; moral cristã, 303; moral heterônoma, 280; moral sistemática, 281
- Moralidade, 273, 276, 278, 282, 333; essência da moralidade, 277, 280-281; amoralidade, 278
- Morte, 20-22, 45, 58, 60, 82, 93, 104, 113-114, 119, 122, 126, 130, 135, 137-138, 142, 173, 202-206, 218, 224, 247, 266, 279, 286, 302, 318, 336, 341, 343-344, 347-349, 361, 369, 371, 373, 387
- Movimento, 29, 32, 72, 77-81, 83, 85, 87, 95, 98-101, 110, 122-123, 151, 153-155, 159, 161, 164-167, 169, 172-174, 176, 181, 183-184, 187, 192, 199, 238, 252-254, 256, 295, 309, 324, 335, 358; movimento, esboço d'alma, 101; movimento da Vida, 285; movimento histórico, 33; movimento interior/interno, 72, 177
- Múltiplo, 70; multiplicidade psíquica, 118; múltiplo-uno, 76
- Mundo, 31, 44-45, 47, 59, 66-67, 75-77, 103, 125-126, 135, 138, 141, 145, 148, 155, 160-161, 185-186, 189, 203, 222, 322, 339; mundo de vida substancial, 137; mundo espiritual, 171; mundo exterior, 259; mundo fenomenal, 121; mundo finito ou infinito, 170; mundo físico, 80, 83, 85, 100, 123, 145, 147, 151, 170-171, 174, 178, 180, 210, 215, 254; mundo, graça divina, 185; mundo humano, 147; mundo imperfeito e mau, 110-111; mundo lívido de morte, 137; mundo mecânico, 145; mundo metafísico, 156; mundo moderno, 27; mundo moral, 112, 158, 174; mundo noumenal, 121; mundo sensível, 173; mundo sensual, 145; mundo teleológico, 76, 111
- Nada, 17, 21, 93, 104, 106-107, 113, 119, 128-129, 131, 134, 148, 152, 188, 221-223, 319, 373, 388; eterno nada, 210; nada eterno, 104; substancialização do Nada, 224
- Não-ser, 110, 120
- Naturalismo, 32, 109-110, 112, 119-120, 122, 126, 177, 192, 195, 311
- Natureza, 31, 57, 66, 74, 82, 84, 105, 112, 114, 121, 126, 141, 163, 165, 169, 187, 203-204, 212, 219, 238, 265, 299-300, 303, 310, 314, 316; Espectáculo da Natureza, 21; Natureza, epinoumeno da consciência, 299
- Necessidade/necessário, 26, 144, 146, 157, 159, 321, 384
- Negação, 120, 126, 206, 212
- Niilismo, 73, 87, 109, 126, 147-148, 195, 339
- Nirvana, 116, 119-120, 122-123, 180, 213, 217, 299, 405
- Nominalismo, 121-122, 234, 328
- Nós, 132, 275, 333
- Noumeno, 158, 281, 288, 298-299
- Número, 144, 152-153, 166-167, 169-170, 227, 251, 263, 290-291, 293
- Objectividade, 76, 174-175, 250-251, 258-259, 286-287, 317-318, 354, 377, 384; objectividade científica, 281; objectividade pura, 76; objectividade-relação, 287; objectividade social, 281-282
- Objectivismo, 287, 289, 380, 382, 389
- Objectivo, 377, 380
- Objecto, 252, 287-288, 293, 295-296, 337, 377, 384; objecto científico, 315; objecto estético, 315-316, 334; objecto puro, 288
- Optimismo, 136-138, 147, 285
- Oração, 48, 86, 130, 198, 200, 218, 223
- Ordem/ordem do mundo, 98, 110-113, 152, 159, 165, 167, 178, 253
- Organismo/ser vivo, 25, 60, 83, 113, 152, 170, 249, 329; órgão, 25, 74, 120-122, 169-170, 173, 176
- Organizar/organização, 29, 122, 145, 173, 176, 180, 182, 216, 252, 290,

- 296, 316, 324-325, 331, 340, 359, 376, 385; organização da experiência, 320, 379; organização materialista, 36; organização social, 28, 69, 213; organização superior, 154, 295
- Origem/originário, 46-48, 52, 58, 63, 110, 122, 125, 140, 160, 239, 264, 266, 272, 275-276, 287, 347
- Outro, 19, 58, 70, 75-77, 144-145, 147, 153, 155, 174, 266, 282
- Palavra, 82-83, 85, 87-91, 147, 149, 178, 188, 223, 262, 264, 266, 310, 404; palavra cósmica, 90; palavra elemento, 90; palavra humana, 82-83, 85, 90; palavra substância, 90
- Panpsiquismo, 219
- Panteísmo, 146, 212, 217, 219, 268, 339, 373, 385, 392
- Paraíso perdido, 226, 347
- Parcela, 48, 57-58, 70, 110, 119, 122-123, 134, 136, 145, 147, 149, 155, 179, 185
- Particular/singular, 112, 122-123, 146, 151, 157, 195
- Passado, 93, 101, 104, 194, 343, 385
- Pátria, 35-36, 38, 63, 218, 227, 237, 275, 302, 406
- Pecado, 47-48, 67; pecado original, 47, 217-218, 281, 348
- Pensamento, 33-34, 47, 53, 61, 74, 76, 79, 84, 101, 122, 132, 139, 145, 157, 163, 165-166, 168, 172-173, 180-182, 187-189, 200, 206, 210, 217, 223, 236, 247, 249-251, 253, 255-256, 259, 261, 263-264, 290, 293, 296, 353-354, 360, 382; pensado, 260, 297; pensamento científico, 260; pensamento conceptual, 287; pensamento criacionista, 259; pensamento experimental, 214; pensamento lógico ou racionalizante, 251; pensamento-realidade, 206; pensamento simbólico, 250
- Percepção, 23, 251, 258, 273, 288, 277, 291; percepções conceptualizadas, 296
- Pessimismo, 136-138, 218
- Pessoa, 281, 317, 337; pessoa moral, 212, 281
- Pitagorismo, 116
- Platonismo, 112, 121-122, 210, 218, 257-258
- Plenitude/pleno, 179-180, 186, 200, 209, 327
- Pluralidade, 19, 47, 78, 84, 98, 144, 157, 174, 268
- Pluralismo, 209, 219, 269, 303, 321-322, 330
- Poesia/poeta, 22, 32, 37-39, 51-52, 63, 81-82, 85, 104, 164-165, 171, 188, 198, 217-218, 229, 236-241, 268, 276, 338-339; poesia portuguesa/lusitana, 240
- Positividade/positivo, 131; limites do positivo, 292; positividade da alma, 92; positividade do movimento, 99
- Positivismo, 134, 136, 218, 226, 294
- Possível/possibilidade, 76, 293, 322; possibilidade mental, 292; possível de facto, 293; possível mental, 293
- Postulado, 176, 271-272, 290, 292, 359
- Potência, 153
- Pragmatismo, 31, 234, 252
- Presença, 73, 76, 78-79, 85-87, 91, 98, 101, 105-106, 132, 145, 153-154, 161-162, 165, 169-170, 182, 199, 201, 222, 302, 358, 361; absoluta e infinita presença, 201; a presença é o Amor, 201; a universal presença, 200
- Presente, 273, 385
- Princípio, 78, 82, 111, 156, 158, 209, 295; princípio da causalidade, 254; princípio da razão suficiente, 295-296; princípio da continuidade, 294, 388; princípio de conduta, 158; princípio de equilíbrio social, 151, 158; *principium individuationis*, 120; princípio da máxima racionalização, 252
- Problema dos universais, 121; concreto universalismo, 122

- Problemas filosóficos, 233; problema do conhecimento, 233; problema metafísico, 234; problema moral, 234
- Progresso, 113, 118, 127, 176-177, 179, 221, 226; progresso espiritual, 179; progresso exterior/temporal, 150, 178-179; progresso indefinido, 128, 179; progresso moral, 282-283; progresso real e intrínseco, 178
- Psicologia, 17, 81, 145, 171-172, 192, 213, 219, 226-227, 232, 320, 333, 379, 382, 389; ideodinamismo, 227; intimidade psíquica da realidade, 53; liberdade psicológica, 233; o determinismo em psicologia, 232; psicologia moderna, 383; psicologia objectiva, 380
- Qualidade, 76, 144, 147, 151-152, 155, 178, 210, 252, 371
- Quantidade, 18, 32, 34-35, 78, 99, 112, 147, 152, 166-167, 169-170, 174-178, 180, 187, 252, 294; o Infinito da Quantidade é o Infinito do Amor, 181; quantidade dinâmica, 181; quantidade plena de Ser, 168; quantidade ilimitada, 168; quantidade pura, 168
- Queda/separação/afastamento, 140, 146, 149, 191, 274; misteriosa queda, 112-113; misteriosa queda do Universo para a morte, 110; queda divina, 114; separação absoluta, 110
- Querer, 72-73, 276, 377; querer universal, 133; querer viver, 343
- Quietismo, 280; negação de viver, 213
- Quimera, 130, 200; a ideal Quimera, 130; uma quimérica Dulcinea, 130
- Química, 231, 321; a energética química, 231; determinismo químico, 231; química, esboço de ontologia, 379
- Quixotismo, 129-133, 135, 137, 140, 150, 241, 280, 303
- Racionalismo, 172-173, 252, 254
- Razão, 150-152, 168-169, 174, 180, 182, 187, 194, 215, 229, 279; acção totalizadora da Razão, 168; criadora Razão causal, 152; Razão cósmica, 152; Razão dinâmica e espiritualista, 34
- Realidade, 17-18, 22-23, 26, 31-32, 34, 37-38, 44, 47, 49, 53-54, 56-57, 64, 68, 72-73, 75, 77, 83, 84-85, 87, 89, 91-93, 99-101, 107-108, 111-114, 120-125, 128, 131-132, 144-145, 147-149, 151-153, 155, 160, 163, 165-170, 172, 174-176, 178, 187-189, 194-195, 198, 204, 207, 209-210, 217-218, 226-227, 229, 236, 238, 251, 257-260, 266, 271, 273, 280, 286-288, 291-294, 299, 304, 315, 322-323, 327, 333, 349, 377, 392, 394; corpo da realidade, 199; realidade dos conceitos, 154; realidade infinitiva, 250; realidade objectiva, 337, 382; realidade permanente criação, 259; realidade primeira, 120; realidade sensível, 169; realidade síntese, 289; realidade social, 74, realidade social do Universo, 154
- Realismo, 87, 108, 111-112, 119-120, 122, 154-155, 167, 172, 233-234, 268, 270, 280, 293; realismo cristão e espiritual, 130; realismo das ideias, 121; realismo eclético, 258; realismo idealista, 172; realismo platónico, 121; vício realista, 295
- (Re)construção da realidade, 164, 249-250, 288, 374, 376
- Recordação, 93, 101, 115-117, 164, 346, 383, 385
- Redenção/resgate universal, 111-112, 127, 139
- Regressar/regresso, 107, 109, 119, 124, 161, 218, 251; criação em regresso, 223; movimento regressivo, 221; regresso saudoso, 53
- Relação, 18, 25, 43-44, 47, 79, 141, 152, 154, 156, 172, 180-181, 198, 204, 252, 255, 260, 263-264, 271, 275,

- 281, 293, 295, 297-298, 304, 316, 320-325, 373, 376, 378, 384, 392; relações conceptuais, 296; relação de vontades, 281; relação lógica, 25, 296; relação religiosa, 373; relações sociais, 376; relação sujeito-objecto, 287-288; relação universal, 177
- Relativo, 122, 275
- Religião, 18, 226, 280; Religião de Dor, 139; religião da Quantidade, 294
- Representação, 52, 58, 79-81, 147, 155, 157, 164, 172, 174, 217-218, 250, 255, 263, 286-287, 290; representação estética, 28, 53; representação musical, 164
- Ressonância, 32, 100, 151, 262, 338, 393
- Revelação, 54, 79, 82, 85, 121, 169, 198, 303; revelação religiosa, 265
- Revolução Francesa, 33, 60, 163, 294, 322
- Salto, 321, 345
- Salvação, 141, 186
- Saudade/saudoso, 53, 87, 219, 222-223, 236-238, 247, 269, 278, 347-348; saudade de Deus, 224; saudade platónica, 236
- Seleção natural, 191, 226, 322, 330
- Semelhança, 156, 171, 207, 324
- Sensação, 31, 53-54, 56-58, 70, 83, 145-146, 154, 156, 161-163, 166-167, 170, 180-182, 249, 251, 253, 256, 258-259, 287-288, 305, 313, 324; sensação da força, 183; sensação de Deus, 175, 182-184; sensações estéticas, 315; sensações objectivas, 317
- Sensacionismo, 371
- Sensibilidade, 57, 82, 161, 217-218, 229, 232, 239, 305-306, 316-319, 325, 337, 354, 389; sensibilidade estética, 305, 314, 318, 337, 341; sensibilidade musical, 164
- Sensualismo, 123, 136, 157, 163, 185, 376
- Sentidos, 162-163, 172, 208, 239, 306-307, 313-314
- Sentir/sentimento, 27, 29, 56, 64, 84-85, 105-106, 166, 168, 181-182, 232; sentimento de liberdade, 182; sentimento moral, 21; sentimento social, 192
- Ser, 19, 22-23, 31-32, 34, 47, 54, 64, 71, 76, 78, 82, 85, 91, 98, 109-111, 120, 122, 131-134, 140, 144-145, 149, 155-156, 160, 163, 166-167, 169-175, 177-181, 187-188, 192-194, 199-200, 217, 219, 221-222, 261, 273, 304, 349; corpo de ser, 131; o Ser é o Universo, 111; Ser cósmico, 173; Ser de liberdade, 151; Ser de pensamento, 170; Ser de Criador, 78; ser íntimo, 249; Ser, que é a plena Unidade, 181; Ser, que é o Infinito da quantidade, 181
- Seres, 154-157, 180-181, 271, 338, 377
- Silêncio, 45, 83, 86, 103, 124, 131, 199-201, 265, 343, 356
- Símbolo/simbolismo, 66-67, 80, 84, 249-250, 255-257, 260-261, 270, 282, 286-287, 305, 337, 376-377, 382, 384; simbolismo analítico-sintético do pensamento, 257; simbolismo estético, 270; simbolismo conceptual, 289
- Simples, 79, 99, 157, 354
- Síntese, 63, 66, 70, 77-79, 85, 113, 156, 204, 251, 260, 298, 320, 325, 376, 384; síntese experimental, 298; síntese progressiva, 298
- Sistema, 99, 107, 113, 158, 165, 170, 218, 275, 328-329, 340; sistema alma-motivos, 158; sistema de acções, 154; sistema de pensamento, 292; sistema dinâmico de relações, 360
- Sociabilidade, 53, 87, 178, 263-265, 277, 303, 315, 322, 325, 329, 336, 339, 371, 373, 377, 403; sociabilidade cósmica, 265; universal sociabilidade, 275
- Socialismo, 18-19, 23, 195-196, 304, 336, 407; socialismo cósmico, 26

- Socialização, 161, 267, 336
- Sociedade, 32, 74, 122, 145, 147, 152, 154, 169, 174-177, 180, 213, 215, 227, 249, 323, 329, 333, 359, 378; sociedade cósmica, 188; universal sociedade, que é o Ser, 122, 175
- Sociologia, 31, 197, 226-227, 233
- Solidão, 20, 63, 88-89, 98, 104, 106-107, 110, 115, 149, 160, 182, 199-201, 219, 221, 261
- Sonho, 18, 20, 24, 49, 64-66, 71, 73, 84, 96, 105, 109, 126, 128-130, 132-133, 135, 147, 197, 200, 236-237, 240-241, 271-272, 276, 278, 280, 297, 305, 319, 336, 346, 374, 385, 406
- Subconsciente, 85, 389
- Subjectivismo, 120, 172
- Subjectivo, 337
- Sublime, 140, 167-168, 233, 263, 318-319
- Substância, 22, 26, 43, 88, 114, 126, 131, 154, 212, 229; substancializar, 257; Substância Universal, 18
- Suicídio, 345
- Telepatia, 162-163, 204, 238, 301, 350, 354-355
- Tempo, 23, 78, 81-82, 86, 93, 98, 101, 104, 108, 120-125, 127, 144, 146, 148-149, 153-155, 159, 171-172, 191, 194, 253-255, 258, 290, 295, 324, 385; tempo absoluto, 257; tempo cousista, 258; tempo uniforme, 290-291
- Tendência, 332, 404
- Teologia, 133, 220
- Teoria da predestinação, 186
- Teoria das ideias, 121
- Teosofia, 358-359, 387
- Todo, 21, 26, 48, 58, 62, 70, 72, 88, 100, 107, 115, 119, 122, 131, 136, 141, 145, 149, 157, 178-179, 185-186; grande Todo, 21; ideia de Todo, 168; ligação com o todo, 27; Todo homogêneo, 122
- Tolerância/intolerância, 29, 192
- Trabalho, 30, 57, 93, 176, 180, 196-198, 233, 335, 348; trabalho científico, 165; trabalho humano, 134, 334
- Tradição, 93, 194-195, 215
- Tradicionalismo, 35
- Tragédia, 105, 130, 135, 138, 140, 408
- Transcendente/transcendência/transcender, 125, 138, 160, 169-171, 177, 187, 258, 276, 288-291, 293-298, 322; transcendência formal, 294; transcendência imaginária, 294; transcendência real, 294; transcendental, 290, 356, 358; transcendente filosófico, 294, 296; transcendente matemático, 291
- Transmigração das almas, 116-118
- União, 66-67, 88, 266, 283; união total, 174; cósmica vontade de união, 192
- Unidade, 19, 21, 31, 44, 46-48, 54, 63, 65-67, 69, 76, 78, 81, 85, 98, 100, 103, 108, 120, 123, 133, 144-146, 152, 154-155, 157-161, 165, 167, 170-171, 174, 179-181, 194, 223, 226, 262-264, 267-272, 320, 323, 330; grande Unidade, 153, 177, 180, 240, 261, 318; Unidade abstracta do Ser, 120; Unidade do Ser, 218; Unidade excedente, 170, 177; unidade interior do movimento, 155; Unidade primitiva e essencial, 122, 265; Unidade que é, 112
- Unificação, 331-332
- Universal, 122, 146, 182, 295, 315, 328-329, 337
- Universalismo, 145, 158-159, 178, 216-217, 221, 257, 267, 270, 291, 295, 304, 333, 374, 406-407; progressivo universalismo, 174; universalismo social, 345
- Universo/cosmos, 21, 23-24, 26, 34, 38, 53, 56, 58-59, 61, 67, 71, 73, 75, 79, 88, 91, 93-94, 98-99, 103-104, 107-110, 112-113, 119-124, 131, 134-136, 144-149, 153-155, 161-163, 175, 177-179, 181, 183, 186-187, 189, 193, 199, 203-204,

- 207, 210, 214, 228, 327, 333, 338; cósmico aperfeiçoamento, 198; universo comunicativo e dramático, 197; Universo, conversa, 388; Universo harmónico e conservativo, 390; Universo, tendência para a Unidade, 332
- Uno, 44, 70, 276; Um, 77, 145, 147, 153, 266; Uno do Caos, 47; Uno da Graça, 47
- Utilitarismo, 150, 177, 189
- Valor, 17, 27-28, 65, 93, 101, 135, 145, 150, 154, 167, 174-175, 191, 194, 198, 279, 281; absoluto, 203; valor cósmico, 30, 161; valor pessoal, 22, 147; valor total, 151
- Vazio, 123, 131, 171, 181, 188, 317, 327, 373
- Verbo-substantivo/verbo-ser, 257
- Verdade, 31, 44, 130, 142, 172, 216, 264; movimento da verdade, 266
- Vida, 17, 20-21, 26, 31, 34-37, 52, 60, 72, 82, 88, 90, 92, 94-95, 104, 110, 114, 118, 126, 135-137, 144, 151, 167-168, 170-171, 173-174, 179-180, 187-189, 195, 219, 236, 249, 255, 261, 263, 266, 271-272, 285, 299, 309, 311, 313-314, 322, 330-331, 340, 343, 379, 385, 403; vida religiosa, 17; vida social, 17, 19, 60, 177, 180, 250, 256, 329; árvore da vida, 148; vida cósmica, 27, 70, 180-181; vida homogénea e única, 151; vida substancial e eterna, 187; vida eterna, 140-141; vida ideal, 216; vida universal, 133, 188, 238; vida é relação, 373, 383
- Violência, 30, 34, 61, 74
- Virtualidade, 312, 341, 333
- Vitalismo, 53, 155; impulso vital, 191
- Voluntarismo, 72
- Vontade, 31, 74, 86, 113, 120, 122, 135, 159, 173-174, 213, 272, 275-276, 279-282, 303-304, 339, 341; vontade cega, 31; vontade de viver, 345; vontade originária, 67

OBRA FILOSÓFICA

Francisco Sanches

Prefácio de Pedro Calafate

*Tradução de Giacinto Manuppella, Basílio de Vasconcelos
e Miguel Pinto de Meneses*

TRATADO DOS SIGNOS

João de S. Tomás

Tradução, introdução e notas de Anabela Gradim Alves

TRATADO DA IMORTALIDADE DA ALMA

Samuel da Silva

Fixação do texto, prefácio e notas de Pinharanda Gomes

LÓGICA RACIONAL

Manuel de Azevedo Fortes

Apresentação de Pedro Calafate

REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE DOS HOMENS
E CARTA SOBRE A FORTUNA

Matias Aires

Prefácio de António Pedro Mesquita

*Fixação do texto e notas de Violeta Crespo Figueiredo
e Jacinto do Prado Coelho*

PRELECÇÕES FILOSÓFICAS

Silvestre Pinheiro Ferreira

Introdução de José Esteves Pereira

ENSAIO SOBRE A PSICOLOGIA, NOÇÕES ELEMENTARES
DE FILOSOFIA E OUTROS ESCRITOS FILOSÓFICOS

Silvestre Pinheiro Ferreira

Prefácio de Maria Luísa Couto Soares

Tradução de Rodrigo S. Cunha

TEODICEIA OU TRATADO ELEMENTAR DA RELIGIÃO NATURAL
E DA RELIGIÃO REVELADA

Silvestre Pinheiro Ferreira

Prefácio de António Braz Teixeira

Tradução de Rodrigo S. Cunha

THÉODICÉE OU TRAITÉ ÉLÉMENTAIRE DE LA RELIGION NATURELLE
ET DE LA RELIGION RÉVÉLÉE

Silvestre Pinheiro Ferreira

Leitura e fixação do texto de Rodrigo S. Cunha

DEFESA DO RACIONALISMO OU ANÁLISE DA FÉ

Pedro Amorim Viana

Prefácio de António Braz Teixeira

ESCRITOS FILOSÓFICOS

Pedro Amorim Viana

Compilação, fixação do texto e nota prévia de António Carlos Leal da Silva

FILOSOFIA DA HISTÓRIA DO CRISTIANISMO

Joaquim Maria Rodrigues de Brito

Apresentação de António Braz Teixeira

PRINCÍPIOS GERAIS DE FILOSOFIA E OUTRAS OBRAS FILOSÓFICAS

J. M. da Cunha Seixas

Introdução de Eduardo Abranches de Soveral

PROSAS SÓCIO-POLÍTICAS

Antero de Quental

Apresentação de Joel Serrão

POESIA DO DIREITO. ORIGENS POÉTICAS DO CRISTIANISMO.

AS LENDAS CRISTÃS

Teófilo Braga

Prefácio de Maria da Conceição Azevedo

TEMAS E QUESTÕES

J. P. Oliveira Martins

*Prefácio, organização e notas de Guilherme d'Oliveira Martins,
com a colaboração de Maria Manuela d'Oliveira Martins*

PLANO DE UM LIVRO A FAZER

OS CAVALEIROS DO AMOR OU A RELIGIÃO DA RAZÃO

Sampaio Bruno

Organização, posfácio e notas de Joaquim Domingues

TEORIA NOVA DA ANTIGUIDADE

Sampaio Bruno

Apresentação de Pedro Sinde

Organização de Joaquim Domingues

NOTAS SOBRE ANTERO, CARTAS DE PROBLEMÁTICA

E OUTROS TEXTOS FILOSÓFICOS

António Sérgio

Introdução de António Pedro Mesquita

OBRAS COMPLETAS

Leonardo Coimbra

Introdução geral de Ângelo Alves

Vol. I — 1903-1912

Prefácio de Manuel Cândido Pimentel

Vol. II — 1913-1915

Prefácio de António Braz Teixeira

Vol. III — 1916-1918

Prefácio de Manuel Ferreira Patrício

A FILOSOFIA DE HENRI BERGSON

Leonardo Coimbra

Introdução de Manuel Ferreira Patrício

Fixação do texto da segunda parte e apresentação de Ângelo Alves

Prossegue, com este terceiro volume, correspondente ao período de 1916-1918, a publicação, pela ordem cronológica dos textos, da edição crítica das *Obras Completas* de Leonardo Coimbra, da responsabilidade científica do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, detentor do espólio do filósofo.

Dos dois livros aqui incluídos, o primeiro, *A Alegria, a Dor e a Graça* (1916) — que conheceu duas edições em vida do autor, foi traduzido em Espanha em 1921 e acaba de ter a sua versão francesa editada na Bélgica —, é uma obra singular no conjunto dos escritos do filósofo criacionista, pela harmoniosa síntese nele realizada entre especulação filosófica e expressão literária, em que a imagem simbólica enriquece o conceito, no processo de uma razão cósmica e dialéctica, apoiada numa intuição inesgotável e numa experiência múltipla e diversa. É, precisamente, a teorização da experiência, simultaneamente estética, ética e religiosa, o núcleo de que parte a séria reflexão leonardina em *A Luta pela Imortalidade* (1918), retomando uma temática que abordara já no breve volume *A Morte* (1913), que marca significativa presença no capítulo sobre a Dor do livro de 1916 e a que regressará, no diálogo *Do Amor e da Morte*, alguns anos mais tarde. Também a guerra, durante a qual foram escritos todos os textos incluídos no presente volume, ocupa aqui demoradamente a atenção reflexiva do filósofo portuense, que, tal como a vida e a morte, é abordada «com paixão e fundo sentido metafísico e transcendente», como escreve, no prefácio, Manuel Ferreira Patrício.

9 789722 714365
ISBN 972-27-1436-8



COM O PATROCÍNIO
DA CÂMARA MUNICIPAL
DE FELGUEIRAS



UNIVERSIDADE CATÓLICA
PORTUGUESA



INCM

IMPRESA NACIONAL
CASA DA MOEDA